



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA-PPGLIN

**ESTUDO GEOLINGUÍSTICO EM CONTEXTO PLURILÍNGUE DA TRÍPLICE  
FRONTEIRA DO BRASIL, COLÔMBIA E PERU: ASPECTOS LEXICAIS**

Florianópolis-SC

2024

DAYANE LIMA VIANA

**ESTUDO GEOLINGUÍSTICO EM CONTEXTO PLURILÍNGUE DA TRÍPLICE  
FRONTEIRA DO BRASIL, COLÔMBIA E PERU: ASPECTOS LEXICAIS**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLIN para obtenção de título de Doutora na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Florianópolis-SC

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.  
Dados inseridos pelo próprio autor.

Viana, Dayane Lima

Estudo Geolinguístico em contexto plurilíngue da Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru: : aspectos lexicais / Dayane Lima Viana ; orientador, Felício Wessling Margotti, 2024.  
400 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Plurilinguismo. Tríplice Fronteira. Variação.. I. Margotti, Felício Wessling . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

DAYANE LIMA VIANA

**Estudo geolinguístico em contexto plurilíngue da Tríplice Fronteira do Brasil,  
Colômbia e Peru: aspectos lexicais**

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado, em 07/02/2024  
pelos membros:

Prof. Dr. Valter Pereira Romano

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

Universidade Federal da Fronteira Sul

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Greize Alves da Silva

Universidade Federal do Tocantins

Certificamos que esta é a versão original e final do Trabalho

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti

Orientador

Florianópolis-SC

2024

Pelo carinho, afeto, dedicação e cuidado que meus pais me deram durante toda a minha existência, dedico a eles esta tese.

## AGRADECIMENTOS

Honra e Glória ao nome do Senhor, pois ele nunca soltou a minha mão e sempre me fez acreditar que o céu inteiro é comigo. Agradeço à Universidade Federal Santa Catarina (UFSC) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) pela experiência proporcionada.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas- FAPEAM, pela concessão de bolsa de estudo que possibilitou a concretização desta pesquisa.

Ao meu orientador professor Dr. Felício Wessling Margotti pela contribuição e apoio que me foi dado.

Aos meus pais, Aldeney e Mirian, razão de toda minha vida e de minha luta. Gratidão é a maior palavra que tenho por vocês, ela é maior que qualquer texto, pois vocês são a razão de eu existir e de continuar lutando. Vocês se sacrificaram e abriram mão de realizações pessoais para que eu pudesse estudar. Se hoje eu sinto orgulho de mim e do lugar aonde eu cheguei, é porque mesmo distantes vocês vieram por todo o caminho segurando as minhas mãos em oração.

Aos meus irmãos, Missilene, Aldenilson, Misael e Dayna, minhas melhores lembranças estão guardadas com vocês. Sou grata por saber que não importa onde esteja doendo em mim, eu sempre posso contar com vocês. Nós cinco somos um exército inteiro. Quem diria que aqueles meninos de família tão simples chegariam tão longe como temos chegado.

Agradeço principalmente a minha irmã Missilene, pois quando minha mãe ficou acamada por muito tempo, ela com apenas 7 anos de idade levantava pela manhã, fazia chá de folha de abacate (pois não havia café), fritava banana, (não havia pão), me dava banho, me arrumava, segurava as minhas mãos e me levava andando até a escola. Eu nunca vou esquecer o dia que você não tinha sandália para me levar, mas emprestou uma de nossa prima. No meio do caminho a sandália se rompeu, você as levou nas mãos e me deixou na porta do colégio. Era Deus usando as suas mãos para cuidar de mim naquele momento de tantas tempestades, você me ajudou nos primeiros passos da minha educação, hoje eu me torno Doutora e você médica. Deus

usou de toda sua bondade para conosco, realmente temos visto que as orações que nossos pais faziam pelas madrugadas estão frutificando em nossas vidas.

Ao meu esposo, Cleudson, o qual me apresentou com o primeiro livro de Linguística ainda na graduação. Por ter me apoiado incansavelmente com muita dedicação nos mínimos detalhes. Por ter provido tudo, a ponto de dizer: “só estuda, te realiza que eu seguro as pontas”, isso me deixou totalmente confortável para ir atrás dos meus sonhos. Você é um tipo raro nesse mundo tão apático. A sua dedicação e esforço foram fundamentais, obrigada por ser o maior fã dos meus sonhos, por seu meu melhor amigo e o meu amor, ter você na minha vida só me lembra do quanto eu sou abençoada. Sem você a vida não teria graça, cor e riso.

Às minhas amigas, Léia, Tuany e Cassana, pela compreensão de minha ausência, obrigada por serem minhas intercessoras e confidentes.

A todos vocês, minha gratidão.

Dayane Viana

“Nós não atravessamos fronteiras, as fronteiras  
atravessaram em nós”. (Autor desconhecido)

## RESUMO

Com enfoque no aspecto lexical, a presente pesquisa tem como principal objetivo descrever, por meio da análise contrastiva, o panorama lexical das línguas que compõem a tríplice fronteira entre o Brasil, a Colômbia e o Peru. Nosso estudo tem o objetivo de demonstrar como os falantes dessa região idiossincrática e plurilíngue têm modificado seus sistemas linguísticos mediante o contato com as diferentes línguas e culturas. Para tanto, utilizamos um questionário semântico-lexical como instrumento de coleta de dados, que foi composto por 152 perguntas sobre diversos campos semânticos, com base nos Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), e com a inserção de itens lexicais relacionados à cultura e às práticas sociais existentes na região da fronteira investigada. Tabatinga (Brasil), Letícia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru) foram os pontos escolhidos para a coleta de dados. O perfil dos informantes obedeceu aos seguintes critérios: diasssexual (masculino e feminino); diageracional (faixa etária de 18 a 30 e de 50 a 65); diastrática (analfabeto ou semianalfabeto – Esc 1 e ensino médio completo ou incompleto – Esc 2); diazonal (zona central e zona periférica); e dialíngua (falantes bilíngues e monolíngues). A pesquisa está pautada no aporte teórico-metodológico da Geolinguística que orientou todas as decisões e caminhos do presente estudo, principalmente com a utilização do pressuposto de Cardoso (2010), Ferreira e Cardoso (1994) e Altenhofen (2013), pois esses autores concebem que toda pesquisa dialetológica deve ter por base a análise dos princípios diatópicos, porém fundamentalmente comprometida no mesmo rigor com as considerações sociais do falante (idade, sexo, grau de escolaridade) que tem a capacidade de determinar em suas escolhas linguísticas. Desse modo, pretendemos identificar, por meio da análise dos itens lexicais, as possíveis influências e sobreposições linguísticas e, simultaneamente, observar as especificidades que caracterizam os sistemas linguísticos brasileiro, colombiano e peruano. Após a coleta, procedemos à organização e à transcrição de dados e, em seguida, iniciamos o processamento estatístico e a cartografia dos resultados por meio do Software SGVclin (SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, 2014). O estudo revelou que informantes de Letícia e Santa Rosa possuem um comportamento conservador quanto ao uso de

itens lexicais estrangeiros. De perspectiva contrária, informantes da cidade de Tabatinga demonstraram-se inovadores com alta utilização de novas formas linguísticas. A pesquisa mostrou que as mulheres utilizam com maior frequência de itens lexicais inovadores, assim como também evidenciou que a geração mais velha e bilíngues apresentam um comportamento linguístico variável em favor da mudança linguística. Desse modo, os resultados da pesquisa nos permitiram descrever o panorama lexical das línguas que compõem a tríplice fronteira amazônica.

Palavras-chaves: Plurilinguismo. Tríplice Fronteira Amazônica. Léxico. Variação.

## ABSTRACT

Focusing on the lexical aspect, the main objective of this research is to build a plurilingual Microatlas of the triple border Brazil, Colombia and Peru. Our study turns to analyzing how the speakers of this idiosyncratic and plurilingual region have modified their linguistic systems through contact with different languages and cultures. For that, we used the lexical semantic questionnaire as a data collection instrument, which was composed of 152 questions from different semantic fields, based on AliB and ALAM, and with the insertion of lexical items related to the culture and social practices existing in the region of the investigated border. Tabatinga (Brazil), Leticia (Colombia) and Santa Rosa (Peru) were the points chosen for data collection. The informants' profile obeyed the following criteria: diasexual (male and female); diagenational (age group 18 to 30 and age group 50 to 65); diastratic (illiterate or semi-literate – Esc 1) and (complete or incomplete secondary education – Esc 2), diazonal (central zone and peripheral zone); and dialingual: (bilingual and monolingual speakers). The research is based on the theoretical-methodological contribution of Pluridimensional Dialectology and Geolinguistics that guided all the decisions and paths of the present study, mainly with the use of the assumption of Cardoso (2010), Ferreira and Cardoso (1994) and Altenhofen (2013), because these authors conceive that all dialectological research must be based on the analysis of diatopic principles, but fundamentally committed to the same rigor with the social considerations that determine societies. In this way, we intend to comprehensively cover the linguistic and social facts, and, simultaneously, observe the specificities that characterize the Brazilian, Colombian and Peruvian linguistic systems. After collection, we proceeded to organize and transcribe the data, and soon after, we started the statistical and cartographic part through the SGVclin Software (SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, 2014). The study revealed that informants from Leticia and Santa Rosa have a conservative behavior concern the use of foreign lexical items. On the other view, informants from the Tabatinga city demonstrated themselves to be innovative with a high use of new linguistic forms. The research showed that women use innovative lexical items more frequently, as well as showing that the older generation and bilinguals show variable linguistic behavior in favor of linguistic

change. So that, in this way, it would be possible to describe the lexical panorama of the people of the triple Amazon border.

Keywords: Plurilingualism. Amazon Triple Frontier. Lexicon. Variation.

## Lista de Figuras

Figura 1- A tríplice fronteira.....	32
Figura 2- Panorama dos bairros brasileiros e colombianos I.....	33
Figura 3- Panorama dos bairros brasileiros e colombianos II.....	33
Figura 4- Conurbação Avenida da Amizade e Avenida internacional.....	34
Figura 5- As festividades da tríplice fronteira.....	46
Figura 6- Placas publicitárias.....	49

## Lista de quadros

Quadro 1- Concepção de palavras, lexias, termo e vocábulo.....	77
Quadro 2- Ponto de inquérito.....	89
Quadro 3- Perfil do informante.....	91
Quadro 4- Dimensões e parâmetros.....	93

## Lista de Mapas

Mapa 1- As fronteiras brasieliras.....	29
Mapa 2- Mapa da tríplice fronteira.....	35
Mapa 3- Mapa base .....	94

## Lista de Tabelas

Tabela 1.....	101
Tabela 2.....	104
Tabela 3.....	106
Tabela 4.....	109
Tabela 5.....	112
Tabela 6.....	114
Tabela 7.....	118
Tabela 8.....	122
Tabela 9.....	123
Tabela 10.....	126
Tabela 11.....	129
Tabela 12.....	132
Tabela 13.....	135
Tabela 14.....	138
Tabela 15.....	141
Tabela 16.....	144
Tabela 17.....	147
Tabela 18.....	150
Tabela 19.....	153
Tabela 20.....	156
Tabela 21.....	159
Tabela 22.....	162
Tabela 23.....	165

Tabela 24.....	168
Tabela 25.....	171
Tabela 26.....	175
Tabela 27.....	178
Tabela 28.....	182
Tabela 29.....	186
Tabela 30.....	189
Tabela 31.....	192
Tabela 32.....	196
Tabela 33.....	200
Tabela 34.....	204
Tabela 35.....	(...)
Tabela 36.....	210
Tabela 37.....	214
Tabela 38.....	217
Tabela 39.....	(...)
Tabela 40.....	226
Tabela 41.....	230
Tabela 42.....	233
Tabela 43.....	237
Tabela 44.....	240
Tabela 45.....	243
Tabela 46.....	246
Tabela 47.....	250

Tabela 48.....	254
Tabela 49.....	258
Tabela 50.....	261
Tabela 51.....	264
Tabela 52.....	268
Tabela 53.....	271
Tabela 54.....	275
Tabela 55.....	279
Tabela 56.....	282
Tabela 57.....	286
Tabela 58.....	289
Tabela 59.....	292
Tabela 60.....	296
Tabela 61.....	300
Tabela 62.....	304
Tabela 63.....	308

## Lista de Gráficos

Gráficos1.....	100
Gráficos 2.....	103
Gráficos 3.....	107
Gráficos 4.....	110
Gráficos 5.....	113
Gráficos 6.....	114
Gráficos 7.....	119
Gráficos 8.....	121
Gráficos 9.....	124
Gráficos 10.....	127
Gráficos 11.....	130
Gráficos 12.....	133
Gráficos 13.....	136
Gráficos 14.....	139
Gráficos 15.....	142
Gráficos 16.....	145
Gráficos 17.....	148
Gráficos 18.....	149
Gráficos 19.....	151
Gráficos 20.....	154
Gráficos 21.....	157
Gráficos 22.....	160
Gráficos 23.....	163

Gráficos 24.....	166
Gráficos 25.....	169
Gráficos 26.....	172
Gráficos 27.....	176
Gráficos 28.....	179
Gráficos 29.....	183
Gráficos 30.....	187
Gráficos 31.....	190
Gráficos 32.....	193
Gráficos 33.....	201
Gráficos 34.....	205
Gráficos 35.....	208
Gráficos 36.....	211
Gráficos 37.....	215
Gráficos 38.....	218
Gráficos 39.....	223
Gráficos 40.....	227
Gráficos 41.....	231
Gráficos 42.....	234
Gráficos 43.....	238
Gráficos 44.....	241
Gráficos 45.....	244
Gráficos 46.....	247
Gráficos 47.....	250

Gráficos 48.....	255
Gráficos 49.....	259
Gráficos 50.....	262
Gráficos 51.....	265
Gráficos 52.....	269
Gráficos 53.....	272
Gráficos 54.....	276
Gráficos 55.....	280
Gráficos 56.....	283
Gráficos 57.....	287
Gráficos 58.....	290
Gráficos 59.....	293
Gráficos 60.....	297
Gráficos 61.....	301
Gráficos 62.....	305
Gráfico 63.....	309

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	26
2	ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DA TRÍPLICE FRONTEIRA.....	31
2.1	Visão Geral: Tabatinga-Amazônia-Brasil.....	31
2.2	Visão geral: Letícia-Amazônia-Colômbia.....	34
2.3	Visão geral: Santa Rosa-Amazônia-Peru.....	35
2.4	O processo de colonização e povoamento da tríplice fronteira e os territórios em disputa: do tratado de Tordesilhas ao tratado de San Lozano....	37
2.4.1	Tabatinga-Brasil.....	37
2.4.2	Letícia-Colômbia.....	40
2.4.3	Santa Rosa-Peru.....	42
2.5	Aspectos socioeconômicos e culturais: A fluidez das relações no trapézio Amazônico.....	44
2.5.1	O comércio.....	44
2.5.3	Políticas linguísticas e educacionais.....	48
3	A TRÍPLICE FRONTEIRA E O CONFLITO ENTRE AS LÍNGUAS: O PLURILINGUISMO EM EVIDÊNCIA.....	50
3.1	O plurilinguismo e a construção de identidade linguística em comunidade transnacional.....	54
3.2	Contato interfronteiriço e os conflitos linguísticos existentes.....	60
3.3	Territorialidade e territorialização: A dinâmica de uso do Português e Espanhol na tríplice fronteira.....	65
4	A LEXICOLOGIA E O ESTUDO DA MUDANÇA ESTRUTURAL DE BASE.....	71
4.1	O percurso histórico da lexicologia.....	73
4.2	Fundamentos conceituais da lexicologia e as principais terminologias.....	75
4.3	As determinações culturais nas mudanças da estrutura lexical em comunidade fronteiriça.....	78
4.4	Tipos de empréstimos linguísticos .....	81
5	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	87
5.1	Pontos de Inquéritos.....	89
5.2	Perfil dos Informantes.....	92
5.3	Dimensões e Parâmetros.....	93

5.4 Mapa Base.....	95
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	98
6.1 Redemoinho.....	99
6.2 Neblina.....	100
6.3 Nevoeiro.....	103
6.4 Orvalho.....	106
6.5 Ontem.....	109
6.6 Anteontem.....	111
6.7 Urubu.....	114
6.8 Beija-flor.....	117
6.9 Papagaio.....	120
6.10 Macaco.....	123
6.11 Porco.....	125
6.12 Jacaré.....	128
6.13 Pirarucu.....	131
6.14 Candiru.....	134
6.15 Poraqué.....	137
6.16 Cupuaçu.....	140
6.17 Amora.....	143
6.18 Salsão.....	146
6.19 Beterraba.....	149
6.20 Desdentado.....	152
6.21 Fanhoso.....	155
6.22 Vesgo.....	158
6.23 Terçol.....	161
6.24 Manco.....	164
6.25 Cambota.....	167
6.26 Cecê.....	170
6.27 Menino.....	174
6.28 Bêbado.....	178
6.29 Picada.....	180
6.30 Cachaça.....	184
6.31 Chito.....	187
6.32 Gaseosa.....	191

6.33 Lechona.....	194
6.34 Pirão.....	198
6.35 Patação.....	201
6.36 Ovos mexidos.....	205
6.37 Salchipapas.....	208
6.38 Tacacho.....	212
6.39 Curite .....	215
6.40 Água sanitária.....	221
6.41 Sutiã.....	224
6.42 Cueca.....	227
6.43 Calcinha.....	230
6.44 Boate .....	234
6.45 Caneta .....	237
6.46 Absovente.....	240
6.47 Guardanapo.....	244
6.48 Floricultura.....	247
6.49 Menstruação .....	252
6.50 Liquidificador.....	255
6.51 Tapioca.....	258
6.52 Corno .....	261
6.53 Prostituta .....	265
6.54 Gay.....	268
6.55 Carambola.....	272
6.56 Peteca.....	275
6.57 Baladeira.....	278
6.58 Esconde- esconde.....	282
6.59 Pira.....	285
6.60 Amarelinha.....	289
6.61 Agouro.....	292
6.62 Reza .....	396
6.63 Susto.....	301

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	305
REFERÊNCIAS.....	320
Apêndice 1 Apresentação das cartas com realizações ou pouco representativas.....	328
Apêndice 2 Questionário Semântico Lexical em Português.....	331
Apêndice 3 Questionário Semântico Lexical em Espanhol.....	391
Apêndice 4 Questões inseridas no QSL .....	403

## 1 INTRODUÇÃO

Ao analisar a histórica linguística brasileira, fica evidente que, desde o início da colonização, o contato com outras línguas é uma marca expressiva no sistema linguístico do Brasil. Isso no conduz ao entendimento de que o português falado atualmente sofreu contínuas e progressivas transformações, resultantes de contatos linguísticos, entre outras causas, tal como observamos hoje.

À medida que se aprofunda o estudo acerca do fenômeno de contato, notamos que o sistema lexical brasileiro é inegavelmente dinâmico, permeável e receptível, pois na estrutura lexical do português brasileiro é possível constatar a contribuição das línguas indígenas, africanas e europeias.

Não bastassem os contatos decorrentes dos processos históricos acima citados, a proximidade das cidades brasileiras com outros países também atua como portal de intercâmbio e soma forças que contribuem para uma realidade marcada por múltiplas facetas étnicas e linguísticas.

Em virtude da extensão do território, o Brasil estabelece fronteiras com 10 países da América do Sul, totalizando 23.086 km de extensão interfronteiriça.

Em primeira análise, passamos a refletir que a fluidez entre as fronteiras atua como ponte de mudança não apenas das estruturas sociais, culturais e políticas, mas também se soma ao fato de que a proximidade geopolítica torna-se determinante para que os sistemas linguísticos desses espaços sofram novas reconfigurações em seus diversos níveis.

Nessa realidade multifacetada, as culturas e outros determinantes sociais passam a conviver lado a lado e, por seus limites estarem continuamente sobrepostos, todas as demais estruturas tornam-se movediças. É nesse contexto que as “situações políticas, sociais e culturais distintas caracterizam um novo espaço: o espaço multilíngue” (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p. 290).

Esse é o ponto de partida de nossa pesquisa, visto que a realidade linguística da tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru é incontestavelmente pluriétnica. À proporção que chegamos a esse entendimento, concebemos o plurilinguismo como um fato social e imediatamente passamos a questionar como a estreita relação dos

povos da fronteira amazônica resulta em transformação das línguas em contato devido a proximidade territorial entre os países, como se pode observar no mapa 2.

Como já revigorado dentro do campo linguístico, os contatos advindos desses espaços estão longe da neutralidade, de tal forma que as relações que se firmam nesses contextos são realizadas por sujeitos determinados, cujas intersecções sociais

Nessa perspectiva, o falante da tríplice fronteira que possui competência linguística em mais de uma língua deve ser analisado a partir da vertente pluridimensional, uma vez que grande parte dos falantes pertence a diferentes comunidades de práticas e que estão cotidianamente envolvidos em um “mundo cosmopolita e dinâmico” (SUAREZ, 2013 p. 3), o possibilita transitar nos diferentes sistemas linguísticos.

Compreender esse processo permite-nos constatar que a proximidade entre fronteiras, a mobilidade social, o fluxo de pessoas e mercadorias, as crenças, os fatores históricos e culturais são determinantes para que o plurilíngüismo se difunda nos mais variados estratos sociais das cidades da tríplice fronteira que, por certo, favorecem a intercambialidade lexical entre os sistemas linguísticos.

Nesse ínterim, as línguas passam a influenciar, e também são influenciadas, de tal modo que, na área geográfica investigada, novas formas vernaculares são permeadas no sistema lexical de brasileiros, colombianos e peruanos.

A noção dessa concretude faz com que o trapézio amazônico seja naturalmente propício a estudos que possam revelar como essa realidade *sui generis* e idiossincrática reflete a variação e a mudança no sistema linguístico de cada lado da fronteira.

Com o olhar abrangente em direção a esse conglomerado multicultural, pretendemos analisar como a categoria lexical tem sido um ponto sensível à variação linguística e como os falantes de português e espanhol reestruturam seu sistema lexical mediante o intenso contato linguístico, não só entre essas duas línguas, mas também com línguas indígenas.

Várias são as pesquisas que se dedicam ao estudo dos impactos nas línguas em contato no Brasil. O frutífero território de estudo se deve à interação existente nesses cenários, que possibilita aos falantes o conhecimento de novas formas

linguísticas, e, conseqüentemente, legitima a necessidade de novas descrições linguísticas.

Nessas zonas singulares, a transformação das línguas ocorre naturalmente por meio das redes de comunicação que são instauradas por fatores espaciais, históricos, familiares, comerciais e educacionais, e que levam o falante a desenvolver uma competência bidialetal ou multidialetal.

Com tal conjuntura vivenciada pelos falantes da fronteira, entende-se que os fatores extralinguísticos podem estar determinando a absorção de itens lexicais das línguas de contato, modificando mutuamente cada estrutura linguística.

Diante disso, advogamos que as práticas sociais e discursivas podem estar resultando no surgimento de empréstimos linguísticos e hibridismo – que, dada a sua ocorrência, tem implementado mudanças no repertório verbal do povo da fronteira.

A importância de nossa pesquisa consiste no fato de ser a primeira a abordar os impactos da variação linguística no sistema lexical de brasileiros, colombianos e peruanos com a finalidade de demonstrar os itens lexicais similares e constrativos do vernáculo das comunidades fronteiriças que são constituídas por marcas inquestionavelmente idiossincráticas.

Com isso, propomos as seguintes perguntas que norteiam esta pesquisa:

(i) Mediante o contato com as diferentes línguas, como se reestrutura o sistema lexical de cada lado das fronteiras entre Brasil, Peru e Colômbia?

(ii) No espaço pesquisado, existem itens lexicais mais sensíveis à variação?

(iii) No tocante às variáveis sociais, quais grupos etários são mais abertos a inovações linguísticas e quais são mais conservadores?

(iv) Compreendendo que os países que compõem a tríplice fronteira Brasil, Peru e Colômbia possuem distintos comportamentos sociais, culturais e linguísticos, qual dos três países possui a fronteira linguística mais receptiva às mudanças?

(v) Partindo do pressuposto da variabilidade linguística entre homens e mulheres, qual segmento tem se apropriado com maior grau de frequência de itens lexicais da língua em contato?

As perguntas partem do princípio de que as línguas de fronteiras estão assentadas em um terreno naturalmente movediço. Desse modo, o entrecruzamento de culturas e a fluidez das relações que se firmam nesses espaços permitem-nos considerar que elas se eximem de neutralidade e homogeneidade.

Isto posto, somos conduzidos primariamente a considerar as múltiplas dimensões que se desenvolvem nessas comunidades, pois o contato entre línguas é antes de tudo entre povos, que possuem línguas distintas e sociedades sancionadas histórica, geográfica e culturalmente.

Diante disso, baseamo-nos nas interseções sociais para considerar os norteios linguísticos investigados. Assim sendo, tomamos por base a pressuposição de que o constante contato linguístico que se observa na região tem imposto variação e mudança em diversos aspectos das línguas.

O presente estudo, por sua vez, possui ancoragem na análise do sistema lexical de brasileiros, colombianos e peruanos com o propósito de descrever como a variação tem implementado modificações na estrutura lexical do português em Tabatinga (Brasil) e do espanhol em Santa Rosa (Peru) e em Letícia (Colômbia).

Nossa atenção aqui se volta em compreender como as línguas se determinam mutuamente, por meio de sobreposições, interferências e empréstimos linguísticos que de modo gradual vão-se difundindo e permeando o sistema lexical do povo da fronteira.

Dado o exposto, nosso estudo parte das seguintes hipóteses:

i) As variáveis sociais devem apresentar diferentes frequências de uso de palavras estrangeiras. Em nossa amostra, acreditamos que a faixa etária mais jovem faz uso mais amplo de variantes lexicais oriundas das línguas de países vizinhos, tanto entre os falantes de português quanto entre os falantes de espanhol. Em contraposição, esperamos que a faixa etária mais velha se revele mais conservadora. Essa constatação tem sido recorrente em pesquisas linguísticas, a exemplo do estudo de Margotti (2004), que demonstrou a difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil, que os falantes mais jovens eram os agentes da inovação linguística, enquanto os mais velhos preservavam as variantes italianas.

ii) Postulamos ainda que o fator escolaridade tem uma grande contribuição na propagação da variação no espaço da tríplice fronteira. Isso ocorre porque falantes mais escolarizados são considerados “mais ativos socialmente”, pois esses possuem interações sociais mais produtivas nos diferentes espaços sociais como em escolas e ambientes de trabalho, o que ocasiona, por conseguinte, maior interação em redes de interação discursiva ampla e com maior contato com falantes dos países vizinhos.

iii) A princípio, hipotetizamos que, pela atitude linguística diferenciada entre os povos da fronteira, o lado brasileiro se mostrará mais receptivo aos itens léxicos hispânicos, contrastando com menor apropriação de itens léxicos brasileiros no repertório verbal de colombianos e peruanos.

iv) Presumimos que a variação lexical será mais observada na fala de falantes bilíngues em oposição à fala dos monolíngues. Essa constatação preliminar está baseada no estudo de Viana e Margotti (2020), no qual se pontuou que, na tríplice fronteira, o bilinguismo está ligado intimamente ao fator social, familiar, institucional, comercial e cultural.

Desse modo, consideramos que o *locus* em questão favorece a atuação dos falantes bilíngues como agentes da inovação linguística. Afinal, por terem duas línguas à disposição durante o ato discursivo, abrem-se as possibilidades de transposição de traços lexicais de uma língua para outra, fato que indiscutivelmente favorece o surgimento de novas formas linguísticas.

É em virtude disso que temos como principal objetivo descrever o panorama lexical das línguas que compõem a tríplice fronteira entre o Brasil, a Colômbia e o Peru. Demonstrando, também, como o contato entre as línguas tem imposto mudanças a cada sistema lexical, identificando por meio da análise dos itens lexicais possíveis influências e sobreposições linguísticas.

E, por fim, temos o objetivo de mapear as variáveis linguísticas, considerando as dimensões: diatópica, diazonal, diassexual, diageracional, diastrática e dialingual, a fim de verificar como os falantes da tríplice fronteira, assim estratificados, moldam seu repertório verbal a partir do convívio com as múltiplas línguas.

## 2 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DA TRÍPLICE FRONTEIRA

### 2.1 Visão Geral: Tabatinga-Amazonas-Brasil

De acordo com o censo demográfico do IBGE 2017, a população de Tabatinga está estimada em 63.635 habitantes. A cidade está localizada no extremo Oeste do Amazonas e fica distante 1.105 quilômetros da cidade de Manaus (em linha reta) e 1.607 quilômetros (em via fluvial).

**Mapa 2- As fronteiras brasileiras**



**Fonte: Grupo de pesquisa sobre tríplíce fronteira | GTF/ UNILA**

Tabatinga é conhecida por pertencer à tríplíce fronteira Brasil, Colômbia e Peru. É justamente por sua disposição geográfica que confere à região um alto fluxo migratório, em que as fronteiras históricas, sociais, culturais e linguísticas se entrecruzam, abrindo espaços para mudanças que alteram os mais variados espectros sociais.

Com um acentuado fluxo migratório, Tabatinga também é uma zona de transição para aqueles que desejam entrar no Brasil e utilizam a cidade como porta

de entrada para diversos destinos do Brasil, como ocorreu em 2009 após o terremoto que devastou o Haiti, quando um grande contingente de haitianos deu entrada no país.

Embora Tabatinga seja uma pequena cidade do interior do Amazonas, povos de diferentes nacionalidades também optaram por estabelecer-se no espaço brasileiro e formaram suas colônias, como é o caso das colônias turcas, peruanas, colombianas, as etnias Tikuna e Kokama, que vivem nos entornos de Tabatinga há muitas décadas.

**Figura 1**

### Tríplice Fronteira: Brasil-Colômbia-Peru (Tabatinga-Letícia-Santa Rosa)

\* Fonte: PRODERAM/CIAMA



Fonte: PRODERAM/CIAMA

Conforme foi possível observar, em virtude da localização geográfica de Tabatinga, determinados bairros têm seus limites margeados com o território colombiano, como é o exemplo do bairro Santa Rosa que faz limite com o bairro chamado Colômbia e o bairro São Francisco que possui divisa com o bairro La Unión.

Isto posto, já em primeira análise, facilita-nos perceber que a coexistência do português e espanhol nas ruas de Tabatinga é uma característica natural, pois a extrema proximidade permite que seus integrantes partilhem as conversas cotidianas, o gosto musical, o modo de vestir-se e até as crenças.

Em primeiro plano, o compartilhamento que observamos pode ser considerado como um fato isolado e pouco expressivo, entretanto, advogamos que o

intenso contato entre brasileiros e colombianos dessa região certamente contribuem para que traços linguísticos sejam intercambiados de uma língua para outra.

**Figura 2 - Panorama dos bairros brasileiros e colombianos**



Fonte: Viana, Dayane, 2018.

**Figura 3 - Panorama do bairro brasileiro e colombiano**



Fonte: Viana, Dayane, 2018.

## 2.2 Visão geral: Letícia-Amazonas-Colômbia

As cidades de Letícia, na Colômbia e Tabatinga, no Brasil, são conhecidas como “cidades gêmeas”. Essa titulação é em decorrência da extrema proximidade existente entre as duas cidades, separadas por uma única avenida. Do lado brasileiro é chamada de Avenida da Amizade, do lado colombiano de Avenida Internacional.

Em vista disso, é bem comum o visitante da região nem perceber o momento que entrecruza o território oposto da fronteira, só passando a perceber pelas placas publicitárias e o domínio de uma das línguas.

**Figura 4** - Conurbação: Avenida da Amizade (Brasil) e Avenida Internacional (Colômbia)



*Avenida da Amizade, que divide Tabatinga e Letícia, na fronteira entre Brasil e Colômbia.*

Fonte: Santos, Patrícia, 2000.

Letícia foi fundada em 25 de abril 1867. Inicialmente foi batizada de San Antonio, por Benigno Bustamante, mas em 15 de fevereiro de 1867 o peruano Manuel

Charón mudou o nome da cidade para *Letícia* em homenagem a sua amada que morava em Iquitos – Peru.

A cidade de Letícia tem mais de 150 anos desde sua fundação e é a capital do Departamento do Amazonas. De acordo com o censo 2018, possui o índice demográfico de aproximadamente 48 mil habitantes.

Sua população é composta por um grande contingente de pessoas vindas de outros lugares da Colômbia, na sua maioria migrantes de Bogotá, Medellín, Tolima e Calip. No entanto, não se pode perder de vista que a cidade leticiana está inserida em meio à selva amazônica, tendo, portanto, uma grande parte da população formada pelos descendentes dos nativos que primariamente habitaram essa região, como é o exemplo das comunidades indígenas Ticunas, Huitotos, Incas e Tucanos. A composição étnico-racial diversificada de Letícia fica evidente à medida que adentramos na cidade, pois o aspecto miscigenado é facilmente observado nos traços físicos de seus habitantes.

Similarmente a Tabatinga, Letícia também foi projetada à margem esquerda do rio Amazonas, assim denominado pelos colombianos ou rio Solimões, como é denominado pelos brasileiros. Em meados de 1970, o tráfico de drogas se tornou uma das principais fontes de renda na cidade, momento em que várias carteis do crime movimentavam toda a economia da região. Atribui-se o crescimento estrutural da cidade, em parte, a esse momento histórico.

Atualmente o potencial econômico da cidade está no setor do turismo. Hoje é possível perceber as proporções de desenvolvimento que o setor alcançou, pois o número de agências de turismo é bem maior se comparado com o lado brasileiro.

### **2.3 Visão geral: Santa Rosa-Amazônia-Peru**

Santa Rosa é a cidade peruana que compõe a tríplice fronteira, também conhecida como “Isla de Santa Rosa”. Ao contrário das cidades de Tabatinga e Letícia, a ilha de Santa Rosa está situada à margem direita do rio Solimões, mais especificamente à frente da cidade de Tabatinga.

Essa proximidade entre países permite que os moradores dos três territórios transitem livremente, de tal forma que, em apenas 10 minutos de transporte fluvial, é possível ir de um país ao outro.

Mapa 2 - Mapa da tríplice fronteira



Fonte: Instituto humanitas, 2019.

De tão pequena é mais considerada uma vila, pois sua população está estimada em 3000 habitantes. A pequena cidade peruana é a menor e menos desenvolvida comparada à Tabatinga e Leticia. Ela está sob a jurisdição da província de Mariscal Ramón Castilla e pertence ao departamento de Loreto.

Sua ocupação se deu quando os primeiros moradores vindos de Ramon Castilla usaram a terra para o plantio de cana e arroz. Anos mais tarde, outras famílias instalaram-se no pequeno povoado, passando a ser formalmente fundada em 30 de agosto de 1974.

Já no ano de 1982, a pedido dos moradores da ilha, o governo peruano desenvolveu projetos dando melhorias à infraestrutura da região. Nessa ocasião, a cidade recebeu a visita dos guardas civis do Peru, os quais levaram consigo a imagem de Santa Rosa de Lima. Foi nesse momento que os próprios moradores resolveram batizar a cidade com o nome da Santa, escolhendo-a também como padroeira da cidade.

Um dado geográfico importante de Santa Rosa, no Peru, consiste na distância com as demais cidades peruanas, que provoca certo isolamento comercial. Dada essa realidade, as cidades da tríplice fronteira mantêm uma dinâmica comercial fluída, sendo, muito comum encontrar produtos de proveniência estrangeira nas prateleiras das lojas comerciais dos três países.

Com o solo altamente produtivo, o setor da agricultura também movimenta a economia da ilha. Os agricultores em sua maioria dirigem-se ao Mercado Municipal de Tabatinga para vender seus insumos, já que a cidade de Tabatinga possui alta demanda e grande abertura para os produtos peruanos.

## **2.4 O processo de colonização e povoamento da tríplice fronteira e os territórios em disputa: do tratado de Tordesilhas ao tratado de San Lozano**

### **2.4.1 Tabatinga-Brasil**

Com o objetivo de demonstrar como se deu a formação da tríplice fronteira, apresentaremos a seguir um breve panorama da colonização e povoamento de Tabatinga (Brasil), Letícia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru).

Para tanto utilizaremos a obra “Tabatinga: crônicas fronteiriças”, (ATAÍDE, 2017) e uma de entrevista concedida por esse autor, na qual relatou aspectos relevantes a respeito da ocupação e conflitos históricos da formação do trapézio amazônico.

Antigamente, a área era ocupada exclusivamente por índios nativos da região. Porém, a decadência do domínio indígena sob o território começou quando Espanha e Portugal passaram a disputar territórios. Foi justamente nesse momento que tanto a coroa portuguesa quanto a coroa espanhola enviaram expedições com o propósito de apossar-se das terras da região.

Mesmo antes da descoberta do Brasil, em 1500, Espanha e Portugal disputavam o domínio de territórios na América do Sul. Foi então que decidiram entrar em acordo, assinando o chamado *Tratado de Tordesilhas*, em 1494.

O acordo consistia na demarcação de terras e as dividia dando direito de conquista conforme o interesse de cada Coroa. Dessa forma, foi traçado uma linha

imaginária que ia do Amapá e até Laguna em Santa Catarina. No tratado ficou decidido que a área leste do traçado ficaria à disposição de Portugal e a região a oeste, onde está localizada a tríplice fronteira, ficaria a disposição da Espanha.

Embora o acordo tenha sido assinado pelos dois países, a Coroa espanhola ficou insatisfeita com a parte que lhe foi concedida, avançando suas fronteiras em direção ao oeste e norte, indo até as minas de ouro localizadas no Peru. Nesse período, a área onde atualmente é a tríplice fronteira deixou de ser território sob o domínio da Espanha.

Percebendo a falta de interesse por parte da Espanha, a coroa portuguesa decidiu avançar os limites estabelecidos no Tratado de Tordesilhas, anulando a demarcação do território. Esse fato que levou as partes a assinar um novo acordo chamado de Tratado de Madri, com base no qual passou a vigorar um novo princípio que regeria as conquistas territoriais, o princípio *Uti Possidetis*, que significa “as terras são de quem as conquistar”.

Cumprido mencionar que mesmo antes do Tratado de Madri, Portugal já demonstrava interesse nestas áreas. Esse fato pode ser atestado no livro “Novo descobrimento do Amazonas” do padre Cristóvão Del, relator da primeira expedição de Pedro Teixeira em 1637.

De acordo com o relato de Acuña, a expedição ficou surpreendida com o grande território dominado pelos índios Omáguas. A extensão era tamanha que as terras estavam divididas em três cacicados: o primeiro localizava-se no rio Nabo, o segundo nas terras onde hoje é a cidade de Tabatinga, e o terceiro cacicado estava assentado na região do rio Içá.

Embora, o domínio das terras fosse exclusivamente dos Omáguas, o cenário começou a mudar por volta de 1708 a 1709. Com base no princípio *Uti Possidetis*, a coroa Portuguesa decidiu avançar sobre as terras sobre as quais a Espanha demonstrou desinteresse.

Os documentos atestam que a expedição tinha como principal objetivo declarar as terras como posse de Portugal. Para tanto, teriam que combater os octógenos que viviam na região.

Entretanto, isso não representou um empecilho para os fins de Portugal, pois não mediram esforços para extinguir o povo Omágua com o travamento de lutas sangrentas que levaram à morte de milhares de índios que ansiavam nada além de seu direito à vida e à posse de suas terras.

Após um grande período de derramamento de sangue, os poucos omáguas que restaram ficaram sob o domínio dos portugueses. Esses indígenas, subjugados e escravizados, foram forçados a trabalhar em prol da soberania de Portugal.

Com intenção de consolidar as terras sob o domínio de Portugal, em 1710, a coroa portuguesa enviou uma segunda expedição, que não era formada por combatentes, mas por padres carmelitas, que tinham o propósito de “catequisar” os índios e imediatamente ensinar a língua portuguesa.

Através dessa imposição linguística, houve a proibição do uso do Nheengatu, e o povo indígena foi forçado a abandonar suas tradições, seus costumes, sua cultura e, sobretudo, a sua língua.

É imprescindível aqui esclarecer que todo esse flagelo cultural e linguístico sofrido pelos índios da região foi legitimado por uma visão unilateralista e etnocêntrica, como é possível depreender a partir da declaração portuguesa a respeito da língua Omágua, pois era considerada como “mañas y astucias del demonio”, ferramenta de empecilho da propagação do evangelho (FREIRE, 2004, p. 203).

Com intenção de desarraigar qualquer característica originária dos nativos, até mesmo o nome “Omágua” foi extinto, visto que os padres Carmelitas passaram a nomeá-los de “kambebas” que significa *cabeças chatas*, chamados assim até os dias atuais.

Já em 1752, outro contingente de padres chamados de Jesuítas foi enviado pelo governo do Grão Pará para fundar a missão de São Francisco de Xavier do Javari, onde atualmente é o município de Benjamin Constant- AM. A fundação foi próspera, mas em 1759 os Jesuítas foram expulsos, fato concretamente consumado por militares da antiga capital do Amazonas em fevereiro de 1760, ocasião em que mudaram o nome do município para São José do Javari em homenagem ao Rei de Portugal.

De acordo com os dados históricos, a consolidação do território onde se situa a cidade de Tabatinga começou em 1766, quando o comandante Alferes Francisco Coelho instalou no lugar uma tropa formada por um sargento Mor e nove soldados com intuito de espionar se os espanhóis haviam afixado bandeira espanhola na região.

Ao perceber que a área não possuía demarcação espanhola, declararam o lugar como território português, fato consumado em 15 de julho de 1766. Quando os espanhóis tentaram reaver as terras, Portugal se respaldou no princípio *Uti Possidetis* para se valer do direito de posse onde atualmente está localizada a cidade de Tabatinga.

Desde el siglo XVIII el área donde hoy se encuentra la ciudad binacional Leticia-Tabatinga ha tenido una importancia fundamental, porque refleja, simultáneamente, las diferencias y las afinidades entre el mundo de origen hispánico y el portugués. Allí se concentraron las luchas entre los misioneros jesuitas y los bandeirantes del Pará por la permanencia o exterminio de los pueblos Omagua; allí se enfrentaron las comisiones de límites, en los siglos XVIII, XIX y XX, para determinar las fronteras, (GOBERNACIÓN DEL AMAZONAS, 1999, p. 53)

#### **2.4.2 Letícia-Colômbia**

De acordo com o historiador Ataíde (2017), mesmo antes de os espanhóis chegarem aonde atualmente está constituída a cidade de Letícia (Colômbia), as terras já estavam habitadas por índios da tribo Tikunas, Huitotos, Incas e tucanos. Os nativos foram prósperos, alcançando um grande território sob seu domínio.

A mudança começou com a chegada dos espanhóis, em 1500 e 1501. A primeira expedição foi enviada para realizar o reconhecimento e o mapeamento das terras Colombianas. Mais tarde, outra expedição foi enviada com o principal objetivo de declarar que as terras a partir de então pertenceriam à Espanha.

Como forma de consolidação do território, os índios foram expulsos, o que não ocorreu de forma pacífica, já que muitos resistentes optaram em defender seu território, o que ocasionou a morte de milhares de índios, e os poucos que restaram fugiram para outros lugares, deixando as terras livres para a colonização Espanhola.

Já no século XVI, os espanhóis passaram a extrair ouro das minas da região e também utilizaram o solo para o plantio de café, tabaco e algodão. As terras ofertavam muito lucro à Espanha. E, com o propósito de elevar ainda mais a arrecadação, a coroa espanhola decidiu elevar as taxas e impostos, o que acabou desencadeou a revolta “de los camuneros”, um movimento muito importante que deu os primeiros passos para a independência da Colômbia.

Mas, foi só em 7 de agosto de 1810 que a Grã-Colômbia, como era chamado a junção de países (Venezuela, Colômbia, Panamá e Equador), que Simón Bolívar começou os primeiros passos para a independência da Grã-Colômbia. A luta ficou conhecida como a Batalha de Boiacá, e o exército liderado por Bolívar saiu vitorioso, tornando-se o primeiro presidente do país.

A partir de então, a região se desenvolveu, passando a adotar medidas para resguardar seu território, dando maior atenção principalmente às suas fronteiras.

Ao perceber que a cidade de Letícia estava localizada extremamente próxima às cidades de Tabatinga (Brasil) e Santa Rosa (Peru), o governo colombiano passou a demarcar com mais exatidão os limites de Letícia. Contudo, como é comum em região de fronteira, a demarcação geográfica quase sempre resulta em conflitos entre as partes envolvidas. A disputa transfronteiriça foi desencadeada quando o Peru manifestou interesse pelas minas da região que ia desde o Rio Putumayo até a cidade de Letícia, que fazia fronteira terrestre com Tabatinga - Brasil.

Ataíde (2017) nos revela que a disputa pelo território de Letícia entre Colômbia e o Peru eclodiu em uma grande batalha em 1911. Ao perceber que uma iminente guerra se formava, o governo brasileiro interveio em 1922, propondo um acordo entre o governo colombiano e peruano.

A estratégia do governo brasileiro foi tomada para evitar que a cidade de Tabatinga fosse envolvida territorialmente na disputa bélica, pois, se de fato a guerra se instaurasse, abalaria a soberania do Brasil, pois Tabatinga é considerada uma “cidade gêmea” de Letícia.

O tratado, que ficou conhecido como Salomón-Lozano, estipulou que de fato a cidade leticiana pertenceria por direito à Colômbia. Embora o acordo tenha sido assinado pelo Peru, com o passar dos anos o governo peruano voltou atrás da decisão, pois alegou que o tratado havia sido assinado no regime ditatorial, o que invalidaria o acordo, decidindo, então, travar uma nova guerra para conquistar a

cidade de Letícia. Com a nova reivindicação das terras pelo Peru, dois postos de comandos de artilharia foram montados. Do lado colombiano, o posto foi liderado por Enrique Olaya Herrera e Alfredo Vasques Cobos, e do lado peruano, por Luiz Miguel Sanchez Cerro.

E em 31 de agosto de 1932, os dois países entraram em guerra, várias embarcações vindas do Lima-Peru se organizaram com uma forte artilharia. Vendo que mais uma vez uma nova guerra se formava, o governo brasileiro precisou intervir. Em virtude desse cenário, em 1932, no Rio de Janeiro, o Itamarati organizou uma conferência juntamente com o Chanceler Afrânio de Melo Franco e o Departamento de Estado norte-americano com o objetivo de revisar o antigo tratado de Salomón-Lozano, e como decisão final foi deliberado que a cidade de Letícia pertencia de fato a jurisdição colombiana.

Mas foi somente em 24 de maio de 1934, “sob o patrocínio da liga das nações”, que finalmente ficou decidido que o território pertenceria a Colômbia e como troca o Peru teria o direito sobre a área também disputada de Putumayo, rica em minérios e de grande interesse do governo peruano.

### **2.4.3 Santa Rosa – Peru**

Similarmente a Tabatinga e Letícia, a ilha de Santa Rosa, no Peru, também era exclusivamente habitada por índios. A civilização inca era dominante nas terras peruanas que, por sua cultura, crenças, costumes, e, sobretudo, por suas inovações, tornaram-se uma das civilizações mais ricas e prósperas que já existiram. Desafiando muitos estudiosos, pois mesmo sem as tecnologias atuais suas construções e modo de vida são considerados vanguardistas.

A organização social do povo inca era bem diferente da dos Omáguas, que habitavam em Tabatinga e dos Tikunas, Huitotos e Tukanos que viviam próximos às terras leticianas. Nessas tribos não existia um modelo de “dominação” de outros povos, ao passo que na civilização inca este era um mecanismo crucial para expansão de poder e riqueza, após a conquista das terras inimigas, aos que restavam ofereciam proteção com a promessa de não serem destruídos, mas eram sujeitos a pagar impostos ao domínio Inca.

De acordo com os historiadores, o declínio Inca começou por volta de 1529, quando o então rei espanhol Carlos V autorizou a conquista da região onde estes dominavam. A medida espanhola se deu pelo interesse de exploração, uma vez que a região era rica em ouro e outros minérios. E, para concretização de seus fins, foi enviada a primeira expedição em 1532 sob a liderança de Francisco Pizarro.

Quando Pizarro e sua expedição chegaram à região, descobriram que o imperador Sapa Inca havia morrido, e o povo inca estava em guerra pela sucessão do reino. Percebendo a vulnerabilidade, decidiram que era um momento oportuno para dominá-los.

Pizarro então comandou um dos maiores massacres da história. Milhares de índios foram mortos e, para consagrar o total enfraquecimento da civilização, enforcou Atahualpa, imperador dos incas à época. E com o objetivo de solidificar a conquista, invadiram Cusco, a principal cidade Inca, e, logo após invadiram Iquitos. E, em 1535, fundaram a cidade de Lima.

Com a posse das terras incas, a Coroa espanhola sobrepujou todas as riquezas, além da extração de minérios, vários artefatos sagrados foram enviados à Espanha. Estudiosos afirmam que esse momento histórico levou à destruição da maior civilização da América do Sul.

No século XVII, começaram as primeiras tentativas dos nativos para recuperar sua liberdade. Uma das primeiras disputas foi liderada por Tupac Amaru II, líder indígena, que organizou a revolta contra a Coroa espanhola com milhares de índios, escravos e mestiços.

Mesmo com um grande contingente de índios guerreiros, o líder Tupac Amaru foi capturado e morto. Isso levou ao enfraquecimento do movimento, deixando-os novamente sob a escravidão espanhola. Foi só a partir do século XIX que a luta pela independência do domínio espanhol começou a se concretizar sob a liderança de José San Martín. O militar do exército Argentino era experiente em batalhas, liderando inclusive a independência chilena em 1818.

Quando percebeu que também poderia lutar pelo território peruano, o general argentino organizou uma grande expedição de guerra contra o exército espanhol. Por questão estratégica, a primeira cidade a ser invadida foi Lima, já que ela representava

o “poder” dos espanhóis. Na luta, José San Martín com seu exército saiu vencedor e declarou a independência do Peru em 28 de julho de 1821.

Mesmo após a declaração de independência, os índios peruanos ainda permaneciam escravos. Foi só no governo de Ramón Castilla que índios e escravos foram libertos. Ataíde (2017) relata que foi só a partir de então que os descendentes incas tiveram sua liberdade proclamada. Nesse momento histórico, os nativos peruanos reagruparam suas tribos e espalharam-se por várias partes do Peru. Foi aí que um pequeno número de descendentes incas desceu e se fixou à margem direita do rio Solimões, onde atualmente está localizada a cidade de Santa Rosa.

## **2.5 Aspectos socioeconômicos e culturais: a fluidez das relações no trapézio Amazônico**

### **2.5.1 O comércio**

Tabatinga possui várias instituições federais e estaduais e em comparação com outros municípios do Amazonas, possivelmente pelo fato de ser uma cidade fronteiriça, Tabatinga se beneficia com um grande quantitativo de instituições como: Exército, Marinha e Aeronáutica, Receita Federal, SUFRAMA, Delegacia da Capitania dos Portos, Correios, Companhia Docas do Maranhão (CODOMAR) Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) e FUNAI (STELMA, 2012).

A inexistência de trecho terrestre com a capital Manaus inviabiliza a presença de indústrias, e isso faz com que haja pouca oferta de emprego, tornando o setor autônomo e o setor primário uma saída para os moradores da cidade.

Por outro lado, a cidade colombiana possui maior estrutura econômica. O setor industriário movimenta boa parte da economia, contando inclusive com fábricas multinacionais. O setor do turismo também oferta grande rentabilidade, de tão produtivo não é exagero afirmar que em todas as principais ruas comerciais existem muitas agências de viagens.

O comércio de joias e perfumaria também movimenta o setor econômico, pois, mesmo com as diferenças da moeda, os preços são um atrativo, principalmente aos turistas que visitam a cidade colombiana.

Com o solo fértil e próprio para o plantio, a economia da ilha de Santa Rosa, por sua vez, está baseada na agricultura. Todos os dias, as agricultoras peruanas atravessam o rio e dirigem-se ao mercado municipal de Tabatinga para a venda de seus produtos, uma vez que a demanda dos insumos é bem maior na cidade brasileira.

Santa Rosa é a cidade com menor extensão e índice demográfico da tríplice fronteira. Ela também apresenta menor desenvolvimento econômico e infraestrutural. Contudo, a cidade recebe um grande número de turistas por cauda da gastronomia peruana, muito conceituada mundialmente.

Como são comuns em regiões de fronteira, os limites geográficos não são tão nítidos quando se trata das relações existentes dentro das comunidades no qual se inserem. É válido ressaltar que a fluidez das relações determina sanções em cada lado da fronteira. Isto ocorre porque estes são espaços naturalmente plurais, onde as configurações sociais são regidas pelas intersecções históricas e sociais.

Quando observamos o funcionamento da região em estudo, o primeiro entendimento a que se chega é o aspecto cooperativo presente nas relações comerciais. O cooperativismo observado entre os comerciantes da fronteira está ligado primariamente ao distanciamento das cidades de Tabatinga, Letícia e Santa Rosa com suas capitais Manaus, Bogotá e Lima respectivamente.

Logo, a saída que se encontra para a falta de abastecimento está na compra de insumos do lado oposto da fronteira, sendo comum encontrar produtos estrangeiros nas prateleiras do comércio dos três países. A troca comercial vai além da compra, uma vez que o setor de serviços e de mão e obra também estão envolvidos nesse processo de cooperação mútua.

Os vínculos financeiros estabelecidos são na verdade estratégias para o funcionamento social, comercial e humano. É justamente pela natureza das relações que resulta a integração produtiva observada, espaço onde uma parte soma-se ao todo e, assim, movimenta-se a engrenagem social da tríplice fronteira.

Motta (2011) pontua que foi exatamente o modo cooperativo entre a sociedade tri-nacional que a fez crescer, pois os intercâmbios transfronteiriços articulam as economias das cidades de modo dinâmico e colaborativo. Dessa forma,

o desenvolvimento do povo da fronteira está baseado na capacidade de integração que tríplice apresenta, pois o que de fato se percebe é que as relações que se firmam no espaço são “relações de boa vizinhança e não de confronto”. (SUAREZ, 2013, p. 12)

### 2.5.2 Festividades

As festividades demonstram os traços mais íntimos de um povo. Na história da humanidade, as festas têm por finalidade enaltecer a cultura, as crenças e os costumes de diversas civilizações. Na verdade, as manifestações culturais revelam dois importantes traços sociais de uma sociedade: primeiro o modo de vida idiossincrático, e segundo seu pertencimento identitário que também costuma ser representado no bojo das festividades.

É por meio deste entendimento que quando observarmos as festividades existentes na tríplice fronteira, passamos a considerar que as manifestações culturais da fronteira reverberam os estreitos laços inter-raciais, históricos e sociais que emanam dentro da sociedade tri-nacional.

*La festividad de la confraternidad Amazônica* é uma das mais tradicionais festas do povo da tríplice fronteira. É realizada em território colombiano e tem como objetivo a integração dos povos do trapézio amazônico por meio da cultura, do esporte, da economia e da gastronomia. Apesar de ser uma manifestação da região, artesões e comerciantes de várias partes da América do Sul como chilenos, argentinos e uruguaio participam com a venda seus produtos nas tendas comerciais.

O evento tem duração de cinco dias e, nos primeiros três dias, as danças, a gastronomia, os rituais e os costumes de cada país são representados de modo enaltificado. A noite mais aguardada é o desfile “de la señorita”, que representa a beleza da mulher de cada lado da fronteira. Para a escolha da rainha “de la Confraternidad Amazonica”, beleza e inteligência são critérios indispensáveis, uma vez que a mais bela e a que responder as perguntas de temas sociais com mais domínio e desenvoltura é coroada rainha. Desse modo, todos os anos o evento coloca os três países em um misto de confraternização e disputa.

**Figura – 5** A festividade de confraternização da tríplice fronteira



**Fonte: Portal Tabatinga, 2021.**

Outra festividade de grande importância é o *Festisol*, que ocorre no lado brasileiro, na cidade de Tabatinga. A festa tem como objetivo enaltecer a cultura indígena e sua contribuição étnica para a cidade. Os cinco dias são dedicados a disputa entre as duas principais etnias da cidade de Tabatinga: a Tikuna, que é representada alegoricamente pela onça pintada, e a etnia Omágua, pela onça preta.

Como já discutido na subseção 1.4.1, os dominadores destas terras eram os Omáguas, atualmente chamados de Kambebas, porém, com a conquista da terra pelos portugueses, milhares de índios foram mortos, e os resistentes foram capturados e obrigados a abandonar seus costumes, suas crenças e principalmente sua língua.

Embora os intentos tenham destruído boa parte da cultura Omágua e Tikuna, o *Festisol* tem o propósito de enaltecer a bravura de seus antepassados, representando-os como guerreiros que lutaram para preservar a cultura que ainda sobrevive nos dias atuais.

### 2.5.3 Políticas linguísticas e educacionais

Como é de conhecimento geral, as regiões de fronteira costumam adotar medidas que norteiam os usos linguísticos. Logo, a manutenção do multilinguismo dentro de uma sociedade depende diretamente dos acordos bilaterais que existem entre os países. Com isso, duas possibilidades podem ser adotadas:

- a) medidas de favorecimento ao uso das diversas línguas, que certamente contribui para que as sociedades envolvidas se tornem cada vez mais plurilíngues;
- b) em contrapartida a primeira, na segunda medida pode-se preferir “resguardar” as fronteiras linguísticas, encarando o cenário plurilíngue como um risco à soberania da língua nacional, e que, portanto, deve ser veemente combatido.

Tendo em vista os dois argumentos ora apresentados, discutiremos agora quais políticas linguísticas têm sido adotadas nos segmentos comerciais, institucionais e educacionais nas cidades de Tabatinga, Letícia e Santa Rosa.

No comércio do lado brasileiro, observamos que grande parte dos comerciantes e funcionários são colombianos e peruanos.

Essa constatação fica evidente quando o visitante entra nas lojas e supermercados e é recebido com um: “buenos dias” ou “buenas tardes”, “que buscas” ou “a la orden”. Tais termos são comuns a qualquer tabatinguense, mas pode causar certo estranhamento linguístico ao turista que visita a cidade brasileira pela forte presença da língua espanhola, podendo até mesmo ser considerada como língua dominante no comércio.

Outro ponto importante que vale mencionar são as placas publicitárias que frequentemente são grafadas em espanhol: (panaderia referindo à padaria), (fruteria referindo-se à frutaria), (floristeria referindo-se à floricultura) etc. Isso já nos conduz ao entendimento de que no comércio no espaço brasileiro há um forte favorecimento para o convívio de diferentes línguas.

**Figura 6** - Placas publicitárias em espanhol na cidade de Tabatinga - Brasil



Fonte: Viana, Dayane (2019)



Fonte: Viana, Dayane (2019)

Em contrapartida, o comércio em Letícia e Santa Rosa tem pouca ou quase nenhuma abertura para a veiculação do português. Talvez isso se deva ao fato das restritas leis de controle para abertura de comércio a estrangeiros, muito mais flexível do lado brasileiro.

Em Letícia e Santa Rosa também não se observam placas publicitárias em português, o que demonstra claramente que o comércio dessas cidades toma medidas para a manutenção do espanhol no âmbito comercial.

Outro aspecto social que merece destaque é o ensino de línguas na tríplice fronteira, pois no lado brasileiro, até o ano de 2005, a língua inglesa estava inserida no componente curricular da rede pública.

Porém, por meio de acordos entre os três países, as políticas linguísticas adotadas no espaço escolar procuraram ajusta-se à realidade linguística que se vivencia na fronteira.

Foi em virtude disso que no ensino de língua estrangeira nas escolas de Tabatinga passou a vigorar a lei 11.161/2005, que tornou obrigatório o ensino de Língua Espanhola nas escolas que fazem fronteira com países hispânicos.

Os acordos foram pautados em leis que evidenciam a contextualização do ensino institucional de língua estrangeira a fim de garantir que o ensino de língua seja baseado na realidade linguística em que essas comunidades estão inseridas.

### **3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO - A TRÍPLICE FRONTEIRA E O CONFLITO ENTRE AS LÍNGUAS: O PLURILINGUISMO EM EVIDÊNCIA**

A globalização, as zonas transfronteiriças, os acordos bilaterais e a facilidade com que se entrecruzam as fronteiras do mundo, fazem emergir questões diversas sobre situações do plurilinguismo que resultam em efeitos multidirecionais em sociedades já compósitas.

Em linhas gerais, tais características das sociedades modernas têm implementado mudanças nas cidades que se situam em zonas de fronteira.

Muito embora a maioria das fronteiras tenha boa fluidez e seja receptiva às dinâmicas sociais, culturais e linguísticas, o mundo como um todo tem experimentado certa ruptura em suas fronteiras, seja em relação às fronteiras físicas, seja em relação às fronteiras simbólicas.

Tendo isso em foco, nossa discussão se ancora na análise de como o termo plurilinguismo tem sido encarado dentro da perspectiva teórica e como as questões relativas às áreas de fronteiras têm sido analisadas mediante o convívio com diferentes culturas.

Para tanto, há necessidade de debruçarmos primariamente na diferenciação de terminologias, em virtude de os termos plurilinguismo e multilinguismo por vezes serem evocados indistintamente. Contudo, a implementação teórico-pragmática de cada um, recai em um ponto específico na discussão linguística como veremos a seguir.

De acordo com o Conselho da Europa (2007b), o multilinguismo é caracterizado pela coexistência de diversas línguas em uma dada comunidade. A ocorrência do fenômeno está ligada à simples presença ou existência de diferentes línguas, sem considerar os graus de sua utilização dentro da comunidade no qual se inserem.

Por outro lado, a Comissão Europeia (2007, p. 6) considera o multilinguismo dentro de uma perspectiva dialógica, uma vez que enxerga o multilinguismo não como a simples “coexistência de línguas”, mas como uma competência que tem por

finalidade fomentar a interação entre os membros de uma mesma comunidade, tendo por base o uso efetivo das línguas de modo frequente e cotidiano.

O plurilinguismo, por sua vez, é tomado dentro de uma compreensão ambivalente, pois: i) refere-se a um falante linguisticamente multimodal, isto é, o indivíduo que dispõe de diferentes línguas em seu repertório verbal; ii) e, numa visão mais social, o plurilinguismo evoca um ponto de referência na educação linguística institucionalizada (CONSELHO DA EUROPA 2007B, p. 18).

Ao tratar o plurilinguismo como competência, o documento sinaliza as formas como falantes adquirem as diferentes línguas. O primeiro já mencionado acima, sendo habilidade linguística adquirida por meio de instituição de ensino; e a segunda ocorre quando o próprio falante, por iniciativa pessoal, aprende outras línguas de modo autodidata.

Baseado no documento, é razoável afirmar que o falante inserido em situação linguística, onde o convívio com diferentes línguas é uma característica natural, já se pode considerar que há grande possibilidade de determinados falantes tornarem-se plurilíngues.

Quando há proximidade entre as fronteiras, é comum que, pelo contato cultural existente, as trocas simbólicas ocorram de forma gradual, passando a reconfigurar os costumes, as tradições, as crenças e as línguas dos povos envolvidos.

Quando a partilha linguística ocorre, “o aprendiz de língua torna-se plurilíngue e desenvolve a interculturalidade” (CONSELHO DA EUROPA, 2007a, p. 43). Diante disso, a língua e a cultura são os maiores pontos de embates no cenário no qual se insere a discussão.

Nesse ínterim, as línguas podem convergir ou dicotomizar, tornar-se fluídas ou polarizadas. De início, já se percebe que esta é uma questão vital na discussão, haja vista que a coexistência do plurilinguismo e do monolinguismo possui interdependência de ações de fomento individualizadas e social.

É nesse sentido que Calvet (1999) aponta que um indivíduo pode viver dentro de uma comunidade plurilíngue, contudo, optar por não adquirir outras línguas, ocorrendo a manutenção de seu monolinguismo. Ao passo que outro indivíduo

pertencente a uma comunidade monolíngue pode vir a desenvolver a competência em diferentes línguas.

A indeterminação linguística ora apresentada possui ancoragem no pressuposto de que uma comunidade plurilíngue ou monolíngue não define as habilidades linguísticas de **todos** os seus falantes.

É justamente por esse impasse que o estudo em *locus sui generis* requer um olhar não apenas em direção a um ponto isolado, visto que a indeterminação dos sujeitos plurilíngues e monolíngues pode contribuir para que se chegue a resultados incoerentes e que não sejam condizentes com os fatos dentro da sociedade.

Diante dessa discussão, chega-se ao seguinte questionamento: mediante esse impasse, como estudar o plurilinguismo dentro de uma comunidade?

Primeiramente advogamos a necessidade de um olhar pluridimensional para que se contemplem não apenas as macrodimensões que o fenômeno alcança, pois o estudo deve revelar, sobretudo, as especificidades dos falantes e da comunidade dentro de sua integralidade.

Lucena (2015) esclarece que os contextos transnacionais somente podem ser compreendidos se o olhar do *locus* de pesquisa for socialmente e localmente situados, isso porque “a linguagem [é] como um trabalho coletivo, como um processo dinâmico de negociações, interações e mediações, resultado de tentativas mútuas de fazer sentido” (LUCENA, 2015, p. 71).

É exatamente com o propósito de transcender esse problema teórico-metodológico que Calvet (1999) nos apresenta duas possibilidades de estudo:

a) a primeira, de ordem individual, essa vertente focaliza-se no indivíduo que possui o domínio em diferentes línguas;

b) a segunda, mais voltada para o escopo social, prioriza um estudo com enfoque no falante que pertence a uma comunidade multilíngue.

A essas duas abordagens, acrescentamos outra possibilidade mais específica, que é um estudo centrado no indivíduo que partilha uma dinâmica linguística e familiar multimodal em decorrência dos casamentos interétnicos.

Ainda no trato da discussão da competência plurilíngue, trazemos agora o conceito apresentado pelo Conselho da Europa (2001, p. 168), o qual expresso que:

A competência plurilíngue e pluricultural refere-se à habilidade de usar línguas para propósitos de comunicação e tomar parte em interação intercultural, considerando que uma pessoa é vista como um agente social que tem proficiência, em níveis variados, em diversas línguas e experiência de diversas culturas.

Ao analisar as afirmações do documento, fica evidente que a competência plurilíngue está além da instrumentalização de uma língua, haja vista que o mesmo considera que a consolidação do plurilinguismo está no seio social de uma sociedade, e que de fato passa a ganhar novas dimensões a partir do uso linguístico efetivo das línguas que o falante tem a sua disposição e que a escolha de qual língua utilizar estará sempre atrelado aos aspectos políticos e ideológicos.

Ao tratar mais sistematicamente a respeito do tema, Altenhofen (2012) traz à discussão a noção do “português de contato”. De acordo com o autor, cada tipo de contato traz alterações ao status do português, de tal forma que a variação e mudança linguística podem ser consideradas marcas naturais das comunidades de fronteira.

O autor ainda destaca que a própria gênese da história do português brasileiro está intrinsecamente ligada ao contato entre línguas em diferentes épocas, lugar e circunstâncias e nos aponta os tipos de contatos que marcaram o português brasileiro:

- 1) português europeu x línguas indígenas;
- 2) línguas indígenas x línguas afro-brasileiras;
- 3) contato de língua por proximidade de fronteira;
- 4) contato entre variedades do português.

Cumprir mencionar que todas as tipologias ora apresentadas possuem como principal pano de fundo os processos migratórios. Desse modo, Altenhofen (2012) conclui que: “migram os homens, migram as línguas”. Nesse sentido, historicamente, a dinâmica do contato passou a ser experimentada tanto por indivíduos topoestáticos quando pelos topodinâmicos.

Mediante as vertentes individual e social que recaem que concebem o fenômeno do plurilinguismo, Savedra e Perez (2017) esclarecem que optar pelo termo multiculturalismo e plurilinguismo, como alguns pesquisadores fazem, não o torna simples e tampouco resolve o impasse conceitual.

Para transcender esse problema, as autoras optam em seguir as definições teóricas de Wei (2013) e Edwards (2013), os quais advogam que tanto o plurilinguismo social quanto o individual deve ser visto na ótica de “extensões numéricas do bilinguismo”. Para tanto, concebem o plurilinguismo dentro da perspectiva de coexistência de duas ou mais línguas que possuem certo dinamismo e uma fluidez determinante entre seus falantes.

Para Gutierrez (2005), o plurilinguíssimo está intimamente ligado a comunidades que apresentam um cenário sociolinguístico com a existência de mais de uma cultura étnica e linguística.

Pinto (2013), por sua vez, é mais abrangente em suas concepções e coloca o plurilinguíssimo em dois pilares, na competência dos falantes e na simples coexistência de línguas em uma dada sociedade.

Nessa pesquisa, nos filiamos às concepções de Gutierrez (2005) e Pinto (2013), uma vez que ambos consideram o plurilinguismo envolto na competência individual e, sobretudo, examinam sua ação no molde social, tomando por base que o contato entre diferentes línguas alteram as estruturas linguísticas originais daqueles que convivem no espaço.

### **3.1 O plurilinguismo e a construção de identidade linguística em comunidade transnacional**

Nesta subseção, discutiremos alguns conceitos fundamentais como transculturalidade e transnacionalidade, a fim de nos munir de distinções necessárias para só, então, adentrarmos na discussão de como sujeitos imergidos em comunidades plurilíngues constroem suas identidades linguísticas e sociais.

De acordo com Gaio (2019, p. 26), a população brasileira é marcada por traços transculturais que se realizaram ao longo do tempo e se consolidaram através dos “processos de etnicidade que estão em [constante] movimento”.

Ao tentar compreender os movimentos étnicos que ocorrem por vezes nos interstícios sociais, somos conduzidos a evocar os termos de grande peso nessa movimentação que é a interculturalidade, transnacionalidade e outras nomenclaturas que definem contatos entre culturas. Esta discussão é pertinente, porque comumente o termo transculturalidade “se perde no meio de uma selva de conceitos competindo por sobrevivência” (BURKE, 2009, p. 34).

O transnacionalismo pode ser concebido sob duas perspectivas. A primeira é de vertente americana e muito utilizada dentro de ciências sociais como a antropologia, sociologia e a história. Tem como pilar central a consideração de que a política, a economia, as redes sociais e as identidades sociais que se formam nesses espaços fazem com que pessoas e instituições de nacionalidades distintas se interconectem.

A segunda vertente é de origem europeia, mais utilizada entre cientistas políticos, tem o foco na análise da transcendência nacionalista do sujeito, uma vez que considera o envolvimento de lealdade e pertencimento que o indivíduo tem com seu país de origem, mesmo que conviva em outra nação.

Desse modo, Gaio (2019, p. 27) afirma que algumas nacionalidades são mantidas mesmo que o indivíduo viva fora de seu país de origem, como é o caso da “nacionalidade por *jus sanguinis*”, que consiste nos indivíduos que mantêm os laços sociais e afetivos com a nacionalidade de seus pais.

À guisa dos argumentos apresentado por Gaio, o que caracteriza a primeira vertente nacionalista é o conhecimento da cultura e da língua através de vivências sociais e culturais dos pais, enquanto a segunda depende de certo sentimento de lealdade e um elevado grau afetivo ao seu país de origem.

A partir do conceito do primeiro caso, entendemos que a transnacionalidade de um indivíduo é a sua condição de ser mais ou menos transnacional, de acordo com a relação entre as nacionalidades envolvidas e as experiências pessoais vividas. Em outras palavras, é a condição do indivíduo como agente e paciente do transnacionalismo (GAIO, 2019, p. 27).

Ortiz (1940) buscou substituir o termo aculturação – que significava adquirir uma cultura diferente – e passou a propor o termo transculturalidade. A substituição

se tornou necessária porque o termo anterior não retratava com propriedade os impactos culturais decorrentes do contato.

Para Gaio (2019), a transculturação é o processo pelo qual as culturas se encontram através da partilha social. A partir dessa proposição, podemos ampliar o conceito aos povos de fronteira, que mediados pelo intenso contato convivem diariamente com os encontros e confrontos de cultura que se diferem e/ou se assimilam em tudo em um mesmo movimento.

Nesse sentido, a transculturação é o processo que transforma as sociedades por meio da aculturação, desculturação (a perda parcial de cultura) e neoculturação (criação de novos fenômenos culturais). Em linhas gerais é a consumação de uma dinâmica fluida e interconectada que sociedades distintas realizam naturalmente por meio do compartilhamento social, que pode ser por fatores comerciais familiares e geográficos (ORTIZ, 1999).

Por vezes, os termos **transculturalidade** e **interculturalidade** são evocados indistintamente como optam Dervin e Risager (2015, p. 9), isto porque consideram interculturalidade no sentido de “diversidade e encontros”.

É justamente pelo caráter polissêmico do fenômeno cultural e a superabundância dos termos como “diversidade cultural, sociedade multicultural, transculturalidade, complexidade cultural, superdiversidade e hibridismo cultural” que Gaio (2019, p. 34) observa a abrangência e conclui que a adoção da terminologia depende da escolha pessoal de cada pesquisador.

Após essas considerações pertinentes, passaremos a discutir como falantes assentados em comunidades pluriétnicas na tríplice fronteira selecionada para este estudo constroem suas identidades linguísticas e sociais mediante o imanente contato com a diversidade linguística e cultural.

Ao discutir o tema, Sturza e Tasch (2016, p. 85) esclarecem que a fronteira é a divisão sociopolítica que oferta configuração não apenas aos aspectos sociais e políticos da região, visto que os correntes contatos se “materializam também nas práticas linguísticas”.

A materialidade linguística traz novos redirecionamentos na forma como os sujeitos se relacionam com outras línguas. É em virtude disso que a construção da

identidade linguística é exatamente o cenário que passaremos a explorar sob o viés teórico e pragmático dos principais estudos linguísticos.

Para Derrida (1996), a língua é um importante instrumento da construção identitária. Quando consideramos a identidade do sujeito fronteiriço dentro da perspectiva linguística, é natural depreender que ele tem diferentes línguas à sua disposição.

Desse modo, o falante de fronteira que possui mais de uma língua em seu repertório verbal pode escolher com qual língua quer se significar. Essa escolha é pautada por princípios externos à língua, que serão determinadas de acordo com o contexto comunicativo.

Isto é, no ato de escolha, instaura-se um jogo de estratégia pautado em critérios políticos, dado que a escolha da língua a ser utilizada é baseada nos interlocutores e no espaço de enunciação (STURZA E TASCH, 2016).

Calvet (1999) advoga que o cenário pluriétnico incide mudanças identitárias em seus integrantes. A importância dessa discussão está muito além do campo acadêmico, já que é uma realidade de uma enorme população em todo mundo, ilustrando, dessa forma, a grande emergência em debater o tema de forma ampla, difundindo-o nas mais variadas esferas sociais que se julgue necessário.

Para ilustrar a discussão de como a coexistência de diferentes línguas colaboram para a reconfiguração de identidades linguísticas, o autor explica que, se um senegalês que, porventura, fale a língua peul, mas também tenha competência na língua wolof, e que, por algum motivo, utilize o francês no ambiente de trabalho, existe a possibilidade de ocorrerem as seguintes situações:

(a) o falante pode ter seu pertencimento vinculado apenas à comunidade de fala peul;

(b) o indivíduo pode se autojulgar pertencentes às três comunidades linguísticas; ou

(c) pode considerar que sua identidade linguística e social é multicultural e plurilíngue, e que, portanto, pertence a apenas uma comunidade.

Nesse último caso, o falante avalia que, mesmo que sua identidade linguística seja formada por mais de uma nacionalidade, seu pertencimento está ligado a uma

única comunidade, pois de tão fluidas as culturas se assimilam e se misturam ao ponto de impregnar características multimodais em seus falantes.

Embasado no entendimento de que determinadas comunidades admitem várias culturas em movimento, Calvet (1999) faz as seguintes indagações: i) podemos atribuir várias identidades linguísticas para um único falante?; ii) um falante de nacionalidade angolana que tenha competência tanto no português como na língua bantu possui as duas identidades linguísticas simultaneamente?

A respeito dessas indagações, o autor declara que estes são questionamentos aplicáveis a diferentes realidades linguísticas do mundo. Por este motivo, Viana (2019) empreendeu um estudo no qual questionou como os sujeitos da tríplice fronteira constroem suas identidades linguísticas mediante a coexistência das diferentes línguas.

Um dos questionamentos levantado pela autora foi verificar se a convivência cotidiana com as diversas culturas, tanto de brasileiros, quanto de colombianos, peruanos, árabes e indígenas que vivem na região, permite considerá-los com mais de uma identidade linguística.

Outro fato discutido foi o caso dos falantes que exercem profissão do outro lado da fronteira e pela demanda do ambiente do trabalho utilizam a língua de contato, e, se isso, porventura, poderia dotá-los com uma identidade linguística adicional.

No presente estudo, acrescentamos também mais um questionamento a esse conjunto de perguntas: os filhos oriundos de casamentos interétnicos que oscilam nos dois sistemas linguísticos (português-espanhol) pertencem às duas comunidades? E, estes, portanto, teriam duas identidades linguísticas?

Ao responder a essas questões, Calvet (1999) advoga que sim, pois os falantes que transitam em mais de um sistema linguístico, além de pertencerem a mais uma comunidade, também possuem mais de uma identidade linguística.

Para reforçar o entendimento, o autor nos relembra o exemplo do senegalês que, por viver em comunidade plurilíngue, tem a competência nas línguas Wolof e Peul.

Isso acontece porque em uma realidade plurilíngue ocorre o compartilhamento não apenas da cultura, dos costumes, das crenças, das estruturas

sociais, mas também permite com que o falante oscile nos diferentes códigos linguísticos, justamente pela existência de identidades linguísticas compósitas.

Após essas considerações, recaímos na seguinte questão: quais são os fatores que engrenam o processo de alternância linguística?

A resposta chega quando passamos a analisar a dinâmica das interações nesses contextos, e passamos a perceber que os fatores que conduzem à alternância estão sempre interligados aos aspectos externos às línguas, ficando claro que as escolhas são pautadas por critérios pessoais, políticos e ideológicos, com base nos quais o próprio falante constrói a própria identidade linguística. Dessa forma:

Cuando un wolof habla en francés en una oficina a otro wolof, en cierto modo, opta por una puesta en escena, se atribuye un papel, quiere ser percibido de un modo determinado [...]. Porque la lengua desempeña una función identitaria. (CALVET, 1999, p. 3).

Não restam dúvidas que, para Calvet, a língua é como um “documento de identidade”, que tem o poder de representar as nuances culturais e étnicas mais íntimas de um povo:

Así un maliense de lengua songay se sentirá songay en su país, frente a un bambara o un peul y, por tanto, su lengua tendrá una fuerte función identitaria, la hablará, en familia o con sus amigos, para marcar su pertenencia a un grupo. Se sentirá maliense en otro país africano o ante otro africano súbdito de otro país y su forma de subrayarlo lingüísticamente será hablar bambara, la lengua vehicular dominante [...] (CALVET, 1999, p. 4).

Em suma, quando consideramos a argumentação de Calvet (1999), concluímos que dentro destes grupos multifacetados coexistem indivíduos com “[várias] identidades, outras diversidades e outros plurilinguismos” (CALVET, 1999, p.6)

O reconhecimento das diversas línguas, culturas e identidades nos direcionam à urgente promoção de políticas linguísticas que visem a ações benéficas e simultâneas a todas as línguas, considerando os fatores internos e

externos, verticais e horizontais, dentro da perspectiva das práticas sociais que dinamizam os grandes grupos.

Fernandes (2016 p. 161) defende que os espaços difusos e linguisticamente movediços resultam em “identidades compósitas menos classificáveis, mais complexas e densas”, e por sua construção permanente é mais difícil de organizar com base em separadores rígidos bem definidos.

Para Pesavento (2006, p. 11), o caráter permeável da fronteira faz constituir um universo simbólico onde as identidades culturais de seus integrantes são “semelhantes e díspares”. Tudo isso porque o plurilinguismo instaura “um sentimento de ambivalência, sendo duas realidades presentes em um mesmo espaço” (STURZA;TASCH, 2016, p. 90). A ambivalência implica diretamente na composição identitária, já que se torna corrente e natural “ser um e ser dois ao mesmo tempo, ser si próprio e ser o outro” (PESAVENTO, 2006, p. 11).

### **3.2 Contato interfronteiriço e os conflitos linguísticos existentes**

Foi a partir da Sociolinguística e das pesquisas catalãs da década de 1960 que se passou a considerar os diferentes graus de assimetria entre línguas por questões políticas, sociais e econômicas. A partir de então, criou-se o termo *conflito* ao invés de *contato* entre línguas, principalmente em comunidades onde se apresentava a existência de língua dominante *versus* língua dominada.

Seguindo a linha argumentativa de Huntington (1999), os povos existentes no mundo estariam ordenados em “mosaicos culturais” que, de tão excêntricos, não se tocam e nem se influenciam mutuamente.

Fernandes (2017, p.160), por sua vez, declara que, nessa conformação mundial proposta por Huntington, “não haveria lugar para processos de troca, intermediação e hibridismo cultural”.

E, no mesmo sentido, Granovetter (1973) considera que o mundo seria extremante restrito e segmentado, a ponto de manter em seus limites uma espécie de confinamento. A partir disso, formula dois postulados básicos chamados de *strong ties* e *weak ties*.

O postulado *Strong ties* consiste na visão de uma comunidade onde seus membros são unidos por laços extremamente fortes, cuja ligação seria essencialmente com membros do próprio grupo. O segundo postulado é *weak ties*, que se refere à homogeneização cultural que ocorreria dentro desses grupos que se firmariam por fatores de “semelhanças e proximidade linguística e religiosa” (FERNANDEZ, 2017, p. 161).

Como é possível depreender, a consolidação de laços fortes imanentes dentro dos grandes grupos impede a abertura e a interação com outras culturas heterogêneas.

Conquanto as interações com diferentes grupos ocorram, os grupos caracterizados como *Strong ties* se configurariam como sendo de um contato com intensidade fraca, pois nesta visão homogeneizadora, há total negação dos pressupostos de mistura cultural e trocas simbólicas, uma vez que o poder é mitigado pelo simples fato de os indivíduos pertencerem a sociedades altamente compactas.

De perspectiva contrária, Bauman (2007) e Maalouf (1999) consideram que a sociedade mundial tem um movimento natural e permeável em seus “espaços, [nos] atores, [nas] trocas e [nas] multiterritorialidades diferenciadas” (FERNANDEZ, 2017, p. 161).

Para os autores, o conflito cultural deixa marcas que se intercambiam de um povo para outro, deixando essas comunidades totalmente permeáveis a transformações que, por conseguinte, colaboram para o surgimento de identidades idiossincráticas, complexas e sempre abertas às oscilações na sua estrutura.

Diante desses dois polos, Fernandez (2017) avalia que um lado dessa discussão concebe o mundo de forma mais lenta, extremamente organizado e delimitado por mosaicos culturais. O segundo olhar acredita que os aspectos sociais, econômicos e políticos são bem mais fluidos e maleáveis, fazendo com que as sociedades sejam mistas e multifacetadas.

Após essa breve discussão a respeito das diferentes visões do hibridismo cultural, julgamos pertinente analisar a noção que se tem de fronteira.

Iniciaremos nossa discussão com a proposta de Oliveira (2016), que em linhas gerais concebe as fronteiras como: i) fator e contingência da existência dos

Estados Nacionais; ii) os diversos tipos de ordens sociais, das tribos aos impérios multiétnicos; iii) demarcam o alcance de um poder; iv) definem a inclusão e a exclusão, o dentro e o fora; v) são o termômetro para as mudanças na balança da hegemonia.

Garcia (2010, p. 15), por sua vez, trata a fronteira sob duas concepções: a primeira, de cunho mais histórico, “móvel”, cujos limites foram disputados através de guerras; a segunda concepção parte de um olhar mais pragmático, considerando-a como “trânsito de gentes, de mercadorias, diálogo entre culturas; choque e permeabilidade, sobrepondo-se, intercalando-se, entrelaçando-se”.

A proposta de Sturza (2016), por seu turno, ancora-se em aspectos sociais e interacionais. A fronteira é concebida como um espaço real e ao mesmo tempo simbólico.

Parte-se, sobretudo, da premissa básica de que há necessidade de considerá-la não apenas pelo seu marco geográfico, mas também cabe avaliar “a permeabilidade, a troca, a mistura, o hibridismo, a mestiçagem cultural e étnica que se estabelecem como uma rica e completa soma dos mais diversos fatores, dentre eles o linguístico” (STURZA, 2016, p. 88).

É importante perceber que algumas definições de fronteira se fincam no escopo da territorialização, em que se avalia o caráter rígido da soberania sobre o espaço geográfico e dos seus limites, que foram conquistados a ferro e fogo.

Entretanto, as definições que nos interessam residem nas que concebem a fronteira por seu traço maleável e receptivo às alterações e mudanças que ocorrem nos interstícios sociais e vão se espalhando por todo seu bojo.

Dessa forma, a noção que temos de fronteira é que é impossível concebê-las dissociadas das relações sociais, histórias e políticas que naturalmente as determinam.

A respeito das transformações que ocorrem nesses espaços, Sturza e Tasch (2016) defendem que não se pode admitir línguas em contato sem considerar as culturas de contatos, uma vez que língua e cultura estão intimamente ligadas e se determinam de forma mútua, pois a dinâmica fronteiriça: “[...] produz um espaço simbólico em que culturas se tocam, línguas e sujeitos se encontram” (STURZA; TASCH, 2016, p.85).

Sturza (2016) descreve que os limites da Região Sul do Brasil é a que apresenta maior índice populacional; em contrapartida, as cidades fronteiriças no norte do país possuem as seguintes características:

- i) mais esparsas e com índice populacional reduzido;
- ii) considerada por alguns autores como vazia demográfica; e,
- iii) dificuldade de acesso por traços naturais próprios.

Conquanto haja diferenças nos índices populacionais, uma fronteira deve sempre ser tomada por uma ótica constitutivamente complexa, singular e móvel.

Uma fronteira pode ser vista como um portal que muda o status das pessoas e das coisas. Uma zona de transição. Com um poder quase mágico, uma fronteira pode liberar ou aprisionar. Pode antagonizar. Mas também pode integrar (GARCIA, 2010, p. 242).

Sturza (2005) discorre que as fronteiras brasileiras estão margeadas de contato com diferentes línguas e aponta que o norte do país é marcado por expressiva heterogeneidade, onde várias línguas indígenas convivem juntamente com o português e o espanhol, fato que demonstra uma “clara situação plurilíngue” (STURZA, 2005, p. 48).

Ela advoga que, para se enveredar na discussão das práticas linguísticas de fronteiras, é imprescindível partir de dois entendimentos: a) que as fronteiras brasileiras são definidas por “um velho par de línguas, um contato histórico e genealógico muito estreito, que é o do português e espanhol” (STURZA, 2006, p. 47); b) que, ao avaliar a história do contato entre estas línguas, deve-se considerar o contato com outras línguas que aqui já estavam e, também, com as quais entraram em conflito.

É por meio desse entendimento que se conclui:

[...] a fronteira não significa apenas pela sua relação espacial, como o lugar que marca o limite entre territórios. Os limites cartográficos são referências simbólicas que significam a fronteira através de um marco físico, embora a vida da fronteira, o habitar a fronteira signifique, para quem nela vive, muito mais, porque ela já se define em si mesma como um espaço de contato, um espaço em que se tocam culturas, etnias, línguas, nações (STURZA, 2006, p. 26).

Suarez (2013, p. 2) trata mais especificamente da tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru e considera a fronteira norte brasileira dentro de um cenário pluricultural que a torna em “um mundo cosmopolita e dinâmico”.

Respaldando-nos na afirmação do autor, percebemos que a fluidez das relações comerciais, sociais e históricas que a tríplice fronteira apresenta também recaem sobre os aspectos linguísticos, já que em primeira análise é perceptível que o convívio linguístico heterogêneo faz parte do contexto real dos falantes da região, o que mostra claramente que “as fronteiras físicas não limitam as fronteiras linguísticas” (VIANA, 2019, p.18).

Como é corrente o entendimento a respeito dos povos de fronteira, o contato intercultural é inevitável e por vezes necessário, o que permite o convívio frequente de diferentes línguas em um pequeno espaço que finda, configurando as estruturas naturais dessas sociedades.

Ao analisar a tríplice fronteira, Suarez (2013, p. 2) afirma que, além da cultura brasileira, a população “defronta-se ao mesmo tempo com duas culturas e duas nacionalidades diferentes, porém complementarias: a colombiana e a peruana”.

Esta conformação social faz com que as especificidades de cada matriz étnica formem um todo cosmopolita, que marca, sanciona e determina no espaço e nos sujeitos, tornando-os “tão particularmente acostumados ao convívio com outras culturas, que a sua internacionalização não deixa de ser um imperativo natural” (SUAREZ, 2013, p. 2).

A naturalidade do uso das diferentes línguas faz com que o conflito linguístico seja desencadeado por fatores externos que condicionam o surgimento da variação, que se propaga nas práticas sociais e linguísticas por meio das diversas redes comunicativas: a) a familiar (composição interétnica); b) laboral (atividade do lado oposto da fronteira); c) comercial e d) educacional (contexto escolar marcadamente multicultural com presença de brasileiros, colombianos, peruanos, árabes e indígenas) etc.

As redes comunicativas vão sendo consolidadas porque “as fronteiras geográficas são preenchidas de conteúdo social” (STURZA, 2016, p. 47). Tais fatores

externos e condicionantes dão denominados por Coelho et al. (2015, p. 22) de conjunto complexo de correlações sociais que atuam como ferramenta da variação linguística.

Nesse processo de compartilhamento, as línguas influenciam e também são influenciadas, o que provoca alteração nas bases estruturais originais, uma vez que “todo sistema linguístico encontra-se permanentemente sujeito à pressão de duas forças que atuam no sentido da variedade e da unidade” (NARO, 2004, p. 12).

Portanto, alinhamo-nos a Sturza (2005), que não admite a possibilidade de estudo das línguas de fronteira dissociado das culturas que estão atravessadas, pois compreende que os fatos sociais são sempre mediadores de transformação de todo sistema linguístico que convivem cotidianamente em situação de contato étnico, linguístico e cultural diverso.

### **3.3 Territorialidade e territorialização: A dinâmica de uso do Português e do Espanhol na tríplice fronteira**

Partindo da proposta de Altenhofen (2012, p. 64) de que “uma língua se difunde no espaço”, trataremos agora dos aspectos de difusão das línguas em região onde o conflito linguístico é uma realidade corrente.

Para tanto, consideramos pertinente debruçarmo-nos na proposta conceitual de Altenhofen (2012), que traz à discussão termos de grande relevância teórica.

De acordo com o autor, a *territorialidade* é “o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística”. Para ele, o *território* é a base física onde variedades e variantes concorrem entre si.

E o termo *territorialização*, por sua vez, é a ação de ocupar estes territórios, definindo, por conseguinte, os espaços das distintas variedades, podendo ocorrer em níveis situacional ou geográfico:

- i) das variantes linguísticas, cuja descrição e análise, cabe à geolinguística e à sociolinguística, e;
- ii) das variedades linguísticas, cujo estudo dos múltiplos dialetos existentes dentro das comunidades é função da sociologia da linguagem.

Seguindo essa linha argumentativa, a Dialetoologia Contatual estabelece que um olhar pluridimensional é imprescindível nesses contextos, pois as intersecções que se firmam nas comunidades plurilíngues a tornam receptivas às mudanças sociais, culturais e linguísticas.

Após essa constatação, já em primeira análise é possível concluir que o estudo de difusão de línguas prescinde de uma análise apurada para que de fato se chegue à compreensão de como a estrutura social dessas comunidades interferem na estrutura linguística de seus membros e, sobretudo, permite a análise dos itens linguísticos inovadores decorrentes da conformação social em que os falantes estão imersos.

Geralmente, as inovações vão se difundindo em território pouco preenchido, isto é, com característica dinâmica menos fluida e com menor grau de ocupação do espaço. De acordo com Altenhofen (2012 p.74), elas se espraiam entre as “brechas ou lacunas que determinada territorialidade coloca em evidência”, a esse processo denomina-se *terrorização horizontal*.

Outro ponto importante discutido pelo autor é a *territorialidade vertical* que é o processo pela qual as variedades coexistentes passam a concorrer em um mesmo espaço.

Com o propósito de esclarecer a territorialização vertical com mais profundidade, o autor traz à discussão o exemplo da ocupação das periferias urbanas, cujo processo de povoamento geralmente se dá por meio do “êxodo rural”, situação em que a população passa a disputar espaço na “selva de pedra”, avançando em territórios menos ocupados, indo sempre em direção às periferias das cidades.

Esses movimentos sociais reconfiguram os espaços periféricos, implementando uma nova territorialidade que passará a apresentar um novo ordenamento nas estruturas sociais e linguísticas.

Neste espaço, constitui-se, assim, uma nova territorialidade, com uma constelação de comunicação e de línguas particular, que reproduz ainda muitos dos padrões de comportamento linguístico e cultural das áreas de origem de seus locatários (ANTENHOFEN, 2012, p. 74).

O processo de territorialização horizontal da Língua Portuguesa no Brasil desencadeou uma série de mudanças na estrutura social dos autóctones que aqui viviam.

Nos períodos iniciais, a difusão da Língua Portuguesa avançou em territórios antes ocupados apenas por línguas indígenas, fato que se “sobrepôs vorazmente às territorialidades indígenas, que foram drasticamente destituídas ou removidas e, só a duras penas, vêm sendo reconstituídas ou protegidas por meio de leis e demarcações de terras” (ANTENHOFEN, 2012, p. 73).

Retomando os conceitos de territorialização horizontal/territorialização vertical e aplicando-os a cidade de Tabatinga, podemos ressaltar as seguintes observações:

a) a territorialização horizontal do espanhol obedece ao percurso comum de ocupação de espaços menos populosos em regiões mais periféricas. Nesse sentido, podemos constatar que os bairros Brasil, Xingu, Santa Rosa e São Francisco são os que mais têm a dominância do espanhol nas ruas, no comércio e nas relações cotidianas como já descrito por Viana (2019);

b) os bairros acima mencionados são uma espécie de *continuum* da cidade de Letícia, pois possuem limites territoriais com os bairros Colômbia, Porvenir e Umarizal. A acentuada aproximação geográfica promove um choque cultural e simultaneamente representa uma dinâmica social acelerada fazendo com que as línguas naturalmente entrem em conflitos;

c) a territorialidade vertical que se observa na cidade de Tabatinga, isto é, a dinâmica da concorrência de variantes hispânicas e portuguesa, foi um assunto já estudado por Viana (2019), no qual ficou constatado que léxicos hispânicos têm grande abertura no espaço brasileiro. O grau de difusão do espanhol na cidade brasileira foi tão representativo que, para alguns referentes léxicos, foi constatada a ausência de variante portuguesa, sendo, portanto, utilizada apenas a forma hispânica.

Faremos a seguir observações preliminares acerca da territorialidade horizontal e vertical observadas em Letícia e Santa Rosa. No entanto, antes de iniciarmos, gostaríamos de deixar claro que as observações apresentadas são de cunho puramente etnográfico, prescindindo de comprovação estatística prévia, mas

que poderão ser mantidas ou refutadas de acordo com a análise dos dados que ainda serão apresentados.

Em Letícia, observamos que a presença do português é bem menos expressiva se comparada à presença do espanhol na cidade de Tabatinga. Percebemos também que no domínio linguístico familiar, quando conformado por casamento inter-racial (brasileiro e colombiano), o espanhol é quase sempre a língua dominante.

Já a língua utilizada no comércio é menos restrita, pois é bem comum um brasileiro bilíngue entrar nas “tendas” colombianas falando em espanhol e, no exato momento, o vendedor realizar a transposição de seu discurso para a língua do cliente, a Língua Portuguesa.

Outro fato que chama a atenção é ausência da língua Portuguesa nas placas publicitárias em Letícia, uma vez que do lado brasileiro, o espanhol e português fazem concorrência nas placas comerciais, revelando a abertura e receptividade da língua espanhola em solo brasileiro.

De perspectiva contrária ao que ocorre na cidade brasileira, em Letícia não se observam palavras de origem portuguesa. Esse cenário enuncia que há um certo “resguardo” da língua espanhola dentro do território leticiano, uma vez que se privilegia sempre o uso do espanhol em suas apresentações comerciais.

Na ilha de Santa Rosa, observamos o predomínio do espanhol peruano nas ruas da cidade, no entanto, quando os moradores da cidade se reportam aos visitantes estrangeiros, privilegiam o uso do português. E nas relações familiares, mesmo em composição interétnica o espanhol é sempre dominante, embora seja possível constatar que o povo da fronteira peruano tenha uma atitude linguística positiva com relação à Língua Portuguesa.

Isso ficou evidente em algumas conversas informais e no fato de que alguns moradores da ilha afirmaram que matriculam seus filhos nas escolas de Tabatinga com o intuito de que seus filhos aprendam a língua portuguesa mais rapidamente.

O grande quantitativo de alunos peruanos matriculados nas escolas de Tabatinga demonstra o status sociopolítico de como o português é visto na fronteira peruana.

Diferentemente da realidade multicultural de Tabatinga, que recebe nas escolas brasileiras, peruanos, colombianos e indígenas, as escolas peruanas são compostas em sua totalidade por alunos peruanos moradores da Santa Rosa.

Com a discussão de língua de maior veiculação, tocamos no *status* sociopolítico e a posição das línguas em região de contato e, assim, chegamos, a um ponto importante nesta discussão.

A respeito do *status* das línguas, Altenhofen (2012) declara que, a depender do ponto de vista que se tome, a posição de cada língua pode variar dentro de uma mesma comunidade. Nesse sentido, as línguas podem ser classificadas como:

- a) Majoritária ou minoritária;
- b) Central ou periférica;
- c) Língua oficial ou marginal.

O autor ressalta que, embora o termo “marginal” seja concebido dentro uma noção pejorativa na língua portuguesa (s1 ‘situado à margem’ e s2 ‘fora-da-lei’), ele tem preferência em mantê-lo porque de fato designa um *status* sociopolítico das línguas.

Quando há coexistência de mais de uma língua na dinâmica linguística de dada sociedade, apenas uma língua pode ter o posto de oficial, restando às demais a posição de minoritária, periférica ou marginal.

O termo língua periférica é utilizado para designar as línguas minoritárias comparadas ao *status* com as demais línguas dentro de comunidades, isto é, “na periferia de línguas centrais e supercentrais” (DE SWAAN, 2001).

Com isso, de acordo com a concepção de Calvet (1999), a rivalidade entre línguas está em toda parte do mundo. Essas disputas ganham forças principalmente em regiões onde as línguas veiculares compõem o cenário linguístico.

Nesse conflito é natural que uma língua seja privilegiada em detrimento de outra, e aqui temos que deixar claro que isso não acontece de modo aleatório, uma vez que são ações deliberadas e conscientes, pois já é corrente o entendimento de que a língua é uma ferramenta de dominação.

Com o objetivo de demonstrar como as línguas são utilizadas de acordo com os critérios funcionais, Ferguson (1964) propôs o modelo diglótico, que trata fundamentalmente de como as línguas têm funções pré-determinadas e, na ação discursiva, o falante opta por qual delas quer se apresentar. Longe de ser neutra e aleatória, a escolha da língua é pautada por intenções e objetivos pessoais ou coletivos.

Altenhofen (2012) defende que, nos conglomerados linguísticos, cada sistema tem como base natural uma dinâmica que permite a todas as línguas um novo reordenamento.

Dessa forma, o caráter não rígido do status sociopolítico das línguas abre possibilidade para que mudanças se realizem e conduzam ao novo posicionamento social das línguas. Os fatores condicionantes são os responsáveis pelas movimentações rumo ao status social mais representativo.

Nesse ínterim, as mudanças passam a ocorrer dentro das relações que se estabelecem nas camadas sociais, através da difusão linguística coordenada pelas territorialidades. Dessa forma, determinadas línguas, além de consolidar os espaços já dominados, também avançam em direção a novos territórios, tornando-se cada vez difundidas socialmente.

Considerando que as línguas são passivas de mudança de status sociopolítico, na tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru, podemos perceber que, na cidade de Tabatinga, o Português tem o predomínio nas redes discursivas, sendo, portanto, uma língua majoritária.

Ao observar que o português tem o status de língua dominante em Tabatinga, imediatamente passamos a considerar que as línguas que compõem o cenário pluriétnico é constituído pelo português como língua majoritárias e pelo espanhol colombiano, pelo espanhol peruano e pelas as línguas indígenas (Tikuna, kambeba e kokama) como línguas minoritárias, uma vez essas línguas são mais utilizadas no domínio familiar, no comércio e dentro das colônias que se estabeleceram na cidade de Tabatinga.

No lado colombiano da fronteira, o espanhol também se consolida como língua dominante e o português e as línguas indígenas (yutotos) são línguas que convivem nas margens periféricas do povo leticiano.

O mesmo ocorre em Santa Rosa-Peru, onde o espanhol peruano tem total preponderância, mas também divide convívio com a língua portuguesa e as línguas indígenas que se difundem no território peruano, principalmente dentro das famílias inter-raciais.

Poderíamos aqui tratar o panorama linguístico da tríplice fronteira de forma simplista, afirmando apenas que as línguas oficiais de cada lado da fronteira correspondem à língua dominante de cada país.

Entretanto, a desconsideração das variáveis ditas como minoritária periférica e marginal anularia a possibilidade de revelar com aprofundamento vertical e horizontal o que de fato ocorre dentro da comunidade fronteiriça.

Compreender de modo amplo, tanto as abrangências e as especificidades do português, quanto do espanhol e das línguas indígenas no território investigado nos permitirá constatar a que ponto as línguas se misturam, se difundem e se interinfluenciam, demonstrando como a variação tem determinado a estrutura lexical das línguas e, mesmo com maior e o menor grau de utilização, as línguas devem ser legitimadas, para que, assim, consigamos chegar à descrição factível do panorama lexical da tríplice fronteira.

#### **4 A LEXICOLOGIA E O ESTUDO DE MUDANÇA ESTRUTURAL DE BASE**

Como se percebe, nosso estudo possui ancoragem nos pressupostos lexicais. Diante disso, julgamos necessário o aprofundamento teórico e epistemológico dos aspectos relevantes do percurso histórico do campo lexical.

Para tratar desse tema, consideramos importante dar início à discussão analisando as diversas definições que se têm do léxico. Em seguida, discutiremos as principais correntes teóricas que dão solidez aos estudos lexicais desde sua constituição até aos estudos mais recentes.

Para Bidermam (2001 p.13) “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”, e nesse processo, à medida que o homem nomeia, ele imediatamente o classifica.

Ferraz (2016, p. 10) confirma que “o léxico é um componente que se relaciona estreitamente com o conhecimento do mundo, [...] que é constituído por unidades criadas a partir da necessidade expressa pelos grupos sociais”.

Nesse sentido, o ato de classificar seres e objetos não ocorre de modo aleatório, uma vez que o processo classificatório obedece a *leis grupais*, isto é, os critérios de semelhança e distinções são indispensáveis para determinar as entidades. (BIDERMAM, 2001).

Embasados nesse pressuposto, poderíamos questionar: quais processamentos psicossociais internos e externos são mobilizados para a criação do léxico?

Bidermam (2001 p.13) advoga que são os “atos sucessivos de cognição de realidade [sensória] e de categorização de experiência” os responsáveis pela cristalização dos signos linguísticos que constituem o léxico. Dessa forma, com a associação das palavras ao conceito, o homem refinou o processo de classificação de forma ordenada, utilizando-se de uma “estratégia engenhosa” para associar o signo linguístico ao referente.

Compreendendo o campo movediço no qual as palavras se propagam dentro do sistema lexical, dois campos científicos ocupam-se do estudo das palavras.

Segundo Biderman, a lexicografia é a ciência do dicionário e se ocupa da descrição das palavras com as devidas classificações gramaticais. A lexicologia, por sua vez, é ciência que tem como objetivo a análise das palavras, da categorização lexical e também estuda a estrutura lexical.

Pela proposta teórica e metodológica definida, nosso estudo está embricado com os pressupostos da lexicologia. É em virtude disso, que passaremos a explorar com maior aprofundamento sua trajetória histórica.

#### 4.1 O percurso histórico da lexicologia

Abade (2012) afirma que embora a Lexicologia seja relativamente recente como campo científico, os estudos sobre o léxico remontam desde a antiguidade clássica.

Ao que tudo indica, o primeiro estudo lexicológico está datado por volta de IV a. c na Índia por Panini, que elaborou a primeira gramática da língua sânscrita. O estudo teve como principal objetivo sistematizar os aspectos fonéticos, fonológicos e morfológicos do sânscrito.

Panini teve a preocupação em construir uma gramática de acordo com uma perspectiva holística, de modo que o estudo de caráter descritivo considerou os traços distintos tanto da língua falada pelo corpo social quanto da língua utilizada na literatura clássica.

Outra proposta relevante deste estudo foi a consideração de aspectos de extrema importância para estudos atuais, que definem as palavras reais - que são as lexias e as palavras fictícias - que são os morfemas, o que contribui grandemente para os estudos lexicais.

Já por volta do século V a. C, os gregos se ocuparam do campo lexical antes mesmo de Platão, pois seus precursores já discutiam o problema do signo linguístico embasados nas teorias filosóficas e, assim, passaram a propor debates acerca da correlação semântica do signo linguístico.

Logo em seguida, os latinos empreenderam estudos direcionando o olhar para estrutura gramatical das línguas. O grande marco dessa vertente foi a compreensão dicotômica de língua como sistema e língua como norma.

Esse entendimento colaborou para o surgimento de novas correntes de estudo que agora passaram a se ocupar não apenas das descrições das línguas clássicas literárias, uma vez que passaram a dar mais atenção ao modo efetivo de como as línguas eram faladas pelas distintas camadas sociais.

Na idade média, o foco dos estudos voltou-se para a discussão da correspondência do signo e as motivações lexicais, que girou em torno de duas principais correntes, a *nominalista* e a *realista*, que também foram denominadas como *naturalismo* e *convencionalismo*.

O principal questionamento de ambas as correntes consiste na explicação dos critérios motivacionais no qual o ato de nomear se ancora. A nominalista ou naturalista advoga que os signos linguísticos estão intrinsecamente relacionados às ideias as quais representam.

A realista ou convencionalista defende que o nome de cada signo linguístico foi denominado arbitrariamente, isto é, sem nenhuma relação com a ideia por ele expressa.

Já no Renascimento, enquanto uma corrente ocupou-se da análise das palavras dentro da perspectiva filosófica, inaugurou-se uma nova proposta de investigação lexical por meio da elaboração de dicionários com o objetivo fazer uma sistematização mais apurada do léxico.

Em virtude do processo histórico que os estudos lexicológicos percorreram ao longo do tempo, Abade afirma:

Durante um bom tempo da história linguística os estudos lexicais foram deixados de lado em função dos estudos gramaticais. Quase nada se fazia com as palavras de uma língua além de organizá-la alfabeticamente e buscar suas definições a partir da literatura. (ABADE, 2012, P. 144)

Já no século XIX uma nova proposta de estudo redireciona os estudos linguísticos para um enfoque comparativo, quando as línguas passam a ser comparadas historicamente com atenção aos aspectos morfológicos e fonológicos.

Esse momento foi um marco histórico para a lexicologia, em virtude de inaugurar uma nova visão a respeito da língua, desvinculando o olhar estrito aos aspectos formais da gramática, passando agora a considerar os fenômenos *in vivo* que os falantes imprimem às línguas, estabelecendo, a partir de então, o estudo da língua falada como principal objeto de estudo.

Essa nova vertente trouxe ao cenário das discussões linguísticas, não apenas a desvinculação com a preocupação dos aspectos formais como fonte unívoca de entendimento da língua.

Sobretudo, ela contribuiu, para o rompimento do pensamento estritamente histórico da palavra, instaurando, portanto, o estudo do caráter semântico e sociocultural que constituem o signo linguístico, que até então fora desconsiderado dentro dos estudos históricos.

A esse respeito, Abade (2012, p. 144) pontua que “não há dúvidas de que estudar o léxico de uma língua é estudar a história e a cultura de quem utiliza essa língua”.

A partir das considerações voltadas em direção não mais estritamente histórica, mas bifurcada aos aspectos culturais que também demarcam às línguas, novas perspectivas de estudo passaram a analisar o léxico em toda sua integralidade.

Dessa forma, começaram a conceber o léxico em outras dimensões de análise, e os atravessamentos históricos, culturais, sociais e geográficos que condicionam as mudanças linguísticas.

A nova visão torna-se relevante à medida que deu sustentação para o surgimento de ciências como a Sociolinguística e a Dialectologia, que são ciências comprometidas com o estudo das mudanças diacrônica e sincrônica que ocorrem naturalmente em todas as línguas.

#### **4.2 Fundamentos conceituais da lexicologia: principais terminologias**

Por sua complexidade e múltiplas possibilidades concatenativas com outros elementos formais, são muitos os estudos que se dedicam a analisar o léxico das línguas.

Com uma propriedade polivalente, o sistema lexical é categoricamente maleável e receptivo, isso permite com que o léxico ganhe novas configurações fonológicas, semânticas e morfológicas.

Aqui se torna necessário, tratar a distinção que se faz entre *sistema*, *norma* e *fala*, pois é nesse espaço que os léxicos são gerados, podendo ocorrer sua consolidação ou extinção das línguas.

Para discutir essa dicotomia, Coseriu (2002) elevou a discussão a um outro nível que Saussure realizou no corte saussuriano, quando propôs a dicotomia “*langue*” e “*parole*”.

Para Saussure, a língua é um sistema abstrato e a fala é concretização efetiva do sistema. Ao se respaldar no modelo saussuriano, Coseriu (1973 p. 98) passou a conceber a língua sob três possibilidades de abstração.

A primeira é a noção de **sistema**, que o autor descreve como “caminhos abertos e caminhos fechados” que caracterizam todas as línguas. Em se tratando da produtividade do sistema, ele coloca em evidência as múltiplas possibilidades em que as palavras podem ser geradas.

A respeito do caráter “aberto” que constitui o sistema linguístico proposto por Coseriu, Cristianini (2012 p. 107) destaca que é “um conjunto de liberdade que se reporta à inovação desde que não sejam afetadas as condições funcionais do Sistema”.

Entretanto, Coseriu reforça que essas possibilidades não são fortuitas, à medida que também considera o sistema como “fechado”, apontando para a existência de regras que limitam essas possibilidades.

A esse respeito, Cristianini (2012 p. 107) descreve que “é um conjunto de prescrições, imposições, definidor da parte normativa que mantém a estabilidade do sistema linguístico”.

A segunda é a noção de **norma**, que de acordo com Rosa (2006 p. 246) a “é o que resolvemos fazer com o sistema, [isto é], que o costume autoriza”.

De modo mais simplista, consiste no conjunto de possibilidades que um léxico tem de se modificar no sistema, condicionado pelas configurações sociais e culturais.

É dessa forma que surge a língua privilegiada, enquanto outra gradativamente vai perdendo espaço. Desse modo, imediatamente nos deparamos com a dinâmica do confronto que a norma linguística imprime às línguas.

Pois, esta tem o poder de expressar a distinção ambivalente que caracterizam determinadas comunidades. Assim, a norma da língua pode tomar várias direções. E,

é por este motivo que Rosa (2006 p. 247) esclarece que “existe um léxico do sistema e um léxico da norma”.

A fala, por sua vez, é onde ocorre a manifestação concreta do sistema, sua efetivação se dá durante a interação discursiva entre os usuários da língua. É justamente por constituir-se de um caráter volúvel, que podemos perceber na fala a máxima expressão da variação. Isto ocorre, porque à medida que as infinitas possibilidades do ato comunicativo são realizadas, imediatamente abrem-se possibilidades de mudanças que gradualmente vão sendo incorporados no sistema.

Respaldando-nos na definição de Abade (2012 p, 145), passaremos agora a analisar algumas nomenclaturas importantes para melhor compreensão do nosso objeto de estudo. Para tanto, discorreremos a definição da *palavra*, da *lexia*, do *vocábulo* e do *termo*.

Abade (2012) esclarece que por vezes os conceitos de palavra, lexia, vocábulo e termo são tomados indistintamente, classificando-os até mesmo como sinônimos. Mas ela declara que não se pode colocá-los numa mesma perspectiva nominativa, já que cada uma recai sob um escopo teórico-pragmático.

Se discutida sob o viés etimológico, a palavra vem do grego *palabolé* e transpôs-se para *parabole*, *termo*, ou *vocábulo*. Dessa forma, Abade orienta que devem ser estudadas de forma criteriosa e segmentadas de acordo com suas significações inerentes. No quadro 1 discutiremos os principais termos:

#### **Quadro 1 – Conceito de palavra, lexia, termo e vocábulo**

Descrição conceitual	
<b>Palavra</b>	A <i>palavra</i> é definida como um termo genérico que tem a função de nomear as coisas do mundo físico ou simbólico. É o conjunto de palavras que constrói um discurso, “é uma unidade significativa que abrange diversas significações do conteúdo linguístico”.

Lexia	É a unidade significativa do léxico de uma língua, ou seja, uma palavra que tem significação lexical.
Termo	O termo nada mais é do que a palavra particular de uma ciência de arte, de ofício, de profissão, ou seja, uma palavra utilizada em contexto específico.  Diferentemente da palavra, o termo tem seu significado assegurado, mesmo fora do contexto, ou seja, isoladamente e pode ser composto por uma ou mais palavras.
<b>Vocábulo</b>	O vocábulo é a palavra considerada apenas quanto à forma, independente da significação que nela se encerra, ainda que na língua corrente, o vocábulo e a palavra sejam tomadas como sinônimos.

**Fonte: Modelo conceitual de Abade (2012)**

### **4.3 As determinações culturais na mudança da estrutura lexical em comunidade fronteiriça**

Como já mencionado na seção anterior, o sistema lexical não é rígido, tampouco compacto, pois se constitui de uma plasticidade extremamente maleável, a ponto que o ato discursivo permite com que o falante opere mudanças através das múltiplas possibilidades concatenativas e não concatenativa que a língua o possibilita.

Mas a que se refere a propriedade concatenativas e não concatenativas que constituem a categoria lexical?

Para explicar esses processos, Bevilacqua e Silva (2021) lançam mão dos principais processos formadores de palavras e discutem termos já bem difundidos no estudo de formação de palavras: a derivação e a composição.

Com o objetivo de clarificar os dois processos, Borba (2003, p. 44) esclarece que a composição está intimamente associada a formação de palavras a partir das (*formas livres* [mestre + sala] = mestre-sala, [passa + tempo] = passatempo), enquanto a derivação está relacionada na junção de um radical a uma ou mais

formas presas. Assim, têm-se: [favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente].

Ainda que estas formas sejam essencialmente gerais no processo de formação de palavras, ainda há no português uma segunda possibilidade de formação lexical, são os chamados processos marginais que de acordo (JENSEN, 1991 apud GONÇALVES, 2006, p. 220), são formações “malcomportadas”.

Isto porque não são geradas a partir de um processo puramente morfológico, haja vista que é a propriedade suprasegmental quem determina a formação de uma nova palavra. O que deixa claro a intrínseca relação entre a morfologia e a fonologia, como nos exemplos a seguir: apê (apartamento), Lu (Luciana). Nesse caso, tem-se um processo denominado braquissesmia. De acordo com Margotti (2011), incluem-se ainda como processos marginais de formação de palavras a acrossemia ou acronímia (formação de siglas, como em ONU, Nasa, INSS etc.), a fonossemia (formação de onomatopeias, como em blá-blá, vovó, iaiá etc.), hipocorísticos (Tonho por Antônio, Chico por Francisco etc.) e os oniônimos, que representam marcas e produtos (melhoral, omo, sonho de valsa, Brastemp etc.).

Desse modo, percebemos que os exemplos apresentados ilustram que os processos de derivação e composição são baseados em estrutura puramente morfológica, enquanto os de natureza mista decorrentes de processos marginais são de estrutura fonomorfológica, como (Bevilacqua e Silva, 2021) apresentam os exemplos abaixo:

a) cruzamento vocabular: sobreposição de palavras: (Carnaval + natal → carnatal), (monstro + menstruada → monstruada).

b) truncação: redução de uma palavra, sem alteração de significado: (cerveja → cerva), (flagrante → flagra).

c) siglação: formação a partir de letras iniciais de palavras: (Faculdade de Engenharia Civil → FEC [ˈfɛ.kɪ]), (Banco Brasileiro de Descontos → Bradesco).

d) reduplicação: repetição de sílabas ou palavras: (mata-mata), (pega-pega), (blá-blá-blá).

Justamente por essas possibilidades de movimentação em direção às mudanças, o léxico é visto como “microcosmo lexical” e, portanto, deve ser analisado

a partir dos eixos paradigmático e sintagmático, pois só assim poderão ser reveladas todas suas possibilidades combinatórias e associativas.

Como é possível observar na discussão acima, são várias as possibilidades de mudança no item lexical, o que inconstestavelmente modificam e redefinem todo sistema linguístico.

A respeito destas mudanças que ocorrem nas línguas, Biderman (1978 p. 139) reafirma que as potencialidades imanentes do “léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos”.

Com isso, chegamos à conclusão de que, por mais que se tente esquadrihar os limites das mudanças lexicais, tem-se ainda um solo movediço, regido por intersecções instáveis, justamente em virtude da plasticidade lexical. Mas aqui é importante registrar que não encaramos essas “imprecisões” ou “indefinições” como não-sistemáticas, pois ocorre justamente o oposto, visto que todas as mudanças deixam rastros que, por meio da Dialologia Pluridimensional, podem ser descritos e identificadas a variação e a mudança. Discutidas as mudanças que ocorrem na base da estrutura lexical, agora passaremos a discorrer as mudanças decorrentes nas significações, isto é, na semântica interna do léxico. Lehmann (1992), baseado na postulação de Meillet (1926), advoga que podem ocorrer três tipos de mudanças na base semântica:

- i) a primeira delas é a “mudança de contexto”, quando determinadas palavras são modificadas devido ao contexto no qual são aplicadas;
- ii) a segunda é proveniente da mudança de referência, ou o modo de enxergar um objeto é modificado, o que ocorre quando uma palavra, mesmo com sentido cristalizado, passa a se referir a um outro item;
- iii) a terceira mudança ocorre por influência de outras línguas, que se realizam por meio dos empréstimos linguísticos, os quais, de acordo com Lehmann (1992), é processo que mais opera mudanças no sistema lexical, pois resulta de sanções históricas, sociais, geográficas e linguísticas.

#### 4.4 Tipos de empréstimos linguísticos

As mudanças que ocorrem no sistema lexical decorrentes dos empréstimos linguísticos é o que vamos explorar com maior aprofundamento devido ao nosso interesse em analisar como a interação entre os falantes da tríplice fronteira têm contribuído para a mudança do sistema lexical fronteiriço.

De início, partimos da hipótese de que o estreitamento das relações entre brasileiros, colombianos e peruanos movem a estrutura social das comunidades envolvidas, tornando-as fluidas a ponto de que as assimilações culturais e linguísticas sejam marcas efetivamente naturais. A respeito disso, Lehmann (1992) pontua que há vários tipos de empréstimos que geram mudanças, seja elas de base fonêmica, morfológica ou semântica.

Dessa forma, há empréstimos que trazem os mesmos segmentos fônicos das línguas no qual foram tomadas e, ao manter os mesmos fonemas, “imitam” as palavras da língua estrangeira como em poet “poeta” do inglês, cujo empréstimo para o francês conservou os traços fônicos do inglês.

Outro exemplo desse tipo de empréstimo são as palavras do inglês [oxygen, hydrogen, telephone] que, de acordo com o autor, são formas combinatórias que formam unidades vocabulares exatamente iguais às da língua grega. Pela estreita relação com os traços fônicos, têm-se preferência em designá-los como *empréstimo segmental*.

Há outra categoria de palavras que foram emprestadas via tradução que mantêm os mesmos traços morfemáticos das línguas de origem, isto é, na transposição para outra língua, os morfemas e os significados das palavras são preservados, como *handbook*, ou a tradução do latim *manuālibus*= *liber*, da qual provém a forma abreviada *manual* do português.

Outro exemplo são as palavras geradas pelo processo de tradução como os dias da semana nas línguas germânicas: [Monday = Montag], [diēs Lunae “dia da deusa da lua”], [diēs Martis = “dia de Marte”]. Essas palavras foram introduzidas no sistema linguístico como neologismos, criados a partir de empréstimos traduzidos, trocados ou calcos.

Há outro tipo de empréstimo linguístico que, ao transpor-se para a língua de destino, sofre uma mudança na unidade significativa.

Desse modo, a palavra se modifica no aspecto fônico ou morfológico, refletindo, então, a mudança na significação, como no inglês antigo a palavra “dwellan” que possuía o significado de “desviar”, “descaminhar”, “levar fora do caminho”, porém, sob influência da língua do norreno/nórdico antigo, chegou ao significado atual como se conhece hoje “viver” ou “morar”.

Aqui chegamos ao entendimento de que as línguas possuem uma capacidade natural para as mudanças, sejam elas internas, sejam externas. O fato é que são potencializadas pela influência de outras línguas, que mais objetivamente podemos notar em comunidades que partilham áreas geograficamente difusas e apresentam mudanças na estrutura lexical como fator inegável.

Ao analisar a dinâmica de como essas transformações ocorrem no território linguístico, imediatamente somos levados a considerar os pressupostos basilares de Benveniste (1995, p. 27), que diz: “é dentro da, e pela língua que indivíduos e sociedade se determinam mutuamente”. Esse entendimento reflete bem a noção de mudança que está entrelaçada nas demarcações culturais e linguísticas da tríplice fronteira.

Nesse sentido, os valores culturais intermediam as mudanças no sistema linguístico que são regidas pelas interações entre falantes de línguas distintas, pois, como afirma Laraia (2001, p, 52), “a linguagem humana é produto da cultura” e isso demonstra como os relevos sociais, culturais e linguísticos são indissociáveis.

Assim, nos deparamos com a língua no sentido de função social “não é a língua que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como língua”. (BENVENISTE, 1989, p. 47)

Estes são os fundamentos que se realizam na língua, na cultura e na sociedade, é nesse processo que a interação social e linguística funciona como uma engrenagem que determina as características fundamentais dessas comunidades.

Aqui passamos a advogar que essas relações contribuem para o surgimento de mudanças lexicais, pois, à medida que há o estreitamento das relações entre povos distintos, gradativamente haverá configurações, não apenas nas

engrenagens sociais, mas também nos sistemas linguísticos envolvidos, que sofrerão adaptações que tocarão fundamentalmente o universo das palavras ao ressignificar as referências.

É por este motivo que Rocha, Galelli e Zanchetta (2016) afirmam que não se pode negar que nas unidades lexicais das línguas estão impregnadas em seu bojo pelas práticas socioculturais, que são partilhadas mediante a interação entre culturas e línguas diferentes, o que indubitavelmente determina o surgimento de novas estruturas linguísticas, isso porque “as relações entre os fenômenos deixam marcas no corpo da linguagem” Alfredo Bosi (1992, p. 11).

Daí se firma a importância do estudo do componente cultural das comunidades para a compreensão dos usos linguísticos. Foi em virtude disso que Galisson (1987 apud BARBOSA, 2008/2009) propôs o conceito de lexicultura, para ressaltar a interseção existente entre o léxico e a cultura. O principal postulado desta corrente é a diversificação das palavras devido às sanções culturais.

É nessa linha argumentativa que Barbosa (2008/2009) aponta que o ponto de partida é o discurso ou interação cotidiana, que tem o poder de determinar a variação e a mudança na língua, pois o discurso tem a capacidade de integrar e associar, deixando de lado a separação dos componentes comunicativos por um processo dinâmico de complementariedade.

A esse respeito, Rocha, Galelli e Zanchetta (2016) ressaltam que a concepção da lexicultura evoca as nuances subjacentes das unidades lexicais, isto é, a integralidade não só formal, mas acima de tudo a história da palavra, sua utilização dentro dos diversos contextos de fala, a manutenção ou inovação do significado das palavras no recorte diacrônico e também como as práticas sociais são definidoras nas enunciações comunicativas.

É nesse ponto crucial que Galisson (1987) ressalta que o léxico é marcado culturalmente e explica que as palavras que compõem o acervo lexical das línguas possuem carga cultural compartilhada e tem a capacidade de modificar seu significado através das experiências e das trocas simbólicas entre as culturais coexistentes. Em vista disso, entende-se que são as experiências culturais, a inserção em contextos diferenciados nas práticas linguísticas e sociais que demarcam o universo lexical de um povo.

Diante disso, quando surgem os empréstimos decorrentes da mudança de significados que ocorrem na transposição de uma língua para outra, novos itens lexicais vão surgindo e gradativamente vão permeando-se no sistema linguístico de destino, os quais são chamados de empréstimos por extensões linguísticas.

Desse modo, o empréstimo é um fenômeno que contribui para o surgimento de padrões linguísticos distintos onde duas forças passam a operar, e, assim, as características lexicais passam a variar por meio de unidades variáveis.

De acordo com Rena Torrii (2007), as mudanças provenientes dos empréstimos linguísticos ocorrem em virtude do próprio caráter renovador do sistema lexical.

De acordo com Bloomfield (1933), os empréstimos lexicais podem ser sistematizados e classificados em três categorias :

- a) Empréstimos culturais;
- b) Empréstimos dialetais;
- c) Empréstimos íntimos.

Para ele, o empréstimo cultural é o resultado dos contatos políticos, culturais ou comerciais entre povos diferentes. Já o empréstimo dialetal surge entre falantes da mesma língua, que em interação linguística absorvem as variantes regionais, sociais ou jargões do outro. Os empréstimos íntimos são os que se realizam por meio da convivência de mais de duas línguas em um mesmo território.

Diante disso, nos chama atenção os empréstimos linguísticos íntimos, no qual podemos correlacionar que a estreita relação entre moradores de Tabatinga, Letícia e Santa Rosa está implementando mudanças no sistema lexical dessas comunidades interétnicas.

Compreendendo que são os próprios membros das comunidades que operam a mudança lexical, resta-nos entender como é o processo de integração de uma unidade léxica no sistema linguístico fronteiriço.

Para tanto, discutiremos os pressupostos de Carvalho (1989), que organizou de forma sistematizada como os empréstimos se integram e se difundem no sistema linguístico.

Conforme a autora, tudo se inicia quando um item lexical se introduz da língua fonte (A) para a língua receptora (B). Ela representou as etapas da integração de uma unidade estrangeira por meio do seguinte esquema:

C1 Palavra estrangeira

C2 Estrangeirismo

C3 Empréstimo

C4 Xenismo

**Fonte: Carvalho, 1989.**

Como é possível analisar no esquema acima, o processo de integração de uma palavra em um sistema linguístico obedece a quatro etapas. A primeira delas é a C1), que representa a existência de uma unidade lexical na língua A; a segunda fase é C2, que representa a utilização desta mesma variante na língua B, estágio em que a unidade léxica é considerada como estrangeirismo e ainda não está integrada ao acervo lexical dos falantes da língua de destino; na fase C3, ocorre o efetivo empréstimo com adaptação de qualquer natureza, e, nesse estágio, passa-se a considerar a palavra inserida no sistema; a etapa C4 ocorre quando não se percebe nenhuma adaptação para língua de destino e mantêm-se todas as estruturas morfológicas e fonológicas, sendo chamados de xenismo.

Para ilustrar a integração léxica como xenismo, Carvalho utiliza a lexia *show* como exemplo, uma vez que durante seu processo de integração na língua portuguesa a unidade léxica não sofreu nenhuma mudança em sua base estrutural, do contrário de palavra *estresse* oriunda do inglês *stress*, na qual é possível perceber mudanças fonomorfológicas que se consolidaram ao serem inseridas no sistema linguístico brasileiro.

Já na visão de Alves (2002), na fase inicial o item estrangeiro não é considerado parte do sistema, uma vez que ele ainda não é uma unidade léxica consolidada no repertório dos falantes de dada comunidade.

Na etapa inicial, quando o termo é empregado, imediatamente é acompanhado por tradução. Somente após a integração no sistema, quando passa a ser considerado como empréstimo, esse novo status é atualizado à medida que a lexia “ganha adaptação gráfica, morfológica ou semântica”. (ALVES, 2002, p. 77)

Defendendo um ponto de vista mais formal, Biderman (2001) faz a divisão do empréstimo linguístico em três tipologias:

- a) o decalque, que é a reprodução da forma original na língua receptora, sem alterações;
- b) o processo adaptativo da unidade lexical estrangeira às características fonéticas e gráficas do português brasileiro, como ocorre em: boicote (boycott), clube (club), coquetel (cocktail);
- c) e a incorporação do vocábulo e a preservação de todas as suas características originais, a exemplo, na língua portuguesa, de: best-seller, check-up, close-up, gangster, shopping-center, show.

Através das discussões até aqui fomentadas, a concepção de Biderman (2001) é mais abrangente no que tange aos empréstimos linguísticos, pois de acordo com a autora, tanto os itens estrangeiros que se inserem na língua receptora, quanto os que já apresentam adaptação são considerados na categoria de empréstimo linguístico.

Por esse motivo, no presente trabalho adotaremos a definição de Biderman (2001) que admite que os itens lexicais transpostos da língua A para língua B são classificados como empréstimos, independentemente das modificações ou conservação da unidade léxica emprestada.

## 5. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa baseia-se nos pressupostos metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional e da Geolinguística. Essa vertente teórico-metodológica utiliza-se de parâmetros diatópicos, sociais e diafásicos com o objetivo de descrever com profundidade como a variação linguística opera tanto na perspectiva horizontal (espaço geográfico) quanto na vertical (estratos sociais e diafásicos) e relacional (comparação entre os distintos parâmetros das dimensões espaciais, sociais e estilísticas).

O aporte da Dialetoologia Pluridimensional considera indispensável que o construto metodológico deve primar por uma visão dualista entre a diatopia e as considerações dos aspectos sociais em que os falantes estão imersos, além dos diferentes estilos de enunciação.

Em linhas gerais, considera-se que os fatores espaciais, sociais e estilísticos têm influência direta no surgimento da variação. Ao admitir a correlação entre aspectos geográficos, sociais e as diferentes estilos de fala, a Dialetoologia e a Sociolinguística são evocadas automaticamente para assumir o ponto de partida na análise dos fenômenos observados. Conquanto lidem de forma diferente com o mesmo fenômeno, são áreas que tocam em um ponto comum da língua: a variação linguística.

Brandão e Moraes (1991, p.49) declaram-se favoráveis ao construto metodológico baseado nos aportes diatópicos e sociais, posto que “já se tornou corrente a afirmativa de que o destino da dialetologia horizontal depende da sua capacidade de assimilação dos princípios metodológicos da sociolinguística”.

Resta-nos razoável considerar que tanto a Dialetoologia quanto a Sociolinguística são ciências que se complementam, e que, portanto, são indispensáveis na identificação, descrição e análise da variação linguística nos mais diversos níveis da língua. “A primeira parte fundamentalmente da noção de espaço, enquanto a outra, dos fatores de ordem sociocultural que determinam as variações linguísticas” (FIGUEIREDO, 2013, p. 189).

Thun (2009, p. 536) advoga que reduzir os estudos de variação linguística à contemplação de apenas uma perspectiva de estudo, seja a diatópica, seja a diassocial, compromete a descrição minuciosa e factual do fenômeno linguístico.

Se olharmos apenas em direção do enfoque da Dialetoлогия tradicional, trataremos de uma visão reducionista da variação espacial, o que nos leva a considerá-la como “má dialetologia”. Se, porém, privilegiarmos a perspectiva Sociolinguística, ela também será considerada como “má sociolinguística”, já que nos limitaremos apenas à variação que se aplica nos estratos sociais, sem considerar como a variação se propaga dentro do espaço geográfico.

Logo, não há dúvida que “era não só inevitável como necessária a junção da dimensão diatópica aos fatores sociais diante da realidade linguística que se pretende descrever” (MARQUES E ALMEIDA, 2020, p. 180).

Foi a partir desse entendimento que se passou a compreender que o estudo da variação geográfica dissociado da variação dos estratos sociais não representa na íntegra as mudanças (intra e extra) linguísticas a que todas as línguas naturais estão sujeitas.

Foi justamente a necessidade de unir os dois pressupostos que fez surgir a Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional. Dessa forma, a variação linguística passou a ser estudada pelo padrão tridimensional: o eixo vertical (sociolinguístico) e o eixo horizontal (espaço geográfico), com possibilidade de relacionar distintos parâmetros desses dois eixos da variação linguística, além dos aspectos relacionados ao estilo e contexto da enunciação.

Com o foco na variação existente no sistema linguístico, a Dialetoлогия Pluridimensional considera que é por meio da complementação dos pressupostos dialetológicos e sociolinguísticos que se permitem descrever com exatidão e de forma factível as explicações dos fenômenos linguísticos.

Apesar da distinção entre as duas vertentes teóricas, a Sociolinguística e Dialetoлогия possuem limites de atuação muito próximos. Cada uma a seu modo estende a observação em pontos específicos da língua com o objetivo de explicar como os fenômenos linguísticos difundem-se dentro do espaço geográfico e social.

Após essa breve discussão a respeito da amplitude da Dialetologia Pluridimensional, facilita-nos justificar a escolha do método geolinguístico, dado que sua extensão metodológica nos permitirá descrever o panorama linguístico da tríplice fronteira de forma real, coerente e factível.

Cumpramos mencionar que nossa análise estará voltada não apenas para generalizações, mas também atentaremos para as minúcias contrastivas de itens lexicais. Isso nos permitirá compreender como o cenário plurilíngue da fronteira tem contribuído para que a mistura lexical atue como ponte de influência, visto que é corrente o entendimento que a variação se legitima por falantes “geograficamente situados, mas socialmente comprometido em múltiplas direções” (CARDOSO, 2010, p.63).

Como procedimento inicial, fizemos a seleção dos pontos que seriam a base para a coleta de dados. Em razão de a proposta ser a realização de um microatlas plurilíngue dos aspectos lexicais na tríplice fronteira, evidentemente consideramos indispensável a participação de informantes dos três países.

Para tanto, os pontos de inquérito foram selecionados a partir da avaliação minuciosa do histórico da área, a posição geográfica da localidade e o fluxo de pessoas. Dessa forma, alinhamo-nos a Margotti (2004) que, em sua pesquisa, atentou para as circunstâncias de colonização e ocupação da área a ser pesquisada com objetivo de obter dados da amostra que se distinguíssem.

Como é possível depreender no Quadro 1, foram investigados informantes das três cidades que formam a tríplice fronteira, para que, assim, seja possível descrever como a categoria lexical do português e do espanhol tem implementado mudanças devido ao intenso contato entre as línguas.

**Quadro 2** - Pontos de inquérito

<b>Ponto</b>	<b>País</b>	<b>Descrição dos pontos</b>
<b>01</b>	Brasil	Tabatinga
<b>02</b>	Colômbia	Letícia
<b>03</b>	Peru	Santa Rosa

**Fonte: Elaborado pela autora**

Após estipular os pontos de inquérito, realizamos um estudo dos aspectos históricos, geográficos, socioeconômicos e culturais das cidades a serem pesquisadas, visto que tais informações serão relevantes para a análise e compreensão dos dados linguísticos investigados.

Cumprido o levantamento dos aspectos sociais e culturais das cidades, iniciamos a pesquisa de campo com a aplicação do questionário semântico-lexical contendo 152 perguntas de acordo com os campos semânticos meio físico (fenômenos da natureza), meio biótico (fauna e flora) e meio antrópico (homem e suas atividades de produção).

As perguntas do questionário foram baseadas no Questionário do Atlas linguístico do Brasil (ALiB) e no Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM). Além disso, consideramos relevante também acrescentar questões relativas a vocábulos relacionados à cultura e práticas sociais e econômicas dos habitantes da fronteira.

O processo de inserção de itens no QSL tem o propósito de contemplar a fala local e também nos alinharmos a alguns princípios estabelecido por Altenhofen (2004), segundo o qual, na elaboração do questionário, devemos atentar para: i) maior número de variáveis distintas relativas ao contato; ii) abrangência e amplitude de dados; iii) inclusão de questões mais relevantes, agregando principalmente as de cunho social e coletivo; iv) priorizar um olhar em diferentes direções das áreas do conhecimento como a história, a sociologia e a antropologia, entre outros; v) buscar uma metodologia de coleta adequada; e, vi) selecionar dados que permitam a comparação dos dados da pesquisa com outros estudos.

O questionário foi estruturado a partir de perguntas indiretas como advoga Labov (1972). Esse tipo de questionário tem a finalidade de demonstrar o vernáculo do falante, uma vez que conduz a uma fala espontânea e, com isso, revela o verdadeiro comportamento discursivo utilizado em situações reais do uso. Com o objetivo de facilitar as entrevistas, utilizamos imagens dos referentes para cada questão, fornecendo maior fluidez às entrevistas e segurança na validação das respostas.

O processo de seleção de informantes foi baseado no ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) no qual ficou definido que duas faixas etárias representariam as gerações de fala, ficando, assim, estabelecido que a faixa etária I compreenderia os falantes entre 18 a 30 anos; e a faixa II, os de 50 a 65 anos.

Privilegiar esse distanciamento entre as faixas permite demonstrar como a variação e a mudança se inserem nessas comunidades de fala, e, sobretudo, permite-nos confrontar as diferentes falas entre as gerações sucessivas (CARDOSO; MOTA, 2005).

Com objetivo de estratificar as variáveis de modo considerável, em cada ponto de inquérito foram entrevistados quatro homens e quatro mulheres com dois graus de escolaridade diferentes (analfabeto e semianalfabeto – ESC 1 e ensino médio completo ou incompleto – ESC 2), bilíngues e monolíngues, de bairros distintos (central e periférico), que totalizarão 48 informantes.

Adotamos essa estratificação social, que valida os pressupostos da Dialetoлогия Pluridimensional, posto que, ao contemplar as diferentes dimensões (dois sexos, dois graus de instrução e duas faixas etárias), além da dimensão dialingual, visto que investigamos falantes brasileiros, colombianos e peruanos (bilíngues e monolíngues), também nos consideramos na dimensão diazonal com falantes de (bairro central e bairro periférico).

Desse modo, tivemos a intenção de pôr em evidência que o estudo possui abrangência metodológica e que, de certo, contribui para uma expressiva representação da realidade linguística e das modificações das línguas nos diferentes estratos sociais da tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru.

Recorremos também a Ferreira e Cardoso (1994), que consideram que a seleção dos informantes deve, em primeira análise, observar o local de nascimento do entrevistado, assim como também o tempo de permanência no ponto investigado.

Em vista disso, durante a seleção de informantes, privilegiamos falantes nascidos na localidade, isto é, todos os falantes do ponto 01 nasceram em Tabatinga-AM e afixados o maior tempo da vida no lugar. Essa estratégia também foi adotada no ponto 02 (Letícia) e o ponto 03 (Santa Rosa).

Cumpramos ressaltar que não consideramos o lugar de nascimento dos pais e cônjuge, em vista de estarmos analisando comunidades com características pluriétnicas, nas quais os casamentos inter-raciais compõem a maioria de lares da região, dificultando, portanto, o controle dessa variável.

De acordo com critérios definidos no Quadro 2, que sintetiza o perfil de cada informante, a recolha e interpretação dos dados permitiu analisar de modo contrastivo como os itens lexicais dos falantes da fronteira têm convergido ou diversificado conforme o lugar que o falante ocupa dentro dos mais variados estratos sociais.

**Quadro 3 – Perfil dos informantes**

INFORMANTE	SEXO	FAIXA ETÁRIA	DIALINGUAL	ESCOLARIDADE	DIAZONAL
1 (H1)	Homem	18-30	Bilíngue	Analfabeto/Semi analfabeto	Bairro Periférico
2 (M1)	Mulher	18-30	Bilíngue	Ensino Médio completo ou incompleto	Bairro Central
3 (H2)	Homem	50 a 65 anos	Bilíngue	Analfabeto/semianalfabeto	Bairro Periférico
4 (M2)	Mulher	50 a 65 anos	Bilíngue	Ensino médio completo ou incompleto	Bairro Central
5 (H3)	Homem	18-30	Monolíngue	Analfabeto/semianalfabeto	Bairro periférico
6 (M3)	Mulher	18-30	Monolíngue	Ensino Médio completo ou incompleto	Bairro Central
7 (H4)	Homem	50 a 65 anos	Monolíngue	Analfabeto/semianalfabeto	Bairro Periférico
8 (M4)	Mulher	50 a 65 anos	Monolíngue	Ensino Médio completo ou incompleto	Bairro Central

**Fonte: Elaborado pela autora**

Como é possível apreender pela estratificação dos informantes sistematizada no quadro acima, o método geolinguístico persegue a variação, a fim de descrever como os fenômenos linguísticos difundem-se na fala dos diferentes estratos sociais de uma sociedade e no espaço geográfico.

Conforme foi dito antes, na presente pesquisa atentamos para as considerações dos eixos vertical (fatores sociais) e horizontal (espaço geográfico) com o objetivo de demonstrar de forma simultânea como os aspectos sociais e geográficos determinam a fala dos falantes da tríplice fronteira. Nessa perspectiva, a Dialectologia Pluridimensional possibilita uma visão ampla e, ao mesmo tempo, minuciosa, permitindo uma descrição geral e específica dos fenômenos linguísticos observados.

Com a proposta de sistematizar as variáveis que interseccionam a variação dentro de grupos sociais, Thun (1998) propôs diversas dimensões de análise, às quais foram sistematizadas e acrescentadas outras dimensões, a exemplo de Margotti (2004): diatópica (variação geográfica); diastrática (variação por classe social); diageracional (variação pela faixa etária); diagenérica ou diassexual (variação por sexo), dialingual (variação contatual); diafásica (variação estilística); variação diarreferencial (conhecimento e avaliação da língua pelos falantes); cinética (variação associada a falantes topoestáticos e a falantes topodinâmicos).

Em nossa pesquisa, consideramos as dimensões extralinguísticas relacionadas a seguir:

**Quadro 4** – Dimensões e parâmetros da pesquisa

DIMENSÕES	PARÂMETROS
Diatópica	Tabatinga (Brasil), Letícia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru)
Diazonal	<p><b>Tabatinga:</b> Central (Comunicações) Periférico (Vila Paraíso)</p> <p><b>Letícia:</b> Central (Porvenir) Periférico (Umarizal)</p> <p><b>Santa Rosa:</b> Central (Mi Peru) Periférico (28 de Julio)</p>

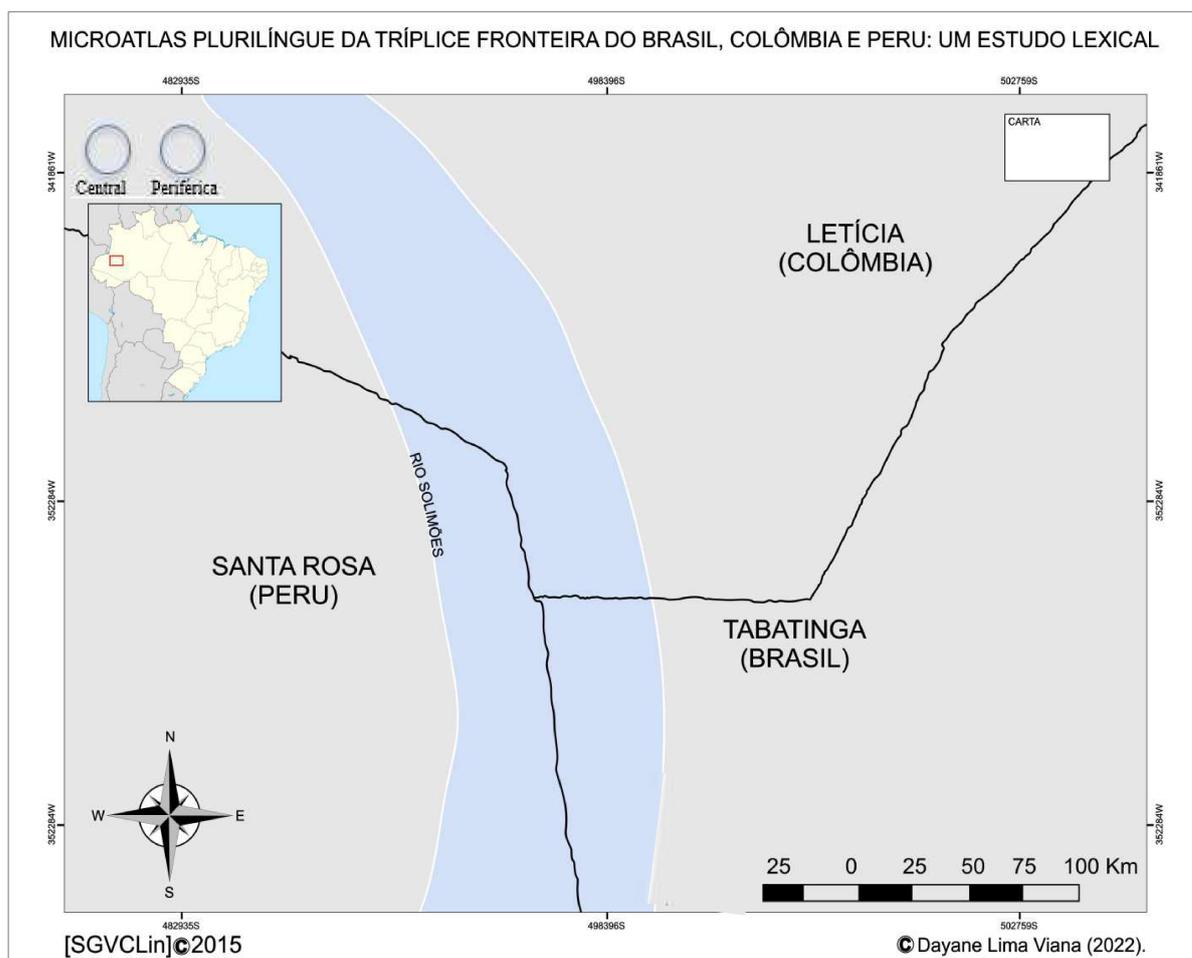
Diageracional	Geraçã  o de 18 a 30 anos Geração de 50 a 65 anos
Diassexual	Falantes do sexo masculino Falantes do sexo feminino
Diastrática	Analfabeto\ semianalfabeto Ensino médio completo ou incompleto
Dialingual	Bilíngues e monolíngues

**Fonte: Elaborado pela autora**

O controle das variáveis extralinguísticas nos permitiram a comparação e o contraste dos itens lexicais nos três territórios simultaneamente e, também, a identificação dos falantes mais receptivos às inovações linguísticas e dos mais conservadores dentro de suas comunidades de fala.

O mapa-base foi confeccionado no programa *CorelDraw*, a fim de servir como suporte para inserção e visualização das ocorrências linguísticas e sociais dos dados investigado.

## Mapa base



**Fonte: Elaborado pela autora**

O mapa tem a finalidade de servir de suporte visual a fim de demonstrar as ocorrências linguísticas que foram representadas por meio de ícones de cores diferenciadas com o propósito de demonstrar cada variante mencionada pelos informantes.

Com o objetivo de melhor visualização do espaço geográfico, optamos por representar no mapa base os aspectos mais relevantes da tríplice fronteira, considerando, assim, as interseções limítrofes entre os três países.

Desse modo, no mapa base está explícito a conurbação urbana existente entre Tabatinga e Letícia e a divisão fluvial das duas cidades com relação a cidade peruana.

Outro dado importante foi a convenção adotada no canto superior esquerdo do mapa, para representar as ocorrências linguísticas em cada área pesquisada. Dessa forma, as pizzas do lado esquerdo representam as ocorrências linguísticas de informantes da zona central e do lado direito as ocorrências linguísticas de informantes de área periférica.

Para confeccionar as cartas linguísticas, utilizamos o software SCGVclin (SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, 2014) para que, assim, fosse possível a visualização do percurso da variação lexical, já que o método geolinguístico permite revelar as características linguísticas pertinentes a essas comunidades em “fotografias autênticas” (ROMANO, 2014, p. 148).

Após a aplicação do questionário nas áreas estabelecidas, fizemos a transcrição grafemática de acordo com Pretti (2001). Em seguida, organizamos o banco de dados na planilha no *Microsoft Excel*, a fim de que a preparação estatística fosse feita para o passo seguinte.

Desse modo, foi possível descrever as sanções lexicais que a variação tem incidido às línguas do trapézio amazônico de forma factível, posto que lidamos com um espaço inegavelmente multifacetado, onde o convívio de línguas e de culturas distintas contribui para que essas sociedades estreitem suas relações, tornando-as naturalmente fluidas.

Em suma, ao analisar preliminarmente as evidentes marcas que o plurilinguismo impõe à fala dessas comunidades, esta pesquisa buscou descrever como as relações existentes reconfiguram o sistema lexical de cada lado da fronteira, distinguindo e convergindo as lexias.

Para tanto, seguimos as seguintes etapas: i) traçamento do panorama da variação lexical de cada língua; (ii) mensuração do processo de influência linguística; (iii) verificação das semelhanças e as distinções lexicais em português de contato com o espanhol; e, (iv) análise da correlação das variáveis sociais com o propósito de demonstrar como a dinâmica do contato entre português/espanhol tem determinado o falar do povo da tríplice fronteira.

## 6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesse momento, passaremos a apresentação e análise de dados que foram selecionados com o objetivo de discutir como a variação lexical tem se propagado no espaço da tríplice fronteira Amazônica.

Nossa primeira análise se volta para os aspectos diatópicos, a fim de verificar se os falantes dos três países têm se mantido conservadores quanto ao uso das variantes correspondente a sua língua ou se têm ocorrido inovações devido ao contato com as demais línguas que circulam no espaço fronteiriço.

Simultaneamente analisaremos como a variação tem se difundido nos diferentes estratos sociais, com o intuito de verificar como sujeitos de diferentes práticas sociais e linguística têm-se apropriado de lexis estrangeiras devido ao intenso contato pluriétnico que sanciona a região em estudo.

Serão analisados os dados referentes aos campos semânticos: alimentação e Saúde (medicina caseira) e habitação (estrutura, mobília, utensílios domésticos), os quais foram base para o questionário traduzido em português e espanhol para atender a realidade linguística dos participantes da entrevista.

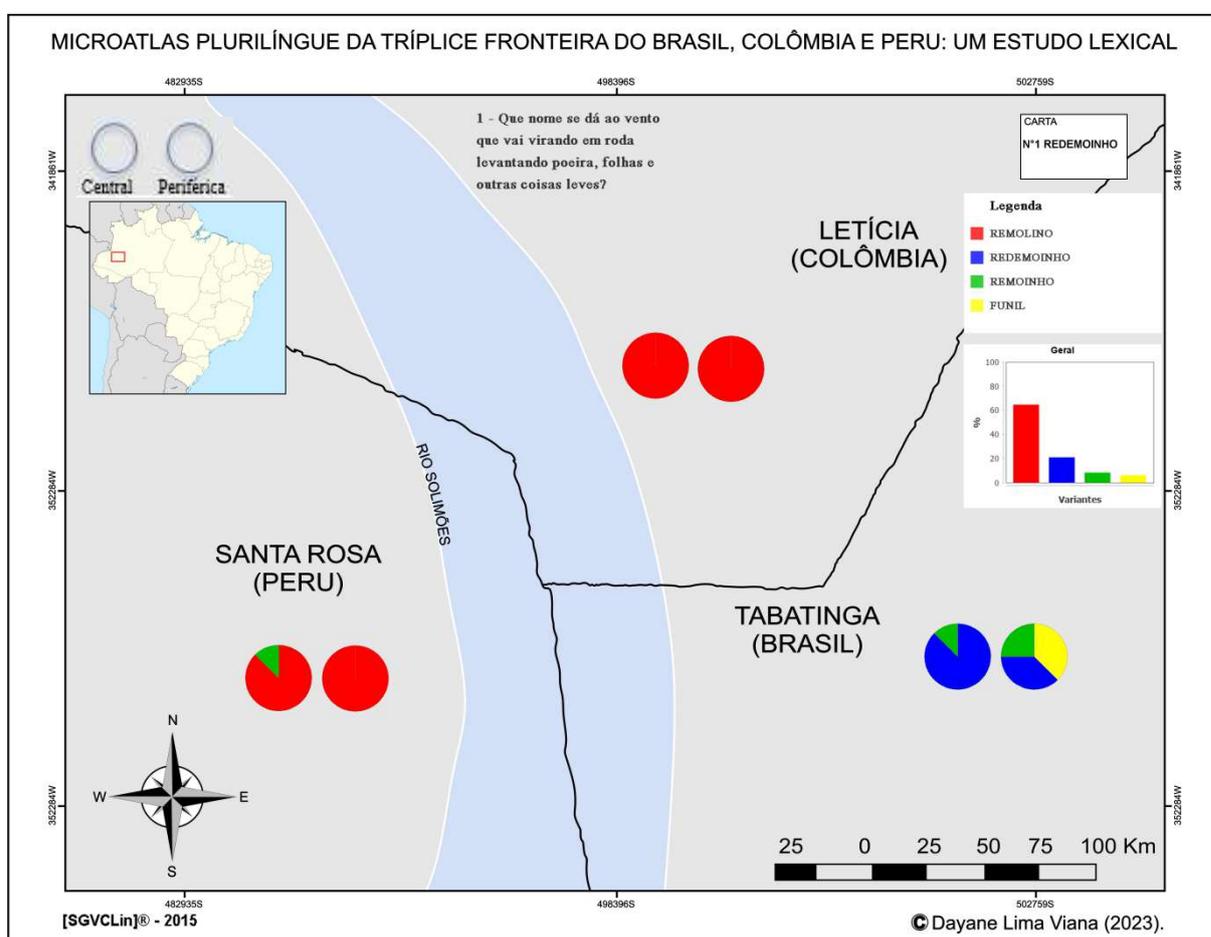
Cumpramos aqui ressaltar que o questionário foi estruturado com 152 perguntas, entretanto, consideramos importante segmentar a apresentação das cartas em dois grupos. No grupo I constam as cartas de maior produtividade lexical ou até mesmo com baixa incidência variacional, mas que ainda assim revelam a difusão entre as lexis hispânicas e portuguesas no espaço da a tríplice fronteira. Com isso propomos demonstrar as divergências e as semelhanças de itens léxicos nos três países; e o grupo II, que corresponde a cartas com baixa incidência de variação, as quais consideramos pouco expressivas.

### 6.1 Redemoinho

Como se sabe, a tríplice fronteira está localizada no seio amazônico e, devido ao clima característico, os ventos produzem um fenômeno que vai virando em roda, levantando poeira, folhas entre outras coisas leves.

No QSL de número 1, foi perguntado a respeito de como se nomeia esse fenômeno e, de acordo com a análise quantitativa, obtivemos as seguintes respostas e seus respectivos percentuais: *remolino* 31 (64,6%), *redemoinho* 10 (20,7%), *remoinho* 4 (8,3%) *funil* 3 (6,2%). As ocorrências dentro do espaço diatópico podem ser visualizadas na carta 01.

**Carta 01 (QSL 01)** – Variantes lexicais para designar “o vento que virando em roda levantando poeira, folha e outras coisas leves” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

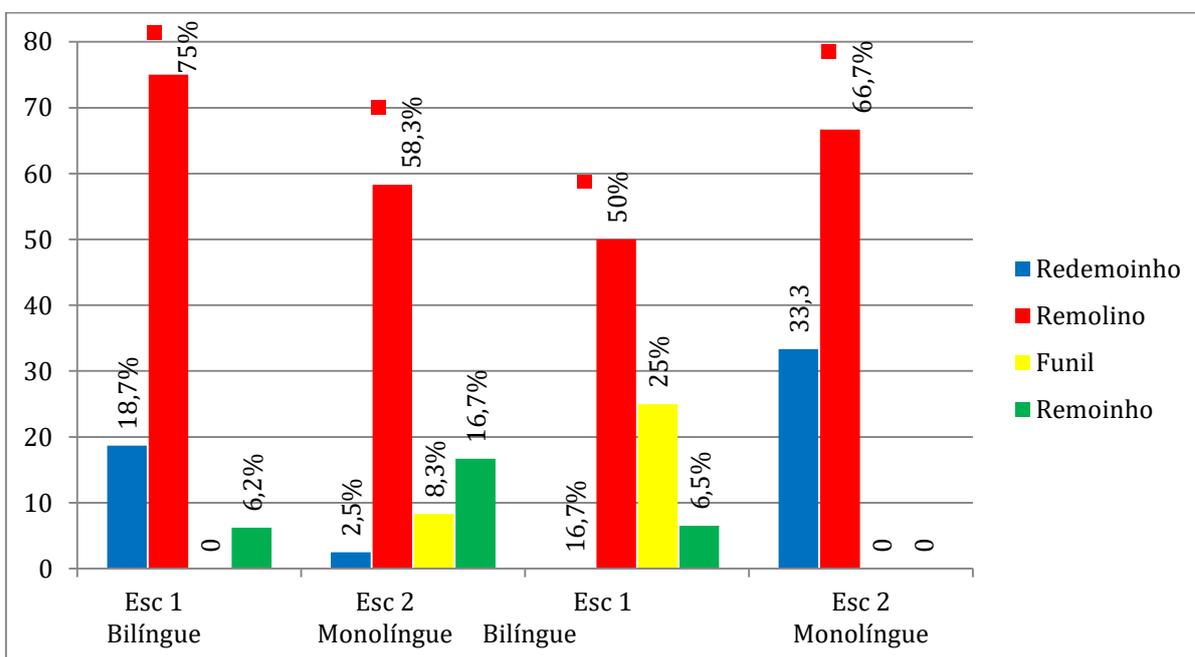
A carta 01 demonstra que nas cidades de Letícia e Santa Rosa usa-se a forma *remolino*, com apenas uma ocorrência de *remoinho* em Santa Rosa. Diferentemente, em Tabatinga o item lexical mais produtivo foi *redemoinho*, mas há a concorrência de *remoinho* e *funil*.

Na análise diasssexual, ambos os sexos apresentaram uma quantificação aproximada, uma vez que no sexo feminino a variante *remolino* foi registrada 15 vezes (62,5%), *redemoinho* quatro (16,7%), *remoinho* três (12,5%) e *funil* com duas ocorrências (8,3%).

No sexo masculino, a lexia *remolino* obteve 16 respostas (66,6%) *redemoinho* 6 (25%) e as formas *remoinho* e *funil* apresentaram baixo índice de ocorrências, pois observamos apenas um registro para cada variante, o que representa (4,2%).

Ao avaliarmos o aspecto diastrático e dialingual notamos que houve maior produtividade na ocorrência da lexia hispânica *remolino* em todas as dimensões, notamos ainda a ausência da lexia portuguesa *remoinho* em falantes bilíngues mais escolarizados, como se pode observar no gráfico 1.

**Gráfico 01** – Distribuição diastrática e dialingual das variantes lexicais para designar o “nome que se dá ao vento que vai virando em roda levantando poeira, folhas e outras coisas leves” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

No aspecto diageracional, observamos que a faixa etária mais jovem tem a preferência pelo uso da lexia *redemoinho*, enquanto a faixa etária mais velha apresentou leve preferência pela forma *remoinho* como se pode observar na tabela 1.

**Tabela 1** – Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta n° 1 (redemoinho) na Tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru

Dimensão diageracional	VARIANTES LEXICAIS			
	Redemoinho	Remolino	Remoinho	Funil
18 a 30 anos	7 (29,2%)	15 (62,5%)	1 (4,2%)	1 (4,2%)
50 a 65 anos	3 (12,5%)	16 (66,7%)	3 (12,5%)	2 (8,3%)
Total	10	31	4	3

Fonte: Elaborado pela autora

Falantes das regiões central e periférica demonstraram uso quantitativo similar nas ocorrências da lexia *remolino* com 15 (62,50%) na área central e 16 (66,6%) na área periférica, diferentemente da variante *redemoinho* teve ocorrências díspares ao compararmos as duas áreas, uma vez que a lexia *redemoinho* pontuou sete vezes (29,2%) na área central e apenas três (12,5%) na área periférica.

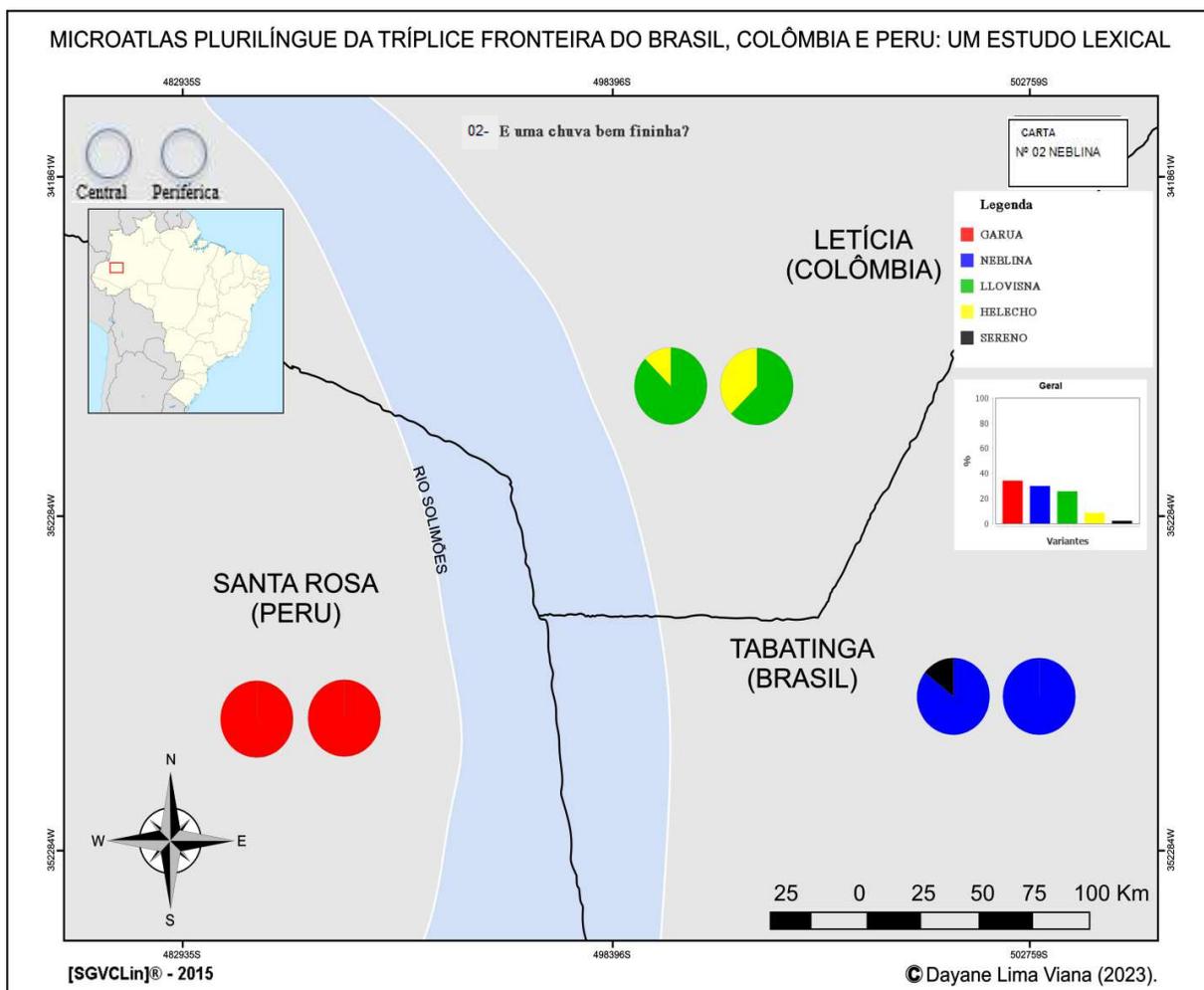
A variante *remoinho* obteve o mesmo índice nas duas áreas pesquisadas, totalizando dois registros (8,3%) para cada área. Constatamos ainda a ausência da forma *funil* na região central, enquanto na região periférica foram computadas três ocorrências (12,5%).

## 6. 2 Neblina

Pelo clima equatorial, os moradores da tríplice fronteira experimentam cotidianamente grandes índices pluviométricos. Em virtude disso, inserimos no questionário o item de n° 4, cuja pergunta foi: “como se chama a chuva bem fininha”.

Desse modo, contabilizamos as seguintes lexias com seus respectivos índices gerais: *garua* 16 (34%), *neblina* 14 (29,8%), *llovisna* 12 (25,5%), *helecho* quatro (8,5%), *sereno* um (2,2%), cujas produtividades diatópicas podem ser observadas na carta 03.

**Carta 02 (QSL 04)** – Variantes lexicais para designar a chuva bem fininha” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Como se observa na Carta 02, a variação lexical referente a “como se chama a chuva bem fininha” apresenta uma distinta arealização das variantes *garua* em Santa Clara/Peru, *llovisna* e *helecho* em Letícia/Colômbia e *neblina* em Tabatinga, onde também houve uma ocorrência isolada de *sereno*.

Ao analisar a ocorrência das variantes na dimensão diassexual, observamos que na cidade de Santa Rosa tanto homens quanto mulheres tiveram resultado igual para a variante *garua* com oito ocorrências que correspondem a (33,3%) em ambos os sexos.

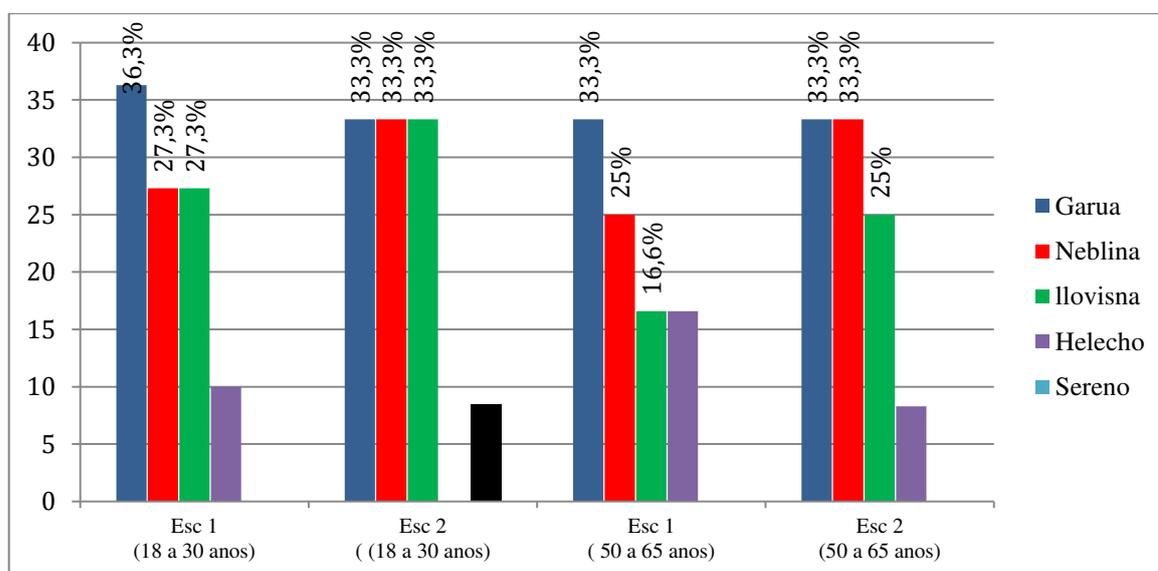
O mesmo ocorreu do lado colombiano com a forma *llovisna* e *helecho*, pois *llovisna* foi utilizado seis vezes (25,00%) e *helecho* duas (8,3%) tendo, portanto, o cômputo igual entre homens e mulheres.

De modo diferente, no lado brasileiro houve a dominância da variante *neblina* que foi utilizada oito (33,3%) por mulheres e seis (27%) por homens, observamos apenas uma única ocorrência para a lexia *sereno* que foi mencionada por um falante do sexo masculino que corresponde a (4,3%).

Quando analisamos as ocorrências linguísticas realizadas por falantes mais jovens e com maior escolaridade, notamos que as variantes *garua*, *neblina* e *llovisna* foram utilizadas de forma similar, enquanto a lexia *helecho* não foi registrada em informantes dessa cédula de análise.

Diferentemente da constatação acima, notamos o uso variável em falantes mais velhos e menos escolarizados, pois, como se pode observar no gráfico 02, todas as variantes apresentaram números distintos de ocorrências.

**Gráfico 02** – Distribuição diageracional e diastrática das variantes lexicais para designar a “chuva bem fininha” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Em análise comparativa na dimensão dialingual, observamos que a lexia *llovisna* foi expressivamente dominante em falantes bilíngues e com pouca ocorrência em monolíngues. Diferentemente do que ocorreu com a variante *garua* que obteve o mesmo índice de ocorrência entre bilíngues e monolíngues, como se pode verificar na tabela 02.

**Tabela 02:** Distribuição dialingual das variantes lexicais para a pergunta nº 4 (neblina) na tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS					
Dimensão dialingual	Llovisna	Garua	Neblina	Helecho	Sereno
Bilíngue	9 (33,3%)	8 (29,6%)	6 (22,2%)	3 (11,1%)	1 (3,7%)
Monolíngue	3 (15,00%)	8 (40%)	8 (40%)	1 (5,00%)	-
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>16</b>	<b>14</b>	<b>4</b>	<b>1</b>

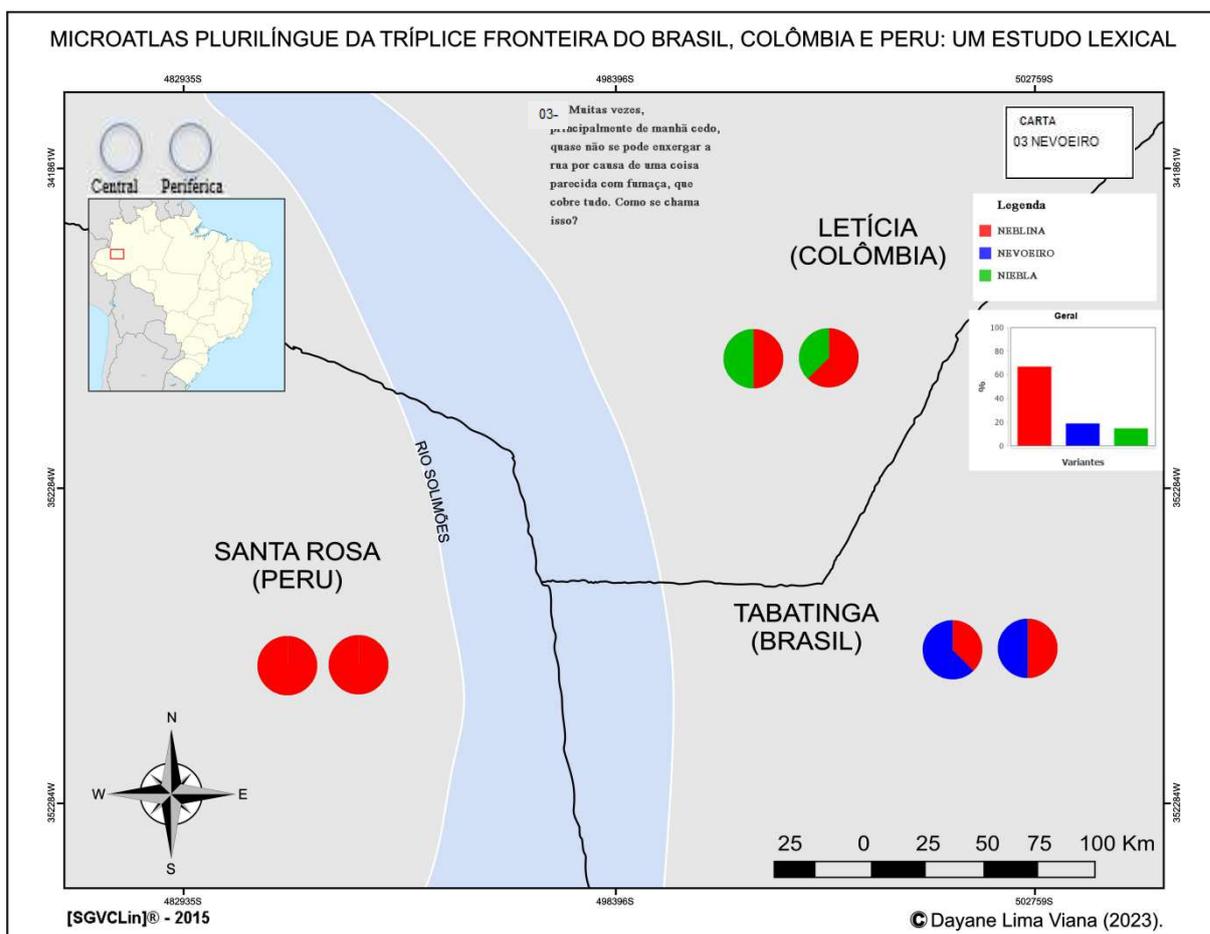
Fonte: Elaborado pela autora

Quando analisamos os registros em falantes das áreas centrais e periféricas, verificamos que a variação das lexias está mais presente em falantes das áreas periféricas, uma vez que, ao compararmos os registros nessa área, atestamos que as variantes estão em índice quantitativo aproximado, já nas áreas periféricas os índices foram: *garua* oito (33,3%), *neblina* oito (33,3%), *llovisna* cinco (20,8%), *helecho* três (12,5%).

### 6.3 Nevoeiro

O item 03 do (QSL) contemplou estudo a respeito do fenômeno que ocorre principalmente nas manhãs cedo quando parece uma fumaça suspensa no ar. Para esta pergunta computamos as seguintes respostas e seus respectivos índices gerais: *neblina* 32 (66,7%), *nevoeiro* 9 (18,7%), *niebla* 7 (14,6%), que podem ser visualizadas na carta 03.

**Carta 03 (QSL 03)** – Variantes lexicais para designar o fenômeno que ocorre “principalmente nas manhãs cedo que parece uma fumaça suspensa no ar” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Como se observa, a variante *neblina* ocorreu nas três localidades. Em Santa Rosa/Peru, essa forma foi categórica, em Letícia/Colômbia concorreu com *niebla* e em Tabatinga/Brasil concorreu com *nevoeiro*.

Com enfoque na análise diasssexual, consta-se que o sexo feminino obteve 15 (62,5%) respostas para a lexia *neblina*, seis (25%) para *nevoeiro* e três para *niebla*, o que corresponde a (12,5%) do total das entrevistas. Em homens, a variante *neblina* obteve um percentual mais produtivo, pois foi registrada 17 vezes (70,3%), *niebla* quatro registros (16,6%) e *nevoeiro* com três respostas (12,5%).

Na análise por faixa etária observamos que a variante *neblina* foi dominante nas duas gerações estudadas, enquanto a lexia *niebla* foi mais utilizada entre informantes mais jovens, como é possível observar na tabela 03.

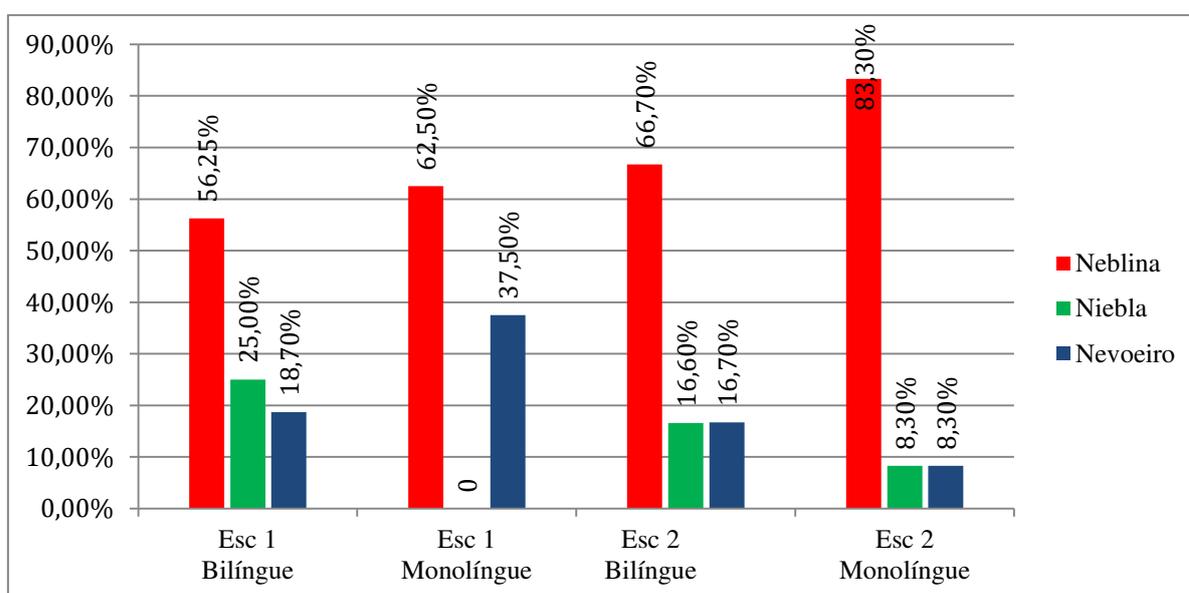
**Tabela 03** - Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta nº 03 (*neblina*) na tríplíce fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

	VARIANTES LEXICAIS		
Dimensão diageracional	Neblina	Niebla	Nevoeiro
18 a 30 anos	15 (62,5%)	5 (20,8%)	4 (16,7%)
55 a 65 anos	17 (70,8%)	2 (8,3%)	5 (20,8%)
Total	32	7	9

Fonte: Elaborado pela autora

No aspecto diastrático e dialingual, observamos que a lexia *neblina* foi a mais utilizada por informantes bilíngues e monolíngues, bem como foi a mais produtiva também em informantes das duas escolaridades. De perspectiva contrária, a forma *niebla* não foi registrada em falantes monolíngues e com menor grau de instrução formal, como podemos atestar no gráfico 03.

**Gráfico 03** – Distribuição diastrática e dialingual das variantes lexicais para designar a “chuva bem fininha” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte: Elaborado pela autora**

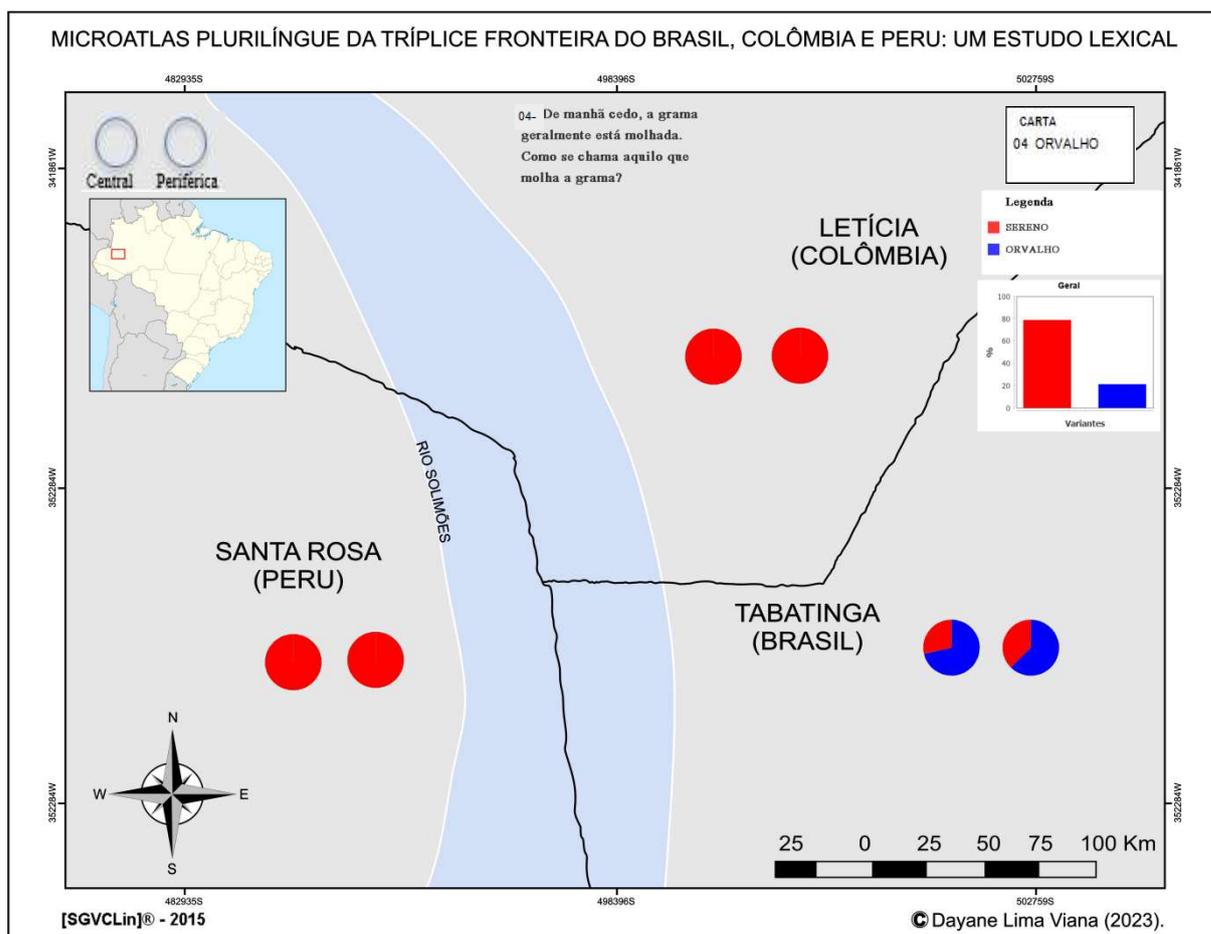
Analisamos que na região periférica a variante *neblina* foi predominante com o total de 15 (62,5%) respostas e na região central com 17 (70%) respostas. Na área periférica e as demais formas contabilizaram os seguintes cômputos: *nevoeiro* cinco (20,8%), *niebla* quatro (16,6%). Na zona central observamos quatro registros para a lexia *nevoeiro* (16,7%) e três ocorrências para forma *niebla* (12,5%).

#### **6.4 Orvalho**

No item 04 foi perguntado a respeito do nome das gotículas que ficam na grama de manhã logo cedo. Para esta questão registramos a ocorrência de duas variantes: *sereno* que foi registrada 37 vezes (78,7%) e *orvalho* com 10 ocorrências no total de (21,3%).

Um dado interessante foi quando analisamos o *continuum* linguístico da lexia *sereno*, pois constatamos uma grande difusão nos três espaços geográficos. Dessa forma, notamos sua dominância tanto em Letícia quanto em Santa Rosa. Do lado brasileiro, por sua vez, notamos que a lexia foi a forma *orvalho*, como é possível observar na carta 04.

**Carta 04 (QSL 06)** – Variantes lexicais para designaras gotículas de água que fica na grama logo de manhã cedo” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Como se observa na carta 04, a cidade de Letícia e Santa Rosa apresentaram a realização no que tange a ocorrência da lexia *sereno*, enquanto na cidade de Tabatinga observamos a concorrência entre as formas *orvalho* e *sereno*.

Com relação ao aspecto diageracional, as lexias obtiveram cômputos aproximados, uma vez que, na faixa etária mais jovem, *sereno* foi registrado 18 vezes (78,3%) e *orvalho* cinco (21,7%) e, na faixa etária mais velha, *sereno* foi utilizado 19 vezes (79,2%) e *orvalho* também com cinco registros (20%).

A produtividade das lexias entre homens e mulheres revelou que a variante *sereno* obteve mais respostas no sexo masculino, enquanto as respostas referentes à lexia *orvalho* foi levemente mais produtiva no sexo feminino, como se pode atestar na tabela 06.

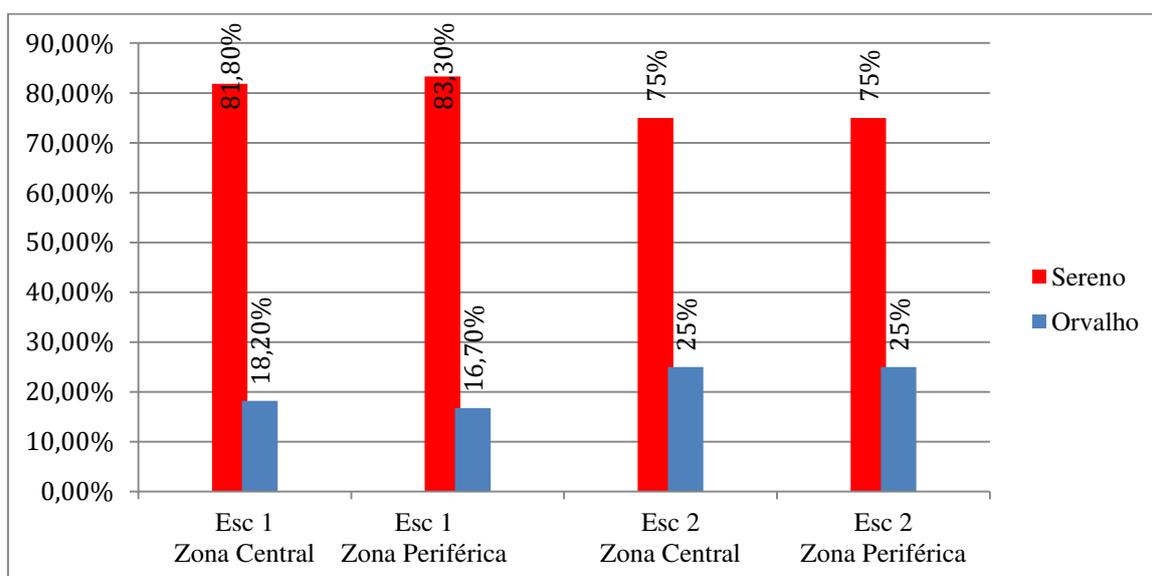
**Tabela 4:** Distribuição diasssexual das variantes lexicais para a pergunta nº 6 (orvalho) na tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

	VARIANTES LEXICAIS	
Dimensão Diassexual	Sereno	Orvalho
Homem	20 (83,3%)	4 (16,7%)
Mulher	18 (73%)	6 (26%)
<b>Total</b>	<b>38</b>	<b>10</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Como é possível observar no gráfico 04, a variante *sereno* foi dominante tanto nas zonas centrais quanto nas periféricas, e também obteve maior percentual em informantes das duas escolaridades analisadas. A variante *orvalho*, por sua vez, obteve o mesmo percentual em falantes mais escolarizados, como podemos verificar na apresentação dos índices gráficos.

**Gráfico 04** – Distribuição diazonal das variantes lexicais para designar “as gotículas que ficam na grama de manhã logo cedo” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



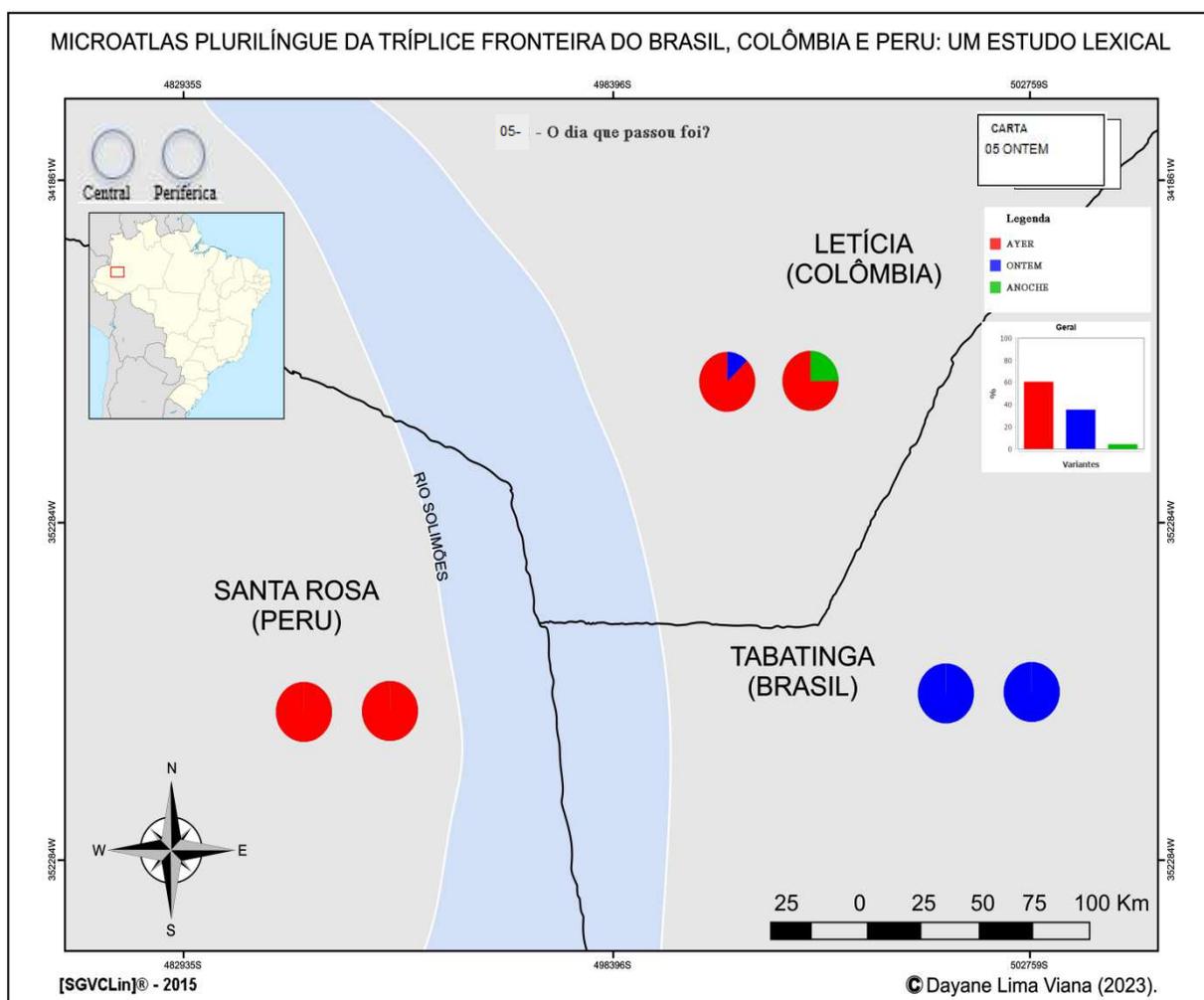
Fonte: Elaborado pela autora

Na perspectiva dialingual, informantes bilíngues responderam 22 vezes (81,5%) a *lexia sereno*, e *orvalho* obteve cinco respostas (18,5%). Informantes monolíngues responderam 15 vezes (75%) *sereno* e cinco vezes (25%) *orvalho*.

## 6.5 Ontem

A pergunta (QSL) de número 05 tem o objetivo de investigar como os falantes dessa região designam “o dia que se passou”. Para esta questão, registramos as seguintes formas e os respectivos índices de realização: *ayer* com 29 (60,4%), *ontem* 17 (35,4%) e *anoche* 2 (4,2%). As escolhas linguísticas dentro do espaço geográfico podem ser observadas na carta 05.

**Carta 05** – Variantes lexicais para designar “o dia que passou” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte: Elaborado pela autora**

A análise diatópica revelou que nas cidades de Tabatinga e Santa Rosa ocorreram arealização, *ayer* em Santa Rosa e *ontem* em Tabatinga. Na cidade de Letícia, por sua vez, verificamos a ocorrência de três formas linguísticas: *ayer*, *ontem* e *anoche*.

Na perspectiva diasssexual, a variante *ayer* foi a mais produtiva tanto em homens quanto mulheres com o percentual de 15 (62,5%) e 14 (58,3%), respectivamente. A lexia *ontem* obteve oito respostas (33,3%) no sexo feminino e nove (37,5%) no sexo masculino; a variante *anoche* foi a menos produtiva com uma ocorrência (4,2%) para ambos os sexos.

Na análise entre as zonas centrais e periféricas, notamos que em ambas as áreas as lexias *ayer* e *ontem* obtiveram um percentual aproximado. O diferencial foi o registro da variante *anoche* que foi observada apenas em falantes de região periférica, como se pode atestar na tabela 5.

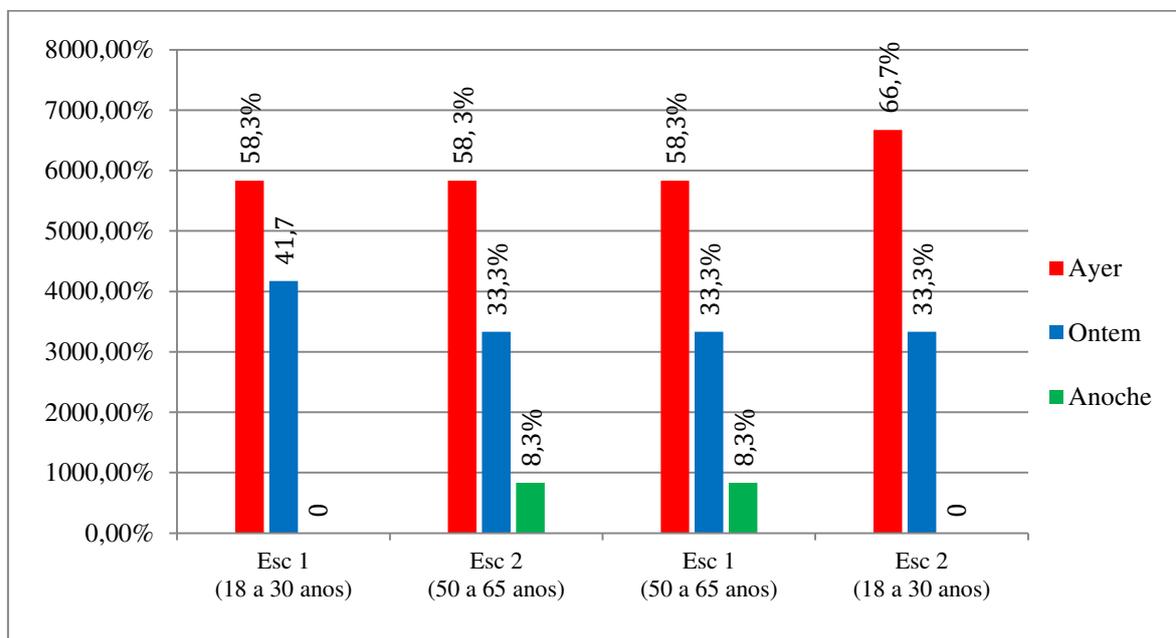
**Tabela 5:** Distribuição diazonal das variantes lexicais para a pergunta nº 05 (ontem) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

Dimensão diazonal	VARIANTES LEXICAIS		
	<b>Ayer</b>	<b>Ontem</b>	<b>Anoche</b>
<b>Central</b>	15 (62,5%)	9 (37,5%)	-
<b>Periférica</b>	14 (58,3%)	8 (33,3%)	2 8.33%
<b>Total</b>	<b>29</b>	<b>17</b>	<b>2</b>

**Fonte: Elaborado pela autora**

A dimensão diastrática e diageracional revelou que a lexia *ayer* foi dominante em informantes dos dois graus de escolaridades (analfabetos e semianalfabetos) e entre os informantes com ensino médio completo e incompleto; verificamos ainda que a forma *anoche* foi registrada apenas em informantes mais velhos, como podemos observar no gráfico 05.

**Gráfico 05** – Distribuição diastrática e diageracional das variantes lexicais para designar “o dia que passou” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Em informantes bilíngues e monolíngues, os percentuais das variantes ficaram assim distribuídos: em bilíngues, *ayer* com 18 respostas (64,3%), *ontem* com nove (32,2%) e *anoche* com uma menção (3,5%); em monolíngues, *ayer* com 11 (55%) respostas, *ontem* com oito (40%) e *anoche* também com um registro (5%).

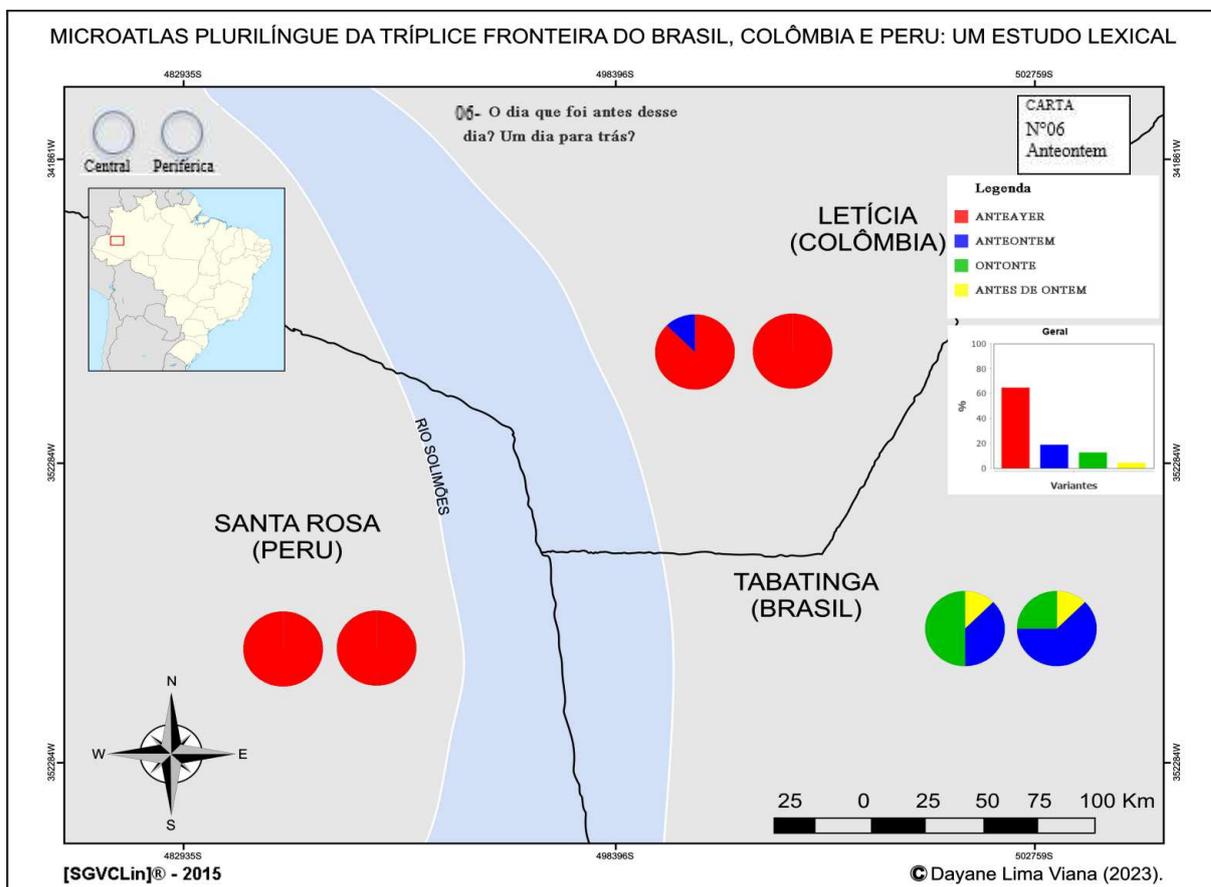
## 6.6 Anteontem

O item de número seis do (QSL 09) estipulou a seguinte pergunta: “como se chama o dia que foi antes desse dia, um dia atrás?”.

A análise demonstrou a existência das seguintes lexias: *anteayer* 31 (64,6%), *anteontem* nove (18,7%), *ontonte* seis (12,5%) e *antes de ontem* com dois registros (4,2%).

Como podemos observar na carta 09, a análise espacial revelou que a lexia *anteayer* é a única forma utilizada na cidade peruana, revelando também que sua dominância se expande para a cidade colombiana. Já no lado brasileiro observamos a concorrência de três formas, como é possível visualizar na carta 09.

**Carta 06 (QSL 9)** – Variantes lexicais para designaras “o dia que passou antes desse dia, um dia atrás” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Na perspectiva diastrática e dialingual, percebemos que a variante *anteayer* apresentou maior percentual tanto em bilíngues quanto monolíngues, e sua produtividade também foi notada em informantes dos dois graus de escolaridade analisados.

**Tabela 07:** Distribuição diasssexual das variantes lexicais para a pergunta nº 11 (ontem) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

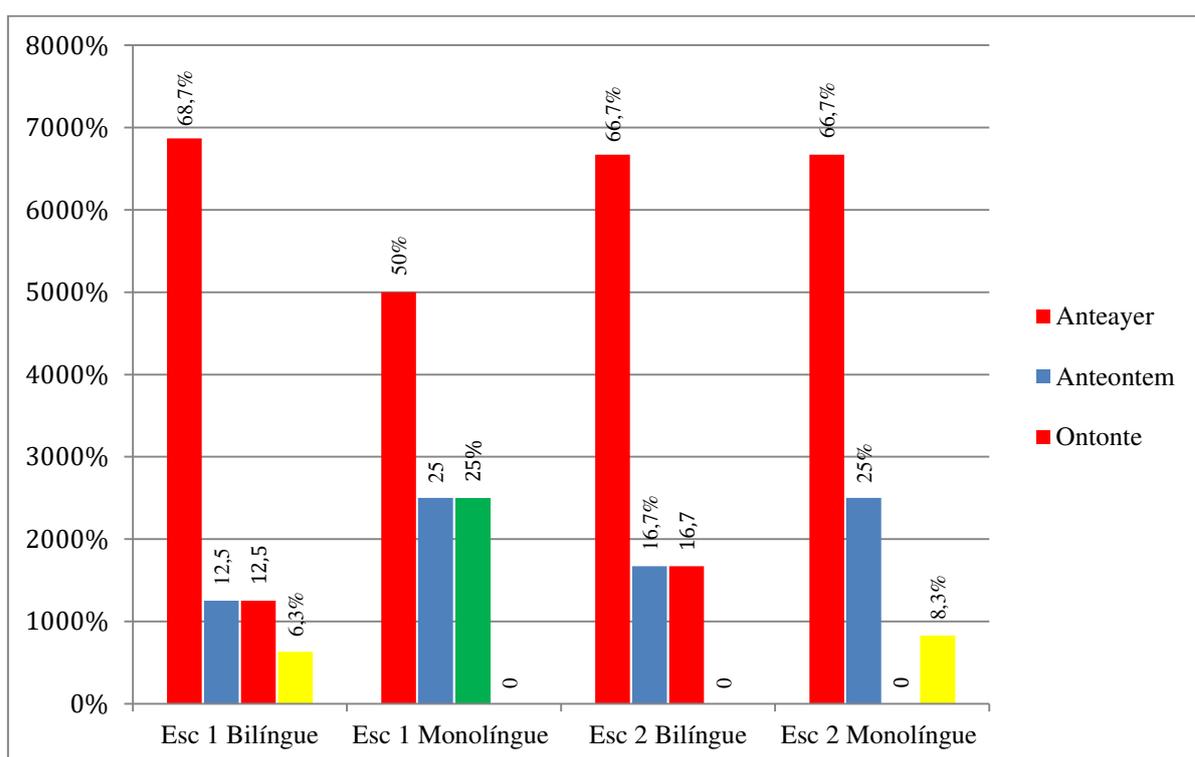
	VARIANTES LEXICAIS			
Dimensão Diageracional	Anteayer	Anteontem	Ontonte	Antes de ontem

<b>18 a 30 anos</b>	15 (62,5%)	5 (20,8%)	3 (12,5%)	1 (4,2%)
<b>55 a 65 anos</b>	16 (66,7%)	4 (16,7%)	3 (12,5%)	1 (4,2%)
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>2</b>

Fonte: elaborado pela autora

Percebemos também que a lexia *ontonte*, mesmo com menor grau de ocorrência, foi utilizada por falantes da escolaridade 1 (bilíngues e monolíngues) e informante de escolaridade 2 (apenas bilíngues), pois não observamos nenhuma ocorrência em informantes monolíngues, como se pode perceber no gráfico 06.

**Gráfico 06** – Distribuição dialingual das variantes lexicais para designar “o dia que passou antes desse dia, um dia atrás” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

A análise em informantes de zona central e periférica revelou índices paritários quanto ao uso das lexias *anteayer* e *anteontem*, pois a primeira foi a resposta de 15 (62,5%) informantes de área central e 16 (66,7%) em informantes de área periférica.

*Anteontem* somou quatro (16,7%) respostas na zona central e cinco (20,8%) na área periférica.

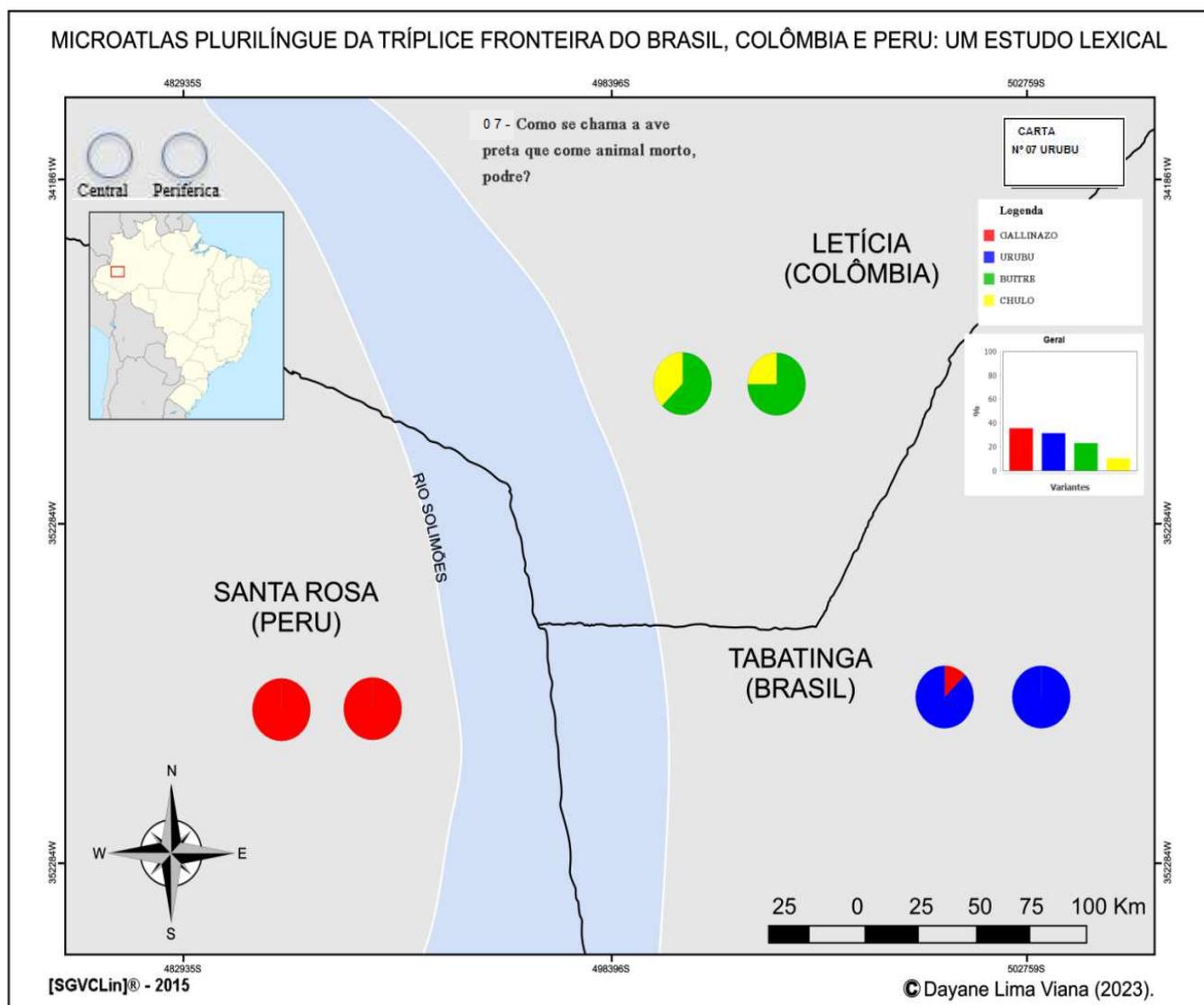
A lexia *ontonte* foi mais produtiva nas zonas centrais com quatro respostas (16,7%) e dois registros (8,3%) na zona oposta.

### 6.7 Urubu

O item 7 contemplou os modos designativos que nomeiam a espécie de ave que pertence ao grupo de abutre. Com a possibilidade de análise espacial, percebemos que as lexias *buitre* e *chulo* são as formas oriundas de Letícia, a primeira somou 11 respostas (22,9%) e a segunda cinco, o que representa o percentual de (10,4%).

A lexia *gallinazzo* foi a única forma registrada em Santa Rosa com 17 respostas (35,4%), o que demonstra, portanto, sua dominância no território. A variante *urubu* foi mencionada 15 vezes (35,2%) por informantes da cidade de Tabatinga. Computamos ainda um registro da lexia hispânica *gallinazo* na cidade brasileira, como podemos verificar na carta 11.

**Carta 07 (QSL 11)** – Variantes lexicais para designaras “a ave preta que come animal morto, podre” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e PeruBrasil/Colômbia/Peru



Fonte: Elaborado pela autora

A dimensão diageracional revelou que a lexia *gallinazo* foi preponderante em ambas as faixas-etárias com o cômputo de oito vezes (33,3%) entre os mais jovens e nove (37,5%) entre os mais velhos.

Na faixa etária 1 a forma *urubu* foi registrada oito vezes (33,3%), *buitre* sete (29,2%) e *chulo* com uma resposta (4,2%). Na faixa etária 2, a lexia *urubu* ficou com a soma de sete respostas (29,2%), *chulo* com quatro (16,7%) e *buitre* também com quatro respostas (16,7%).

Os dados também demonstram que os índices entre mulheres e homens não são tão díspares, uma vez que os percentuais da utilização das variantes na dimensão

diassexual obtiveram resultados numéricos aproximados, como podemos constatar na tabela 7.

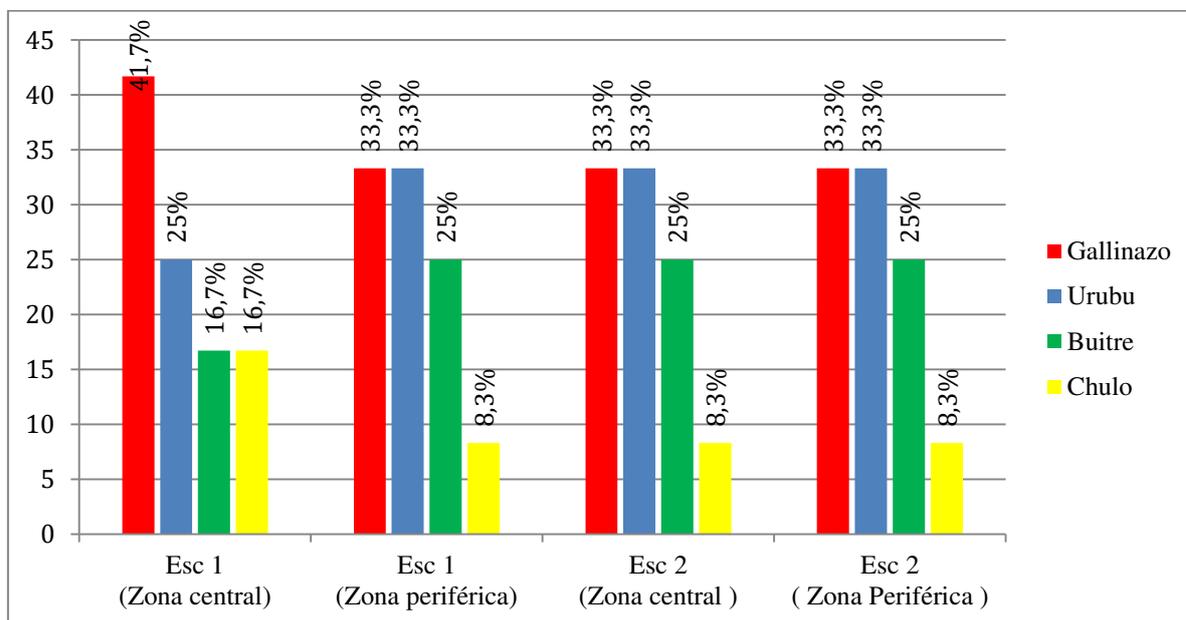
**Tabela 07:** Distribuição diassexual das variantes lexicais para a pergunta nº 11 (urubu) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

Dimensão Diassexual	VARIANTES LEXICAIS			
	Galinazo	Urubu	Buitre	Chulo
<b>Homem</b>	8 (33,3%)	8 (33,3%)	5 (20,8%)	3 (12,5%)
<b>Mulher</b>	9 (37,5%)	7 (29,2%)	6 (25%)	2 (8,3%)
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>15</b>	<b>11</b>	<b>5</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora

A análise na dimensão diastrática e diazonal demonstrou que os falantes da escolaridade 1, isto é, os menos escolarizados destoaram quanto ao uso das variantes, uma vez que a frequência de utilização das lexias apresentou diferenciação se compararmos aos demais recortes de análise que tiveram índices paritários que podem ser constatados no gráfico 07.

**Gráfico 07** – Distribuição diastrática e diazonal das variantes lexicais para designar “a ave preta que come animal morto” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

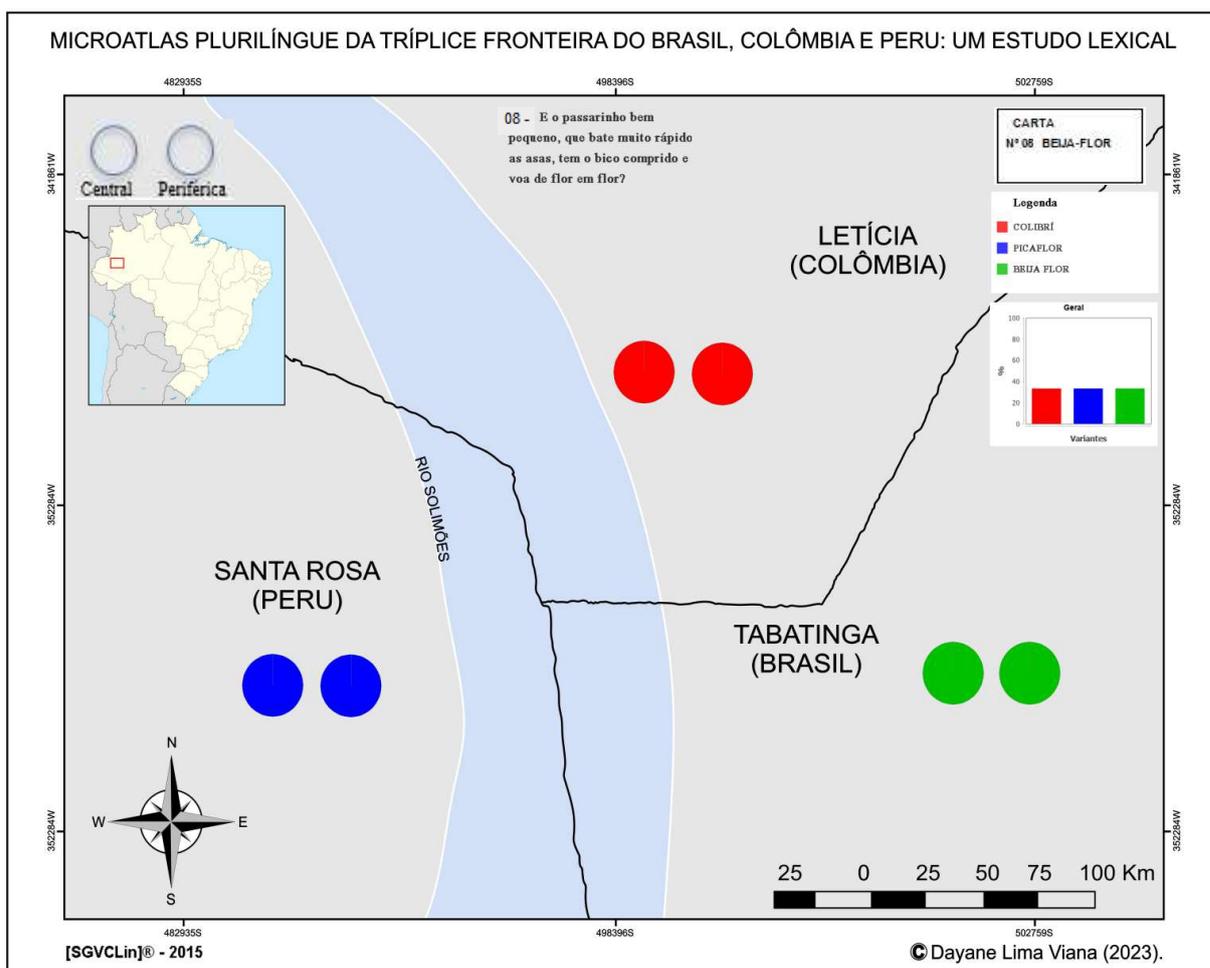
Entre os bilíngues, a forma *gallinazo* foi a mais produtiva com nove respostas (32,1%), seguida de *buitre* com oito (28,5%), *urubu* com sete (25%) e *chulo* com quatro (14,3%). Já entre informantes monolíngues, a lexia *urubu* e *gallinazo* obtiveram índices paritários com oito ocorrências, que corresponde a (40%) para cada uma das formas. *Buitre* e *chulo* pontuaram três (15%) e um (5%), respectivamente.

## 6.8 Beija-flor

O item 08 do (QSL) contemplou a seguinte pergunta: “passarinho pequeno, que bate muito rápido as asas, tem bico comprido e voa de flor em flor”. Para essa questão compilamos as seguintes respostas com os respectivos índices: *beija-flor* 16 (33,3%), *picaflor* 16 (33,3%), *colibri* 16 (33,3%).

Como se pode notar na carta 16, as três lexias apresentaram-se bem delineadas quanto ao uso correspondente dentro de cada território, a lexia *beija-flor* foi a forma predominante em Tabatinga, *colibri* em Letícia e *pica-flor* em Santa Rosa.

**Carta 8 (QSL 16)** – Variantes lexicais para designar “o passarinho de bico comprido que voa de flor em flor” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

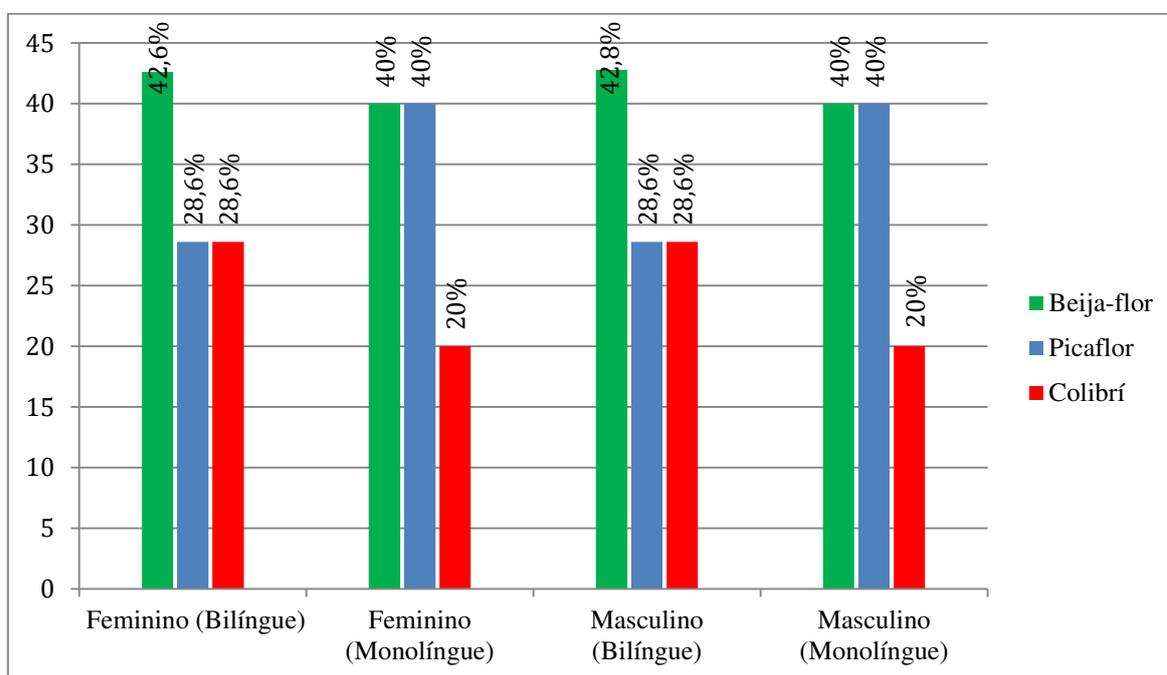


Fonte: Elaborado pela autora

Como era de se esperar, em virtude da categorização das lexias em seus espaços, tanto a faixa etária mais jovem (18-30) quanto a mais velha (55-65) obtiveram pontuação semelhante. Assim, *colibri* obteve oito (33,3%), *picaflor* oito (33,3%), *beija-flor* oito (33,3%) em ambas as faixas-etárias estudadas.

Logo, quando analisamos a dimensão diasssexual e dialingual também avaliamos que a produtividade dos falantes homens e mulheres bilíngues obtiveram a frequência com índice paritário, enquanto em monolíngues mulheres a distribuição das variantes apresentou frequência variável, como podemos observar no gráfico 08.

**Gráfico 08** – Distribuição diasssexual e dialingual das variantes lexicais para designar “passarinho que voa de flor em flor” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Por outro lado, quando analisamos a dimensão diastrática, observamos que as frequências absolutas e relativas foram iguais nas duas faixas-etárias, conforme podemos notar na tabela 08.

**Tabela 8:** Distribuição diastrática das variantes lexicais para a pergunta nº 16 (beija-flor) na tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru

Dimensão Diastrática	VARIANTES LEXICAIS		
	Beija Flor	Picaflor	Colibrí
<b>Escolaridade 1</b>	8 (33,3%)	8 (33,3%)	8 (33,3%)
<b>Escolaridade 2</b>	8 (33,3%)	8 (33,3%)	8 (33,3%)
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>16</b>	<b>16</b>

Fonte: Elaborado pela autora

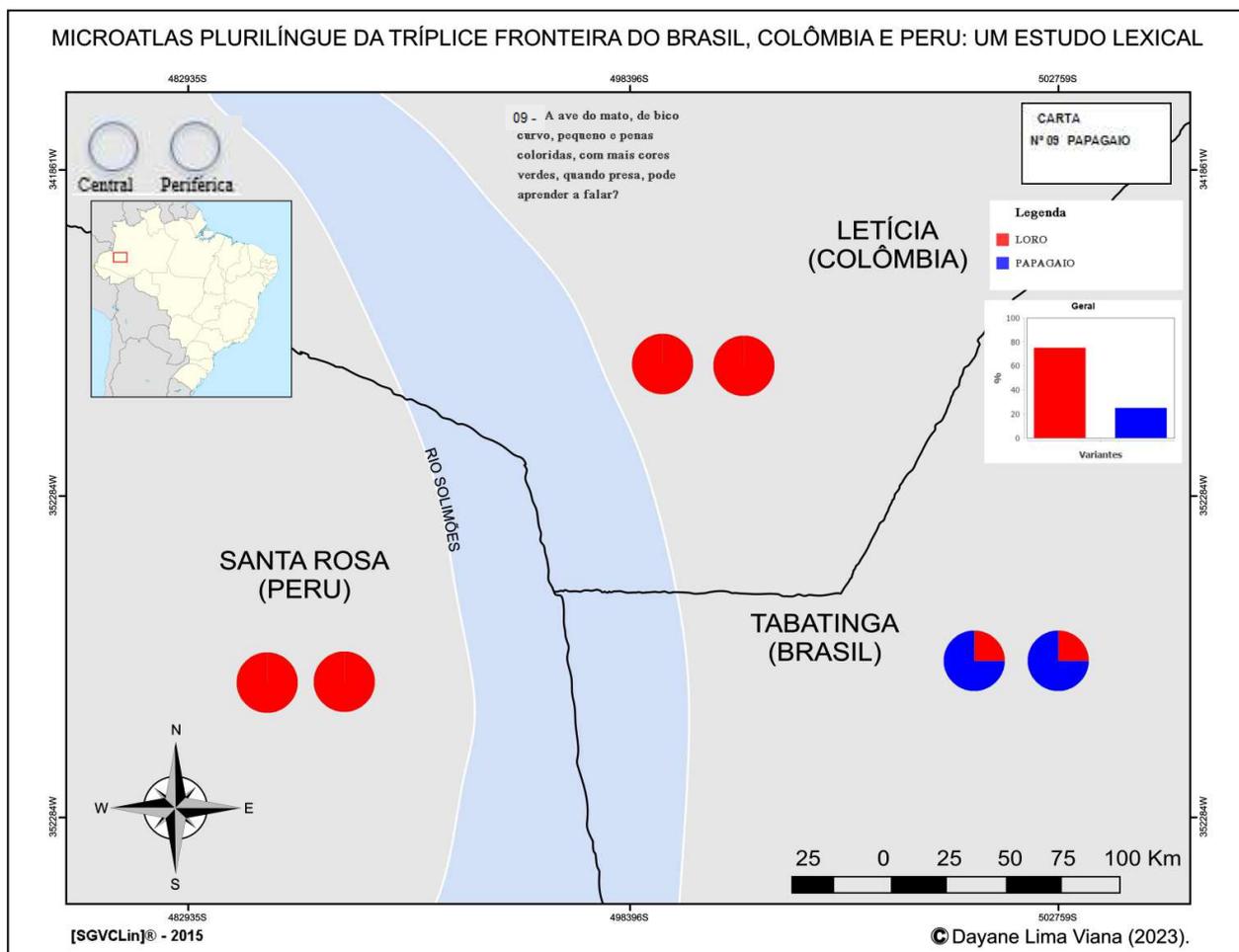
Os mesmos dados semelhantes foram observados quando verificamos os índices de ocorrências nos bairros centrais e periféricos, pois em todas as áreas foi computado o valor de oito ocorrências que correspondem a (33,3%) para cada zona pesquisada.

### **6.9 Papagaio**

A questão 18 contemplou o estudo dos termos desinativos para “a ave de bico curvo de cor verde e quando presa aprende a falar”. Para este item de análise, verificamos a existência de duas formas linguísticas *loro* 36 (75%) e *papagaio* 12 (25%).

Ao observar a disposição das variantes dentro do espaço geográfico, percebemos que a lexia *loro* é dominante dentro do espaço diatópico de Letícia e Santa Rosa, enquanto a forma linguística *papagaio* foi mais produtiva em Tabatinga. Um dado interessante aqui foi constatar o avanço do continuum lexical da forma *loro* na cidade brasileira, conforme consta na carta 18.

**Carta 9 (QSL 18)** – Variantes lexicais para designar “a ave de bico curvo de cor verde e quando presa aprende a falar” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

No tange à análise da dimensão diageracional, observamos na faixa etária mais velha que a lexia *loro* foi registrado 19 vezes (79,2%) e *papagaio* sete (29,2%). Na faixa etária mais jovem *loro* pontuou com 17 respostas (70,8%) e *papagaio* com cinco (20,8%).

Quanto à distribuição das variantes no aspecto diasssexual, observamos um emparelhamento estatístico das variantes, que podemos observar na tabela 09.

**Tabela 09:** Distribuição diasssexual das variantes lexicais para a pergunta n.º 18 (papagaio) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

	VARIANTES LEXICAIS	
Dimensão Diasssexual	Loro	Papagaio
Homem	18 (75%)	6 (25%)

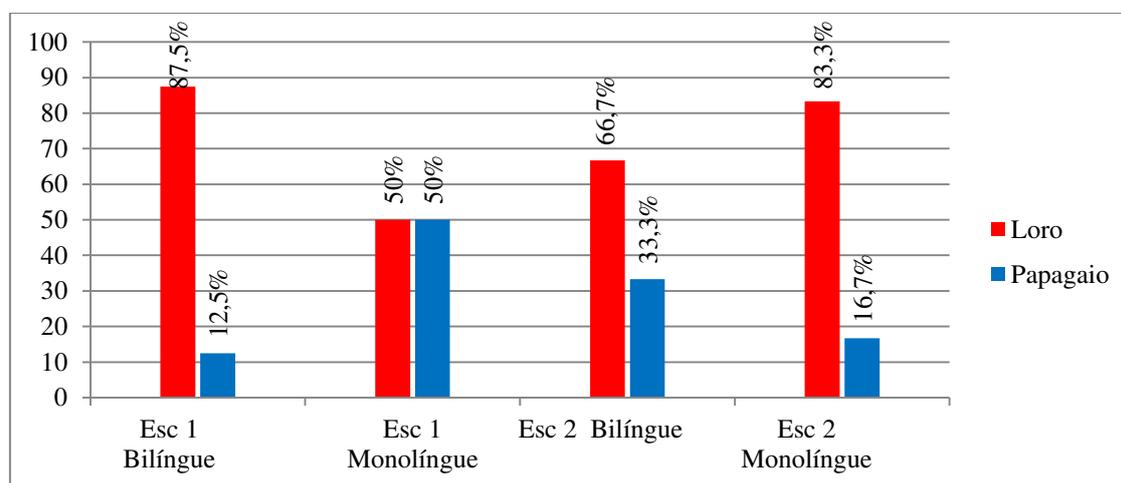
<b>Mulher</b>	18 (75%)	6 (25%)
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>12</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Quando analisamos a distribuição de acordo com os parâmetros diastráticos com atenção também para as características linguísticas (bilíngue e monolíngue) dos informantes, notamos que em falantes menos escolarizados e bilíngues a lexia *loro* foi predominante se compararmos os resultados de sua concorrente que obteve porcentagem inferior nesse recorte analítico.

Já em informantes menos escolarizados e monolíngues, observamos índice paritário nas duas variantes com (50%) para cada uma. Em informantes mais escolarizados, a lexia *loro* foi bem mais representativa do que a concorrente *papagaio*. Na tabela nº 09 é possível verificar esses dados.

**Gráfico 09** – Distribuição dialingual das variantes lexicais para designar “a ave verde de bico curvo que quando presa aprende a falar” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

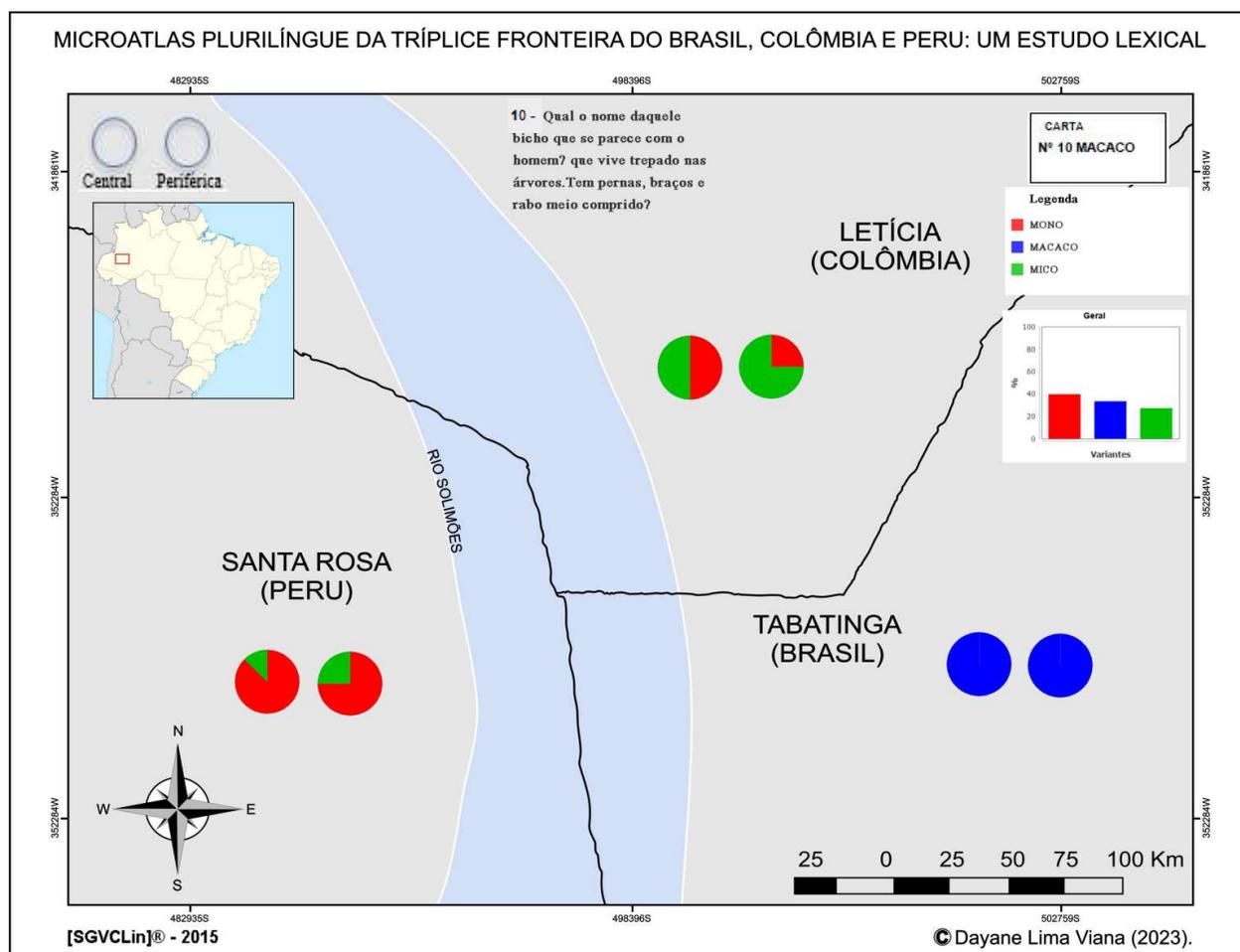
A respeito da análise nas zonas, notamos o mesmo índice de utilização das variantes nas zonas centrais e periféricas, pois *loro* foi registrado 18 vezes (75%) e *papagaio* seis (25%).

## 6.10 Macaco

“Qual nome daquele bicho que se parece com o homem?”, foi a pergunta do item de nº 19, que investigou as formas linguísticas existentes nas comunidades de fala da tríplice fronteira. Com a análise do pacote estatístico, verificamos a ocorrência de três lexias: *mono* 19 (39,6%), *macaco* 16 (33,3%) e *mico* 13 (27,1%).

Quando analisamos o domínio diatópico das variantes no espaço fronteiriço, observamos que a forma *macaco* é a única forma utilizada na cidade de Tabatinga. Por outro lado, as variantes *mono* e *mico* demonstram a variação existente nas cidades de Santa Rosa e Letícia. Na carta 10 é possível verificar a concorrência das variantes nos dois territórios.

**Carta 10 (QSL19)** – Variantes lexicais para designar “o nome do bicho que se parece com o homem” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

No aspecto diasssexual os resultados do uso das lexias ficaram com índices bem aproximados entre homens e mulheres, uma vez que no sexo feminino as variantes ficaram assim registradas: *mono* 10 (41,7%), *macaco* oito (33,3%), *mico* seis (25%); e no sexo masculino *mono* foi registrado nove vezes (37,5%), *macaco* oito (33,3%) e *mico* sete (29,2%).

A distribuição das variantes por faixa etária também ficou com o quantitativo aproximado, como podemos notar na tabela 10.

**Tabela 10:** Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta n. 19 (macaco) na Tríplice fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

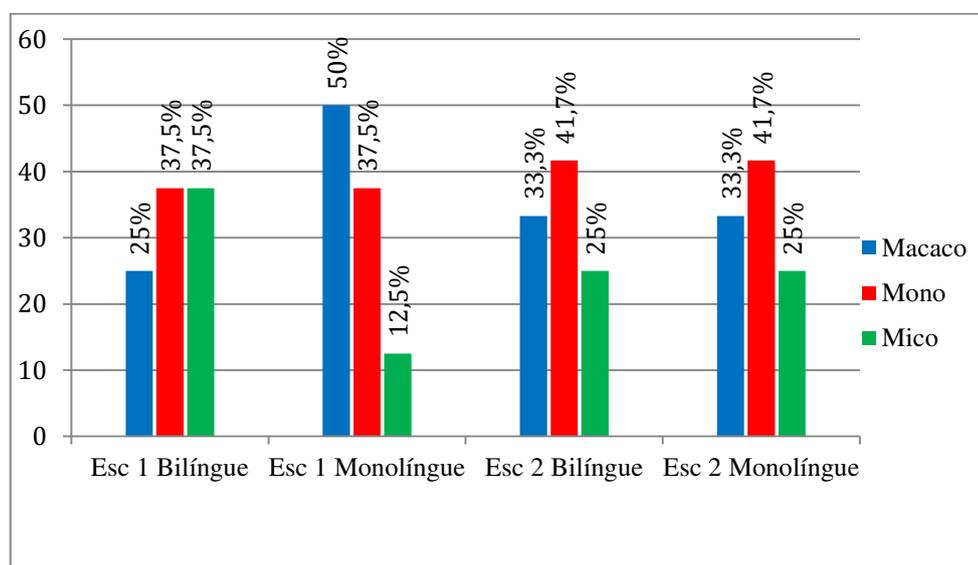
Dimensão Diageracional	VARIANTES LEXICAIS		
	Macaco	Mico	Mono
<b>(18 a 30)</b>	8 (33,3%)	7 (29,2%)	9 (37,5%)
<b>(55 a 65)</b>	8 (33,3%)	6 (25%)	10 (41,7%)
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>13</b>	<b>19</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Na análise diastrática com enfoque dialingual, percebemos que os resultados entre informantes mais escolarizados (bilíngues e monolíngues) obtiveram um percentual similar.

Por outro lado, informantes menos escolarizados apresentaram uma diferença nos percentuais, pois as variantes *mono* e *mico* obtiveram o mesmo índice em falantes bilíngues, enquanto que a lexia *macaco* foi predominante em informantes (monolíngues). No gráfico 10, é possível observar essas diferenciações.

**Gráfico 10** – Distribuição dialingual das variantes lexicais para designar “o animal que parece com o homem” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

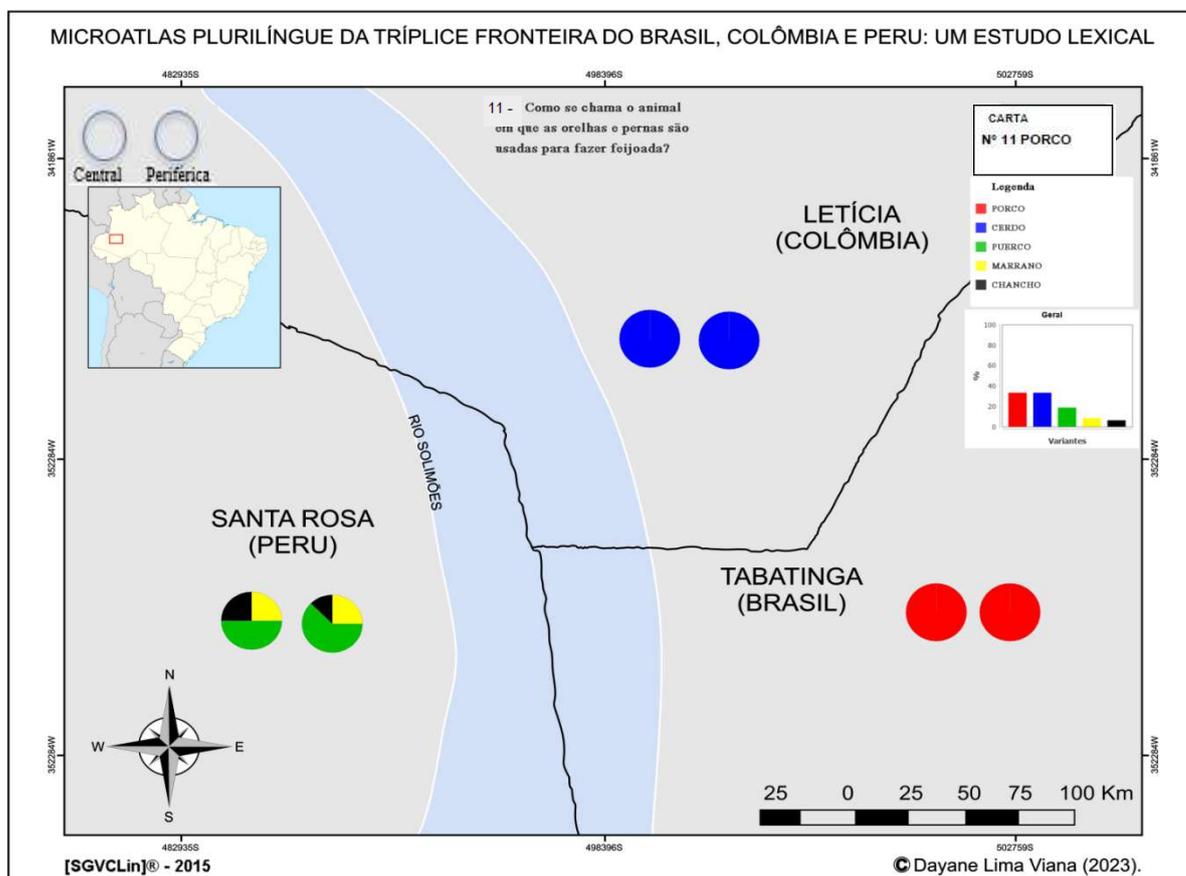
Na zona periférica, as variantes ficaram bem distribuídas, uma vez que as frequências de uso das lexias *macaco*, *mico* e *mono* obtiveram oito respostas para cada uma, o que corresponde a (33,3%) do índice total. De perspectiva diferente, na zona central, as variantes oscilaram quanto à frequência de uso, pois *mono* foi registrado 11 vezes (45,8%), *macaco* oito (33,3%) e *mico* cinco vezes, o que corresponde a (20,8%).

## 6. 11 Porco

O (QSL) de número 20 investigou as formas existentes para designar “o animal em que as orelhas e as pernas são usadas para fazer feijoada”. Para este item lexical foram registradas cinco formas linguísticas: *cerdo* 16 (33,3%), *porco* 16 (33,3%), *puerco* nove (18,7%), *marrano* quatro (8,3%) e *chancho* três vezes (6,2%).

A distribuição das lexias dentro do espaço diatópico pode ser verificada na carta 20, na qual podemos observar que as cidades de Tabatinga e Leticia apresentaram uso categórico das lexias *porco* e *cerdo*, respectivamente, enquanto na cidade peruana foram registradas as lexias *puerco*, *chancho* e *marrano*.

**Carta 11 (QSL 20)** – Variantes lexicais para designar “o animal em que as orelhas e pernas são usadas para fazer feijoada” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Em Tabatinga e Letícia o sexo feminino e masculino pontou de modo similar, pois do lado brasileiro a lexia *porco* obteve o índice de oito respostas (33,3%) para ambos os sexos, ocorrendo o mesmo em Letícia com a variante *cerdo* que também contabilizou oito respostas no grupo de homens e de mulheres.

Do lado peruano, por outro lado, a frequência de utilização das variantes divergiu nos resultados, uma vez que no sexo feminino houve o registro de oito respostas (33,3%) para a lexia *puerco*, duas para *chancho* (8,3%) e duas (8,3%) para *marrano*. No sexo masculino, *puerco* obteve cinco respostas (20,8%), duas *marrano* (8,3%) e uma resposta para *chancho*, que corresponde a (4,2%) do índice total.

No que tange à análise por geração, as lexias *porco* e *cerdo* obtiveram resultados similares se compararmos as ocorrências de uso nas gerações estudadas,

diferentemente das lexias *marrano*, *chanco* e *puerco* que apresentaram frequências díspares entre as gerações, conforme é possível observar na tabela 11.

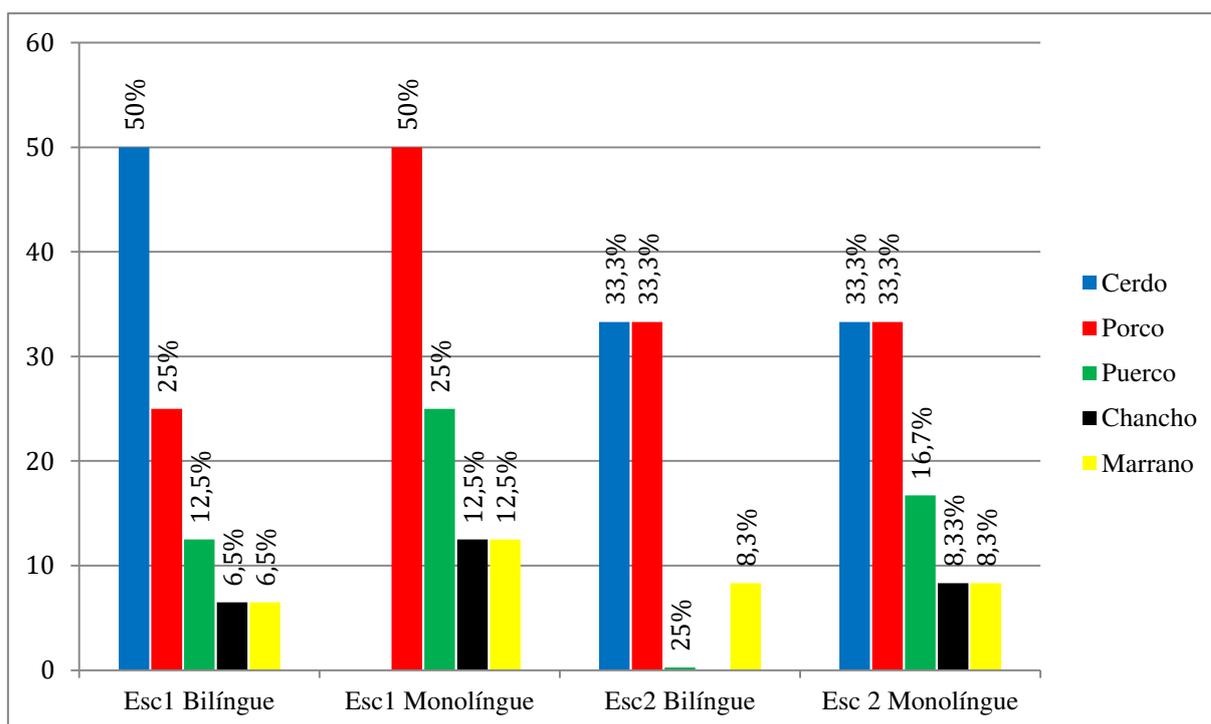
Tabela 11: Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta nº 20 (porco) na Tríplice fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS					
Dimensão Diageracional	Porco	Puerco	Marrano	Chancho	Cerdo
<b>(18 a 30)</b>	8 (33,3%)	3 (12,5%)	2 (8,3 %)	3 (12,5%)	8 (33,3%)
<b>(55 a 65)</b>	8 (33,3%)	6 (25%)	2 (8,3%)	-	8 (33,3%)
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>9</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>16</b>

Fonte: Elaborado pela autora

As produtividades linguísticas na dimensão diastrática de acordo com os parâmetros bilíngue e monolíngue, permitiu-nos notar que os informantes mais escolarizados (Esc2) demonstraram uma frequência semelhante com relação ao uso das variantes *cerdo* e *porco*, enquanto em falantes menos escolarizados (Esc1) bilíngues a lexia *cerdo* foi a dominante, e em monolíngues a variante *porco* foi a que obteve maior produtividade.

**Gráfico 11** – Distribuição dialingual das variantes lexicais para designar “o animal em que as orelhas e pernas são usadas para fazer feijoada” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

No aspecto diazonal, as lexias ficaram assim distribuídas: zona central, com oito respostas para as lexias *cerdo* e *porco*, o que corresponde a (33,3%) para ambas as formas; *puerco* foi registrado quatro vezes (16,7%), *marrano* duas (8,3%) e *chanco* também com duas respostas (8,3%).

Na zona Periférica, *cerdo* e *porco* obtiveram oito registros para cada uma das lexias (33,3%), *puerco* cinco (20,8%), *marrano* duas (8,3%) e *chanco* apenas um registro (4,2%).

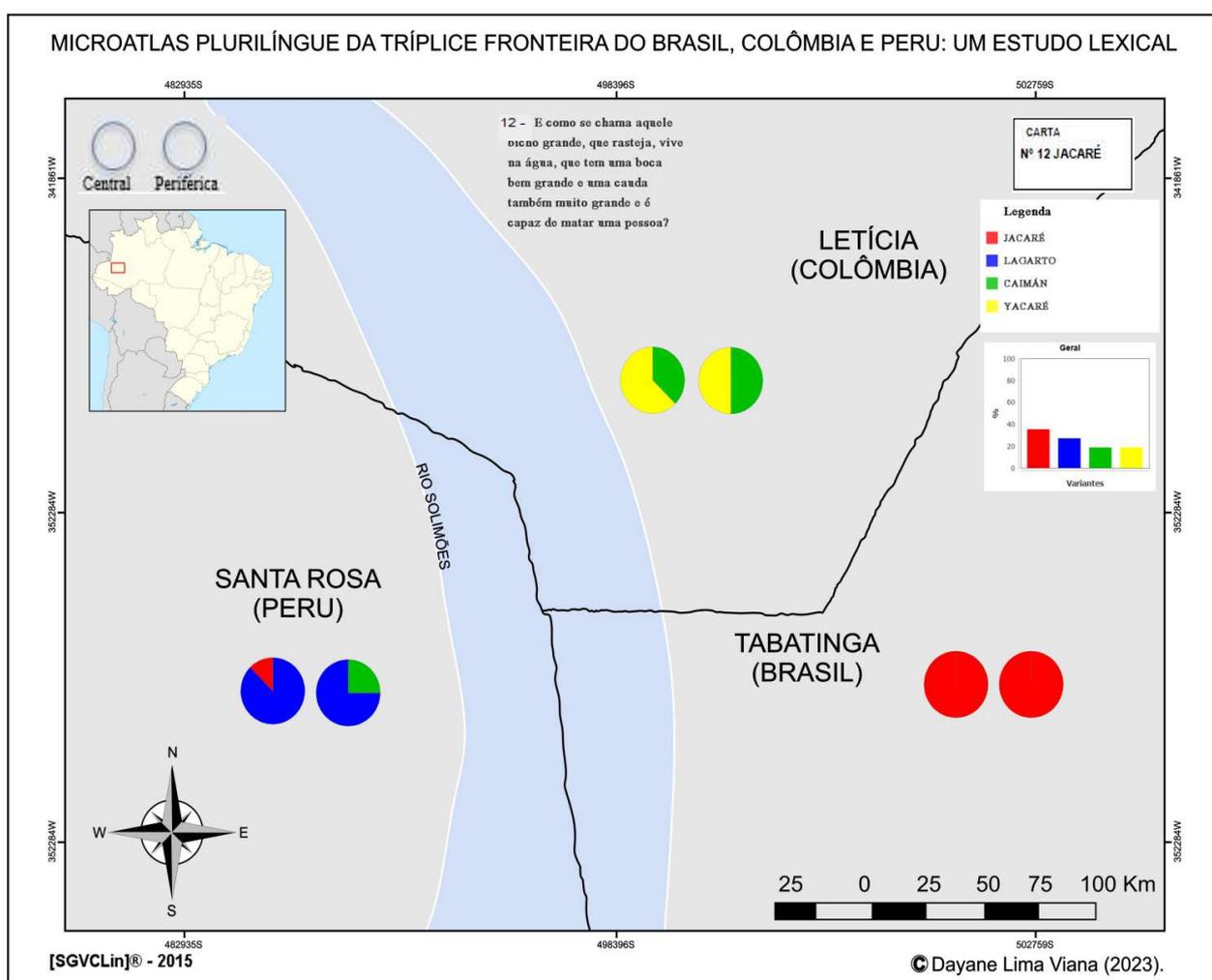
## 6.12 Jacaré

O item 21 do questionário procurou investigar as formas linguísticas para designar “o animal que rasteja e vive na água, que tem uma boca e cauda grande e é capaz de matar pessoas”.

Para esta questão registramos a existência de quatro lexias: *jacaré* 17 (35,5%), *lagarto* 13 (27,1%), *yacaré* nove (18,7%) e *caimán* também com nove respostas (18,7%).

Ao analisar a propagação das lexias dentro do espaço geográfico, fica evidente que *jacaré* é a única forma utilizada na cidade de Tabatinga, demonstrando ser uma forma categórica nessa comunidade de fala, enquanto as cidades de Santa Rosa e Letícia apresentaram oscilação quanto à utilização de mais de uma forma linguística, como é possível visualizar na carta 21.

**Carta 12 (QSL 21)** – Variantes lexicais para designar “o animal que rasteja e vive na água, que tem uma boca e cauda grande e é capaz de matar pessoas” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

No aspecto diageracional, verificamos que a faixa etária mais jovem apresentou maior preferência pelas lexias *lagartos* e *jacaré*, uma vez que computamos oito (33,3%) ocorrências para cada uma, seguidas de cinco respostas para a forma *caimán* (20,8%) e três para *yacaré* (12,5%).

Já na faixa etária mais velha, a forma mais utilizada foi *jacaré* e *yacaré* com o índice de nove (37,5%) e seis (25%) respostas, respectivamente. Registramos ainda cinco registros para *lagarto* (20,8%) e quatro (16,7%) para *caimán*.

Na análise diassexual, observamos que as lexias *jacaré*, *lagartos* e *caimán* apresentaram índices aproximados quanto à produtividade de homens e mulheres. No entanto, a variante *yacaré* foi a que mais apresentou diferenciação na frequência de uso, uma vez que foi mais produtiva em mulheres do que em homens, como podemos atestar na tabela 12.

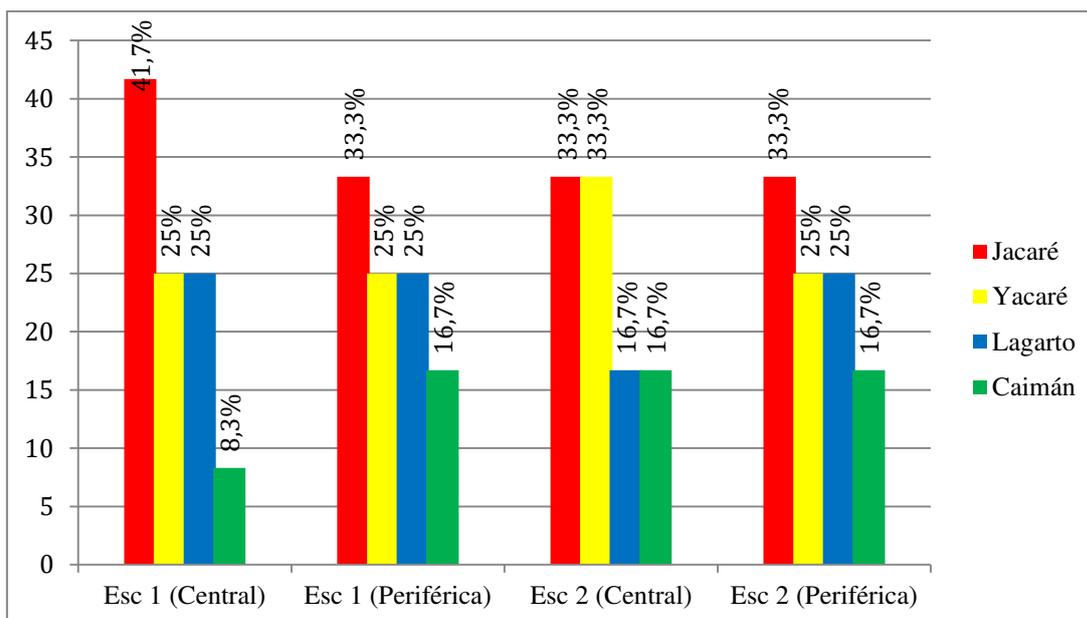
**Tabela 12:** Distribuição diassexual das variantes lexicais para a pergunta nº 21 (*jacaré*) na Tríplice fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

Dimensão Diassexual	VARIANTES LEXICAIS			
	Jacaré	Lagarto	Yacaré	Caimán
<b>Mulher</b>	8 (33,3%)	6 (25%)	6 (25%)	4 (16,7%)
<b>Homem</b>	9 (37,5%)	7 (29,2%)	3 (12,5%)	5 (20,8%)
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>13</b>	<b>9</b>	<b>9</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora

Quando avaliamos as lexias sob os enfoques diastrático e diazonal, notamos que falantes das regiões periféricas, tanto os menos escolarizados quanto os mais escolarizados, apresentaram o mesmo percentual de uso das lexias. Informantes das regiões centrais, por sua vez, apresentaram um uso frequente diferenciado das lexias, como é possível notar nos índices apresentado no gráfico 12.

**Gráfico 12 –** Distribuição diastrática das variantes lexicais para designar “o animal que rasteja e vive na água, que tem uma boca e calda grande e é capaz de matar pessoas” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Ao avaliarmos as produtividades lexicais de acordo com a perspectiva dialingual (bilíngues e monolíngues), verificamos que a lexia *jacaré* obteve maior percentual tanto em informantes bilíngues quanto em monolíngue, pois contabilizamos oito respostas (28,6%) em informantes bilíngues e nove (45%) em monolíngues.

Em bilíngues, as demais variantes ficaram assim distribuídas: sete respostas (25%) para *caimán*, sete (25%) para *yacaré* e seis (21,4%) para *lagarto*. Em monolíngues, *lagarto* pontuou sete vezes (35%) e *caimán* foi registrada com duas respostas, o que representa (10%) do percentual geral.

### 6.13 Pirarucu

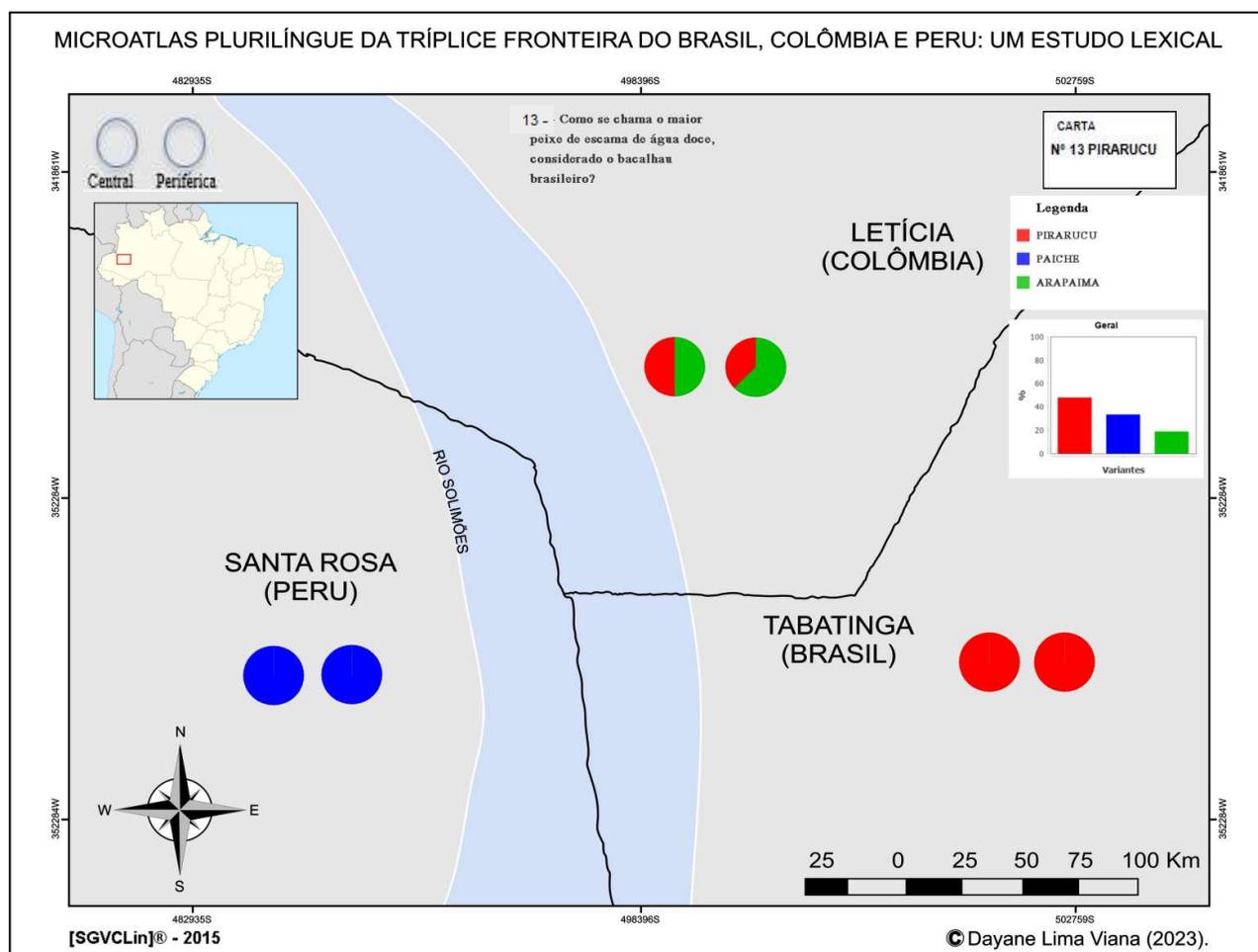
O pirarucu é considerado um dos maiores peixes de água doce do mundo. Devido a seu tamanho, é um peixe muito procurado por turistas que desejam ver tanto sua grandiosidade quanto saborear os pratos feitos com esse peixe.

De acordo com a Ong wwf, seu nome vem de dois termos indígenas, *pira*, "peixe", e *urucum*, "vermelho", devido a cor de sua cauda. Por ser um peixe muito consumido na Tríplice fronteira, consideramos indispensável sua inserção no (QSL).

Ao avaliar a distribuição lexical dentro do espaço geográfico, verificamos a existência de três formas linguísticas: *pirarucu* com 23 respostas (47,9%), *paiche* com 16 (33,3%) e *arapaima* com nove (18,7%).

Na cidade brasileira observamos o predomínio da lexia *pirarucu*, na cidade peruana *paiche* foi a lexia predominante e em Letícia notamos a concorrência das formas *pirarucu* e *arapaima*, como é possível observar na carta 13.

**Carta 13 (QSL 22)** – Variantes lexicais para designar “o maior peixe de escama de água doce” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

A comparação das respostas dadas por homens e mulheres, nos permitiu observar que no sexo masculino a lexia *pirarucu* obteve maior índice com 14 respostas (58,3%) e o sexo feminino apresentou nove respostas (37,5%). A forma *paiche* foi mencionada oito vezes por mulheres (33,3%), obtendo o mesmo índice em homens.

Por outro lado, o termo *arapaima* foi bem mais produtivo em mulheres com sete ocorrências (29,2%) contra apenas duas (8,3%) no sexo masculino.

No aspecto diastrático, a forma *pirarucu* e *arapaima* apresentaram cômputos aproximados em informantes das duas escolaridades, também observamos que a

lexia *paiche* obteve índice paritário em informantes da ESC1 e ESC 2, como se pode notar na tabela 13.

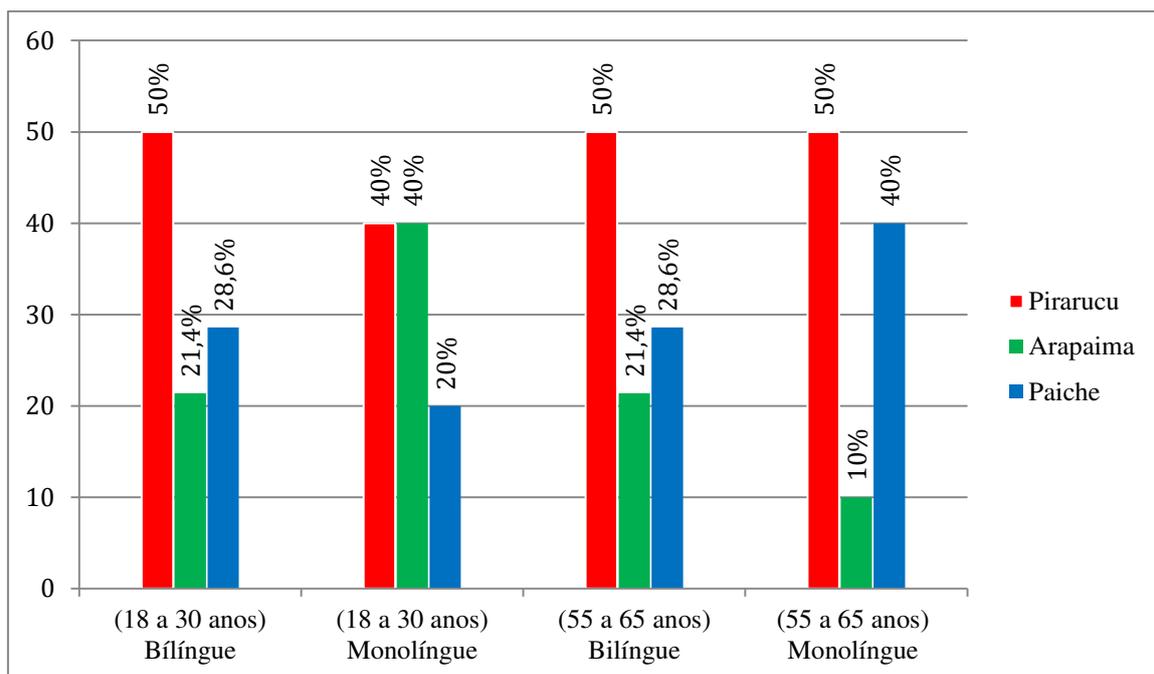
**Tabela 13:** Distribuição diastrática das variantes lexicais para a pergunta nº 22 (Pirarucu) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

Dimensão Diastrática	VARIANTES LEXICAIS		
	Pirarucu	Arapaima	Paiche
<b>Escolaridade 1</b>	12 (50%)	4 (16,7%)	8 (33,3%)
<b>Escolaridade 2</b>	11 (45,8%)	5 (20,8%)	8 (33,3%)
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>9</b>	<b>16</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora

Considerando falantes bilíngues e monolíngues das duas faixas etárias, podemos notar no gráfico 13 que a lexia *pirarucu* foi a mais produtiva nas cédulas analisadas. Apenas na faixa etária 1 (18 a 30 anos) se observa uma excepcionalidade, pois nesse parâmetro a lexia *paiche* apresenta índices paritários.

**Gráfico 13** – Distribuição diageracional e dialingual das variantes lexicais para designar “o maior peixe de escama de água doce” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru.



Fonte: Elaborado pela autora

Os dados analisados demonstram uma difusão com índices aproximados nas zonas centrais e periféricas, uma vez que na área central *pirarucu* pontuou 12 vezes (50%), *paiche* oito vezes (33,3%) e *arapaima* quatro (16,7%). Na zona periférica *pirarucu* computou 11 respostas (45,8%), *paiche* oito (33,3%) e *arapaima* cinco registros, totalizando em (20,8%) do índice geral.

## 6.14 Candiru

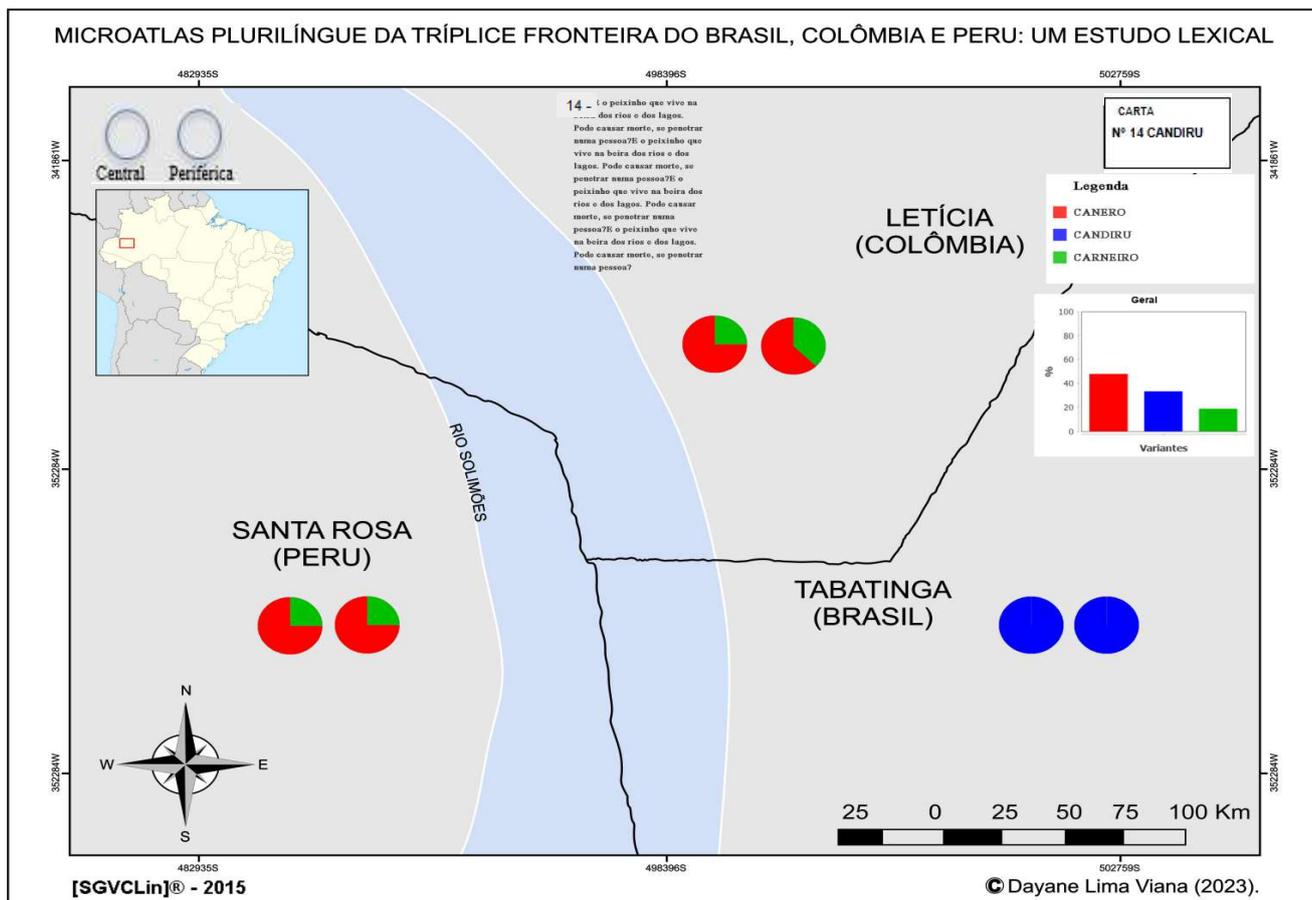
De acordo com a reportagem de Núbia (2022) para o G1, o **candiru** é um peixe hematófago, isto é, se alimenta do sangue de outros animais. É por este motivo que popularmente é conhecido como “peixe vampiro”. A espécie é responsável por muitos acidentes em banhistas no Rio Amazonas, pois pode penetrar nos orifícios do corpo humano, como na uretra, ânus e vagina.

Por ser uma espécie popular na tríplice fronteira, o item lexical foi selecionado para integrar (QSL) o estudo. Dessa forma, registramos os seguintes índices gerais: *canoero* 23 ocorrências (47,9%), *candiru* 16 (33,3%) e *carneiro* nove (18,5%).

Na dimensão diatópica, constatamos que no lado brasileiro a lexia *candiru* é utilizada de forma categórica, destoando do lado peruano e colombiano

observamos a concorrência linguística entre as formas *carneiro* e *canero*, como podemos verificar na carta 14.

**Carta 14 (QSL 23)** – Variantes lexicais para designar “o peixinho que pode causar morte se penetrar na pessoa” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

Ao compararmos os índices no aspecto diastrático, constatamos que o quantitativo das ocorrências linguísticas apresentou dados aproximados no que tange à frequência do uso das variantes nos informantes dos dois graus de escolaridades.

A frequência de uso entre informantes menos escolarizados ficou assim estabelecida: *canero* 12 (50%) vezes, *candiru* oito (33,3%) e *carneiro* quatro (16,7%). Nos mais escolarizados, a lexia *canero* obteve 11 respostas (45,8%), *candiru* oito (33,3%) e *carneiro* cinco, que corresponde a (20,8%) do índice.

De acordo com a análise dialingual, observamos que a forma *carneiro* obteve maior predomínio entre informantes bilíngues, enquanto em monolíngues a variação

entre a lexia *caneiro* e *candiru* se demonstrou em extrema concorrência como é possível visualizar na tabela 14.

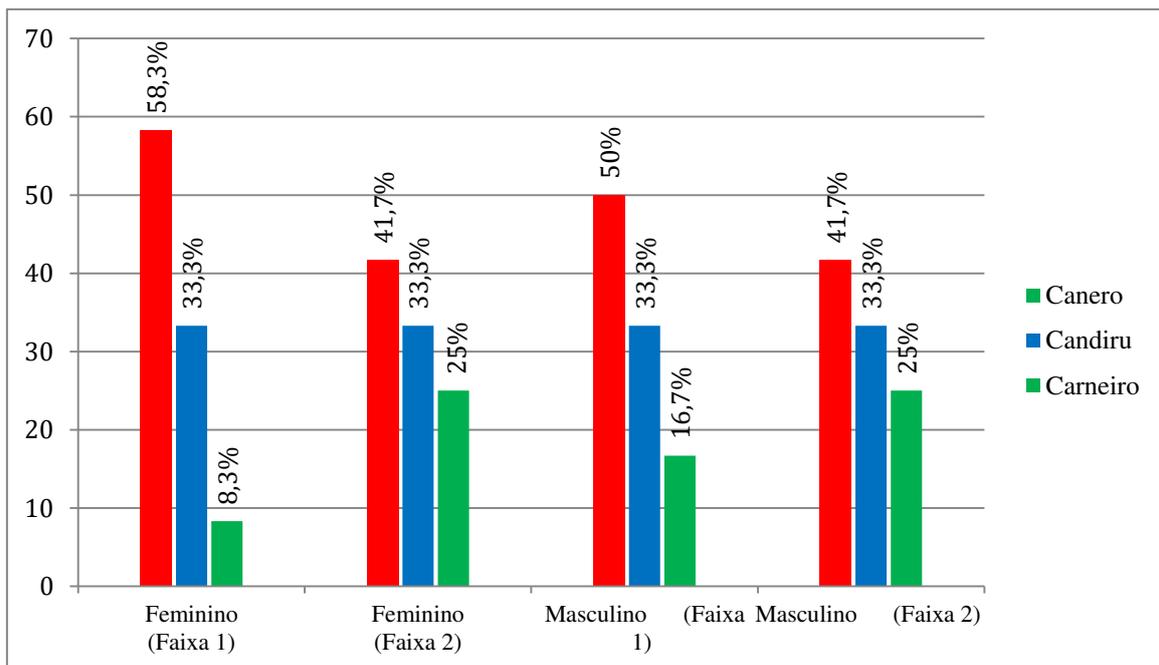
**Tabela 14:** Distribuição dialingual das variantes lexicais para a pergunta n° 23 (*candiru*) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS			
Dimensão Dialingual	<b>Candiru</b>	<b>Canero</b>	<b>Carneiro</b>
<b>Bílingue</b>	8 (28,6%)	14 (50%)	6 (21,4%)
<b>Monolíngue</b>	8 (40%)	9 (45%)	3 (15%)
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>23</b>	<b>9</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora

Tanto em homens quanto em mulheres, a lexia *canero* foi a mais produtiva; *candiru* obteve o mesmo índice em todas as variáveis, isto é, homem x mulher das duas faixas etárias, como é possível verificar no gráfico 14.

**Gráfico 14 –** Distribuição dialingual das variantes lexicais para designar “o peixinho que pode causar morte se penetrar na pessoa” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

No que tange à análise das lexias por zonas centrais e periféricas, de acordo com nossos registros a frequência nas zonas estão bem distribuídas, visto que, na zona central, a lexia *carneiro* foi registrada 12 vezes (50%), seguida de *candiru* com oito ocorrências (33,3%) e *canero* com quatro respostas (16,7%). Nas zonas periféricas *canero* pontou 11 vezes (45,8%), *candiru* oito (33,3%) e a lexia *carneiro* foi registrada cinco vezes (20,8%).

### 6.15 Poraqué

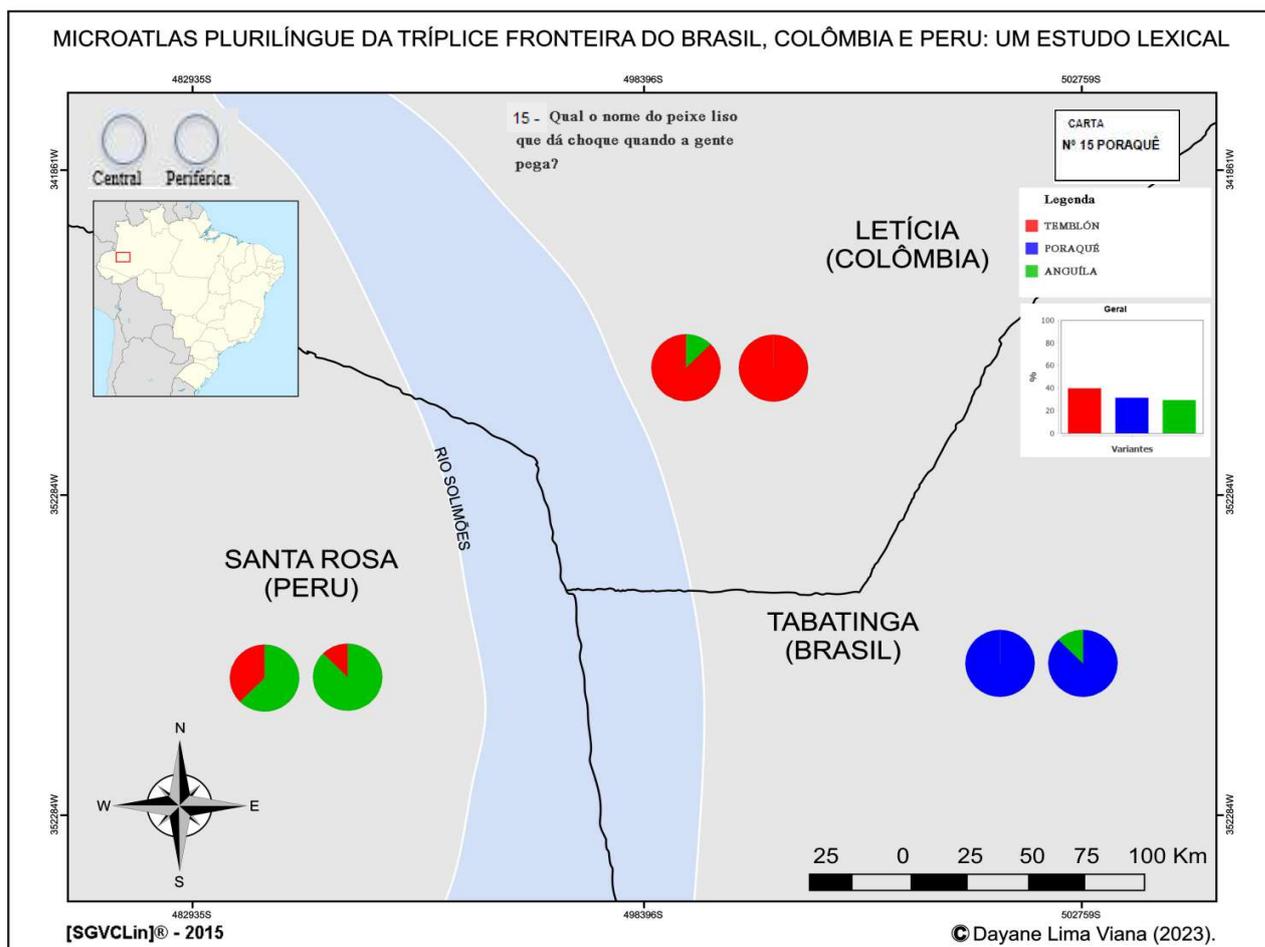
O poraquê é uma das espécies mais conhecidas dentre os peixes elétricos na Amazônia e pode chegar a três metros de comprimento, com uma descarga elétrica que produz um choque entre 300w e 1500w.

A palavra poraquê provém da língua tupi e significa “o que faz dormir” ou o que “entorpece”. A espécie é responsável por várias mortes, uma vez que o peixe consegue atingir uma pessoa mesmo que não haja contato, pois com sua eletricidade ele consegue liberar um choque a cerca de três metros.

Devido a sua popularidade na Amazônia internacional, consideramos necessária sua inserção no (QSL). Desse modo, registramos as seguintes formas

linguísticas e os respectivos índices gerais: *temblón* 19 (39,6%), *poraquê* 15 (31,2%), *anguíla* 14 (29,2%).

**Carta 15 (QSL 32)** – Variantes lexicais para designar “o nome do peixe liso que dá choque quando a gente pega” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

Na cidade de Santa Rosa, observamos o predomínio da lexia *anguíla* seguida da forma *temblón*. Analisamos justamente o oposto na cidade de Letícia, pois a lexia *temblón* demonstrou dominância, havendo apenas uma menção de *anguíla*.

Já na cidade de Tabatinga, a lexia *poraquê* apresentou maior índice de ocorrência e forma *anguíla* foi mencionada apenas uma vez.

Notamos que a faixa etária mais jovem tem preferência pela forma *temblón*, pois foi a mais produtiva com 11 respostas (45,8%), seguida de *poraquê* com oito (33,3%) e *anguíla* com cinco ocorrências (20,8%).

Por outro lado, observamos a variação na faixa etária mais velha, haja vista que *temblón* apresentou estrita concorrência com a lexia *anguíla*, uma vez que a distribuição léxica ficou assim consolidada: *anguíla* nove vezes (37,5%), *temblón* oito (33,3%) e *poraquê* com sete respostas, que correspondem a (29,2%) do total.

Na dimensão dialingual, notamos que informantes bilíngues demonstram maior uso da lexia *temblón*, enquanto as formas *anguíla* e *poraquê* tiveram o mesmo quantitativo. Em monolíngues, as três formas linguísticas ficaram bem distribuídas, de forma que obtiveram índices aproximados, como podemos notar na tabela 15.

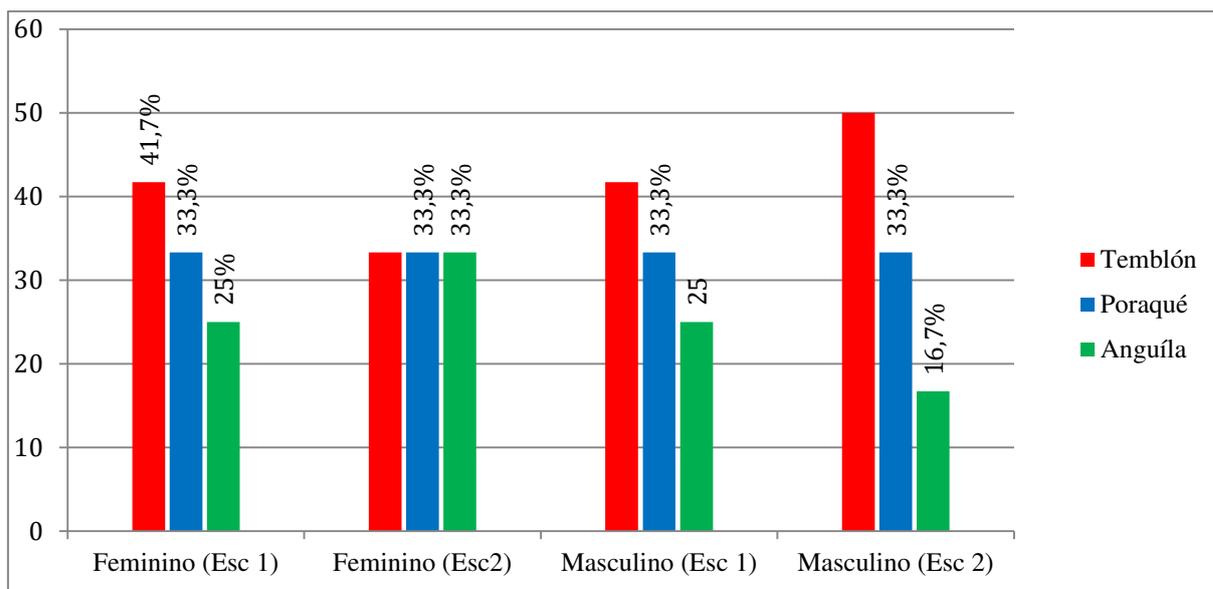
**Tabela 15:** Distribuição dialingual das variantes lexicais para a pergunta QSL n° 32 (poraquê) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS			
Dimensão Dialingual	Temblón	Poraquê	Anguíla
Bilíngue	12 (42,8%)	8 (28,5%)	8 (28,5%)
Monolíngue	7 (35%)	7 (35%)	6 (30%)
Total	<b>19</b>	<b>15</b>	<b>14</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora

Na análise diassexual e diastrática, a forma *temblón* foi a que mais apresentou produtividade em todas as cédulas de análise. A lexia *poraquê* também obteve o índice de 33,3% tanto em homens quanto mulheres dos dois graus de escolaridades. Os resultados paritários podem ser conferidos no gráfico 15.

**Gráfico 15 –** Distribuição diassexual das variantes lexicais para designar “o nome do peixe liso que dá choque quando a gente pega” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

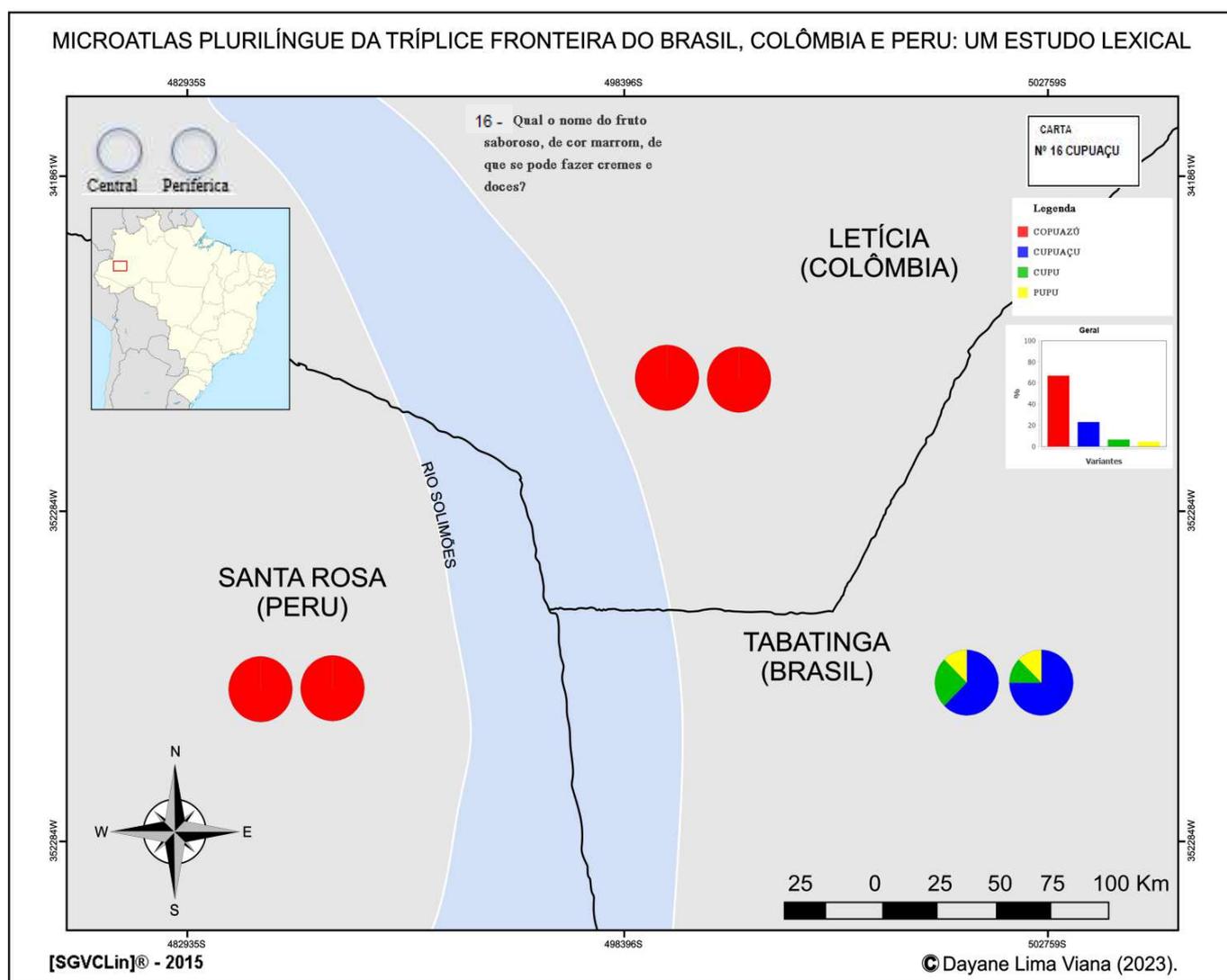
Na zona central e periférica, as formas linguísticas estão quase uniformemente distribuídas, com diferença apenas de uma ocorrência no índice entre as zonas, pois na área central *temblón* foi registrada 10 vezes (41,7%), *poraqué* oito vezes (33,3%) e *anguila* seis vezes (25%). Na zona periférica, *temblón* obteve nove respostas (37,5%), *anguila* oito (33,3%) e *poraqué* com sete respostas, o que corresponde a (29,2%).

## 6.16 Cupuaçu

O nome científico do cupuaçu vem do latim *theobroma* e significa “manjar dos deuses”. É originário da Amazônia e rico em vitaminas, minerais e antioxidantes. Com gosto e cheiro singular, a fruta é considerada uma iguaria muito famosa em sucos, geleias, creme e sorvetes.

De acordo com a análise diatópica, na cidade de Letícia e Santa Rosa, a lexia *copoazú* foi predominante, diferentemente do lado brasileiro que, ao analisar a carta 16, percebemos a existência de três formas linguísticas com seus respectivos índices: *copoazú* 32 (66,7%), *cupuaçu* 11 (22,9%), *cupu* 3 (6,2%) e *pupu* 2 (4,2%)

**Carta 16 (QSL 34)** – Variantes lexicais para designar “o nome do fruto saboroso de cor marrom, que se pode fazer cremes doces” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

O aspecto diageracional revelou que tanto os mais jovens quanto os mais velhos obtiveram maior frequência na utilização da lexia *copoazú*, cada uma com 16 respostas, o que corresponde a (66,7%).

Na faixa etária mais jovem, as demais frequências ficaram assim registradas: *cupuaçu* com sete respostas (29,2%) e *cupu* com apenas uma ocorrência (4,2%). Em informantes mais velhos, *cupuaçu* pontou quatro vezes (16,7%), seguido de duas ocorrências de *pupu*, o que representa (8,3%).

Na análise diastrática, a forma *cupuaçu* foi predominante em informantes das duas escolaridades, sendo a lexia mais produtiva em falantes menos escolarizados. Houve ainda ausência da forma *pupu* em informantes da escolaridade 1, mas duas ocorrências em informantes da escolaridade 2, como é possível verificar na tabela 16.

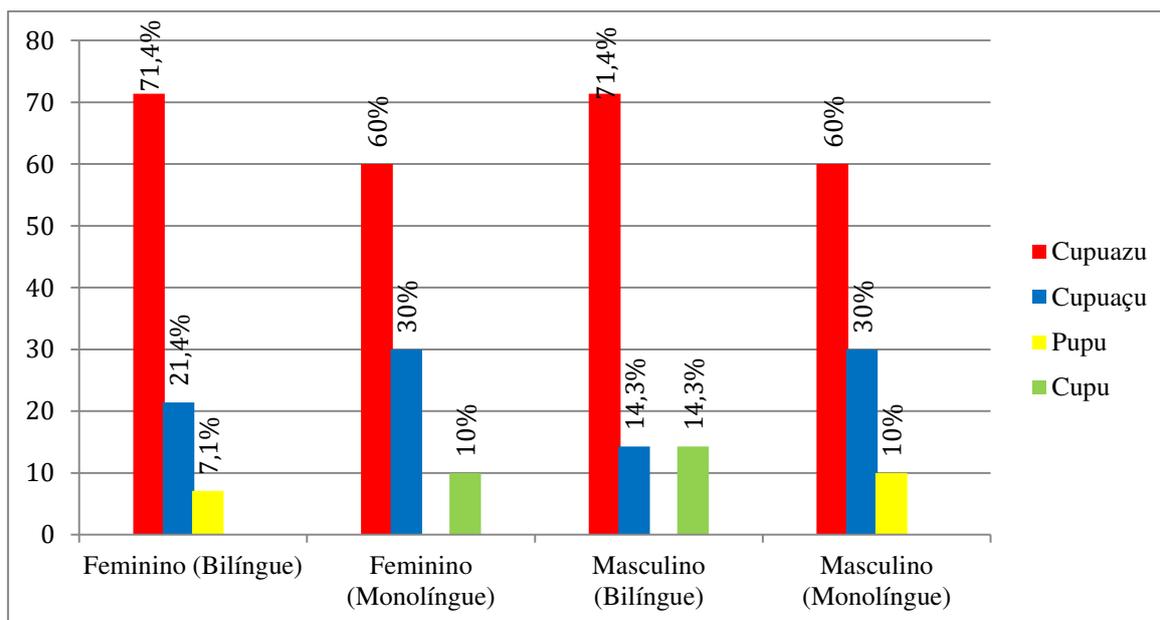
**Tabela 16:** Distribuição Diastrática das variantes lexicais para a pergunta nº 34 (cupuaçu) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS				
Dimensão Diastrática	Copuaçu	Cupuaçu	Pupu	Cupu
<b>Escolaridade 1</b>	16 (66,7%)	7 (29,2 %)	-	1 (4,2%)
<b>Escolaridade 2</b>	16 (66,7%)	4 (16,7%)	2 (8,3%)	2 (8,3%)
<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>11</b>	<b>2</b>	<b>3</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora

Na dimensão diasssexual e dialingual, notamos que em todas as cédulas analisadas, homens e mulheres (bilíngues e monolíngues) tiveram maior índice de uso da lexia *copoazú*. A lexia *cupu* e *pupu*, mesmo com menor índice foram registradas em homens e mulheres, tanto em bilíngues quanto em monolíngues, como é possível analisar no gráfico16.

**Gráfico 16 –** Distribuição diasssexual e dialingual das variantes lexicais para designar “o nome do fruto saboroso de cor marrom, que se pode fazer cremes e doces” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Quando analisamos as ocorrências linguísticas por área, observamos que, tanto nas áreas centrais e periféricas, a lexia hispânica *copoazú* foi a mais produtiva, obtendo o índice total de 16 ocorrências (66,7%) em ambas as áreas.

Na zona central, as demais lexias ficaram assim representadas: *cupuaçu* com cinco respostas (20,8%), *cupu* duas (8,3%) e uma ocorrência de *pupu* (4,2%). Na zona periférica *cupuaçu* pontuou seis vezes (25%), seguido de *cupu* e *cupu* ambas com uma ocorrência, o que corresponde a (4,2%).

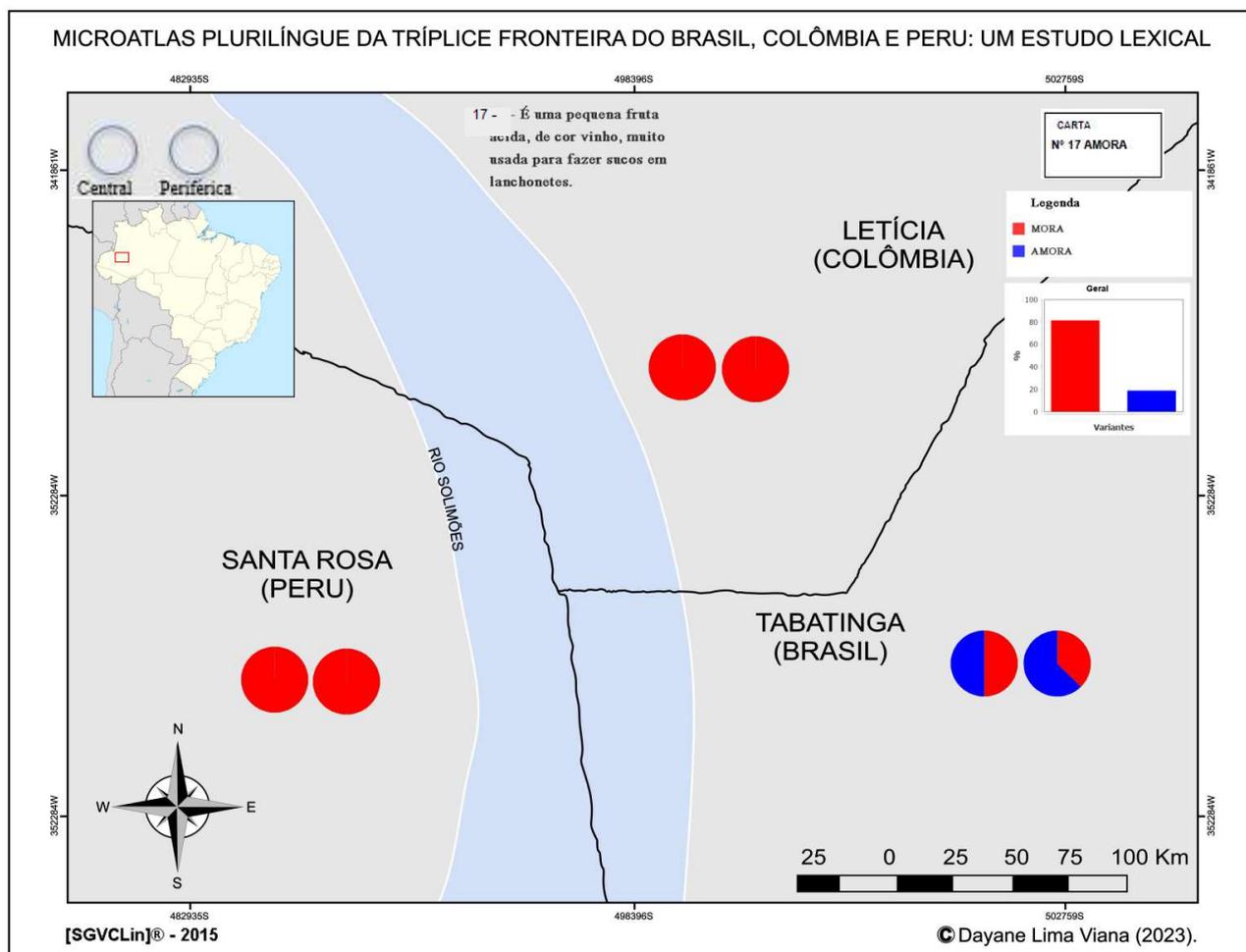
### 6.17 Amora

Com o delicioso fruto da *amora* é feito um tradicional suco muito consumido na tríplice fronteira. O fruto vem de outras partes da Colômbia, sendo um dos mais populares nas lanchonetes das cidades fronteiriças.

Como é possível visualizar na carta 17, em Santa Rosa e Letícia, a forma *mora* se apresenta como única forma dominante nos dois territórios.

De perspectiva contrária, na cidade de Tabatinga, podemos perceber uma difusão da lexia hispânica, haja vista que as formas *amora* e *mora* se apresentam em concorrência dentro do espaço brasileiro.

**Carta 17 (QSL 40)** – Variantes lexicais para designar “a fruta de sabor ácido, de cor vinho, muito usada para fazer suco” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

De acordo com a análise diastrática, percebemos que a difusão da lexia hispânica *mora* dentro do território brasileiro está se estendendo de forma semelhante nos estratos sociais, pois nas duas escolaridades a frequência de utilização obteve valores bem aproximados.

Em informantes menos escolarizados, a lexia hispânica *mora* foi registrada 20 vezes (83,3%) e a forma brasileira *amora* quatro vezes (16,7%). Na escolaridade 2, *mora* obteve 19 respostas (79,2%) e cinco respostas para a lexia *amora* (20,8%).

Observamos também que, no tange à ocorrência léxica por geração, notamos que tanto os falantes mais jovens quanto os mais velhos apresentaram maior adoção pela lexia hispânica, deixando a forma portuguesa com menor frequência de uso, conforme se pode analisar na tabela 17.

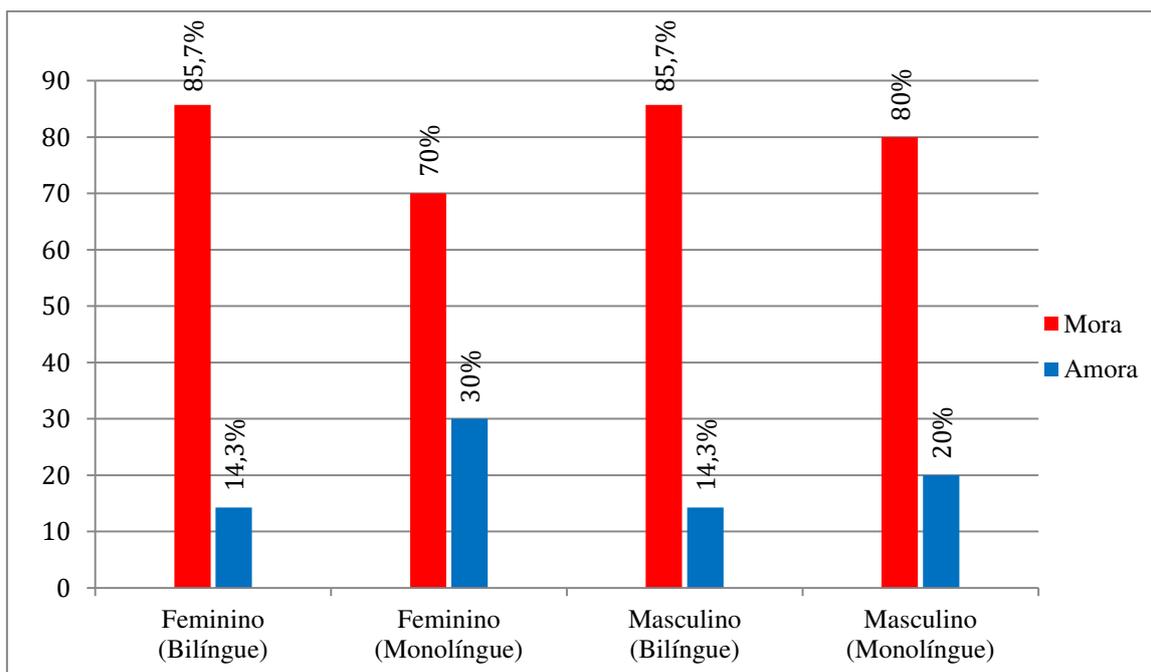
**Tabela 17:** Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta n° 39 (amora) na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS		
Dimensão Diageracional	Amora	Mora
(18 a 30)	4 (16,7%)	20 (83,3%)
(55 a 65)	5 (20,8%)	19 (79,2%)
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>39</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Na dimensão diassexual e dialingual, percebemos que a forma *mora* foi a mais produtiva entre homens e mulheres. Já na dimensão dialingual, verificamos que se compararmos com a frequência com os bilíngues, os informantes monolíngues obtiveram maior índice para a lexia portuguesa *amora*, como é possível analisar no gráfico 17.

**Gráfico 17**– Distribuição das variantes lexicais para designar “a fruta de sabor ácido, de cor vinho, muito usada para fazer suco” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Analizamos também a extensão das lexias nas zonas centrais e periféricas. Avaliamos, assim, que na área central a lexia *mora* obteve 20 registros (83,3%), enquanto a lexia *amora* tem quatro registros (16,7%). Na área periférica, *mora* foi registrada 19 vezes (79,2%) e *amora* cinco vezes, o que corresponde a (20,8%) do cômputo total.

## 6.18 Salsão

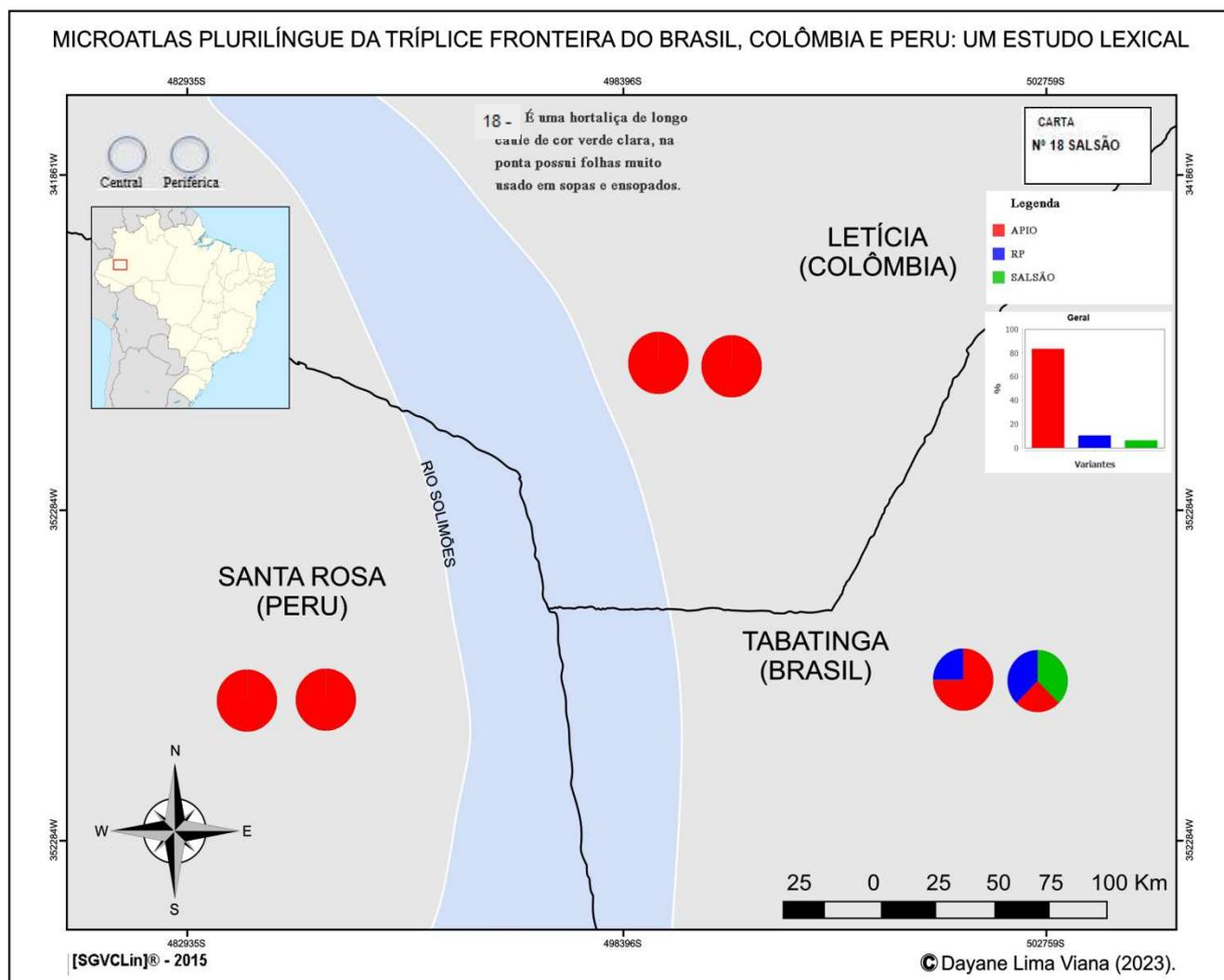
O salsão é um vegetal rico em vitaminas k e C, minerais e magnésio. Da mesma família da salsa, o salsão é rico em óleo chamado apiol, conhecido por ser um poderoso antioxidante. No Brasil é mais cultivado e consumido na região de São Paulo. No Amazonas, no entanto, é um vegetal pouco consumido, embora na Tríplice Fronteira ele seja muito utilizado em sopas, saladas e vários outros pratos.

De acordo com a visualização da carta 18, podemos observar que duas formas linguísticas foram registradas: *apio* com 40 respostas (83,3%) e *salsão* com três respostas (6,2%). Observamos ainda a incidência de cinco respostas prejudicadas (10,4%).

Analizando a dimensão diatópica, fica evidente que na cidade de Santa Rosa e Letícia há uma única forma linguística utilizada, diferentemente do que ocorre na

cidade de Tabatinga, na qual se observa a concorrência entre as formas hispânica e portuguesa, evidenciando, portanto, a difusão da lexia hispânica dentro do espaço brasileiro.

**Carta 18 (QSL 42)** – Variantes lexicais para designar “a hortaliça de longo caule de cor verde clara que possui folhas muito usadas em sopas” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Os índices revelam que no sexo masculino *apio* é a única forma utilizada, haja vista, que não foi registrada a lexia portuguesa *salsão* nesse recorte de análise.

Dessa forma, no sexo masculino os cálculos gerais foram: *apio* com 21 respostas (87,5%) e três ocorrências de *rp* (12,5%). No sexo feminino a lexia *apio* foi registrada 19 vezes (79,2%), três ocorrências de *salsão* (12,5%) e dois *rp* (8,3%).

Observamos que na faixa etária mais velha, a lexia *apio* foi levemente mais produtiva comparada com a geração mais jovem. Por outro lado, no tocante à lexia *salsão*, a diferença foi de apenas uma ocorrência entre as gerações, como podemos verificar na tabela 18.

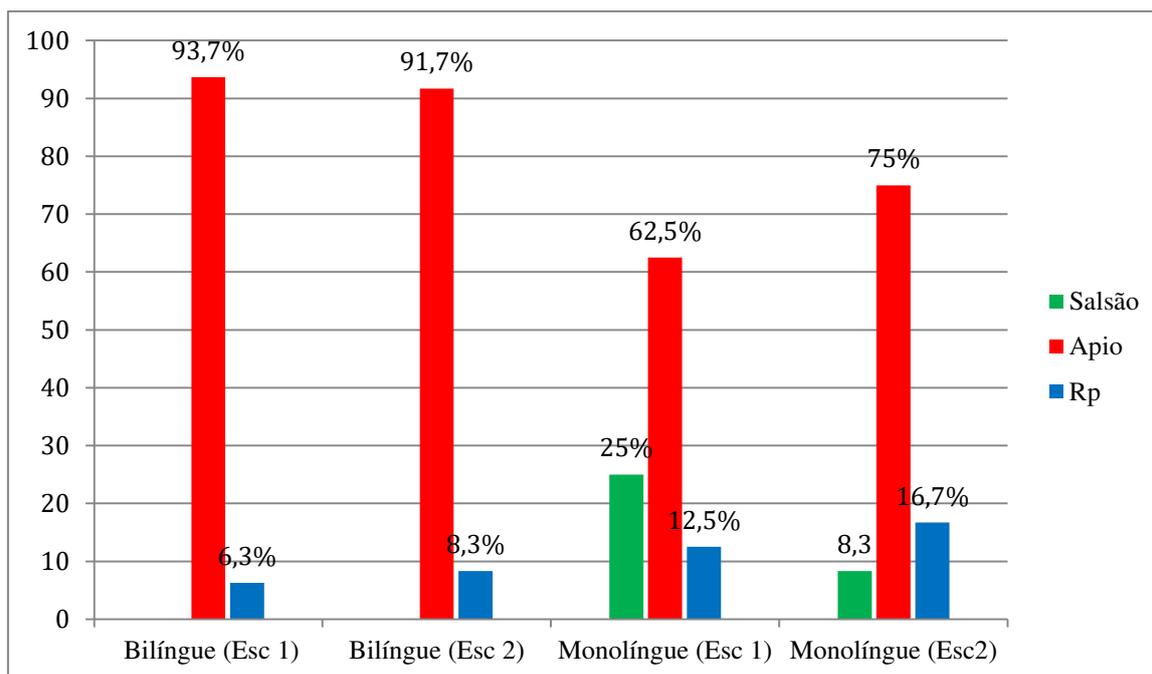
**Tabela 18:** Distribuição Diageracional das variantes lexicais para a pergunta nº 42 (*salsão*) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS			
Dimensão Diageracional	Salsão	Apio	Rp
(18 a 30)	2 (8,3%)	19 (79,2%)	3 (12,5%)
(55 a 65)	1 (4,2%)	21 (87,5%)	2 (8,3%)
<b>Total</b>			

Fonte: Elaborado pela autora

O estudo também revelou algo interessante a respeito da dimensão dialingual e diastrática, visto que demonstrou que a lexia portuguesa *salsão* foi registrada apenas em informantes monolíngues, ocorrendo o contrário em informantes bilíngues, parâmetro no qual verificamos um alto índice de utilização da lexia hispânica *apio*.

**Gráfico 18–** Distribuição dialingual das variantes lexicais para designar “a hortaliça de longo caule de cor verde clara que possui folhas muito usadas em sopas” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

As ocorrências linguísticas na dimensão diazonal revelaram que na zona central a forma *apio* foi contabilizada 22 vezes (91,7%), seguida de duas respostas prejudicadas (8,3%), evidenciando, assim, a ausência da forma portuguesa *salsão*, pois não apresentou nenhum registro.

Por outro lado, na área periférica ocorreram os únicos registros da lexia portuguesa *salsão* com três registros (12,5%), parâmetro diazonal no qual houve também o cômputo de três *respostas prejudicadas* (12,5%).

### 6.19 Beterraba

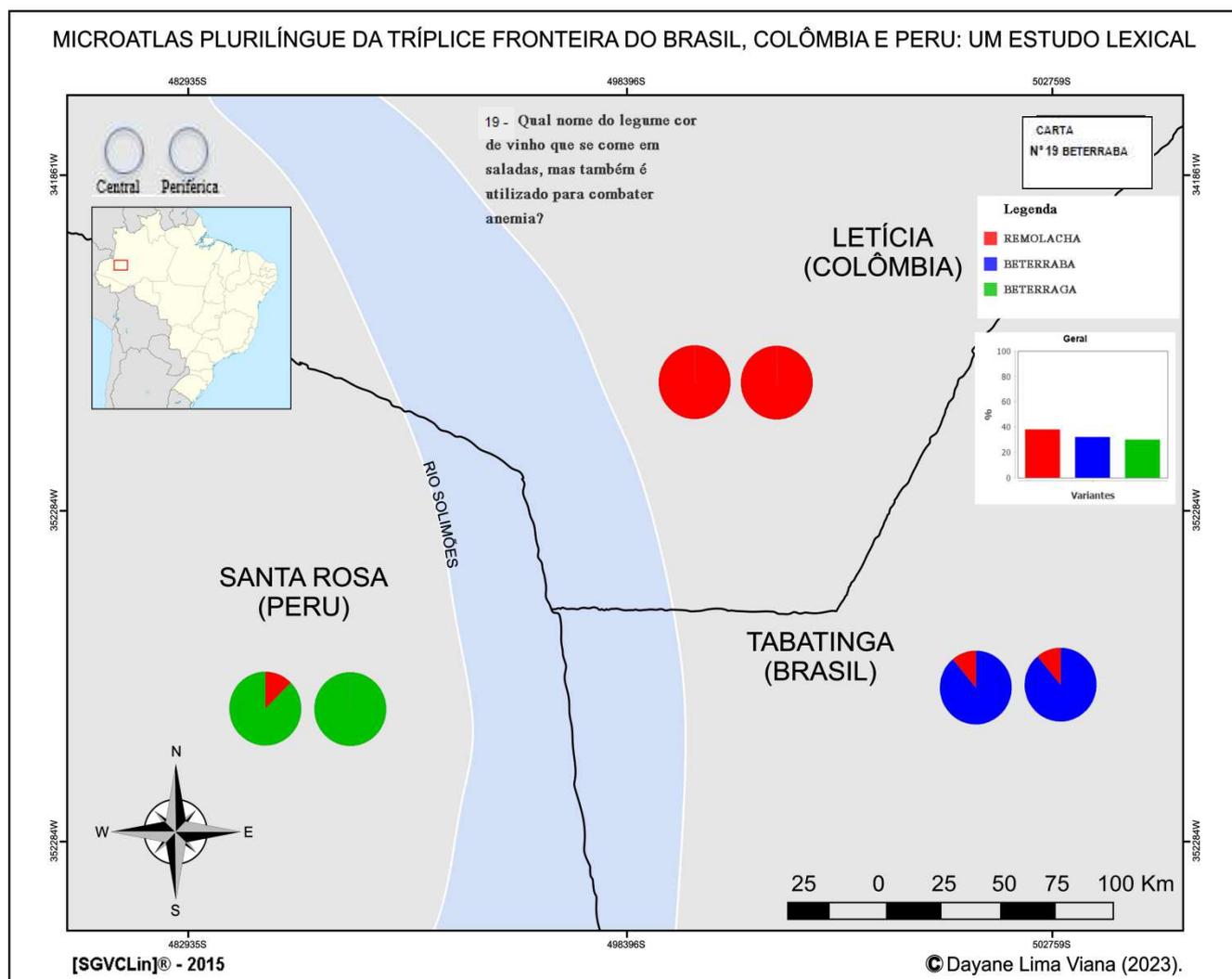
O item 19 investigou estudos a respeito das formas existentes para designar “o legume cor de vinho que se come em saladas, mas também é utilizado para combater a anemia”.

A beterraba é uma raiz, também chamada de tubérculo, é rica em proteínas, vitaminas e muitos minerais. Na Tríplice Fronteira é utilizada em saladas, mas também é usualmente utilizada como principal ativo no combate à anemia e outras doenças.

Em análise diatópica, notamos que cada cidade tem um relativo uso categórico. Em Letícia, a lexia *remolacha* foi registrada 17 vezes (38%), revelando-se como forma categórica. Em santa Rosa, a lexia *beterraga* obteve o cômputo de 15

respostas (30%) e em Tabatinga *beterraba* pontuou 16 vezes, o que corresponde a (32%) do índice geral.

**Carta 19 (QSL 45)** – Variantes lexicais para designar “o legume cor de vinho que se come em saladas” na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Numa breve comparação entre as zonas, na área central das localidades investigadas, a lexia *remolacha* obteve 10 respostas (40%), *beterraba* oito (32%) e *beterraga* sete respostas (28%). Na zona periférica *remolacha* pontuou com nove ocorrências (36%), *beterraba* oito (32%) e *beterraga* também com oito incidências, que representam (32%) dos dados.

A análise diageracional apontou que, no tocante à presença de item lexical estrangeiro na cidade de Tabatinga e Santa Rosa, foi realizada por informantes da geração mais jovem (18 a 30 anos). A segunda faixa, isto é, os informantes de geração mais velha mantiveram-se conservadores optando pelo uso categórico de lexias correspondentes ao seu sistema linguístico, como é possível notar na tabela 19.

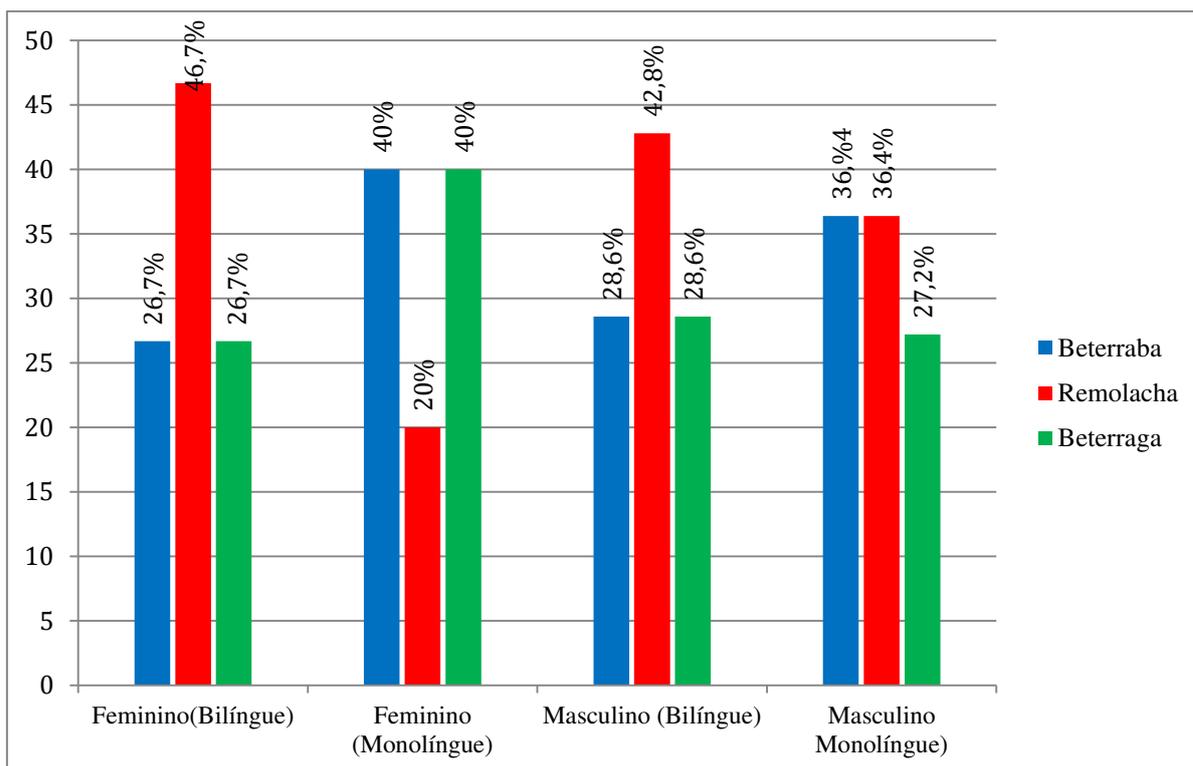
**Tabela 19:** Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta nº 45 (beterraba) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS			
Dimensão Diageracional	Beterraba	Remolacha	Beterraga
(18 a 30)	8 (30,7%)	11 (42,3%)	7 (26,9%)
(55 a 65)	8 (33,3%)	8 (33,3%)	8 (33,3%)
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>19</b>	<b>15</b>

Fonte: Elaborado pela autora

As incidências (não categóricas) do uso da lexia *remolacha* observadas nas cidades de Tabatinga e Santa Rosa foram registradas em informantes de ambos os sexos de base dialingual (bilíngue). Essa constatação pode ser notada no gráfico 19.

**Gráfico 19** – Distribuição diasssexual e dialingual das variantes lexicais para designar “o legume cor de vinho que se come em saladas” na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Os informantes menos escolarizados foram os que apresentaram inovações, haja vista que os entrevistados da escolaridade 1 fizeram uso 11 vezes da lexia *remolacha* (42,3%), *beterraba* oito (30,7%) e *beterraga* sete (26,9%).

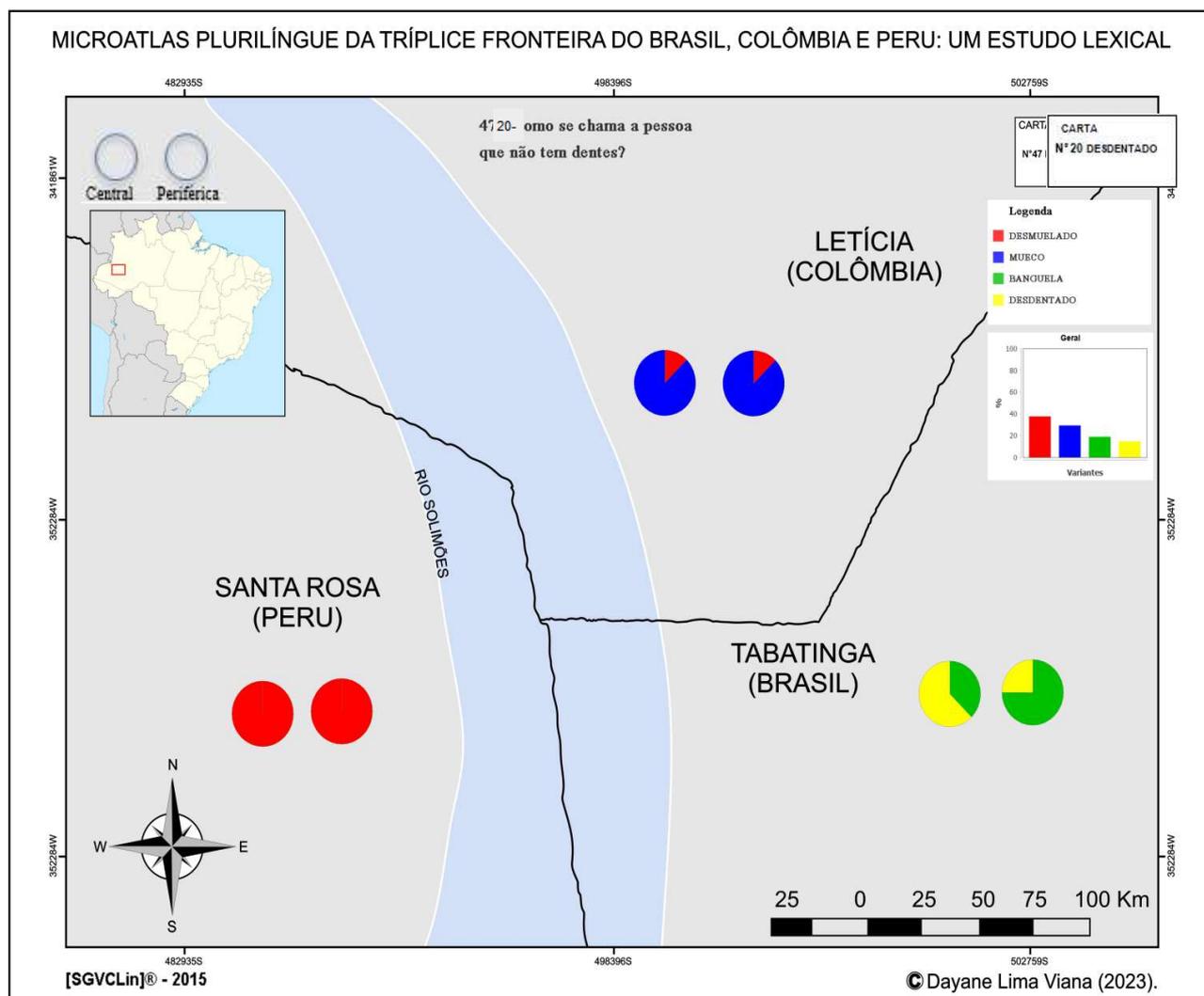
Por outro lado, os falantes mais escolarizados demonstraram-se conservadores mantendo a escolha de formas léxicas correspondentes a seu sistema linguístico, posto que as lexias *beterraba*, *remolacha* e *beterraga* pontuaram de forma igual com oito ocorrências, o que corresponde a (33,3%) para cada forma linguística.

## 6.20 Desdentado

O item do (QSL) investigou as lexias designativas para “pessoa que não tem dente”. Para esta questão, registramos algumas formas linguísticas e seus respectivos índices: *desmuelado* 18 vezes (37,5%), *mueco* 14 vezes (29,2%), *banguela* nove vezes (18,5%) e *desdentado* nove vezes (14,5%).

A análise diatópica dentro do espaço fronteiriço apontou que os informantes da cidade peruana de Santa Rosa apresentaram uso categórico da lexia *desmuelado*. No espaço colombiano as formas *mueco* e *desmuelado* foram registradas. Já no lado brasileiro as lexias *banguela* e *desdentada* apresentaram-se em variação.

**Carta 20 (QSL 50) – Variantes lexicais para designar “a pessoa que não tem dente” na Tríplice Fronteira do Brasil/Colômbia/Peru**



Fonte: Elaborado pela autora

Tanto os informantes mais escolarizados quanto os menos escolarizados obtiveram cômputos aproximados. Assim, no nível de escolaridade 1, foram registradas nove respostas (37,5%) para a lexia *desmuelado*, seguida de sete (29,2%) *mueco* e quatro respostas (16,7%) para *desdentado* e *banguela*.

Na escolaridade 2, *desmuelado* computou também com nove respostas (37,5%), *mueco* sete (29,2%), *banguela* cinco (20,8%) e *desdentado* com três ocorrências, o que representa (12,5%) do índice geral.

No tocando à distribuição léxica por gerações, constatamos que a faixa etária mais jovem tem a preferência pela lexia *desmuelado*, que foi a mais produtiva, seguida de *mueco*, *banguela* e *desdentado*. Na faixa etária mais velha, houve a concorrência

entre lexias *desmuelado* e *mueco* com cômputos iguais, como se pode notar na tabela 20.

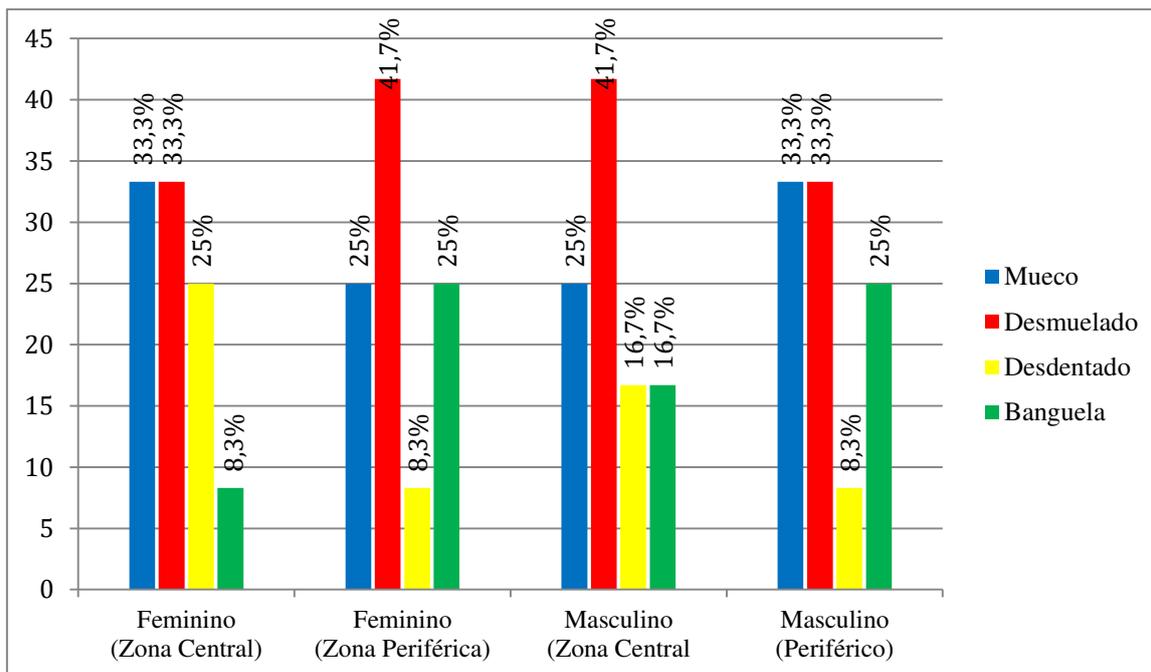
**Tabela 20:** Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta nº 50 (desdentado) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS				
Dimensão Diageracional	Desmuelado	Mueco	Banguela	Desdentado
(18 a 30)	10 (41,7%)	6 (25%)	4 (16,7%)	4 (16,7%)
(55 a 65)	8 (33,3%)	8 (33,3%)	5 (20,8%)	3 (12,5%)
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>14</b>	<b>9</b>	<b>7</b>

Fonte: Elaborado pela autora

O estudo diassexual e diazonal demonstrou que, em termos gerais, as lexias estão distribuídas entre os estratos, posto que, à medida que observamos as ocorrências nas áreas centrais e periféricas entre homens e mulheres, notamos determinada paridade nos índices de ocorrências entre as formas *mueco* e *desmuelado*. Por outro lado, as lexias *desdentado* e *banguela* apresentam-se como exceção, como é possível visualizar no gráfico 20.

**Gráfico 20 –** Distribuição diassexual e dialingual das variantes lexicais para designar “a pessoa que não tem dente” na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru



Fonte: Elaborado pela autora

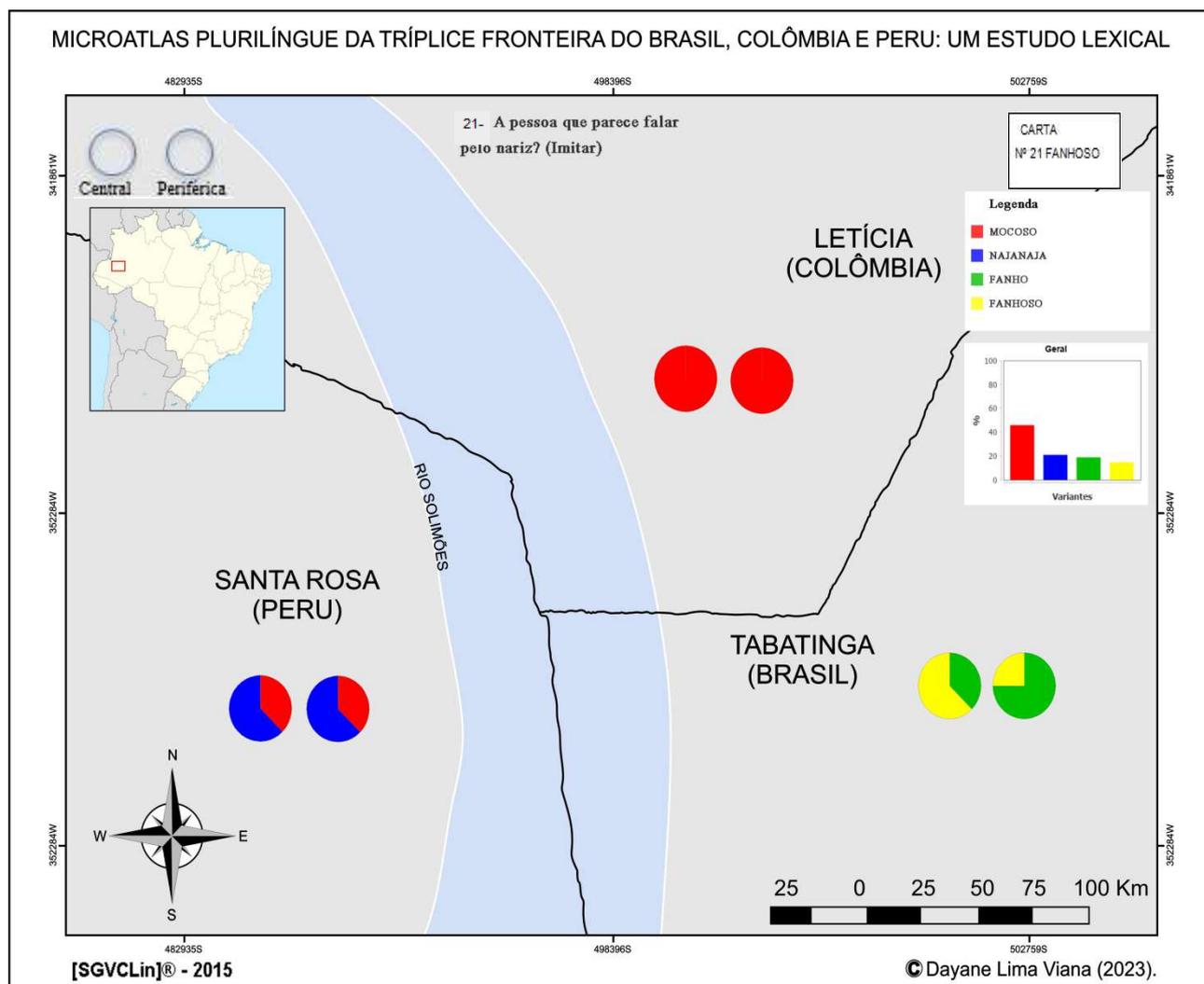
Entre bilíngues e monolíngues, o termo *desmuelado* foi predominante, com registro de 10 respostas (35,7%) na fala dos bilíngues e oito respostas (40%) na fala dos monolíngues.

Os demais resultados em informantes bilíngues foi: *mueco* com 10 ocorrências (35,7%), *desdentado* cinco ocorrências (17,8%) e *banguela* com três ocorrências (10,7%). Em monolíngues, *banguela* pontuou seis vezes (30%), *mueco* quatro vezes (20%) e *desdentado* com apenas duas vezes (10%).

## 6.21 Fanhoso

“A pessoa que parece falar pelo nariz” foi o item de investigação de número 21. O estudo compilou quatro formas usuais na Tríplice Fronteira com seus respectivos percentuais gerais: *mocoso* 22 registros (45,8%), *ñajañaja* 10 (20,8%), *fanho* nove (18,7%), *fanhoso* sete (14,6%).

**Carta 21 (QSL 51)** – Variantes lexicais para designar “a pessoa que parece falar pelo nariz” na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru.



Fonte: Elaborado pela autora

A análise com enfoque diastrático revelou que a forma *mocoso* foi predominante em informantes das duas escolaridades, pois foi registrada com 12 ocorrências (50%) em informantes menos escolarizados e 10 (41,7%) nos mais escolarizados.

Os cômputos que se seguiram na Esc1 foram: *fanhoso* com cinco ocorrências (20,8%), *ñajañaja* quatro (16,7%) e *fanho* com três ocorrências (12,5%). Já os registros da Esc 2 apresentaram: *fanho* e *ñajañaja* com seis respostas (25%) e duas respostas para a variante *fanhoso* (8,3%).

Na dimensão diasssexual, notamos que *mocoso* foi a lexia mais produtiva nos dois sexos, obtendo, portanto, o mesmo índice com 11 ocorrências para homens e mulheres. O mesmo ocorreu com a forma *ñajañaja*, que foi registrada cinco vezes em ambos os sexos, que podem ser verificado na tabela 21.

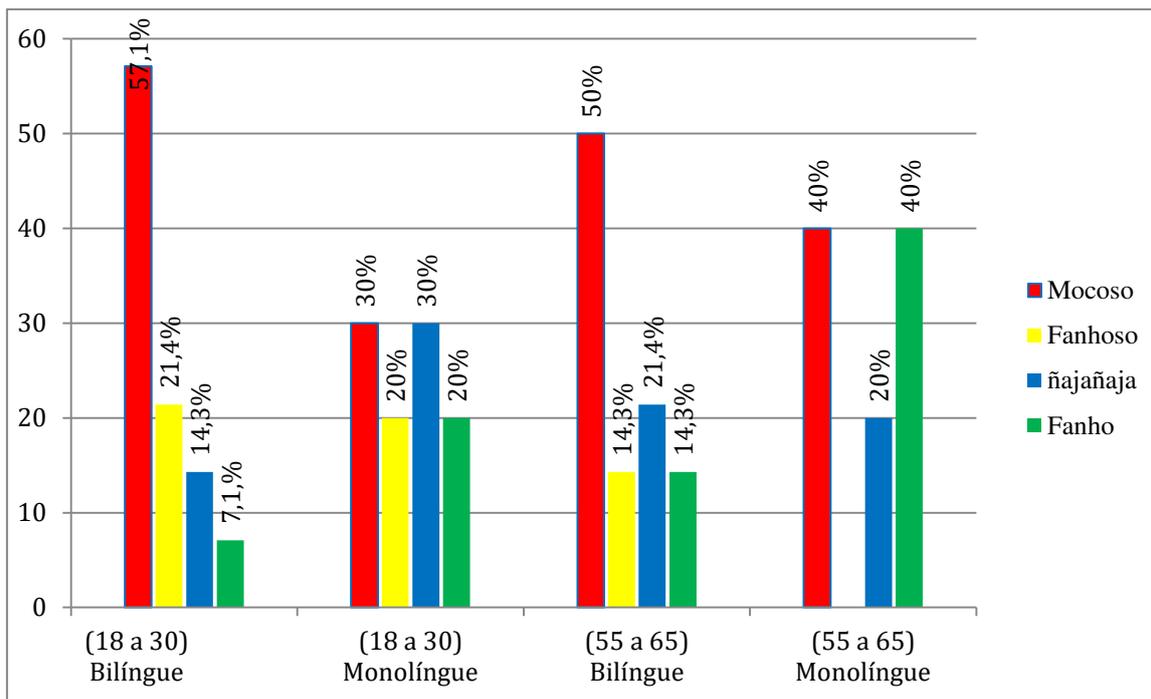
**Tabela 21:** Distribuição diasssexual das variantes lexicais para a pergunta nº 51 (fanhoso) na Tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru

Fonte: Elaborado pela autora

VARIANTES LEXICAIS				
Dimensão Diasssexual	Mocoso	Fanhoso	Ñajañaja	Fanho
Homem	11 (45,8%)	4 (16,7%)	5 (20,8%)	4 (16,7%)
Mulher	11 (45,8%)	3 (12,7%)	5 (20,8%)	5 (20,8%)
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>7</b>	<b>10</b>	<b>9</b>

A análise diageracional e dialingual apontou que informantes bilíngues das duas faixas etárias têm preferência pela forma *mocoso*. De outro modo, observamos a variação estrita entre as lexias *mocoso* e *ñajañaja* em monolíngues (mais jovem) e as formas *mocoso* e *fanho* foram predominantes em monolíngues (mais velhos), como se pode notar no gráfico 21.

**Gráfico 21** – Distribuição diageracional e dialingual das variantes lexicais para designar “a pessoa que parece que fala pelo nariz” na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru



Fonte: Elaborado pela autora

A distribuição das lexias dentro do espaço diazonal demonstrou que a forma linguística *mocososo* teve cômputo semelhante na área central e na periférica com 11 ocorrências (45,8%) para cada zona.

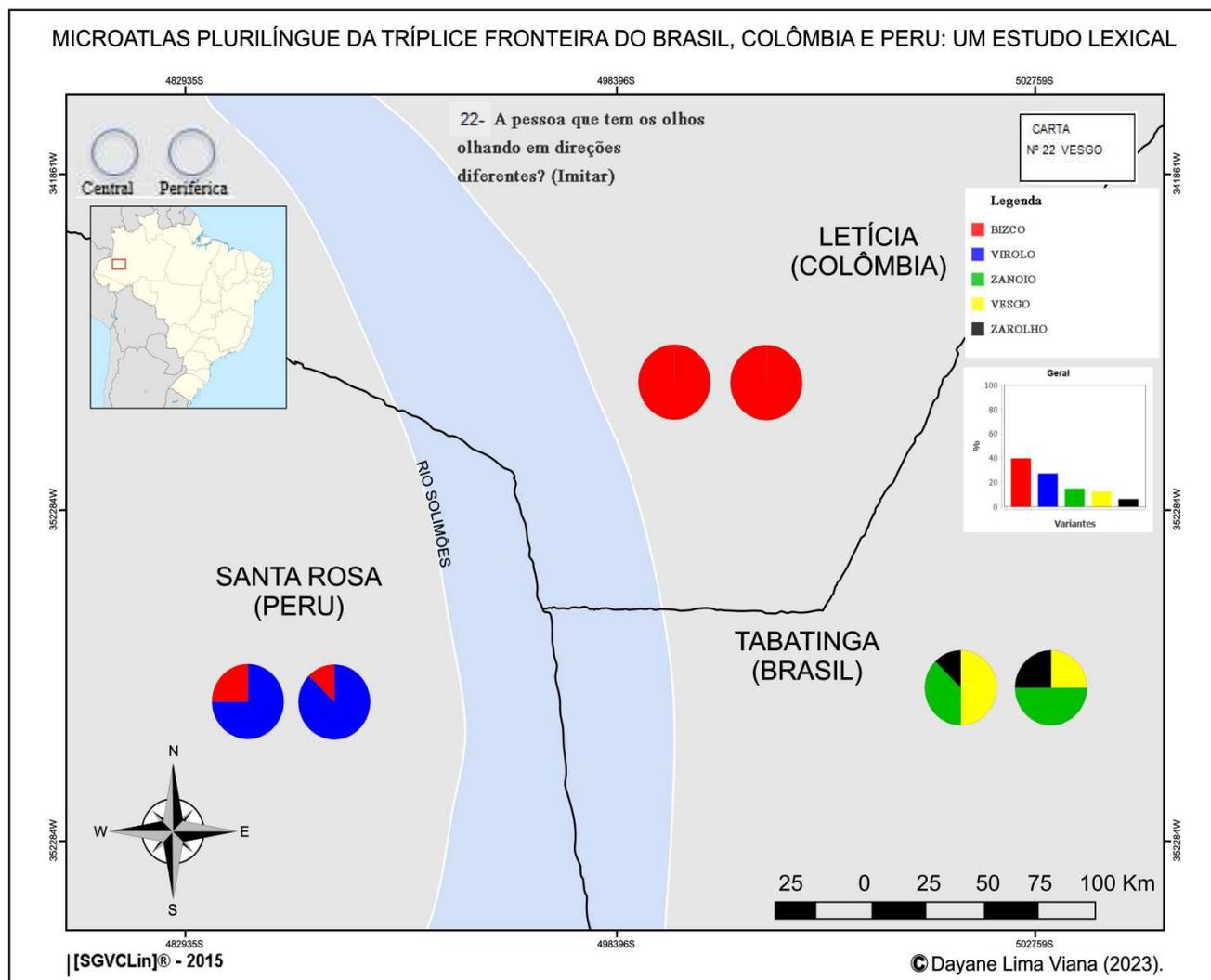
As outras variantes na área central foram: *ñajañaja* e *fanhososo* com cinco respostas (20,8%) e *fanho* com três ocorrências (12,5%). Na zona periférica, *fanho* foi registrado seis vezes (25%), *ñajañaja* cinco vezes (20,8%) e *fanhososo* duas vezes (8,3%).

## 6.22 Vesgo

O item de número 22, investigou as formas linguísticas para designar “a pessoa que têm os olhos em direções diferentes”. Desse modo, compilamos a incidência das seguintes formas linguísticas e seus respectivos cômputos gerais: *bizco* com 19 ocorrências (39,5%), *virolo* 13 (27,1%), *zanoi* sete (14,5%), *vesgo* seis (12,5%) e *zarolho* três (6,25%).

A análise na perspectiva diatópica demonstrou que os informantes da cidade colombiana apresentaram uso categórico da lexia *bizco*. Em Santa Rosa, houve a predominância da lexia *virolo* e algumas ocorrências de *bizco*. No lado brasileiro registramos a ocorrência de três formas designativas: *zanoi*, *zarolho* e *vesgo*.

**Carta 22 (QSL 53) – Variantes lexicais para designar “a pessoa que tem os olhos em direção diferente” na Tríplice Fronteira do Brasil/Colômbia/Peru**



**Fonte: Elaborado pela autora**

Com maior produtividade, informantes mais jovens optaram pela utilização da lexia *bizco* com 10 ocorrências (41,7%), *virolo* seis (25%), *zanoi* e *vesgo* três registros cada (12,5%) e duas menções da forma *zarolho* (8,3%).

No tocante à produtividade em falantes mais velhos, *bisco* pontuou nove vezes (37,5%), *virolo* sete (29,2%), *zanoi* quatro (16,7%), *vesgo* com três registros (12,5%) e *zarolho* com um registro (4,2%).

Na análise com enfoque diastrático, averiguamos que informantes das escolaridade 1 e 2 apresentaram preferência pelo uso de *visgo* e *virolo*, com apenas uma ocorrência de diferença para cada variante. Isso demonstra que ambas as lexias

estão em estrita variação nesse estrato. Os demais percentuais léxicos podem ser conferidos na tabela 22.

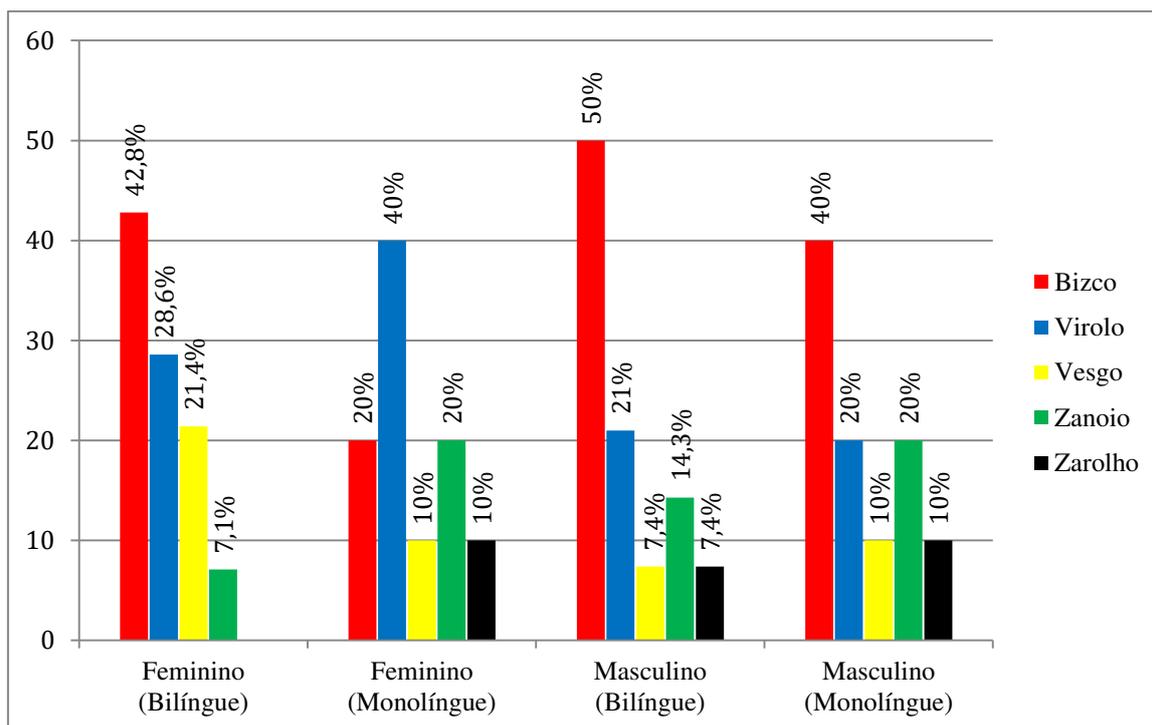
**Tabela 22:** Distribuição diastrática das variantes lexicais para a pergunta nº 53 (vesgo) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

Fonte: Elaborado pela autora

VARIANTES LEXICAIS					
Dimensão Diastrática	Bizco	Virolo	Vesgo	Zarolho	Zanoio
Escolaridade 1	10 (41,7%)	6 (25%)	4 (16,7%)	2 (8,3%)	2 (8,3%)
Escolaridade 2	9 (37,5%)	7 (29,2%)	2 (8,3%)	1 (4,2%)	5 (20,8%)
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>13</b>	<b>6</b>	<b>3</b>	<b>7</b>

A análise diassexual e dialingual revelou que homens bilíngues e monolíngues e mulheres bilíngues optaram pelo uso da lexia *bizco*, diferentemente das mulheres monolíngues, que destoaram apresentando preferência pela lexia *virolo*. Outro fato a ressaltar foi o mesmo índice entre as lexias *zarolho* e *zanoio* em informantes monolíngues de ambos os sexos, como é possível visualizar nos indicadores do gráfico 22.

**Gráfico 22** – Distribuição diastrática e dialingual das variantes lexicais para designar “a pessoa que parece que fala pelo nariz” na Tríplice Fronteira do Brasil/Colômbia/Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Os índices da análise por zonas deixam claro que as lexias estão bem difundidas tanto em áreas centrais quanto em periféricas. Na zona central registramos *bizco* com 10 ocorrências, o que corresponde a (41,7%), *virolo* seis (25%), *vesgo* quatro (16,7%), *zanoio* três (12,5%) e *zarolho* com uma resposta (4,2%).

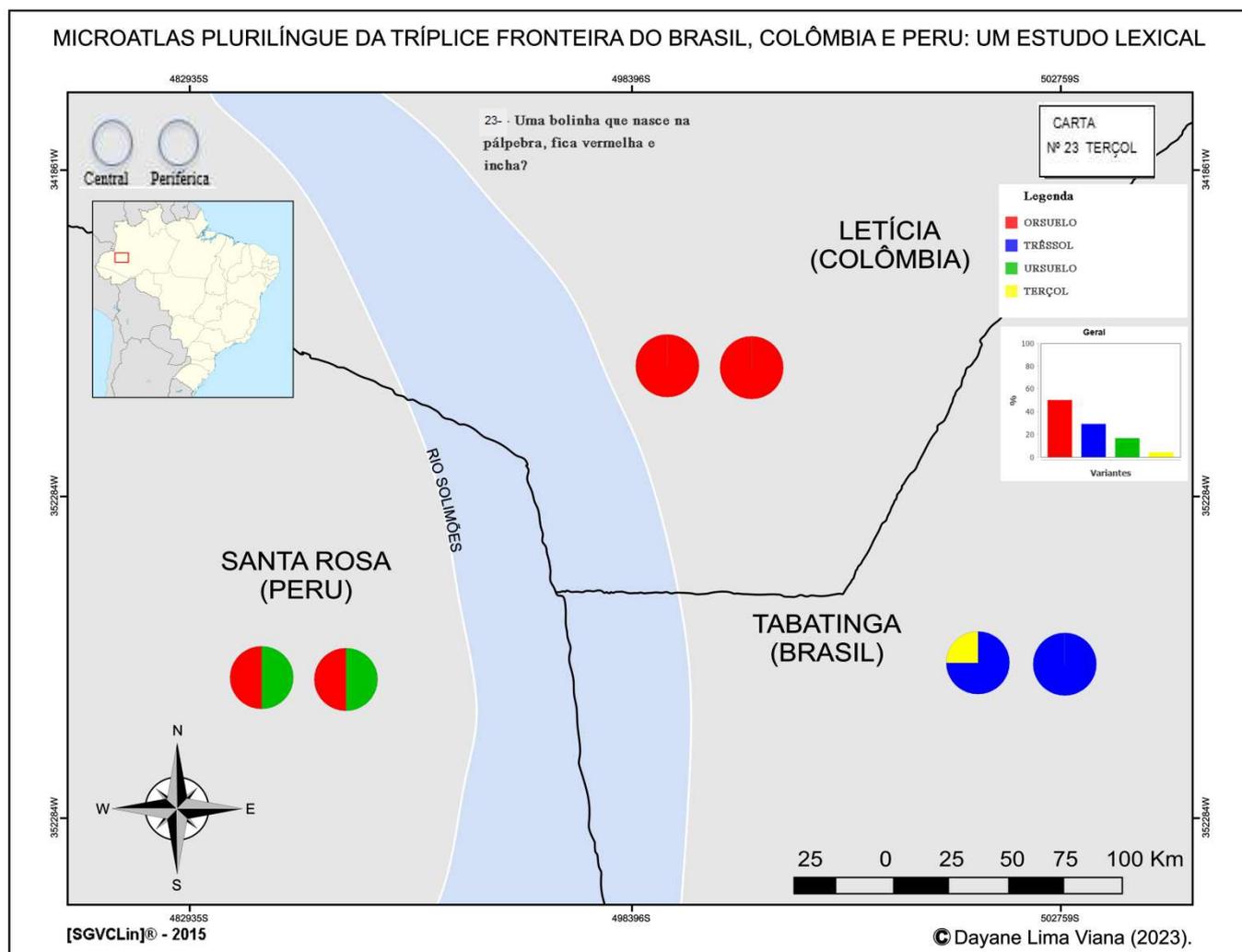
Na zona periférica, *bizco* foi respondida nove vezes (37,5%), *virolo* sete (29,2%), *zanoio* quatro (16,7%), *vesgo* e *zarolho* com duas respostas (8,3%) para cada forma léxica.

### 6.23 Terçol

O terçol é uma infecção nas pálpebras dos olhos devido as bactérias que acometem as glândulas sebáceas e sudoríparas. O terçol é visível, pois forma um nódulo com vermelhidão e purulência .

O item de número 23, empreendeu investigar as diferentes formas linguísticas designativas para terçol, tendo sido documentadas as variantes *orsuelo*, *trêssol*, *ursuelo* e *terçol*.

**Carta 23 (QSL 54)** – Variantes lexicais para designar a “bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha” na Tríplice Fronteira do Brasil/Colômbia/Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

Na análise da dimensão dialingual, observamos que a lexia *orsuelo* foi muito produzida por informantes bilíngues com 16 respostas (57,1%), seguida de *trêssol* com seis ocorrências (21,4%), *ursuelo* quatro (14,3%) e *terçol* com o registro de duas respostas com o percentual de (7,1%).

Em monolíngues, por outro lado, *orsuelo* e *trêssol* pontuaram com oito respostas para cada variante, o que corresponde a (40%) para cada uma das formas. A léxia *ursuelo* foi registrada quatro vezes, ficando com índice de (20%) das entrevistas.

O estudo demonstrou que falantes de ambos os sexos têm preferência pela lexia *orsuelo*. Outro dado importante é a ausência de registro da lexia *terçol* na fala

dos informantes do sexo masculino, contrastando com as duas incidências dessa variante na fala das informantes do sexo feminino.

**Tabela 23:** Distribuição diassexual das variantes lexicais para a pergunta nº 54 (terçol) na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru

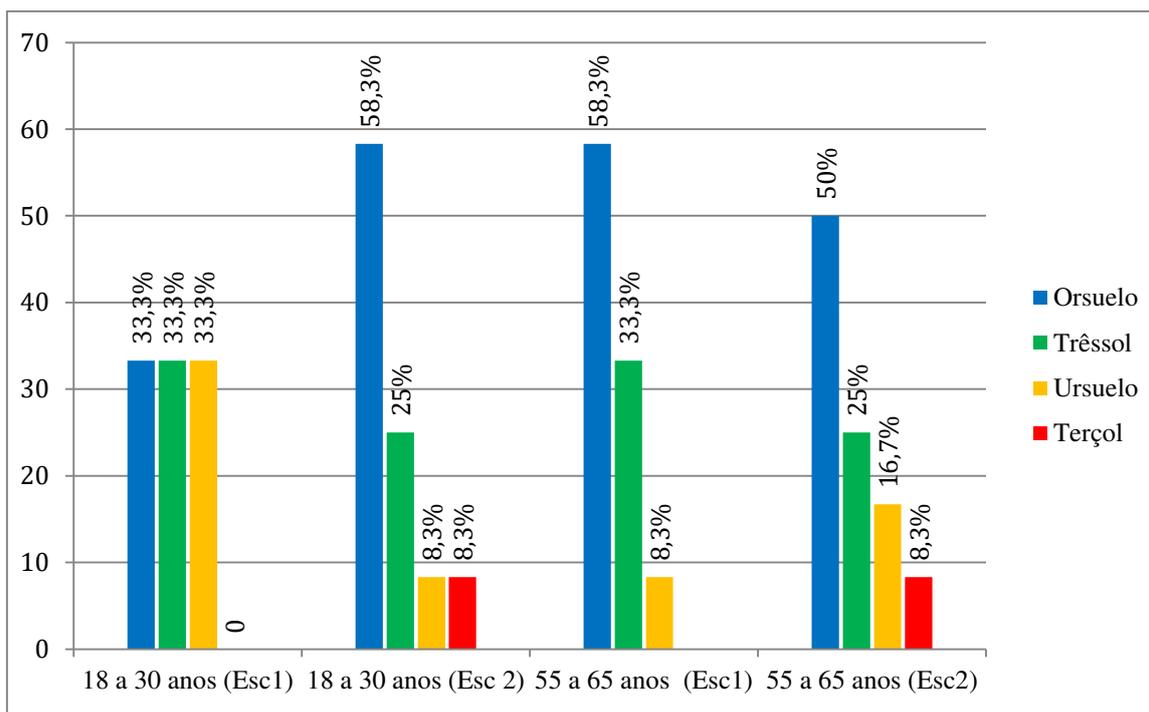
VARIANTES LEXICAIS				
Dimensão Diassexual	Orsuelo	Trêssol	Ursuelo	Terçol
<b>Mulher</b>	11 (45,8%)	6 (25%)	5 (20,8%)	<b>2 (8,3%)</b>
<b>Homem</b>	13 (54,1%)	8 (33,3%)	3 (12,5%)	-
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>14</b>	<b>8</b>	<b>2</b>

Fonte: Elaborado pela autora

O enfoque na dimensão diageracional e diastrática revelou que informantes mais velhos de ambas as escolaridades estudadas (Esc1: analfabeto ou semianalfabeto) e (Esc2: ensino médio completo e incompleto) optaram pelo uso da lexia *orsuelo*, enquanto a faixa etária mais jovem e menos escolarizada demonstrou um percentual igual para as lexias: *Ursuelo*, *trêssol*, *Orsuelo*.

Outro dado a destacar são as ocorrências de dois registros da lexia *terçol* que foram realizados por informantes de ambas as gerações da escolaridade 2, isto é, os mais escolarizados.

**Gráfico 23** – Distribuição diageracional e diassexual das variantes lexicais para designar a “bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha” na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru



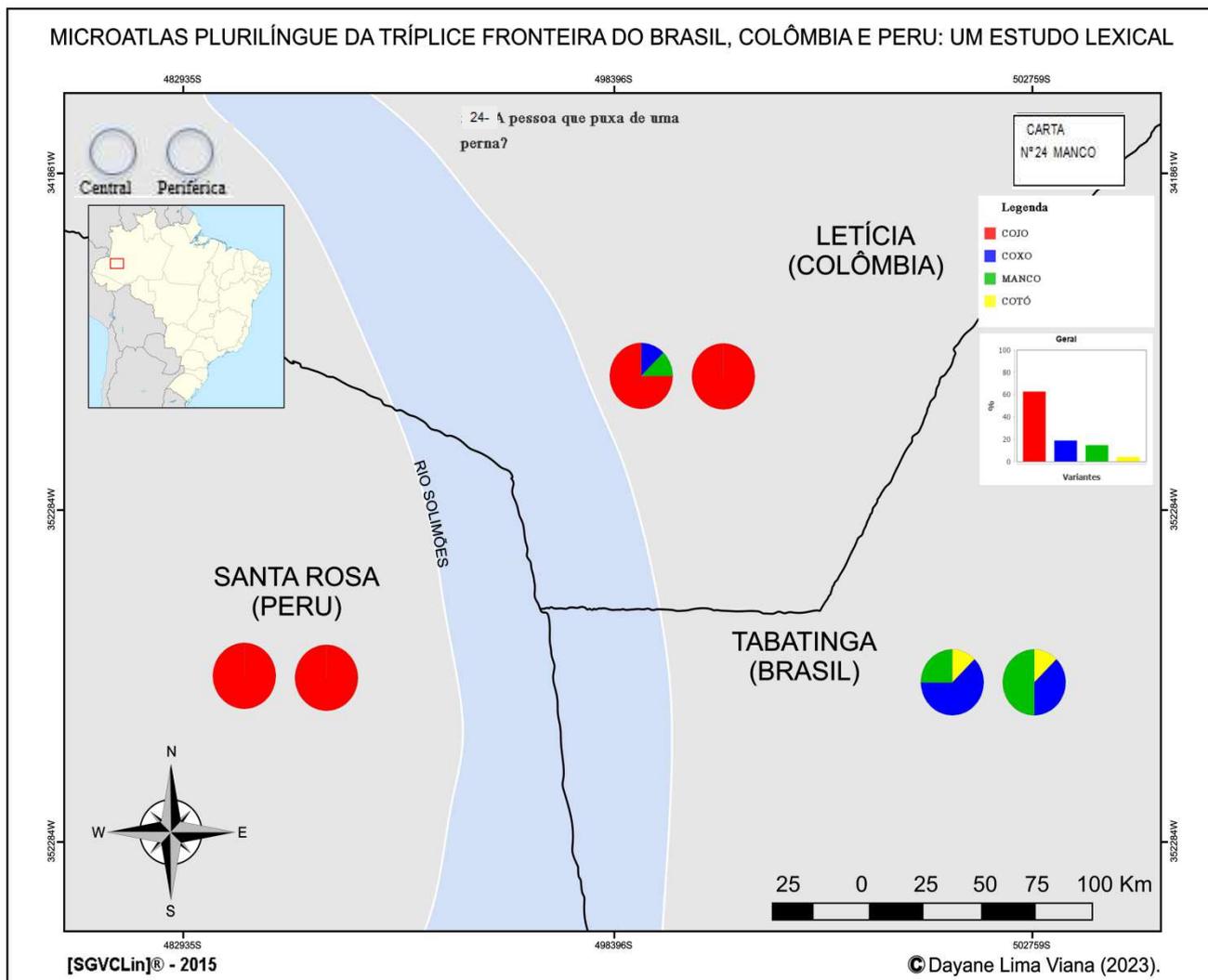
Fonte: Elaborado pela autora

Em comparação, as zonas centrais e periféricas, pontuamos que na zona central *orsuelo* teve 12 respostas (50%), *trêssol* seis (25%), *ursuelo* quatro (16,7%) e *terçol* dois (8,3%) registros na fala de informantes que residem área central. Na zona periférica *orsuelo* teve incidência de 12 respostas (50%), *trêssol* oito (33,3%) e *ursuelo* com quatro registros (16,7%).

## 6.24 Manco

O item de número 24 analisou as formas linguísticas utilizadas na Tríplice Fronteira para designar “a pessoa que puxa uma perna só”. Na análise diatópica, a lexia *cojo* foi a única apresentada na cidade de Santa Rosa; em Leticia também se observa a dominância de *cojo* e a presença em menor proporção de *manco* e *coxo*. Por outro lado, notamos a estrita variação no lado brasileiro entre as lexias *manco* e *coxo*, e algumas menções do termo *cotó*.

**Carta 24 (QSL 57)** – Variantes lexicais para designar a “a pessoa que puxa uma pena só” na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Na dimensão dialingual, analisamos dadas pelo falantes bilíngues e monolíngues. Notamos que os bilíngues optaram pelo uso de *cojo* com 18 ocorrências (64,3%), *coxo* seis (21,4%), *manco* três (10,7%) e *cotó* com apenas uma resposta (3,5%).

Entre os monolíngues, por sua vez, *cojo* obteve um índice menor de frequência com 12 respostas (60%), *manco* com quatro (20%), *coxo* com três (15%) e *cotó* com uma resposta (5%).

A análise com enfoque na dimensão diasssexual demonstrou que, no cômputo geral, homens e mulheres obtiveram o mesmo índice de frequência da lexia *cojo*. No que tange à lexia *manco* e *coxo*, as mulheres apresentaram maior produtividade para

o uso de *manco* em comparação com os homens, diferentemente dos homens que apresentaram maior índice para a lexia *coxo*, como se pode notar na tabela 24.

**Tabela 24:** Distribuição diassexual das variantes lexicais para a pergunta nº 57 (manco) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

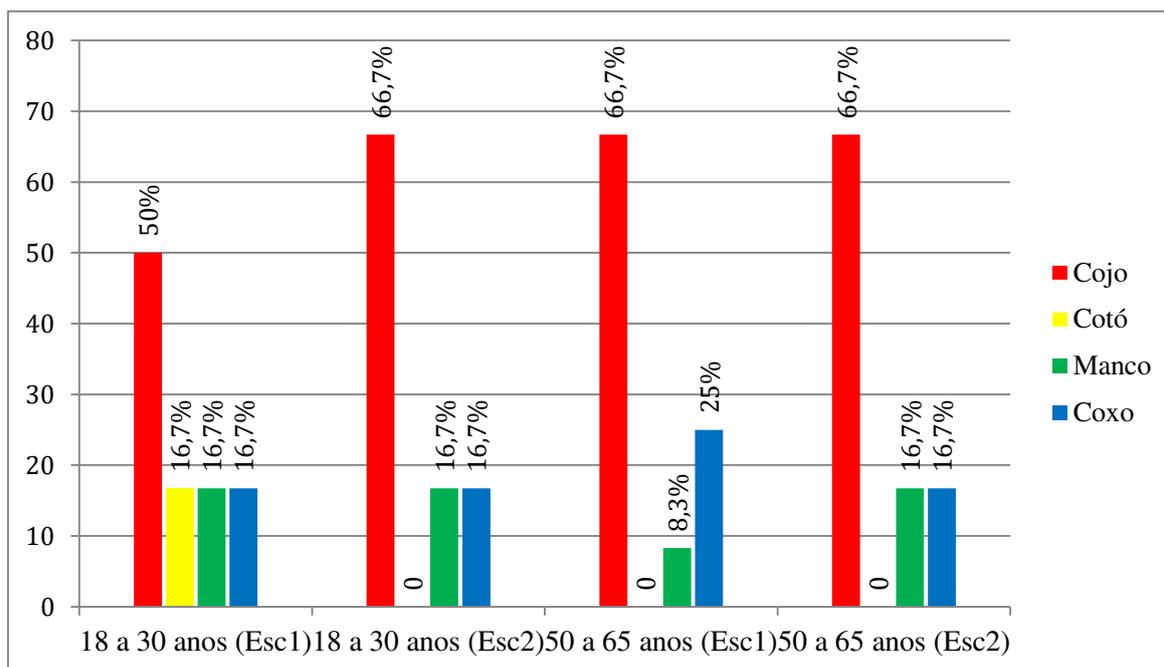
VARIANTES LEXICAIS				
Dimensão Diassexual	Cojo	Manco	Coxo	Cotó
<b>Mulher</b>	15 (62,5%)	5 (20,8%)	3 (12,5%)	1 (4,2%)
<b>Homem</b>	15 (62,5%)	2 (8,3%)	6 (25%)	1 (4,2%)
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>7</b>	<b>9</b>	<b>2</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora

Ao analisar a utilização das variantes por faixa etária e pelo grau de escolaridade, percebemos que, na faixa etária mais jovem e nos menos escolarizados, houve maior grau de variação no tocante aos índices das frequências.

Por outro lado, informantes mais escolarizados, tanto os mais novos quanto os mais velhos, obtiveram o índice semelhante nas produtividades das lexias *cojo*, *manco* e *coxo*, como é possível atestar no gráfico 24.

**Gráfico 24** – Distribuição diageracional e diastrática das variantes lexicais para designar a “a pessoa que puxa uma pena só” na Tríplice Fronteira do Brasil/Colômbia/Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Comparando os registros das lexias nas zonas centrais e periféricas, observamos que na área central *cojo* pontuou 14 vezes (58,3%), *coxo* seis (25%), *manco* três (12,5%) e uma menção para variante *cotó* (4,2%).

Na zona periférica *cojo* aparece também com alta produtividade com 16 registros (66,7%), *manco* quatro (16,7%), *coxo* com três (12,5%) e de igual modo, como ocorrido na zona central, registramos uma menção para a lexia *cotó* (4,2%).

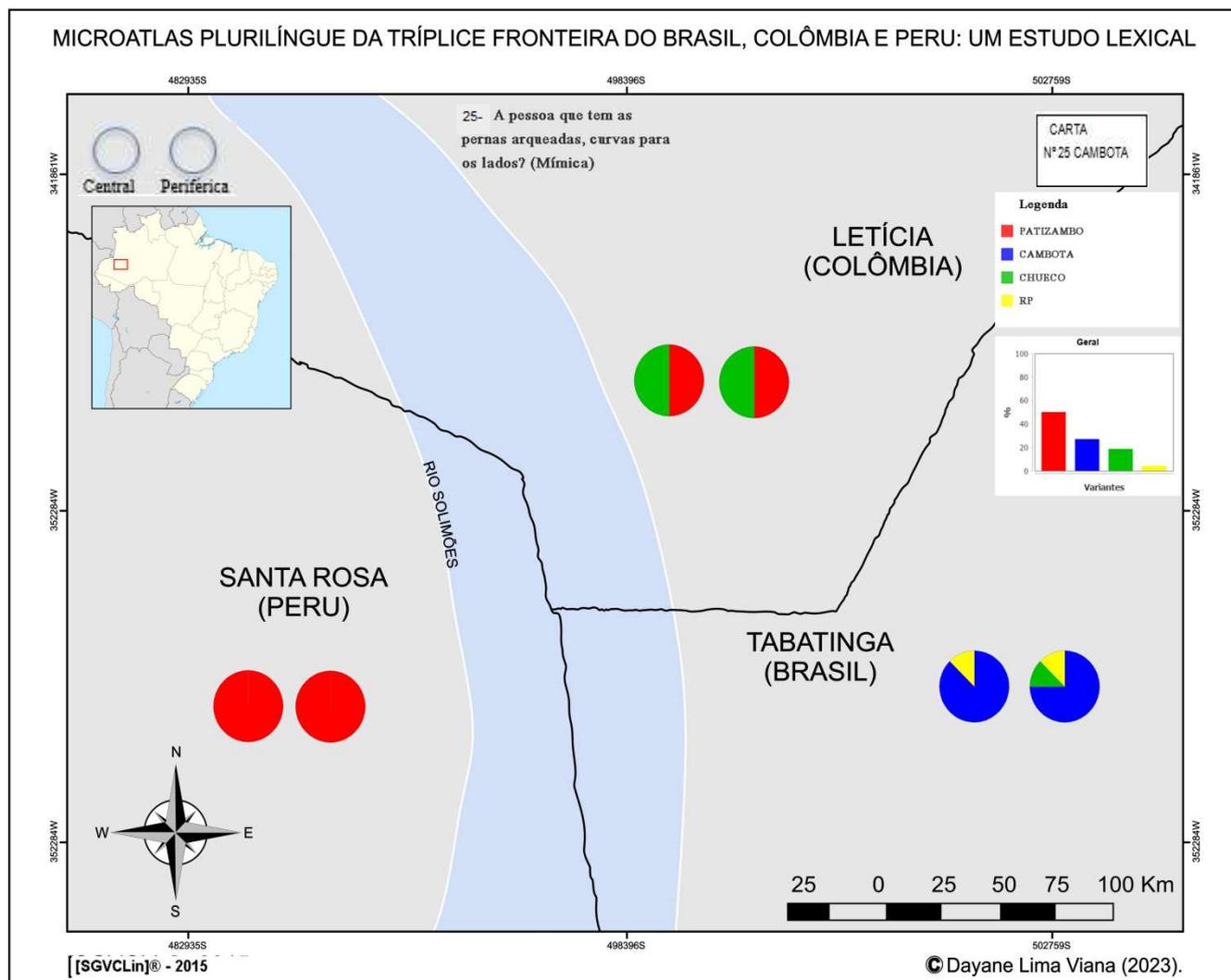
## 6.25 Cambota

O item de número 25 (QSL 58) do questionário empreendeu o estudo das formas linguísticas que se utilizam na tríplice fronteira para se referir “a pessoa que tem as pernas arqueadas”. De início observamos a existência de quatro formas linguísticas: *patizambo* 24 (50%), *cambota* 13 (27,1%), *chueco* 9 (18,7%) e *rp* 2 (4,17%)

No estudo diatópico, analisamos que informantes peruanos da cidade de Santa Rosa demonstram utilizar apenas a forma *patizambo*, enquanto informantes da cidade colombiana revelaram o uso variável entre as lexias *chueco* e *patizambo*. Os informantes do lado brasileiro apresentaram preferência pela lexia *cambota* com um

alto índice de registro. Também observamos a presença de *chueco* e *rp*. A disposição das variantes dentro do espaço diatópico pode ser verificada na carta 25.

**Carta 25 (QSL 58)** – Variantes lexicais para designar a “a pessoa que tem as pernas arqueadas” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Tanto os informantes mais escolarizados quanto os menos escolarizados apresentaram o mesmo percentual para a utilização da variante *patizambo*, pois cada grupo apresentou 12 respostas que correspondem a (50%) do cômputo total.

As demais ocorrências na Esc 1 foram: *cambota* com oito respostas (33,3%) e *chueco* com quatro registros (16,7%). Em informantes da Esc 2: *patizambo* pontuou duas vezes (50%), *chueco* e *cambota* ambas com cinco respostas (20,8%), e computamos ainda dois registros de *rp* (8,3%).

O estudo comparativo revelou que a lexia *patizambo* foi mais produtiva em informantes mais jovens. De perspectiva diferente, a variante *chueco* foi observada com maior percentual em informantes da faixa etária mais velha, como se pode notar na tabela 25.

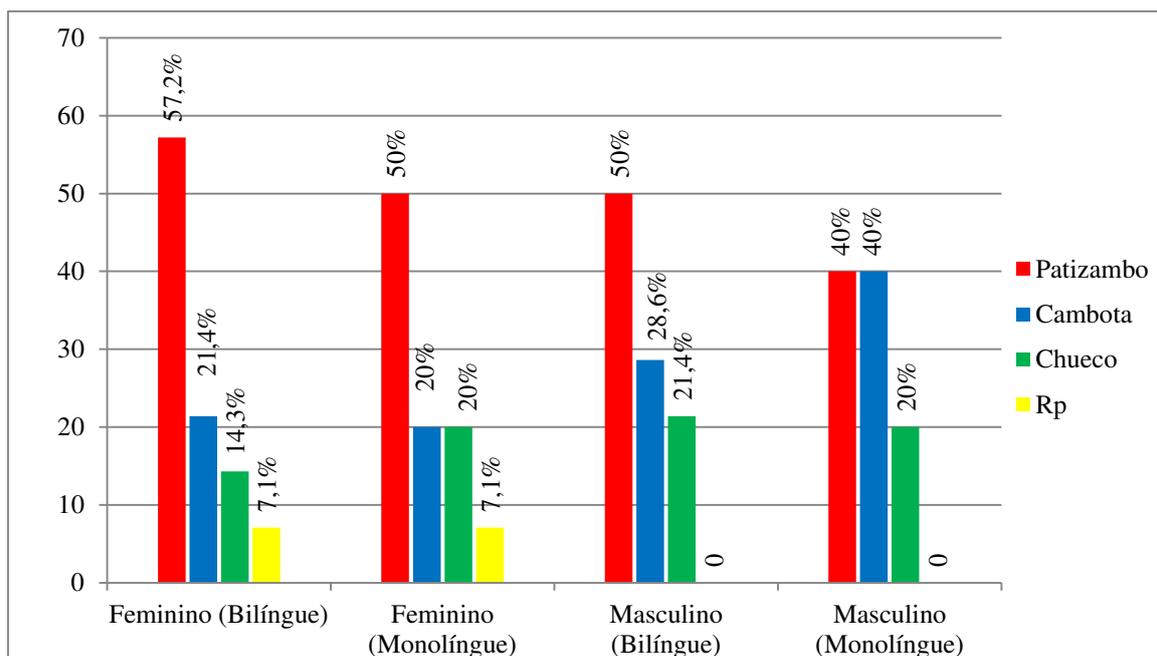
**Tabela 25:** Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta n° 58 (cambota) na tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS				
Dimensão Diageracional	Patizambo	Cambota	Chueco	Rp
(18 a 30 anos)	14 (58,3%)	7 (29,2%)	2 (8,3%)	1 (4,2%)
(55 a 65 anos)	10 (41,7%)	6 (25%)	7 (29,2%)	1 (4,2%)
<b>Total</b>	24	13	9	2

Fonte: Elaborado pela autora

Com o enfoque na dimensão diasssexual e dialingual, notamos que *patizambo* foi dominante entre homens e mulheres, destoando apenas na análise entre homens (monolíngues) no qual observamos uma estreita variação entre a variante hispânica *patizambo* e a forma portuguesa *cambota*. No gráfico 25 é possível visualizar a distribuição das lexias entre homens e mulheres bilíngues e monolíngues .

**Gráfico 25 –** Distribuição diastrática e dialingual das variantes lexicais para designar a “a pessoa que puxa uma pena só” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

As incidências das escolhas linguísticas entre falantes da zona central e periféricas ficaram assim contabilizadas, na área central: *patizambo* foi mencionado 12 vezes (50%), *cambota* sete (29,2%), *chueco* quatro (16,7%) e uma resposta para *rp* com o percentual de (4,2%). Na zona periférica *patizambo* também pontuou 12 vezes (50%), *cambota* seis (25%), *chueco* cinco (20,8%) e *rp* com apenas uma resposta (4,2%).

## 6.26 Cecê

De acordo com nossas pesquisas a lexia *cecê* se originou de um sabonete campeão de vendas nos Estados Unidos que prometia sanar o problema do B.O. (Body Odor). Quando foi lançado no Brasil em 1940, "*body odor*" foi traduzido por "*Cheiro do Corpo*" que mais a frente transformou-se para C.C. (*cecê*).

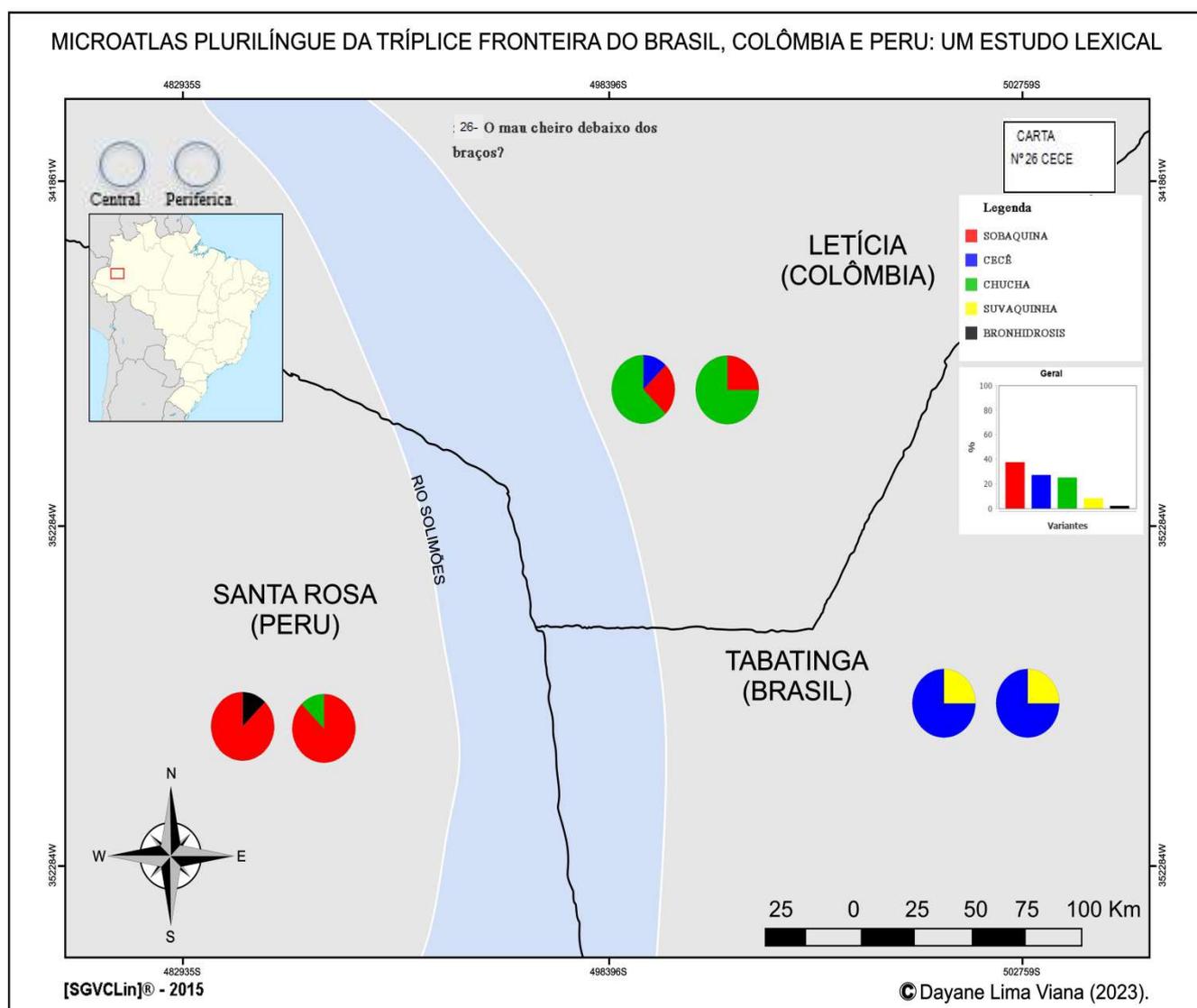
Por este motivo, tínhamos interesse em estudar quais variantes lexicais são utilizadas por falantes da tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru para nomear "o mau cheiro debaixo dos braços". De tal modo que empreendemos a investigar quais variantes são pertinentes em cada lado da fronteira.

Dessa forma registramos as seguintes variantes e seus respectivos cômputos gerais: *sobaquina* 18 (37,5%), *cecê* 13 (27,1%), *chucha* 12 (25%) *suvaquina* quatro (8,3%), *bronhidrosis* um (2,1%).

Analisando as ocorrências linguísticas de acordo com o enfoque diatópico, constatamos que na cidade de Santa Rosa as lexias *sobaquina*, *chucha* e *bronhidrosis* são formas pertinentes à fala peruana. Na cidade colombiana, as variantes *chucha*, *sobaquina* e *cecê* apresentaram-se como formas de uso corrente dentro da comunidade.

Já na cidade brasileira a lexias *cecê* e *suvaquina* foram as registradas. Na carta 26 é possível visualizar os registros linguísticos de acordo com a disposição dos pontos geográficos em que as variantes se propagam.

**Carta 26 (QSL 60)** – Variantes lexicais para designar a “o mau cheiro debaixo dos braços” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Com intuito de analisar as ocorrências na perspectiva diazonal, notamos que a lexia *sobaquina* obteve o mesmo percentual tanto na área central quanto na área periférica, uma vez que houve nove registros (37,5%) em cada área.

Na zona central, os demais registros ficaram assim estabelecidos: *cecê* com sete registros (29,2%), *chucha* com cinco (20,8%), *suvaquinha* com dois (8,33%) e *bronhidrosis* com apenas um registro (4,2%). Na área periférica, a lexia *chucha* pontuou com sete respostas (29,2%), *cecê* com seis (25%) e *suvaquinha* com duas respostas (8,3%).

A distribuição diasssexual revelou que homens e mulheres têm a preferência pela forma *sobaquina*. A única ocorrência observada da variante *bronhidrosis* foi

registrada em uma falante do sexo feminino. A tabela 26 demonstra os registros lexicais na dimensão diassexual .

**Tabela 26:** Distribuição diassexual das variantes lexicais para a pergunta nº 60 (cecê) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

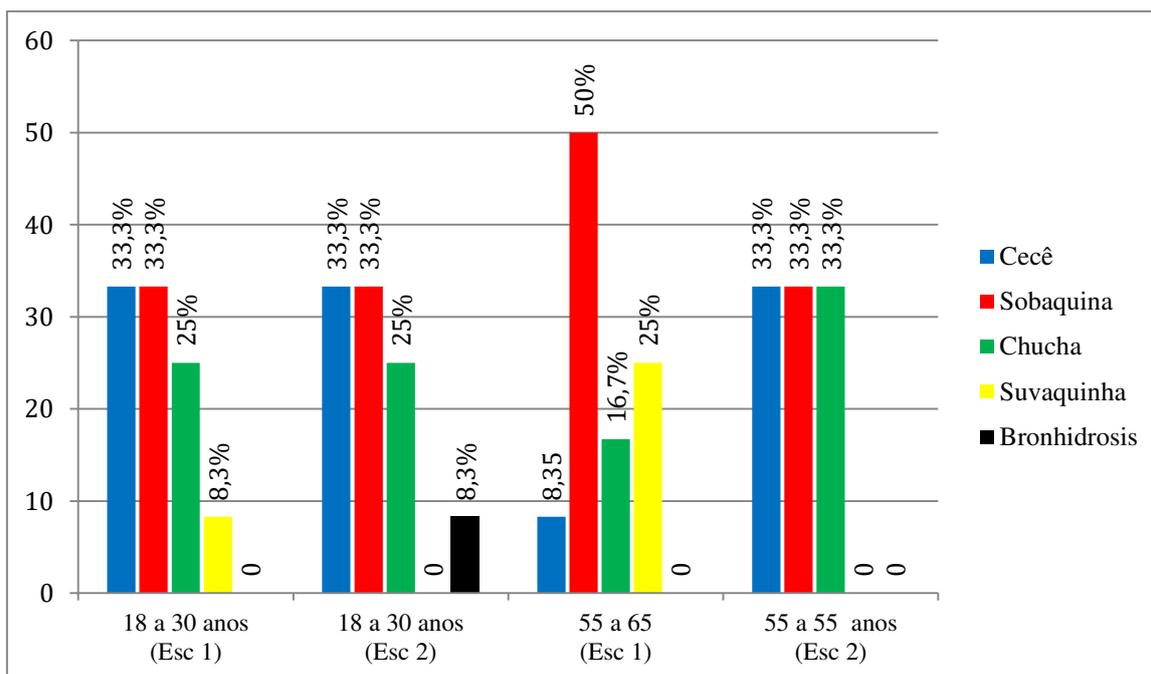
Dimensão Diassexual	VARIANTES LEXICAIS				
	Sobaquina	Chucha	Cecê	Bronhidrosiss	Suvaquina
<b>Mulher</b>	8 (3,3%)	7 (29,1%)	7 (29,2%)	1 (4,1%)	1 (4,1%)
<b>Homem</b>	10 (41,6%)	5 (20,8%)	6 (25%)	-	3 (12,5%)
<b>Total</b>	18	12	13	1	4

Fonte: Elaborado pela autora

Nas dimensões diageracional e diastrática verificamos que os informantes mais jovens, tanto os mais escolarizados quanto os menos escolarizados, juntamente com informantes mais velhos mais escolarizados obtiveram a mesma frequência de uso entre as lexias *cecê* e *subaquina*.

Outro fato apontado na pesquisa foi a alta produtividade da lexia hispânica *sobaquina* e da portuguesa *suvaquina* em falantes mais velhos com menor grau de instrução formal. No gráfico 26 podemos atestar a produtividade das variantes léxicas.

**Gráfico 26** – Distribuição diastrática e diageracional das variantes lexicais para designar o “mau cheiro debaixo dos braços” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Outro fato que ficou claro foi a concorrência entre as lexias *sobaquina* e *chucha* em informantes bilíngues, os quais produziram *sobaquina* 10 vezes (35,7%) e *chucha* nove vezes (32,2%), respectivamente. Ainda no grupo de informantes bilíngues, a lexia *cecê* obteve sete respostas (25%) e *suvaquinha* duas (10%).

Em informantes monolíngues, a variante *sobaquina* obteve maior índice de utilização com oito respostas (40%), a variante *cecê* foi registrada seis vezes (25%), *suvaquinha* duas (7,2%), *chucha* três (15%) e *bronhidrosis* com apenas uma menção, o que representa (5%) do percentual.

## 6.27 Menino

A carta 27 tem o objetivo de analisar as formas linguísticas existentes dentro das comunidades fronteiriças para designar “o mesmo que menino, garoto”.

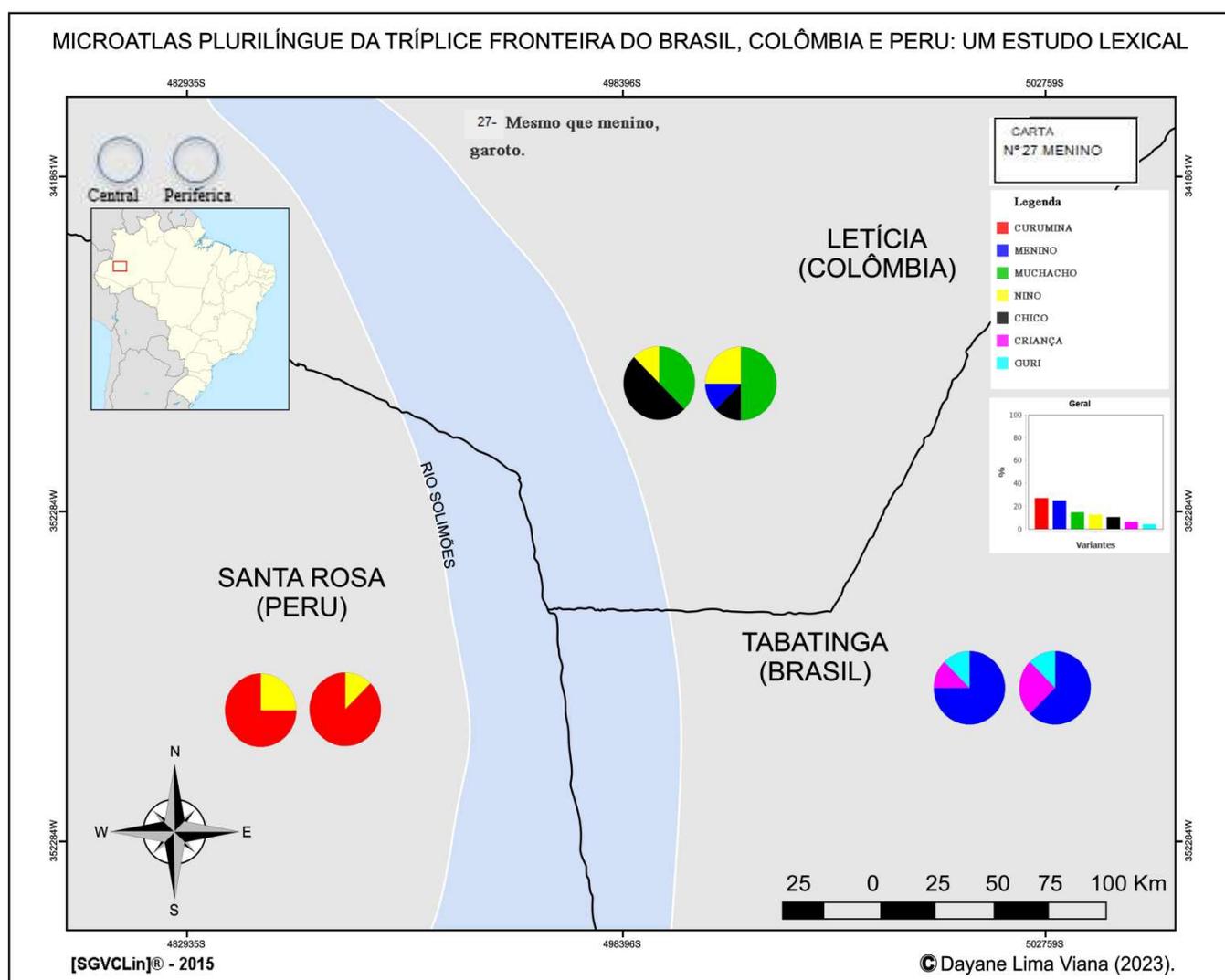
Antes mesmo da aplicação do questionário já acreditávamos que neste item lexical encontraríamos um alto quantitativo de variantes, fato que se confirmou durante a inquirição das entrevistas.

Em primeira análise verificamos as variantes de acordo com a perspectiva diatópica, tendo documentado sete lexias e seus respectivos índices gerais: *curumina*

13 (27,1%), *menino* 12 (25%), *muchacho* 7 (14,5%), *ñino* 6 (12,5%), *chico* 5 (10,4%), *criança* 3 (6,2%) e *guri* 2 (4,1%).

Na cidade peruana, as lexias nominativas *curumina* e *ñino* foram registradas. Na cidade colombiana verificamos a utilização das formas: *muchacho*, *chico*, *menino* e *ñino*. Do lado brasileiro, observamos a presença de três lexias: *menino*, *curumim* e *guri*, que podem ser visualizadas na carta 27.

**Carta 27 (QSL 61)** – Variantes lexicais para designar “o mesmo que menino, garoto” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru.



Fonte: Elaborado pela autora

O grau de escolaridade dos informantes evidenciou que as pessoas com menor grau de instrução formal optam pelo uso da lexia *menino* com oito respostas (33,3%), *curumina* com sete (29,2%), *chico* com três (12,5%), *ñino* também com três

(12,5%), *muchacho* com duas (8,3%) e *curumim* com apenas uma menção, que soma o percentual de (4,2%).

Por outro lado, falantes mais escolarizados demonstraram a preferência pelas formas *curumina* e *muchacho* as quais foram as mais produtivas com seis (25%) e cinco (20,8%) registros, respectivamente. A lexia *menino* foi utilizada quatro vezes (16,7%), *ñino* três (12,5%), *chico*, *curumim* e *guri* foram registradas com duas respostas (8,3%) para cada uma.

No tocante à análise diasssexual, percebemos que as lexias hispânicas e portuguesa *curumina* e *menino* foram as mais produtivas em ambos os sexos com percentuais bem semelhantes. As formas *chico*, *curumim*, *ñino* e *guri* obtiveram menor índice nos percentuais absolutos, mesmo assim demonstram-se como formas coexistentes entre falantes. Esse retrato estatístico pode ser observado na tabela 27.

**Tabela 27:** Distribuição diasssexual das variantes lexicais para a pergunta nº 61 (menino) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS							
Dimensão Diasssexual	Curumina	Menino	Muchacho	Chico	Curumim	ñino	Guri
Mulher	7 (29,2%)	6 (25%)	5 (20,8%)	2 (8,3%)	2 (8,3%)	1(4,2%)	1(4,2%)
Homem	6 (25%)	6 (25%)	2 (8,3%)	3 (12%)	1 (4,2%)	5 (20,8%)	1 (4,2%)
Total	13	12	7	5	3	6	2

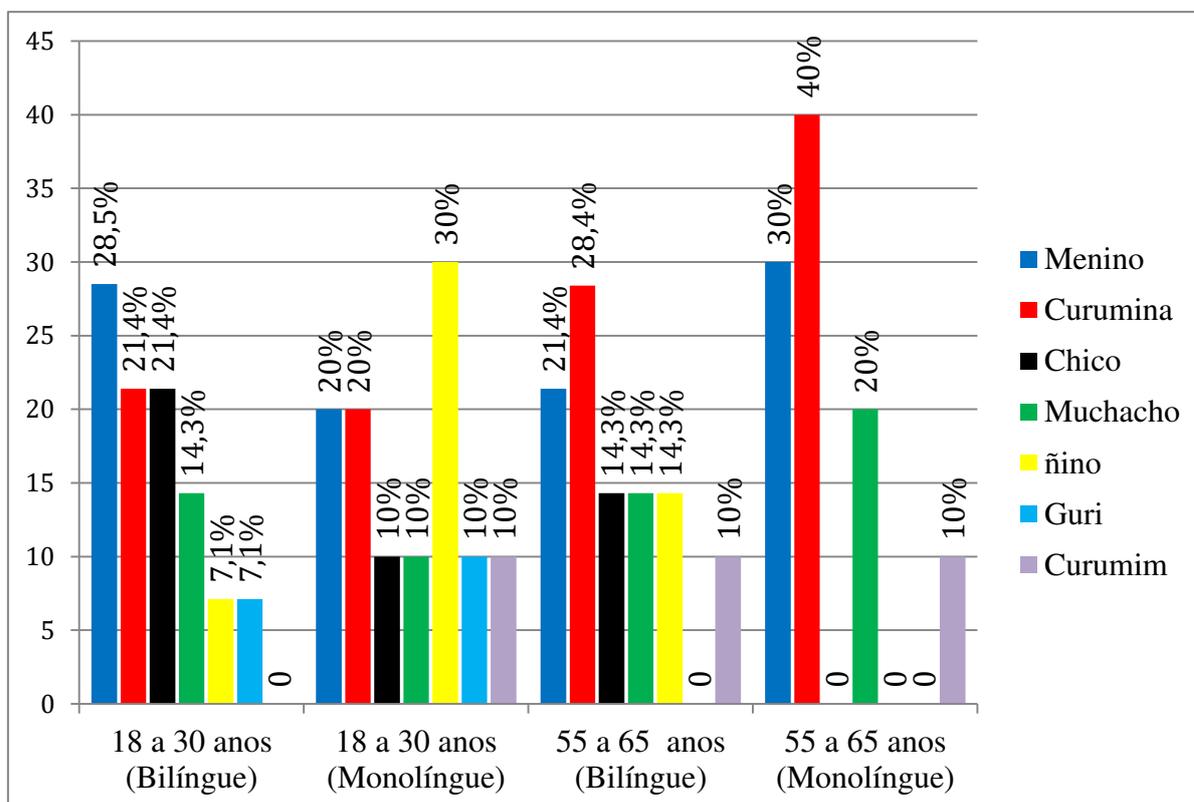
Fonte: Elaborado pela autora

A análise diageracional e dialingual demonstrou que informantes da faixa etária mais jovem (bilíngues e monolíngues) são os que reproduzem mais lexias variáveis, razão pelo qual observamos que as formas linguísticas são bem diversificadas nesta faixa etária.

De perspectiva diferente, a faixa etária mais velha (bilíngues e monolíngues) apresentou a preferência pela lexia *curumina*. Outro ponto a destacar foi a ausência

da lexia *guri* nessa faixa etária, que não produziu essa variante. Os demais índices podem ser visualizados no gráfico 27.

**Gráfico 27** – Distribuição diastrática e dialingual das variantes lexicais para designar “o mesmo que menino, garoto” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

No que tange à produtividade lexical na dimensão diazonal, observamos que informantes da zona central e periférica se apropriam das lexias de forma bem parelha, haja vista que os índices apresentam-se de modo aproximado. Na zona central, *menino* e *curumina* obtiveram seis registros (25%) cada, *chico* com quatro registros (16,7%), *ñino* e *muchacho* com três registros cada (12%), *guri* e *curumim* com um registro para cada lexia (4,2%).

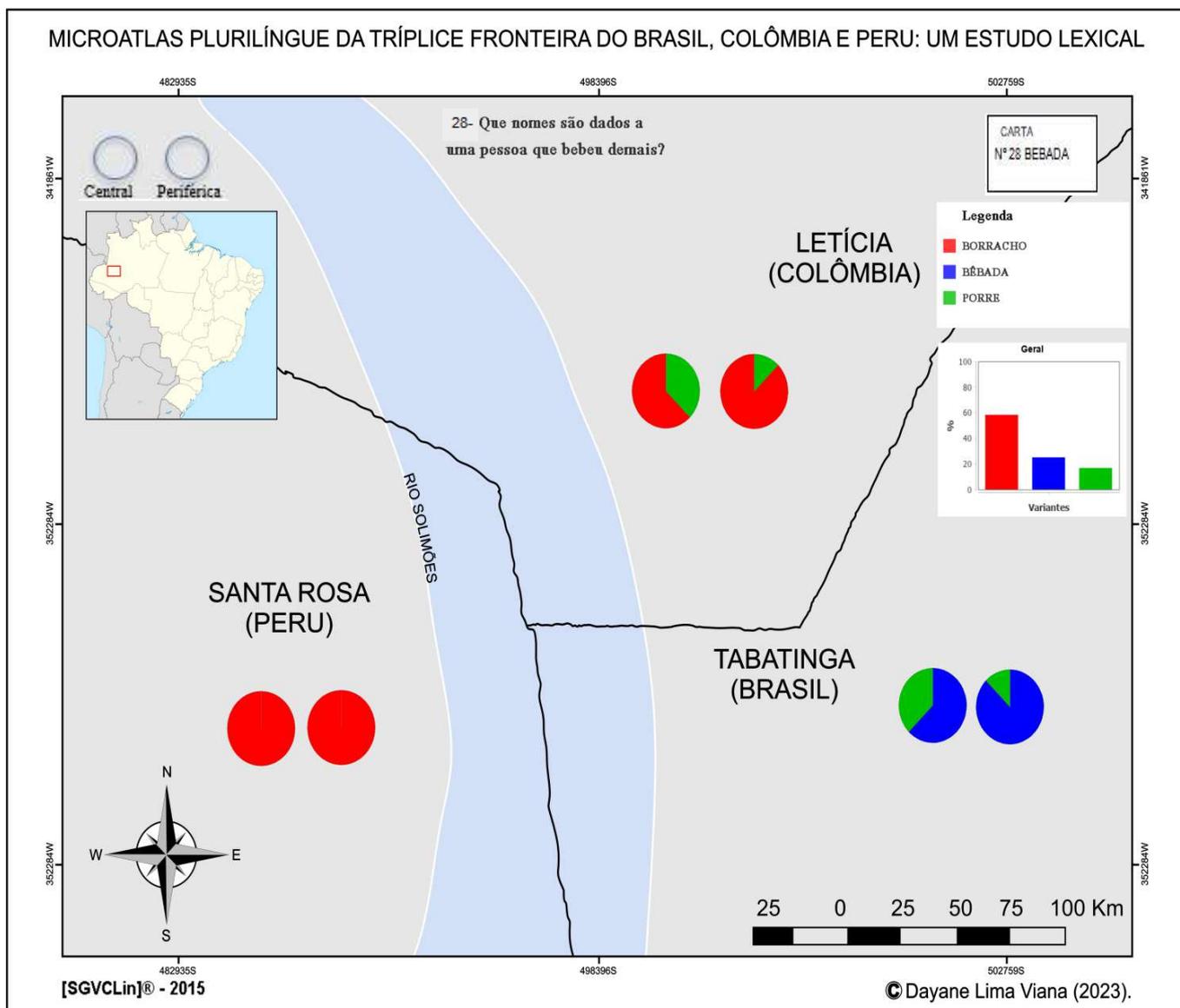
Na zona periférica, *curumim* e *menino* pontuaram sete (29,2%) e seis vezes (25%), respectivamente. A forma *muchacho* ficou com quatro registros (16,7%), *ñino* com três (12%), *curumim* com dois (8,3%), *guri* e *chico* com um registro para cada lexia (4,2%).

## 6.28 Bêbada

O item de nº 28 investigou as formas designativas para nomear “uma pessoa que bebeu demais”. E, assim, registramos a ocorrência de três formas linguísticas: *borracho* 28 vezes (58,3%), *bêbada* 12 vezes (25%) e *porre* oito vezes (16,7%).

Na análise diatópica, observamos que *borracho* foi a única forma utilizada por falantes da cidade peruana, demonstrando, assim, ser uma forma categórica cidade Santa Rosa. Em Letícia, as lexias *borracho* e *porre* foram as formas mencionadas e na cidade de Tabatinga (Brasil), *bêbada* e *porre* foram as formas produzidas.

**Carta 28** (QSL 62) – variantes lexicais para designar “uma pessoa que bebeu demais” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte: Elaborado pela autora**

A análise diazonal demonstrou que na zona central a lexia *borracho* apresentou maior índice com 13 respostas (54,2%), seguido de *porre* com seis (25%) e *bêbada* com cinco registros (20,8%).

Na zona periférica, a lexia *borracho* obteve o maior percentual comparado ao quantitativo na zona central, pois contabilizou 15 ocorrências (62,5%), *bêbada* sete (29,3%) e, ao contrário do que ocorreu na área central, *porre* obteve pouca produtividade com apenas dois registros (8,3%).

Ao analisar as ocorrências por faixa etária, notamos que tanto a faixa etária 1 (18 a 30 anos) quanto a faixa etária 2 (55 a 65 anos) obtiveram exatamente as mesmas frequências relativas e absolutas, demonstrando, portanto, que a utilização das lexias estão bem difundidas entre as gerações.

**Tabela 28:** Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta nº 62 (*bêbada*) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

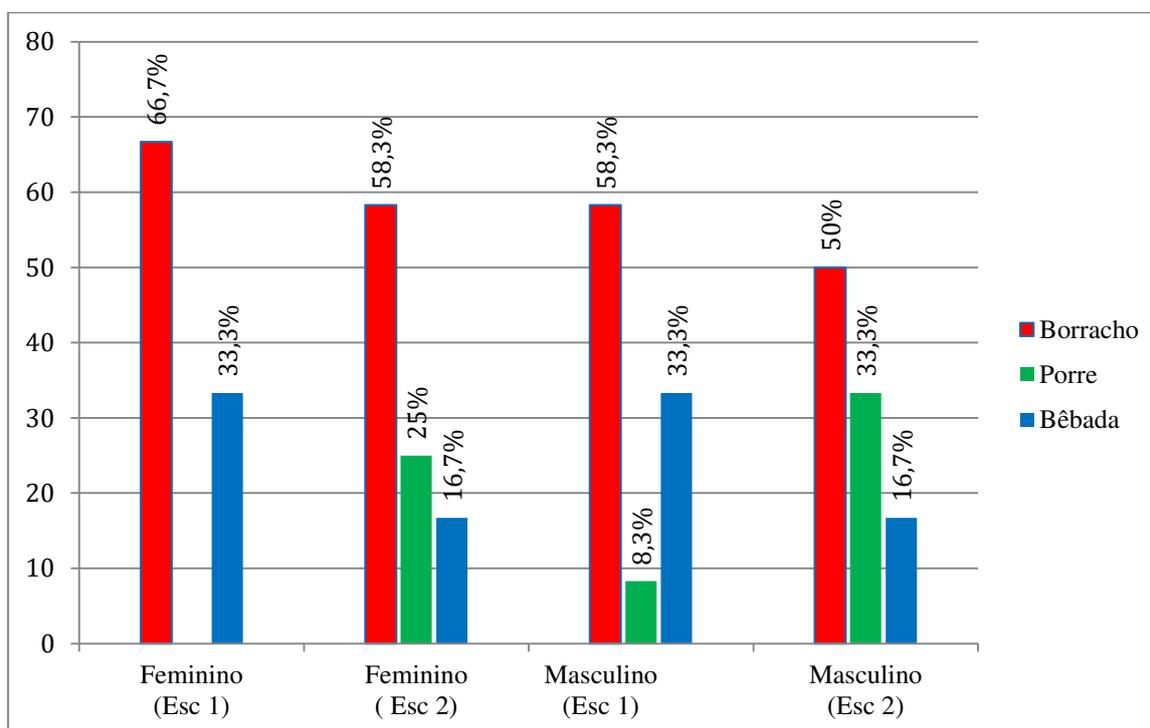
VARIANTES LEXICAIS			
Dimensão Diageracional	Bêbada	Borracho	Porre
18 a 30 anos	6 (25%)	14 (58,3%)	4 (16,7%)
55 a 65 anos	6 (25%)	14 (58,3%)	4 (16,7%)
<b>Total</b>	12	28	8

**Fonte: Elaborado pela autora**

Ao analisar a dimensão diassexual e diastrática, atestamos que a lexia *borracho* foi predominante de modo expressivo. Outro fato apontado foi a ausência da variante *porre* em falantes do sexo feminino e com pouca escolaridade.

Em perspectiva contrária, a forma *porre* obteve registros consideráveis em informantes mais escolarizados, como é possível observar no gráfico 28.

**Gráfico 28** – Distribuição diastrática e dialingual das variantes lexicais para designar “a pessoa que bebeu demais” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru.



Fonte: Elaborado pela autora

A pesquisa também revelou maior percentual de utilização da lexia *borracho* por falantes bilíngues com 17 respostas (60,7%), seguido de *porre* com seis (21,4) e *bêbada* com cinco registros (17,8%).

Em monolíngues, houve o cômputo de 11 ocorrências (55%) da lexia *bêbada*, que foi mais utilizada na comparação com os bilíngues, que utilizaram essa variante com sete registros (35%) e *porre*, que foi utilizada apenas duas vezes, o que representa (10%) do percentual.

## 6.29 Picada

A picada é um prato tradicional da cozinha colombiana feito com variadas carnes e molhos. Por ser muito consumido nas três cidades da Tríplice Fronteira, inserimos a questão com item de análise no (QSL) com intuito de analisar quais lexias são utilizadas como nominativos.

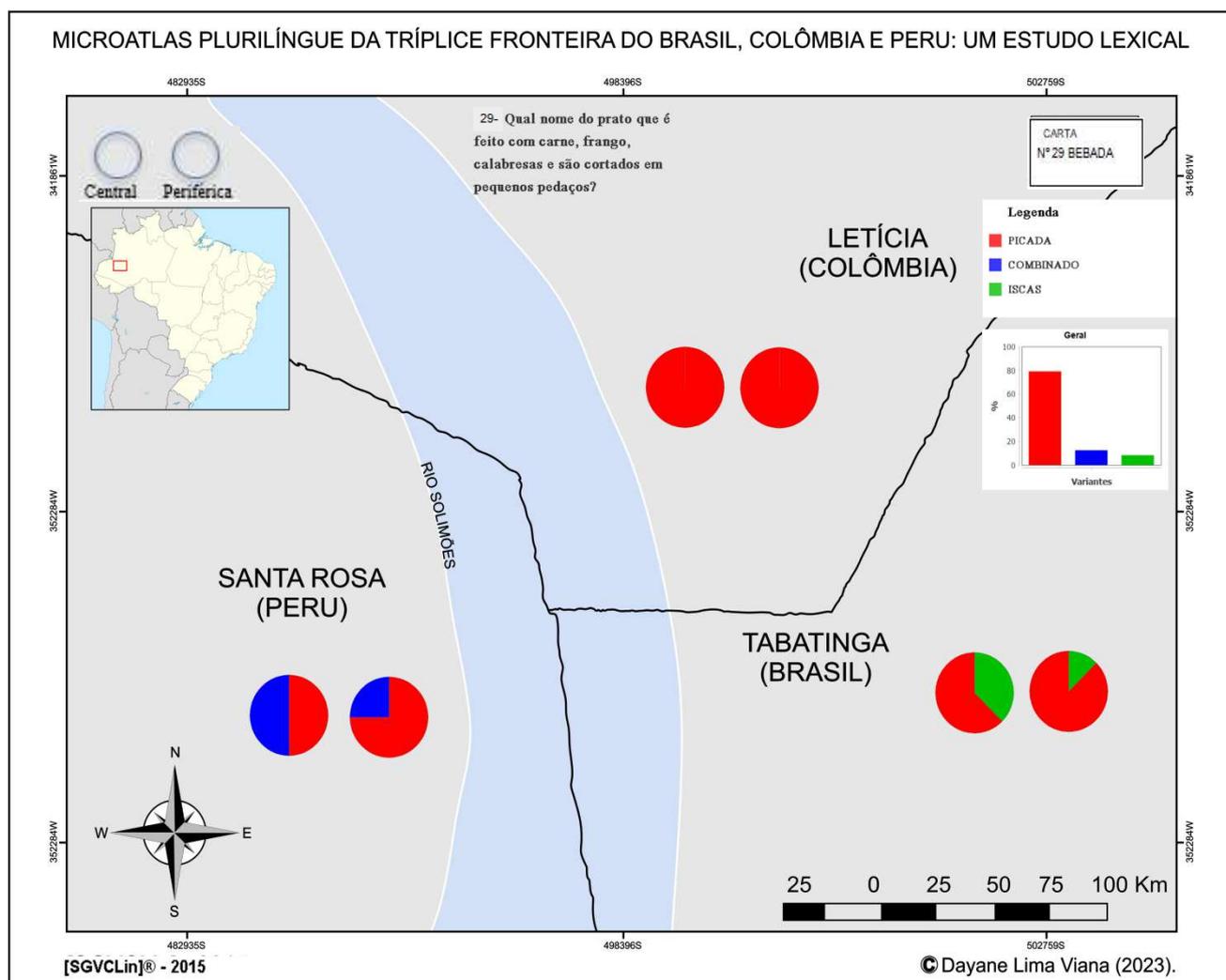
Dessa forma, constatamos a existência de três variantes lexicais para designar o referente: *picada* 38 (79, 2%), *combinado* 6 (12,5) e *iscas* 4 (8,3%).

No tocante à análise diatópica, verificamos que os informantes da cidade colombiana foram categóricos quanto ao uso da lexia *picada*. Por outro lado, na cidade peruana a lexia *picada* e *combinado* se apresentam em concorrência estrita.

Quando analisamos os registros dos informantes da cidade de Tabatinga, observamos a difusão da lexia hispânica *picada* dentro do território brasileiro.

Com isso, foi possível verificar a concorrência a partir do convívio de duas formas linguísticas, uma de origem portuguesa e a outra hispânica. Na carta 29 podemos visualizar o processo variacional das lexias nos três espaços investigados.

**Carta 29 (QSL 74)** – Variantes lexicais para designar “o prato que é feito com carne, frango e calabresa e cortada em pequenos pedaços” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

A respeito das ocorrências lexicais por zonas, observamos que informantes da área central utilizaram 17 vezes (70,8%) a forma *picada*, quatro vezes (16,7%) a lexia *combinado* e três vezes (12,5%) a lexia *iscas*.

Na área periférica, a lexia *picada* obteve maior percentual na comparação com os dados da área central, visto que contabilizamos 21 registros (87,5%); as lexias *combinado* e *iscas*, por sua vez, pontuaram com duas respostas (8,3%) e uma resposta (4,2%), respectivamente.

No tocante a análise por faixa etária, verificamos que informantes mais jovens utilizaram a lexia *picada* com maior produtividade. De perspectiva contrária, ocorreu com a lexia *combinado*, haja vista que informantes mais velhos tiveram maior percentual de utilização dessa variante

que os mais jovens. As distribuições estatísticas podem ser visualizadas na tabela 29.

**Tabela 29:** Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta n° 62 (Picada) na tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru

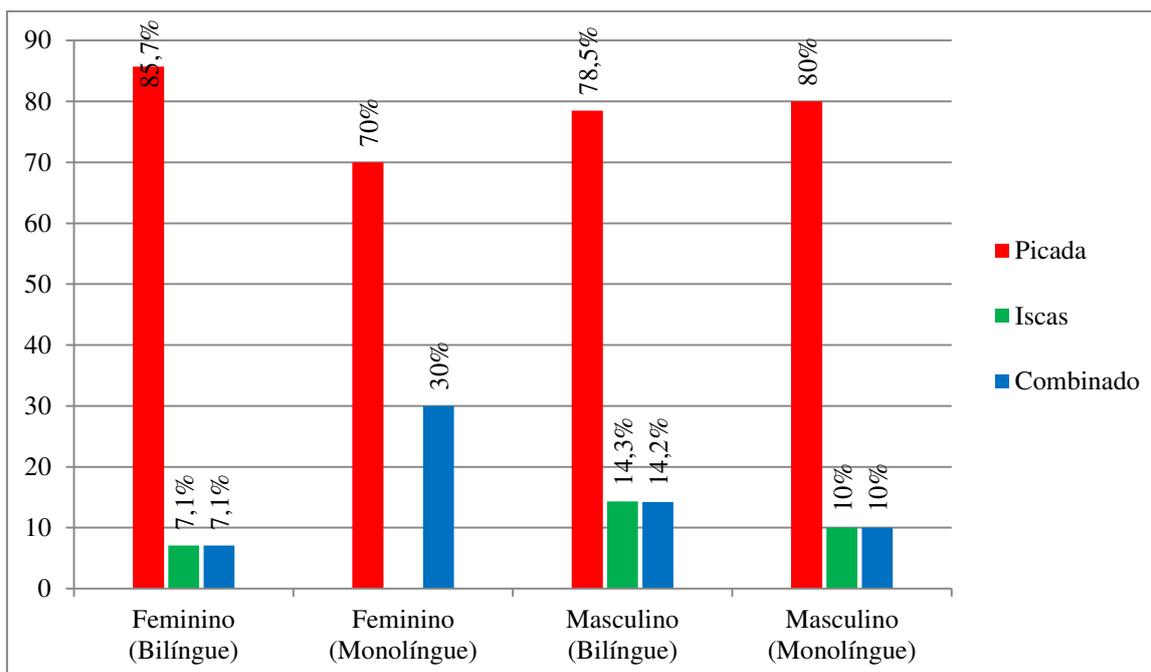
VARIANTES LEXICAIS			
Dimensão Diageracional	Combinado	Picada	iscas
18 a 30 anos	1 (4,2%)	21 (87,5%)	2 (8,3%)
55 a 65 anos	5 (20,8%)	17 (70,8%)	2 (8,3%)
<b>Total</b>			

Fonte: Elaborado pela autora

Na análise diasssexual e dialingual, notamos que a lexia *picada* foi dominante entre homens e mulheres tanto bilíngues quanto monolíngues, pois de acordo com os dados estatísticos, ela aparece com um percentual significativo em todas as cédulas analisadas.

As formas *iscas* e *combinado* foram registradas com menor grau de distribuição, e em informantes do sexo feminino (monolíngue) observamos a total ausência da lexia *iscas*, como é possível verificar no gráfico 29.

**Gráfico 29** – Distribuição diasssexual e dialingual das variantes lexicais para designar “o prato que é feito com carne, frango e calabresa e cortada em pequenos pedaços” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Nos falantes menos escolarizados, a lexia *picada* obteve 18 respostas (70%). As formas *iscas* e *combinado* pontuaram três vezes (12,5%) cada uma. Em formantes mais escolarizados, *picada* foi registrada 20 vezes (83,3%), *combinado* três (12,5%) e *iscas* com apenas uma ocorrência (4,2%).

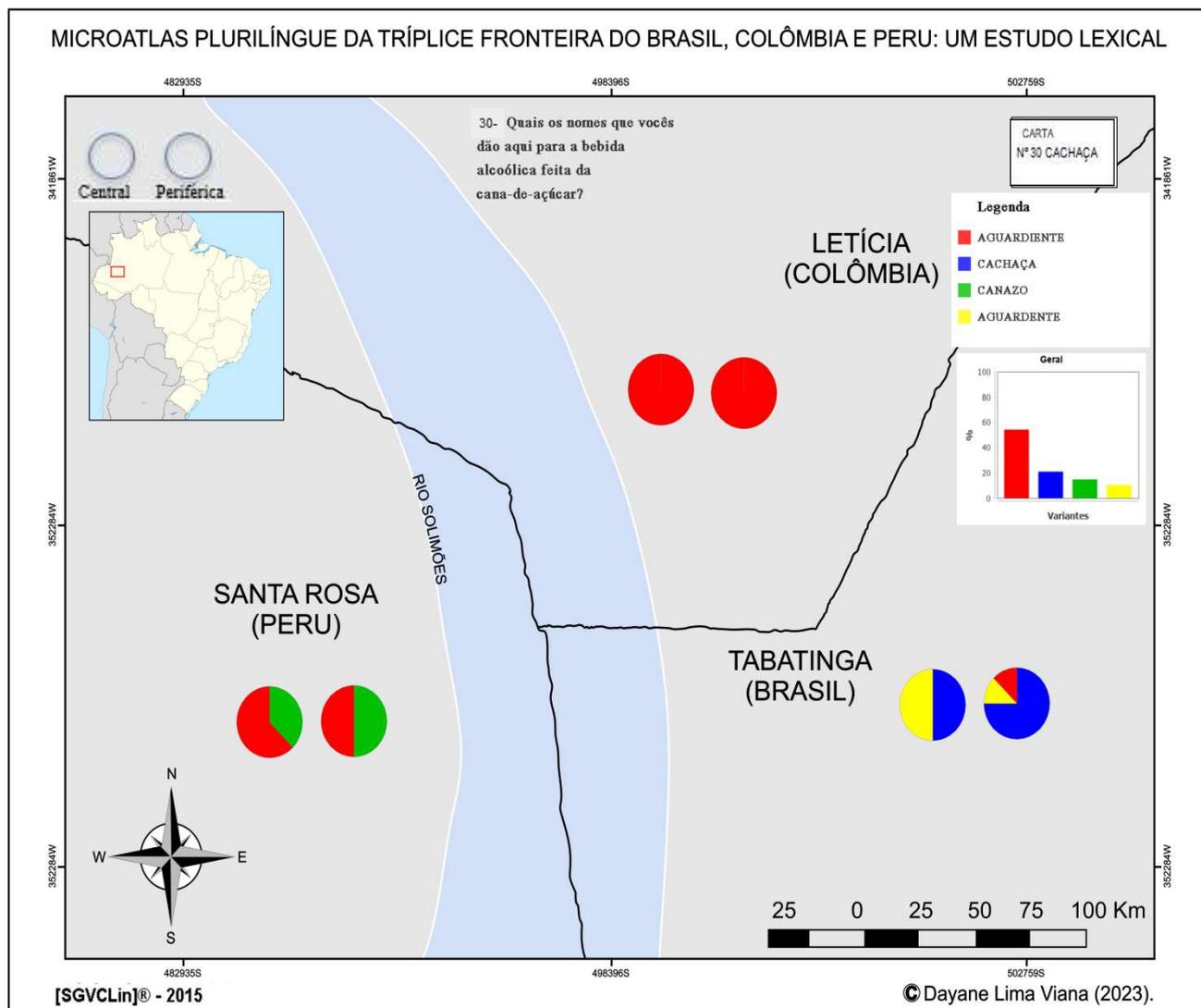
### 6.30 Cachaça

A fronteira Brasil, Colômbia e Peru é uma região muito festiva, por isso nosso interesse se voltou a analisar “quais os nomes de bebidas alcólicas feitas de cana- de-açúcar”.

Primeiramente, enfocamos a dimensão diatópica com objetivo de analisar como as comunidades dos três países nomeiam o referente. Desse modo fizemos o registro das seguintes formas com seus respectivos índices gerais: *aguardiente* 26 (54,2%), *cacheça* 10 (20,8%), *cañazo* sete (14,5%) e *aguardente* cinco (10,5%).

Na cidade colombiana houve o uso categórico da lexia *aguardiente*; na cidade peruana observamos a concorrência entre as formas *cañazo* e *aguardiente*. Por outro lado, constatamos a difusão da lexia hispânica no espaço brasileiro, uma vez que verificamos a variação lexical entre as formas *aguardente*, *cacheça* e *aguardiente*. A distribuição das lexias pode ser visualizada na carta 30.

**Carta 30 (QSL 68)** – Variantes lexicais para designar “quais os nomes de bebidas alcoólicas feitas de cana-de-açúcar” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

A respeito da análise diastrática, verificamos que tanto informantes da Esc 1 (analfabeto ou semi analfabetos) quanto mais escolarizados (ensino médio completo ou incompleto) usaram a lexia *aguadiante* com 13 ocorrências (54,2%) em cada dos parâmetros .

Os demais registros de falantes da escolaridade 1 foram: *cachaça* com seis (25%), *cañazo* com três (12,5%) e *aguardente* com duas (8,3%). Em informantes da

Esc 2, *cañazo* pontuou quatro vezes (16,7%), *cachaça* também quatro vezes (16,7%) e *aguardente* com três ocorrências (12,5%).

No que tange à análise por faixa etária, percebemos que as lexias estão bem distribuídas nas diferentes gerações, visto que algumas lexias obtiveram os percentuais aproximados, demonstrando que a variação está bem difundida nas duas gerações. Apenas a variante *cañazo* obteve determinada distância dos cálculos quando avaliamos as ocorrências entre as gerações, como é possível verificar na tabela 30.

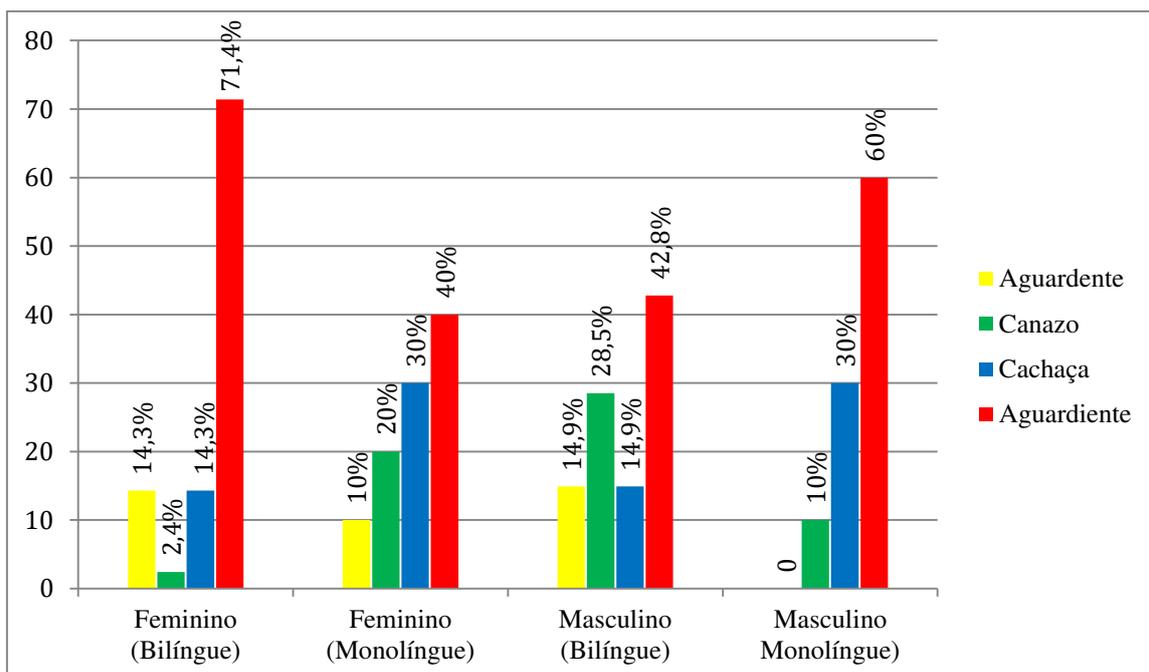
**Tabela 30:** Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta nº 68 (cachaça) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS				
Dimensão diageracional	Aguardiente	Cañazo	Cachaça	Aguardente
18 a 30 anos	12 (50%)	5 (20,8%)	5 (20,8%)	2 (8,3%)
55 a 65 anos	14 (58,3%)	2 (8,3%)	5 (20,8%)	3 (12,5%)
<b>Total</b>	26	7	10	5

Fonte: Elaborado pela autora

A análise na perspectiva diasssexual e dialingual demonstrou que a lexia hispânica *aguardiente* foi mais produtiva em todas as cédulas de análise, porém, foi bem mais expressiva em mulheres (bilíngues). Por outro lado, a forma portuguesa *aguardente* não foi observada em informantes do sexo masculino (monolíngues), como podemos verificar no gráfico 30.

**Gráfico 30** – Distribuição dissexual e dialingual das variantes lexicais para designar “quais os nomes de bebidas alcólicas feitas de cana-de-açúcar” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Notamos também que a lexia *aguardiente* foi registrada com o mesmo número de ocorrências na zona central e periférica com 13 registros (54,2%) em cada área. Os demais percentuais registrados na área periférica foram: *aguardente* e *cachaça* quatro vezes cada (16,7%) e *cañazo* com três ocorrências (12,5%). Na zona periférica, *cachaça* pontuou seis vezes (25%), *cañazo* quatro (6,7%) e *aguardente* com apenas uma resposta, o que corresponde a (4,2%).

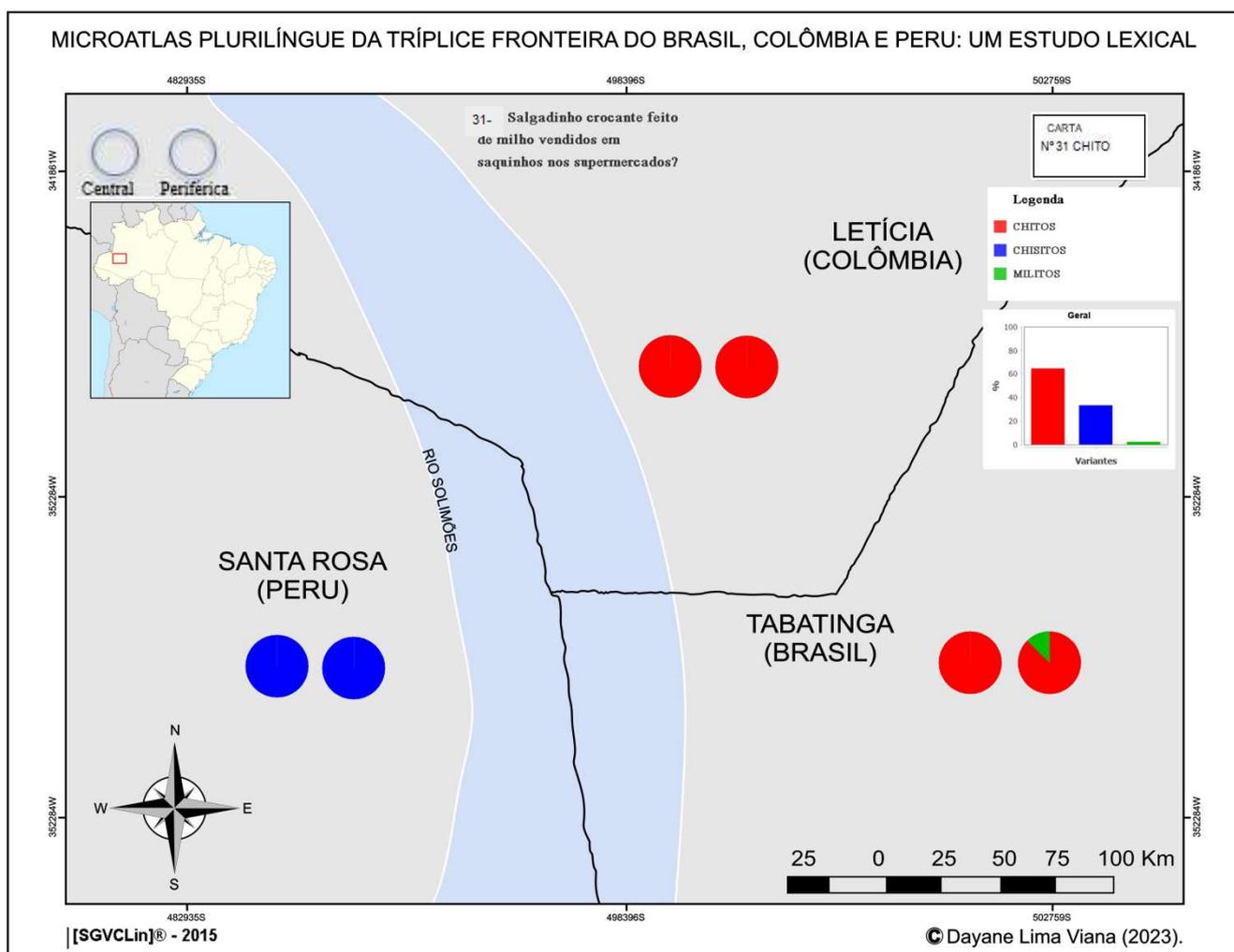
### 6.31 Chito

O item de nº 31 objetivou investigar as formas linguísticas existentes que nomeiam o “salgadinho crocante feito de milho vendido em saquinhos nos supermercados”.

Primeiramente nosso olhar se voltou ao estudo diatópico dentro da tríplice fronteira. Isso nos permitiu observar que informantes da cidade peruana apresentaram uso categórico da lexia *chisitos*. De igual modo ocorreu com informantes da cidade colombiana, que também utilizaram apenas a lexia *chitos* como resposta.

Entretanto, o que nos chamou atenção foram os registros computados do lado brasileiro, haja vista que observamos a grande difusão da lexia hispânica *chitos* na cidade brasileira. Verificamos apenas uma incidência da forma portuguesa *militos*, que é uma forma usual da capital Manaus e grande parte dos municípios do Amazonas. A difusão léxica pode ser melhor visualizada na carta 31.

**Carta 31 (QSL 70)** – variantes lexicais para designar o “salgadinho crocante feito de milho vendido em saquinhos nos supermercados” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com a análise diastrática, informantes da escolaridade 1 (menos escolarizados) optaram 16 vezes (66,7%) pela lexia *chitos* e oito vezes por *chisitos*

(33,3%). Já os informantes com maior grau de instrução formal responderam 15 vezes (62,5%) a lexia *chitos*, oito vezes *chisitos* e uma resposta (4,2%) para a lexia *militos*.

No tocante à análise diassexual, o estudo revelou que ambos os sexos obtiveram pontuação aproximada, indicando que a propagação das lexias ocorre de modo similar entre homens e mulheres.

O registro da lexia manaura *militos* foi utilizada por uma falante do sexo feminino que em entrevista afirmou que passou uma temporada na capital e que, por isso, passou a também a adotar o uso da forma *militos*. A distribuição das lexias entre homens e mulheres pode ser analisada na tabela 31.

**Tabela 31:** Distribuição diassexual das variantes lexicais para a pergunta nº 70 (chito) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

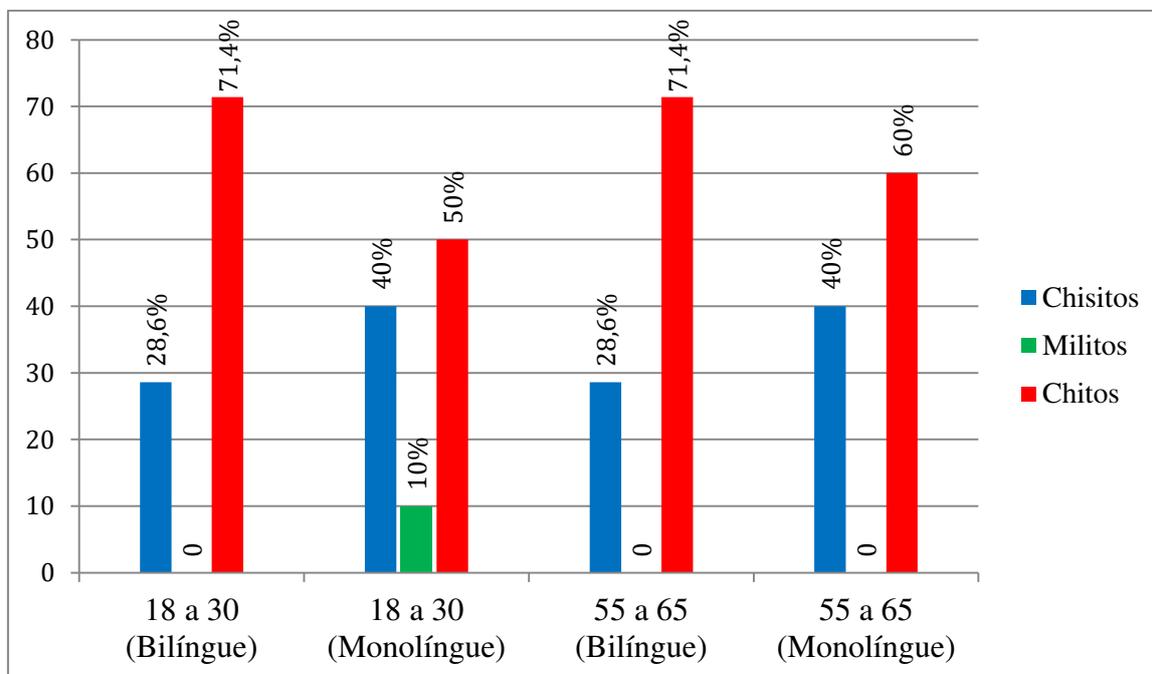
VARIANTES LEXICAIS			
Dimensão diassexual	Chito	Militos	Chisitos
Mulher	15(62,5%)	1 (4,1%)	8 (33,3%)
Homem	16 (66,7%)	-	8 (33,3%)
<b>Total</b>	31	1	16

**Fonte:** Elaborado pela autora

Como podemos visualizar no gráfico 31, a lexia *chito* foi mais produtiva em informantes das duas gerações (18 a 30 anos) e (55 a 65 anos), sendo ainda mais expressiva em informantes bilíngues.

Outro fato que chamou atenção foi constatar o mesmo percentual entre bilíngues e monolíngues no que tange ao índice de ocorrência da lexia *chisitos*. Aqui também vale destacar que o registro da lexia *militos* foi realizado por uma informante mais jovem com característica monolíngue.

**Gráfico 31**– Distribuição diageracional e dialingual das variantes lexicais para designar “salgadinho crocante feito de milho vendido em saquinhos nos supermercados” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

A análise diazonal demonstrou que nas áreas centrais e periféricas a lexia *chito* foi expressiva com 16 (66,7% e 15 (63,5%) registros, respectivamente. Na área central, *chisitos* pontuou oito vezes (33,3%) e na área periférica obteve o mesmo percentual.

### 6.32 Gaseosa

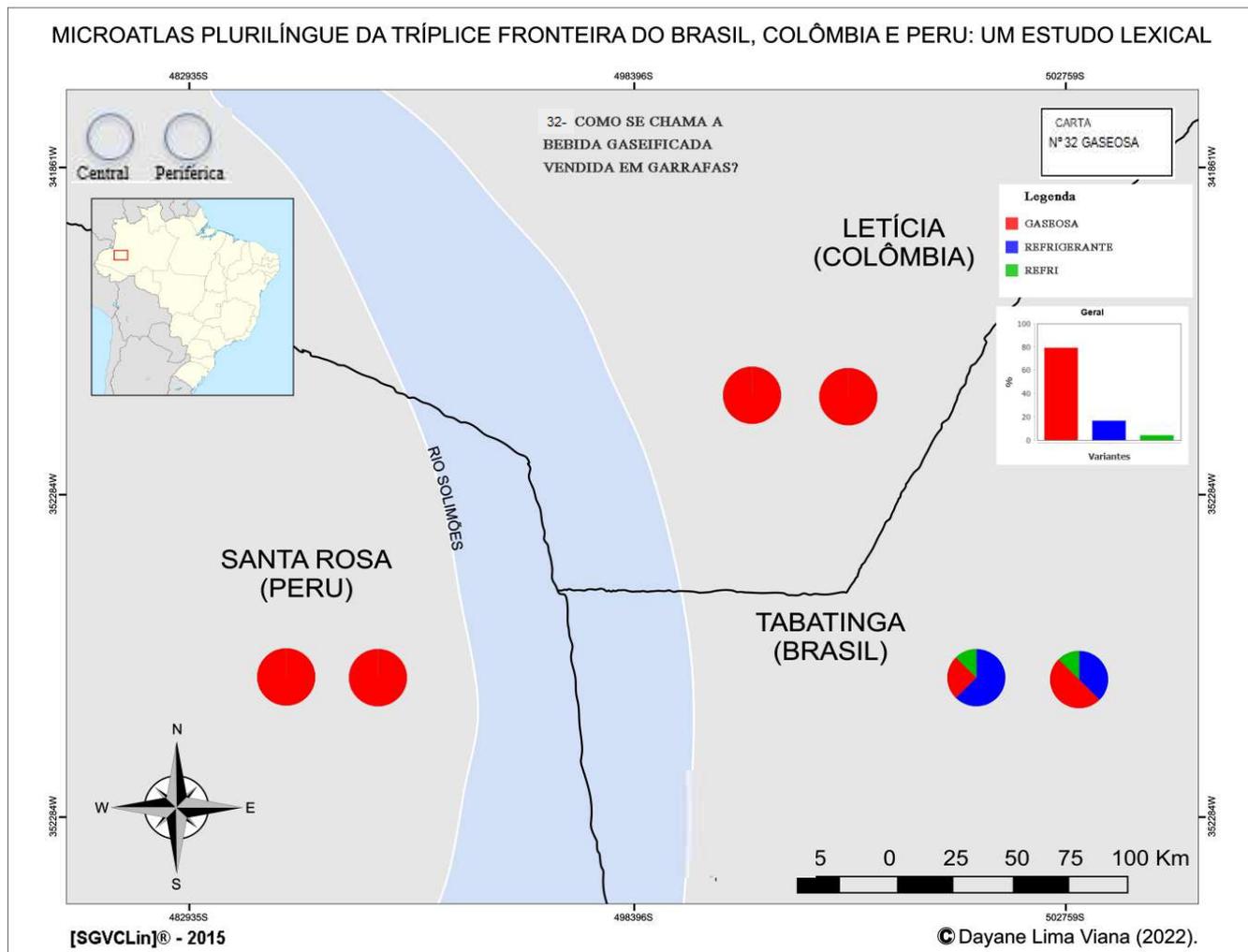
Em resposta à pergunta sobre o nome que se dá a uma bebida gaseificada, vendida em garrafas, foram obtidas as seguintes respostas: *gaseosa* 38 (79,2%), *refrigerante* oito (16,6%), *refri* duas (4,2%).

Consideramos importante a inserção do item no questionário, pois inicialmente percebemos que os moradores da cidade de Tabatinga oscilavam entre as lexias portuguesas: *refrigerante*, *refri* e a hispânica *gaseosa*.

Foi em virtude desta constatação empírica que decidimos investigar como as lexias estrangeiras poderiam estar permeando os sistemas linguísticos dos lados opostos da fronteira.

Diante disso, através dos índices gerados pelo programa e da visualização da carta linguística, passaremos a analisar como as três lexias têm se difundido no *continuum* linguístico desse espaço fronteiriço, que começaremos a analisar a carta 32.

**Carta 32 (QSL 73)** – Variantes lexicais para designar a “bebida gaseificada vendida em garrafas” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Como é possível observar, verificamos que a lexia hispânica *gaseosa* foi predominante nas cidades de Letícia e Santa Rosa com a frequência de (100%) em ambas as localidades, demonstrando que não há concorrência com a variante portuguesa.

Em perspectiva diferente, os informantes da cidade de Tabatinga revelaram estrita variação lexical para nomear o referente, pois tanto na zona central quanto na zona periférica a variação entre as lexias foi representativa.

Contudo, de acordo com nossa análise, o uso da lexia *gaseosa* se mostrou mais expressivo na zona central de Tabatinga com o cômputo geral de quatro respostas (50%) para a variante *gaseosa*, três registros (37,5%) para o uso da lexia *refrigerante* e apenas uma (12,5%) ocorrência para a forma *refri*.

Na zona periférica foram registrados que o termo *gaseosa* cinco vezes (62,5%) do uso de *refrigerante* e uma vez (12,5%) a forma *refri*.

A análise diassexual revelou que homens e mulheres têm a preferência pelo uso de *gaseosa*, uma vez que a variante ocorreu de modo significativo em ambos os sexos. E as demais variantes obtiveram índices expressivamente inferiores em comparação com a grande produtividade da lexia hispânica, como é possível analisar na tabela 32.

**Tabela 32:** Distribuição diassexual das variantes lexicais para a pergunta nº 73 (*gaseosa*) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS			
Dimensão diassexual	Refrigerante	Refri	Gaseosa
Mulher	5 (20,9%)	-	19 (79,2%)
Homem	3 (12,5%)	2 (8,4%)	19 (79,2%)
<b>Total</b>	8	2	38

Fonte: Elaborado pela autora

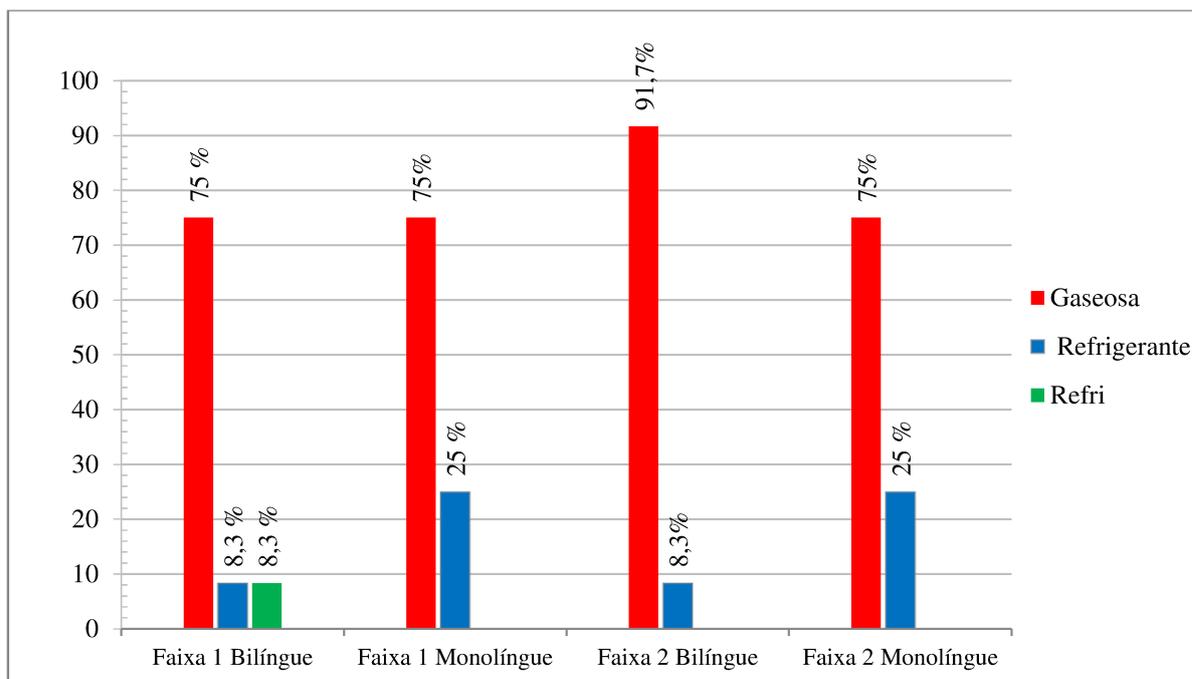
Com relação ao aspecto diageracional, o estudo revelou que a faixa etária mais velha tem a preferência pela lexia hispânica *gaseosa*, com 20 ocorrências (83,3%), inclusive com grande utilização entre os informantes da cidade brasileira como apontamos acima. A variante portuguesa *refrigerante* obteve apenas quatro registros (16,8%) nessa faixa etária.

Na faixa etária mais jovem (18 a 30 anos), foram documentadas 18 ocorrências (75,0%) da variante *gaseosa*, quatro ocorrências da variante *refrigerante* (16,8%) e duas ocorrências da variante *refri* (8,3%).

Houve também relativa preferência pela lexia hispânica por parte de falantes bilíngues, que a usaram 20 vezes (83,3%), contra duas vezes (8,3%) da forma

braquissêmica *refri* e, entre os monolíngues, registramos 18 empregos de *gaseosa* (75,00%) e seis da lexia *refrigerante* (25%), como é possível observar no gráfico 32.

**Gráfico 32** – Distribuição dialingual das variantes lexicais para designar “a bebida gaseificada, vendida em garrafas” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Tanto nos mais escolarizados, quanto nos menos escolarizados, verificamos o uso expressivo da lexia hispânica, pois houve 18 registros (75,00%) na Escolaridade 1 e 20 ocorrências (83,3%) na escolaridade 2.

Computamos ainda seis registros que correspondem a (25,00%) para uso da lexia *refrigerante* em falantes da escolaridade 1; e, no cômputo geral, falantes da escolaridade 2, responderam duas vezes (8,3%) para cada uma das lexias *refrigerante* e *refri*.

### 6.33 Lechona

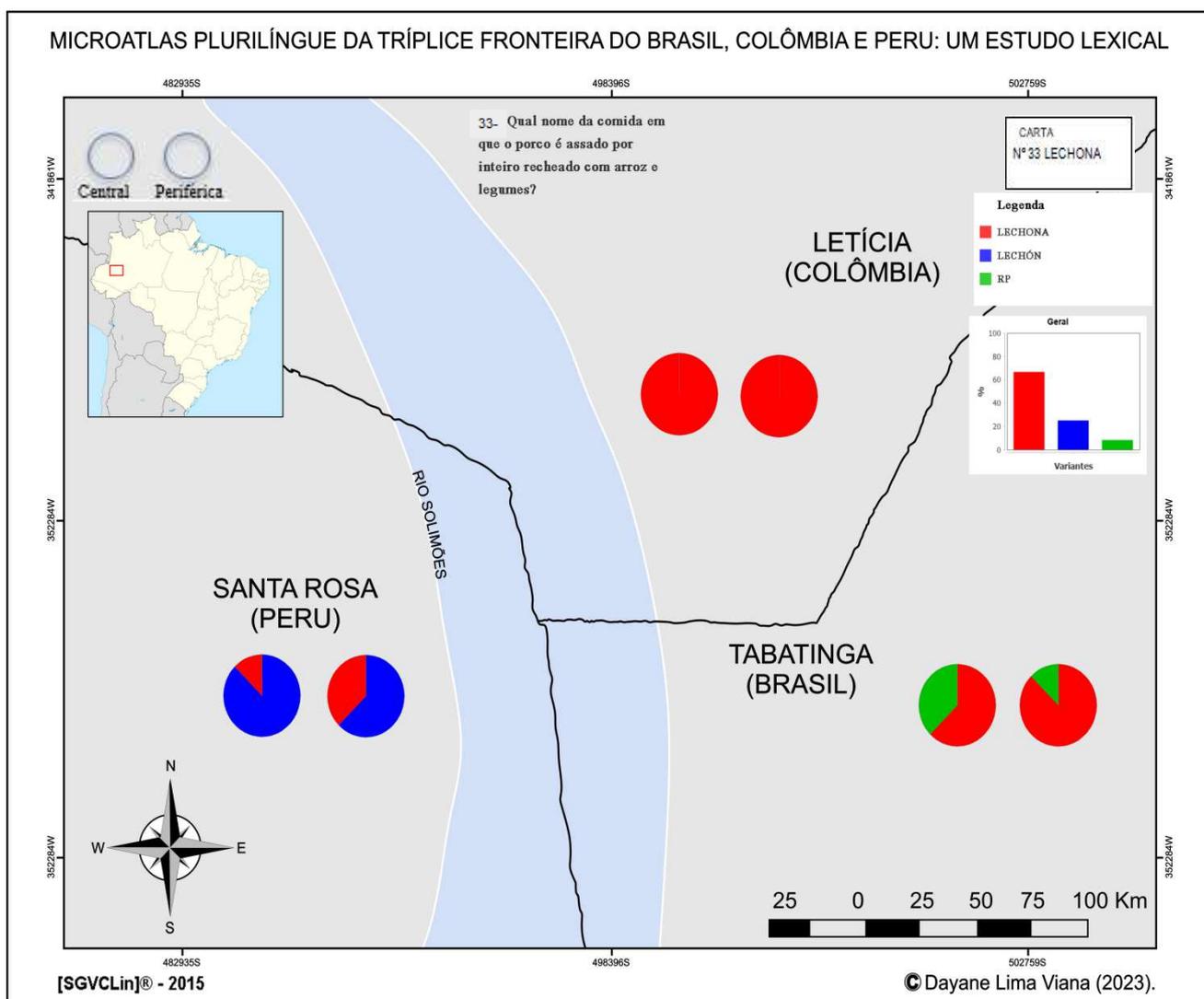
Muito comum em aniversários e comemorações festivas da Tríplice Fronteira, a *lechona* é um prato tradicional da cozinha colombiana, muito consumido pela população das três cidades.

Em virtude disso, inserimos o item lexical com a seguinte pergunta: “o nome da comida em que o porco é assado inteiro recheado com arroz e legumes”. O item tem o objetivo de analisar como a difusão lexical tem promovido a variação dentro dos espaço geográfico e social investigado.

De acordo com a base cartográfica, observamos a existência das variantes *lechona* ~ *lechón*. Informantes da cidade de Letícia realizaram em 100% das respostas a forma *lechona*; na cidade de Santa Rosa, verificamos uma concorrência entre as lexias *lechón* e *lechona*.

Por seu turno, constatamos uma alta difusão da lexia *lechona* na cidade de Tabatinga, onde pudemos perceber, inclusive, a manutenção dos traços morfológicos e fonêmicos originários do espanhol, demonstrando que até o presente a forma não sofreu adaptação fonomorfológica no português brasileiro.

**Carta 33 (QSL 75)** – Variantes lexicais para designar o “ nome da comida em que o porco é assado inteiro com arroz e legumes” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

A análise com enfoque diastrático demonstrou que informantes menos escolarizados responderam 15 vezes (62,5%) a lexia *lechona*, cinco vezes *lechón*, e registramos ainda quatro respostas prejudicadas (16,7%).

Por outro, informantes mais escolarizados responderam 17 vezes (70,8%) *lechona* e sete vezes (29,2%) *lechón*. Nesse caso, não foi contabilizado nenhuma resposta prejudicada, contrastando com as incidências registradas na escolaridade 1.

Como é possível observar na tabela 33, a distribuição da lexia *lechón* entre homens e mulheres obteve o mesmo percentual de ocorrência, ao passo que, quando avaliamos a produtividade da variante *lechona*, percebemos que informantes do sexo feminino apresentaram relativa preferência pela forma. Notamos ainda que informantes do sexo masculino obtiveram maior índice de respostas prejudicadas.

**Tabela 33:** Distribuição diassexual das variantes lexicais para a pergunta nº 74 (lechona) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

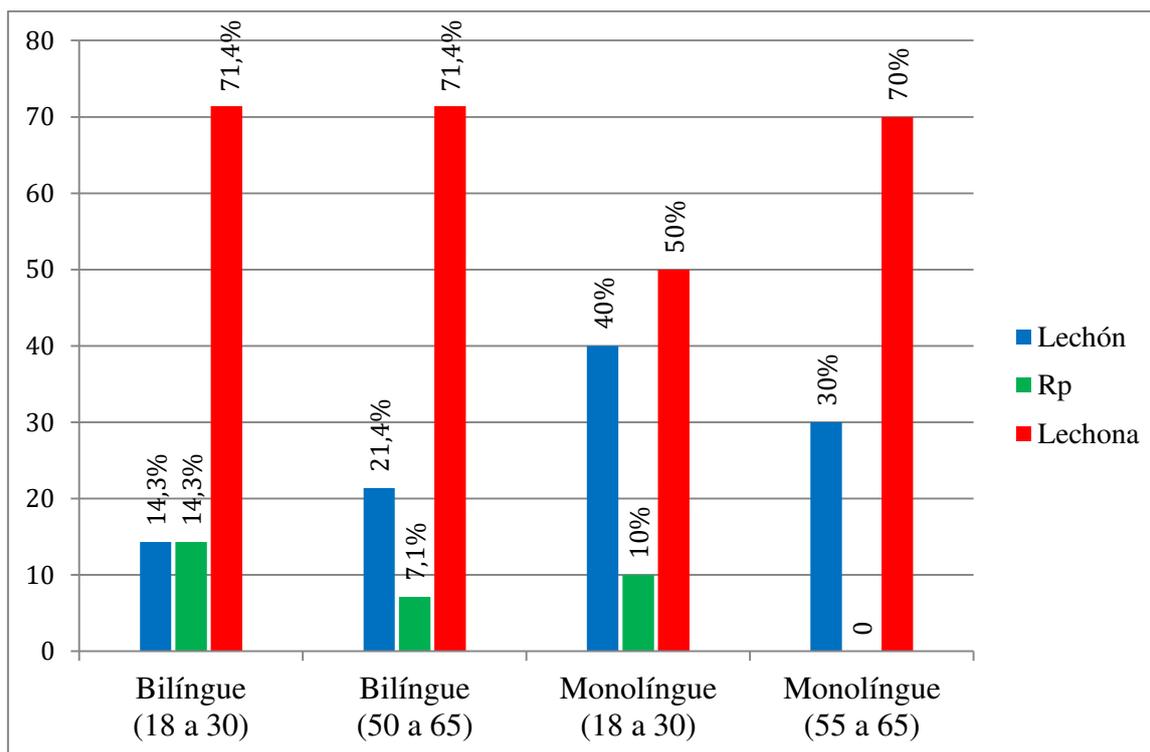
VARIANTES LEXICAIS			
Dimensão diassexual	Lechón	Rp	Lechona
Mulher	6 (25%)	1 (4,2%)	17 (70,8%)
Homem	6 (25%)	3 (12,5%)	15 (62,5%)
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>4</b>	<b>32</b>

Fonte: Elaborado pela autora

No tocante à análise dialingual e diageracional, constatamos que informantes bilíngues de ambas as faixas etárias apresentaram maior utilização da lexia hispânica *lechona*.

Em monolíngues mais velhos também contabilizamos um alto índice de utilização da lexia *lechona*, já em monolíngues mais jovens percebemos uma concorrência mais acirrada entre as lexias *lechona* e *lechón*, como é possível verificar no gráfico 33.

**Gráfico 33** – Distribuição diageracional e dialingual das variantes lexicais para designar “o nome da comida em que o porco é assado inteiro com arroz e legumes” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

O estudo também revelou como as lexias difundem-se nas áreas centrais e periféricas, haja vista que observamos que, na zona periférica, a lexia *lechona* foi registrada 18 vezes (75%) contra 14 vezes (58,3%) na zona central.

*Lechón*, por sua vez, foi registrada em sete respostas (29,2%) e três *rp* na área central. Na área periférica, *lechón* foi registrada cinco vezes (20,8%) e apenas um *rp*, o que representa (4,2%) do índice geral.

### 6.34 Pirão

O Pirão é um tradicional aperitivo que acompanha vários pratos típicos da Região Norte do Brasil. O pirão é feito com farinha de mandioca cozida com o caldo do peixe.

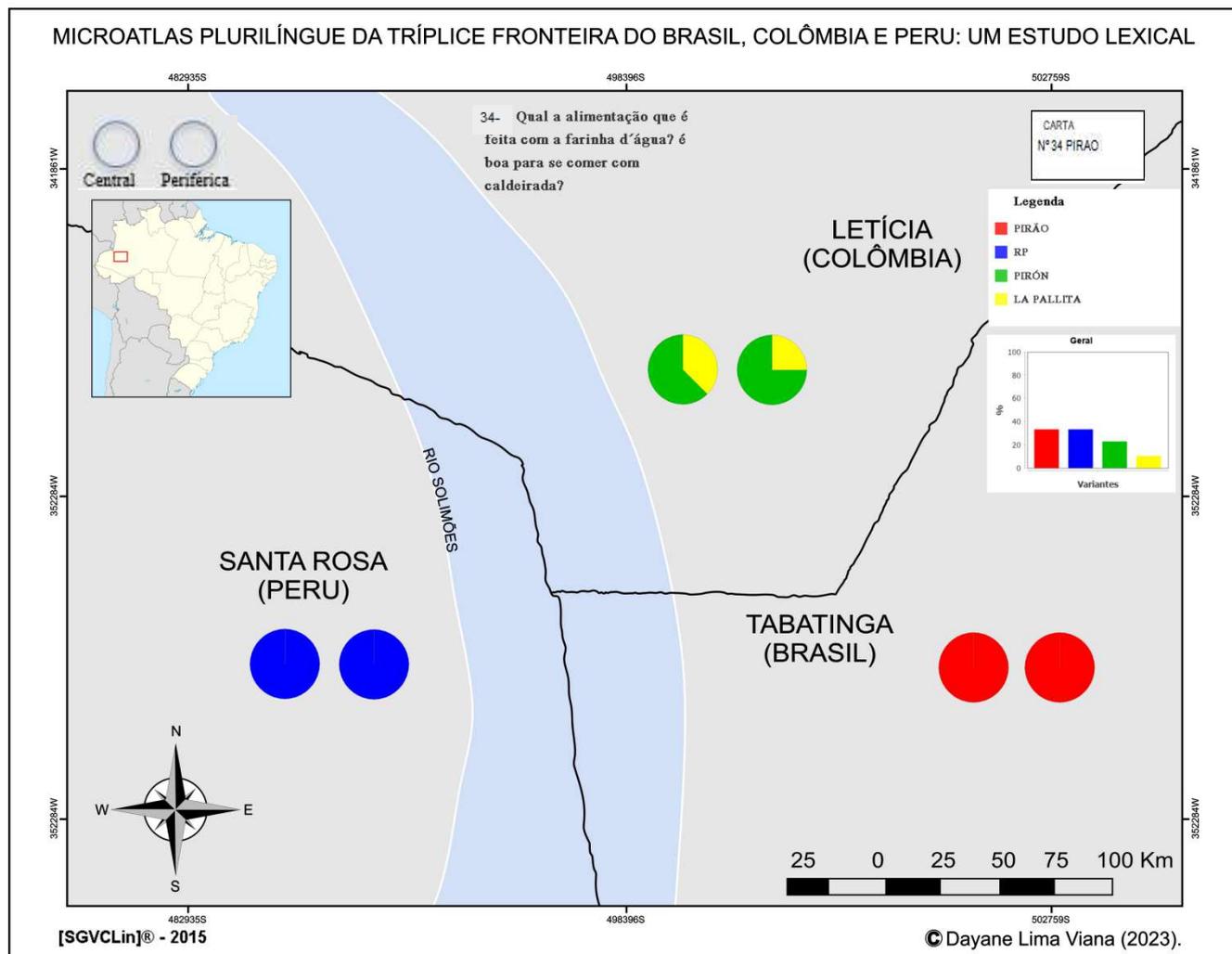
No item lexical 34 passamos a investigar como as cidades que pertencem à Tríplice Fronteira nomeiam a iguaria. E foi assim que registramos a existência de três formas linguísticas: *pirão* 16 (33,3%), *pirón* 11 (22,9%), e *la pallita* cinco (10,4%). Todavia, 16 informantes (33,3%) não souberam responder, resultado registrado como *rp*.

Na cidade brasileira, observamos o uso categórico da lexia *pirão* com 100% de utilização.

Na cidade colombiana, por seu turno, percebemos a presença da lexia *pirón*, que a princípio hipotetizamos que fosse a decorrente de empréstimo lexical da forma portuguesa *pirão*, uma vez que a correspondência fonética e fonológica da palavra reforça essa constatação. Ao fazermos a comparação entre as lexias /pirão ~ pirón/, é possível verificar um processo de adaptação fonológica ao sistema hispânico, o que faz com que suas bases morfológicas /ãõ/ ~/ón/sejam alteradas. *La pallita* e *pirón* foram as concorrentes linguísticas observadas na cidade colombiana.

Outro fato que temos que destacar foi que, durante as entrevistas na cidade peruana, os informantes não sabiam nomear, justamente por que não consomem o aperitivo. Na carta 34, é possível analisar a distribuição das lexias dentro do espaço fronteiriço.

**Carta 34 (QSL 77)** – variantes lexicais para designar a “qual alimentação é feito com farinha d’agua e é boa para comer com calderada” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Ao estudar a dimensão diastrática, ficou evidente que a lexia portuguesa *pirão* e *rp* obtiveram oito respostas (33,3%) cada uma nos dois níveis de escolaridades estudados. Os demais cômputos em falantes menos escolarizados foram: *pirón* quatro vezes e *la pallita* com também quatro respostas (16,7%).

Percebemos também que a lexia *pirón* obteve maior índice em falantes mais escolarizados, pois computamos sete respostas (29,2%) e apenas uma resposta para a lexia *la pallita*.

As ocorrências entre homens e mulheres demonstrou que *pirão* e *rp* obtiveram oito registros em cada sexo, o que correspondem a (33,3%). Por outro lado, a lexia hispânica *pirón* teve mais produtividade em informantes do sexo feminino com oito registros (33,3%), contrastando com três ocorrências entre informantes do sexo masculino.

Notamos ainda a ausência da lexia *la pallita* em falantes do sexo feminino, enquanto em informantes do sexo masculino foi enunciada cinco vezes, o que corresponde a (20,8%), como é possível analisar na tabela 34.

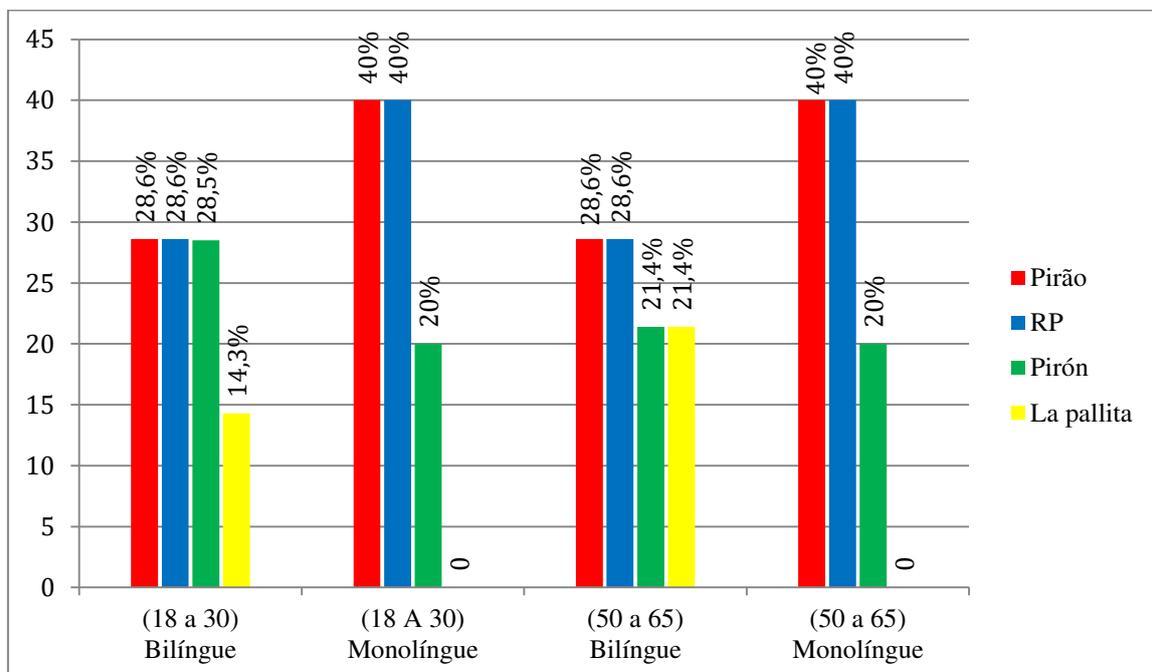
**Tabela 34:** Distribuição diassexual das variantes lexicais para a pergunta nº 77 (pirão) na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS				
Dimensão Diassexual	Pirón	La pallita	Pirão	Rp
<b>Mulher</b>	8 (33,3%)	-	8 (33,3%)	8 (33,3%)
<b>Homem</b>	3 (12,5%)	5 (20,8%)	8 (33,3%)	8 (33,3%)
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>5</b>	<b>16</b>	<b>16</b>

Fonte: Elaborado pela autora

O emprego das variantes que nomeiam o prato feito de farinha de mandioca com caldo de peixe associado à idade e ao monolinguismo ou bilinguismo dos informantes está representado por meio do gráfico 34.

**Gráfico 34** – Distribuição diageracional e dialingual das variantes lexicais para designar “qual alimentação é feito com farinha d’água e é boa para comer com calderada” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Na zona central e periférica, notamos que a variante *pirão* obteve percentual semelhante com oito ocorrências (33,3%) em ambas as áreas. Na área central, *pirón* pontuou cinco vezes (20,8%) e *la pallita* três vezes (12,5%). Na área periférica *pirón* obteve seis registros (25%) e *la pallita* duas respostas (8,33%).

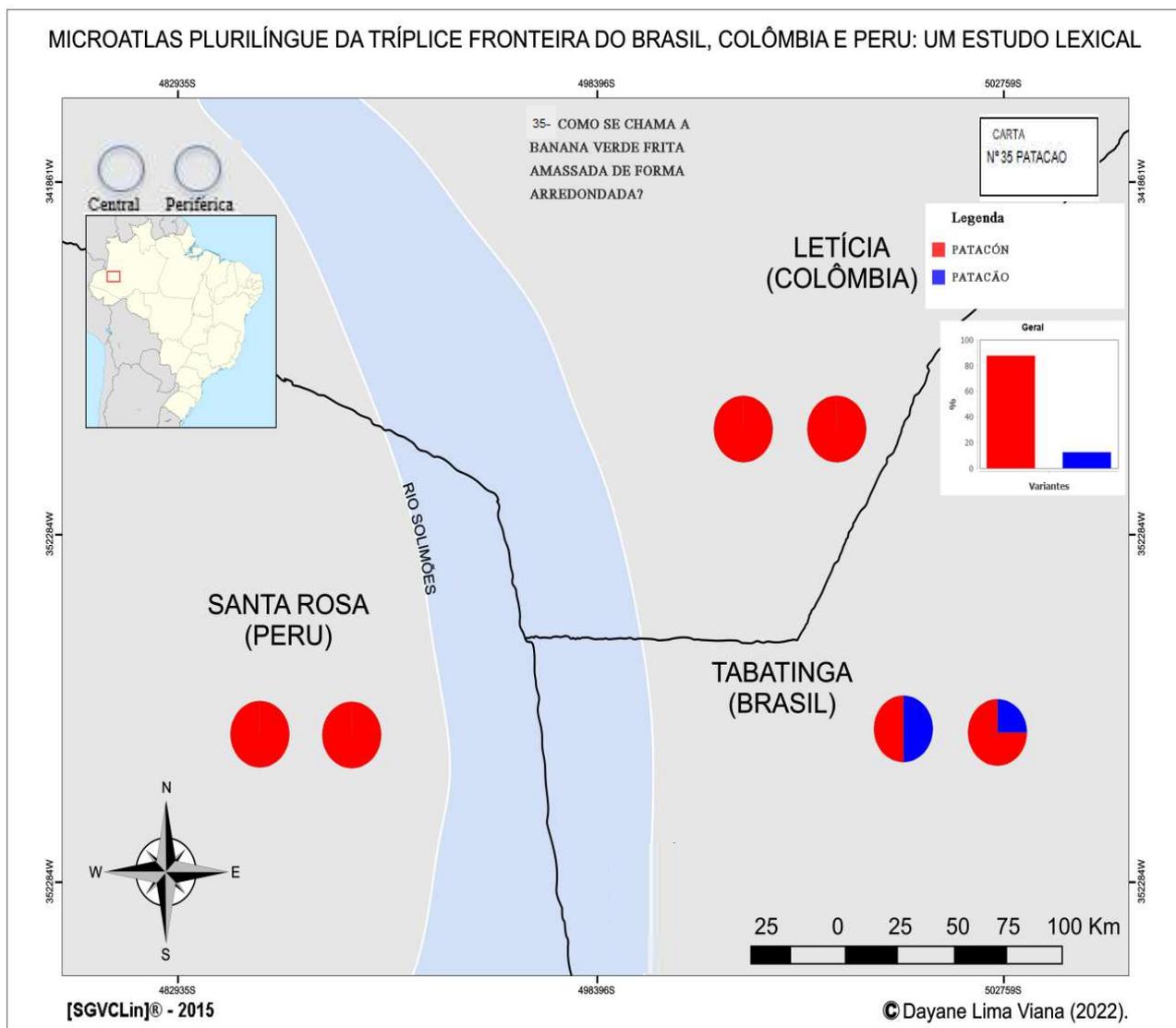
### 6.35 Patacão

O *patacón* é uma iguaria da tradicional cozinha peruana feita com banana da terra verde. É uma espécie de petisco servido como acompanhamento de outros pratos ou até mesmo como prato principal com recheios de carnes e legumes, o qual pode ser identificado em cardápios de restaurantes como *patacones*.

O *patacón* da fronteira amazônica também é chamado de *tostones* em Porto Rico, Venezuela, Honduras e algumas partes do Peru. O *patacón* é definitivamente uma comida típica do trapézio Amazônico, razão pela qual seja desconhecida no

restante do Brasil. Como é possível analisar na carta 35, pudemos verificar que houve a ocorrência de duas formas linguísticas *patacón* ~ *patacão*.

**Carta 35 (QSL80)** – Variantes lexicais para designar “banana verde frita amassada de forma arredondada” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Em análise diatópica, ambas as cidades de língua hispânica apresentam uma única forma linguística e cada uma ficou com o cômputo total de 100,00% de ocorrência.

Esse indicador nos permitiu chegar à compreensão de que a forma hispânica *patacón* é inquestionavelmente predominante no espaço diatópico nas duas cidades no qual o espanhol é língua dominante.

Ao analisar os registros documentados em informantes da cidade brasileira, observamos o uso prevalente da variante hispânica, uma vez que dez informantes responderam a lexia *patacón*, o que representa (62,5%) do índice geral, e apenas seis dos informantes optaram pela forma *patacão*, o que corresponde a (37,5%).

Mediante as constatações do item lexical, podemos tecer algumas considerações a respeito de nossa hipótese inicial que foi mencionada na seção 4 no subitem (iii), no qual postulamos que, mediante a atitude linguística positiva que os brasileiros da fronteira têm com relação à língua espanhola, os moradores de Tabatinga se mostrariam mais receptivos às variantes hispânicas, opondo-se a menor apropriação de itens lexicais portugueses por parte de colombianos e peruanos.

Cumprido destacar que *patacón* é uma lexia originariamente do espanhol, e, em razão disso, consideramos que a variante *patacão* pode estar se revelando através do processo de mudança em tempo real.

Consideramos que a inexistência do termo em português fez com que falantes brasileiros recorressem naturalmente ao item lexical da língua em contato, o que fez surgir o empréstimo linguístico *patacón*.

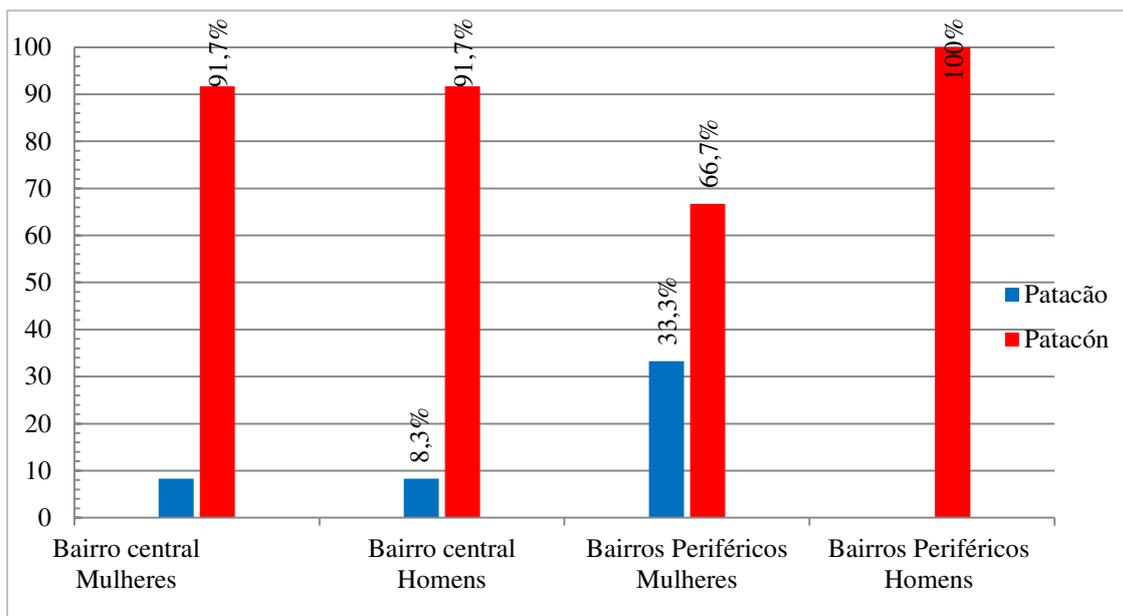
Após essa apropriação, houve a pulverização da lexia dentro da comunidade de fala e de forma lenta e gradual os falantes passaram a operar adaptações às leis fono-morfológicas no sistema, razão pelo qual surgiu a nova forma: *patacón* ~ *patacão*.

Em análise dos parâmetros ditassexuais, os homens apresentaram maior incidência de uso da lexia ainda na forma hispânica *patacón*, com 23 ocorrências, o que corresponde a (95,8%), ao passo que a nova variante *patacão* foi usada apenas uma única vez (4,2%).

Igualmente aos homens, as mulheres demonstraram maior uso da variante *patacón* com 17 ocorrências (79,2%), mas também apresentaram mais utilização da forma aportuguesada, com cinco ocorrências (20,8%), isto é, quatro vezes a mais do que os homens, o que deixa evidente que as mulheres demonstram-se inovadoras

quanto às operações linguísticas em processo de aportuguesamento, como se pode notar no gráfico 35.

**Gráfico 35** – Distribuição diasssexual e diazonal das variantes lexicais para designar “banana verde frita amassada de forma arredondada” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Avaliando a escolaridade dos informantes, observamos que tanto os mais escolarizados quanto os menos escolarizados continuam mantendo *patacão* como a forma preferencial pela variante *patacón*, assim consolidados: Esc 1 com 20 respostas (83,3%) e Esc 2 com 22 respostas (91,7%). E a variante *patacão* com quatro (16,7%) e cinco ocorrências (20,9%), respectivamente.

### 6.36 Ovos mexidos

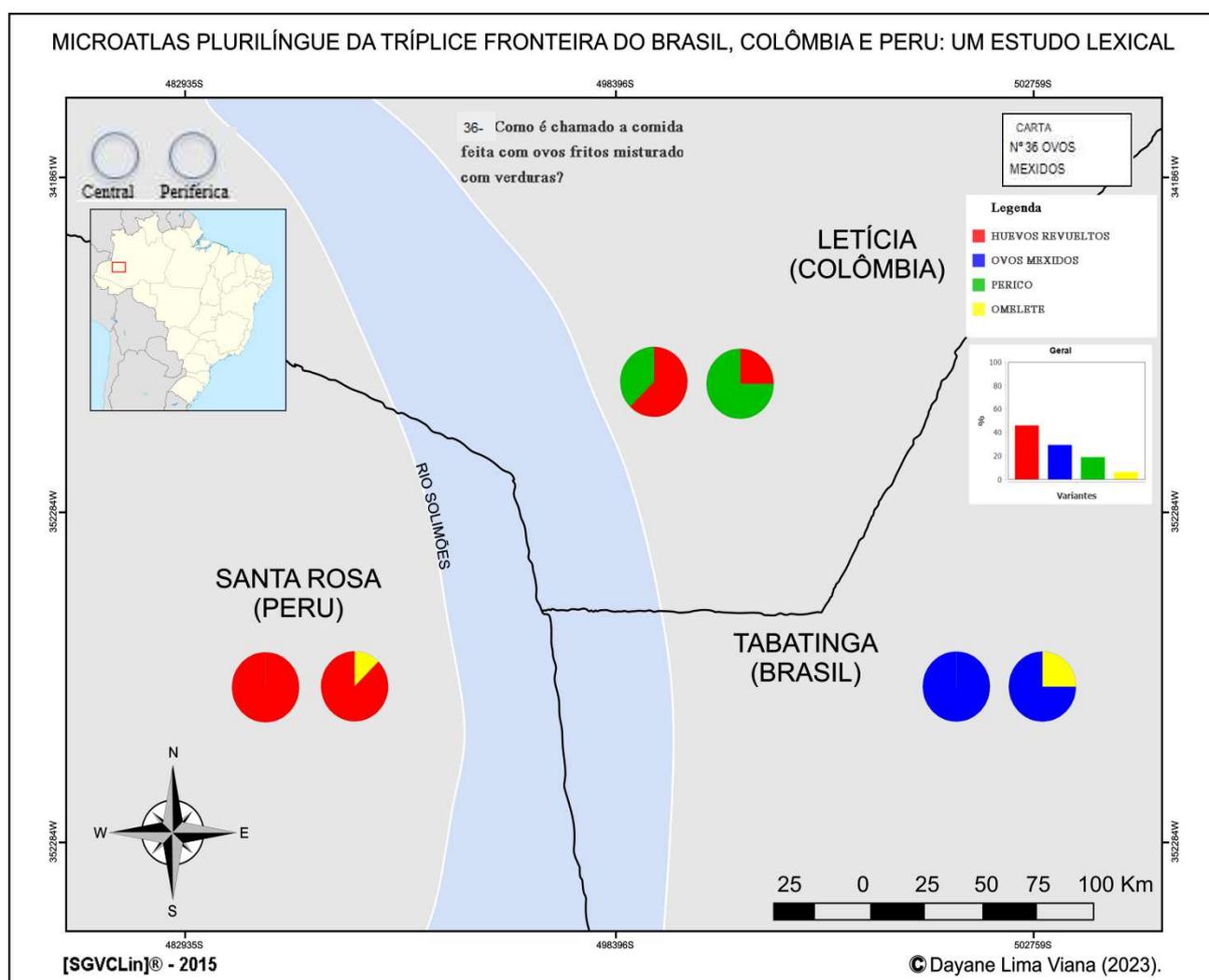
A carta de nº 36 tem o objetivo de investigar as formas existentes na Tríplice Fronteira para designar “a comida feita com ovos fritos misturado com verduras”.

Durante nossa análise, percebemos a existência de *huevos revueltos* ~ *ovos mexidos* ~ *perico* ~ *omelete*.

No cômputo geral, a lexia hispânica *huevos revueltos* apresentou prevalência com 22 respostas (45,8%) e teve grande incidência na cidades colombiana e peruana.

A forma portuguesa *ovos mexidos* foi computada 14 vezes (29,7%) na cidade de Tabatinga. A lexia *perico* também proveniente do espanhol apresentou-se apenas na cidade colombiana com nove respostas (18,7%). Registramos ainda três ocorrências para a lexia *omelete*, que foram observadas em Tabatinga e Santa Rosa (6,2%). Os dados acima discutidos podem visualizados na carta 36.

**Carta 36 (QSL 84)** – Variantes lexicais para designar “a comida feito com ovos fritos misturado com verduras” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

A análise com enfoque diastrático apontou que a lexia *huevos revueltos* foi a mais produtiva em informantes com menos escolaridade comparada aos índices dos mais escolarizados.

De perspectiva contrária, a lexia *perico* obteve maior incidência em falantes mais escolarizados com o dobro de ocorrências, e a forma portuguesa *ovos mexidos* registrou o mesmo índice nas duas escolaridades estudadas. O percentual das ocorrências pode ser analisado na tabela 36.

**Tabela 36:** Distribuição diastrática das variantes lexicais para a pergunta nº84 (ovos mexidos) na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS				
Dimensão Diastrática	Huevos revueltos	Perico	Ovos mexidos	Omelete
Escolaridade 1	13 (54,2%)	3 (12,5%)	7 (29,2%)	1 (4,2%)
Escolaridade 2	9 (37,5%)	6 (25%)	7 (29,2%)	2 (8,3%)
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>9</b>	<b>14</b>	<b>3</b>

Fonte: Elaborado pela autora

A análise com enfoque na dimensão diageracional revelou preferência pela forma *huevos revueltos* nas duas faixas-etárias (18 a 30) e (55 a 65) com o índice similar de 11 ocorrências (45,8%) para cada faixa etária.

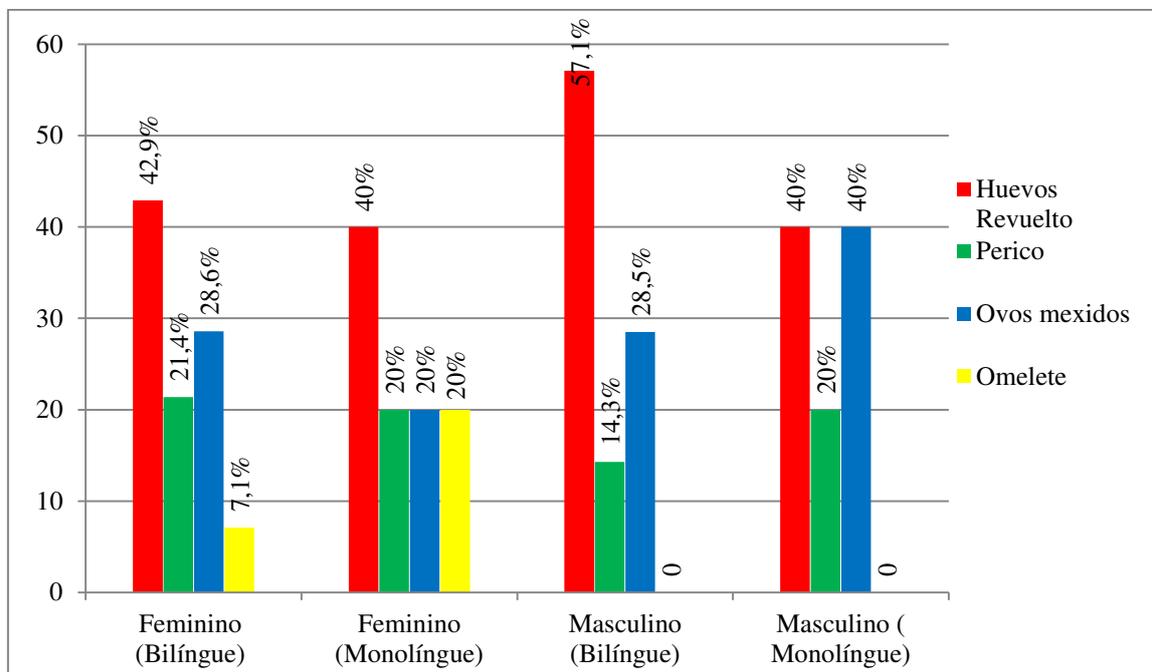
O percentual das demais lexias na faixa etária mais jovem ficou assim estabelecido: *ovos mexidos* com seis registros (25%), *perico* com cinco registros (20,8%) e *omelete* com dois registros (8,3%).

Na faixa etária mais velha, *ovos mexidos* foi registrado oito vezes (33,3%), *perico* quatro (16,7%) e *omelete* com apenas uma ocorrência (4,2%).

Quando avaliamos as ocorrências pelo critério diassexual e dialingual, observamos que a forma *huevos revueltos* foi a mais adotada entre homens e mulheres (bilíngues e monolíngues) com o percentual ainda mais expressivo em informantes do sexo masculino (bilíngues).

Notamos ainda que a forma *omelete* não foi utilizada por falantes do sexo masculino (bilíngues e monolíngues). O percentual da distribuição das lexias pode ser verificado no gráfico 36.

**Gráfico 36** – Distribuição diasssexual e dialingual das variantes lexicais para designar “a comida feito com ovos fritos misturado com verduras” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

O estudo também demonstrou que a variante *huevos revueltos* obteve mais predominância na zona central, posto que foi registrada 13 (54,2%) contra nove (37,5%) na zona periférica. Na área central, *ovos mexidos* pontuou oito vezes (33,3%) e *perico* três (12,5%).

Por outro lado, *perico* e *ovos mexidos* foram utilizados seis vezes com o percentual de (25%) para cada lexia e a forma *omelete* apresentou três ocorrências que corresponde a (12,5%).

### 6.37 Salchipapa

Salchipapa é um aperitivo típico da Tríplice Fronteira, vendido na maioria das lanchonetes de Tabatinga, Letícia e Santa Rosa.

Em Tabatinga, é comercializado com salsicha, batatas fritas e salada. Em Letícia, o *salchipapa* geralmente é feito com salsichas costeñas ou chorizos típicos da Colômbia.

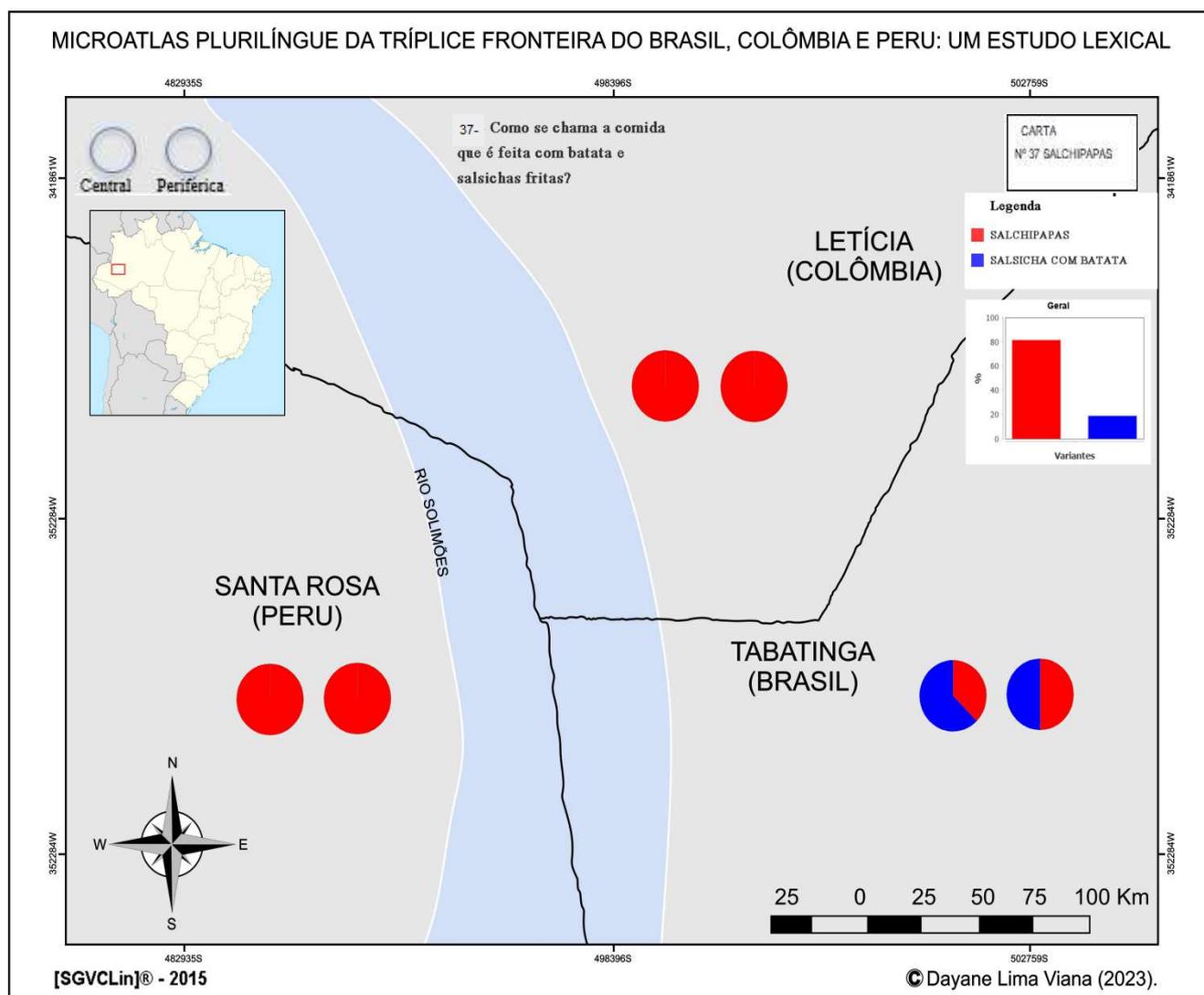
Em nossa análise diatópica, notamos a presença de duas formas, uma de origem hispânica e outra portuguesa: *salchipapas* ~ *salsicha com batatas*. Os índices encontrados foram: *salchipapas* 39 ocorrências (81,2%) e nove respostas para *salsicha com batata* (18,7%).

Uma análise mais apurada a respeito da lexia *salchipapa*, podemos constatar que ela é resultado do processo de aglutinação *salchicha* + *papas* (*salsicha* + *batata*) que originou o *salchipapas* da fronteira.

Em termos diatópicos, pudemos perceber que em Santa Rosa e Letícia, a lexia *salchipapas* foi utilizada por 100% dos informantes, demonstrando que a forma tem predominância total com usos categóricos nas localidades de língua hispânica.

De perspectiva diferente, na cidade de Tabatinga registramos a concorrência entre a forma portuguesa e a hispânica. Desse modo, observamos a difusão da lexia *salchipapas* coexistindo com a forma *salsicha com batatas* em informantes brasileiros, como é possível constatar na carta 37.

**Carta 37 (QSL 85)** – Variantes lexicais para designar “a comida feita com batata e salsicha frita” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Na dimensão diastrática, verificamos maior utilização do uso da lexia *salchiapapas* por falantes mais escolarizados, posto que a lexia contabilizou 22 respostas (91,7%) contra 17 (70,8%) ocorrências em informantes menos escolarizados.

Em contrapartida, observamos que a forma portuguesa *salsicha com batata* obteve mais registros em informantes menos escolarizados com sete ocorrências (29,2%) contra apenas dois registros (8,3%) em informantes mais escolarizados.

No que tange à análise diageracional, verificamos que as duas gerações estudadas obtiveram percentuais aproximados com apenas um cômputo de diferença para cada variante, isso demonstra que a apropriação das lexias vem sendo difundindo de modo semelhante nas duas gerações. A distribuição dos percentuais por faixa etária pode ser analisada na tabela 37.

**Tabela 37:** Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta n° 85 (salchipapas) na Tríplice Fronteira do, Brasil Colômbia e Peru

**Fonte:**

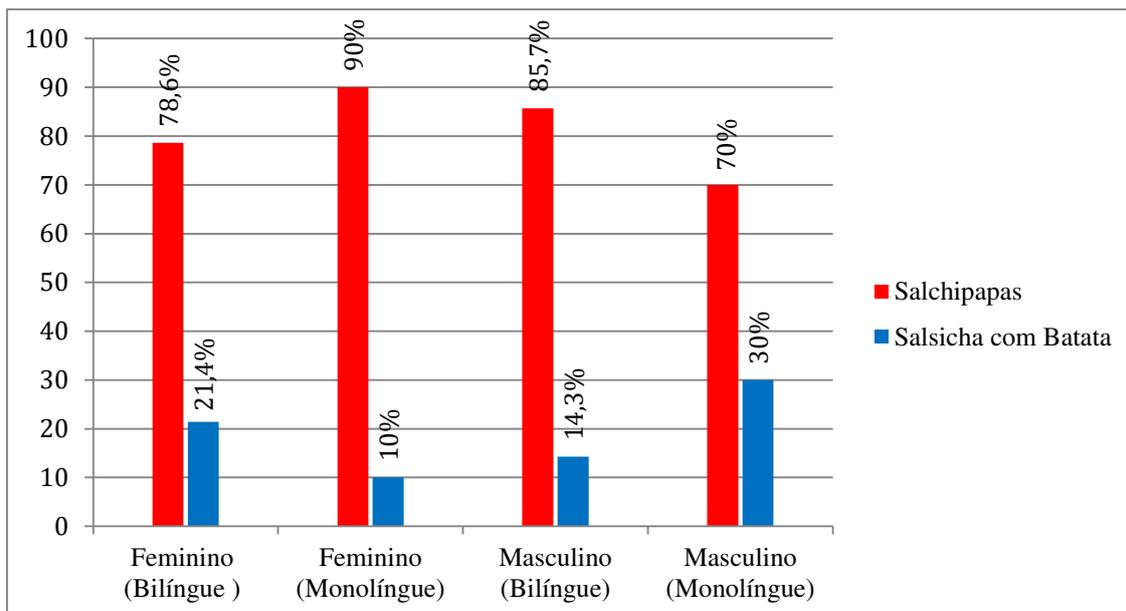
	VARIANTES LEXICAIS	
Dimensão Diageracional	salchipapas	Salsicha com batata
(18 a 30) Anos	19 (79,2%)	5 (20,8%)
(55 a 65) anos	20 (83,3%)	4 (16,7%)
<b>Total</b>	<b>39</b>	<b>9</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora

Com olhar sob a perspectiva diasssexual e dialingual, averiguamos que *salchipapas* foi prevalente tanto em homens quanto mulheres bilíngues e monolíngues, sendo ainda mais expressiva com 90% de utilização em falantes monolíngue do sexo feminino.

Por outro lado, o menor percentual foi em falantes monolíngues do sexo masculino, uma vez que nessa célula foi onde registramos o maior índice forma portuguesa *salsicha com batata*, como é possível verificar no gráfico 37.

**Gráfico 37** – Distribuição diasssexual e dialingual das variantes lexicais para designar “a comida feita com batata e salsicha frita” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Percebemos que na zona central *salchipapas* pontuou 19 vezes (79,2%) e *salsicha com batata* cinco (20,8%), e na zona periférica *salchipapas* obteve 20 (83,3%) e *salsicha com batata* foi registrada quatro vezes (16,7%).

### 6.38 Tacacho

O *tacacho* peruano é uma espécie de farofa de banana da terra cozida e depois assado em formato de pequenas bolas recheado com torresmo de porco. É um prato típico da tradicional cozinha peruana.

Muito consumido na cidade de Tabatinga no café da manhã, o prato ganhou adaptações, sendo consumido como uma farofa de banana acompanhado com charques, ovos fritos e calabresa.

Por ser um prato muito consumido pelo povo da fronteira, julgamos pertinente sua inserção no (QSL), pois tínhamos interesse em analisar possíveis mudanças na estrutura morfológica ou fonológica da lexia.

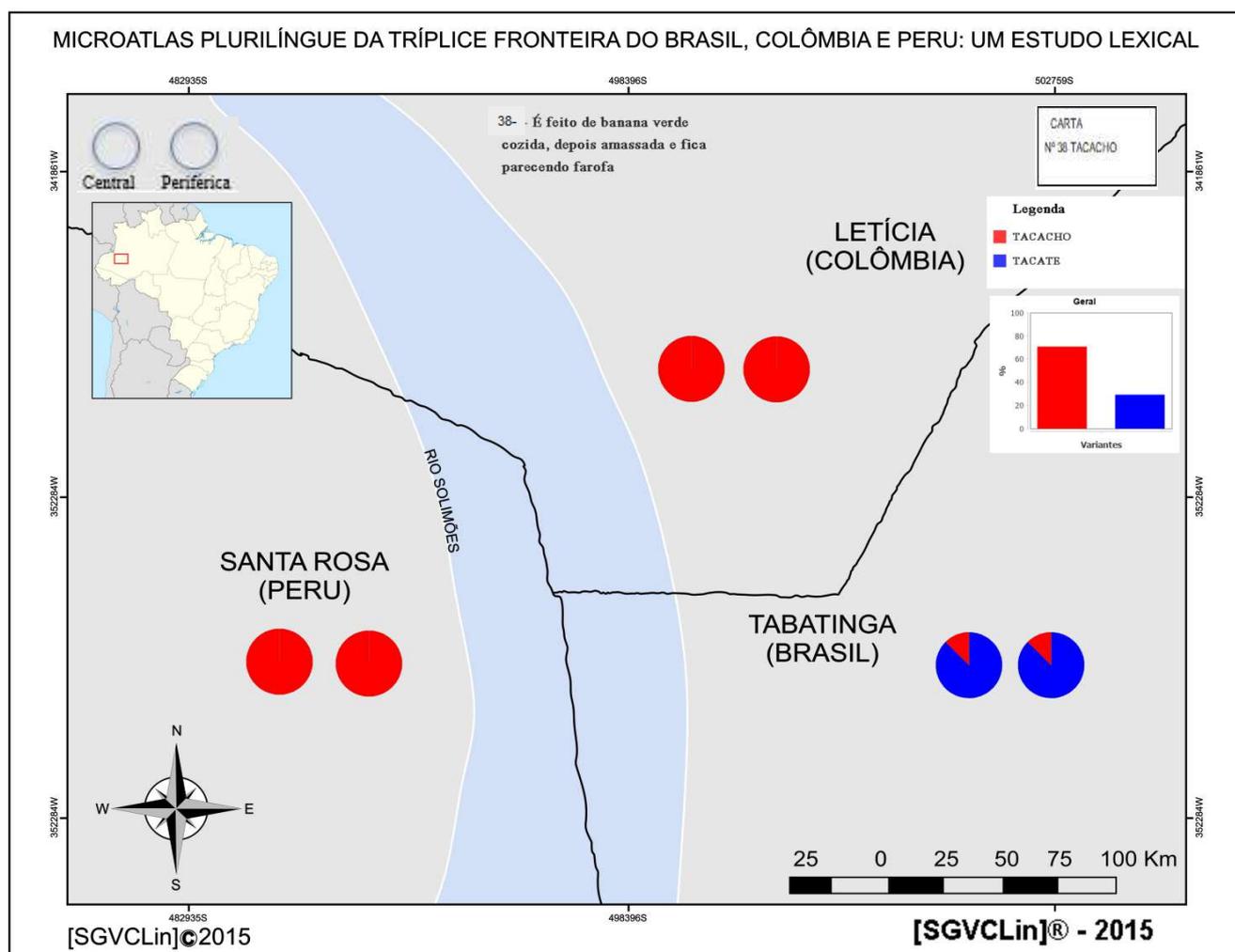
Diante disso, nosso primeiro olhar se voltou à perspectiva diatópica a fim de analisar quais eram as formas existentes. Desse modo, encontramos duas lexias: *tacacho* ~ *tacate* para designar a “comida feita com banana cozida fica parecendo uma farofa”.

Antes de tudo é importante ressaltar que a lexia *tacacho* apresentou-se como forma categórica na cidade colombiana e peruana, mas na cidade de Tabatinga registramos o uso da lexia *tacate* como inovação linguística.

A correspondência morfológica e fonológica das duas variantes *tacacho* ~ *tacate* nos permite propor a hipótese de que a variante *tacate* é fruto de empréstimo lexical da língua espanhola que, ao se estabelecer no sistema linguístico brasileiro, suas bases fonológicas foram alteradas a fim de adaptar-se ao sistema da língua portuguesa, passando, assim, a consolidar-se como *tacate*.

As ocorrências linguísticas dentro do espaço fronteiriço podem ser visualizadas na carta 38.

**Carta 38 (QSL 88)** – Variantes lexicais para designar “comida feita com banana cozida fica parecendo uma farofa” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

A análise diastrática revelou que na escolaridade 1, isto é, os informantes com menor grau de instrução responderam 16 vezes (66,7%) a forma hispânica *tacacho* e oito vezes (33,3%) a forma *tacate*.

Já os informantes da escolaridade 2, com maior grau de instrução formal, responderam 18 (75%) vezes a lexia *tacacho* e seis vezes (25%) *tacate*.

Como é possível verificar na tabela 38, no que tange à escolha da lexia *tacate*, bilíngues e monolíngues obtiveram cômputos semelhantes, enquanto que a lexia *tacacho* foi registrada com maior percentual em informantes bilíngues.

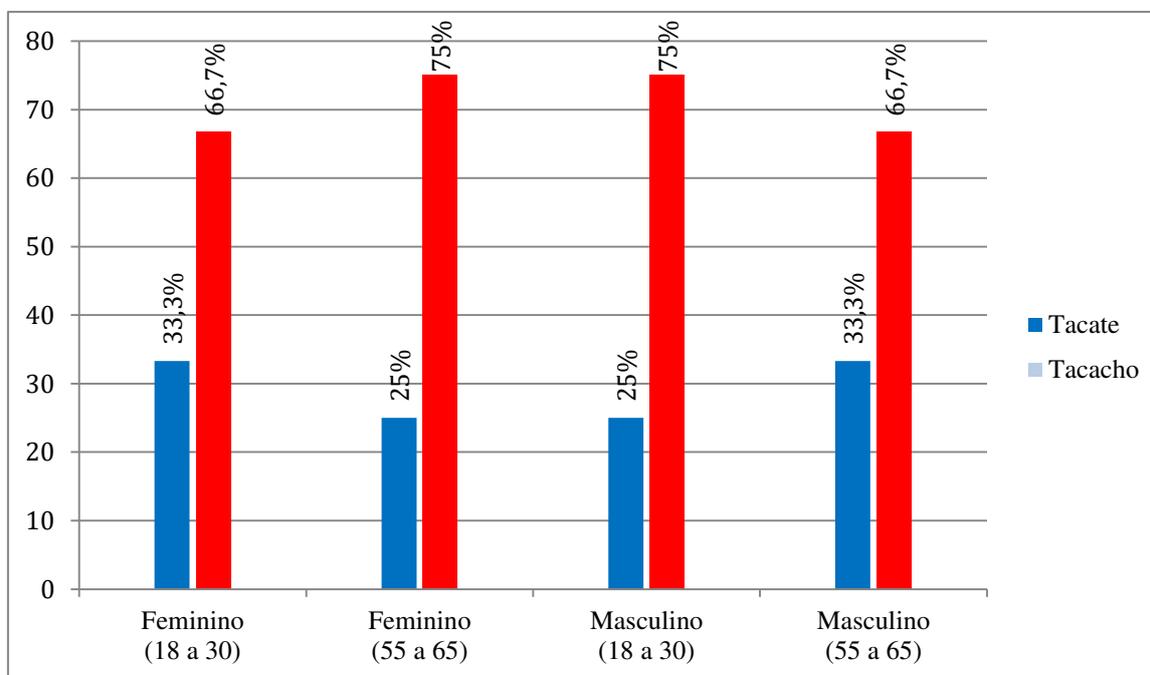
**Tabela 38:** Distribuição dialingual das variantes lexicais para a pergunta nº 88 (*tacacho*) na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru

Dimensão Dialingual	VARIANTES LEXICAIS	
	Tacate	Tacacho
Bilíngue	7 (25%)	21 (75%)
Monolíngue	7 (35%)	13 (65%)
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>34</b>

Fonte: Elaborado pela autora

A análise contrastiva demonstrou as ocorrências lexicais entre homens e mulheres (bilíngues e monolíngues) e chegamos à conclusão de que as lexias portuguesa e hispânica estão bem distribuídas dentro das cédulas analisadas, pois verificamos percentuais similares entre os dois sexos com informantes de diferentes gerações, cujos indicadores podem ser conferidos no gráfico 38.

**Gráfico 38** – Distribuição diasssexual e diageracional das variantes lexicais para designar “comida feita com banana cozida fica parecendo uma farofa” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

O mesmo ocorreu quando analisamos as distribuições léxicas nas zonas central e periférica, haja vista que as lexias estão se difundindo dentro das diferentes áreas da Tríplice Fronteira. Os índices ficaram assim registrados: *tacacho* com 17 ocorrências (70,8%) e *tacate* com sete registros (29,2%).

### 6.39 Curite

“Qual nome do suco congelado de frutas que é vendido em saquinhos plástico?” Foi a pergunta de nº 39 que inserimos no questionário por considerar um item de variação representativo, visto que desde o início da pesquisa observamos que as formas para nomear o referente possuíam características variáveis nos três sistemas linguísticos em estudo.

Ao observar os itens em variação de forma mais minuciosa nos possibilitou também perceber a existência de marcas morfossintáticas semelhantes entre as

lexias, esse fato nos despertou o interesse, e, a partir disso, decidimos que seu estudo seria indispensável.

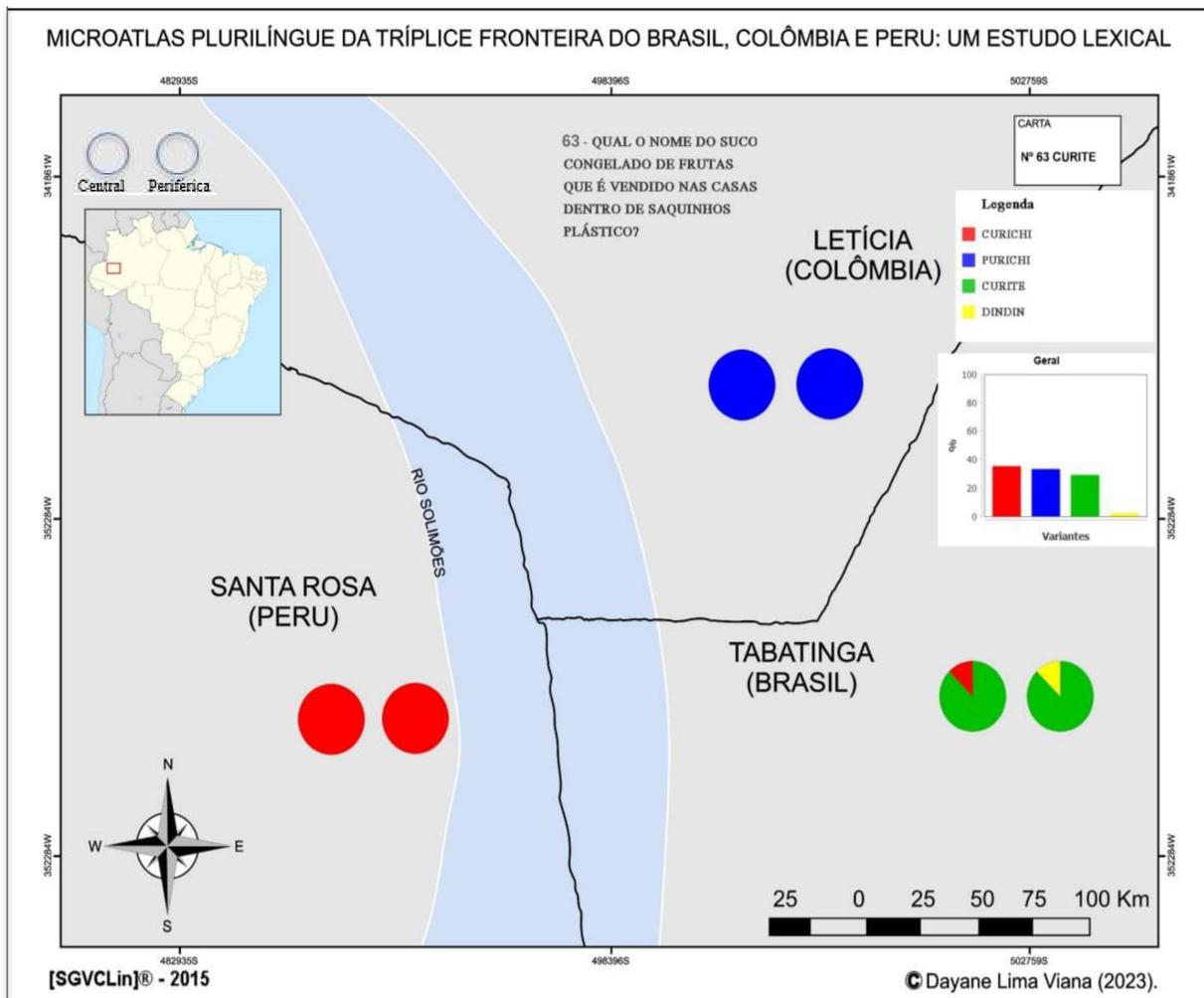
Logo, nossa análise se voltou a investigar como as lexias, tanto portuguesa e hispânica, têm-se modificado mediante as adaptações decorrentes de empréstimos linguísticos. Por meio das respostas coletadas é possível verificar o uso corrente de quatro lexias: *curite* ~ *purichi* ~ *curichi* ~ *dindin*

No Brasil, as formas *Sacolé* e *geladinho* são utilizadas em vários lugares do Brasil para se referir ao suco de fruta, vendido em saquinhos plástico.

No Amazonas é bastante consumido devido às altas temperaturas que caracterizam a região. A pesquisa de Azevedo (2013) revelou que o referente possui vários designativos em todo o Amazonas: *dindin* é a forma predominante na capital Manaus, *flal* é mais utilizada no município de Parintins, *miau*, *chop* e *totó* são variantes utilizadas na cidade de Coari.

Já aqui no extremo Oeste do Amazonas, mais especificamente nesta região do alto Solimões, em conformidade com os dados verificados em nossa pesquisa, as variantes *purichi*, *curichi*, *curite* e *dindin* fazem parte do vernáculo dos falantes da tríplice fronteira, como é possível observar as produtividades na Carta 39.

**Carta 39** – Variantes lexicais para designar “o suco congelado de frutas que é vendido em saquinhos plástico” na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com a análise diatópica, pudemos constatar que as formas *purichi*, *curichi* e *curite* são pertencentes às comunidades de fala de Letícia, Santa Rosa e Tabatinga, respectivamente.

Em linhas gerais, observamos que a lexia *purichi* é dominante no sistema linguístico leticiano, não havendo, portanto, nenhuma outra forma concorrente como designativo.

O mesmo ocorre com a forma *curichi* em Santa Rosa, pois também não se registrou cocorrência de outra variante na cidade.

Na cidade brasileira de Tabatinga, por outro lado, observamos a presença de três formas linguísticas: *curite*, *curichi* e *dindin*.

Em primeira análise, é possível perceber que as três principais lexias – *purichi* ~ *curichi* ~ *curite* – possuem correspondência fonológica e morfológica. Isso nos conduz ao seguinte questionamento: as formas linguísticas ora mencionadas seriam um empréstimo linguístico adaptado fonologicamente para cada sistema linguístico? Se tomamos isso como um fato, qual lexia teria surgido primeiro?

Ao tentar responder esses questionamentos, recorreremos à análise empírica do *continuum* linguístico a fim de saber se as expressões são dominantes além das cidades pesquisadas.

Desse modo, verificamos que as lexias *purichi* e *curichi* são formas utilizadas além das cidades de Letícia e Santa Rosa. Isto é, a variante dominante do lado peruano (*curichi*) é também uma forma usual em outros municípios peruanos como é o caso de Islândia e Caballococha, pois em visita à cidade observamos que a lexia é uma forma linguística predominante.

O mesmo foi constatado do lado colombiano, pois a utilização da variante *purichi* também se estende para os demais municípios colombianos como é o caso de Tarapacá e Pedreira, onde também se observou que sua utilização é expressiva.

Entretanto, de perspectiva contrária aos dois lados da fronteira, ao analisar o *continuum* da variante *curite*, não encontramos sua utilização em nenhum município do Amazonas, onde foram encontradas apenas as variantes já aqui mencionadas: *dindin* ~ *flal* ~ *miau* ~ *chop* ~ *totó*.

Essa observação torna-se pontual em nosso estudo, pois nos permite acreditar que *curite* é uma lexia que possivelmente se inseriu no sistema linguístico tabatinguense via empréstimo lexical, em razão do contato com os dialetos da língua hispânica que possibilitou o surgimento de um novo recurso lexical, modificando-se dessa forma em: *curichi* ~ *purichi* ~ *curite*

Logo, temos por provável que inicialmente a comunidade de fala de Tabatinga utilizava as lexias *curichi* e *purichi*, mantendo todas as características fonológicas e morfológicas originárias.

Entretanto, obedecendo ao processo comum a todas as línguas, acreditamos que gradativamente a lexia sofreu adaptação fono-morfológica, a fim de consolidar-se

no sistema linguístico do português, passando a ser um léxico dominante tal como se apresenta hoje em Tabatinga, ou seja, *curite*.

Pesquisando mais profundamente a respeito do item lexical, encontramos um raro depoimento do jornalista colombiano Dalad Punk (2020), no qual explica a origem da lexia.

De acordo com o jornalista, o surgimento da palavra *curichi* na tríplice fronteira teria sido uma criação do Sr. Curi que introduziu o produto no mercado de Letícia. Ele afirma que inicialmente o produto era comercializado sem um nome definido, mas através do processo concatenativo Curi fez a junção de seu nome (Curi + Chi) iniciais do nome de sua esposa Chiang. A lexia *curichi* seria, portanto, um neologismo acrônimo.

A aplicação contextual que originou a palavra *curichi* em nossa análise permite-nos tecer algumas considerações importantes, visto que é um ponto pacificado dentro dos estudos linguísticos de base diacrônica, que mudanças graduais que ocorrem dentro do sistema tornem as adaptações naturalmente fluidas com o passar do tempo. Essas transformações ocorrem em virtude da consolidação e integração da nova palavra ao dado sistema linguístico.

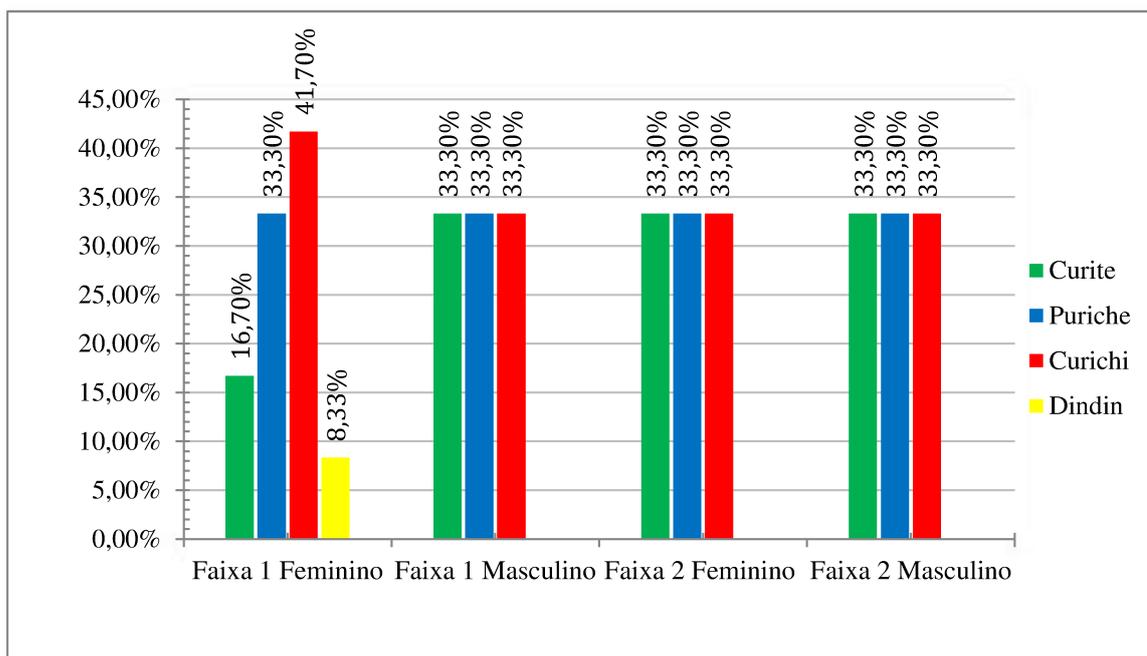
Desse modo, resta-nos razoável acreditar que, para se firmar no sistema linguístico colombiano, a lexia [*c*]urichi modificou-se para [*p*]urichi em Letícia, de igual modo, ao ser tomada de empréstimo pelos brasileiros de Tabatinga a palavra ganhou uma nova forma fonológica, passando a ser nominada como [*c*]urite.

Ao analisar as ocorrências de modo pluridimensional, observamos que na dimensão diassexual os três pontos de inquérito foram bem representativos, uma vez que o sexo masculino se revelou conservador, pois todos os informantes se referiram de acordo com o uso corrente de seu sistema linguístico.

No sexo feminino, por sua vez, houve duas ocorrências em falantes de Tabatinga que destoam do uso comum da língua de origem, haja vista que uma informante da cidade de Tabatinga utilizou a lexia peruana *curichi* e outra respondeu a forma *dindin*, muito expressiva em Manaus, capital do Amazonas, de acordo com a pesquisa de Azevedo (2013)

Ao ser questionada a respeito da palavra manaura, a entrevistada informou que após morar três anos em Manaus passou a também adotar a palavra *dindin*, mas vez ou outra opta pela forma *curite*, predominante em Tabatinga.

**Gráfico 39** – Distribuição das variantes lexicais para designar “o suco congelado de frutas que é vendido em saquinhos plástico” na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Na dimensão diageracional, observamos que a faixa etária mais velha (50 a 65 anos) manteve-se conservadora em sua totalidade, uma vez que por oito vezes (33,3%) os informantes dessa faixa etária fizeram o uso da lexia *curichi*, oito vezes (33,3%) utilizaram *curite* e por oito vezes (33,3%) preferiram o uso de *purichi* prototípicas de cada uma das localidades pesquisadas, enquanto na faixa etária mais jovem (18 a 30) observamos que uma falante brasileira mencionou uma forma distinta da sua língua de origem: *curichi* com nove ocorrências (37,5%), *purichi* com oito ocorrências (33,3%), *curite* com sete ocorrências (25,0%) e 1 *dindin* (4,2%).

Os informantes menos escolarizados (analfabeto ou semianalfabeto) apresentaram relativa manutenção no uso das variantes, isso porque a lexia *purichi* foi utilizada oito (33,3%) por informantes colombianos, *curichi* oito vezes (33,3%) por peruanos, mas entre os informantes brasileiros foi notado duas formas linguísticas, sendo sete vezes (29,2%) da lexia *curite* e uma menção de *dindin* (4,17%).

Nos mais escolarizados, o uso de *curichi* foi mencionado nove vezes (37,5%). Da totalidade de nove ocorrências, oito informantes foram realizadas por peruanos e uma por brasileira.

A lexia *purichi* foi computada oito vezes (33,3%) por colombianos e *curite*, sete vezes (29,2%) por brasileiros.

A utilização de *curichi* em Tabatinga, que não é a forma prototípica do lugar, foi observada em uma informante cuja característica dialingual é monolíngue e da zona central de Tabatinga, enquanto nas zonas periféricas manteve-se no uso de lexias linguísticas correspondentes ao respectivo ponto de investigação.

Descartado o bilinguismo como fator de ocorrência da lexia hispânica por uma falante brasileira, resta-nos possível considerar que a lexia esteja em processo de mudança em tempo real como postula por Labov (1994). Todavia, com apenas único registro não é suficiente para sustentar tal afirmação, mas estudos posteriores poderão comprovar sua progressão ou regressão no vernáculo tabatinguense.

#### 6.40 Água sanitária

O item de nº 40 objetivou estudar as variantes para designar o “solvente utilizado para branquear roupas” no espaço da Tríplice Fronteira.

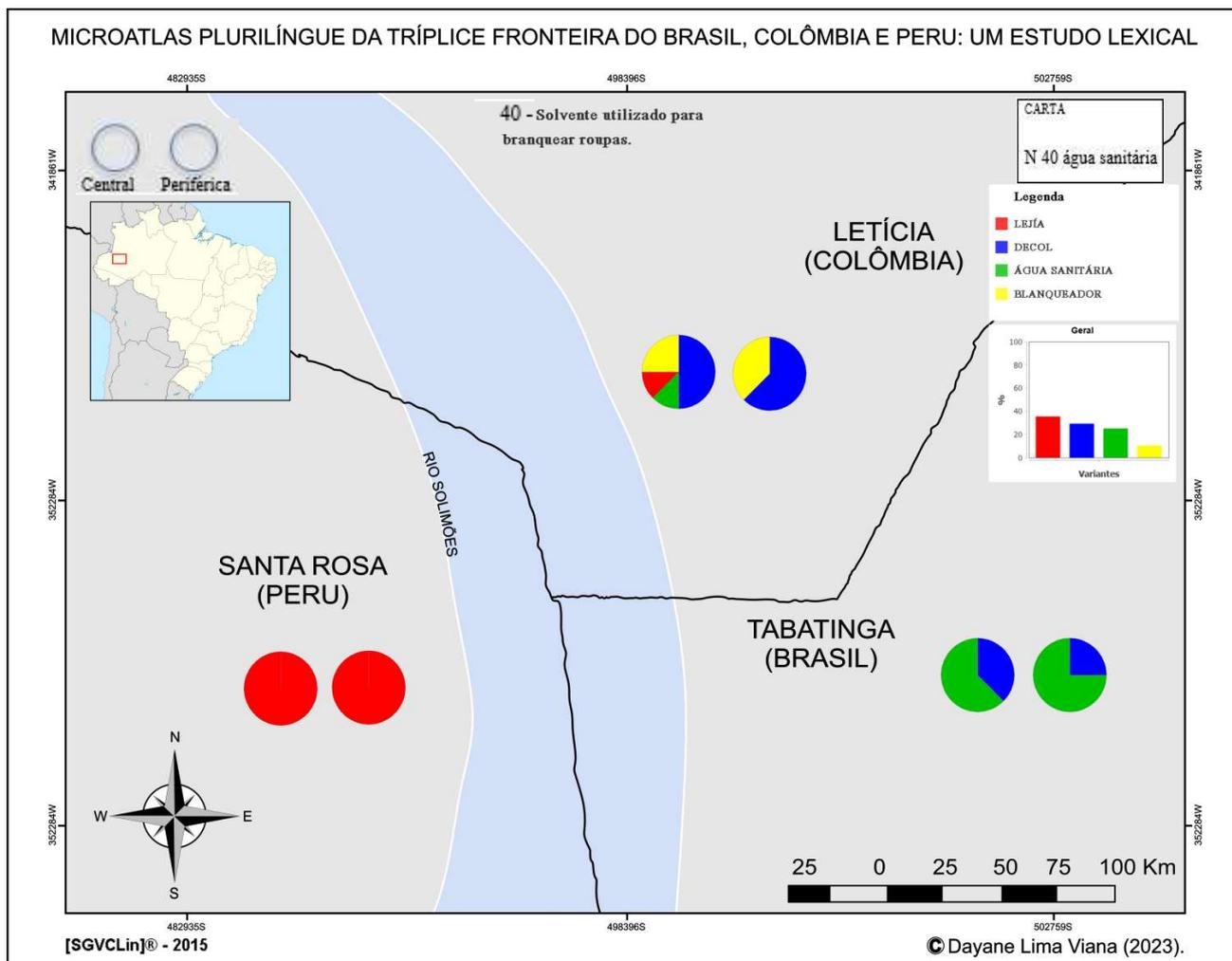
Para tanto, analisamos primeiramente as ocorrências linguísticas dentro do espaço geográfico e verificamos a existência das seguintes variantes e seus respectivos índices gerais: *lejía* 17 (35,4%), *decol* 14 (29,2%), *água sanitária* 12 (25%) e *blanqueador* com cinco registros (10,4%)

Notamos que informantes da cidade de Santa Rosa obtiveram 100% de utilização da lexia *lejía*, demonstrando o uso categórico da forma.

A cidade de Letícia foi o ponto onde verificamos a coexistência de quatro variantes dentro do espaço colombiano: *decol*, *blanqueador*, *lejía* e *água sanitária*.

Na cidade de Tabatinga percebemos a concorrência entre duas variantes: *água sanitária* de origem portuguesa, e *decol* de origem hispânica. A produtividade das variantes no espaço pode ser visualizada na carta 40.

**Carta 40 (QSL 94) – Variantes lexicais para designar “solvente utilizado para branquear roupas” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru**



Fonte: Elaborado pela autora

A análise com enfoque dialingual demonstrou que as lexias *decol* e *lejía* obtiveram maior índice em informantes bilíngues com 10 registros (35,7%) e nove (32,2%), respectivamente. Seguido de seis respostas (21,4%) para a forma *água sanitária* e três para *blanqueador* (10,7%).

Em contrapartida, em monolíngues a lexia *lejía* obteve a preferência com oito registros (40%), seguido de seis ocorrências de *água sanitária* (30%), quatro *decol* (20%) e apenas duas respostas para a forma *blanqueador* (10%).

Avaliamos também as ocorrências lexicais por grau de instrução dos informantes e verificamos que a forma *lejía* obteve um percentual aproximado nas duas gerações, entretanto, a forma portuguesa *água sanitária* apresentou maior utilização em falantes mais escolarizados, sendo contabilizado o dobro de registros ao compararmos com as respostas de informantes menos escolarizados.

A lexia hispânica *blanqueador* também se revelou mais utilizada em falantes com maior grau de instrução, comparando os registros com informante de menor grau de instrução, como é possível analisar os índices na tabela 40.

**Tabela 40:** Distribuição diastrática das variantes lexicais para a pergunta nº 94 (água sanitária) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

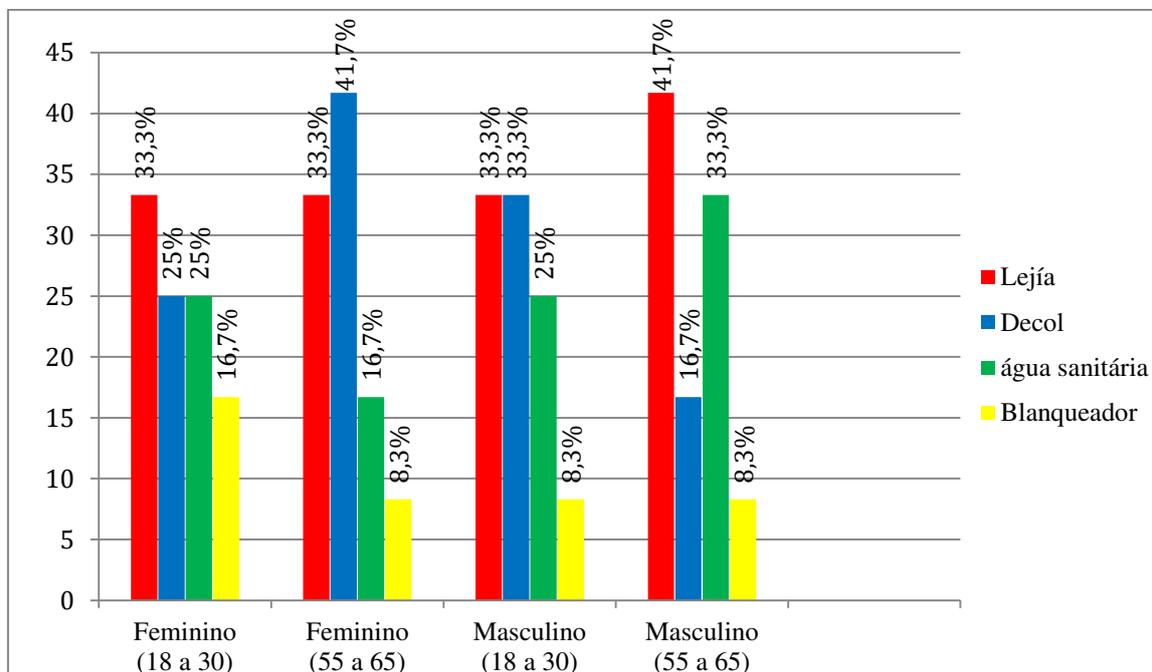
Dimensão Diastrática	VARIANTES LEXICAIS			
	Lejía	Água sanitária	Decol	Blanqueador
(Escolaridade 1)	9 (37,5%)	8 (33,3%)	6 (25%)	1 (4,2%)
(Escolaridade 2)	8 (33,3%)	4 (16,7%)	8 (33,3%)	4 (16,7%)
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>12</b>	<b>14</b>	<b>5</b>

Fonte: Elaborado pela autora

A dimensão diassexual e diagenérica mostrou a lexia *lejía* com índice paritário em homens e mulheres (mais jovens). Sob outra perspectiva, avaliamos que informantes do sexo feminino mais velhos (50 a 65 anos) optaram pela utilização de *decol*, enquanto que informantes do sexo masculino (55 a 65 anos) privilegiaram o uso de *lejía*.

Notamos ainda que a forma *blanqueador* teve maior produtividade em informantes do sexo feminino. A distribuição das lexias de acordo com o sexo e idade pode ser observada no gráfico 40.

**Gráfico 40** – Distribuição diasssexual e diageracional das variantes lexicais para designar “solvente utilizado para branquear roupas” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

O estudo também revelou as ocorrências linguísticas nas áreas centrais e periféricas, evidenciando percentuais aproximados entre as lexias, visto que, na zona central, *lejía* foi registrada nove vezes (37,5%), *decol* sete (29,2%), *água sanitária* seis (25%) e *blanqueador* duas ocorrências (8,3%).

Na zona periférica, *lejía* pontuou oito vezes (33,3%), *decol* sete (29,2%), *água sanitária* seis (25%) e *blanqueador* com três ocorrências que representa (12,5%).

#### 6.41 Sutiã

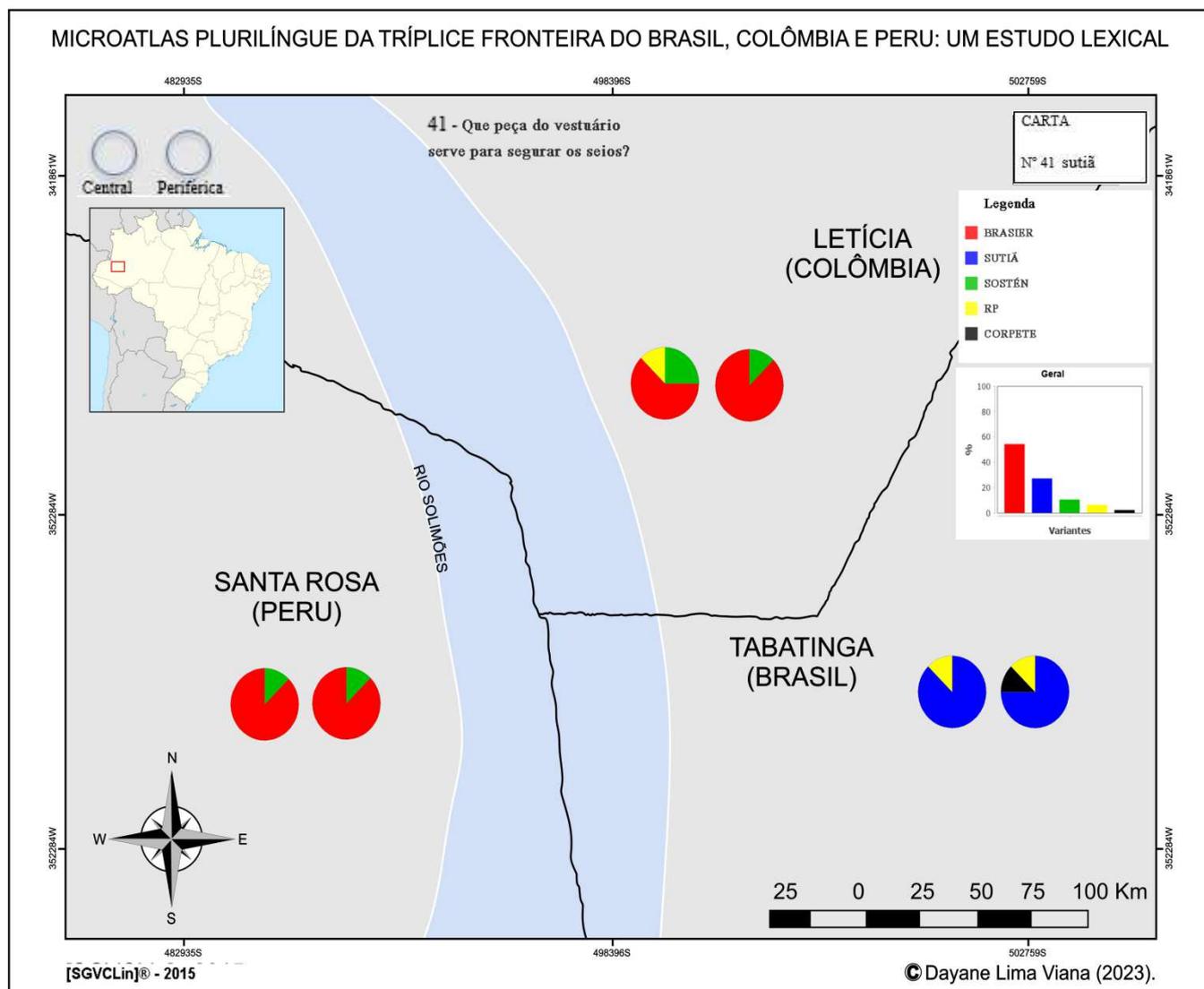
No item de nº 41 analisou as formas linguísticas para se referir à “peça do vestuário que serve para segurar os seios”. Com isso, encontramos a existência de quatro formas e seus respectivos índices gerais: *brasier* 26 (54,2%), *sutiã* 13 (27,1%), *sostén* 5 (10,4%), *rp* 3 (6,2%), *corpete* 1 (2,1%).

Na análise diatópica, observamos que, na cidade peruana há duas formas de uso corrente *brasier* e *sostén*. A primeira foi predominante, enquanto a segunda apresentou pouca incidência.

O mesmo ocorreu na cidade colombiana, onde a lexia *brasier*, *sostén* e *respostas prejudicadas* foram registradas.

No lado brasileiro, a lexia *sutiã* foi predominante, seguido de *corpete* e *rp*, como é possível verificar na carta 41.

**Carta 41 (QSL 95)** – Variantes lexicais para designar “peça do vestuário que serve para segurar os seios” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Conforme a análise dialingual, verificamos que informantes bilíngues apresentaram preferência pela lexia *brasier* com 16 respostas (57,1%), *sutiã* sete (25%), *sostén* três (10,7%) e duas ocorrências de *rp* (7,1%).

Em monolíngues, *brasier* foi computado 10 vezes (50%), *sutiã* com seis vezes (30%), *sostén* com duas respostas (10%) e uma vez a forma *corpete*, que corresponde a (5%). Também houve um registro de *rp* (5%).

Ao observar as ocorrências associadas ao nível de instrução dos informantes, notamos que informantes dos dois níveis de escolaridade obtiveram cômputos semelhantes quanto à utilização da lexia *brasier*.

A forma *sutiã* apresentou dominância em informantes mais escolarizados e as formas *corpete* e *rp* só foram observadas em falantes menos escolarizados, como é possível notar na tabela 41.

**Tabela 41:** Distribuição diastrática das variantes lexicais para a pergunta nº 95 (*sutiã*) na Tríplice fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

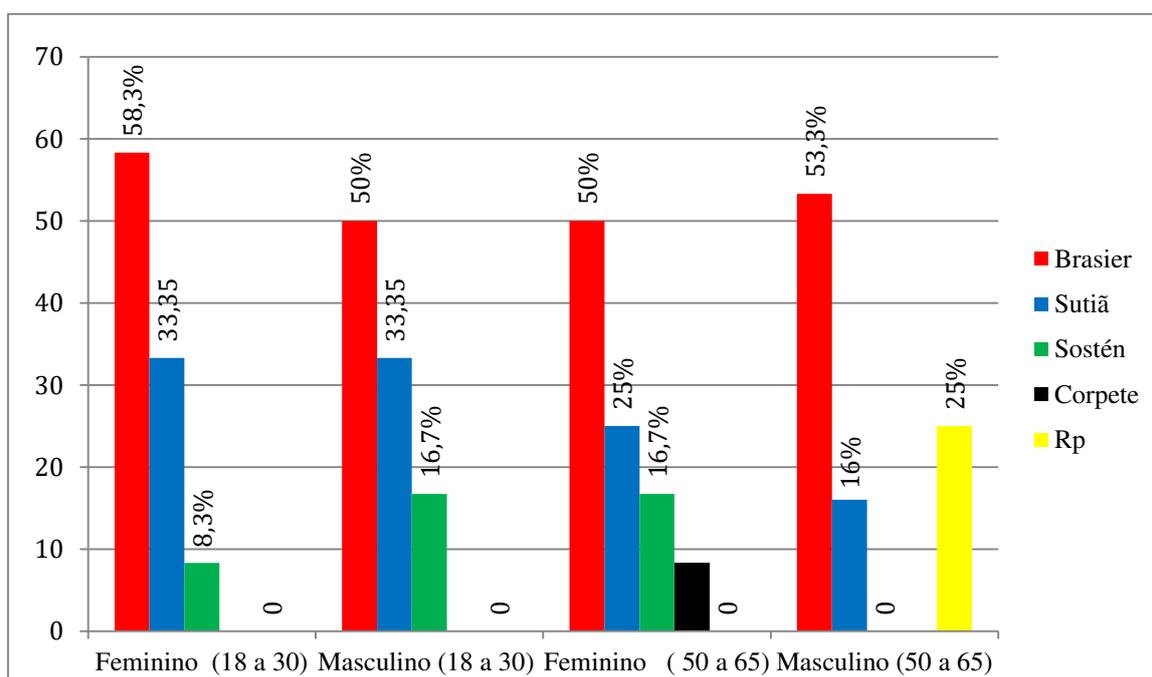
Dimensão Diastrática	VARIANTES LEXICAIS				
	Brasier	Sutiã	Sostén	Corpete	Rp
Escolaridade (1)	13 (54,2%)	5 (20,8%)	2 (8,3%)	1(4,2%)	3 12.50%
Escolaridade (2)	13 (54,2%)	8 (33,3%)	3 (12,5%)	-	-
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>3</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Quando analisamos a ocorrências de acordo com a perspectiva diassexual e diagenérica, notamos que a variante *brasier* foi predominante em ambos os sexos e nas duas gerações estudadas. A lexia *sutiã* obteve o mesmo percentual em homens e mulheres da faixa etária mais jovem.

A forma arcaica *corpete* foi observada somente em uma informante do sexo feminino da faixa etária 2 e o índice de *rp* foi observado em informantes mais velhos do sexo masculino, o que pode ser comprovado no gráfico 41.

**Gráfico 41** – Distribuição diageracional das variantes lexicais para designar “a peça do vestuário que serve para segurar os seios” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

Percebemos também que as ocorrências linguísticas na zona central ficaram assim distribuídas: *brasier* com 12 respostas (50%), *sutiã* com sete (29,2%), *sostén* com três (12,5%), e *rp* com duas ocorrências, o que representam (8,3%).

Na zona periférica: *brasier* pontuou 14 vezes (58,3%), *sutiã* seis (25%), *sostén* duas (8,3%), *corpete* pontou uma vez (4,2%) e *rp* também uma vez (4,2%).

## 6.42 Cueca

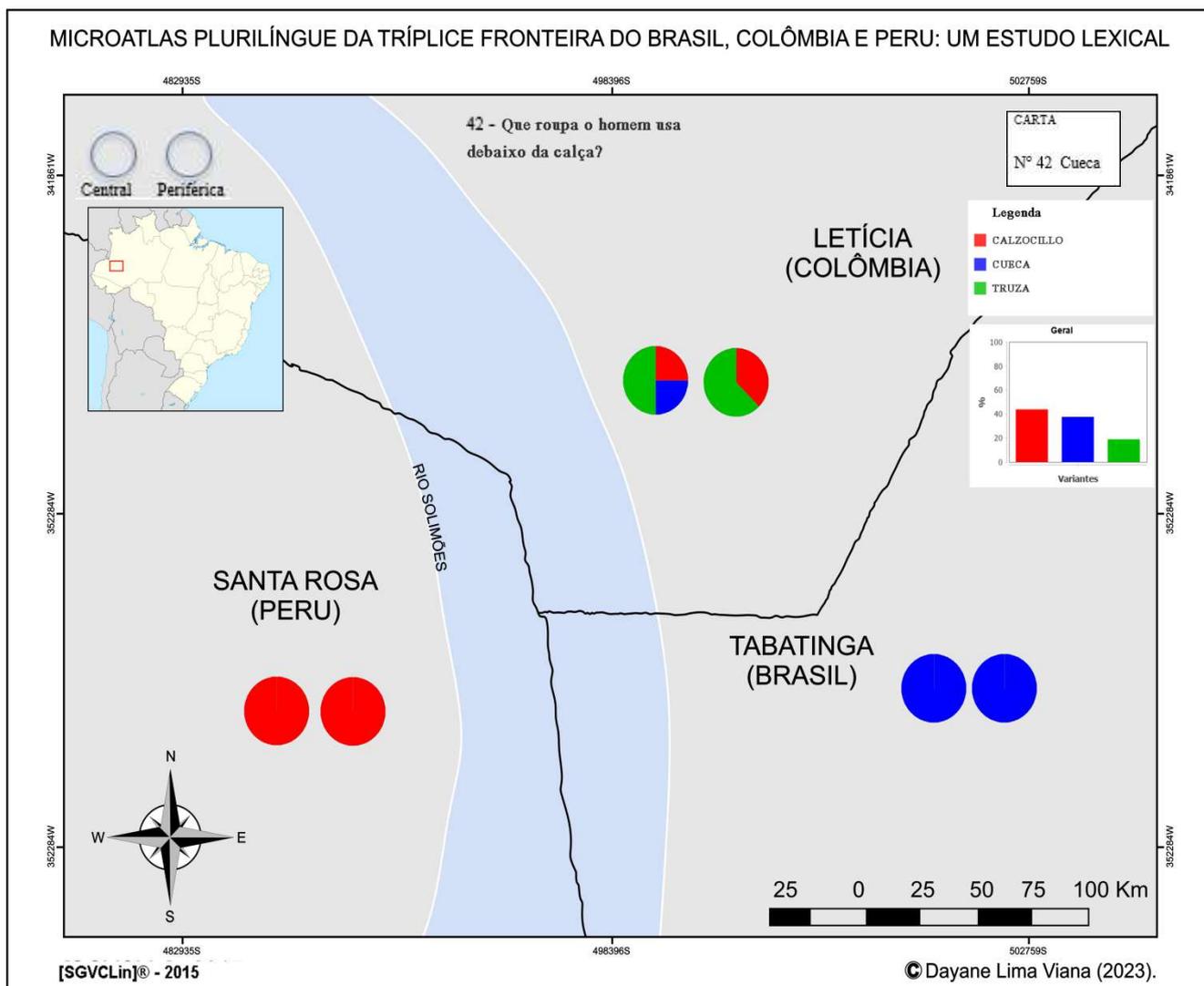
No item de número 42 investigamos “a roupa que o homem usa debaixo da calça” com intuito de analisar as formas linguísticas que são utilizadas pelos moradores da comunidade fronteira.

De acordo com nosso levantamento, registramos a existência de três variantes: *calzocillo* 21 (43,7%), *cueca* 18 (37,5%) e *truza* nove (18,7%).

Dentro da perspectiva diatópica, notamos que em Santa Rosa os informantes apresentaram uso categórico da lexia *calzoncillo*, demonstrando que não há concorrência com outras variantes. De outro modo, informantes de Letícia apresentaram a utilização de três formas: *calzoncillo* ~ *truza* ~ *cueca*.

Na cidade de Tabatinga, também notamos o uso categórico da lexia *cueca*, pois 100% dos informantes apresentaram preferência pelo uso da lexia. A distribuição das variantes pode ser observada na carta 42.

**Carta 42 (QSL 96) – Variantes lexicais para designar “a roupa que o homem usa debaixo da calça” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru**



O enfoque diastrático revelou que a lexia portuguesa *cueca* e a hispânica *calzoncillos* obtiveram cômputos aproximados em informantes menos escolarizados com o índice de 10 (4,7%) e nove (37,5%) respostas, respectivamente. A forma *truza* pontou cinco vezes, o que corresponde a (20,8%) do percentual geral.

Em informantes mais escolarizados, por outro lado, os índices apontaram pela preferência da lexia *calzoncillo* com o total de 12 respostas (50%), seguido de oito (33,3%) para a variante *cueca* e quatro (16,7%) para *truza*.

Na dimensão diazonal, verificamos que na zona central as lexias espanhola e portuguesa (*calzoncillo* e *cueca*) obtiveram mesmo índice de respostas. De perspectiva contrária, na área periférica notamos a predominância da lexia *calzoncillo* com relação ao percentual de ocorrência da lexia portuguesa. Essa constatação pode ser observada na tabela de nº 42.

**Tabela 42:** Distribuição diazonal das variantes lexicais para a pergunta nº 96 (*cueca*) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

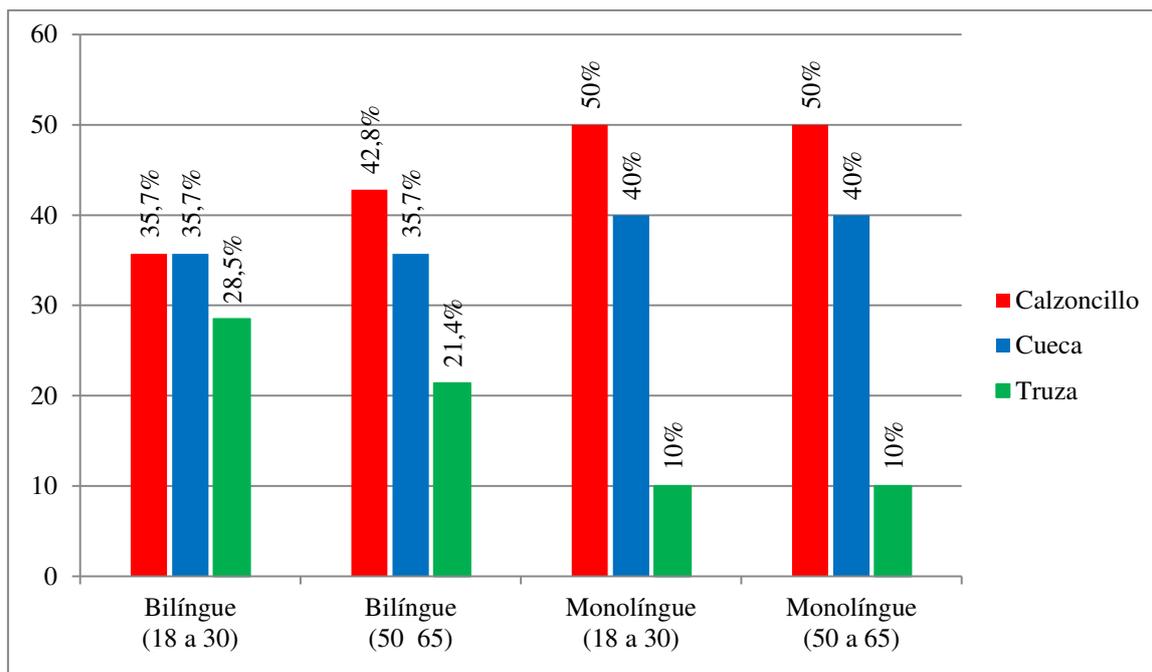
VARIANTES LEXICAIS			
Dimensão Diazonal	Calzoncillo	Cueca	Truza
Central	10 (41,7%)	10 (41,7%)	4 (16,7%)
Periférica	11 (45,8%)	8 (33,3%)	5 (20,8%)
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>18</b>	<b>9</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Nas dimensões dialingual e diageracional, constatamos que tanto em bilíngues quanto em monolíngues das duas faixas etárias estudadas a lexia *calzoncillo* obteve maior percentual de utilização, sendo ainda mais expressiva em informantes monolíngues.

De outro modo, a lexia *truza* obteve mais registros em informantes bilíngues das duas faixas etárias, como é possível observar no gráfico 42.

**Gráfico 42** – Distribuição das variantes lexicais para designar “a roupa que o homem usa debaixo da calça” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

No sexo feminino observamos a variação estrita entre *calzoncillo* e *cueca*, posto que computamos o percentual de 10 ocorrências (41,7%) para a primeira e nove (37,5%) para a segunda, para a variante *truza* foram contabilizadas cinco respostas, que somam (20,8%).

No sexo masculino, *calzoncillo* foi registrado 11 vezes (45,8%), *cueca* nove (37,5%) e *truza* com quatro ocorrências (16,7%).

#### 6.43 Calcinha

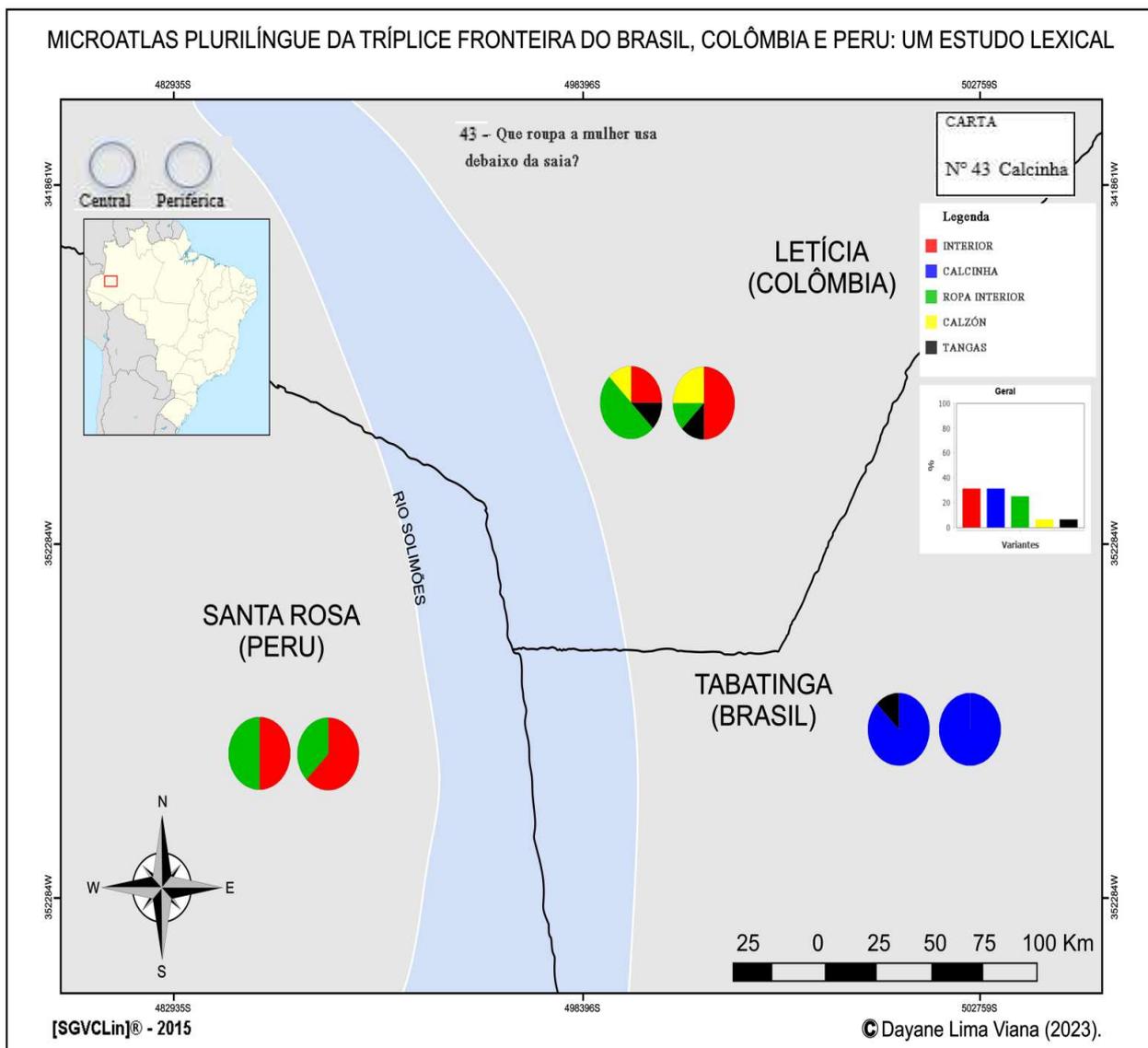
O item de nº 43 teve como objetivo investigar quais são as formas existentes para designar “a roupa que a mulher usa debaixo da saia” na Tríplice Fronteira amazônica.

Assim, observamos a alta produtividade de variantes que informantes dos três países se utilizam para designar a referida peça de vestuário: *calcinha* com 15 respostas (31,2%), *interior* 15 (31,2%), *ropa interior* 12 (25%), *tangas* três (6,2%) e *calzón* três (6,2%).

Primeiramente, nosso olhar se voltou para perspectiva diatópica com intuito de verificar como as diferentes comunidades linguísticas apropriam-se das lexias. Com isso, pudemos perceber que na cidade de Santa Rosa as formas: *interior* e *ropa interior* são recorrentes dentro da comunidade.

No lado colombiano, observamos maior a diversidade de formas lexicais: *ropa interior*, *calzón*, *interior* e *tangas*. Por outro lado, na cidade brasileira verificamos a dominância da lexia *calcinha* e apenas uma menção para a forma *tanga*. A distribuição das formas linguísticas pode ser observada na carta 43.

**Carta 43 (QSL 96)** – Variantes lexicais para designar “a roupa que a mulher usa debaixo da saia” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

O estudo demonstrou que os informantes bilíngues têm a preferência pela lexia *interior* com nove respostas (32,1%), seguida de *ropa interior* e *calcinha*, cada uma com sete ocorrências, o que somam (25%), *tangas* três ocorrências (10,7%) e *calzón* com duas respostas (7,1%).

Em informantes monolíngues, por sua vez, a variante *calcinha* foi registrada oito vezes (40%), *interior* seis (30%), *ropa interior* cinco (25%) *calzón* apenas uma vez, o que corresponde a (5%).

No tocante à análise diastrática, observamos que informantes menos escolarizados e mais escolarizados obtiveram um percentual de ocorrência aproximado entre as lexias *interior* e *calcinha*. A variante *ropa interior* apresentou relativa vantagem em informantes mais escolarizados, como é possível analisar na tabela 43.

**Tabela 43:** Distribuição diastrática das variantes lexicais para a pergunta n° 96 (calcinha) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

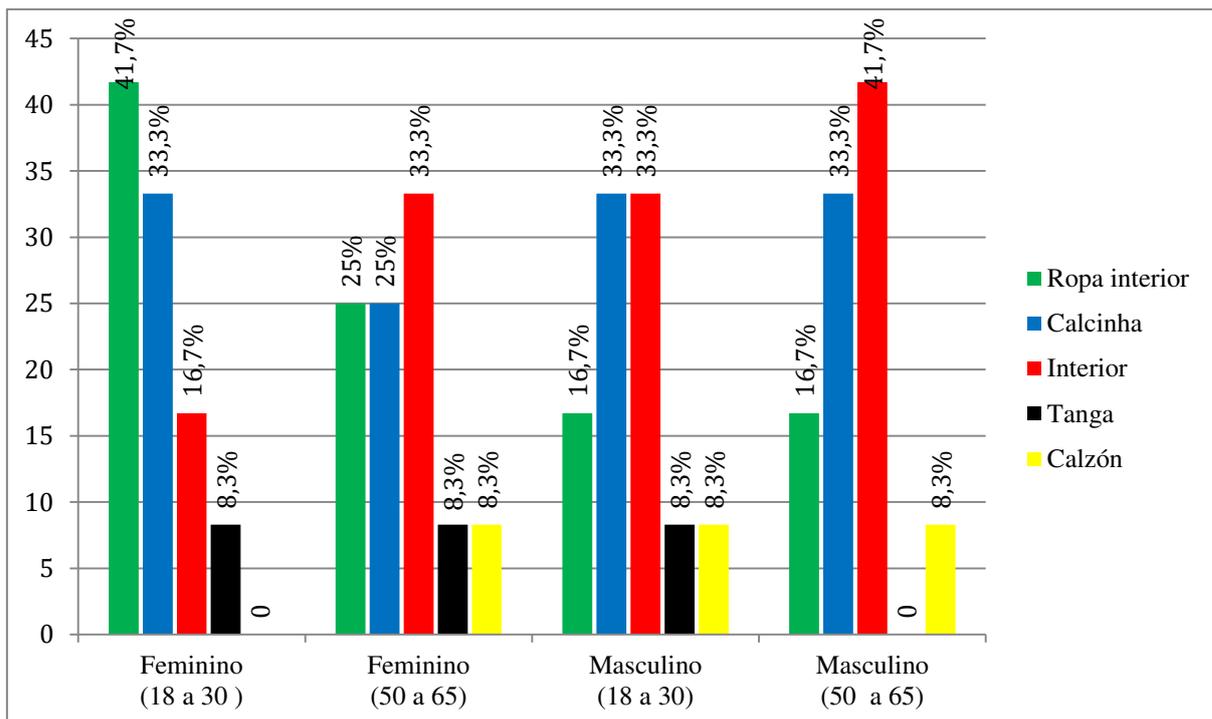
VARIANTES LEXICAIS					
Dimensão Diastrática	Interior	Calcinha	Ropa interior	Calzón	Tanga
Escolaridade (1)	8 (33,3%)	7 (29,2%)	5 (20,8%)	2 (8,3%)	2 (8,3%)
Escolaridade (2)	7 (29,2%)	8 (33,3%)	7 (29,2%)	1 (4,2%)	1 (4,2%)
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>15</b>	<b>12</b>	<b>3</b>	<b>3</b>

Fonte: Elaborado pela autora

O enfoque na perspectiva diassexual e diageracional revelou que mulheres mais jovens optaram pelo uso de *ropa interior*. Por outro lado, informantes mais velhas demonstraram preferência pelo uso da forma *interior*.

O estudo ainda revelou que em homens mais jovens houve um percentual paritário entre as variantes *calcinha* e *interior*, enquanto nos mais velhos a forma *interior* foi predominante. As demais constatações podem ser conferidas no gráfico 43.

**Gráfico 43** – Distribuição diassexual e diageracional das variantes lexicais para designar “a roupa que a mulher usa debaixo da saia” na Tríplice Fronteira Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

A ocorrência linguística em informantes da zona central ficou assim estabelecida: *ropa interior* com oito repostas (33,3%), *calcinha* sete (29,2%), *interior* seis (25%), *tangas* duas (8,3%) e *calzón* com apenas uma resposta (4,2%).

Por outro lado, na zona periférica, a lexia mais utilizada foi *interior* com nove ocorrências (37,5%), seguido de *calcinha* com oito (33,3%), *ropa interior* quatro (16,7%), *calzón* dois (8,3%) e uma resposta para a lexia *tanga* (4,2%).

#### 6.44 Boate

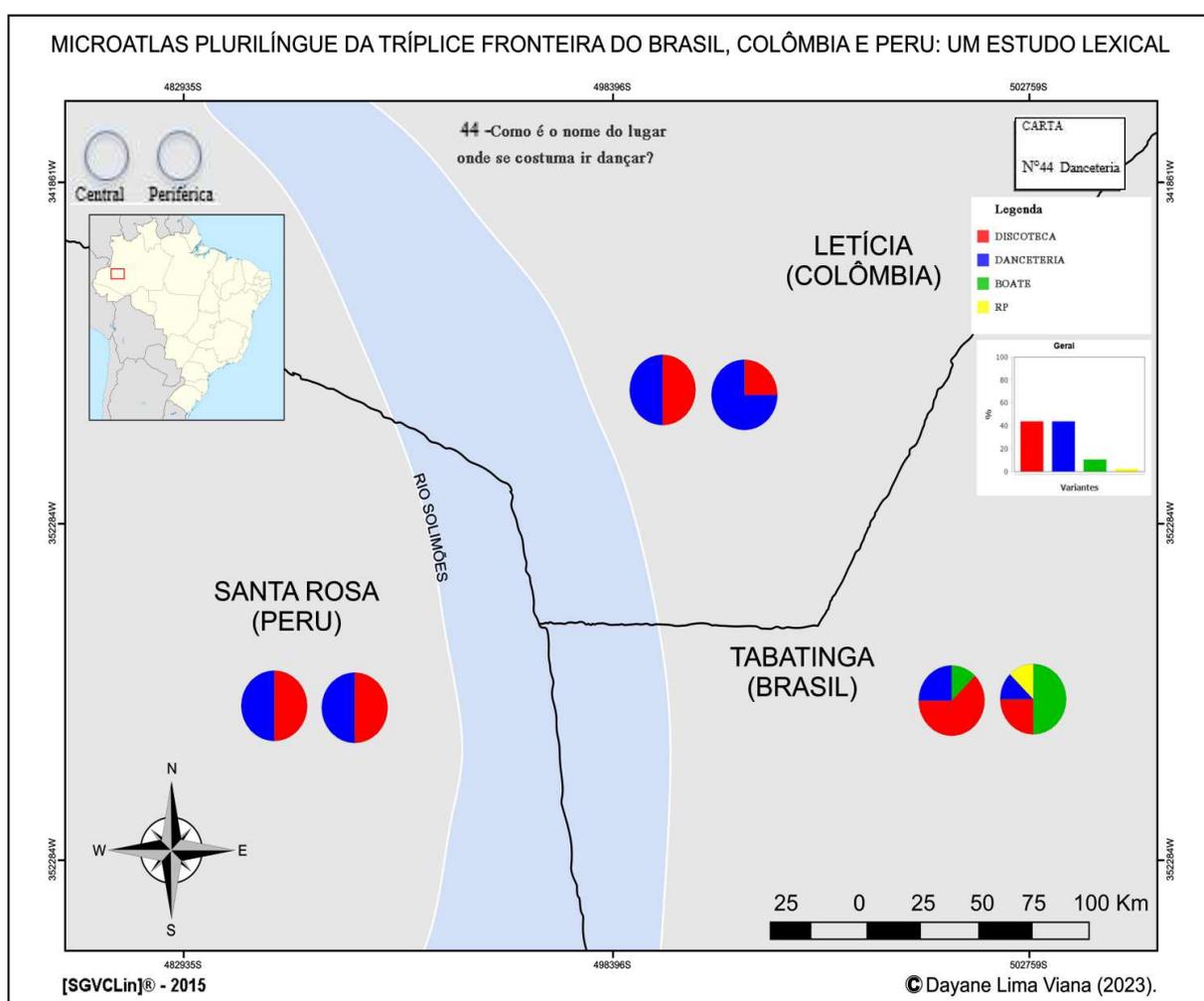
A proximidade entre os povos e o alto fluxo de pessoas fazem com que Tabatinga, Santa Rosa e Letícia sejam cidades marcadas por festividades. É justamente esse motivo que causa estranhamento aos visitantes da Tríplice Fronteira a existência de alto número de boates na região, apesar da pequena extensão geográfica do lugar.

O item de nº44 buscou analisar quais variantes são utilizadas na Tríplice Fronteira para se referir ao “nome do lugar a que se costuma ir dançar”. Assim, observamos a existência de três formas e seus respectivos índices gerais: *discoteca*

21 (43,7%), *danceteria* 21 (43,5%), *boate* cinco (10,4%) e *rp* com uma ocorrência (2,1%).

A análise com enfoque diatópico demonstrou que, tanto na cidade colombiana e quanto na peruana, as lexias *discoteca* e *danceteria* estão em estrita variação. Na cidade brasileira de Tabatinga percebemos a existência de maior número de variantes, pois contabilizamos quatro formas: *boate*, *discoteca* e até mesmo a presença da lexia hispânica *danceteria*, como podemos notar na carta 43.

**Carta 44 (QSL 99)** – Variantes lexicais para designar o “nome do lugar que se costuma ir dançar” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Informantes da zona central preferiram o uso de *discoteca* com 13 respostas (54,2%), *danceteria* 10 (41,7%) e apenas uma menção de *boate* (4,2%).

Informantes da zona periférica, por sua vez, optaram pelo uso de *danceteria* com 11 ocorrências (45,8%), *discoteca* oito (33,3%), *boate* quatro (16,7%) e apenas uma *resposta prejudicada* (4,2%).

No tocante à análise dialingual, observamos que as lexias hispânicas *discoteca* e *danceteria* obtiveram percentual aproximado em falantes bilíngues, enquanto a lexia portuguesa apresentou apenas uma ocorrência.

Em monolíngues, a variante portuguesa *boate* obteve incidência mais expressiva. Os dados estatísticos de cada lexia podem ser analisados na tabela 43.

**Tabela 44:** Distribuição dialingual das variantes lexicais para a pergunta nº 99 (boate) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

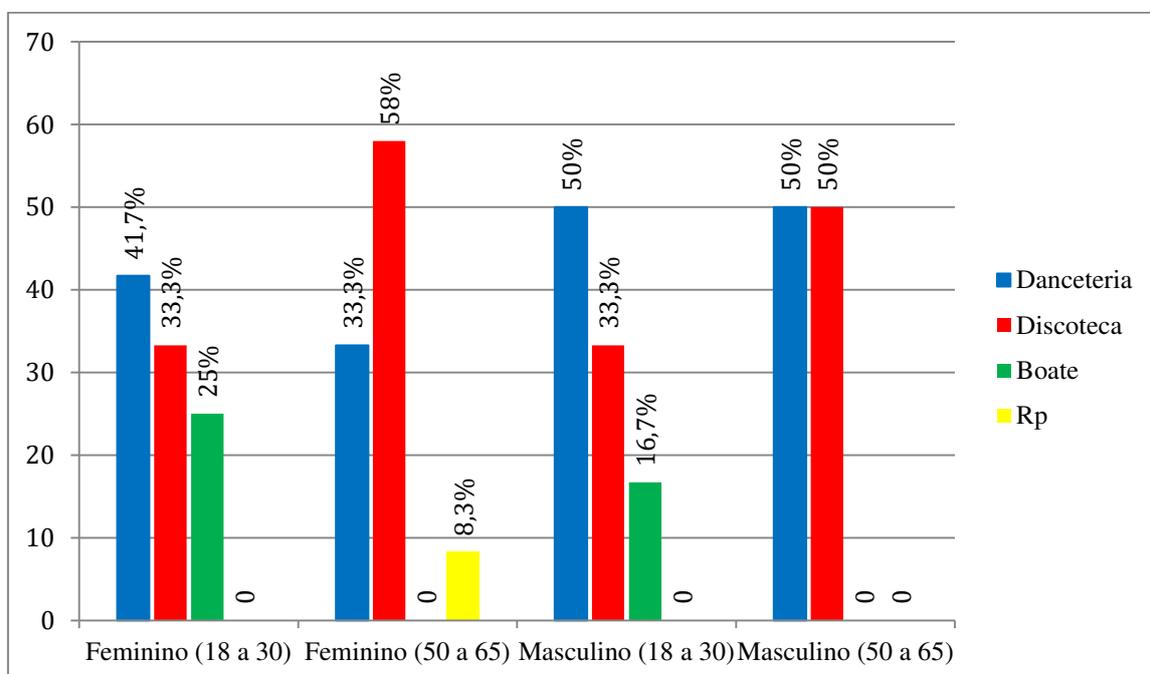
	VARIANTES LEXICAIS			
Dimensão Dialingual	Discoteca	Danceteria	Boate	Rp
Bilíngue	14 (50%)	13 (46,4%)	1 (3,5%)	-
Monolíngue	7 (35%)	8 (40%)	4 (20%)	1 (5%)
Total	22	21	5	1

Fonte: Elaborado pela autora

As dimensões diageracional e diassexual nos mostraram que informantes mais jovens (tanto mulheres quanto homens) optaram pela lexia hispânica *danceteria* com maior utilização.

Ainda nesse parâmetro de análise, percebemos que a lexia *boate* é utilizada especificamente pelos mais jovens na cidade de Tabatinga, pois não computamos nenhuma ocorrência em falantes mais velhos. Estes, por sua vez demonstram preferência pela lexia hispânica *danceteria*. A porcentagem de cada variante pode ser verificadasno gráfico 43.

**Gráfico 44**– Distribuição diasssexual e diageracional das variantes lexicais para designar o “nome do lugar a que se costuma ir dançar” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

Avaliamos também que informantes menos escolarizados optaram pelo uso da forma *danceteria* com 14 respostas (58,3%), seguida de *discoteca* com seis (25%), *boate* três (12,5%) e apenas uma *resposta prejudicada* (4,2%).

De perspectiva diferente, informantes mais escolarizados preferiram utilizar a lexia *discoteca* com 15 respostas (62,5%), *danceteria* com sete respostas (29,2%) e duas ocorrências da lexia *boate* (8,3%).

#### 6.45 Caneta

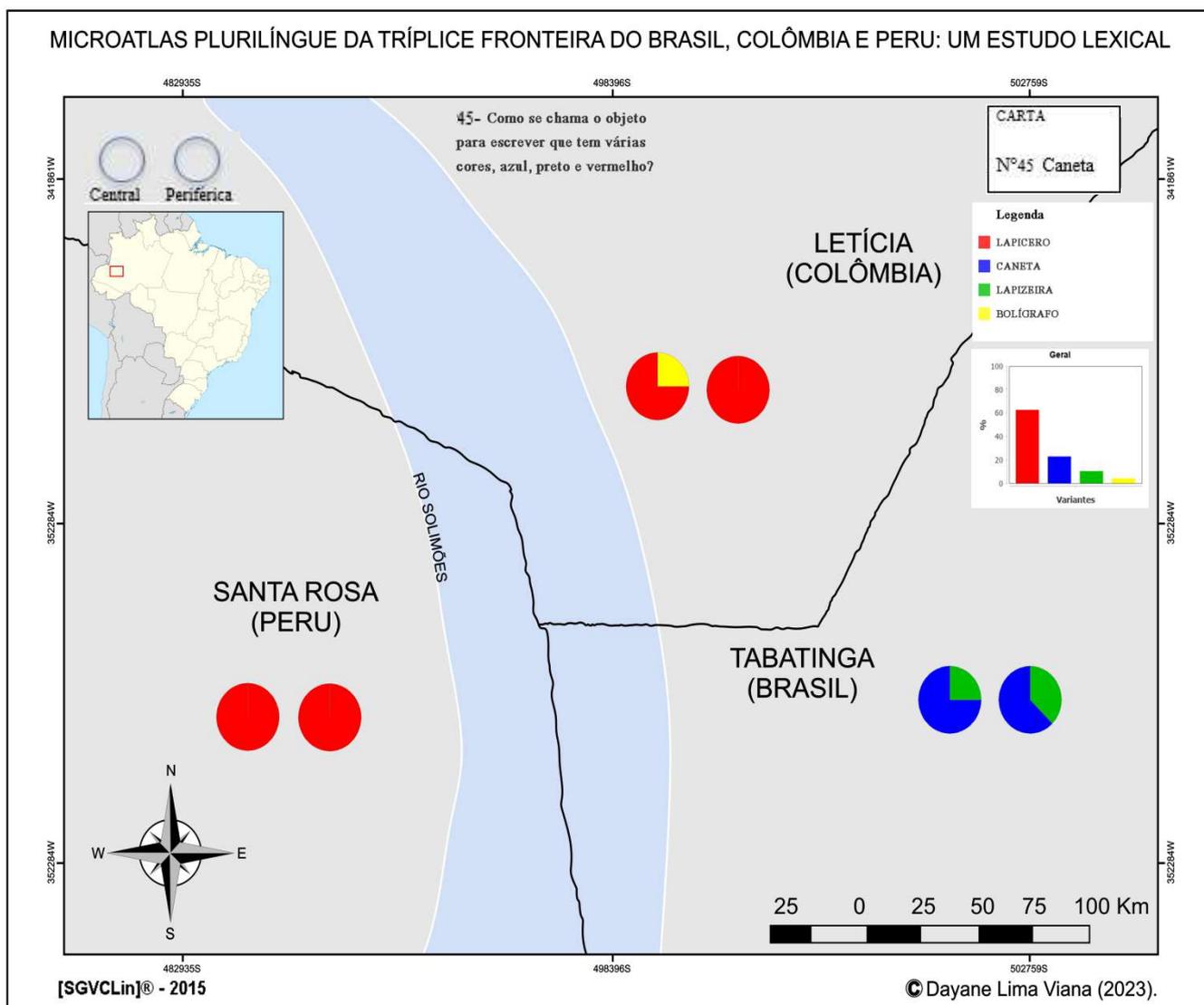
O item do (QSL) de número 45 procurou investigar “como se chama o objeto para escrever e que tem várias cores”. Foi assim que registramos quatro variantes com seus respectivos percentuais: *lapicero* 30 (62,5%), *caneta* 11 (22,9%), *lapiseira* cinco (10,4%), *bolígrafo* dois (4,2%)

Neste item lexical, observamos que os informantes da cidade de Santa Rosa tiveram uso categórico da lexia *lapicero*. Em Letícia, observamos a utilização de

*lapicero* e *bolígrafo*. Na cidade de Tabatinga, por sua vez, as formas *caneta* e *lapiseira* foram registradas.

Nossa hipótese inicial era de que *lapizera* é oriunda do empréstico lexical da lexia hispânica *lapicero*, uma vez que no Brasil *lapiseira* designa (*lápiz ou grafites*). As ocorrências linguísticas podem ser visualizadas na carta 45.

**Carta 45 (QSL 100)** – Variantes lexicais para designar o “objeto para escrever e que tem várias cores” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Identificamos que as lexias estão difundidas nos diversos estratos sociais, já que as porcentagens apresentam-se aproximadas, uma vez que em informantes

menos escolarizados a lexia *lapicero* foi mencionada 15 vezes (62,5%), *caneta* seis (25%), *lapizeira* duas (8,3%) e *bolígrafo* apenas (4,17%).

Em informantes mais escolarizados, *lapicero* também pontuou 15 vezes (62,5%), *caneta* cinco (20,8%), *lapizeira* três (12,5%) e uma menção da forma *bolígrafo* (4,2%).

Quando direcionamos nosso olhar para o enfoque dialingual, percebemos que falantes bilíngues optaram pelo de uso de *lapicero* muito mais que monolíngues. A lexia *bolígrafo* foi registrada apenas em informantes bilíngues, já a forma *lapizeira* obteve um percentual aproximado entre bilíngues e monolíngues, como é possível verificar na tabela 45.

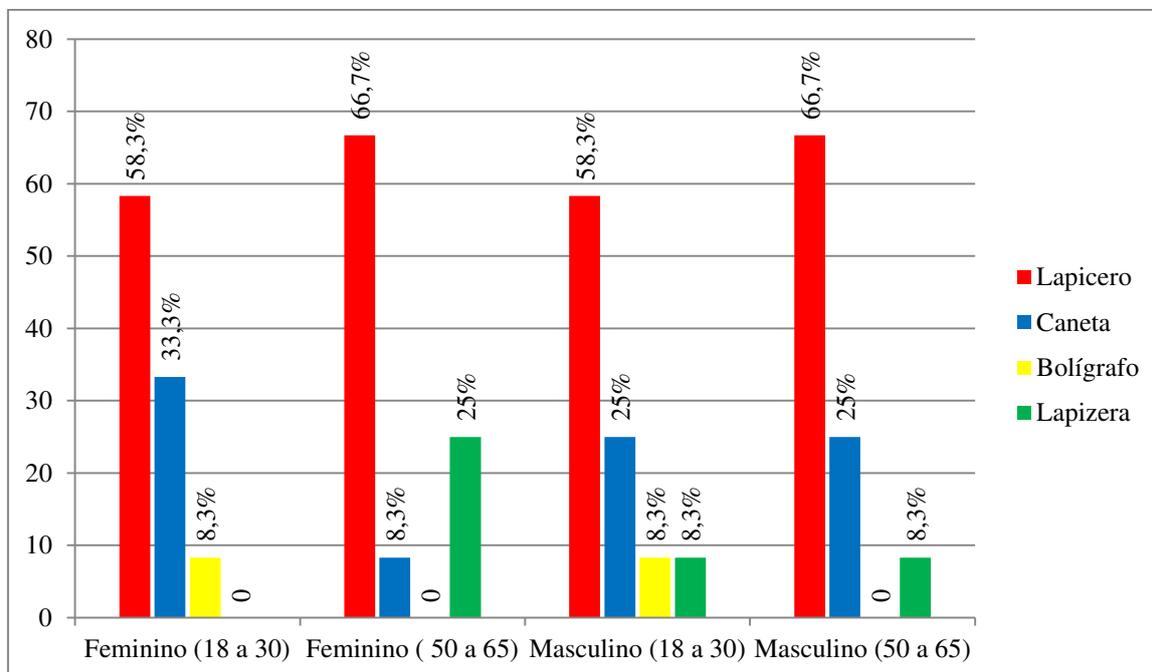
**Tabela 45:** Distribuição dialingual das variantes lexicais para a pergunta nº 100 (caneta) Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS				
Dimensão Dialingual	Lapicero	Caneta	Bolígrafo	Lapizeira
Bilíngue	18 (64,3%)	6 (21,4%)	2 (7,1%)	2 (7,1%)
Monolíngue	12 (60%)	5 (25%)	-	3 (15%)
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>11</b>	<b>2</b>	<b>5</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Observamos que na vertente diassexual e diageracional a lexia *lapicero* foi amplamente dominante, a forma *lapizeira*, por sua vez, demonstrou-se mais difundida em mulheres mais velhas. *Caneta* obteve mais registros em mulheres mais jovens e menor utilização em mulheres mais velhas. As porcentagens podem ser verificadas no gráfico 45.

**Gráfico 45** – Distribuição diasssexual e diageracional das variantes lexicais para designar “o objeto para escrever e que tem várias cores” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

Na zona central, *lapizero* foi registrado 14 vezes (58,3%), caneta seis (25%), *bolígrafo* e *lapizera* duas vezes que totalizam (8,3%) cada. Na zona periférica, *lapizero* pontuou 16 (66,7%), *caneta* cinco (20,8%) e *lapizeira* três vezes (12,5%).

#### 6.46 Absorvente

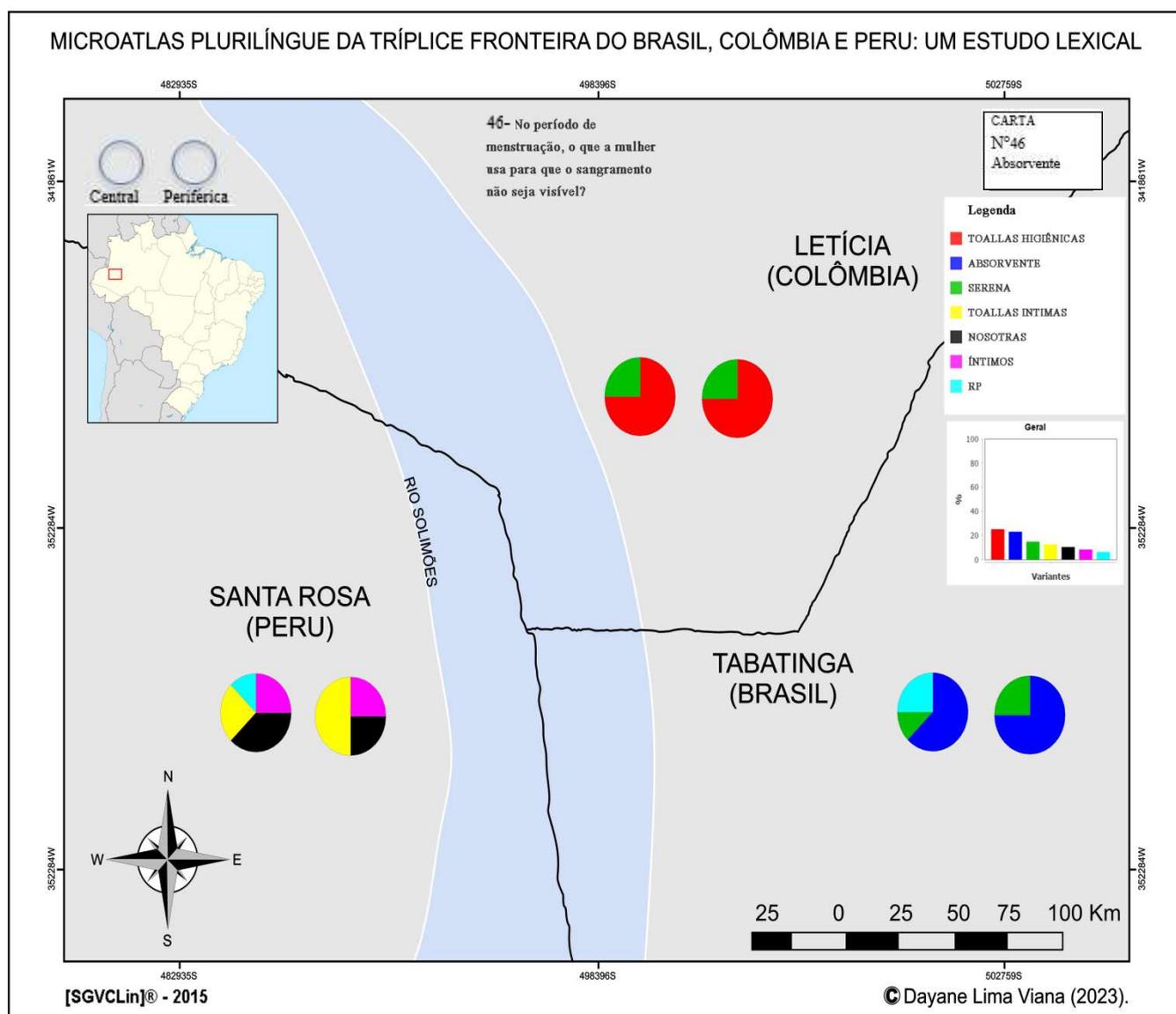
O item de nº 46 objetivou investigar o que a “mulher usa no período da menstruação para que o sangramento não seja visível”.

Desde o início nos chamou atenção a alta produtividade de variantes, posto que registramos 6 leixias linguísticas que demonstram a concorrência entre as formas: *toallas higiênicas* 12 (25%), *absorvente* 11 (22,9%), *serena* sete (14,5%), *toallas íntimas* seis (12,5%), *nosotras* cinco (10,4%), *íntimos* quatro (8,3%) e três *respostas prejudicadas* que somam (6,2%).

Quando avaliamos a distribuição geográfica das variantes, notamos que as formas *toallas higiênicas* e *serena* são lexias pertinentes à comunidade colombiana. Por outro lado, as variantes *nosotras*, *toallas íntimas* e *íntimos* são lexias pertinentes à comunidade peruana.

Na cidade brasileira, registramos a lexia portuguesa *absorvente* e a notamos a difusão da forma hispânica *serena*. A distribuição das variantes dentro do espaço geográfico pode ser verificada na carta 46.

**Carta 46 (QSL 102) –** Variantes lexicais para designar o que “mulher usa no período da menstruação para que o sangramento não seja visível” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



O critério diageracional demonstrou que a geração mais jovem obteve os seguintes registros: *toallas higiênicas* com sete vezes (29,2%), *absorvente* com seis vezes (25%), *toallas intimas* e *nosotras* com três respostas cada (12,5%), *serena* e *rp* com duas cada (8,3%) e uma menção da lexia *íntimos* (4,2%).

Na geração mais velha, os cálculos dos percentuais foram: *toallas higiênicas* cinco (20,8%), *serena* e *absorvente* cinco vezes (20,8%), *íntimos* e *toallas intimas* com três respostas cada (12,5%), *nosotras* duas (8,3%) e apenas uma *resposta prejudicada* (4,2%).

A análise dialingual revelou que as variantes estão bem distribuídas entre monolíngues e bilíngues.

Com olhar mais apurado, percebemos que a lexia *toallas higiênicas* obteve um percentual bem mais expressivo em bilíngues comparado aos índices dos monolíngues. A lexia portuguesa *absorvente* teve um cálculo a mais em bilíngues contra um a menos em monolíngues. Os percentuais das lexias podem ser observados na tabela 46.

**Tabela 46:** Distribuição dialingual das variantes lexicais para a pergunta nº 102 (absorvente) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS							
Dimensão Dialingual	Toallas Higiênicas	Absorvente	Serena	Toallas Intimas	Íntimos	Nosotras	Rp
<b>Bilíngue</b>	9 (32,1%)	5 (17,8%)	4 (14,3%)	4 (14,3%)	2 (7,1%)	2 (7,1%)	2 (7,1%)
Monolíngue	3 (15%)	6 (30%)	3 (15%)	2 (10%)	2 (10%)	3 (15%)	1 (5%)
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>11</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>3</b>

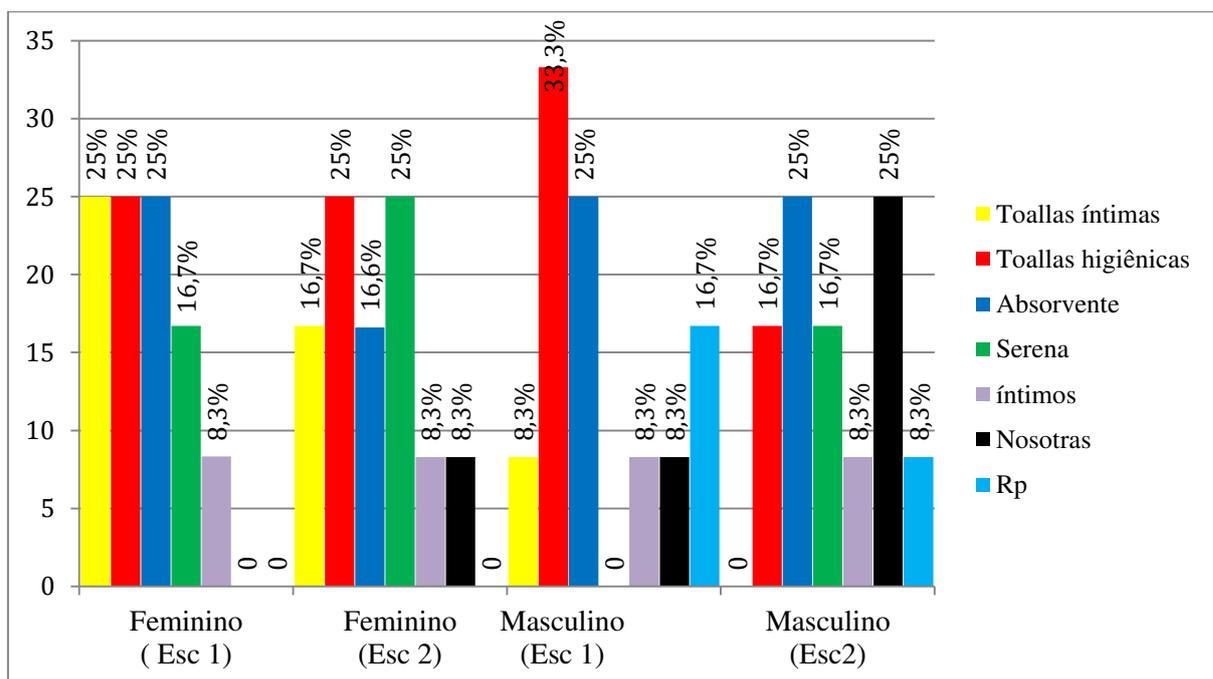
Fonte: Elaborado pela autora

Verificamos ainda que as formas *toallas íntimas*, *toallas higiênicas* e *absorventes* foram as mais utilizadas entre mulheres menos escolarizadas, apresentando até mesmo porcentagem similar. Mulheres mais escolarizadas preferiram o uso de *serena* e *toallas íntimas*.

Os índices no sexo masculino apontam que homens com menor grau de instrução preferem utilizar a forma *toallas higiênicas*. Nesse recorte de análise notamos a ausência da lexia *serena*.

Por outro lado, homens mais escolarizados optaram pelo uso de *absorvente* e *nosotras*. Notamos ainda que todas as *respostas prejudicadas* foram contabilizadas para o sexo masculino, como é possível observar no gráfico 46.

**Gráfico 46** – Distribuição diasssexual e diastrática das variantes lexicais para designar o item que a “mulher usa no período da menstruação para que o sangramento não seja visível” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

A distribuição das lexias pela vertente diazonal mostrou que as variantes obtiveram índices similares nos pontos investigados, pois informantes da zona central responderam seis vezes (25%) *toallas higiênicas*, cinco *absorvente* (20,8%), três

(12,5%) para *serena e nosotras* e duas ocorrências para *íntimos e toallas íntimas*, que representam ( 8,3%). Também houve duas rp na área central.

Informantes da zona periférica responderam seis vezes (25%) *toallas higiénicas; absorvente, serena e toallas íntimas* com quatro respostas para cada variante (16,7%), *íntimos e nosotras* pontuaram com duas respostas cada uma (8,3%).

#### 6.47 Guardanapo

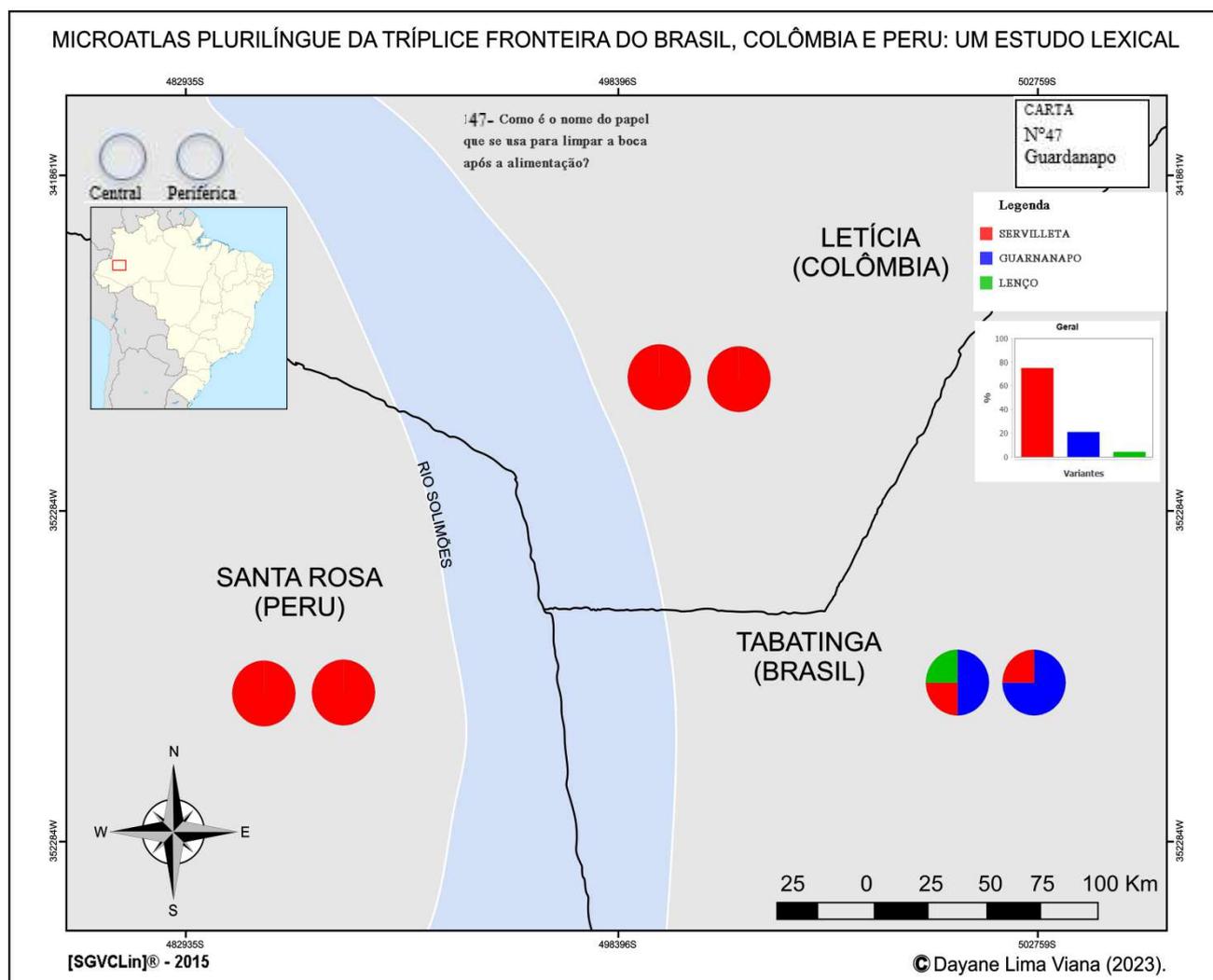
O item de nº 47 do (QSL) estipulou a seguinte pergunta: “como é nome do papel que se usa para limpar a boca após a refeição?”.

Nosso interesse em investigar o item lexical surgiu ao perceber que falantes da cidade de Tabatinga oscilavam entre formas portuguesas e hispânicas. A partir disso nos voltamos a analisar como a variação está operando mudanças na fala dos moradores da Tríplice Fronteira.

Desse modo, compilamos os registros de três formas linguísticas e seus respectivos percentuais gerais: *servilleta* 36 (75%), *guardanapo* 10 (20,8%), *lenço* dois (4,2%).

No aspecto diatópico, verificamos que informantes peruanos e colombianos obtiveram o uso categórico para a lexia *servilleta*, diferentemente de informantes brasileiros que demonstraram oscilar entre a forma *guardanapo*, *lenço* e a lexia hispânica *servilleta*. A distribuição léxica pode ser analisada dentro do espaço geográfico na carta 47.

**Carta 47 (QSL 104)** – Variantes lexicais para designar o “nome do papel que se usa para limpar a boca após a refeição” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Informantes da escolaridade 1 deram 17 respostas para *servilleta* (70,8%) e sete para *guarnanapo* (29,2%). Em informantes da escolaridade 2, *servilleta* obteve maior percentual com 19 respostas (79,2%), *guardanapo* três (12,5%) e *lenço* com dois registros (8,3%).

No aspecto diazonal, a lexia *servilleta* foi registrada com o mesmo percentual tanto na zona central quanto periférica. No tocante às ocorrências de variante *lenço*, observamos que só esteve presente em falantes da zona central.

**Tabela 47:** Distribuição diazonal das variantes lexicais para a pergunta nº 104 (guardanapo) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

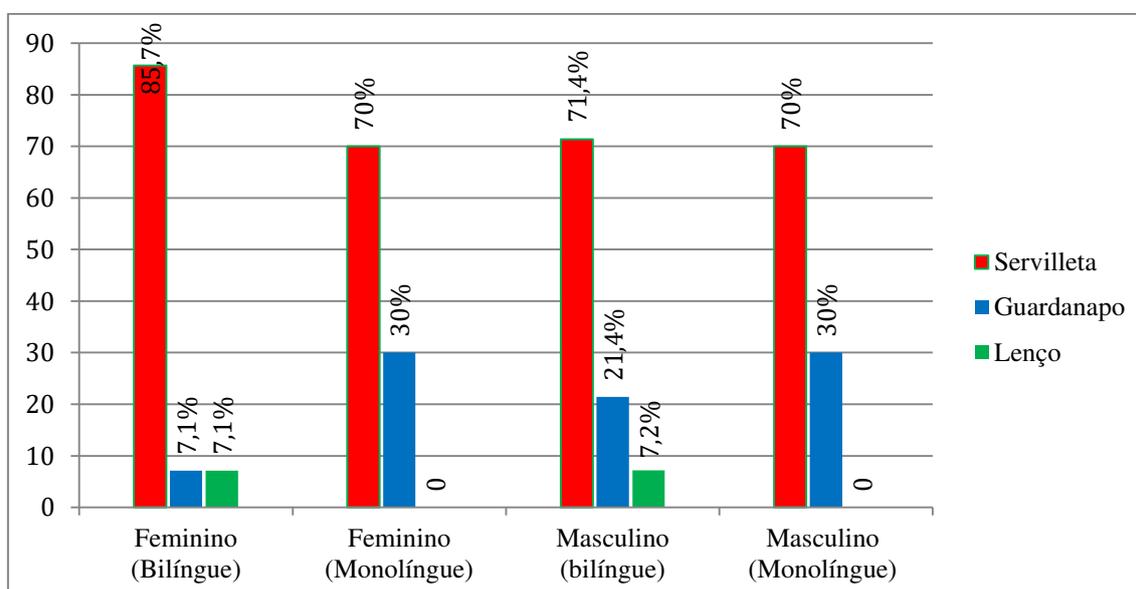
VARIANTES LEXICAIS			
Dimensão Diazonal	Servilleta	Guardanapo	Lenço
Central	18 (75%)	4 (16,7%)	2 (8,3%)
Periférica	18 (75%)	6 (25%)	-
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>10</b>	<b>2</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Na dimensão diassexual e dialingual, identificamos que a lexia *servilleta* foi predominante em homens e mulheres (bilíngues e monolíngues), mas notamos que em informantes bilíngues houve uma proporção mais expressiva de ocorrências.

Esse fato nos conduz a pensar que a presença da variante hispânica na cidade de Tabatinga seja em decorrência do grande contato com a língua espanhola. Os percentuais das lexias podem ser conferidos no gráfico 47.

**Gráfico 47** – Distribuição diassexual e dialingual das variantes lexicais para designar o item que o “nome do papel que se usa para limpar a boca após a refeição” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte: Elaborado pela autora**

Com relação à análise diageracional, a faixa etária mais jovem utilizou *servilleta* com 17 vezes (70,8%), *guardanapo* seis (25%) e *lenço* com um registro (4,1%). Na faixa etária mais velha, *servilleta* pontuou com 19 respostas (79,1%), *guardanapo* quatro (16,7%) e uma resposta para *lenço* (4,1%).

#### **6.48 Floricultura**

O item de nº 48 do (QSL) estipulou a seguinte pergunta: “como é o nome do lugar onde são vendidas flores? O interesse do item lexical surgiu ao perceber a utilização habitual da palavra *floristeria* em falantes de Tabatinga.

Foi com o propósito de analisar como a variação tem modificado o item lexical do povo da fronteira que nos levou a inseri-lo como item de investigação.

De acordo com a compilação dos dados, verificamos a ocorrência de três formas linguísticas: *floricultura* ~ *floristeria* ~ *floreira*, que foram os termos mencionados pelos informantes de Tabatinga, Letícia e Santa Rosa.

Na dimensão diatópica, observamos que em Tabatinga existe uso variável de *floricultura* e *floristería*. A lexia *floristería* foi documentada em Tabatinga 11 vezes (68,7%). Com esse um percentual expressivo, poderíamos presumir que a variante hispânica é predominante e não levar em consideração a ocorrência da variante *floricultura*.

Todavia, o termo “variação” e “uso variável” acima mencionado, deve ser visto com atenção dentro das projeções futuras que outros estudos podem revelar, já que a lexia brasileira *floricultura* obteve três respostas (18,7%).

Chamar atenção a respeito desse aspecto se torna pontual e necessário à medida que o estudo pode estar revelando possíveis mudanças em curso em Tabatinga, isto porque na atualidade se observa a preferência pelo uso da palavra em espanhol em detrimento da pouca utilização da forma portuguesa. Dessa forma, estudos posteriores poderão:

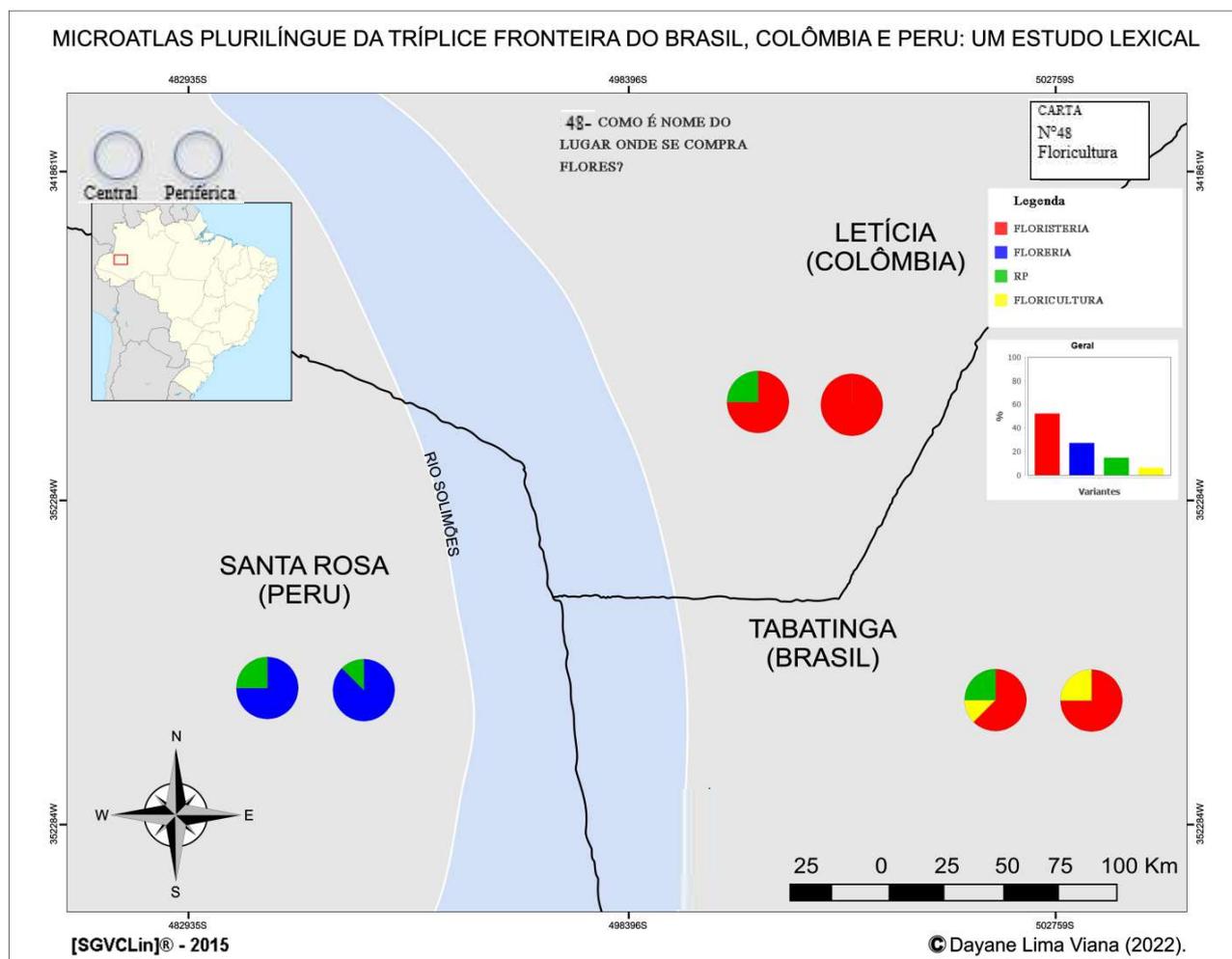
- (i) aferir o grau da manutenção da lexia *floristería* no sistema linguístico dos falantes de Tabatinga;
- (ii) avaliar a territorialização da lexia *floricultura*, hoje com pouca expressividade, mas que, com o passar do tempo, pode se revelar em um movimento dinâmico em progressão dentro das territorialidades de Tabatinga, conforme postulado por Altenhofen (2012);
- (iii) verificar uma estrita variação, cujo jogo de concorrência entre ambas as variantes pode ser representativamente similar ; ou,
- (iv) detectar o surgimento de novas formas, ofertando mais diversidade ao léxico em investigação.

Já nos dois lados opostos da fronteira brasileira, em Letícia e Santa Rosa, as formas não apresentaram variação, pois houve o predomínio absoluto das lexias correspondentes ao sistema linguístico.

Assim, em Letícia todos os falantes que responderam o item utilizaram a lexia *floristería*. O mesmo ocorreu em Santa Rosa com a utilização de *florería*.

Notamos, ainda, grande incidência de abstenções, dois informantes de Letícia (12,5%), três de Santa Rosa (18,7%) e dois de Tabatinga, o que corresponde a (12,5%) do índice geral, como é possível verificar na carta 48.

**Carta 48 (QSL 101)** – Variantes lexicais para designar o “nome do lugar onde são vendidas flores” na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Uma possível explicação para a dominância da variante *floristería* na fala do português de Tabatinga pode estar relacionado a dois fatos sociais.

Primeiro, porque a Colômbia é a segunda maior exportadora de flores do mundo, o que torna o comércio de flores produzidas no Brasil pouco atrativo e, conseqüentemente, reduz a possibilidade de competição com o mercado de flores colombianas.

Outro fator determinante é a estrutura linguística comercial adotada nas placas publicitárias do setor, isso porque as lojas possuem o anúncio como *floristería* mesmo em território brasileiro, justamente porque os proprietários e vendedores, na sua totalidade, são colombianos, o que torna comum o contato cotidiano com a palavra em espanhol.

Ao avaliar o aspecto diassexual, identificamos que o grupo dos homens apresentou maior índice de utilização da variante *floristería*, comparado aos índices em mulheres. O mesmo ocorreu com a lexia peruana *florería*, que obteve um percentual mais produtivo em homens. Verificamos também um alto percentual de respostas prejudicadas no grupo das mulheres, como podemos observar na tabela 48.

**Tabela 48**– Distribuição diassexual das variantes lexicais para a pergunta n° 101 (f loricultura) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

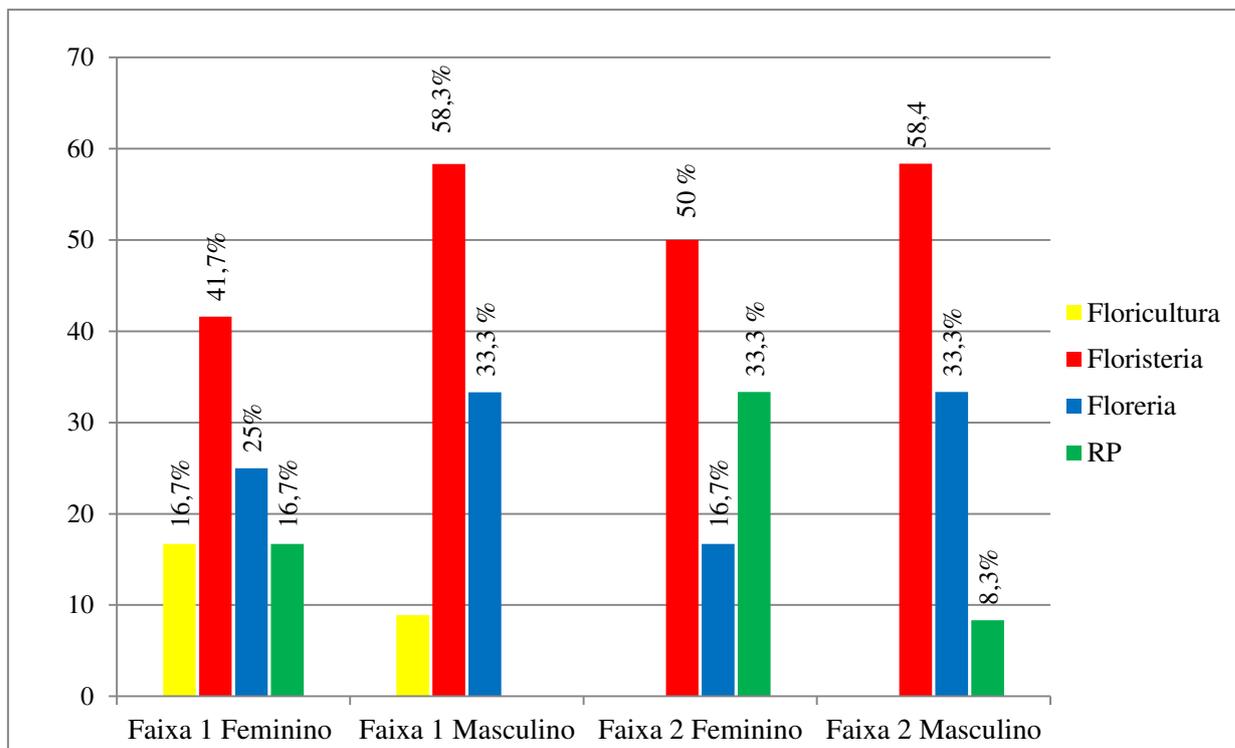
Dimensão Diassexual	VARIANTES LEXICAIS			
	Floristería	Floricultura	Florería	Rp
Homens	14 (58,3%)	1 (4,1%)	8 (33,3%)	1 (4,1%)
Mulheres	11 (45,8%)	2 (8,3%)	5 (20,8%)	6 (25%)
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>3</b>	<b>13</b>	<b>7</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Na dimensão diageracional, a faixa etária mais jovem demonstrou preferência pela utilização de *floristería*, com 12 registros (50,0%), seguido por *florería*, com sete registros (29,2%), três ocorrências de *floricultura* que corresponde a (12,5%) e houve ainda duas abstenções que representam (8,3%) do índice total.

Entretanto, o que chamou a atenção foram os dados observados na faixa etária mais velha, que, de acordo com os dados estatístico, os informantes dessa faixa etária (50 a 65 anos) só utilizaram as formas hispânicas *floristería*, com 13 respostas (54,2%) e *florería*, com seis respostas (25,00%). E foi nesta faixa etária que se observou um grande quantitativo de rp (respostas prejudicadas) com seis casos (20,8%). Não houve ocorrência de *floricultura* como é possível analisar no Gráfico 48.

**Gráfico 48**– Distribuição diasssexual e diageracional das variantes lexicais para designar “o lugar onde são vendidas flores” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Analizamos também que os informantes de ambas as escolaridades têm a preferência pela manutenção do uso de lexicas em espanhol, pois a Esc 1 fez uso de *floristería* 12 vezes (50,0%), *florería* oito vezes (33,3%), *floricultura* três vezes (12,5%) e computamos ainda uma abstenção (4,2%); a Esc 2, por sua vez, usou *floristería* 13 vezes (54,2%), *florería* cinco vezes (25,0%) e teve cinco *rp*, que correspondem a 20,8% do índice geral.

Na dimensão dialingual, tanto os bilíngues quanto os monolíngues apresentaram uso significativo das lexicas da língua espanhola: os bilíngues fizeram uso de *floristería* 12 vezes (50%), *florería* oito vezes (33,3%), *floricultura* três vezes (12,5%); e registramos um *rp* (4,2%).

Os monolíngues, por sua vez, usaram *floristería* 13 vezes (54,2%) e *florería* cinco vezes (20,8%) e seis (25,8%) não responderam a questão.

Em síntese, conforme dados apresentados, observa-se que, em Letícia (Colômbia), a variante lexical *floristería* apresenta uso categórico, opondo-se ao uso da variante *florería* em Santa Rosa (Peru). Como foi possível perceber de acordo com a análise da carta linguística, na cidade de Tabatinga houve o uso predominante da variante hispânica *floristería*, e a forma portuguesa *floricultura* contabilizou apenas três ocorrências.

#### 6.49 Menstruação

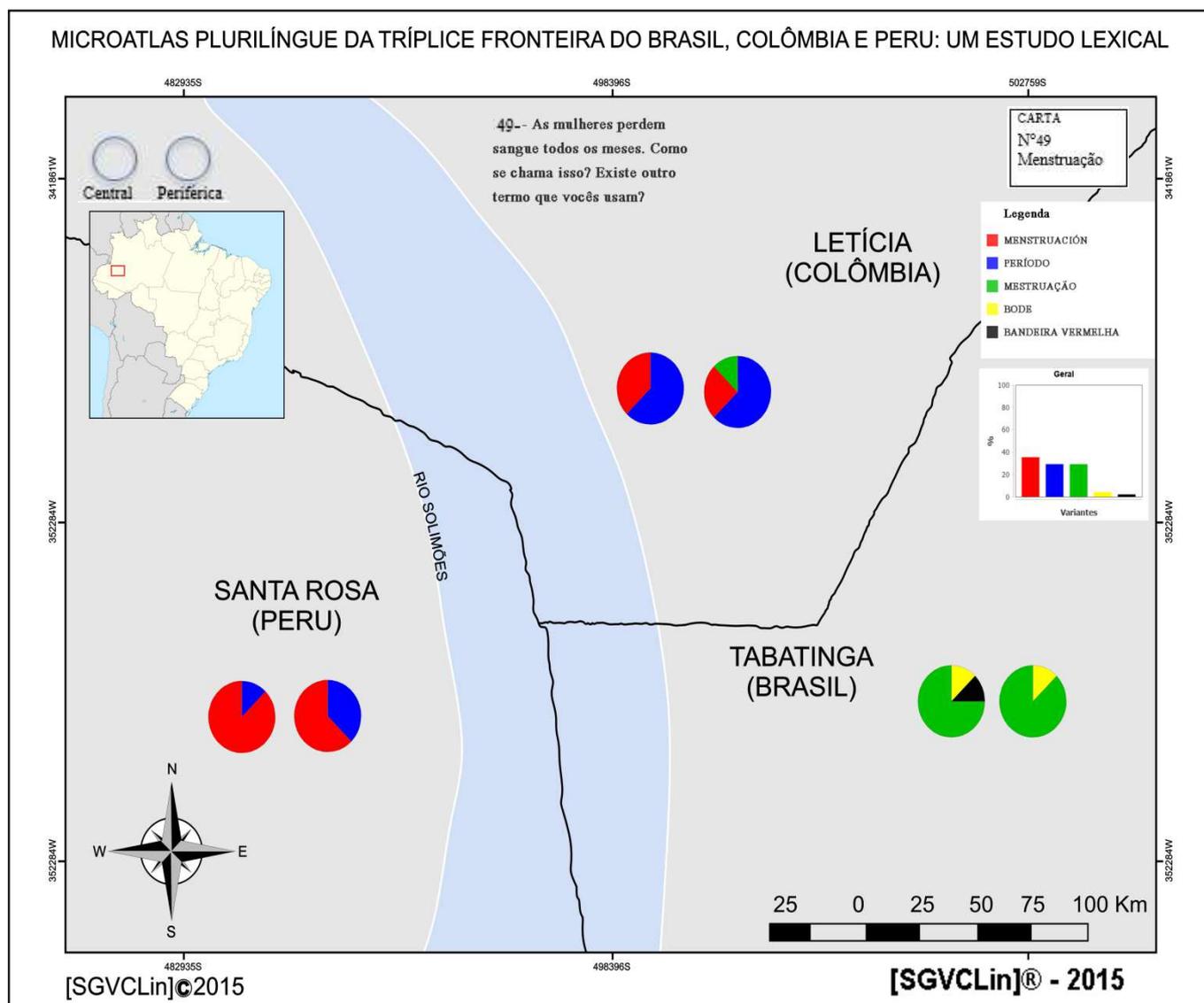
O item de nº 49 foi destinado a investigar o período que todas as mulheres passam mensalmente. Para tanto, foi estipulado a seguinte pergunta: “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”

Para esta pergunta, registramos cinco respostas com seus respectivos percentuais: *menstruación* 17 (35,4%), *mestruação* 14 (29,1%), *período* 14 (29,1%), *bode* duas (4,1%), *bandeira vermelha* uma (2,1%).

Com relação ao aspecto diatópico, na cidade peruana a forma que se apresentou predominante foi *menstruación*, seguida de *período*, identificada com menor proporção no índice.

Por outro lado, na cidade colombiana percebemos que a forma *período* foi dominante, seguida de *mestruación* e *mestruação*. Em Tabatinga, a *lexia* *menstruação* se apresentou predominante e algumas incidência de *bode* e *bandeira vermelha* que podem ser visualizadas na carta 49.

**Carta 49 (QSL 107)** – Variantes lexicais para designar o período em que “as mulheres perdem sangue todos os meses” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Notamos que informantes da região periférica preferiram o uso de *menstruación* com 10 respostas (41,7%), *período* e *menstruação* pontuaram seis vezes (25%) cada uma. *Bode* e *bandeira vermelha* foi computada apenas uma resposta cada que corresponde a (4,2%).

Do contrário do que ocorreu na zona central, na zona periférica as formas *período* e *menstruação* foram as mais utilizadas, cada uma com oito ocorrências, o que representa (33,3%). A lexia *menstruación* contabilizou sete registros (29,2%) e *bode* apenas uma vez (4,1%).

A análise com enfoque diageracional revelou que informantes mais jovens optaram com maior percentual pela lexia *menstruación* comparada aos índices dos mais velhos.

Por outro lado, verificamos que a faixa etária mais velha apresentou preferência pela forma *período*. Constatamos também a presença da lexia *bode* apenas em informantes mais velhos, enquanto *bandeira vermelha* foi utilizada uma única vez por informante da faixa etária jovem. As constatações acima mencionadas podem ser observadas na tabela 49.

**Tabela 49** – Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta nº 107 (menstruação) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

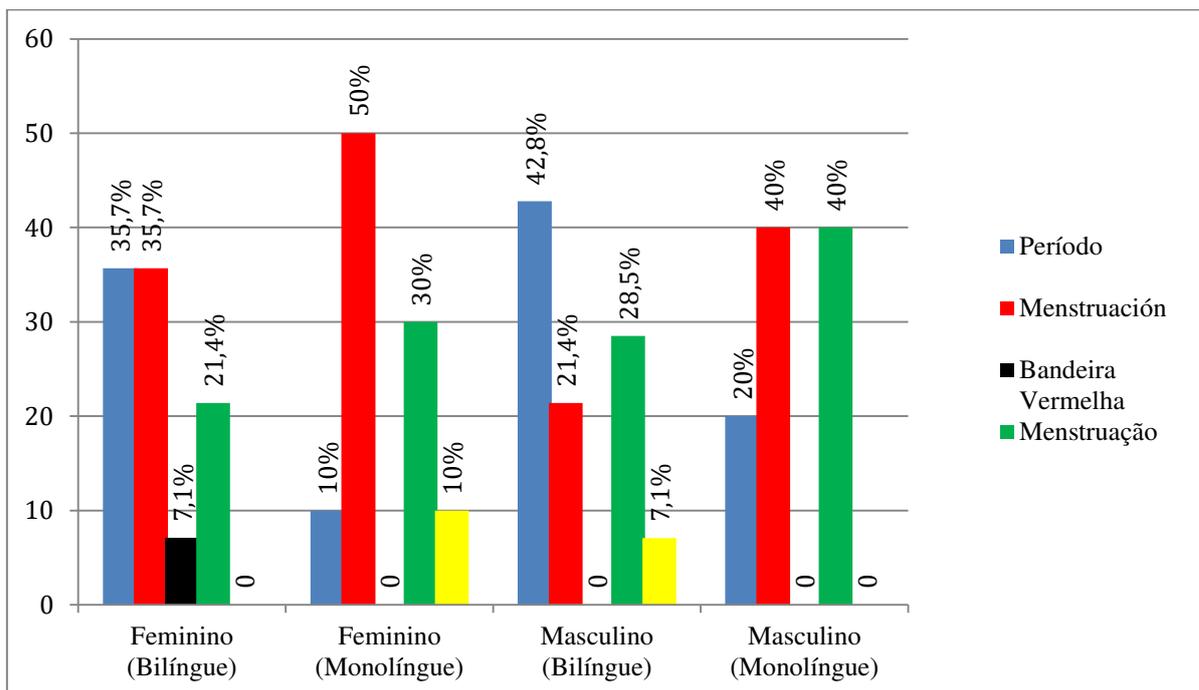
Dimensão Diageracional	VARIANTES LEXICAIS				
	Menstruación	Período	Menstruaçã o	Bode	Bandeira Vermelha
(18 a 30 anos)	10 (41,7%)	5 (20,8%)	8 (33,3%)	-	1 (4,1%)
(50 a 65 anos)	7 (29,2%)	9 (37,5%)	6 (25%)	2 (8,3%)	-
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>14</b>	<b>14</b>	<b>2</b>	<b>1</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Analisamos que mulheres bilíngues obtiveram um percentual similar no que tange à escolha das formas *menstruación* e *período*. Em mulheres monolíngues, as formas *menstruación* e *menstruação* demonstram-se mais acentuadas.

Observamos que em homens bilíngues a lexia *período* foi predominante e em monolíngues houve o empate entre as formas *mestruación* e *menstruação*. Os percentuais das variantes podem ser conferidos no gráfico 49.

**Gráfico 49** – Distribuição diasssexual e dialingual das variantes lexicais para designar o período em que “as mulheres perdem sangue todos os meses” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

O estudo também demonstrou que informantes menos escolarizados obtiveram índices aproximados: *menstruación* computou oito ocorrências (33,3%), *período*, *menstruación* e *menstruação* obtiveram sete ocorrências, o que representam (29,1%) para cada lexia. Registramos ainda uma resposta (4,17%) para lexia *bode* e uma para *bandeira vermelha*.

Os índices demonstram que informantes com maior grau de instrução preferiram a lexia *menstruación* com nove respostas (37,5%), *período* e *menstruação* com sete (29,1%) para cada uma e apenas uma menção pela lexia *bode* (4,1%).

### 6.50 Liquidificador

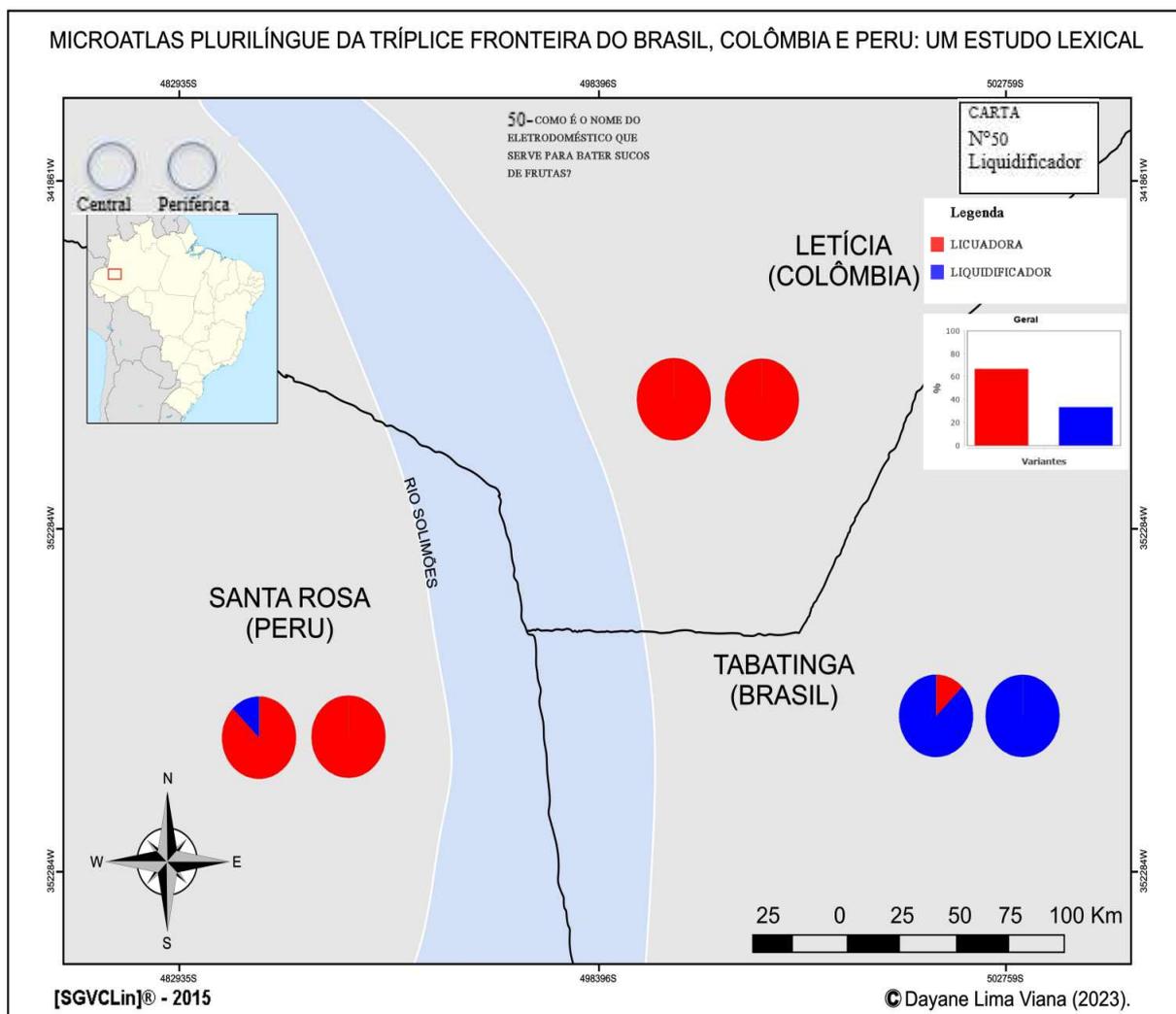
A questão 50 do QSL buscou investigar “como é o nome do eletrodoméstico utilizado para fazer sucos?”

Após a compilação de todas as respostas dadas em entrevista, observamos a ocorrência de duas variantes, uma de origem portuguesa e outra do espanhol: liquidificador ~ licuadora, respectivamente.

Como ocorreu nos itens das análises anteriores, a distribuição diatópica demonstrou mais uma vez que houve a total predominância da variante hispânica no território leticiano, pois 100% dos entrevistados de Letícia e a maioria dos entrevistados peruanos responderam a forma *licuadora*, pois houve apenas um registro da forma brasileira *liquidificador* em Santa Rosa,

Já na cidade de Tabatinga, a lexia *liquidificador* obteve a predominância, mas também observamos um registro da forma hispânica na cidade. Os registros podem ser observados na carta 50.

**Carta 50 (QSL 105)** – Variantes lexicais para designar “o eletrodoméstico que serve para bater sucos de frutas?” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Em ambas as áreas, isto é, na zona central e periférica, as variantes registradas obtiveram o mesmo número de registros, visto que a lexia espanhola contabilizou 16 ocorrências (66,7%) e a portuguesa oito (33,3%)

Os dados revelam que tanto homens quanto mulheres apresentaram relativa paridade no uso das variantes, pois que no que tange à frequência das variantes na dimensão diassexual as formas *licuadora* e *liquidificador* pontuaram com percentuais aproximados, como é possível constatar na tabela 50.

**Tabela 50**– Distribuição diassexual das variantes lexicais para a pergunta nº 105 (liquidificador) na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru

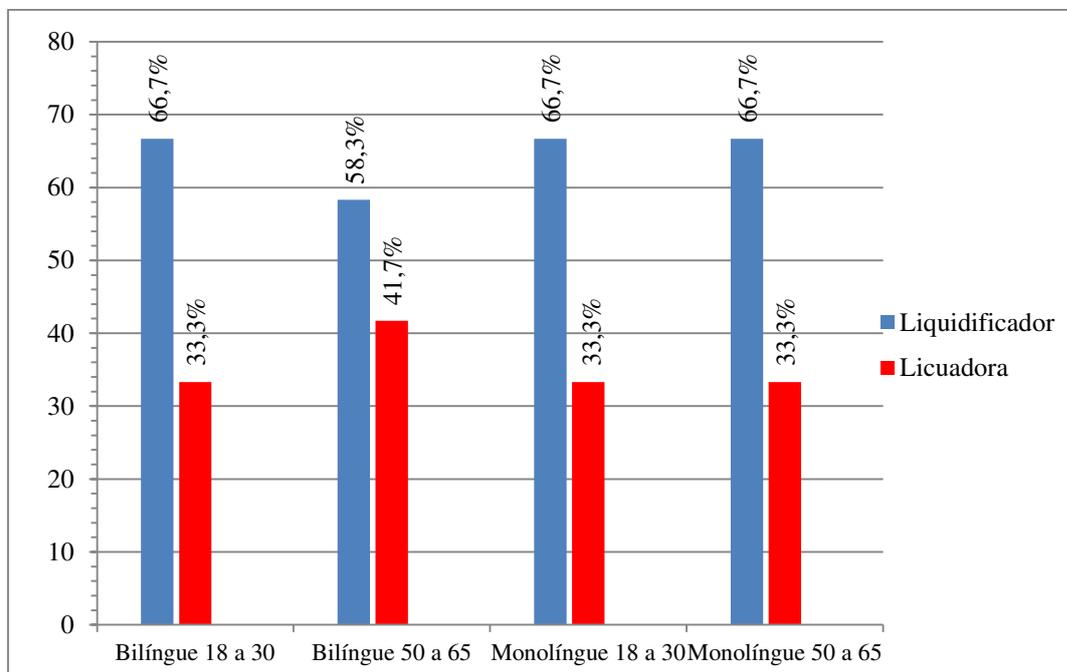
Dimensão Diassexual	VARIANTES LEXICAIS	
	Licuadora	Liquidificador
<b>Homens</b>	16 (66,8%)	8 (33,3%)
<b>Mulheres</b>	15 (62,5%)	9 (37,5%)
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>17</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Observamos ainda que ambas as faixas etárias (18 a 30 e 50 a 65) operam igualmente no tocante à variação, pois os registros mostram que a forma *liquidificador* foi mencionada 16 vezes entre os mais jovens (66,8%) e 15 vezes entre os mais velhos (62,5%). Em contrapartida, a variante *licuadora* foi usada oito vezes (33,3%) pelos mais jovens e nove vezes (37,5%) pelos mais velhos.

O fator dialingual foi representativo para ilustrar diferenciações quanto a variação linguística observada, visto que, nesse item lexical, informantes bilíngues obtiveram o cômputo total de 15 vezes (62,5%) para o uso da lexia *liquidificador* enquanto o índice entre os monolíngues foi de nove para o uso da lexia *licuadora*, o que representa (37,5%) das frequências.

**Gráfico 50** – Distribuição diageracional e dialingual das variantes lexicais para designar “o eletrodoméstico utilizado para fazer sucos” na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: elaborado pela autora

No aspecto escolarização, a variante espanhola *licuadora* pontuou de modo aproximado em informantes das duas escolaridades, 17 vezes (70,8%) em informantes da escolaridade 1 e 15 vezes (62,5%) em informantes da escolaridade.

A lexia portuguesa *liquidificador* obteve baixo índice nos dois grupos, uma vez que pontuou sete ocorrências (29,1%) em informantes mais escolarizados e nove (37,5%) em informantes menos escolarizados.

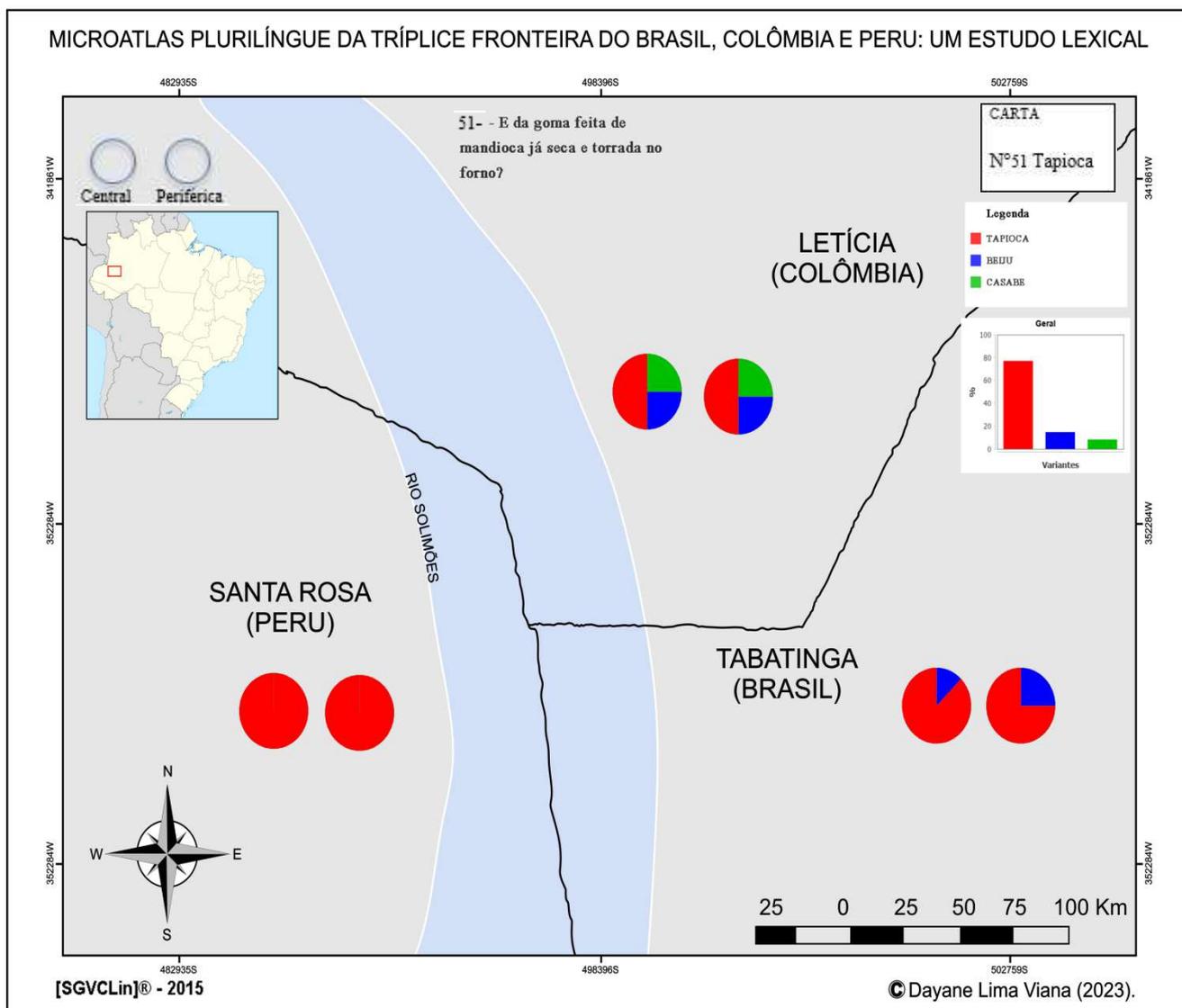
### 6.51 Tapioca

“É da goma feita de mandioca torrada no forno”, foi a pergunta de nº 51 que compôs o QSL (83). Neste item lexical, temos o interesse em analisar quais formas enunciativas se utilizam na Tríplice Fronteira.

Primeiramente analisamos as ocorrências linguísticas pelo critério espacial e foi assim que registramos as formas: *tapioca* 37 (77,1%), *beiju* 7 (14,6%) e *casabe* 4 (8,3%).

Notamos que os informantes de Santa Rosa apresentaram uso categórico da lexia *tapioca*. Em Letícia, por sua vez, percebemos o uso de três formas: *tapioca* ~ *beiju* ~ *casabe*. Em Tabatinga, notamos a dominância da forma *tapioca* e algumas ocorrências da lexia *beiju*. As constatações acima mencionadas podem ser visualizadas na carta n ° 51.

**Carta 51 (QSL 108)** – Variantes lexicais para designar a “goma feita de mandioca torrada no forno” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Em bilíngues, a lexia *tapioca* foi respondida 21 vezes (75%), *beiju* quatro vezes (14,3%) e *casabe* três vezes (10,7%). Em monolíngues, *tapioca* pontuou 16

ocorrências (80%), *beiju* três (15%) e *casabe* apenas uma vez com o percentual mínimo de (5%).

Na dimensão diastrática, observamos que a forma *casabe* obteve o mesmo quantitativo em informantes das duas escolaridades, a lexia *tapioca* foi mais produtiva em informantes menos escolarizados. A variante *beiju* obteve maior percentual em falantes de instrução mais elevada, como pode ser analisado na tabela de nº 51.

**Tabela 51**– Distribuição diastrática das variantes lexicais para a pergunta nº 83 (tapioca) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS			
Dimensão Diastrática	Casabe	Tapioca	Beiju
Escolaridade 1	2 (8,3%)	20 (8,3%)	2 (8,3%)
Escolaridade 2	2 (8,3%)	17 (70,8%)	5 (20,8%)
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>37</b>	<b>7</b>

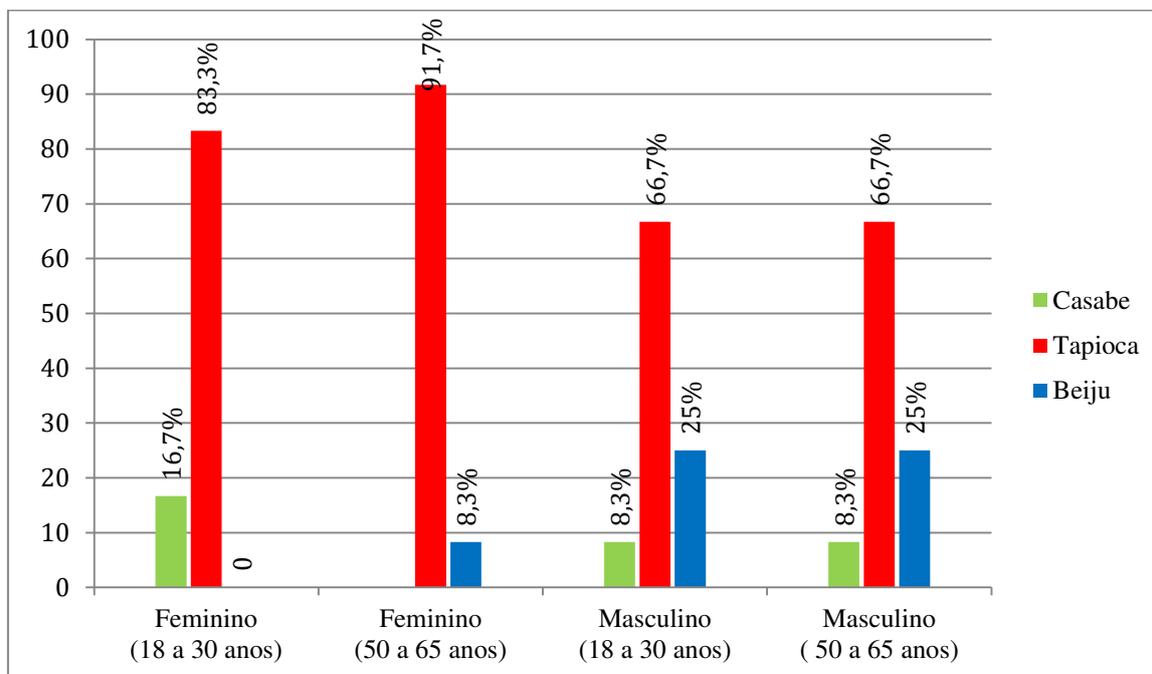
Fonte: Elaborado pela autora

Quando analisamos as dimensões diassexual e diageracional, identificamos que em todos os parâmetros de análise, isto é, homens e mulheres das duas gerações, a forma *tapioca* se apresentou predominância com relação as demais formas registadas.

À margem disso, notamos que a lexia hispânica *casabe* foi mais produtiva em mulheres mais jovens, não sendo notada, portanto, em informantes da geração mais velha.

De outro modo, observamos que as lexias *tapioca*, *beiju* e *casabe*, obtiveram os mesmos percentuais em informantes do sexo masculino das duas gerações, o que podem ser verificados no gráfico nº 51.

**Gráfico 51** – Distribuição diasssexual e diageracional das variantes lexicais para designar a “goma feita de mandioca já seca e torrada no forno” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

Os registros lexicais da zona central ficaram, assim, consolidados: *tapioca* com 19 ocorrências (79,2%), *beiju* com três ocorrências (12,5%) e *casabe* com duas ocorrências (8,3%). Na zona periférica, a lexia *tapioca* pontuou 18 vezes (75%), *beiju* quatro vezes (16,7%) e *casabe* duas vezes (8,3%).

## 6.52 Corno

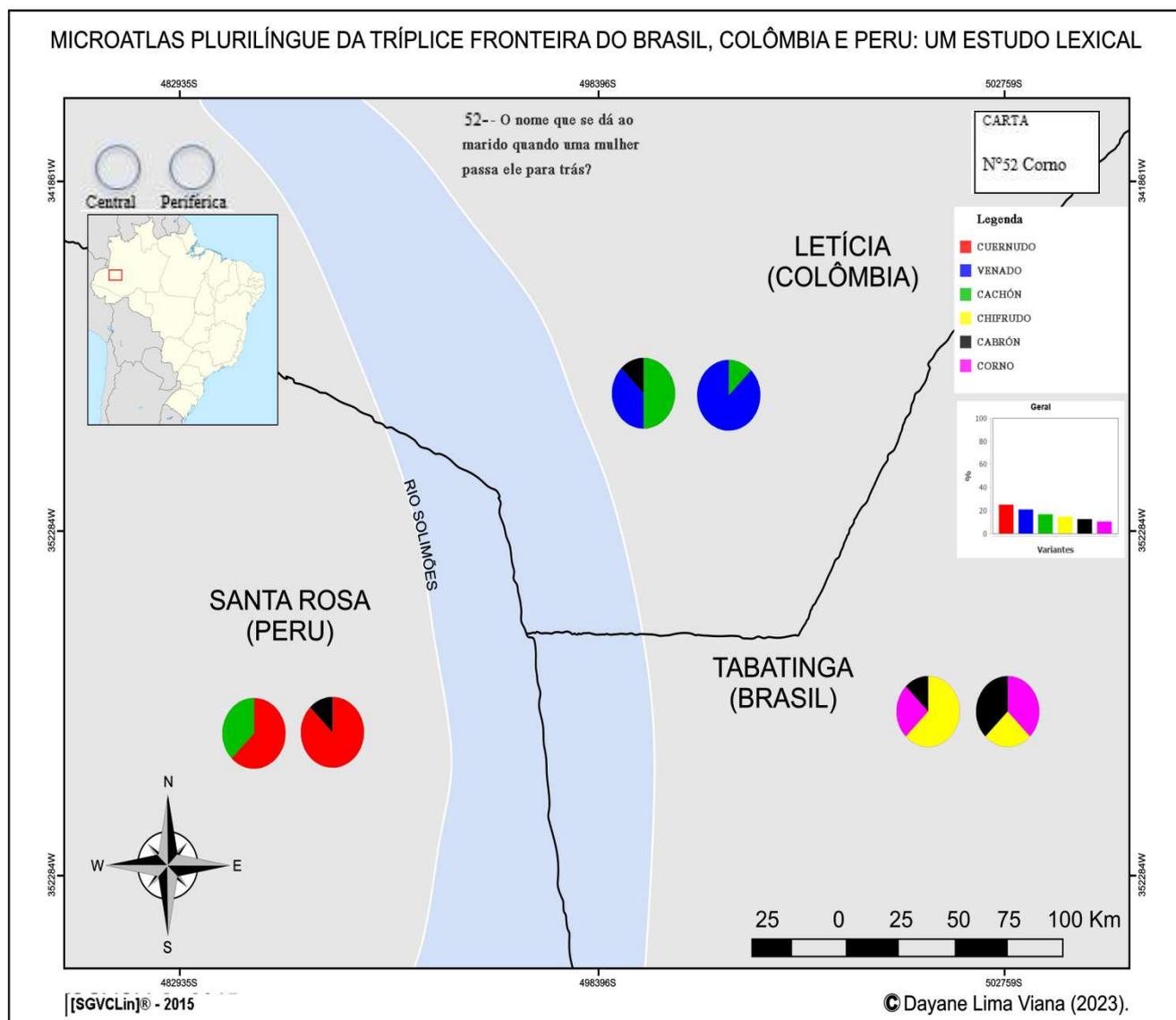
O item de nº 52 empreendeu a investigar a respeito do “nome que se dá ao marido quando a mulher passa ele para trás”.

Já no momento da coleta de dados, observamos um grande quantitativo de variantes utilizadas em informantes das três cidades pesquisadas: *cuernudo* 12 (25%), *venado* 10 (20,8%), *cachón* oito vezes (16,7%), *chifrudo* sete vezes (14,5%), *cabrón* seis vezes (12%) e *corno* cinco vezes (10,4%).

*Cuernudo* foi a forma predominante em informantes da cidade peruana, seguida por *cachón* e *cabrón*. No lado colombiano, a variante *venado* se revelou com determinada *dominância*, seguida das formas *cachón* e *cabrón*.

Já no lado brasileiro a lexia mais utilizada foi *chifrudo*, seguida de *cornu* e da expressão espanhola *cabrón*, que podem ser visualizadas por meio da carta 52.

**Carta 52 (QSL 111)** – Variantes lexicais para designar o “nome que se dá ao marido quando a mulher passa ele para trás” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

No aspecto diastrático, percebemos que a forma *cuernudo* foi predominante em informantes menos escolarizados com sete ocorrências (29,2%), seguida de

*cachón* com cinco (20,8%), *chifrudo* e *venado* com quatro respostas cada (16,7%), e *cabrón* e *cornu* com duas respostas cada, o que corresponde a (8,3%) do total de formas documentadas.

Em informantes mais escolarizados, a lexia *venado* foi a mais utilizada com seis ocorrências (25%), seguida de *cuernudo* com cinco (20,8%), *cabrón* com quatro (16,7%). As formas linguísticas *chifrudo*, *cornu* e *cachón* obtiveram a mesma pontuação com três respostas, resultando em (12,5%) para cada lexia.

Com relação à análise por sexo, verificamos que a lexia *cuernudo* foi a mais produtiva em ambos os sexos. Os índices demonstram que a variante *chifrudo* obteve maior utilização em informantes do sexo feminino. Já as formas linguísticas *cabrón* e *venado* obteveram maior produtividade em informantes do sexo masculino. Podemos observar os índices na tabela 52.

**Tabela 52** – Distribuição diassexual das variantes lexicais para a pergunta nº 111 (cornu) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

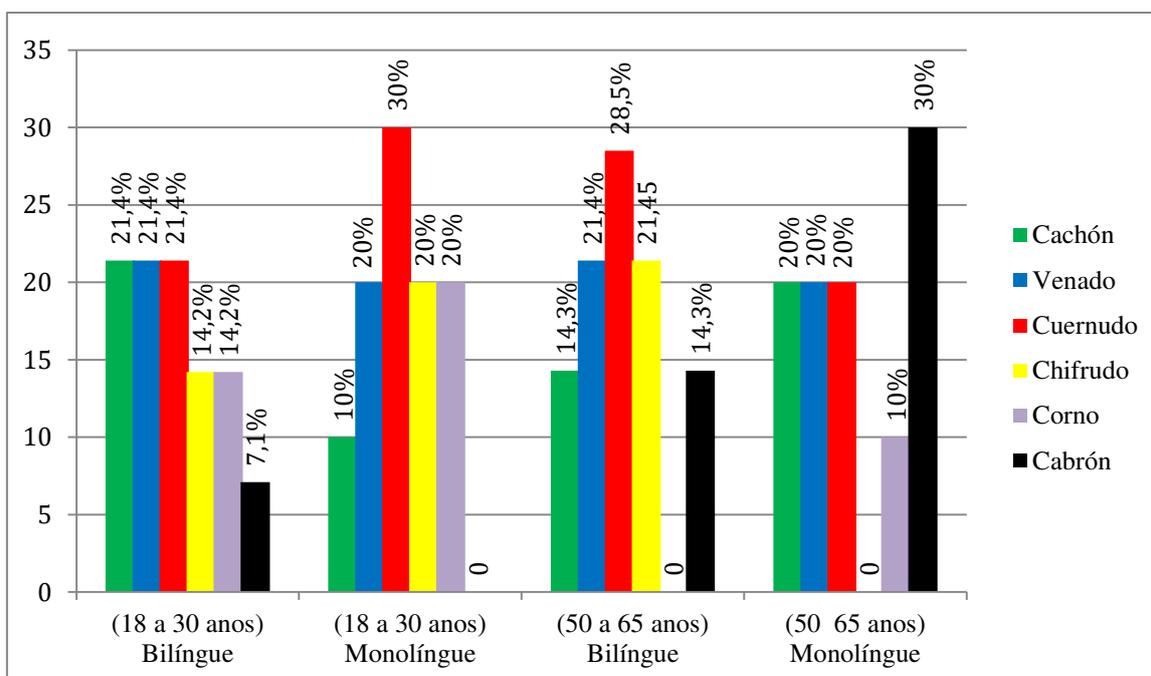
	VARIANTES LEXICAIS					
Dimensão Diassexual	Cuernudo	Chifrudo	Venado	Cachón	Cornu	Cabrón
(Mulher)	7 (29,2%)	5 (20,8%)	4 (16,7%)	4 (16,7%)	2 (8,3%)	2 (8,3%)
(Homem)	5 (20,8%)	2 (8,3%)	6 (25%)	4 (16,7%)	3 (12,5%)	4 (16,7%)
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>7</b>	<b>10</b>	<b>8</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Verificamos que no critério diageracional e dialingual os percentuais das lexias apresentaram índices aproximados em informantes mais jovens bilíngues. A forma *cuernudo* foi mais utilizada entre mais jovens monolíngues.

Diferentemente da análise feita no grupo acima, a faixa etária mais velha monolíngue obteve um percentual expressivo para o uso da lexia *cabrón* enquanto que em a bilíngues preferiu o uso da forma *cuernudo*. Os percentuais podem ser analisados no gráfico nº 52.

**Gráfico 52** – Distribuição diageracional e dialingual das variantes lexicais para designar o “nome que se dá ao marido quando a mulher passa ele para trás” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Os índices apontaram que na zona central a forma *cachón* pontuou sete vezes (29,1%), seguido de *chifrudo* e *cuernudo* com cinco (20,8%) cada, *venado* três (12,5%), *cabrón* e *corno* pontuaram com duas respostas que totalizam (8,3%) para cada lexia.

Já os informantes de área periférica, demonstraram preferência pelo uso de

*cuernudo* com sete ocorrências (29,1%), *venado* também com sete (29,1%), *cabrón* quatro (16,7%), *corno* três (12,5%), *chifrudo* dois (8,3%) e *cachón* com apenas uma resposta (4,1%).

### 6.53 Prostituta

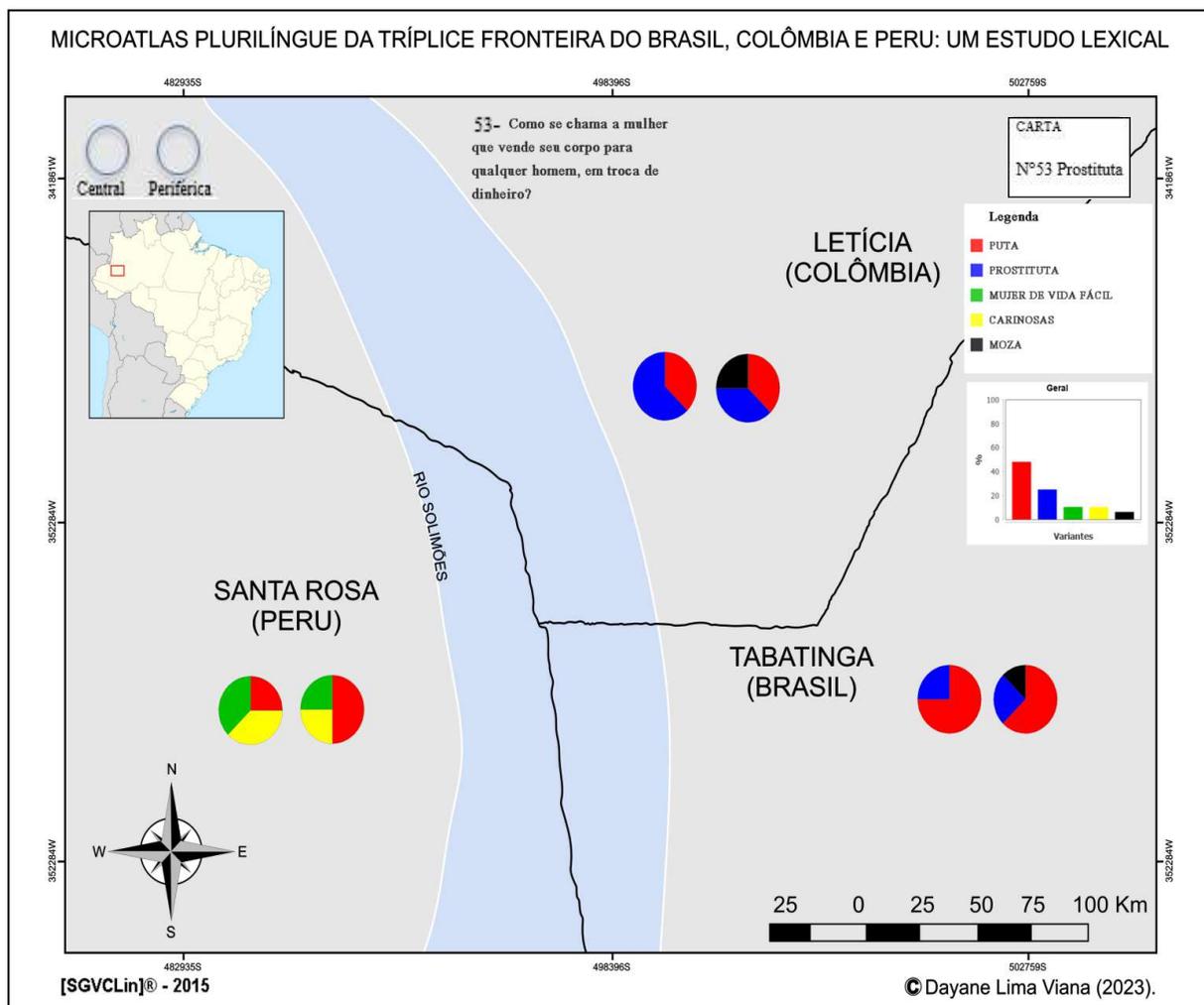
O item de nº 53 estipulou a seguinte pergunta: “como se chama a mulher que vende o seu corpo para qualquer homem em troca de dinheiro”.

Neste item observamos um alto número de variantes com seus respectivos índices gerais: *puta* 23 (47,9%), *prostituta* 12 (25%), *mujer de vida fácil* cinco (10,4%), *cariñosas* cinco (10,4%) e *moza* com três ocorrências (6,2%).

Observamos que informantes de Santa Rosa apresentaram concorrência estrita entre as lexias: *putas*, *cariñosas* e *mujer de via fácil*. Em Letícia, a variante *prostituta* apresentou predomínio de utilização seguido das formas *puta* e *moza*.

Na cidade de Tabatinga, percebemos que a variante *puta* foi predominante seguido de *prostituta*, registramos ainda a utilização da forma hispânica *moza*. Na carta de nº53 apresentamos as lexias e suas respectivas ocorrências espaciais.

**Carta 53 (QSL 112)** – Variantes lexicais para designar o “a mulher que vende o seu corpo para qualquer homem em troca de dinheiro” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Notamos que no aspecto diastrático, os informantes menos escolarizados apresentaram preferência pelo uso da forma *puta* com 12 ocorrências (50%), seguido de seis respostas para a forma *prostituta* (25%). Verificamos ainda um percentual similar entre as formas *mujer de vida fácil* e *cariñosas* com três respostas, que corresponde a (12%) para cada lexia.

Em informantes com maior grau de instrução, a lexia *puta* pontuou 11 vezes (45,8%), *prostituta* seis (25%), *moza* três (12,5%), *mujer de vida fácil* e *cariñosas* cada uma com duas incidências que corresponde a (8,3%) para cada variante.

Quando passamos a analisar as ocorrências linguísticas de acordo com o enfoque diageracional, notamos que os mais jovens obtiveram índices quase paritários com relação às lexias *puta* e *prostitutas*.

Outro dado a respeito dos registros lexicais observados nos mais jovens foi a alta utilização da variante *mujer de vida fácil* comparado ao baixo registro no outro grupo etário.

Informantes mais velhos, por seu turno, preferiram utilizar a lexia *puta*. Isso nos chamou atenção, pois ao que tudo indica o grupo etário mais velho tem preferência pela forma “pejorativa”, talvez porque o fazem de acordo com juízo preconceituoso. Os percentuais das lexias podem ser verificados na tabela 53.

**Tabela 53** – Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta n° 112 (prostituta) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

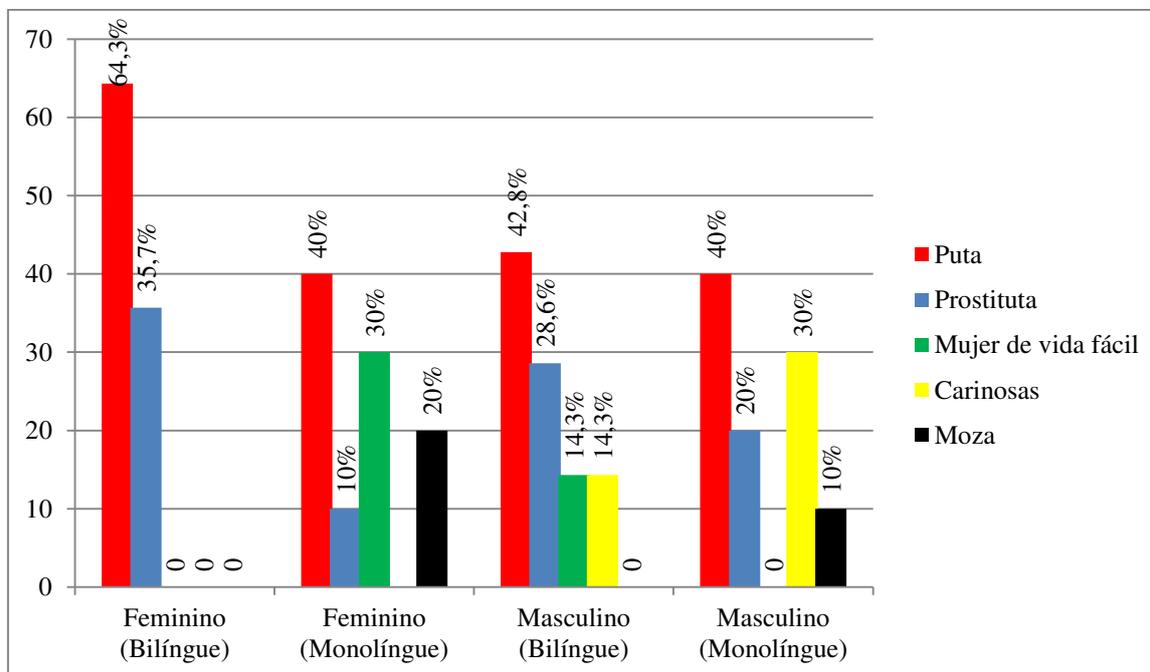
Dimensão Diageracional I	VARIANTES LEXICAIS				
	Prostituta	Putá	Mujer de vida fácil	Carinosas	Moza
(18 a 30 anos)	9 (37,5%)	8 (33,3%)	4 (16,7%)	2 (8,3%)	1 (4,2%)
(50 a 65 anos)	3 (12,5%)	15 (62,5%)	1 (4,2%)	3 (12,5%)	2 (8,3%)
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>23</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>3</b>

Fonte: Elaborado pela autora

No tocante à análise diasssexual e dialingual, os dados revelam que mulheres (bilíngues e monolíngues) e homens (bilíngues e monolíngues) obtiveram uso preferencial pela lexia *puta*. Todavia, com relação ao grau de frequência o grupo de mulheres bilíngues) utilizou essa lexia com maior proporção, havendo até mesmo a ausência de outras formas linguísticas.

A variante “*mujer de vida fácil*” foi mais expressiva em mulheres monolíngues. Por outro lado, o termo *carinosas* obteve maior percentual em homens monolíngues. A frequência de utilização das variantes pode ser analisada no gráfico n° 53.

**Gráfico 53** – Distribuição diasssexual e dialingual das variantes lexicais para designar o “a mulher que vende o seu corpo para qualquer homem em troca de dinheiro” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Na zona central, a lexia *puta* pontuou 11 vezes (45,8%), *prostituta* sete (29,2%), *mujer de vida fácil* e a lexia *cariñosas* com três ocorrências cada (12,5%).

Já na zona periférica a variante *puta* foi mencionada 12 vezes (50%), *prostituta* cinco (20,8%), *moza* e *mujer de vida fácil* com três ocorrências (12,5%) para cada forma.

### 6.54 Gay

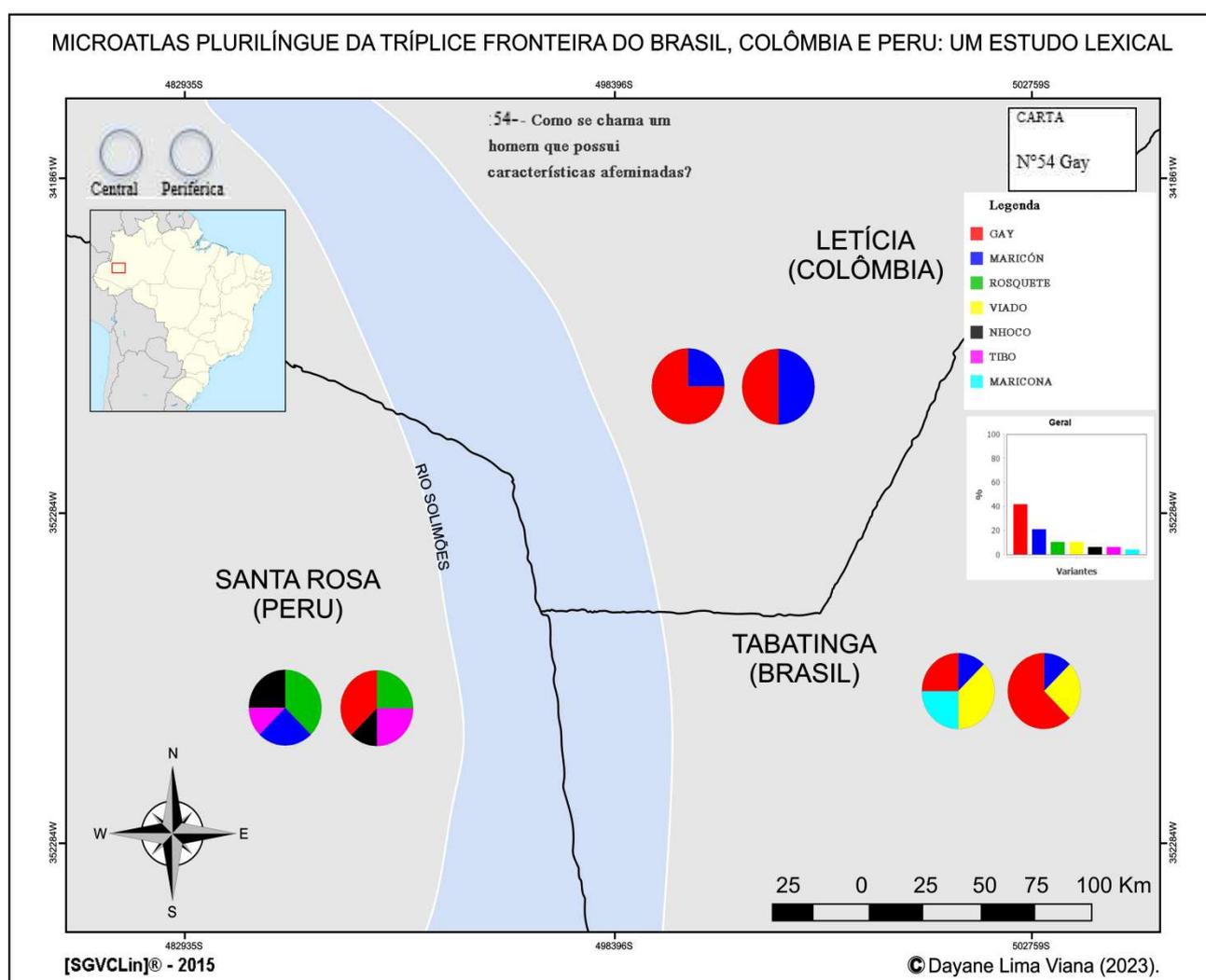
No item de número 54 (114) analisamos as formas existentes para designar “o homem com características afeminadas” nas cidades de Tabatinga, Letícia e Santa Rosa. Para tanto, realizamos os registros das seguintes lexias e seus respectivos percentuais: *gay* 20 (41,6%), *maricón* 10 (20,8%), *rosquete* cinco (10,4%), *viado* cinco (10,4%) *nhoco* três (6,2%), *tibo* três (6,2%) e *maricona* dois (4,1%).

O grande quantitativo de formas linguísticas chamou atenção tendo como pontos de maior variabilidade as cidades de peruana e a brasileira. Os dados revelam

que na cidade de Santa Rosa as formas: *rosquete* ~ *tibo* ~ *gay* ~ *maricón* ~ *nhoco* estão em intensa concorrência.

O mesmo ocorreu na cidade brasileira, uma vez que as variantes: *viado* ~ *gay* ~ *maricón* ~ *maricona* foram as registradas na cidade. Na cidade colombiana as lexias *gay* e *maricona* demonstram ser as formas adotadas pela comunidade. Na carta 54 podemos visualizar as ocorrências na dimensão diatópica.

**Carta 54 (QSL 114) – Variantes lexicais para designar “o homem com características afeminadas” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru**



Fonte: Elaborado pela autora

Identificamos que os informantes menos escolarizados optaram pelo uso da lexia *gay* 11 vezes (45,8%), *maricón* quatro (16,7%), *viado e rosquete* três cada (12,5%), as formas *maricona*, *tibo*, *nhoco* pontuaram uma vez, o que corresponde a (4,2%).

Informantes com grau de instrução mais elevado responderam nove vezes a lexia *gay* (37,5%), *maricón* seis (25%), as formas *viado*, *nhoco e rosquete* obtiveram dois registros cada (8,3%), *maricona* pontou apenas uma vez (4,2%).

Quando passamos a investigar as ocorrências linguísticas de acordo com o critério dialingual, notamos que o percentual da lexia *gay* foi bem mais expressiva em falantes bilíngues.

A lexia *maricona*, por sua vez, não foi registrada em falantes monolíngues, enquanto a forma *maricón* obteve o mesmo percentual tanto em informantes bilíngues quanto em monolíngues. Os percentuais das lexias podem ser vistos na tabela 54

**Tabela 54** – Distribuição dialingual das variantes lexicais para a pergunta nº 114 (*gay*) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

Dimensão Dialingual	VARIANTES LEXICAIS						
	Gay	Maricon a	Nhoco	Rosquete	Tibo	Maricón	Viado
Bilíngue	13 (46,4%)	2 (7,1%)	1 (3,5%)	2 (7,1%)	2 (7,1%)	5 (17,8%)	3 (10,7%)
Monolíngue	7 (35%)	-	2 (10%)	3 (15%)	1 (5%)	5 (25%)	2 (10%)
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>5</b>

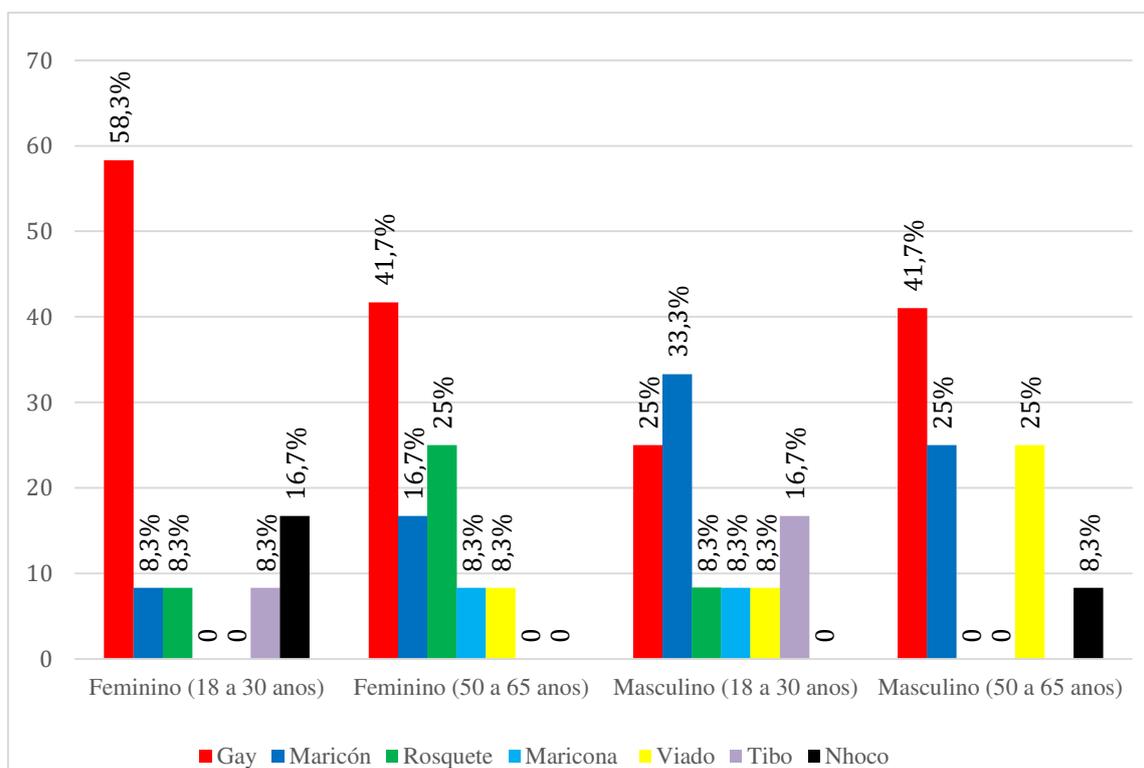
Fonte: Elaborado pela autora

A análise das dimensões diassexual e diageracional mostrou que informantes mais jovens do sexo feminino demonstraram uso expressivo da lexia *gay*. Nesse recorte de análise, registramos a ausência das formas *maricona* e *viado*.

Mesmo com menor proporção, as mulheres mais velhas revelaram preferência pela lexia *gay*. Também foi nesse grupo de observamos a maior incidência da lexia *rosquete*.

Entretanto, informantes mais jovens do sexo masculino destoaram no uso preferencial das mulheres, já que a forma *maricón* foi a mais utilizada. Notamos também a maior incidência da variante *tibo* em informantes desse grupo, como podemos verificar no gráfico 54.

**Gráfico 54** – Distribuição diasssexual e diageracional das variantes lexicais para designar o “o homem com características afeminadas” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

O aspecto diazonal revelou que informantes da zona periférica obtiveram maior registro para a lexia *gay* comparada com os índices na região central, uma vez que foram computadas 12 respostas (50%) para a forma *gay*, seguida de cinco ocorrências para *maricón* (20,8%), ao passo que *rosquete*, *tibo* e *viado* foram registradas duas vezes no total de (8,3%) para cada uma. Também registramos uma ocorrência para a variante *nhoco*.

Informantes de área central responderam oito vezes a lexia *gay* (33,3%), *maricón* cinco (20,8%), *rosquete e viado* três (12,5%), *maricon* e *nhoco* duas (3%) e *tibo* com apenas uma menção (4,2%).

### 6.55 Carambola

A “brincadeira em que gira o corpo sobre a cabeça e se acaba sentado” foi a questão que compôs o questionário de nº 114.

Ao investigar esse item lexical temos por objetivo verificar as formas linguísticas que coexistem nas três comunidades.

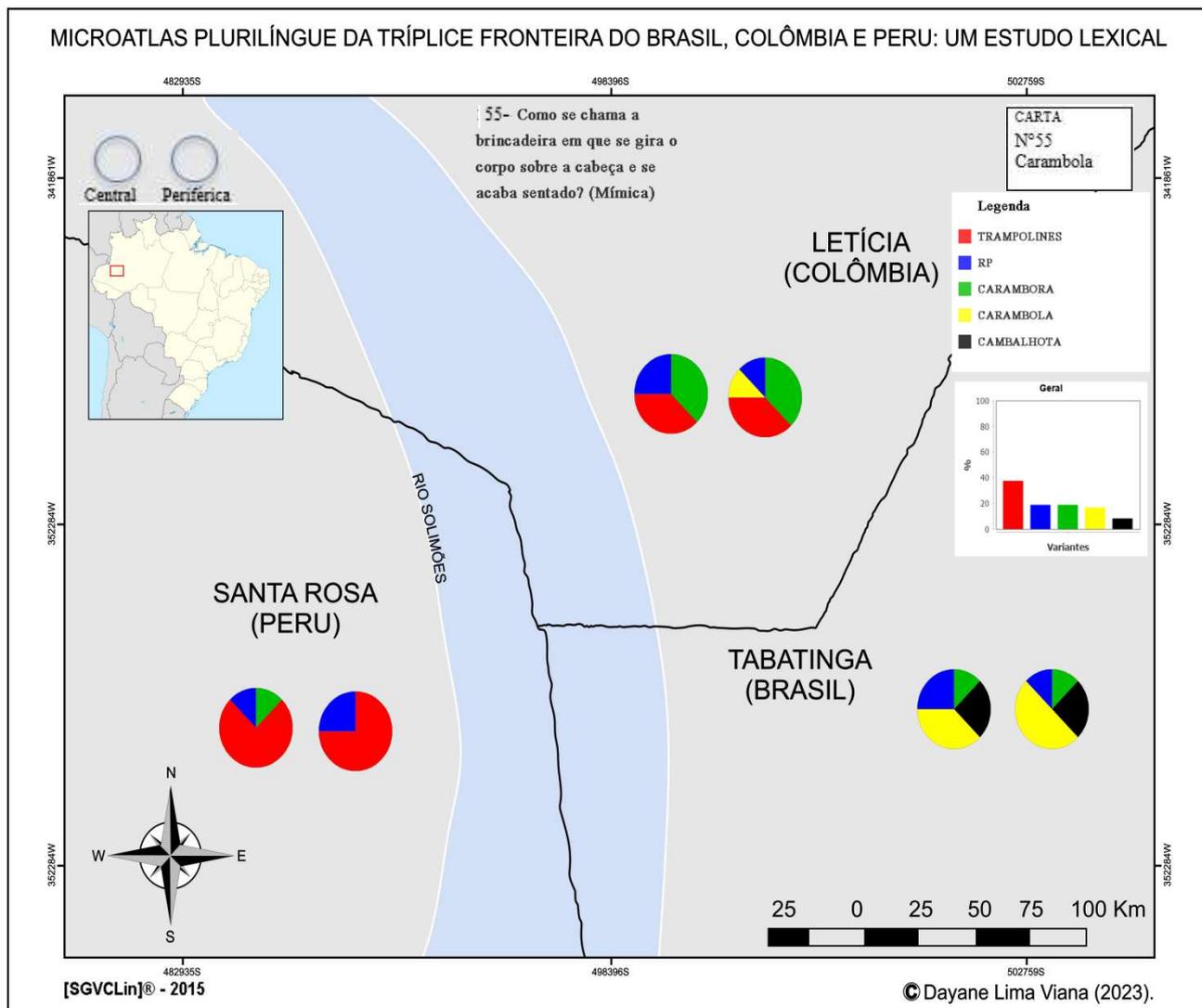
Desse modo, registramos a ocorrência de quatro variantes: *trampolines* 18 vezes (37,5%), *carambola* nove (18,7%), *rp* nove (18,7%), *carambola* oito (16,7%), *cambalhota* quatro (8,3%).

De acordo com a análise espacial, na cidade peruana prevaleceu o uso de *trampolines*, mas também registramos incidências da forma *carambola* e *respostas prejudicadas*.

Já na cidade colombiana, notamos a estrita concorrência entre as lexias *trampolines* e *carambola*, *respostas prejudicadas* e *carambola*.

Verificamos que na cidade de Tabatinga a lexia *carambola* foi predominante, seguida de *cambalhota* e *carambola*. Identificamos ainda a ocorrência de *respostas prejudicadas*, como é possível verificar na carta 55.

**Carta 55 (QSL 114)** – Variantes lexicais para designar a “brincadeira em que gira o corpo sobre a cabeça e se acaba sentado” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Observamos que na dimensão dialingual informantes bilíngues preferiram o uso da lexia *trampolines*, uma vez que obteve 10 respostas (35,7%), *carambola* sete (25%), *rp* seis (21,4%), *carambola* três (10,7%) e *cambalhota* com duas ocorrências (7,1%).

Em monolíngues, *trampolines* pontuou oito vezes (40%), *carambola* cinco (25%), *rp* três (15%), *carambola* e *cambalhota* com duas respostas cada (10%).

A análise na dimensão diageracional demonstrou a preferência pela lexia *trampolines* entre os mais velhos, a lexia *carambola* e *cambalhota* obteve maior índice entre os mais jovens. A lexia *carambola* foi registrada com o mesmo percentual em informantes das duas gerações estudadas, como é possível verificar na tabela 55.

**Tabela 55** – Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta n° 114 (carambola) na tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru

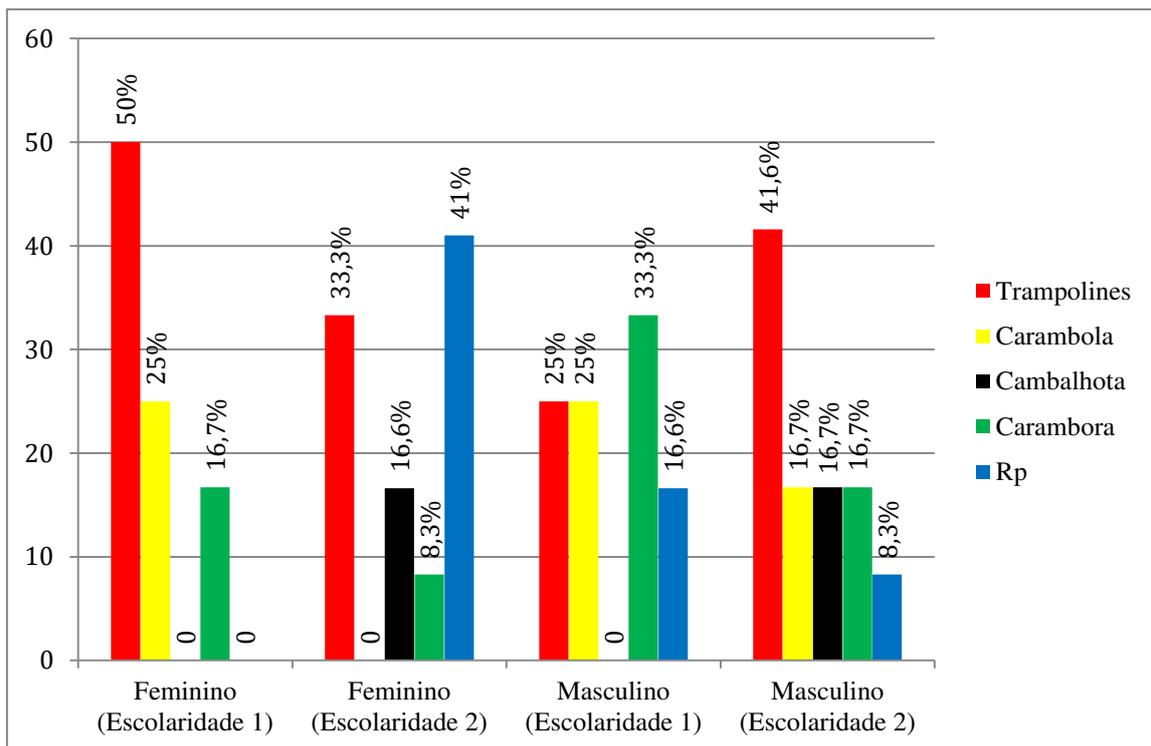
VARIANTES LEXICAIS					
Dimensão Diageracional	Trampolines	Carambora	Cambalhota	Carambola	Rp
(18 a 30 anos)	8 (33,3%)	5 (20,8%)	3 (12,5%)	4 (16,7%)	4 (16,7%)
(50 a 65 anos)	10 (41,7%)	4 (16,7%)	1 (4,1%)	4 (16,6%)	5 (20,8%)
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>9</b>	<b>4</b>	<b>8</b>	<b>9</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Em análise com enfoque diasssexual e diastrático, verificamos que mulheres menos escolarizadas apresentaram preferência pelo uso de *trampolines*, enquanto que em mulheres com maior grau de instrução percebemos a alta incidência de *respostas prejudicadas*.

Já no sexo masculino, observamos que os menos escolarizados optaram com maior produtividade pelo uso da lexia *carambora*. A forma hispânica *trampolines* e a portuguesa *carambola* foram registradas com o mesmo percentual, como podemos analisar no gráfico 55.

**Gráfico 55** – Distribuição diasssexual e diastrático das variantes lexicais para designar a “brincadeira em que gira o corpo sobre a cabeça e se acaba sentado” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Em Informantes da zona central os registos ficaram assim estabelecidos: *trampolines* nove vezes (37,5%), *carambora* e *rp* com cinco registos (20,8%), *carambola* três (12,5%), *cambalhota* com duas respostas (8,3%). Na região periférica, *trampolines* pontuou nove vezes (37,5%), *carambola* cinco (20,8%), *carambora* e *rp* com quatro respostas (16,7%) e *cambalhota* com duas ocorrências (8,3%).

### 6.56 Peteca

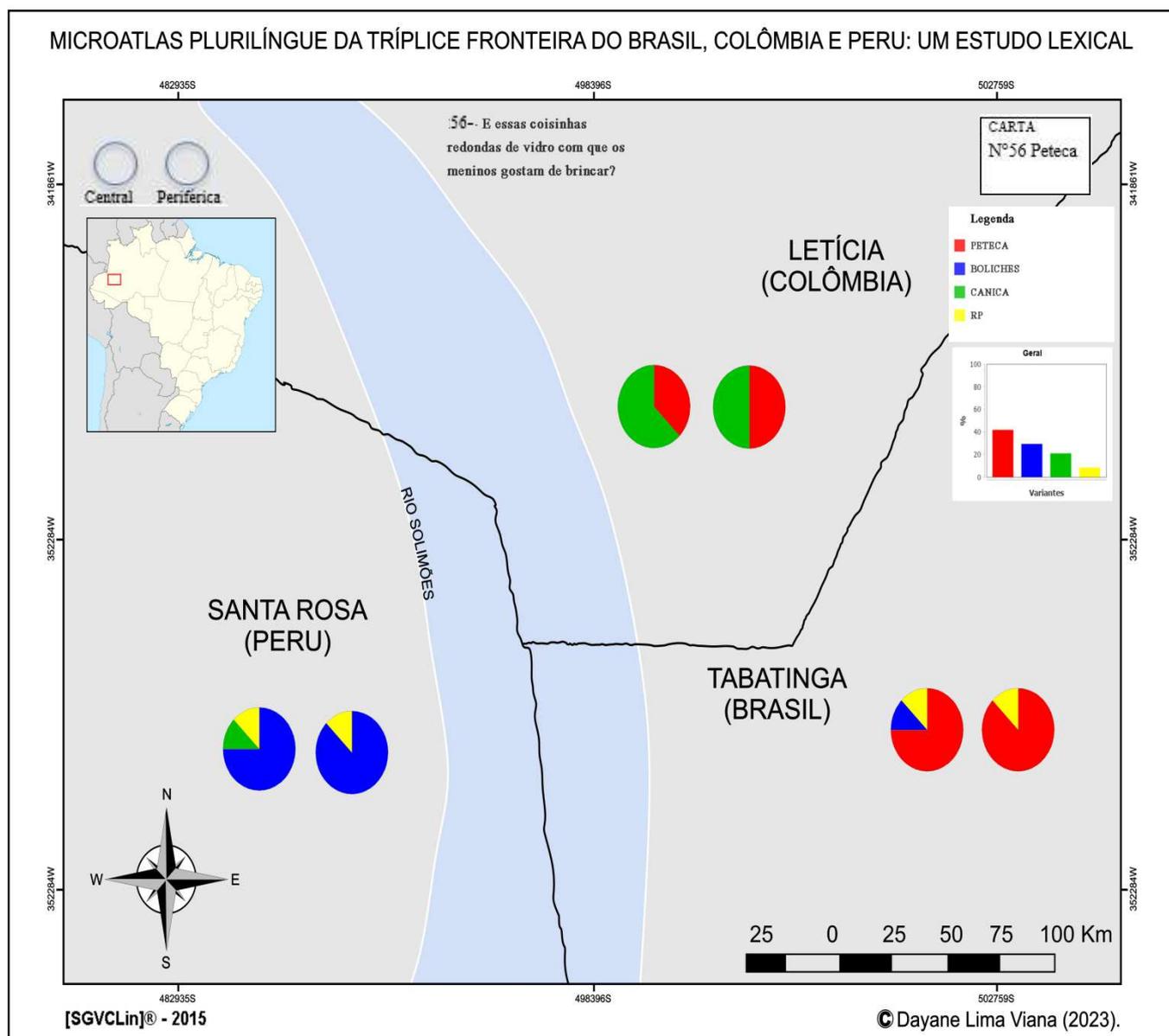
O item de nº 56 empreendeu a investigar as “bolinhas redondas de vidro que os meninos gostam de brincar”. Para este item lexical, registramos a existência de três formas linguísticas: *peteca* ~ *canica* ~ *boliches*. Os índices gerais foram: *peteca* 20 (41,6%), *boliches* 14 (29,2%), *canica* 10 (20,8%), *rp* 4 (8,3%).

O aspecto diatópico apontou que na cidade de Tabatinga *peteca* tem o uso predominante, mas também registramos a presença da lexia peruana *boliches*.

Por outro lado, notamos que na cidade de Letícia duas lexias estão em estrita variação, *canica* do espanhol e *peteca* de origem portuguesa.

Já na cidade Peruana a lexia *boliches* foi dominante, mas também houve o registro da forma colombiana *canica*. Apenas em Santa Rosa e Tabatinga observamos a ocorrência de *respostas prejudicadas*. O percentual das ocorrências linguísticas pode ser visualizado na carta 56.

**Carta 56 (QSL 115) – Variantes lexicais para designar as “bolinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru**



Fonte: Elaborado pela autora

Na análise diastrática, o estudo apontou que tanto informantes mais escolarizados quanto os menos escolarizados obtiveram o percentual semelhante no tocante a lexia *peteca* com 10 respostas (41,6%) cada.

O restante das repostas no grupo dos menos escolarizados foram: *boliches* oito (33,3%), *canica* quatro (16,7%) e duas *respostas prejudicadas* (8,3%).

Em informantes com maior grau de instrução, a lexia *boliches* pontuou seis vezes (25%), *canica* também seis (25%), e foram registradas ainda duas *respostas prejudicadas* (8,3%).

No enfoque diageracional, analisamos que a lexia *peteca* obteve maior percentual em falantes mais jovens, as formas *canica* e *boliches* apresentaram o mesmo percentual nesse grupo.

Em informantes mais velhos, as lexias *peteca* e *boliches* obtiveram percentual aproximados com diferença de apenas um dígito. Foi nesse grupo que registramos maior ocorrência de *respostas prejudicadas*, como é possível observar na tabela 55.

**Tabela 56**– Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta n° 115 (*peteca*) na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru

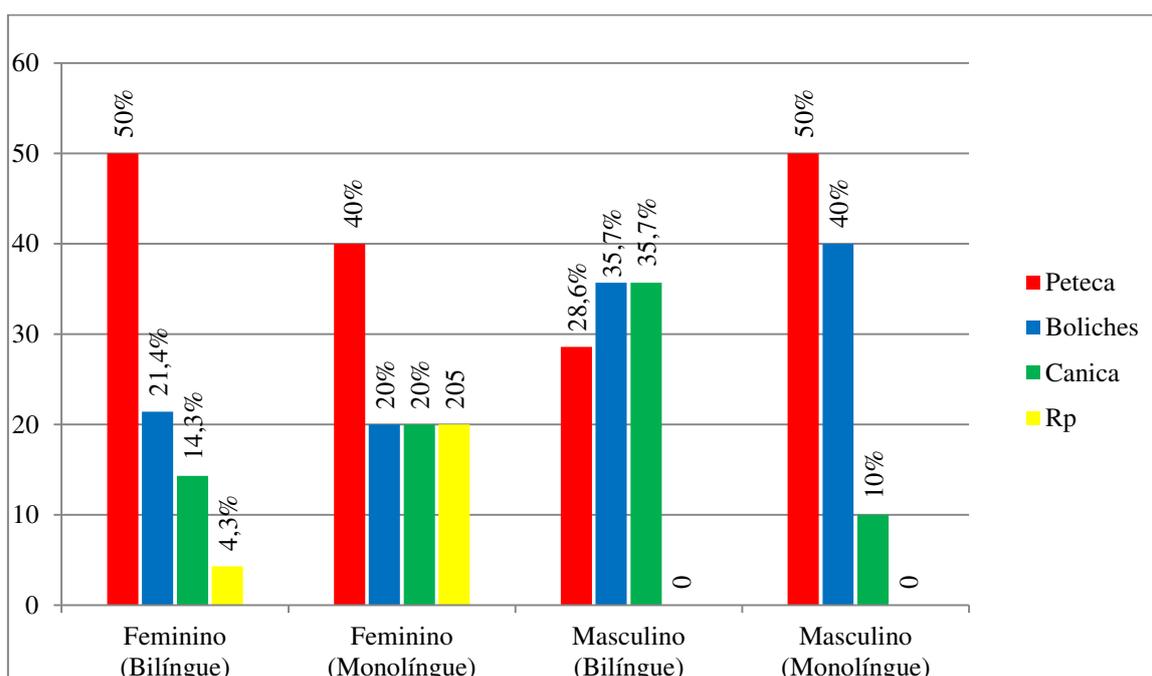
VARIANTES LEXICAIS				
Dimensão Diageracional	Peteca	Canica	Boliches	Rp
(18 a 30 anos)	11 (45,8%)	6 (25%)	6 (25%)	1 (4,1%)
(50 a 65 anos)	9 (37,5%)	4 (16,7%)	8 (33,3%)	3 (12,5%)
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>10</b>	<b>14</b>	<b>4</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Quando avaliamos a dimensão dialingual e diassexual, percebemos que a lexia *peteca* foi predominante em todos os parâmetros pesquisados, com exceção apenas de informantes masculinos bilíngues, nos quais observamos que as lexias

*boliches* e *canicas* foram as mais produtivas. Analisamos também que as *respostas prejudicadas* só foram registradas em falantes do sexo feminino, como podemos verificar no gráfico 55.

**Gráfico 56** – Distribuição dialingual e diassexual das variantes lexicais para designar as “bolinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Informantes da zona central responderam nove vezes a lexia *peteca* (37,5%), *boliches* sete (29,2%), *canica* seis (25%) e *rp* duas (8,3%). Na zona periférica, *peteca* pontuou 11 (45,8%), *boliches* sete (29,1%), *canica* quatro (16,7%) e dois registros de *rp* (8,3%).

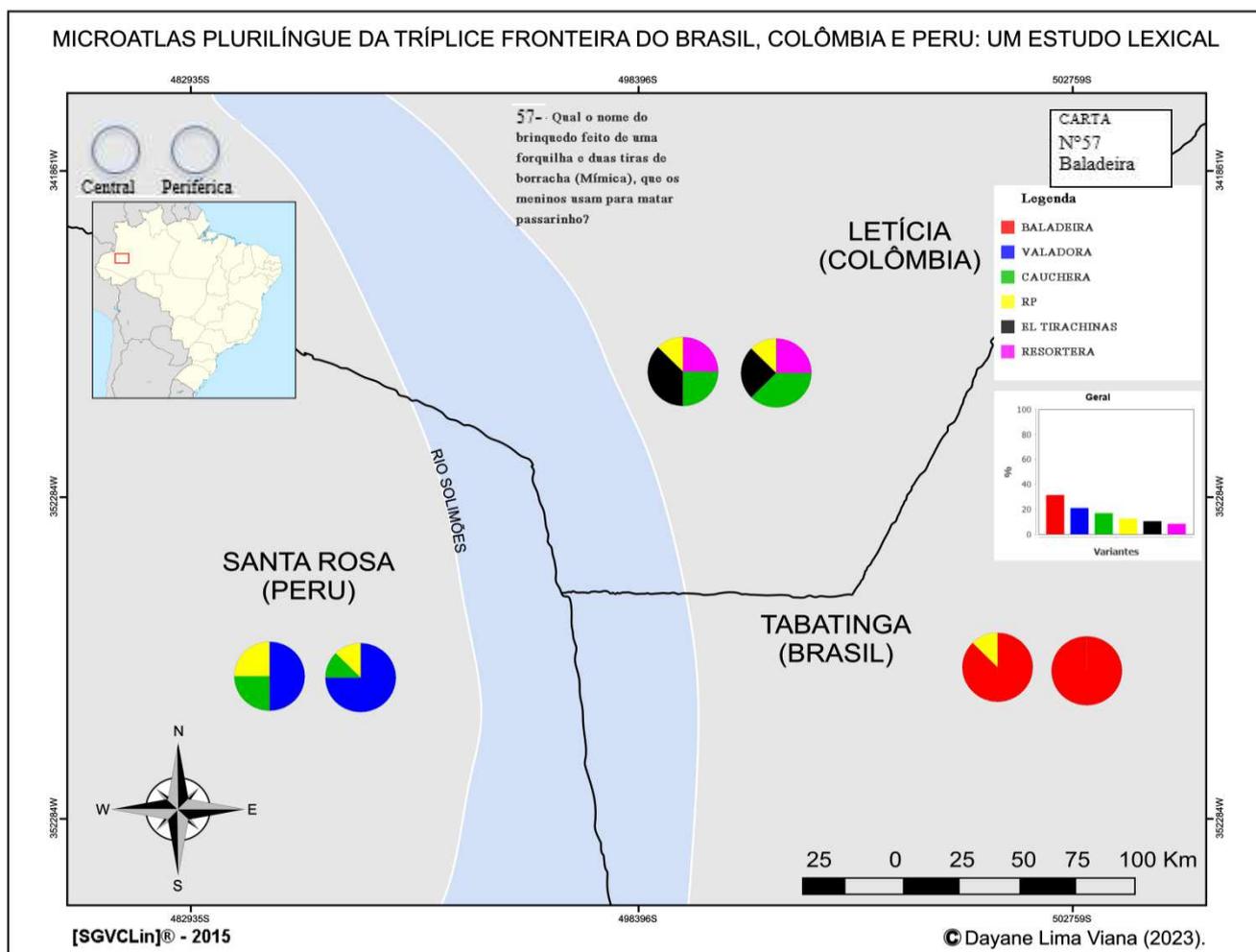
### 6.57 Baladeira

O item de nº 57 tem o intuito de analisar as formas existentes para designar “o brinquedo feito com uma forquilha e duas tiras de borracha com o qual os meninos costumam matar passarinho”.

De acordo com os dados compilados, registramos o uso de sete variantes: *baladeira* 15 (31,2%), *valadora* 10 (20,8%), *cauchera* oito (16,7%), *respostas prejudicadas* seis (12,5%), *el tirachinas* cinco (10,4%), *resortera* quatro (8,3%).

Na dimensão diatópica, verificamos o uso categórico da forma *baladeira* na cidade de Tabatinga. De perspectiva contrária, em Letícia, observamos a utilização das variantes: *cauchera*, *resortera* e *el tirachinas*. Na cidade peruana, *valadora* foi a forma predominante, mas registramos ainda a ocorrência da lexia *cauchera* e *respostas prejudicadas*. Na carta 57 podemos visualizar as ocorrências linguísticas dentro do espaço da Tríplice Fronteira.

**Carta 57 (QSL 116)** – Variantes lexicais para designar as “o brinquedo feito com uma forquilha e duas tiras de borracha com o qual os meninos costumam matar passarinho” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Informantes menos escolarizados responderam oito vezes a lexia *baladeira* (33,3%), *valadora* cinco (20,8%), *el tirachinas* quatro (16,7%), *cauchera* três (12,5%), às quais se acrescentam ainda duas ocorrências de *resortera* e *rp*, que representam (8,3%) para ambas.

Em informantes mais escolarizados, *baladeira* pontuou sete vezes (29,2%), *valadora* cinco (20,8%), *cauchera* também com cinco (20,8%), quatro *rp* (16,7%) e dois registros para forma *resortera* (8,3%).

Verificamos que no fator diassexual a lexia portuguesa *baladeira* foi predominante tanto em homens quanto mulheres, e *cauchera* foi mais produtiva em informantes do sexo feminino, enquanto a forma *valadora* obteve maior índice em informantes do sexo masculino.

Constamos a ausência da lexia *resortera* em mulheres. Trata-se, pois, de variante produzida exclusivamente pelos homens, como é possível analisar na tabela 57.

**Tabela 57** – Distribuição diassexual das variantes lexicais para a pergunta nº 116 (baladeira) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

Dimensão Diassexual	VARIANTES LEXICAIS					
	Baladeira	Rp	Cauchera	Valadora	El tirachinas	Resortera
Feminino	7 (29,1%)	5 (20,8%)	5 (20,8%)	4 (16,7%)	3 (12,5%)	-
Masculino	8 (33,3%)	1 (4,2%)	3 (12,5%)	6 (25%)	2 (8,3%)	4 (16,7%)
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>10</b>	<b>5</b>	<b>4</b>

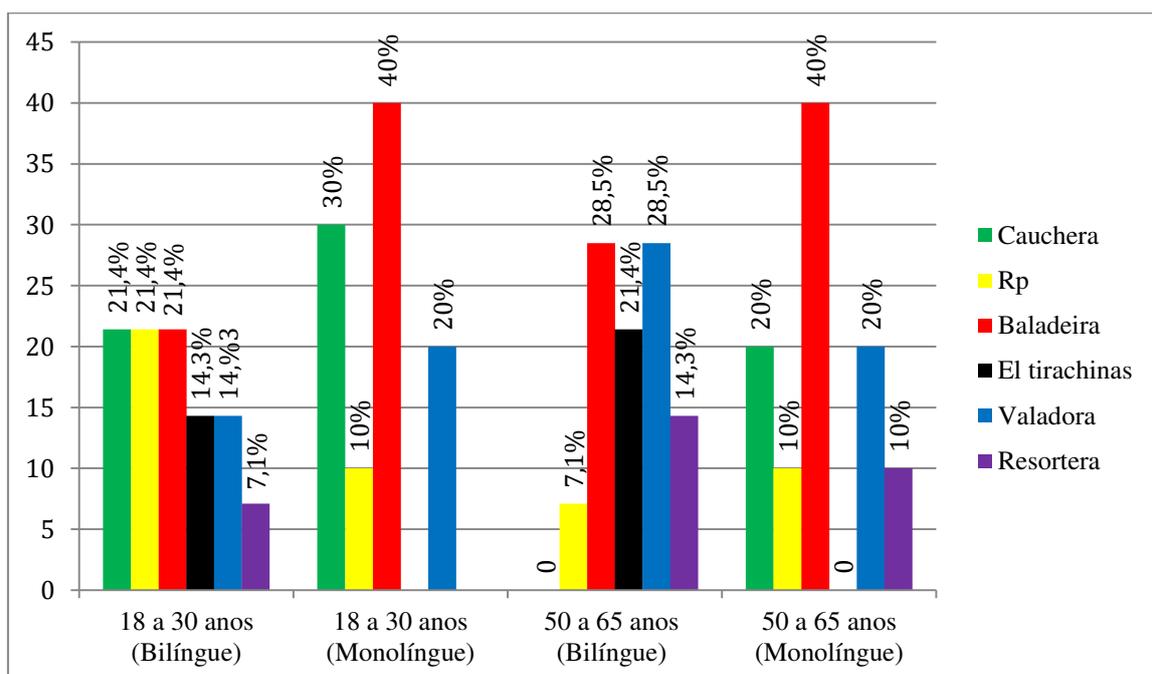
Fonte: Elaborado pela autora

Quando avaliamos as ocorrências linguísticas de acordo com os critérios diageracional e dialingual, o estudo revelou que as variantes estão sendo difundidas de modo diferenciado dentro dos grupos pesquisados, visto que monolíngues das duas faixas etárias estudadas (18 a 30 anos) e (30 a 65 anos) demonstraram preferência pelo uso da forma *baladeira*.

Diferentemente da constatação acima, notamos que as lexias se apresentam bem distribuídas em informantes bilíngues nas duas gerações. Em alguns casos, observamos até mesmo percentuais paritários, indicando que as lexias portuguesa e hispânica estão em estrita variação especificamente em falantes que dominam mais de uma língua.

Nossa afirmação basea-se nas constatações observadas em bilíngues da geração mais jovem que apresentaram frequência similar das lexias *cauchera* e *baladeira*, enquanto, em bilíngues mais velhos, notamos índice parêlo entre as lexias *baladeira* e *valadora*. Os percentuais podem ser verificados no gráfico 57.

**Gráfico 57** – Distribuição diageracional e dialingual das variantes lexicais para designar “o brinquedo feito com uma forquilha e duas tiras de borracha com o qual os meninos costumam matar passarinho” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Informantes da zona central demonstraram preferência pelo uso de *baladeira* com sete respostas (29,1%), *valadora* quatro (16,7%), *cauchera* também com quatro respostas (16,7%), *rp* quatro (16,6%), *el tirachinas* com três (12,5%) e *resortera* com dois registros (8,3%).

Informantes da zona periférica pontuaram oito vezes *baladeira* (33,3%), *valadora* seis (25%), *cauchera* quatro (16,7%), *resortera*, *rp* e *el tirachinas* com duas ocorrências cada, o que corresponde ao índice de (8,3%) para cada lexia.

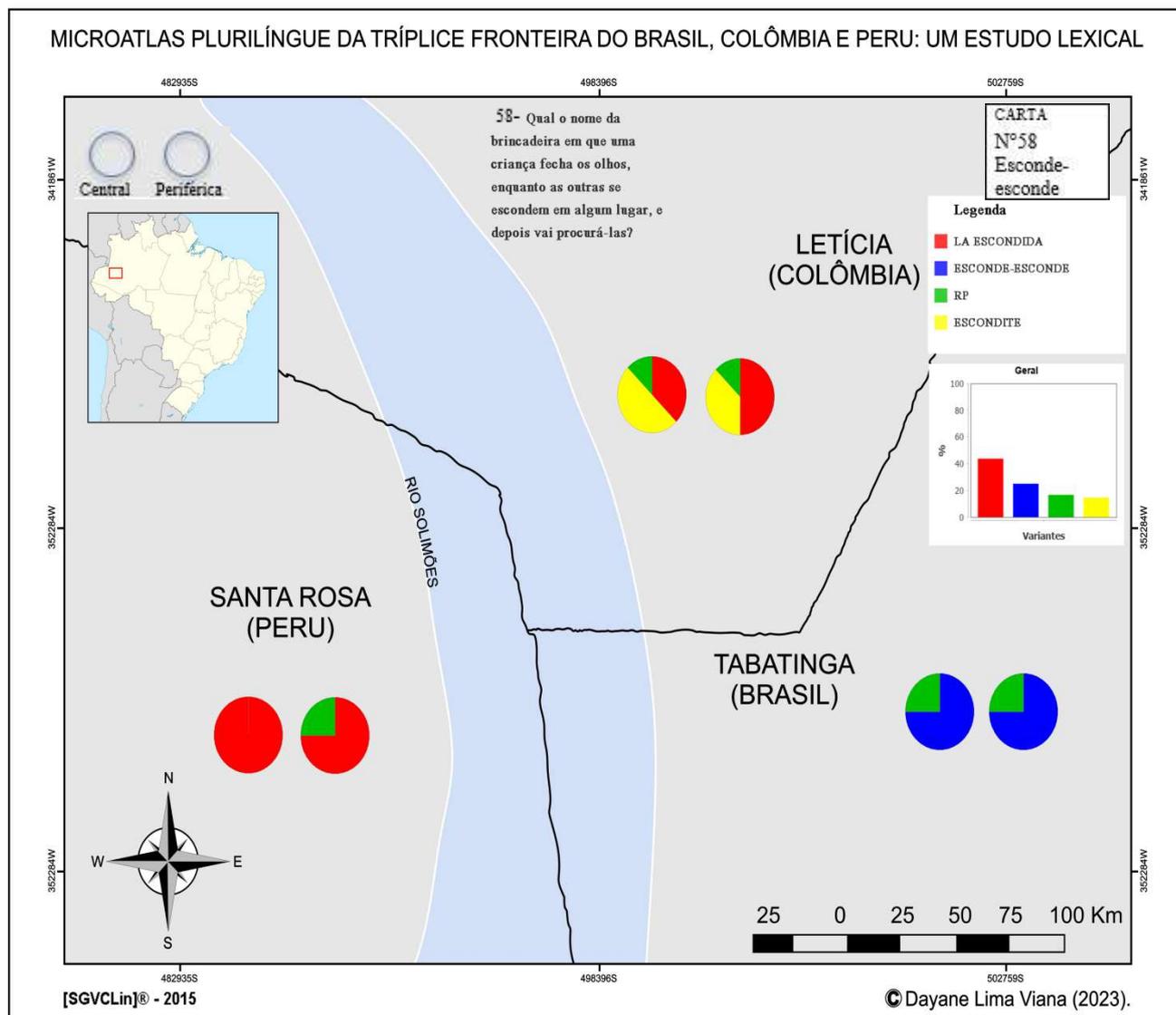
### 6.58 Esconde-esconde

O item lexical de nº 58 investigou as formas existentes para designar o “nome da brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras se escondem em algum lugar”. Para essa questão, registramos as seguintes variantes com seus respectivos índices gerais: *la escondida* 21 (43,7), *esconde-esconde* 12 (25%), *rp* 8 (16,6%) e *escondite* 7 (14,6%).

No critério diatópico, moradores de Santa Rosa e Tabatinga apresentaram uso categórico da forma *la escondite* e *esconde-esconde*, respectivamente.

Já na cidade colombiana as formas *la escondite* e *escondite* foram registradas. A propagação das variantes dentro do espaço diatópico pode ser observada na carta 58.

**Carta 58 (QSL 117)** – Variantes lexicais para designar o “nome da brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras se escondem em algum lugar” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

A análise entre as zonas revelou que informantes da zona central responderam 11 vezes a forma *la escondite* (45,8%), *esconde-esconde* seis vezes (25%), *escondite* quatro (16,7%) e três *respostas prejudicadas* (12,5%). Na zona periférica, *la escondida* pontuou 10 vezes (41,7%) *esconde-esconde* seis (25%), *rp* cinco (20,8%), *escondite* três (12,5%).

Observamos que no fator dialingual a forma *la escondite* foi expressiva em monolíngues, já a lexia *esconde-esconde* obteve o mesmo índice em bilíngues e monolíngues. Notamos ainda que falantes monolíngues obtiveram maior incidência de *respostas prejudicadas* e a forma hispânica *escondite* foi mais produtiva em falantes monolíngues. Os percentuais das ocorrências linguísticas podem ser visualizados na tabela 58.

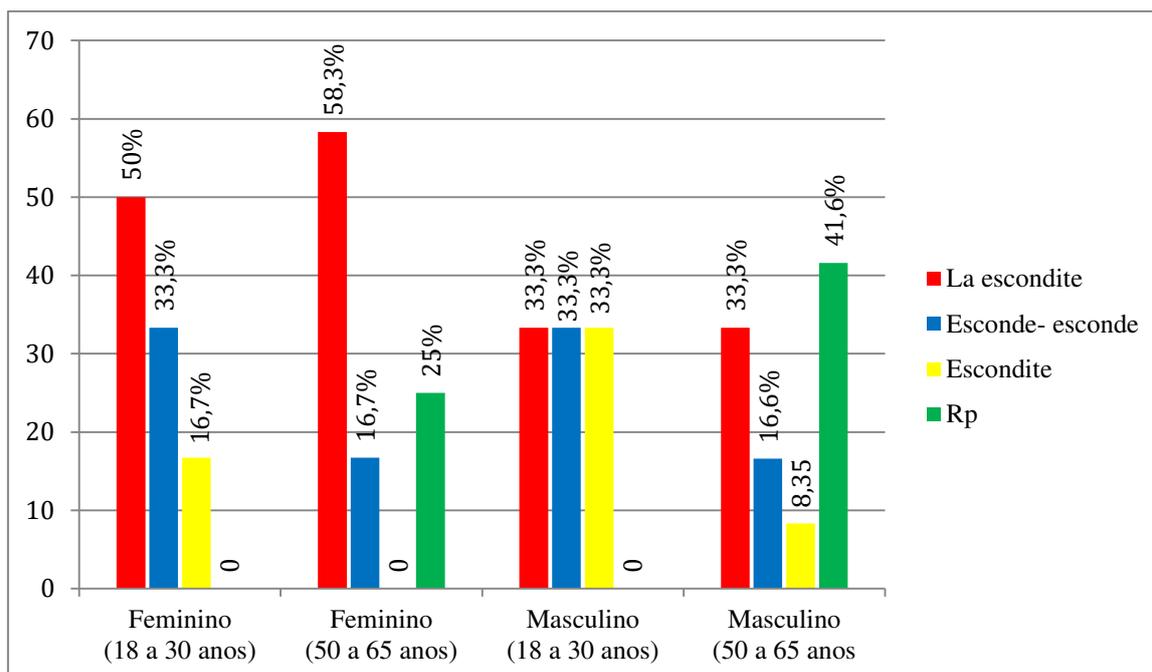
**Tabela 58**– Distribuição dialingual das variantes lexicais para a pergunta nº 117 (esconde-esconde) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

**Fonte:**

Dimensão Dialingual	VARIANTES LEXICAIS			
	La escondite	Esconde-esconde	Rp	Escondite
Monolíngue	12 (42,8%)	6 (21,4%)	5 (17,8%)	5 (17,8%)
Bilíngue	9 (45%)	6 (30%)	3 (15%)	2 (10%)
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>12</b>	<b>8</b>	<b>7</b>

Quando avaliamos a dimensão diassexual e diageracional, verificamos que a *lexia* hispânica *la escondite* foi predominante no grupo das mulheres das duas faixas etárias estudadas. Por outro lado, observamos a ocorrência de índices paritários entre as *lexias* *la escondite*, *esconde-esconde* e *escondite* no parâmetro homens mais jovens, como é possível analisar no gráfico 58.

**Gráfico 58** – Distribuição diassexual e diageracional das variantes lexicais para designar “a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras se escondem em algum lugar” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Avaliamos também que a lexia *la escondite* foi mais produtiva em informantes menos escolarizados com 13 respostas (54,1), *esconde-esconde* com cinco (20,8%), *respostas prejudicadas* quatro (16,7%) e *escondite* duas (8,3%).

Em informantes mais escolarizados, *la escondida* obteve oito ocorrências (33,3%), *esconde-esconde* sete (29,1%), *escondite* cinco (20,8%) e quatro *respostas prejudicadas* (16,6%).

## 6.59 Pira

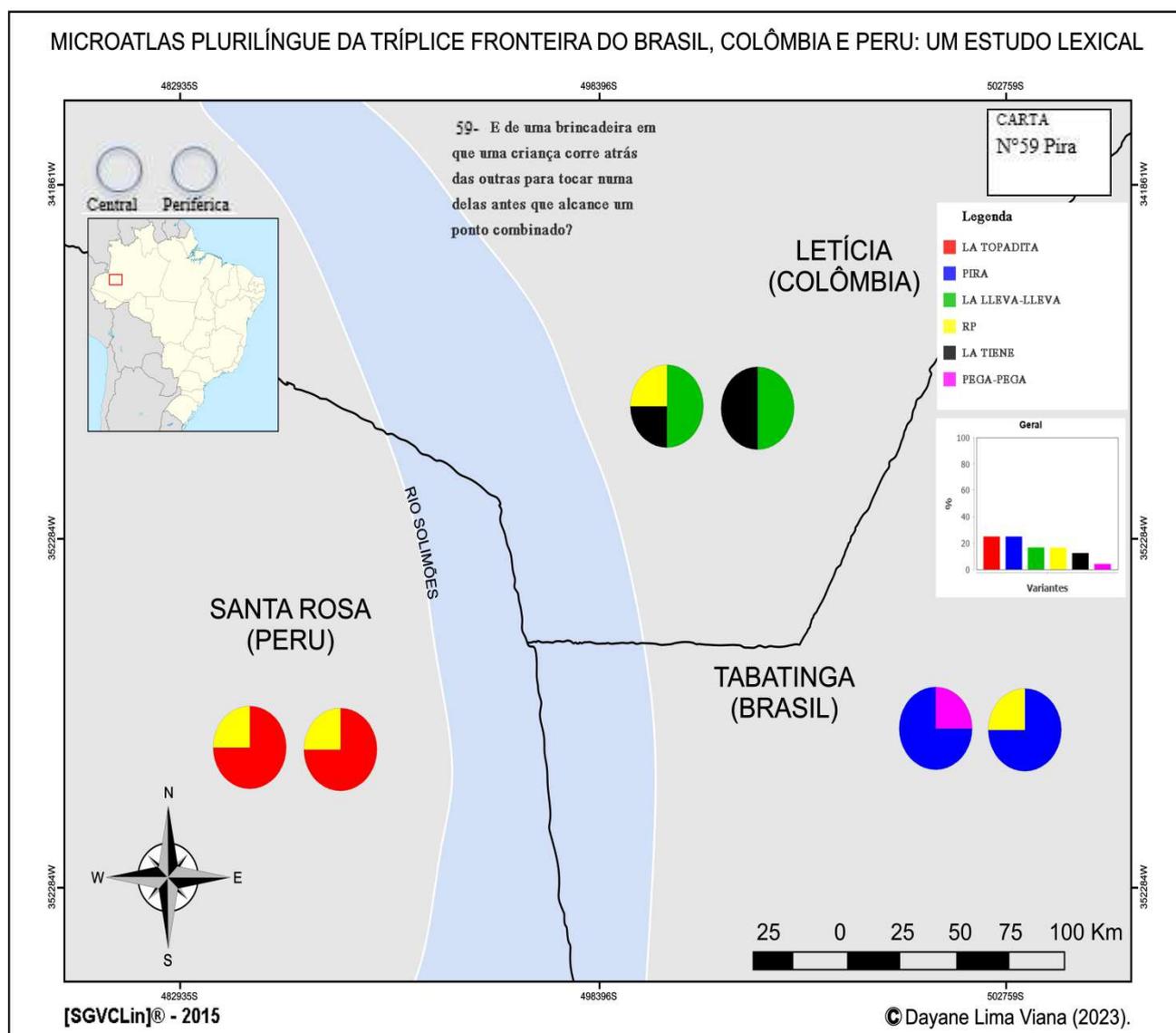
A brincadeira muito comum em crianças é a que “uma corre atrás das outras para tocar numa delas”, item lexical que compôs nosso (QSL) e aqui identificada com o n° 59.

Para designar a referida brincadeira, foram documentadas cinco formas linguísticas que na Tríplice Fronteira: *la topadita* 12 (25%), *pira* 12 (25%), *rp* oito (16,6%), *la lleva-lleva* oito (16,6%), *la tiene* seis (12,5%), *pega-pega* duas (4,1%).

Em análise diatópica notamos que *la topadita* foi a forma preponderante na cidade peruana. As expressões *la lleva-lleva* e *la tiene* foram as formas observadas em variação dentro do espaço geográfico colombiano.

Na cidade brasileira, por sua vez, a lexia *pira* demonstrou-se com expressiva dominância. Mesmo com menor proporção, também registramos em Tabatinga a lexia *pega-pega*. Na carta 59 é possível analisar as ocorrências linguísticas dentro do espaço da Tríplice Fronteira.

**Carta 59 (QSL 119)** – Variantes lexicais para designar a “brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Notamos que na dimensão diastrática informantes com menor nível de instrução formal responderam sete vezes a lexia *pira* (29,1%), *la topadita* seis (25%), *la lleva-lleva* cinco (20,8%), *rp* quatro (16,6%) e *la tiene* com dois registros (8,3%).

Em infomantes com maior nível de instrução responderam seis vezes *la topadita* (25%), *pira* cinco (20,8%), *la tiene* quatro (16,7%), *rp* também com quatro (16,6%), *la lleva-lleva* com três (12,5%) e *pega-pega* com duas ocorrências, que somam o percentual de (8,3%).

O estudo apontou que a lexia portuguesa *pira* foi mais produtiva em mulheres, a forma hispânica *lleva-lleva* obteve o mesmo índice entre homens em mulheres. O termo *la tiene* obteve maior incidência em mulheres, ao passo que notamos um maior índice de *respostas prejudicadas* em informantes do sexo masculino. Os números absolutos e relativos de cada uma das variantes lexicais podem ser analisados na tabela 59.

**Tabela 59**– Distribuição diassexual das variantes lexicais para a pergunta nº 119 (*pira*) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

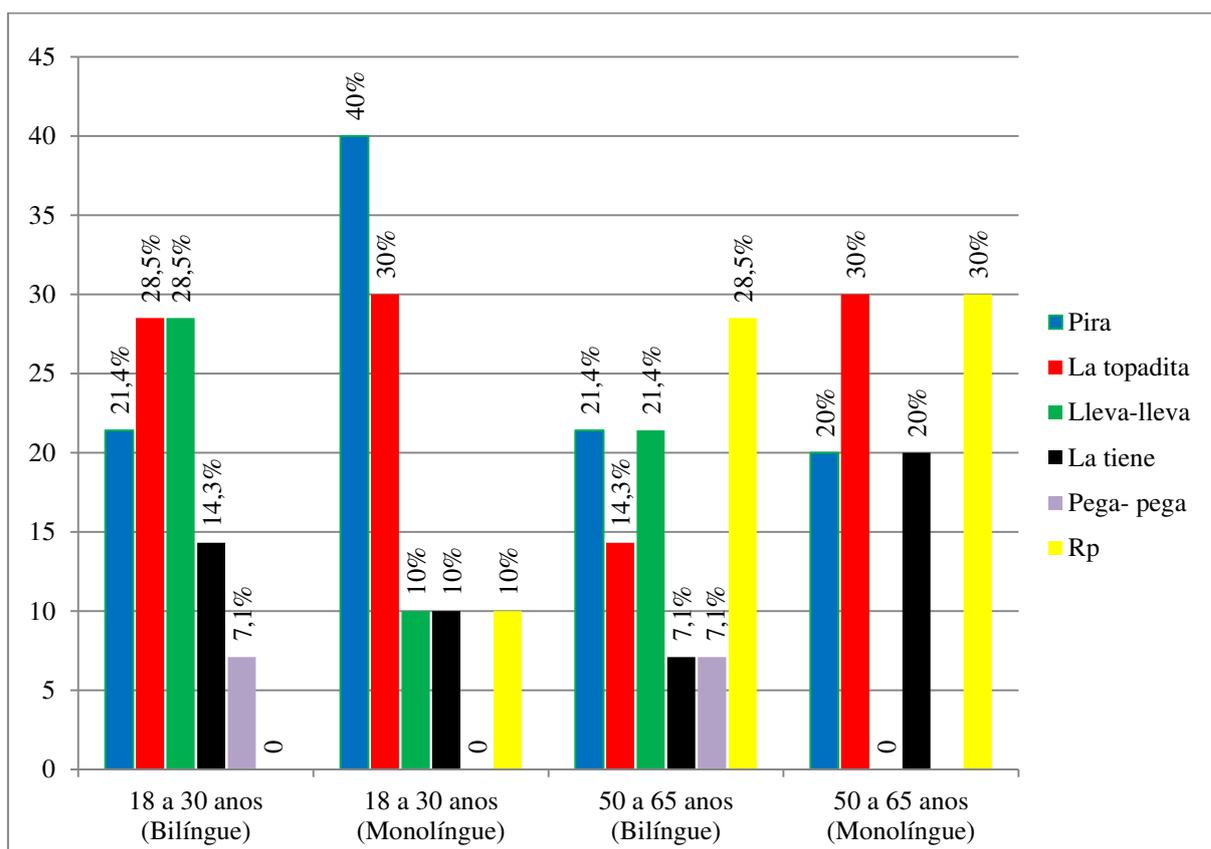
VARIANTES LEXICAIS						
Dimensã o Diassexu al	Pira	La topadita	La lleva- lleva	La tiene	Pega- pega	Rp
Mulher	8 (33,3%)	7 (29,1%)	4 (16,6%)	4 (16,6%)	-	1 (4,1%)
Homem	4 (16,6%)	5 (20,8%)	4 (16,6%)	2 (8,3%)	2 (8,3%)	7 (29,1%)
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>12</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>8</b>

Fonte: Elaborado pela autora

A análise com enfoque diageracional e dialingual revelou que informantes mais jovens e bilíngues demonstraram preferência pelo uso das lexias hispânicas *la topaditas* e *lleva-lleva*. Por outro lado, falantes mais jovens e monolíngues optaram por utilizar a lexia portuguesa *pira*.

No tocante aos índices em informantes mais velhos, observamos elevado número de *respostas prejudiadas* em bilíngues e monolíngues. Possivelmente, isso ocorre devido ao fato de que a referida brincadeira infantil é mais praticada por meninas do que por meninos. Os registros estatísticos podem ser conferidos no gráfico 58.

**Gráfico 59** – Distribuição diageracional e dialingual das variantes lexicais para designar a “brincadeira em que uma corre atrás das outras para tocar numa delas” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Na zona central, os índices de ocorrências linguísticas ficaram assim consolidados: *pira* com seis respostas (25%), *la topadita* também com seis (25%), *la*

*lleva-lleva* quatro (16,6%), *rp* 4 (16,6%), *la tiene e pega-pega* com dois registros (8,3%).

Na zona periférica, a lexia *pira* pontuou seis vezes (25%), *la topadita* também seis (25%), *la tiene, lleva-lleva e rp* com quatro respostas, o que corresponde a (16,6%) do índice geral.

### 6.60 Amarelinha

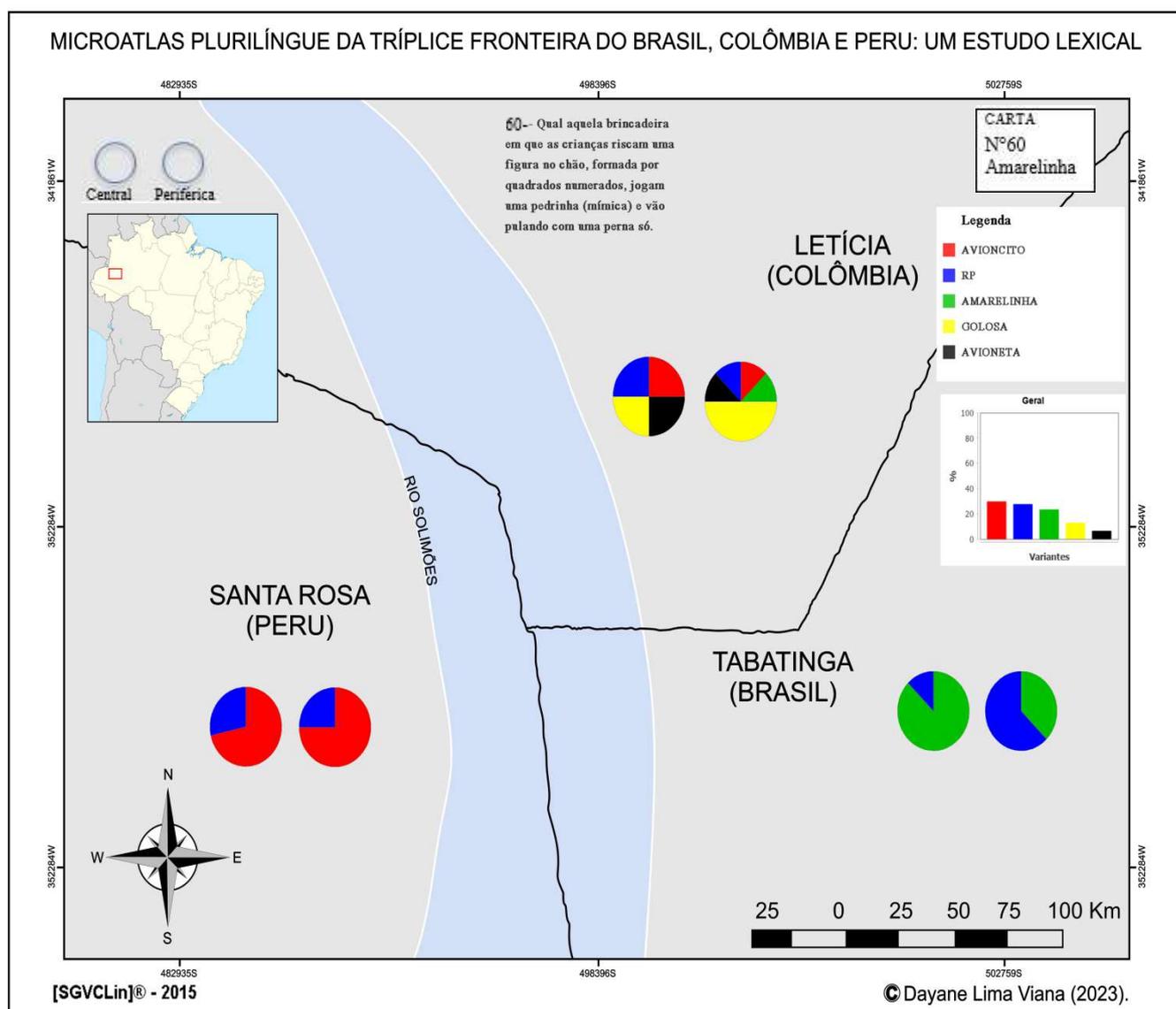
O item lexical de nº 60 empreendeu investigar a “brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formando um quadrado numérico, depois jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só”.

De acordo com nossos registros, computamos a existência quatro formas com seus respectivos percentuais no espaço geográfico investigado: *avioncito* 14 (29,8%), *rp* 13 (27,6%), *amarelinha* 11 (23,4%), *golosa* 6 (12,7%) e *avioneta* 3 (6,4%). Não houve realização da variante *macaca*, apesar de ser uma designação recorrente do português falado no norte do Brasil, como bem revelam o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM e o Atlas Linguístico do Brasil – AliB.

A análise diatópica revelou que a lexia *avioncito* foi dominante na cidade peruana. Em Tabatinga, por sua vez, a forma mais produtiva foi *amarelinha*.

De perspectiva contrária a Tabatinga e Santa Rosa, verificamos que em Letícia houve maior quantitativo de variantes: *golosa* foi a mais produtiva, seguido de *avioncito*, *avioneta* e até mesmo a forma portuguesa *amarelinha*. A disposição geográfica das variantes pode ser conferida na carta 60.

**Carta 60 (QSL 120)** – Variantes lexicais para designar a “brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formando um quadrado numérico, depois jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

A forma *avioncito* foi dominante tanto em informantes mais escolarizados quanto em menos escolarizados com o índice de sete ocorrências, o que corresponde a (29,1%) para cada grupo.

Observamos também um alto índice de *respostas prejudicadas* nos dois grupos estudados, pois registramos sete ocorrências em informantes de escolaridade 1 e seis na de escolaridade 2.

Os demais índices no grupo dos menos escolarizados foram: *amarelinha* cinco (20,8%), *golosa* três (12,5%) e *avioneta* dois (8,3%). Em falantes com maior nível de instrução formal, os registros foram: *amarelinha* seis (26,1%), *golosa* três (13%) e *avioneta* com apenas uma ocorrência (4,3%)

Averiguamos também o grande quantitativo de *respostas prejudicadas* em falantes monolíngues. No grupo de bilíngues a lexia portuguesa *amarelinha* e a hispânica *avioncito* obtiveram o mesmo percentual de ocorrências. A distribuição dos demais índices pode ser conferida na tabela 60.

**Tabela 60**– Distribuição dialingual das variantes lexicais para a pergunta nº 120 (amarelinha) na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru

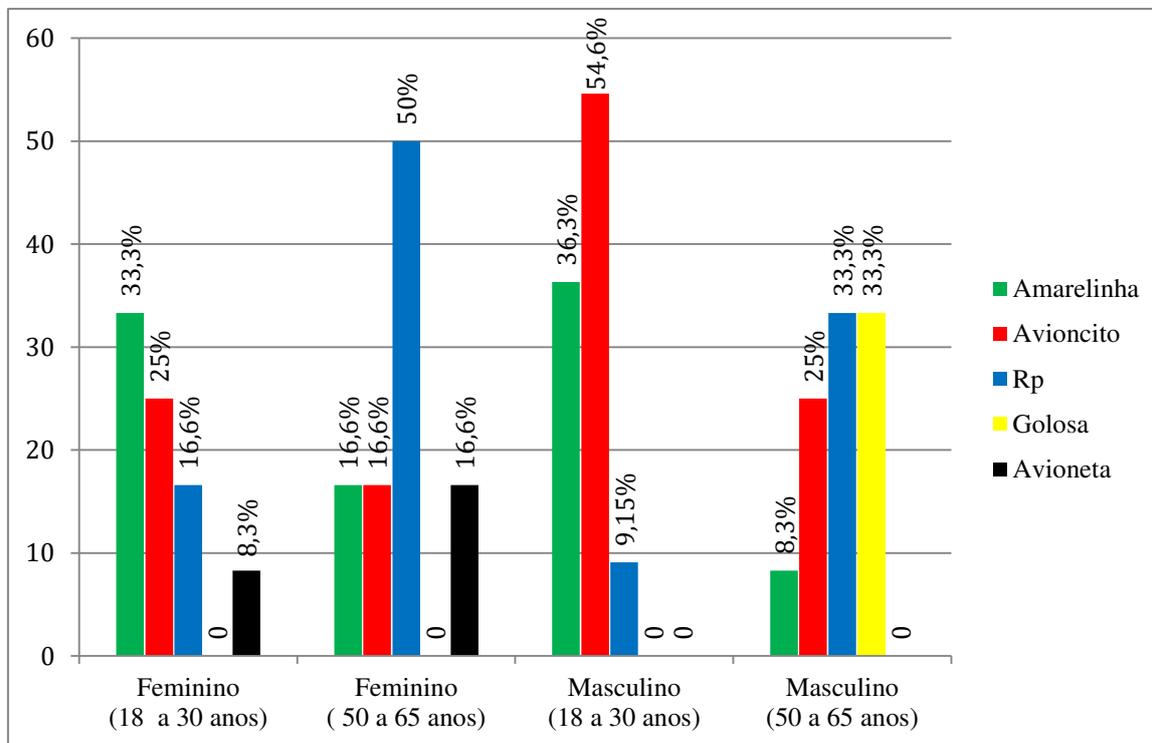
VARIANTES LEXICAIS					
Dimensão Dialingual	Amarelinha	Avioncito	Golosa	Avioneta	Rp
Monolíngue	3 (15,8%)	6 (31,6%)	2 (10,5%)	-	8 (42,1%)
Bilíngue	8 (28,5%)	8 (28,5%)	4 (14,3%)	3 (10,7%)	5 (17,8%)
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>14</b>	<b>6</b>	<b>3</b>	<b>13</b>

Fonte: Elaborado pela autora

A análise com enfoque no aspecto diassexual e diageracional demonstrou que homens e mulheres mais jovens têm preferência pelos termos *amarelinha* e *avioncito*, uma vez que as lexias aparecem de forma expressiva nestes grupos.

Verificamos também um grande índice de *respostas prejudicadas* em homens e mulheres mais velhas, o que aponta que estes informantes desconhecem o item lexical. Os percentuais de cada variante podem ser analisados no gráfico 60

**Gráfico 60** – Distribuição diasssexual e diageracional das variantes lexicais para designar a “brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formando um quadrado numérico, depois jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Constatamos que na zona central a lexia *amarelinha* pontuou sete vezes (30,4%), *avioncito* também sete (30,4%), *rp* cinco (21,7%), *avioneta* e *golosa* com duas respostas cada (8,7%).

Na zona periférica, observamos uma alta ocorrência de *respostas prejudicadas*, totalizando oito registros (33,3%) e *avioncito* com sete (29,1%), *amarelinha* quatro (16,7%), *golosa* quatro (16,6%) e *avioneta* com apenas um registro (4,1%).

### 6.61 Agouro

Item de nº 61 investigou as crenças do povo da Tríplice Fronteira que se refere ao “que pode indicar presságio, doença ou morte”. Consideramos importante a inserção do item lexical no QSL, pois revela o modo com que os falantes do espaço

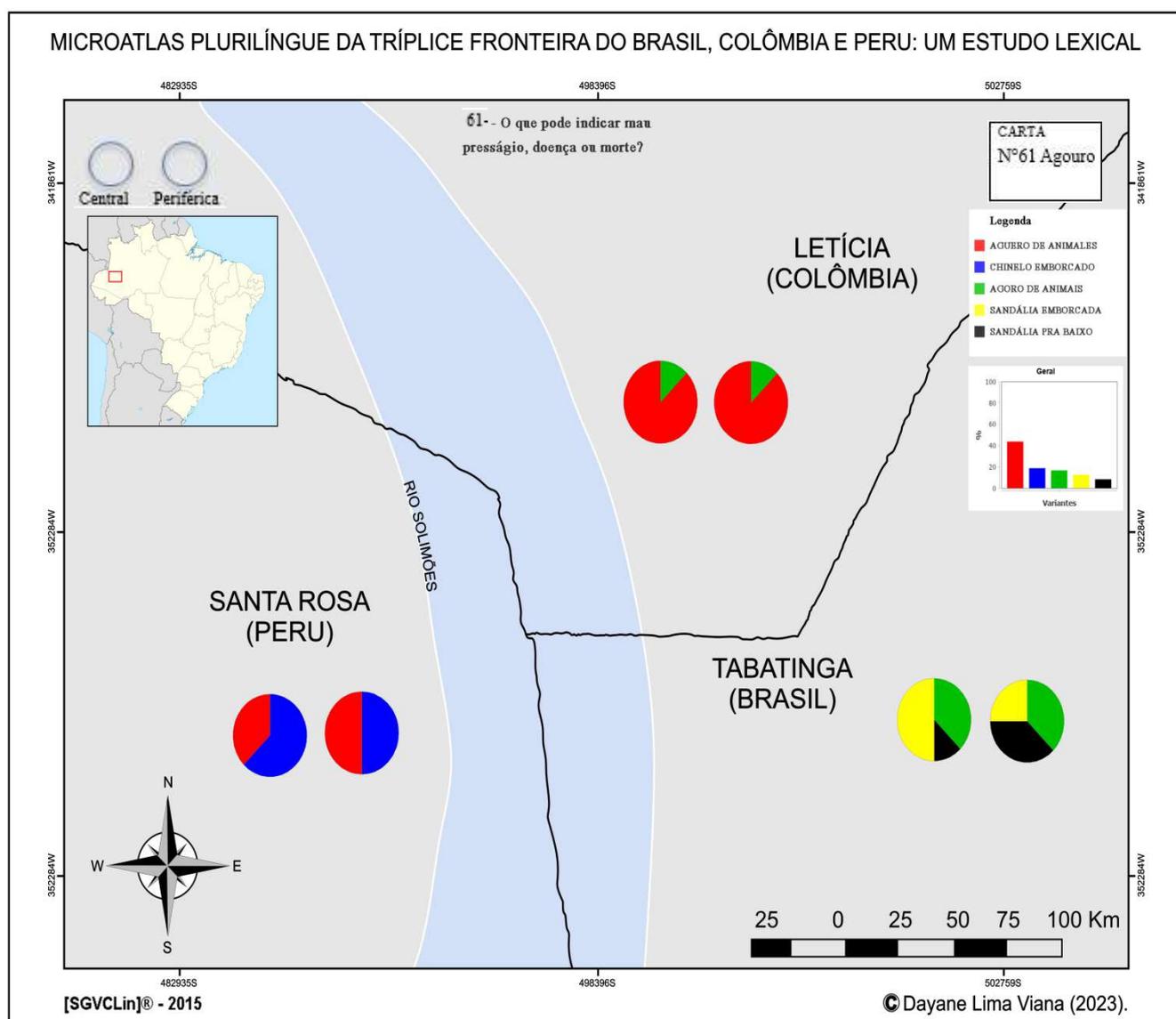
geográfico investigado enxergam o mundo baseados em suas crenças, demonstrando, assim, as particularidades íntimas que são determinantes em sua cultura.

De acordo com nosso compilado, foram registradas cinco formas e seus respectivos percentuais gerais: *aguero de animales* 21 (43,7%), *chinelo emborcado* nove (18,7%), *agoro de animais* oito (16,7%), *sandália emborcada* seis (12,5%), *sandália pra baixo* quatro (8,3%).

Chegamos à conclusão que o povo da Tríplice Fronteira baseia sua crença principalmente nos presságios de “gritos, uivados e choros de animais” ou até mesmo deixar a “sandália virada”, situações que podem indicar o prenúncio de tempos ruins e até mesmo a morte de uma pessoa próxima.

Notamos que em Santa Rosa persistem as formas *chinelo emborcado* e *aguero de animales*. Na cidade colombiana, registramos *aguero de animales* e forma portuguesa *agoro de animais*. Já na cidade de Tabatinga, preferem designar como *sandália emborcada*, *sandália pra baixo* e *agoro de animais*. A disposição geográfica das lexias pode ser visualizada na carta 61.

**Carta 61 (QSL 122)** – Variantes lexicais para designar o “que pode indicar mau presságio, doença ou morte” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Os dados revelam que os informantes menos escolarizados responderam nove vezes a expressão *aguero de animales* (37,5%), *chinelos emborcados* seis (25%), *sandália emborcada* quatro (16,6%), *agoro de animais* três (12,5%) e *sandália pra baixo* com duas respostas (8,3%).

Informantes com maior instrução formal obtiveram 12 ocorrências para *aguero de animales* (50%), *agoro de animais* cinco (20,8%), *chinelos emborcados* três (12,5%), *sandália emborcada* e *sandália pra baixo* com duas ocorrências para cada uma (8,3%).

No aspecto diageracional, identificamos que *aguero de animales* obteve maior utilização em informantes mais jovens. O mesmo ocorreu com a forma *sandália emborcada* que, na comparação com as ocorrências entre as faixas etárias, também percebemos maior produtividade em falantes da faixa etária mais jovem. Diferentemente de *agoro de animais*, variante com maior registro em informantes mais velhos. Os índices podem ser analisados na tabela 61.

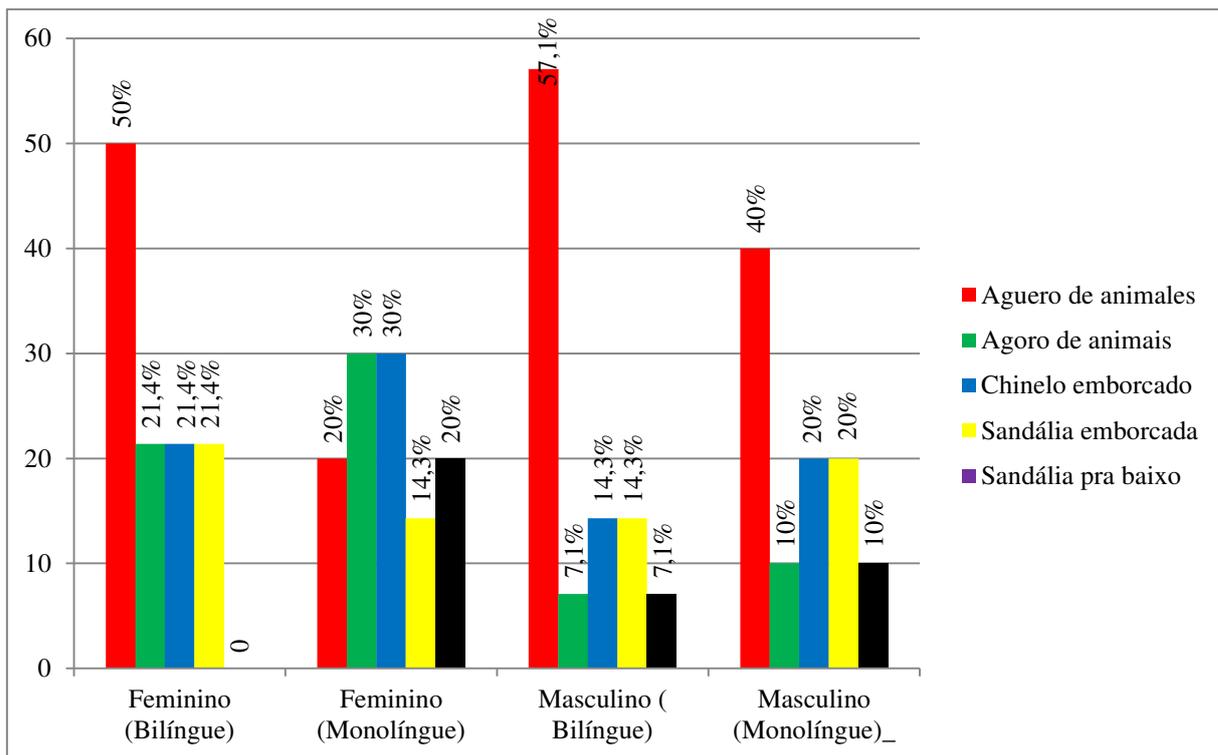
**Tabela 61**– Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta n° 122 (agouro) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

VARIANTES LEXICAIS					
Dimensão diageracional I	Aguero de animales	Chinelo emborcado	Sandália emborcada	Agoro de animais	Sandália pra baixo
18 a 30 anos	12 (50%)	4 (16,6%)	4 (16,6%)	2 (8,3%)	2 (8,3%)
55 a 65 anos	9 (37,5%)	5 (20,8%)	2 (8,3%)	6 (25%)	2 (8,3%)
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>4</b>

Fonte: Elaborado pela autora

No que tange a análise diassexual e dialingual, constatamos que a expressão hispânica *aguero de animales* foi predominante em homens e mulheres bilíngues e homens monolíngues, com exceção apenas em mulheres monolíngues, uma vez que as formas portuguesas *agoro de animais* e *sandália emborcada* foram as mais produtivas pelo grupo como é possível verificar no gráfico de 61.

**Gráfico 61** – Distribuição diassexual e dialingual das variantes lexicais para designar o “que pode indicar presságio, doença ou morte” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Observamos que informantes da zona central preferiram a forma *agüero de animais* com 10 ocorrências (41,6%), *chinelo emborcado* cinco (20,8%), *agoro de animais* quatro (16,6%), *sandália emborcada* quatro (16,6%), *sandália pra baixo* com apenas um registro (4,1%)

Informantes da zona periférica optaram pelo uso de *agüero de animales* com 11 respostas (45,8%), *agoro de animais* e *chinelo emborcado* quatro vezes (16,6%) para cada lexia, *sandália pra baixo* três (12,5%), *sandália emborcada* com duas ocorrências (8,3%).

## 6.62 Reza

Como já é de conhecimento comum, a gastronomia amazônica baseia-se no alto consumo de peixes e é justamente o que também leva a acidentes com espinhas de peixe. Considerando essa realidade, inserimos o item lexical com o objetivo de saber quais as crenças e os métodos que utilizam para solucionar o problema.

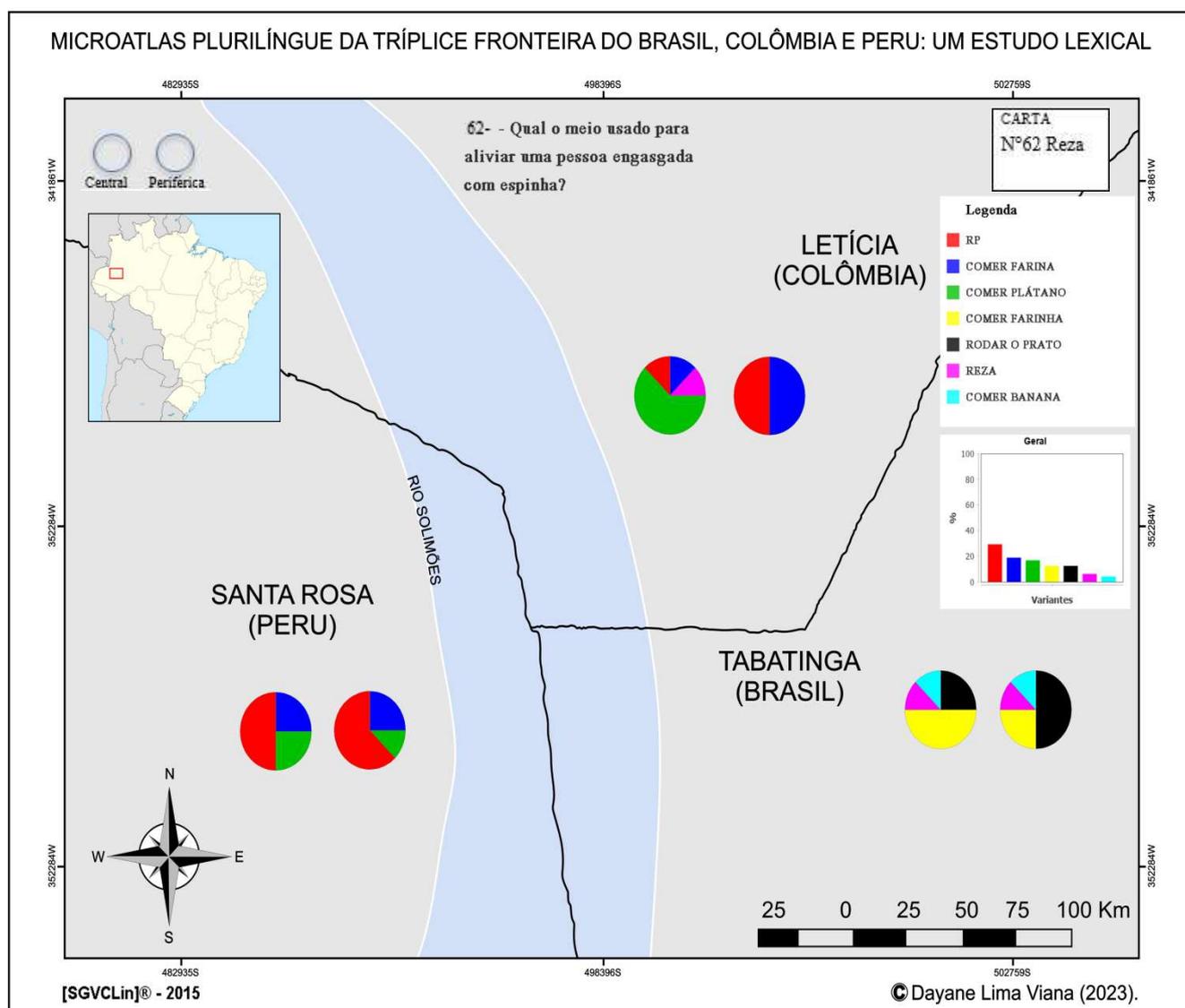
O item 62 (QSL124) compôs o QSL e revela as crenças relativas aos “meios usado para aliviar uma pessoa engasgada com espinha de peixe”.

De acordo com nosso estudo, seis variantes foram registradas com seus respectivos cômputos gerais: *rp 14* (29,1%), *comer fariña* nove (18,7%), *comer plátano* oito (16,6%), *rodar o prato* seis (12,5%), *comer farinha* também com seis (12,5%) *reza três* (6,2%), *comer banana* com duas ocorrências (4,1%).

Na análise diatópica, observamos que na cidade de Santa Rosa houve uma grande quantidade de *respostas prejudicadas*, mas também computamos a crença de que *comer fariña* (de mandioca) ou *comer plátano* (banana maçã) ajudam a eliminar o problema.

Em Tabatinga, acredita-se que *rodar o prato*, *comer farinha*, *comer banana* e *reza* são soluções para resolver os engasgos com espinhas de peixes. Já em Letícia, também contabilizamos quantidade significativa de *respostas prejudicadas*. No entanto, notamos que se tem a crença de que *comer plátano*, *comer farinha* e *as rezas* surtem efeitos ao problema do engasgo. A distribuição diatópica das variantes pode ser conferida na carta 62.

**Carta 62 (QSL 124)** – Variantes lexicais para designar os “meios usado para aliviar uma pessoa engasgada com espinha” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Em informantes menos escolarizados observamos um alto índice de *rp*, com nove registros (37,5%), a forma *comer plátano* com cinco (20,8%), *rodar o prato* três (12,5%), *comer fariña* também com três (12,5%) e *comer banana* e *comer farinha* com duas ocorrências para cada uma, o que corresponde a (8,3%).

Já em informantes mais escolarizados, a forma *comer farinha* foi utilizada sete vezes (29,2%), cinco *respostas prejudicadas* (20,8%) e as formas *rodar o prato* e *reza*, *comer platano* e *comer fariña* pontuaram três vezes, o que representa (12,5%).

No que tange ao critério diageracional, notamos que a forma hispânica *comer farinha* está bem difundida nas duas faixas etárias. A lexia *comer plátano*, por sua vez, foi relativamente mais produtiva em falantes mais velhos. Observamos ainda que as

duas gerações apresentaram índice paritário para rp. Por outro lado, as expressões portuguesas *comer farinha* e *rodar o prato* foram mais produtivas em falantes mais velhos. Os índices podem ser observados na tabela 62.

**Tabela 62**– Distribuição diageracional das variantes lexicais para a pergunta n° 124 (reza) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

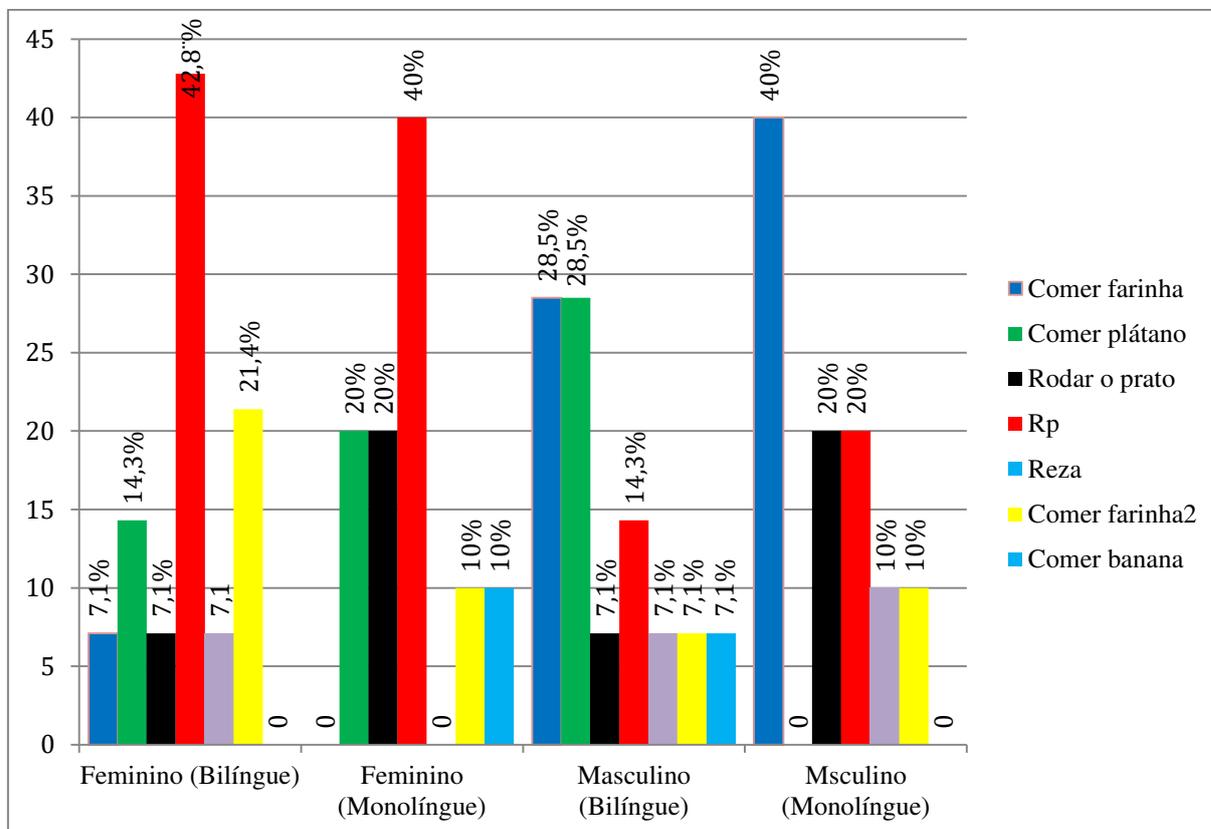
VARIANTES LEXICAIS							
Dimensão Diageracional	Comer farinha	Comer plátano	Rp	Comer farinha	Rodar o prato	Reza	Comer banana
18 a 30 anos	5 (20,8%)	3 (12,5%)	7 (29,2%)	2 8.33%	2 (8,3%)	3 (12,5%)	2 (8,3%)
55 a 65 anos	4 (16,7%)	5 (20,8%)	7 (29,2%)	4 (16,6%)	4 (16,6%)	-	-
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>8</b>	<b>14</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>3</b>	<b>2</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Percebemos que no aspecto diasssexual e dialingual foram registrados os maiores índices de abstenções em informantes do sexo feminino, tanto bilíngues quanto monolíngues. Neste grupo de informante, a crença que mais prevaleceu foi *comer farinha, comer plátano e rodar o prato*.

Em informantes do sexo masculino, observamos uma baixa incidência de *respostas prejudicadas* na comparação com os resultados produzidos pelas mulheres. A crença para solucionar o engasgo por espinha também coincidiu com as crenças do grupo feminino, pois notamos que os meios mais utilizados por informantes do sexo masculino foi *comer farinha, comer plátano e rodar o prato*. O percentual das ocorrências linguísticas pode ser analisado no gráfico de 62.

**Gráfico 62** – Distribuição diasssexual e dialingual das variantes lexicais para designar os “meios usados para aliviar uma pessoa engasgada com espinha” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



**Fonte:** Elaborado pela autora

As ocorrências linguísticas por zona pesquisada, ficou assim estabelecida: na zona central, *comer plátano* obteve sete respostas (29,1%), *rp* cinco (20,8%), *comer farinha* quatro (16,6%), *comer farina* três (12,5%), *rodar o prato* e *reza* com duas respostas (8,3%) e *comer banana* com apenas uma incidência (4,2%).

Na zona periférica houve alto índice de *respostas prejudicadas* com nove ocorrências (37,5%) *comer farina* com seis (25%), *rodar o prato* com quatro (16,6%), *comer farinha* duas (8,3%) e *comer banana*, *comer plátano* e *reza* com uma ocorrência, o que representa (4,1%) para cada forma.

### 6.63 Susto

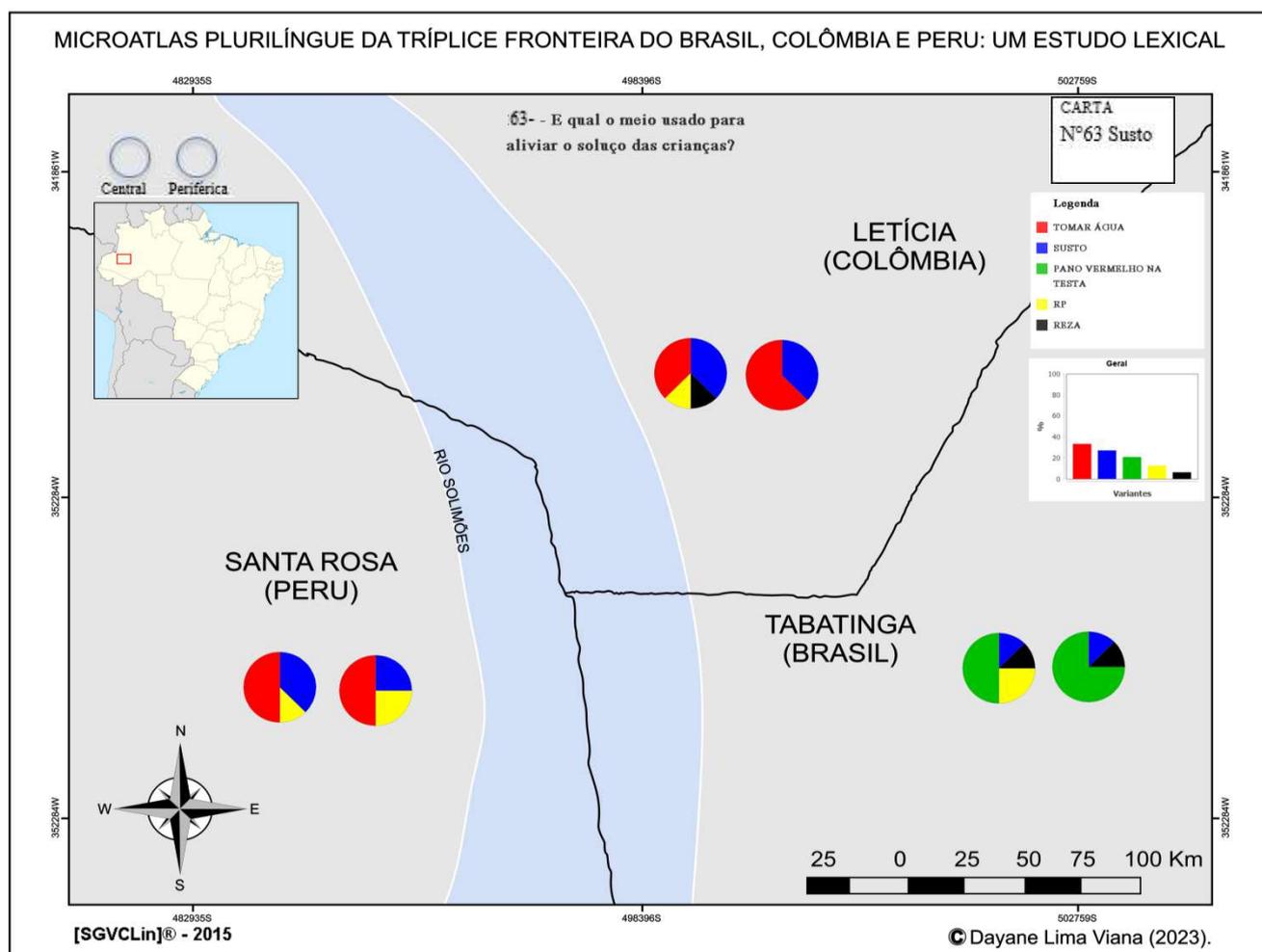
No item 63 trata das lexias que têm como referente o “meio utilizado para aliviar o soluço das crianças”. Esta questão também revela as crenças existentes dentro da comunidade, bem como as possíveis soluções para o problema.

Para esta questão registramos a ocorrência de quatro formas linguísticas: *tomar água* com 11 respostas (22,9%), *susto* também com 11, *pano vermelho na testa* 10 (20,8%), *hilo rojo en la frente* sete (14,5%), *rp seis* (12,5%) e *reza* com três ocorrências (6,2%).

A análise diatópica mostrou que para os informantes de Santa Rosa o que resolve o problema é *tomar água* e dar *susto*. Em Letícia, a crença se estende, já que também se acredita que *tomar água*, dar um *susto* ou fazer uma *reza* ajudam a amenizar o soluço.

Na cidade de Tabatinga, a crença se distingue, pois houve predominância de que colocar um *pano vermelho na testa* da criança auxilia no incômodo. Outra forma utilizada na cidade brasileira equipara-se aos países vizinhos, uma vez que também há a crença de que *tomar água* ou dar um *susto* na criança solucionam o problema.

**Carta 63 (QSL 125)** – Variantes lexicais para designar os “meios utilizados para aliviar o soluço das crianças” na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

O estudo revelou que informantes bilíngues obtiveram o mesmo percentual para as lexias *tomar água* e *susto*, ambas com seis respostas que equivalem a (21,4%), *hilo rojo en la frente* foi registrada cinco vezes (17,8%), *rp* também com cinco (17,86%), *pano vermelho na testa* com quatro ocorrências (14,2%) e *reza* com duas respostas (7,1%).

Em monolíngues, a resposta mais produtiva foi *pano vermelho na testa* com seis ocorrências (30%), *tomar água* cinco (25%), *susto* também com cinco (25%), *hilo rojo en la frente* duas (10%), *respostas prejudicadas* e *reza* com apenas uma incidência cada, o que representa (5%) do cômputo.

Os dados também demonstraram que informantes menos escolarizados e mais escolarizados obtiveram cômputos similares no que diz respeito à ocorrência das formas *tomar água*, *pano vermelho na testa* e *hilo rojo en la frente*.

De forma mais constrativas, notamos que *susto* foi predominante na resposta entre os mais escolarizados. O percentual estatístico pode ser visualizado na tabela 63.

**Tabela 63**– Distribuição diastrática das variantes lexicais para a pergunta nº 125 (susto) na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru

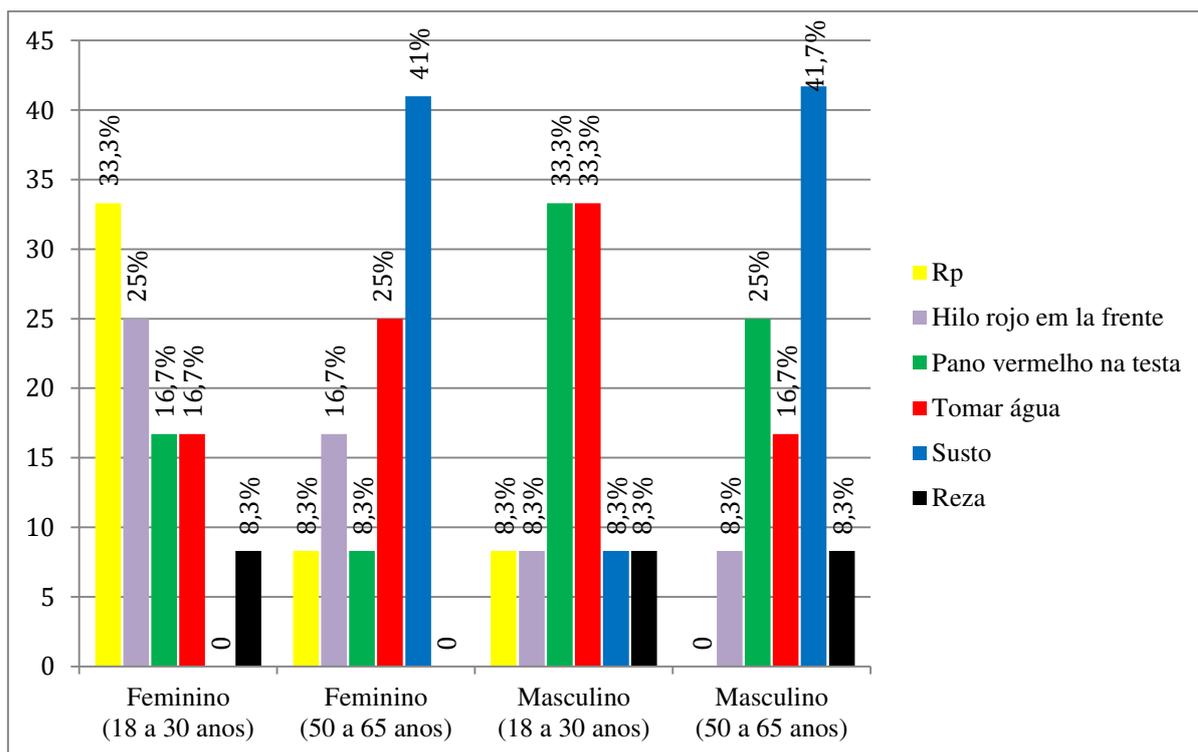
VARIANTES LEXICAIS						
Dimensão Diastrática	Tomar água	Pano vermelho na testa	Hilo rojo em la frente	Rp	Susto	Reza
Escolaridade 1	6 (25%)	5 (20,8%)	4 (16,7%)	4 (16,7%)	3 (12,5%)	2 (8,3%)
Escolaridade 2	5 (20,8%)	5 (20,8%)	3 (12,5%)	2 (8,3%)	8 (33,3%)	1 (4,2%)
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>10</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>11</b>	<b>3</b>

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com a análise com enfoque diassexual e diageracional, os dados revelaram alta incidência de *respostas prejudicadas* em mulheres mais jovens, enquanto mulheres mais velhas responderam que o *susto* soluciona o problema.

Homens mais jovens optaram por utilizar a forma *tomar água* ou colocar um *pano vermelho na testa*. Por outro lado, homens mais velhos preferiram utilizar a lexia *susto* como meio de resolver esse problema nas crianças. A distribuição e índices das formas registradas podem ser analisadas no gráfico 63.

**Gráfico 63** – Distribuição diassexual e diageracional das variantes lexicais para designar os “meios utilizado para aliviar o soluço das crianças” na Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru



Fonte: Elaborado pela autora

Na zona central, a lexia *susto* foi predominante com seis ocorrências (25%), *tomar água* pontuou cinco vezes (20,8%), *respostas prejudicadas* quatro (16,7%), *pano vermelho na testa* quatro (16,6%), *hilo rojo en la frente* três (12,5%) e *reza* com dois registros (8,3%).

Na zona periférica, *tomar água* foi registrada seis vezes (25%), *pano vermelho na testa* também pontuou seis vezes (25%), *susto* cinco (20,8%), *hilo rojo en la frente* quatro (16,6%), *rp* duas (8,3%) e *reza* com apenas um registro (4,1%).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com propósito de analisar como a variação linguística tem implementado mudanças nos sistemas linguísticos da Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru, os dados analisados até aqui nos dão base para tecer algumas considerações que apontam as abrangências e as especificidades de como a variação linguística têm modificado a fala dos moradores de Tabatinga (Brasil), Letícia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru) devido às relações que se estabelecem dentro da dinâmica plurilíngue que caracteriza a região.

A língua é um sistema cujas engrenagens são baseadas em dinamismo e heterogeneidade, e quando línguas diferentes passam a conviver no mesmo espaço geográfico é comum que ocorram novas configurações que alteram as bases originais dos sistemas, fazendo surgir novas formas linguísticas que passam a integrar os distintos níveis da gramática, do discurso e do léxico de dada comunidade.

Tendo isso em consideração, nossa pesquisa teve o intuito de compreender como as línguas portuguesa e espanhola em contato se determinam mutuamente no nível lexical, por meio de sobreposições, interferências e empréstimos linguísticos que, de modo gradual, vão se difundindo e permeando nos sistemas linguísticos em contato falados pelos povos da fronteira.

É baseado nesse pressuposto que o presente estudo teve como principal objetivo descrever o panorama lexical das línguas que compõem a Tríplice Fronteira. Para tanto, analisamos como a variação têm imprimido mudanças não apenas no espaço geográfico, mas também nos diferentes estratos sociais da tríplice fronteira.

A vista disso, utilizamo-nos da estratégia de primeiramente considerar as mudanças dentro da perspectiva espacial, diageracional, diastrática, diassexual e dialingual, que nos deu base para analisar as mudanças encontradas de forma estratificada.

Quando passamos a avaliar as estruturas e as relações culturais, comerciais, políticas e familiares que se firmam no espaço fronteiriço, imediatamente fomos conduzidos a considerá-las como fatores determinantes não apenas do surgimento das transformações sociais, mas, sobretudo, por modificar as bases linguísticas que cada comunidade apresenta.

Por meio da análise do corpus investigado, os dados revelam que:

### **Considerações diatópicas**

Desde o princípio propomos duas hipóteses:

- i) o estreitamento das relações comerciais, sociais e culturais entre brasileiros, colombianos e peruanos move as comunidades envolvidas, tornando-as fluidas a ponto de que as assimilações culturais e linguísticas sejam marcas efetivamente naturais e totalmente permeáveis às mudanças que se espelham no sistema linguístico; e,
- ii) a atitude linguística de algumas comunidades contribue para a preservação das fronteiras linguísticas, tornando-se sólidas e compactas, uma vez que o cenário plurilíngue é considerado como um risco à soberania da língua nacional, e que, portanto, deve ser veemente combatido.

Tendo em vista que o pressuposto (i) pode provocar a transformação social e linguística, nosso olhar se voltou a investigar qual das três comunidades que compõem a Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru, que têm comportamentos sociais, culturais e linguísticos próprios, é mais receptiva a mudanças e qual delas tentam conservar suas fronteiras linguísticas.

O estudo revelou que falantes da cidade de Letícia e Santa Rosa demonstraram-se extremamente conservadores quanto ao uso de variantes estrangeiras. Essa constatação se revela na pouquíssima utilização de lexis decorrentes de empréstimo linguístico em Letícia e Santa Rosa, sendo contabilizados poucos itens de empréstimos linguísticos, como os que foram descritos nas cartas 01,08, 09,21,54,57,58, 81,102.

Há várias explicações que podemos pontuar como medidas de favorecimento ao uso do espanhol na cidade de Tabatinga, especialmente nas atividades comerciais, nas quais grande parte das placas publicitárias da cidade brasileira são grafadas em espanhol, o que demonstra que a língua espanhola é uma língua veicular do comércio na cidade brasileira, uma vez que a maioria dos fornecedores são colombianos e peruanos.

Outro fator importante que pode estar sendo determinante na perspectiva de favorecimento da difusão lexical no português falado em Tabatinga é a atitude linguística de moradores desse lugar com relação à língua espanhola, visto que muitos pais matriculam seus filhos nas escolas colombianas com intuito de que aprendam a língua que, além de ser a segunda língua mais falada do mundo, é a língua de interação no espaço em que estão situados os falantes e português.

De perspectiva contrária ao que ocorre nas comunidades no outro lado da fronteira, em Tabatinga os itens lexicais estrangeiros difundem-se rapidamente via empréstimo linguístico. O uso de variantes lexicais hispânicas ou a substituição, em concorrência com variantes portuguesas, na fala dos moradores da cidade de Tabatinga são representadas por meio das cartas 11, 31, 39, 41,44, 54, 59, 70, 71, 73, 74, 80, 82, 85, 92, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 105, 109, 110, 112, 114), as quais registram as ocorrências de itens lexicais estrangeiros. Essa realidade indubitavelmente contribui para que aos moradores tornem-se cada vez mais propensos a incorporar tais itens lexicais, o que se explica por conta do contexto social no qual estão imersos.

Os dados revelam, portanto, que as comunidades linguísticas da Tríplice Fronteira lidam de formas diferenciadas com relação ao convívio linguístico e cultural plurilíngue.

### **Considerações diassexual**

Desde o início tínhamos interesse em analisar como as dimensões sociais apropriam-se das variantes linguísticas que coexistem na fala de cada comunidade. Em virtude disso, o estudo foi pautado de modo construtivo a fim analisar como os diferentes grupos de falantes moldam seu repertório verbal de modo considerável.

Isso nos levou a selecionar dois parâmetros representativos (homens e mulheres) das comunidades investigadas com o objetivo de fornecer uma amostra do repertório lexical em uso, haja vista que já é um entendimento pacificado dentro dos estudos sociolinguísticos de que homens e mulheres possuem comportamentos linguísticos diferenciados na escolha das variantes.

Para garantir que essa dimensão fosse representativa das línguas faladas nas três cidades investigadas, a escolha dos informantes foi baseada na seleção de oito homens e oito mulheres, com o objetivo de analisar qual grupo apropria-se ativamente de inovações linguísticas e quais pautam-se na conservação linguística de modo característico.

Quanto à análise diasssexual, verificamos que em determinados campos semânticos como *flora, alimentação e saúde, as mulheres* revelam que utilizam itens lexicais estrangeiros com maior grau de frequência, demonstrando que preferem utilizar as lexias do país vizinho e, por isso, são responsáveis por operar mudanças lexicais que alteram as bases originais dos itens investigados, como podemos observar nas cartas 31, 55, 57, 58, 74, 80, 85, 92, 105)..

Entretanto, há de se considerar também outra perspectiva de análise, visto que notamos que nos demais campos semânticos, tanto homens quanto mulheres apresentam-se com graus de frequências similares. O equilíbrio no uso de itens lexicais hispânicos foi demonstrado, por exemplo, nas cartas 08, 09, 21, 31, 41, 59, 62, 71, 73, 80, 82, 85, 91, 92, 97, 100, 101, 112 .

### **Considerações diageracionais**

Com o objetivo de analisar o percurso da variação dentro dos diferentes estratos sociais, selecionamos dois grupos etários que representam de modo contrastivo as diferentes gerações linguísticas.

Para tanto, definimos que a geração 1 (18 a 30 anos) e geração 2 (50 a 65 anos) nos serviriam de base para analisar de forma representativa as ocorrências linguísticas em diferentes idades, permitindo, assim, detectar possíveis mudanças em progresso.

Como hipótese inicial da pesquisa, acreditamos que a faixa etária mais jovem faria mais uso frequente de variantes lexicais estrangeiras, tanto entre os falantes de português quanto entre os falantes de espanhol.

Por outro prisma, esperavamos que a faixa etária mais velha se revelaria conservadora, pois têm sido recorrente em muitas pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas, a exemplo do estudo de Margotti (2004) que, na investigação sobre

a difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil, revelou que informantes mais jovens eram agentes da inovação linguística, enquanto os mais velhos preservavam as formas linguísticas correspondentes.

Longe disso se configurar numa regra, pois seguramente toda comunidade de fala possui características idiossincráticas que podem destoar perfeitamente de padrões pré-estabelecidos. Em nossa pesquisa, a análise diageracional demonstrou exatamente isso em virtude de que constatamos que a geração mais velha apresentou um comportamento linguístico variável em favor da mudança, pois observamos o uso expressivo de itens lexicais inovadores que destoam do vernáculo local, como podemos observar nas cartas 08, 09, 21, 54, 55, 58, 59, 62, 70, 73, 74, 80, 91, 92, 96, 97, 100, 101, 105, 110, 112, 114.

No entanto, as escolhas lexicais da geração mais jovens também não passaram despercebidas, isto porque, mesmo que de modo menos expressivo, a faixa etária mais jovem (a geração 1) também manifestou uso frequente e variáveis de leixias que não correspondem ao seu sistema linguístico.

### **Considerações diastráticas**

Como hipótese inicial, postulamos que o nível de escolaridade do informante seria um fator determinante para que a variação se propagasse.

Desse modo, consideramos que informantes com maior nível de escolarização seriam mais respectivos às mudanças. Isso basea-se no pressuposto de que pessoas mais escolarizadas são consideradas “mais ativas socialmente”, uma vez que participam de redes de interação social ampla e heterogênea nos diversos espaços sociais como escolas, ambientes de trabalho e convivência comum com pessoas do lado oposto da fronteira, realidade que indubitavelmente permite as trocas simbólicas culturais, sociais e linguísticas de modo intercambiável.

De modo geral, os dados refutam nossas predições iniciais, visto que constatamos que tanto informantes menos escolarizados quanto os mais escolarizados apropriam-se de modo semelhante de itens lexicais estrangeiros. Em alguns casos inclusive pessoas com menor nível de instrução formal demonstraram

utilizar-se com maior proporção de lexias do espanhol, como podemos notar nas cartas 08, 21, 41, 44, 54, 55, 57, 58, 62, 70, 97, 100, 110, 112, 114.

Isso se revela interessante à medida que demonstra que, mesmo com nível de escolaridade inferior e com relativa rede de socialização reduzida, esses falantes são linguisticamente ativos no tocante à propagação da variação.

Uma explicação plausível para esse fato se deve à própria formação da estrutura social das cidades, uma vez que as relações são fundamentadas de modo natural e, apesar dos contrastes, possuem grandes semelhanças a ponto de que após a entrevista um informante da faixa etária jovem, com menor nível de escolaridade, perguntou-nos a respeito da origem de determinadas lexias, pois não sabia se correspondiam ao seu sistema linguístico ou se elas eram oriundas do país vizinho.

Essa constatação reflete a intrínseca relação linguística que se estabelece ao ponto de o falante não saber se a lexia pertence ao seu sistema linguístico ou ao sistema linguístico do país vizinho.

Nossa explicação consiste em acreditar que informantes com maior nível de escolarização, ao se receberem a instrução formal por meio institucional, tendem a perceber os usos linguísticos de sua própria língua e acabam internalizando-os de forma condizente ao seu sistema, do contrário de informantes que não fazem parte desse contexto e que mantêm suas competências linguísticas vernaculares e estrangeiras em equilíbrio.

### **Considerações dialinguais**

Antes mesmo da aplicação do questionário nas três comunidades linguísticas, já considerávamos que a variação lexical seria mais expressiva na fala de informantes bilíngues em oposição à fala dos monolíngues.

Essa apuração preliminar basea-se no estudo de contato de Viana e Margotti (2020), no qual pontuou que o bilinguismo está ligado intimamente ao fator social, familiar, institucional, comercial e cultural na Tríplice Fronteira e que atua como base e fundamento da variação observada nesses grupos.

A partir desse pressuposto, passamos a considerar que o *locus* em questão favorece a atuação dos falantes bilíngues como agentes da inovação linguística. Afinal, por terem duas línguas à disposição durante o ato discursivo, abrem-se as possibilidades de transposição de traços lexicais de uma língua para outra, fato que indiscutivelmente favorece o surgimento de novas formas linguísticas.

De fato nossa constatação inicial pode ser confirmada de modo expressivo, posto que, de acordo com os dados estatísticos, os informantes que possuem a competência linguística em mais de uma língua revelaram-se agentes de inovações em comparação aos índices de informantes monolíngues, como foi possível verificar nas cartas 08, 09, 21, 31, 41, 54, 57, 58, 59, 70, 73, 81, 82, 85, 91, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 105, 109, 110, 112, 114 .

Essa constatação ficou evidente quando percebemos que determinados itens lexicais proferidos por informantes bilíngues mantiveram as bases estruturais fonomorfológicas originárias de outra língua, influenciando também outros falantes, já que também registramos a propagação das dessas formas hispânicas em informantes monolíngues, como podemos verificar nas cartas 31, 41, 62, 71, 74, 80, 82, 85, 92, 96, 109, 110, 112 .

Isso diz respeito às determinações impostas pelas redes linguísticas que se solidificam principalmente na estrutura familiar, as quais são formadas por casamentos interétnicos e, como resultado, implementam o convívio de duas línguas que, por consequência, dinamizam a rotina linguística familiar.

### **Últimas considerações**

À guisa das discussões aqui apresentadas, constatamos que o cenário plurilíngue e multicultural da Tríplice Fronteira é um fator determinante para que as práticas sociais e discursivas sejam indiscutivelmente marcadas por fenômenos em variação. É justamente nesse contexto difuso e movediço que pessoas, línguas e culturas abrem espaço para configurações que modificam suas bases originárias.

A partir dessa discussão somos direcionados ao entendimento de que a proximidade entre os povos, a mobilidade social, o fluxo de pessoas e mercadorias, as crenças, os fatores históricos e culturais são determinantes para que o

plurilinguismo se difunda nos mais variados estratos sociais que, por certo, favorecem a intercambialidade lexical entre os sistemas linguísticos.

Nesse íterim de mudanças, as línguas passam a influenciar e, também, são influenciadas, de tal modo que novas formas lexicais, entre outros aspectos linguísticos, passam a surgir no sistema linguístico de cada lado da fronteira.

Com isso, nossa discussão recai em ponto de extrema importância, os níveis de difusão, haja vista que a manutenção ou inovação linguística depende exclusivamente de fatores externo à língua. Ou seja, são as interseções culturais e sociais que condicionam os diferentes graus de variação.

A partir disso, concluímos que as políticas linguísticas adotadas no espaço brasileiro, colombiano e peruano são fatores cruciais para explicar o nível de difusão lexical de itens estrangeiros que observamos nas três cidades investigadas. Como demonstramos, em Letícia e Santa Rosa a presença do português é bem menos expressiva se comparada à presença do espanhol na cidade de Tabatinga.

Notamos também que no domínio linguístico familiar, quando conformado por casamento interétnico, especialmente ente brasileiros e colombianos, o espanhol é quase sempre a língua dominante dentro do contexto familiar, o que, de certo modo, demonstra uma ativa política de manutenção linguística.

Outro fato que nos chama atenção é a ausência da língua portuguesa nas placas publicitárias em Letícia e Santa Rosa. Isso enuncia que há certo “resguardo” da língua espanhola dentro do território colombiano e peruano, uma vez que há o privilégio absoluto do uso do espanhol como língua de comércio.

De perspectiva diferente, no lado brasileiro, espanhol e português fazem concorrência nas placas comerciais e, também, configura-se como línguas veiculares nesse contexto, o que revela maior abertura e receptividade para o convívio do português e do espanhol em solo brasileiro.

Isso claramente explica o maior grau de influência linguística do espanhol observado em falantes tabatinguenses, que revelam de forma comparativa as incidências variacionais dos lados opostos da fronteira em que informantes brasileiros apresentaram maior variação no uso de itens lexicais hispânicos.

Esses diferentes graus de uso das línguas em lados opostos às fronteiras apontam como as políticas linguísticas tácitas ou deliberadas norteiam o comportamento linguístico frente ao convívio das diferentes línguas no qual os falantes estão imersos.

Portanto, em virtude das discussões aqui levantadas, torna-se imprescindível considerar que há nesta região múltiplas possibilidades de estudos linguísticos porque, à medida que línguas e culturas se encontram, elas se constroem e/ ou se assimilam, impondo mudanças que alteram as bases originais dos níveis fonético-fonológico, sintático, morfológico, lexical e discursivo dos falantes fronteiriços.

A relevância deste trabalho se consolida em ser a primeira pesquisa a investigar a variação lexical de forma vertical (dimensões sociais) e horizontal (dimensão espacial) com intenção de evidenciar os itens em variação e o comportamento linguístico dos diferentes estratos sociais que moldam seu repertório verbal a partir do convívio do português com o espanhol.

Diante disso, consideramos que a presente pesquisa poderá contribuir para a realização de outros estudos sobre a realidade linguísticas na região da Tríplice Fronteira do Brasil, Colômbia e Peru, não só sobre o português e o espanhol em contato, mas também sobre o contato dessas línguas com línguas indígenas faladas na região, uma vez que demos os primeiros passos rumo à investigação de como o contato entre as línguas têm imposto mudanças lexicais significativas. Além disso, o estudo que realizamos nos possibilitou a elaboração de um micro-atlas plurilíngue com o objetivo de demonstrar como o contato português/espanhol tem modificado as línguas do povo da fronteira amazônica.

## REFERÊNCIAS

- ABADE, C. M de S. Lexicologia Social: lexicografia e a teoria dos campos lexicais. In: As ciências do Léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia, volume VI. Aparecida Negri Isquendo. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, organizadoras.- Campo Grande, MS, ed : UFSM, 2012. 539 p. l. : 21 cm.
- ALTENHOFEN, Cléo V. **O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata.** In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa Nieves; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse & CORTAZZO, Uruguay (orgs.). Línguas em contato: onde estão as fronteiras? Pelotas: Editora UFPel, 2012. p. 69-103.
- ALTENHOFEN, Cleo V. **Os contatos linguísticos na arealização do português falado no sul do Brasil.** In ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (Org.). Espanol y Portugués: Fronteiras e Contatos. Pelotas. UCPEL, 2008, p. 129-164
- ALTENHOFEN, C. V. **A constituição do corpus para um Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata.** In. *Martius-Stadens-Jahrbuch*. São Paulo, n.51, 2004.
- ALTENHOFEN, C, V. **Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da Geolinguística pluridimensional e contatual.** *Revista de Letras Note@mentos*. Vol.6, N.12, p.31-52, jul. – dez. 2013. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/issue/view/73>>. Acesso em: jun. 2020
- ATAÍDE, Luíz. **Tabatinga: Crônicas fronteiriças:** Editorial Gente Nueva, 2017.
- ALVES, Ieda Maria. Neologismo: criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002
- AZEVEDO, Orlando da Silva. **Aspecto dialetais do português da região norte do Brasil: Um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no baixo amazonas (PA) e no médio Solimões (AM).** Tese de doutorado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- Bauman, Z. (2007). **Liquid Times: Living in an Age of Uncertainty.** New York: John Wiley and Sons.

- BENVENISTE, É. Problemas de Linguística Geral I. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- BENVENISTE, É. Problemas de Linguística Geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BIDERMAN, M. T. C. (2001). Terminologia e lexicografia. *Tradterm*, 7, 153-181.
- CARVALHO, Nelly. Empréstimos Lingüísticos. São Paulo: Ática, 1989.
- CRISTIANINI, Adriana Cristina. *Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC* [doi:10.11606/T.8.2007.tde-28012008-115533]. São Paulo : Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007. Tese de Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral. [acesso 2023-04-15].
- BOSI, A. Colônia, culto e cultura. In: BOSI, A. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 11–63
- BURKE, P. *Cultural Hybridity*. Cambridge: Polity Press, 2009
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil** – São Paulo: Ática S.A, 1991.
- CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marciolino–São Paulo: Parábola, 2002.
- Calvet, Louis-Jean, *Identidad y plurilingüismo*, París, Plon, 1999. Disponível em. Acesso em 12/08/20121.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística tradição e modernidade** – São Paulo: Parábola, 2010.
- COELHO, I. L. et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012.
- CONSELHO DA EUROPA. **Quadro europeu comum de referência para as línguas**. Aprendizagem, ensino, avaliação. Coleção: Perspectivas Actuais/Educação. Direcção de: José Matias Alves. Coordenação de Edição: Ministério da Educação/GAERI. Tradução: Maria Joana Pimentel do Rosário, Nuno Verdial Soares. Revisão Técnica: Margarita Correia. Porto: Edições Asa, 2001.
- COSERIU . E. Sistema, norma y habla In: *Teoria del lenguaje y linguística general* 3 ed: , Madrid: Biblioteca Romanica hispânica, editorial Gredos, 1973, p 11- 113.

DE SWAAN, Abram. **Words of the world. The global language system.** Cambridge: Polity Press, 2001.

DERVIN, F.; RISAGER, K. (eds.). **Researching Identity and Interculturality.** Abingdon: Routledge, 2015.

EUROPEAN COMMISSION. **Commission of the European Communities.** Final report. High level group on multilingualism. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities, 2007.

FERREIRA, Carlota; Cardoso, Suzana. **A Dialetolegia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994<sup>a</sup>.

FREIRE, José Ribamar Bessa. *Rio Babel: A história das línguas na Amazônia.* Rio de Janeiro: Atlântica, 2004

GAIO. M. L Monachesi. **Os processos de transculturalidade no contexto da imigração italiana no Brasil.** In: Repertórios plurilíngues em situação de contato / organização Mônica Savedra, Telma Cristina Pereira, Mario Luis Gaio. – Rio de Janeiro: Edições LCV: LABPEC, 2019.

GARCIA, F. Cacciatore de. **Fronteira iluminada. História do Povoamento, conquista e limites do Rio Grande do sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920).** Porto Alegre: Sulina, 2010.

GARCIA, Neiva Mara Zanin. **Estudo linguístico-etnográfico em comunidade paranaense de imigrantes ucranianos: Do passado ao presente.** In. SILVA,.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. Gragoatá, Niterói, n. 21, p. 219-241, 2. sem. 2006.

Granovetter, M. (1973). **The strength of weak ties.** *American Journal of Sociology*, 78 (6),1930-1938.

Huntington, S. P. (1999). **O Choque das civilizações e a mudança na ordem mundial.** Lisboa, Gradiva.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William (1994). *Principles Of Linguistic Change*. Oxford/Cambridg: Blackwell.

LARAIA, R. de B. *Cultura, um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEHMANN de Winfred. *Mudança semântica e lexical: Texto traduzido e adaptado de História Linguística: Introduction (1962)*. (3ª. edição, 1992 [reimpressão de 1994]. Londres e Nova York: Routledge)

LUCENA, Maria Inêz P. **Práticas de linguagem na realidade da sala de aula: contribuições da pesquisa de cunho etnográfico em Linguística Aplicada**. *Delta* n.31 Especial 2015. p. 67-95.

Maalouf, A (1999). ***Identidades assassinas***. Lisboa: Difel. Maalouf, A (1999). *Identidades assassinas*. Lisboa: Difel.

MARGOTTI, Felício Wesling. **Difusão-sócio geográfico do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. 2004. p.Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MARGOTTI, F. W.; MARGOTTI, R. de C. M. F. **Morfologia do português**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

NARO, Anthony Julius. **O dinamismo das línguas**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. (Orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, GM. **“Os Censos Linguísticos e as Políticas para as Línguas”**, em MORELLO, R. e Marci Fileti MARTINS (Orgs.) *Observatório da Educação na Fronteira: Política Linguística em Contextos Plurilíngues: desafios e perspectivas para a escola*. Florianópolis: IPOL: Editora Garapuvu, 2016.

ORTIZ, F. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Madrid: Edito Cuba España, 1999 [1940]

PRETTI, Dino. ***Análise de textos orais***. 5ª ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001

RITCHIE, William C. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 26-51

ROCHA N, A. GALELLI C, Y. ZANCHETTA H, B. O léxico e a abordagem intercultural no ensino de português línguafruta ácida estrangeira. In *Léxicos e suas interfaces: descrição, reflexão e ensino*. Odair Luiz Nadin, Anise de Abreu Gonçalves D'orange Ferreira. Cristina Martins Ferguetti. Organizadores. São Paulo, SP, Cultura Acadêmica. 2016. 320 p, : 14x21cm. – (Série trilhas linguísticas; 29)

Rosa, A. S. El léxico, sistema y neutralización. *Revista espanhola de Linguística (RSEL)* 36, 2006, p. 245-261

THUN, H. **La pluridimensionalidad del Atlas Diatópico e Diastrático del Uruguay** (ADDU), 1999.

THUN, H. **La Geolingüística como Lingüística Variacional General** (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). *Congresso Internazionale Di Linguistica e Filologia Romanza*, 21, 1995, Palermo. *In*: RUFFINO, Giovanni (org.). *Atti*. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

THUN, H. **A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas**. *In*: AGUILHEIRA, V. de A. volume VII: Vozes, veredas, voragens. Londrina. EDUEL, 2009.

TORII, Rena. Os processos de integração dos empréstimos linguísticos no português / 2007 p. 184 f. ; 30 cm Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

WEI, Li. **Conceptual and methodological issues in Bilingualism and Multilingualism Research**. *In*: *The handbook of bilingualism and multilingualism*. Tej K. Bhatia, 2013.

## INTERNET

Calvet, Louis-Jean. **Identidad y plurilingüismo**. París, Plon, 1999. Disponível em [http://www.campus-oei.org/tres\\_espacios/icoloquio9.htm](http://www.campus-oei.org/tres_espacios/icoloquio9.htm), acesso em 23/05/2022.

DERRIDA, J. **Encyclopedia of World Biography**. 1996. Encyclopedia.com. 22 Feb. 2021 <http://www.encyclopedia.com>

PESAVENTO, S. J. **Fronteiras culturais em um mundo planetário - paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s)**. Revista del CELSA. nº. 8 Centro de Estudios Latinoamericanos. Universidade de Varsóvia. v. 8, 2006. p. 9-19

FERGUNSON. C. A. Diglosia.: HYMES, D. (Org.) **Linguagem in culture and society: A reader in linguistics and Anthropology**. New York, Harper & Row, 1964, 429-43

FERNANDEZ, João Luís J. (2017). **Fronteiras, conflitos territoriais e identidades culturais. Introdução ao caso de Olivença**. *The Overarching Issues of the European Space: Society, Economy and Heritage in a Scenario ... Porto: FLUP, pp. 160-173*

FIGUEIREDO, C. R de S. **Topodinâmica da variação do Português gaúcho em áreas de contato intervareial no Mato Grosso**. Porto Alegre, 2014. Tese de doutorado. 299 f. Disponível em: [http://sinop.unemat.br/projetos/divalimt/teses/clar\\_Regina\\_souza.pdf](http://sinop.unemat.br/projetos/divalimt/teses/clar_Regina_souza.pdf). Acesso em 06/08/2022.

GUTIERREZ, M. L. **Language, langue y plurilingüismo**. Universidade del país Vasco. 49-59, 2005. Disponibilidade em [https://acceda.ulpgc.es:8443/xmlui/.../0235347\\_01993\\_0004.pdf](https://acceda.ulpgc.es:8443/xmlui/.../0235347_01993_0004.pdf). Acesso em:12 jul. 2022.

MARQUES J. B. M; ALMEIDA M. S. **Metodologia de estudos do contato linguístico no norte de Mato Grosso**. Porto das letras, v. 6 n. 3, 2020. Disponível em sistemas. Uft.edu.br/periodicos. Acesso em 23/10/2022.

PINTO, Maria das Graças L. **O plurilingüismo: um trunfo**. Letras de Hoje, Porto Alegre,v. 48, , 2013 Disponível em<[Revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/12584/9917.pdf](http://Revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/12584/9917.pdf)>. Acesso em: 08 agos. 2019

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. **[SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas**. Revista de Estudos da Linguagem, v. 22, n.1, p.119-151, 2014.

Romano, Valter, P. **Percorso historiográfico e metodológico da geolingüística**, Revista Papéis, Vol. 18. N: 35.136-153. 2014, Campo Grande ISSN 1517-9257,

disponível em  
seer.ufms.br/index.php/papeis/article/download/3017/2445, acesso em 14/06/2021

OLIVEIRA. G. de M. **Línguas de fronteira, fronteiras de línguas: do multilinguismo ao plurilinguismo nas fronteiras do Brasil**. Revista GeoPantanal • UFMS/AGB • Corumbá/MS • N. 21 • 59-72• Jul./Dez. 2016

SAVEDRA, Monica M. G; PEREZ Gabriel M. H. **Plurilinguismo: práticas linguísticas de imigrantes brasileiros no Suriname**. *Organon: Revista do Instituto de Letras*. v. 32, n. 62. 2017. Disponibilidade em <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/70594/42123>. Pdf>. Acesso em: 28 jan. 2021

STELMA. R. “A geografia das cidades de fronteira: Um estudo e caso de Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia), disponível em <http://www.retis.igeo.ufrj.br/2012>. Acesso em 08/12/2021.

STURZA, Eliana R. Tatsch Juliane. A fronteira e as línguas em contato: uma perspectiva de abordagem. Cadernos de Letras da UFF Dossiê: Línguas e culturas em contato nº 53, p. 83-98 83, 2016.

STURZA, Eliana Rosa. In: Letras e Instrumentos Linguísticos, nº. 18, jul./dez. 2006. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas: Pontes Editores, 2006. p.101-121.

STURZA, Eliana R. **Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras**. In Revista Ciência e Cultura. Vol.57, n. 2, SãoPaulo. Abril/Junho, 2005.

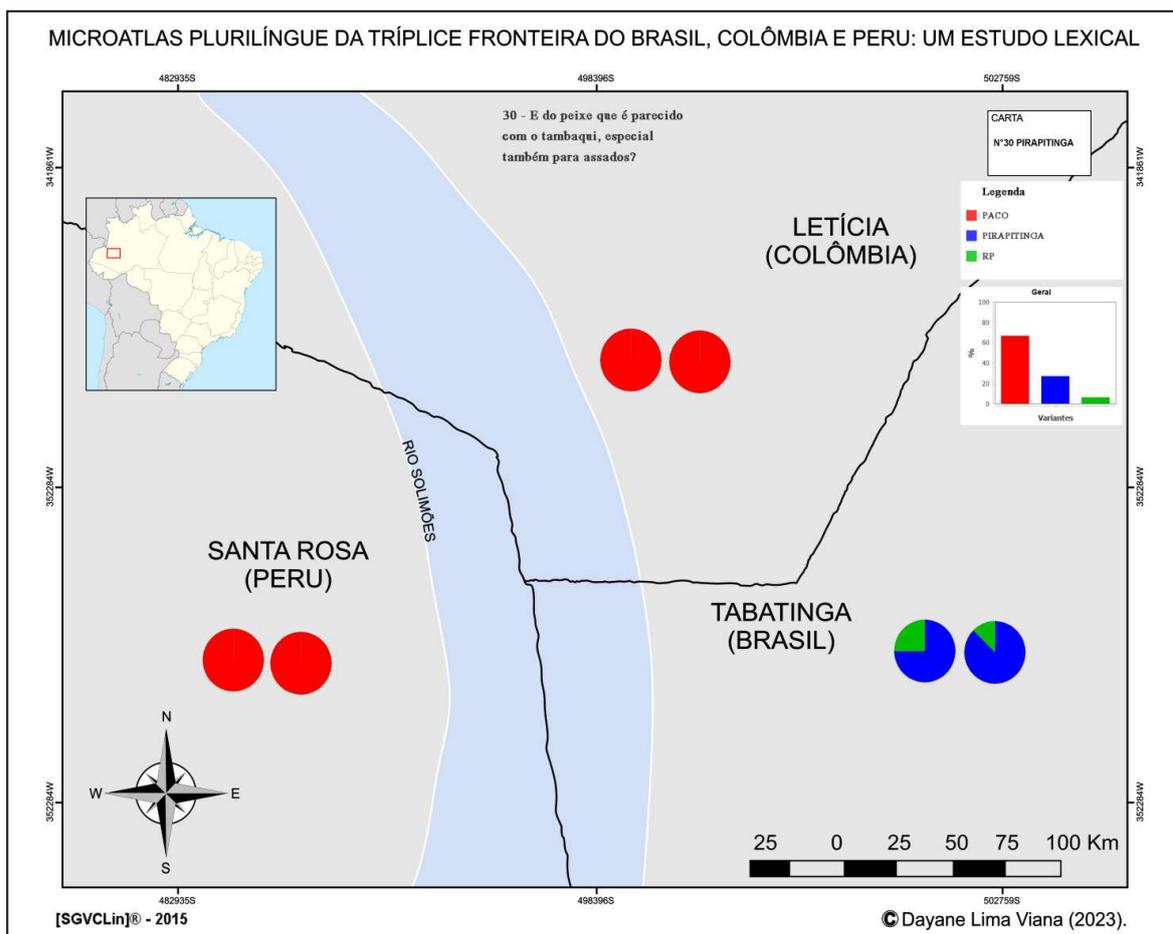
Suarez. Á. G. “**Tabatinga (Br) e Letícia Col): Duas cidades Gêmeas**, disponível em <http://www.aebr.eu/files/publications/>, 2013. Acesso em 09/12/2021.

VIANA. Lima Viana. **Línguas em contato na tríplice fronteira: A influência da língua espanhola no léxico do português falado em Tabatinga-AM**. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal do Amazonas, 2019. 302 f .: 31

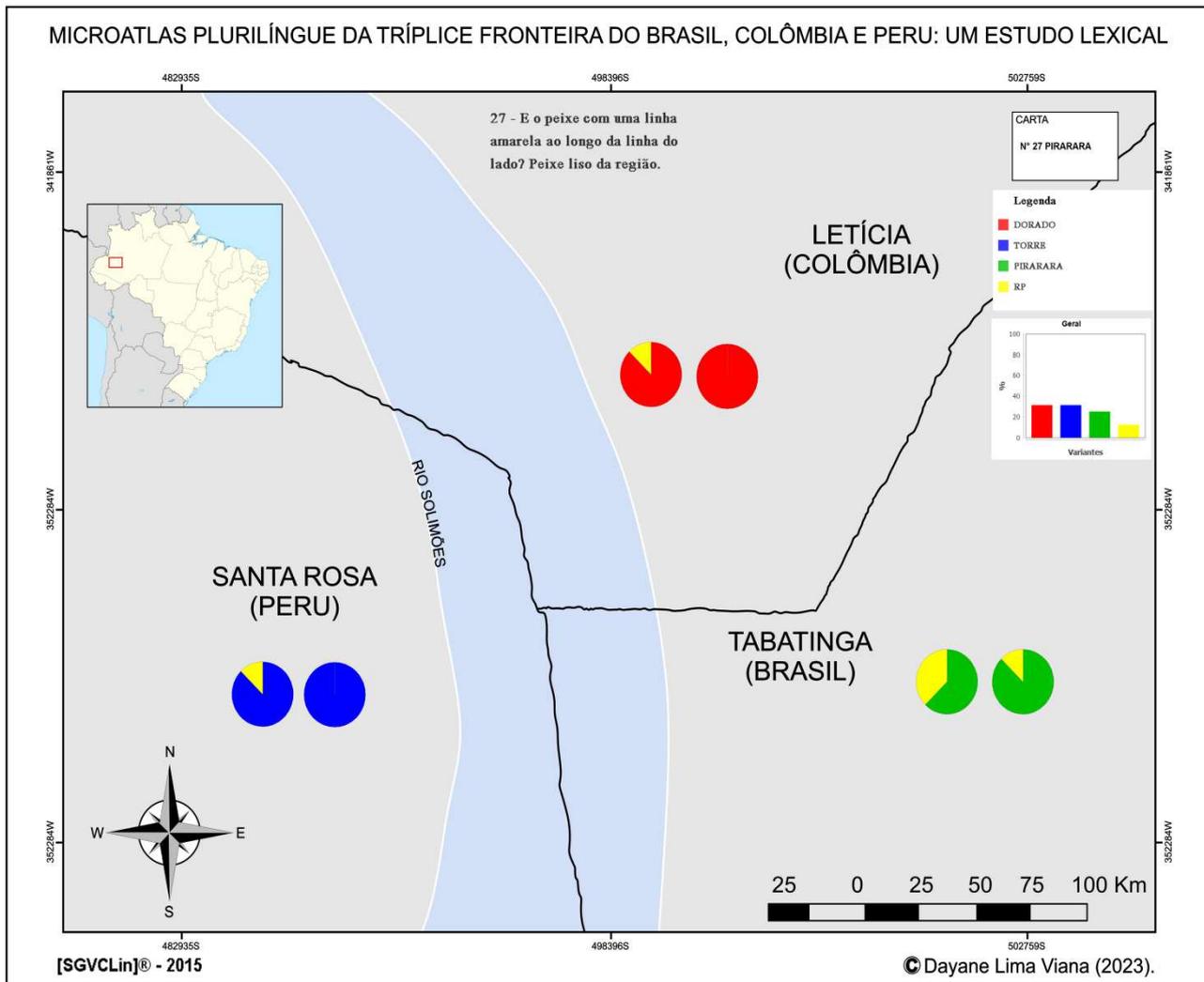
## Apêndice 1

Cartas que demonstram uso categórico de lexis ou pouco representativas

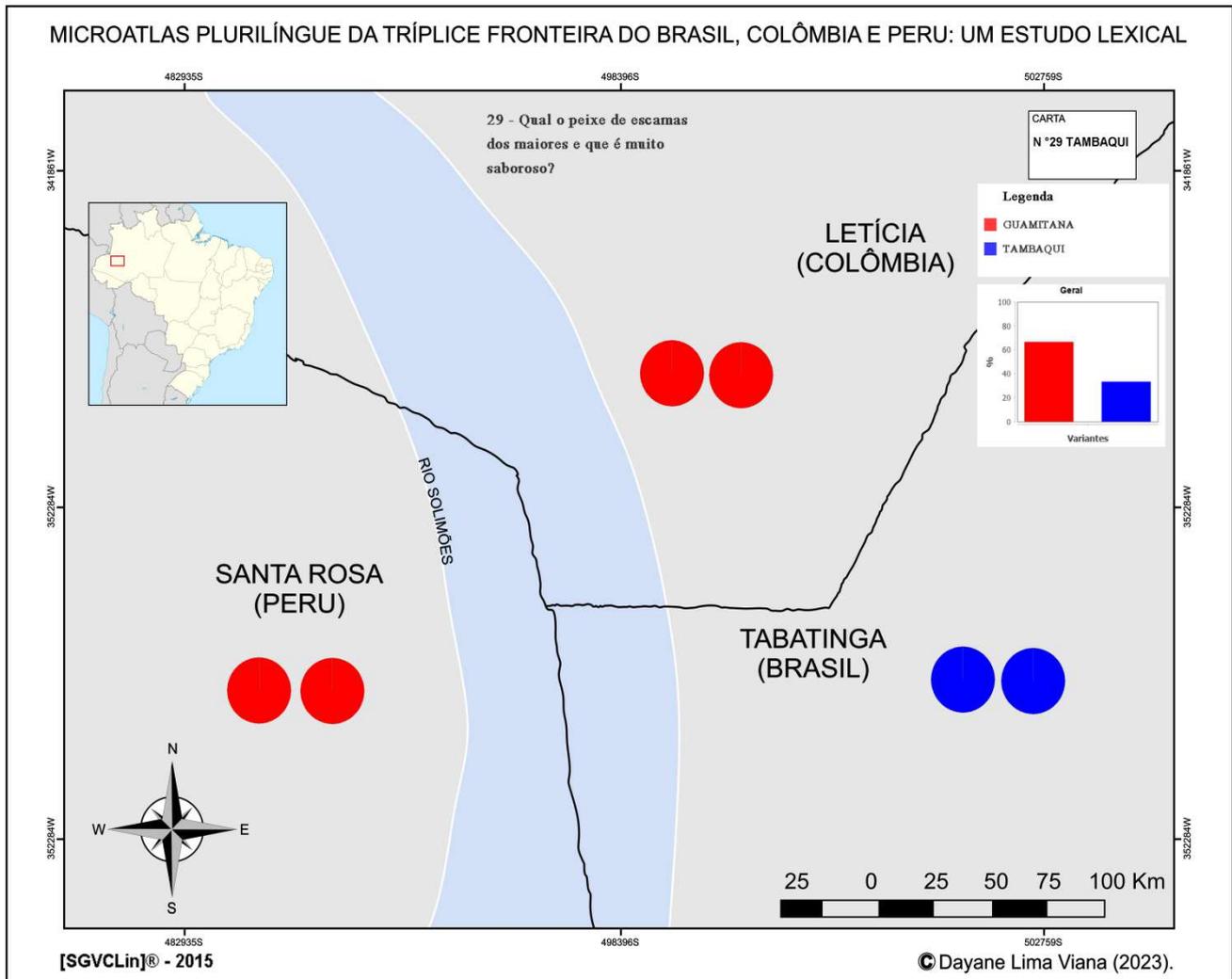
## 1. Carta 30



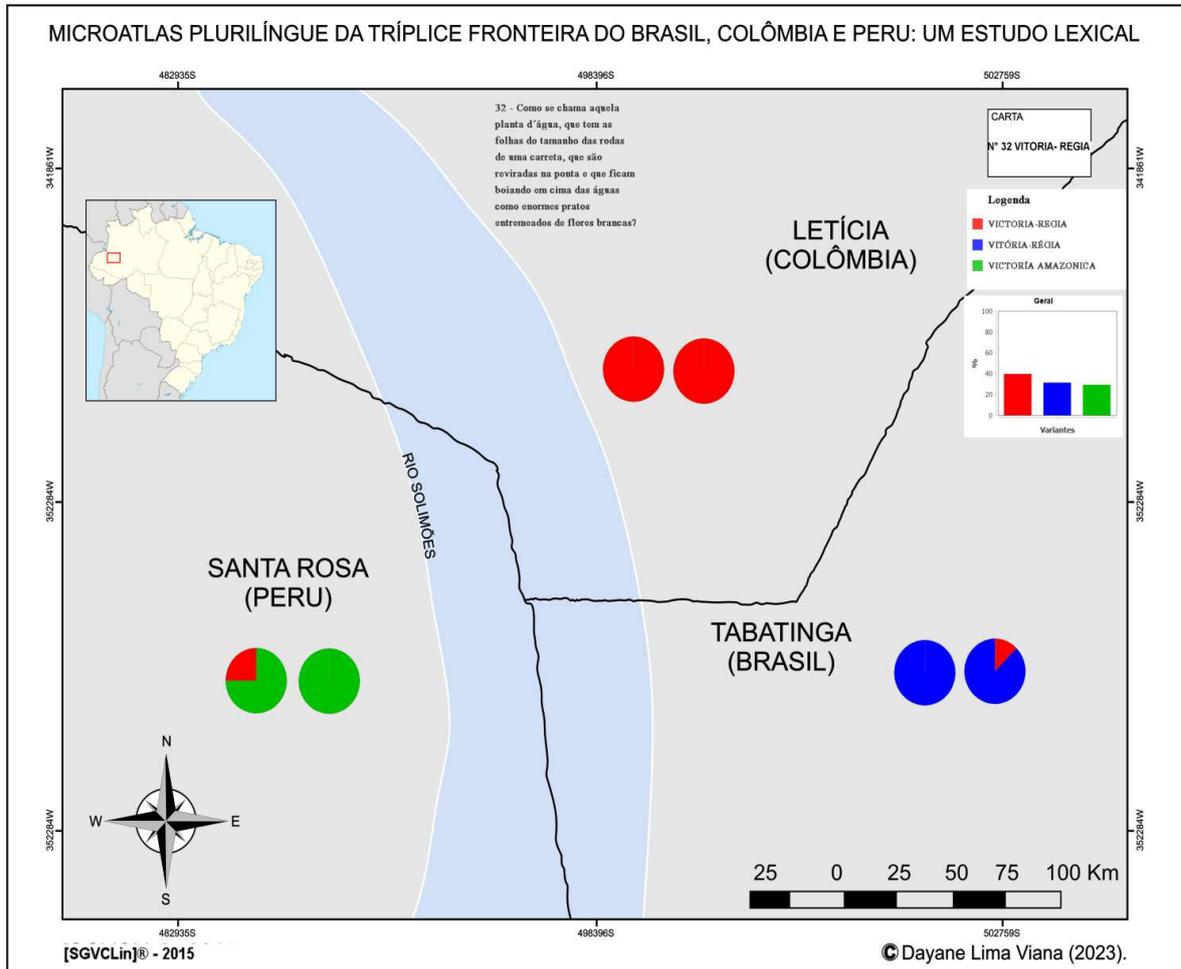
2. Carta 27



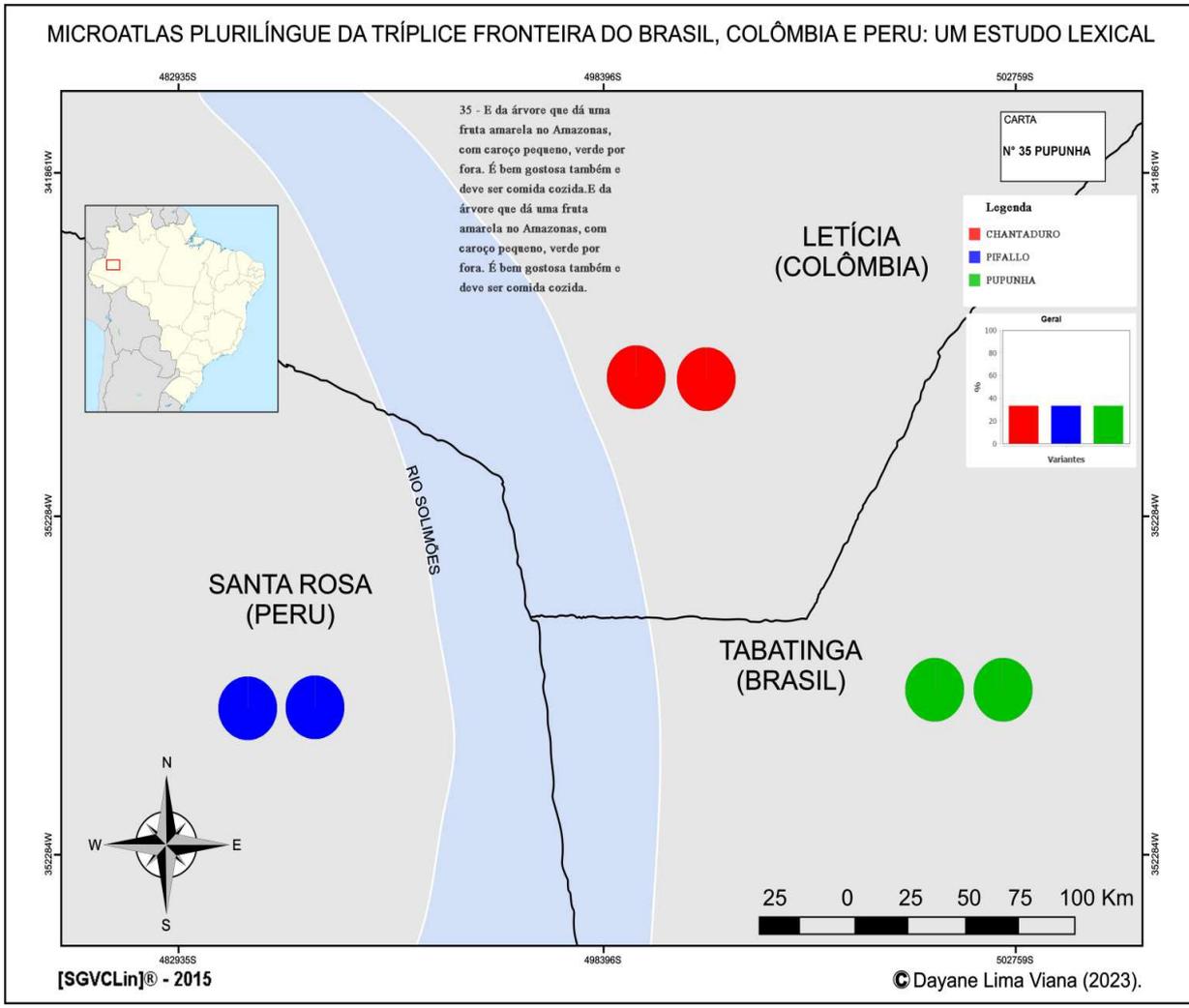
## 3. Carta 29



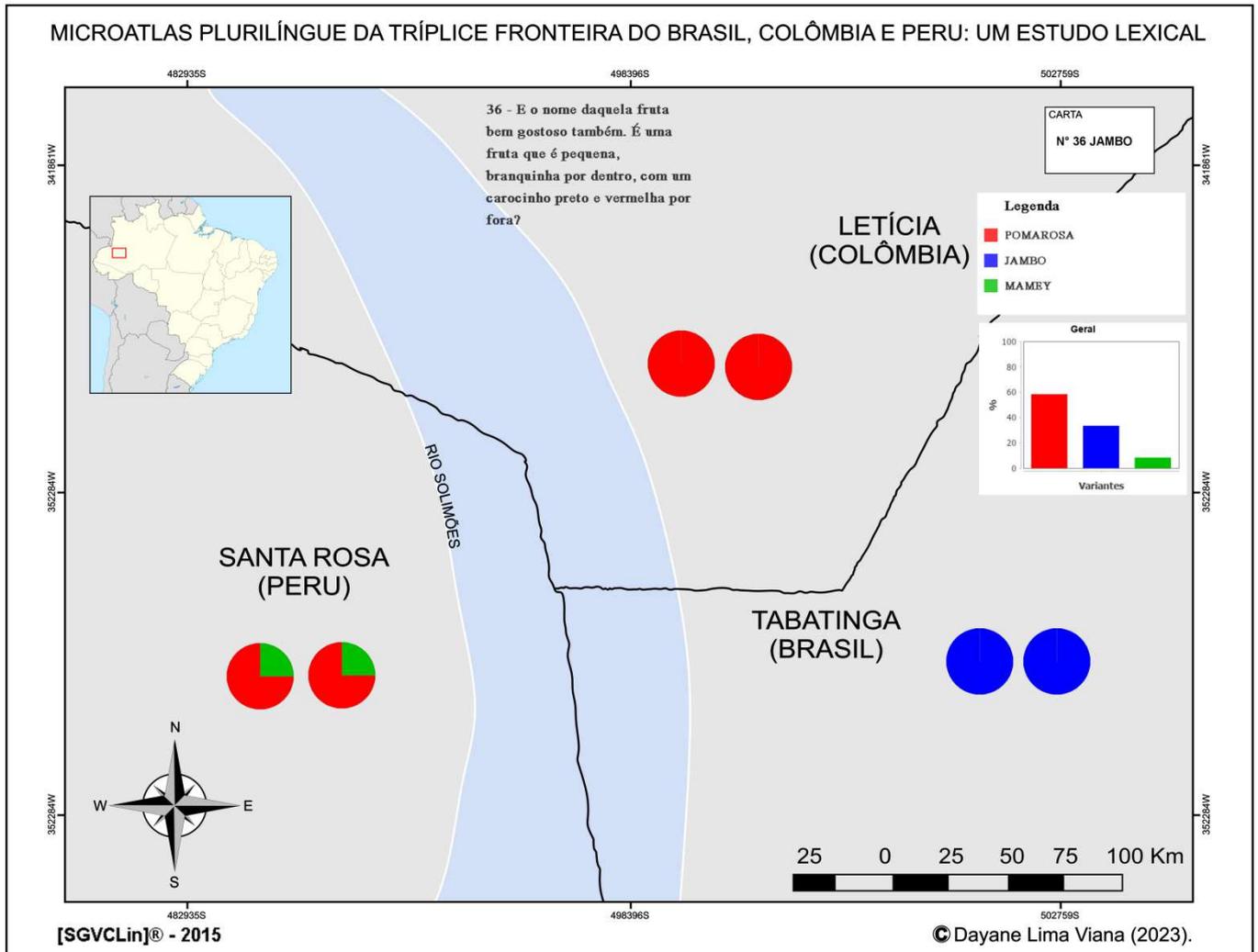
4. Carta 32



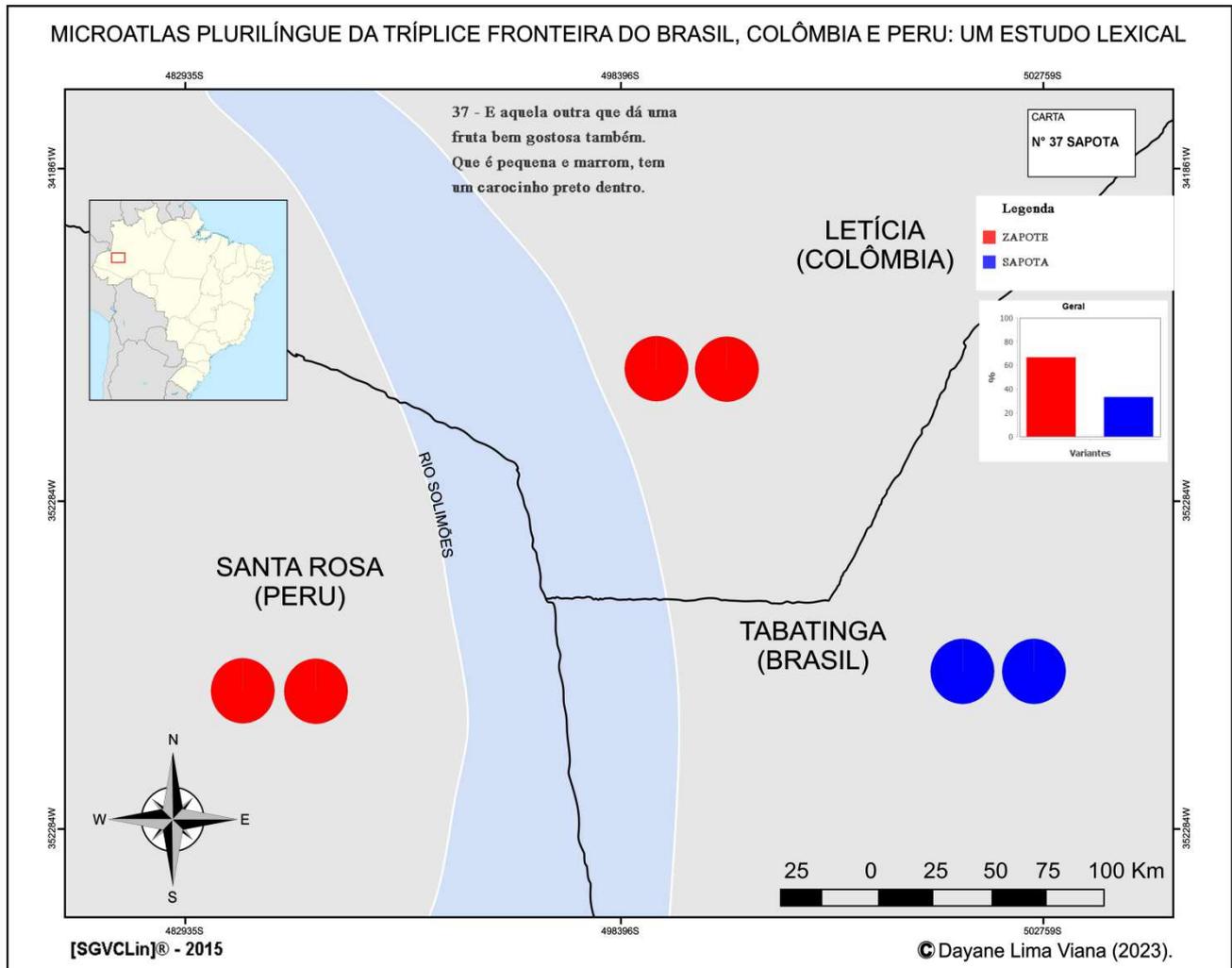
5. Carta 35



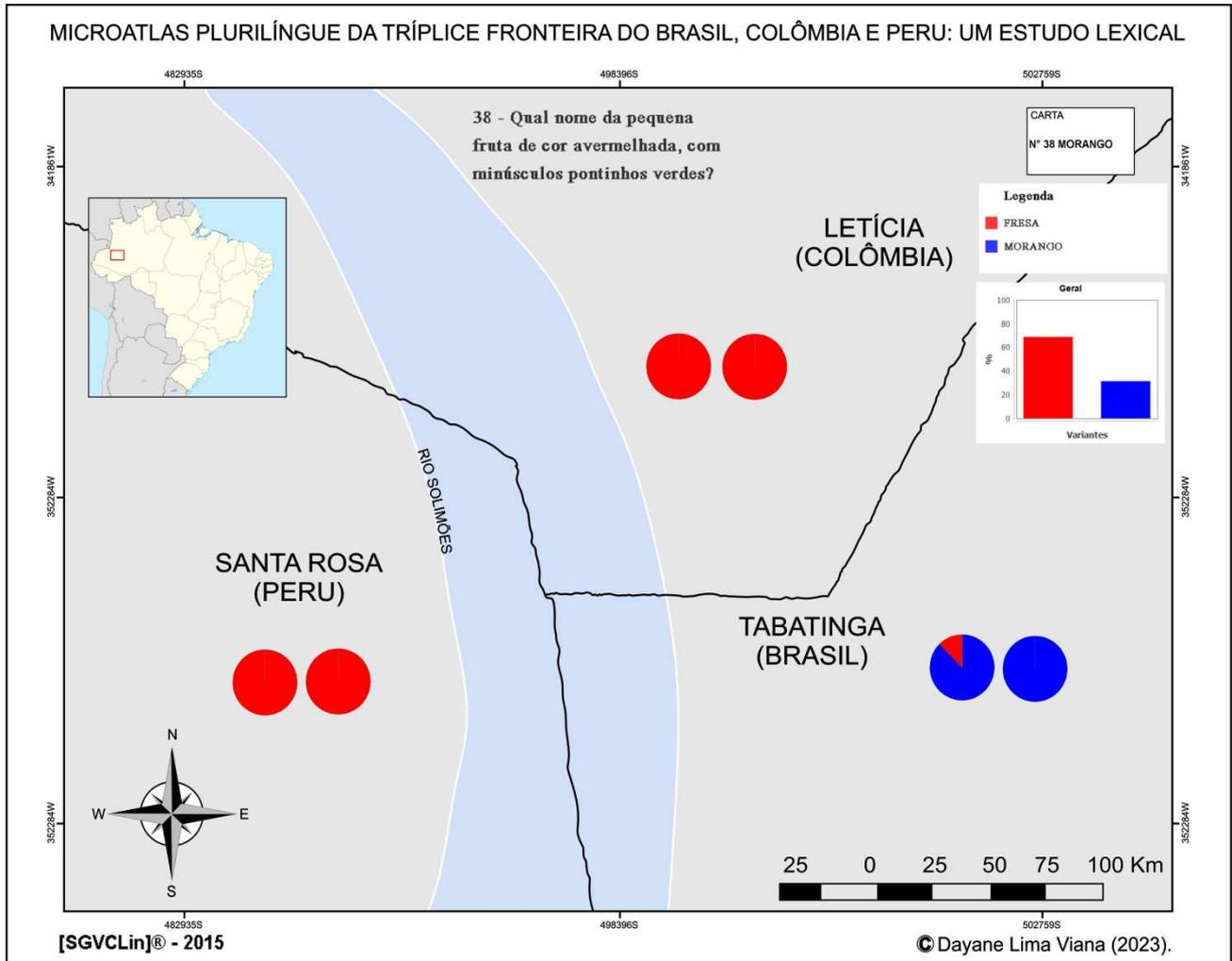
6. Carta 36



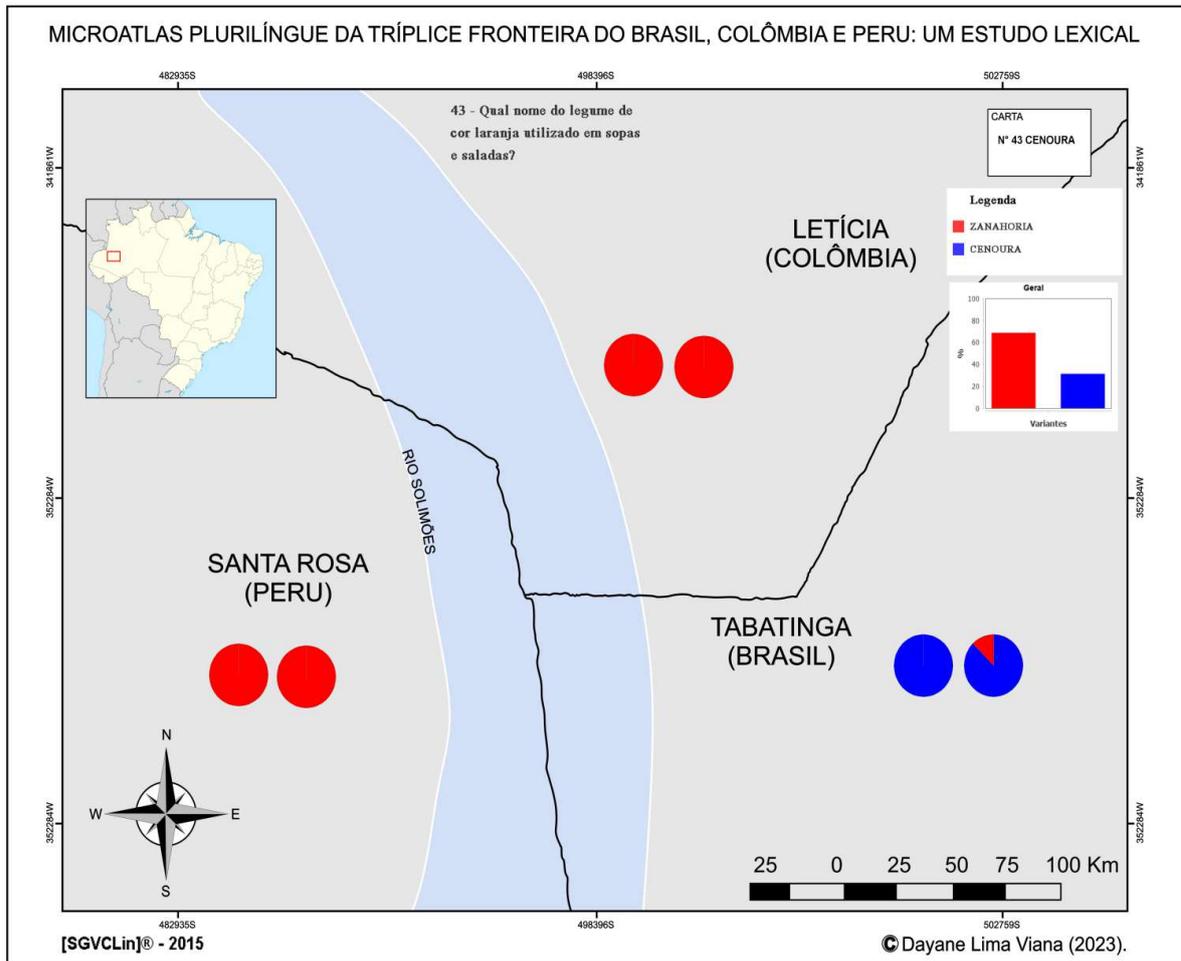
## 7. Carta 37



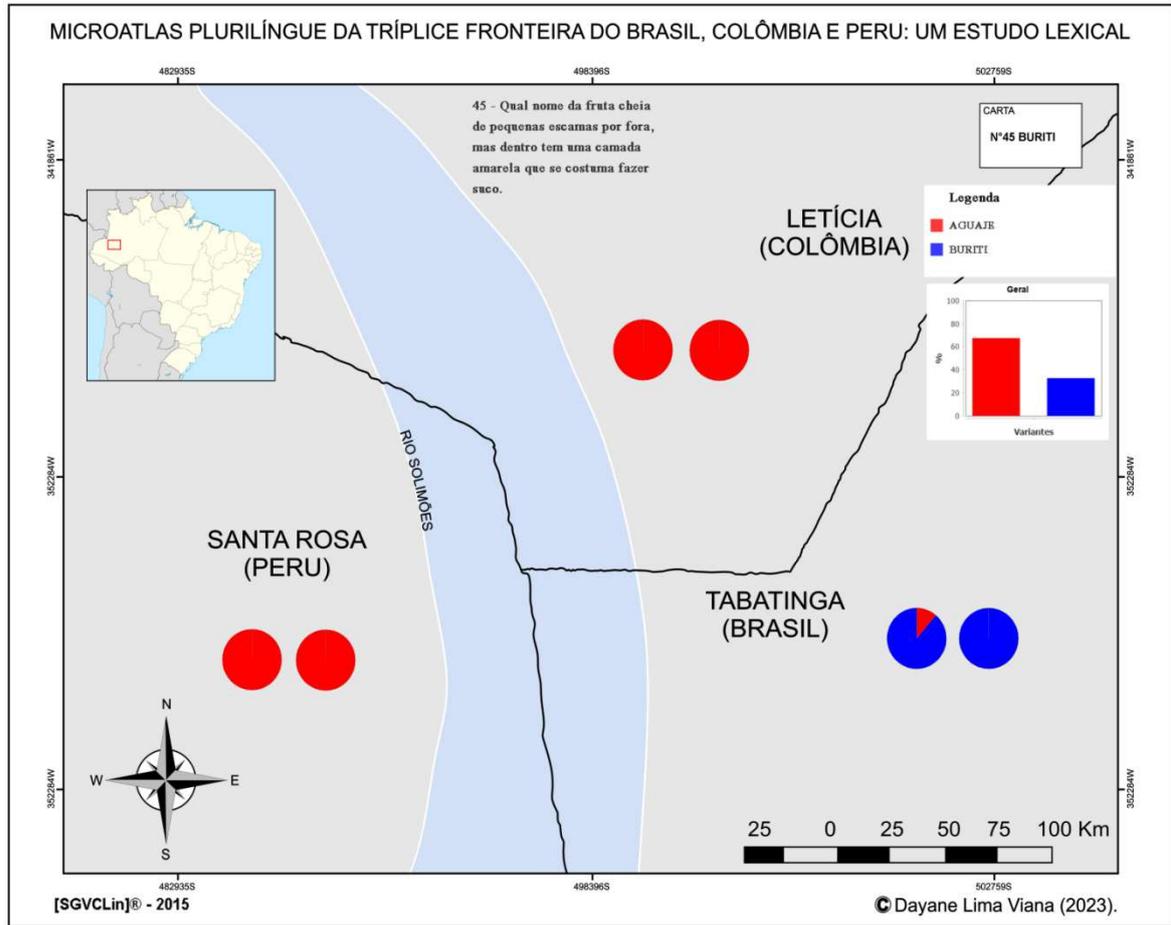
## 8. Carta 38



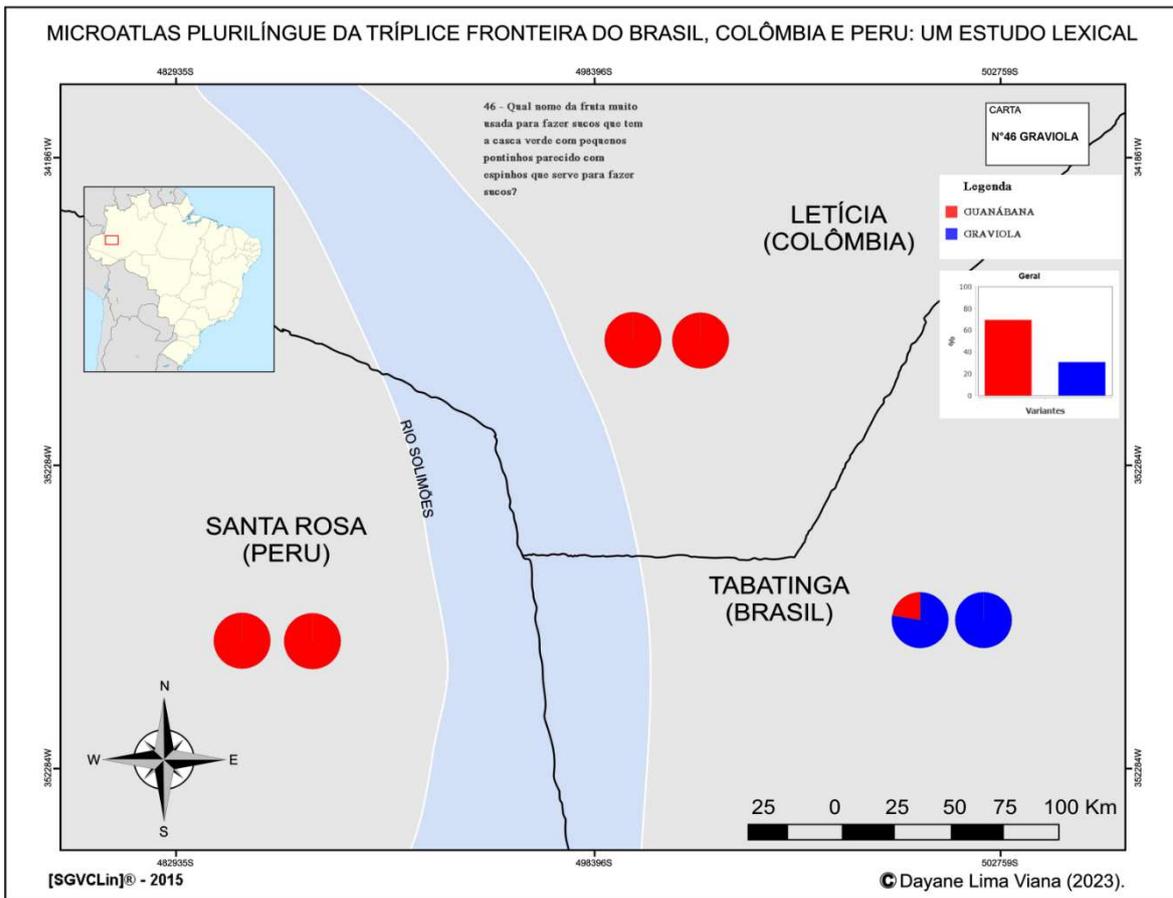
9. Carta 43



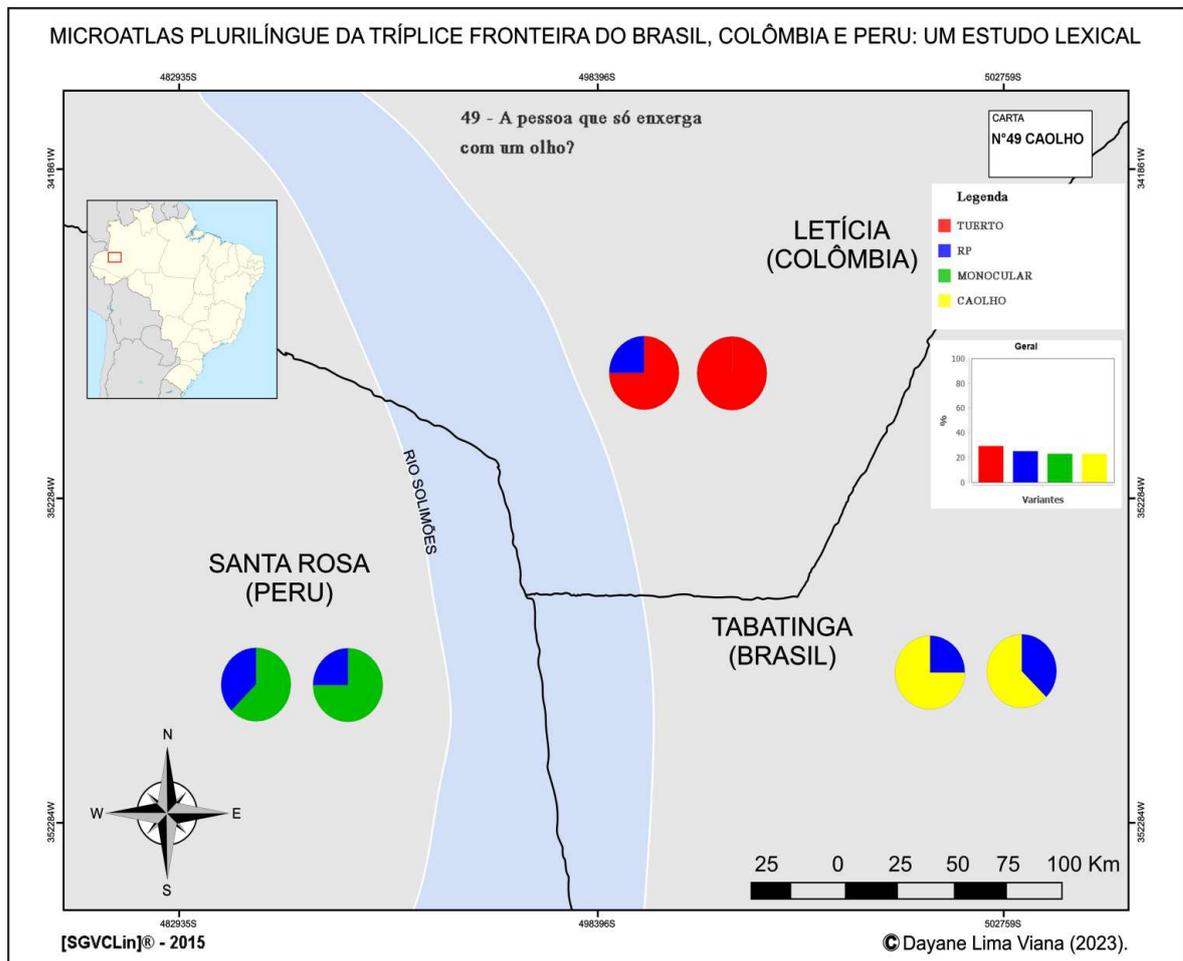
10. Carta 45



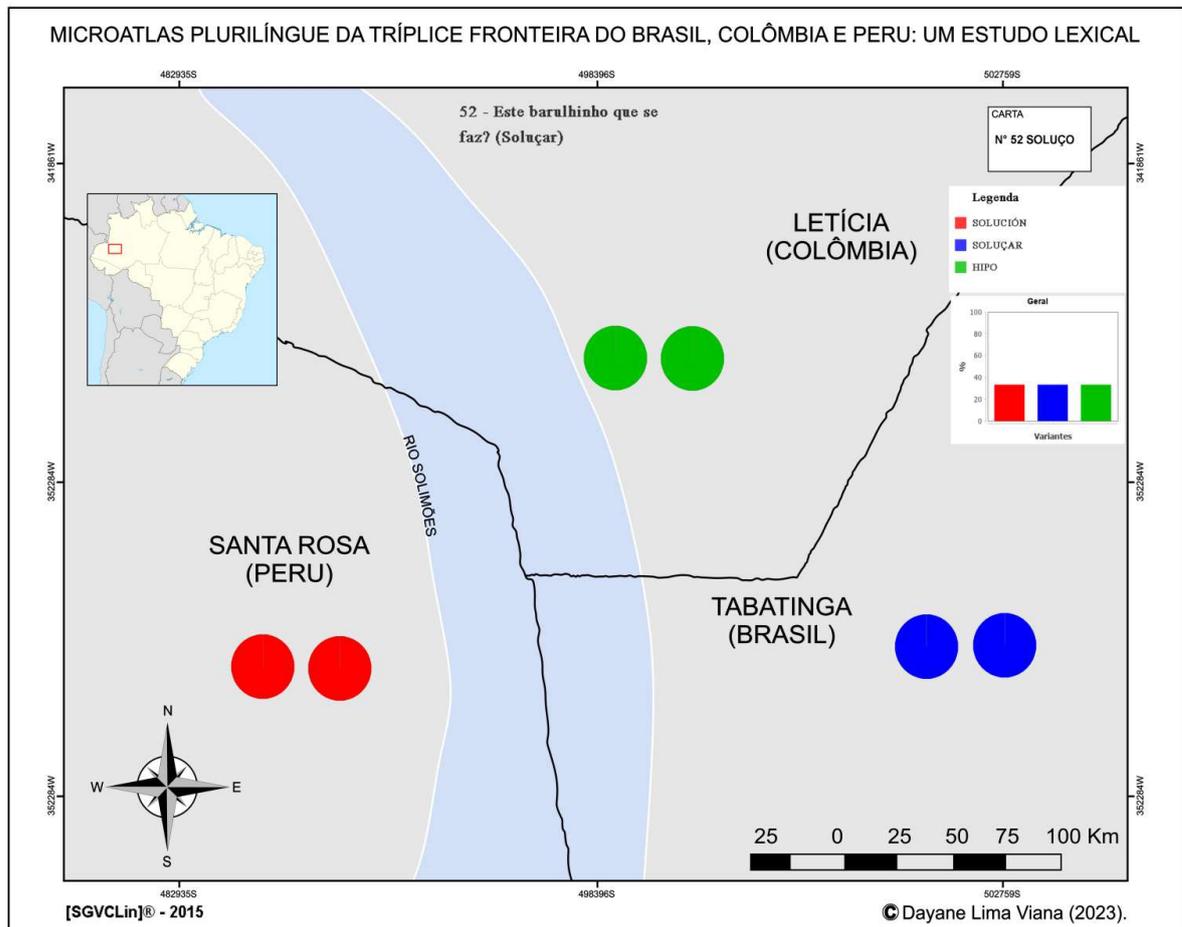
Carta 48



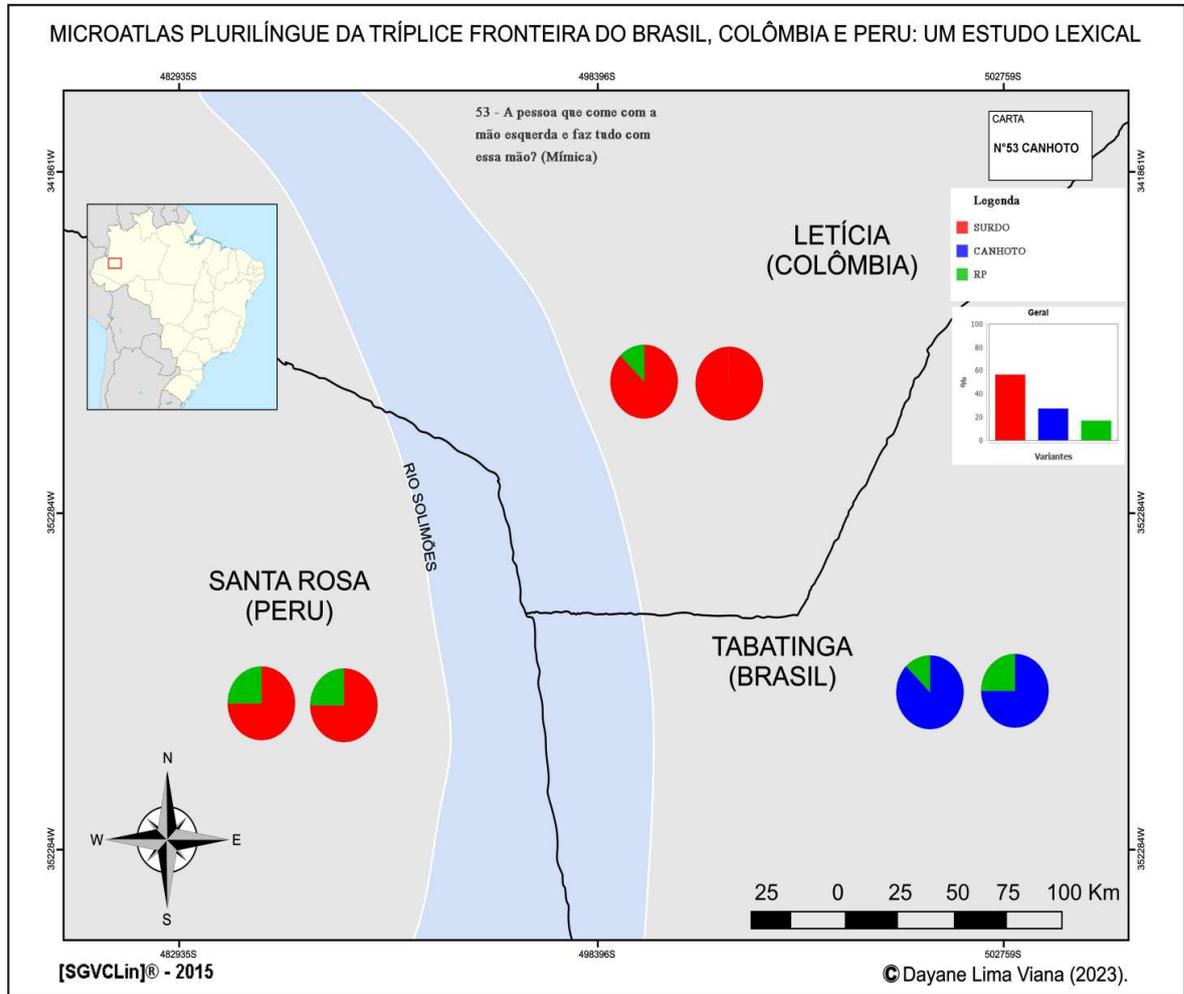
## 11. Carta 49



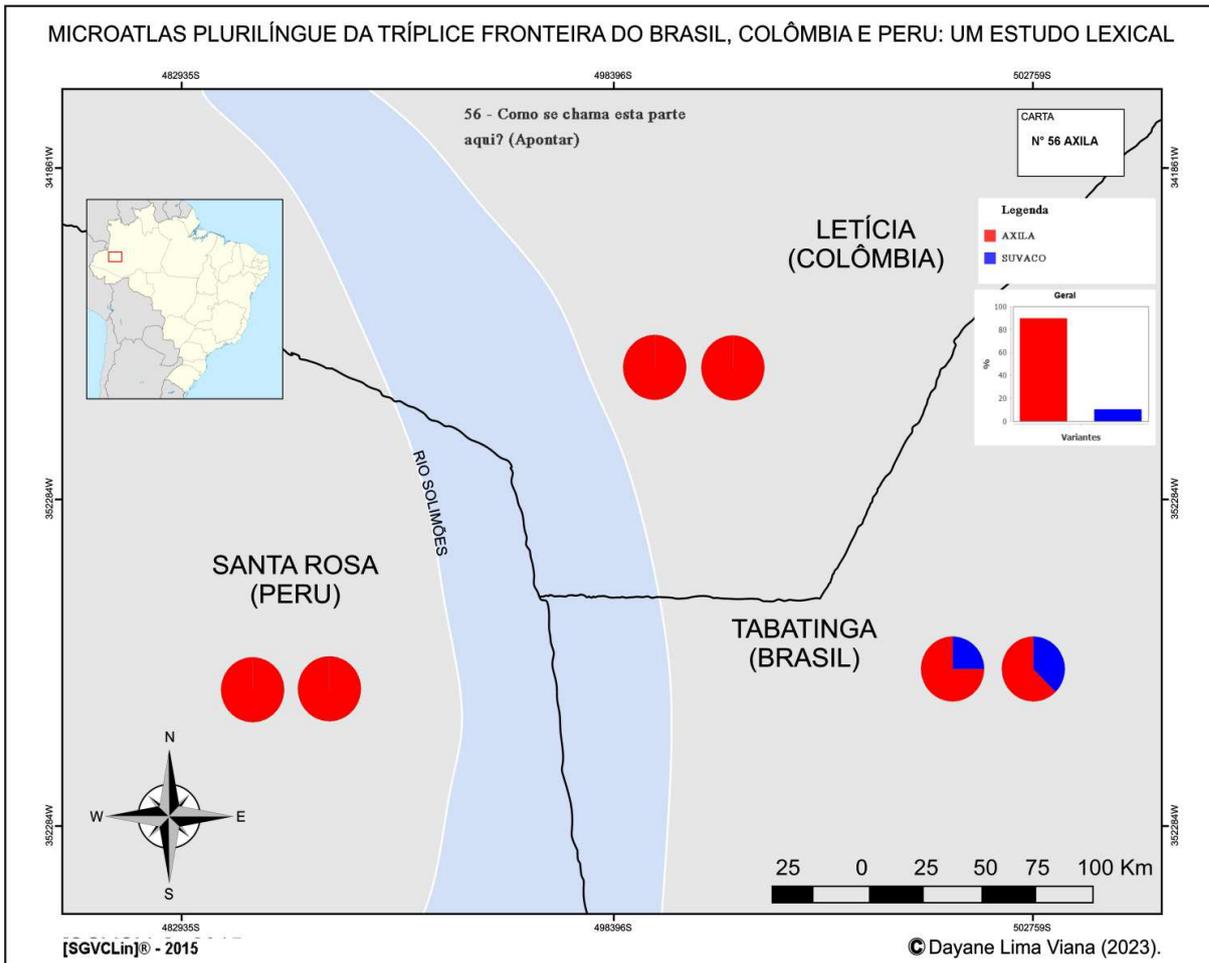
## 12. Carta 52



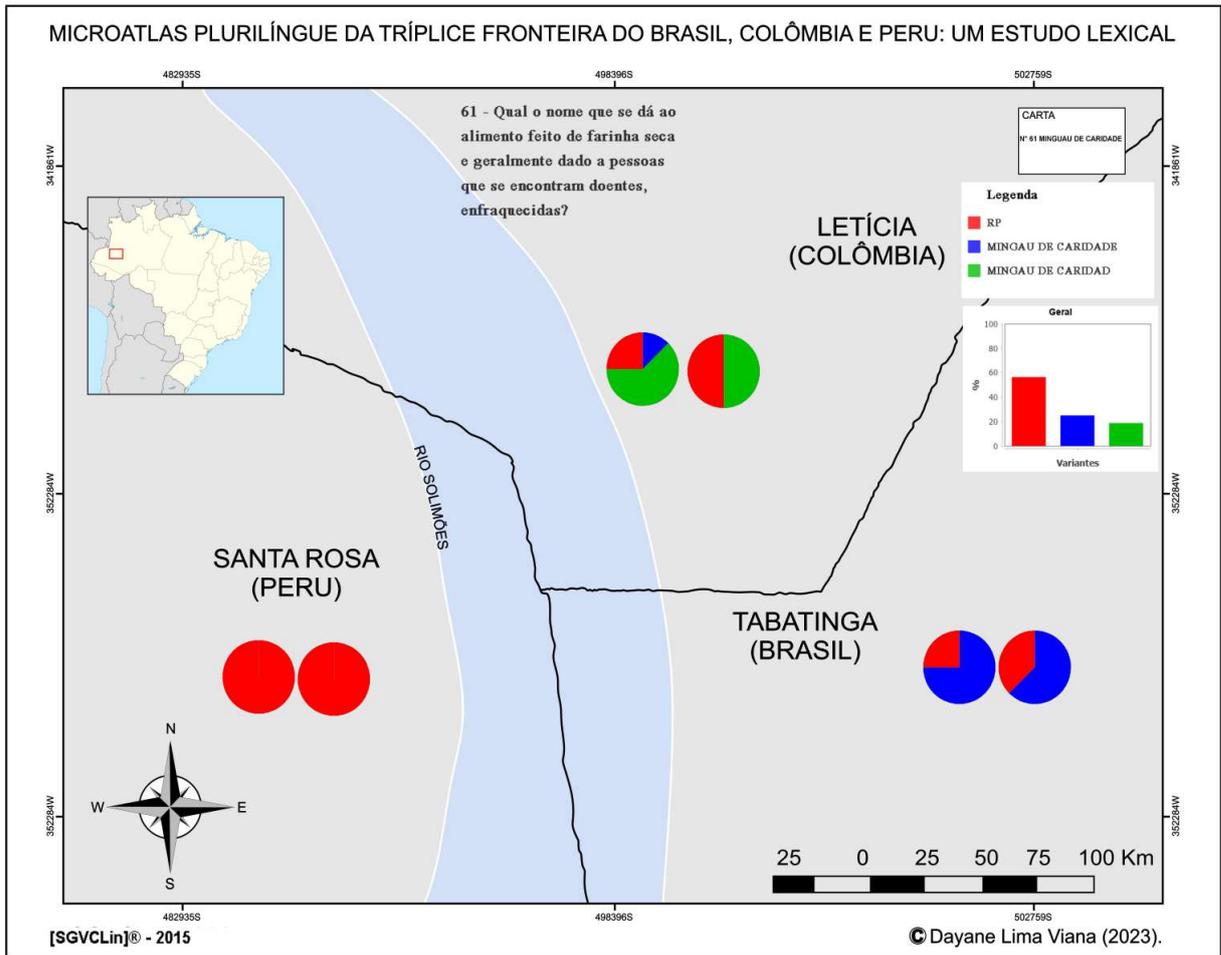
13. Carta 53



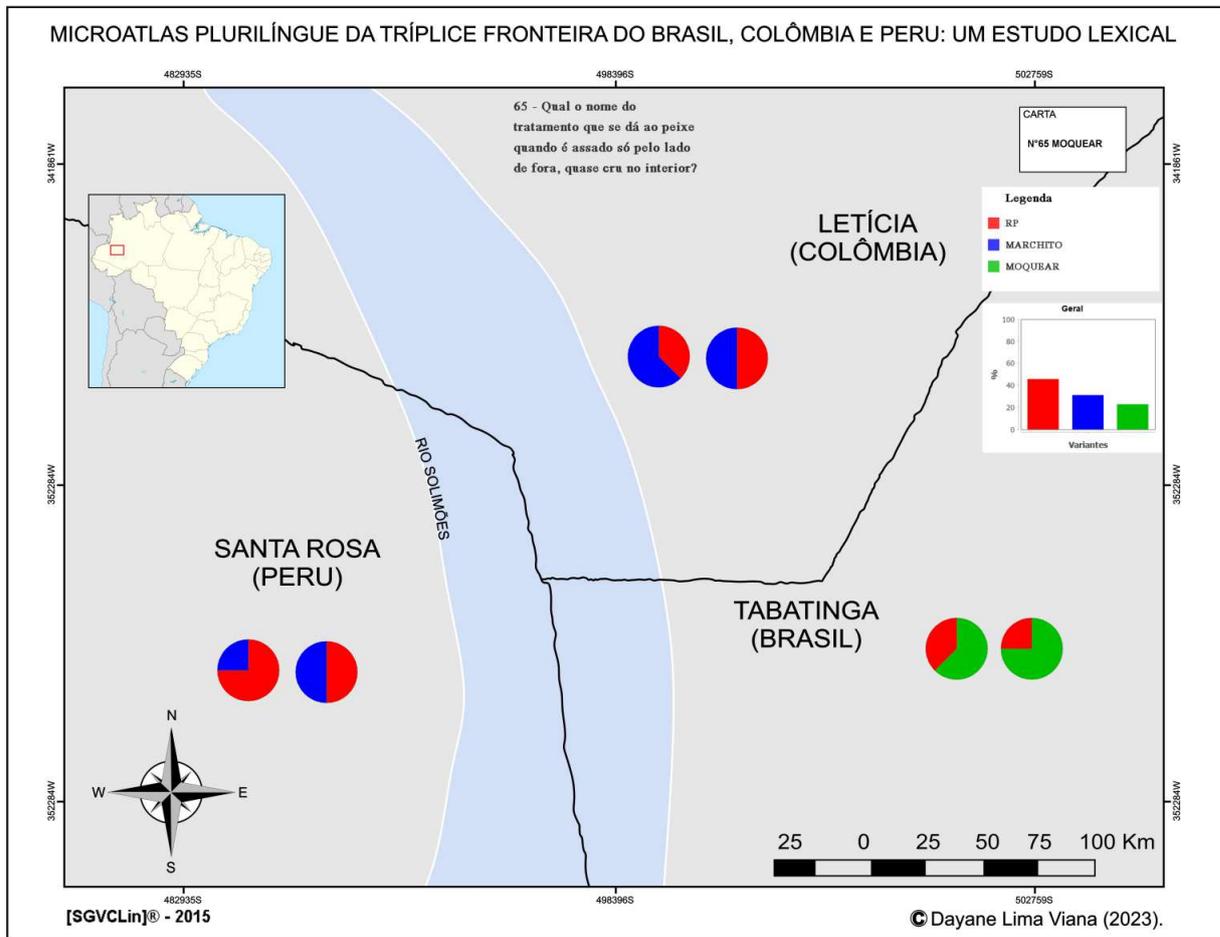
### 14. Carta 56



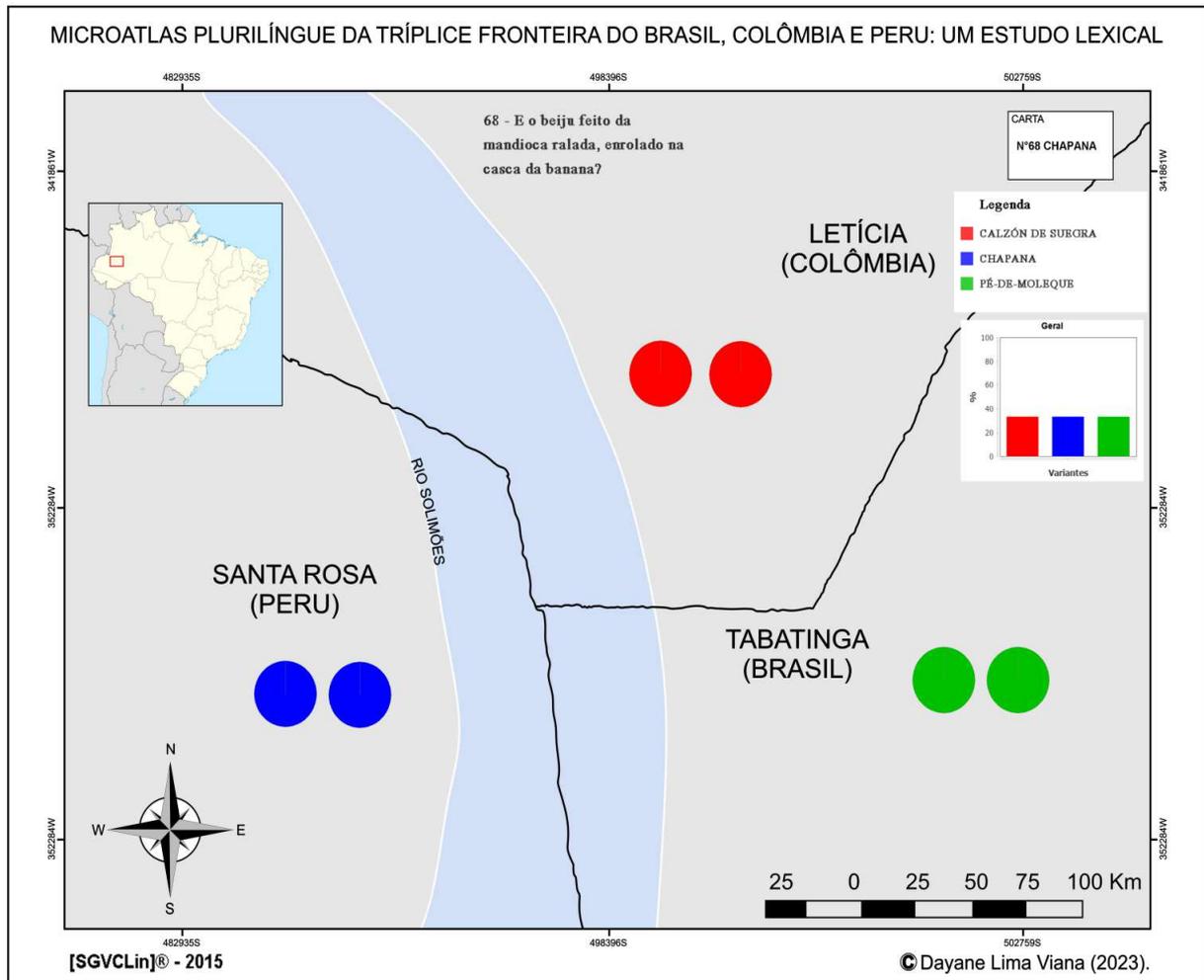
15. Carta 61



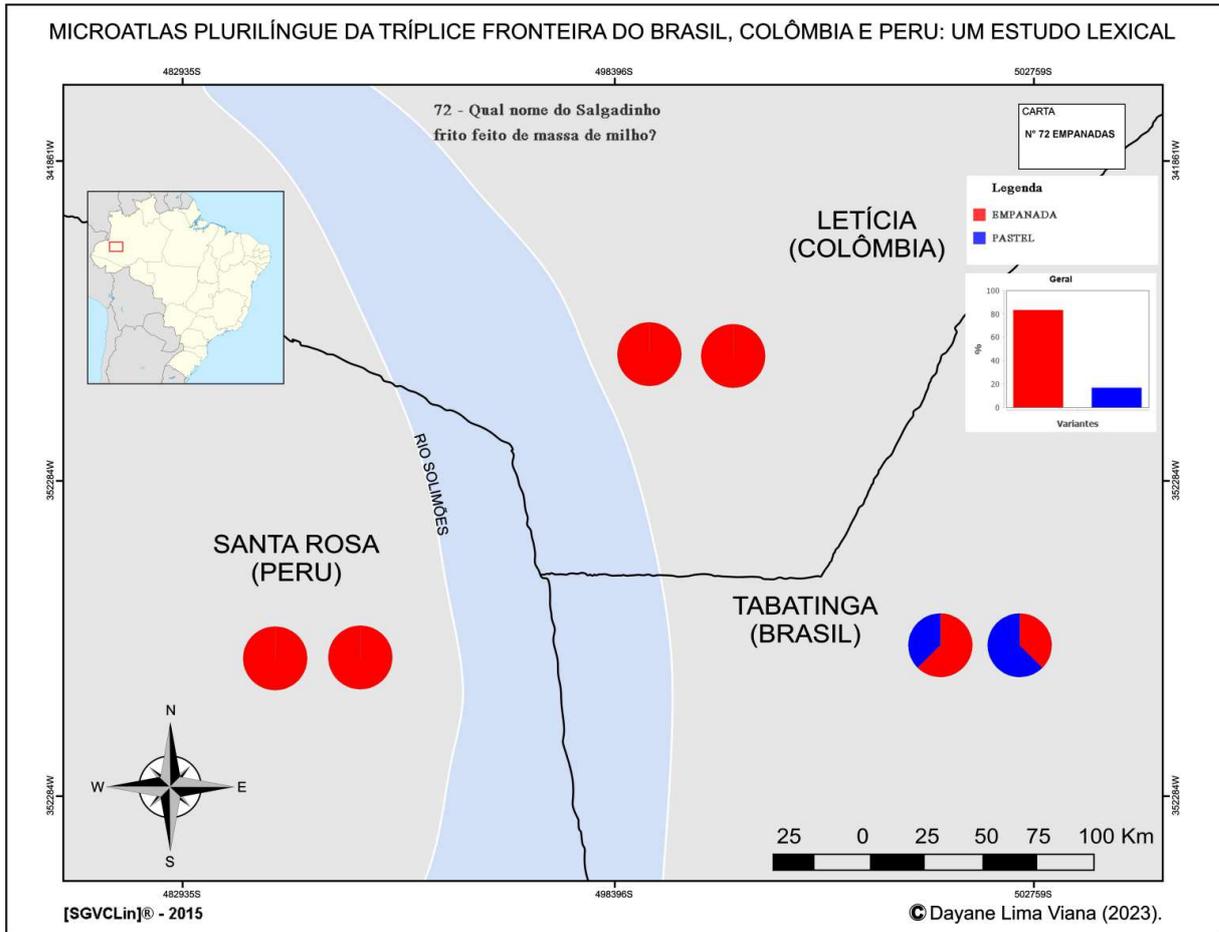
## 16. Carta 64



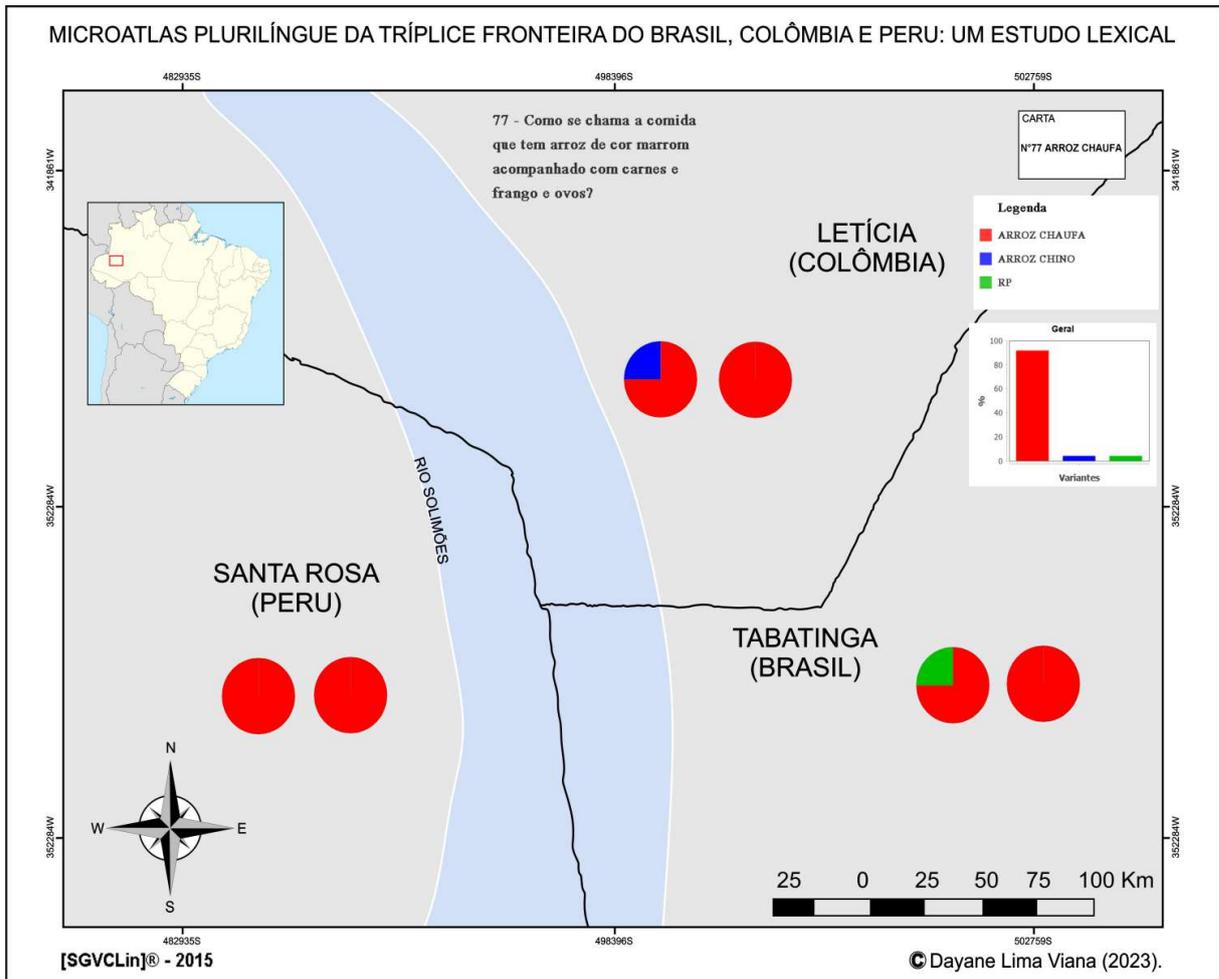
## 17. Carta 68



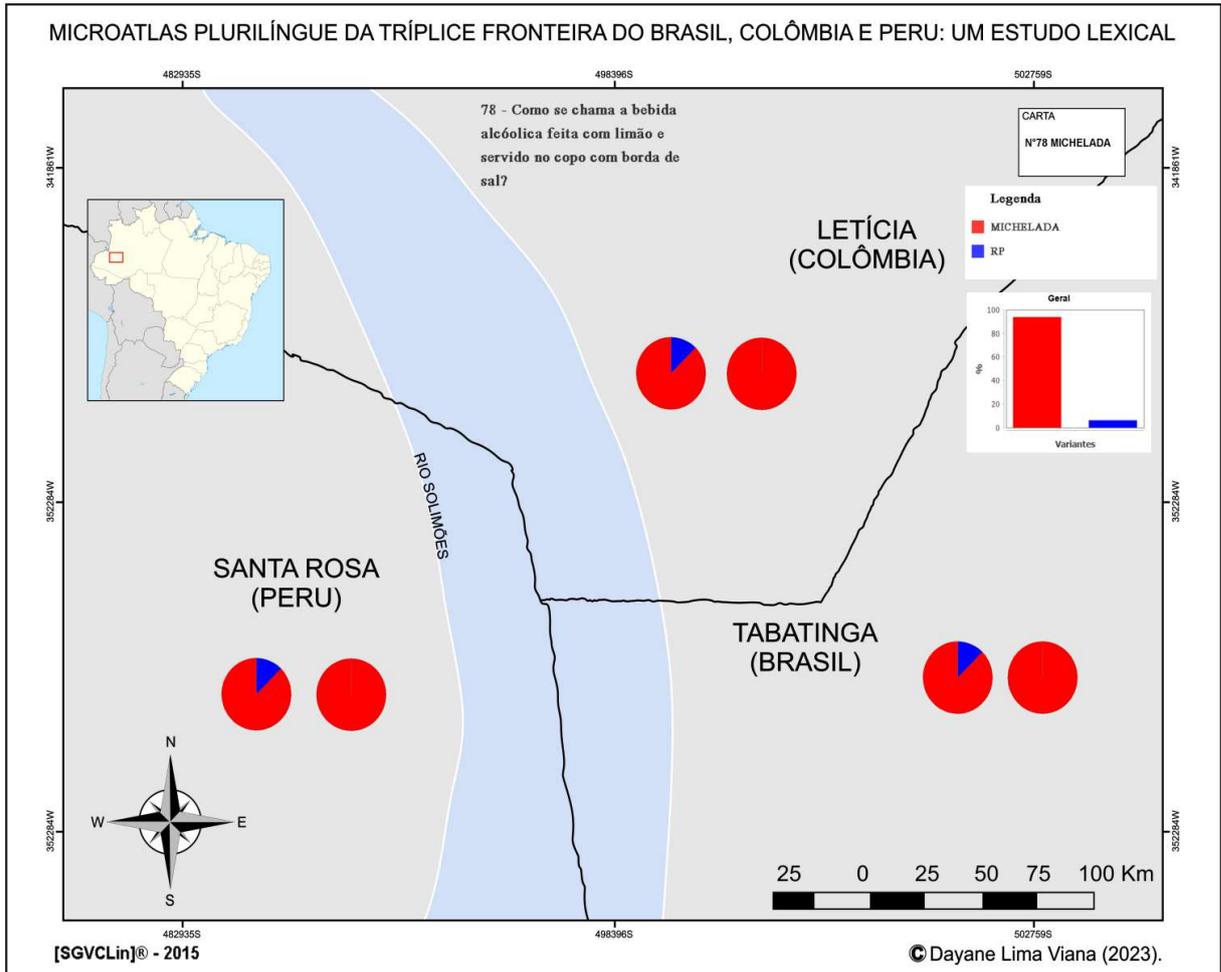
18. Carta 72



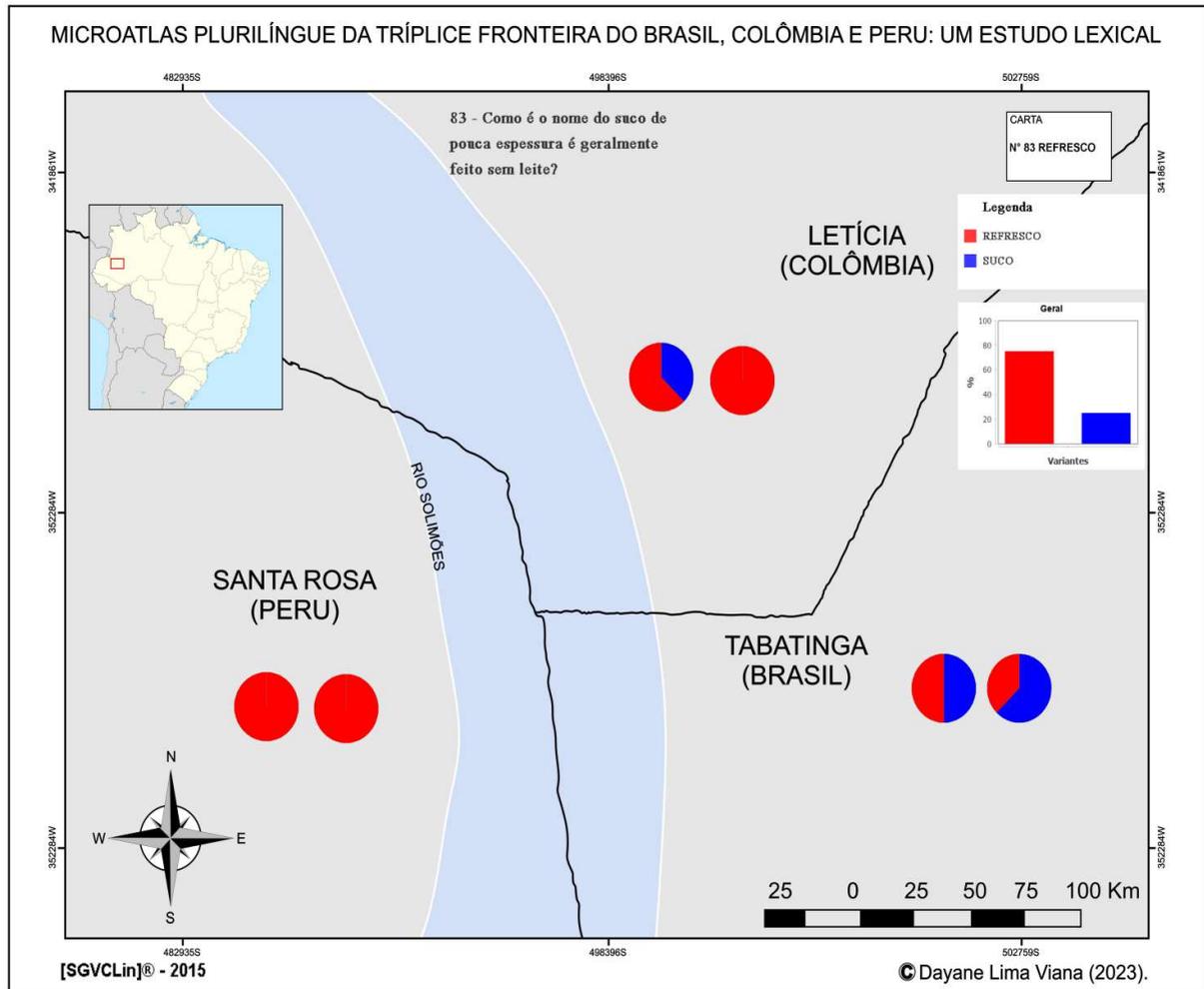
19. Carta 77



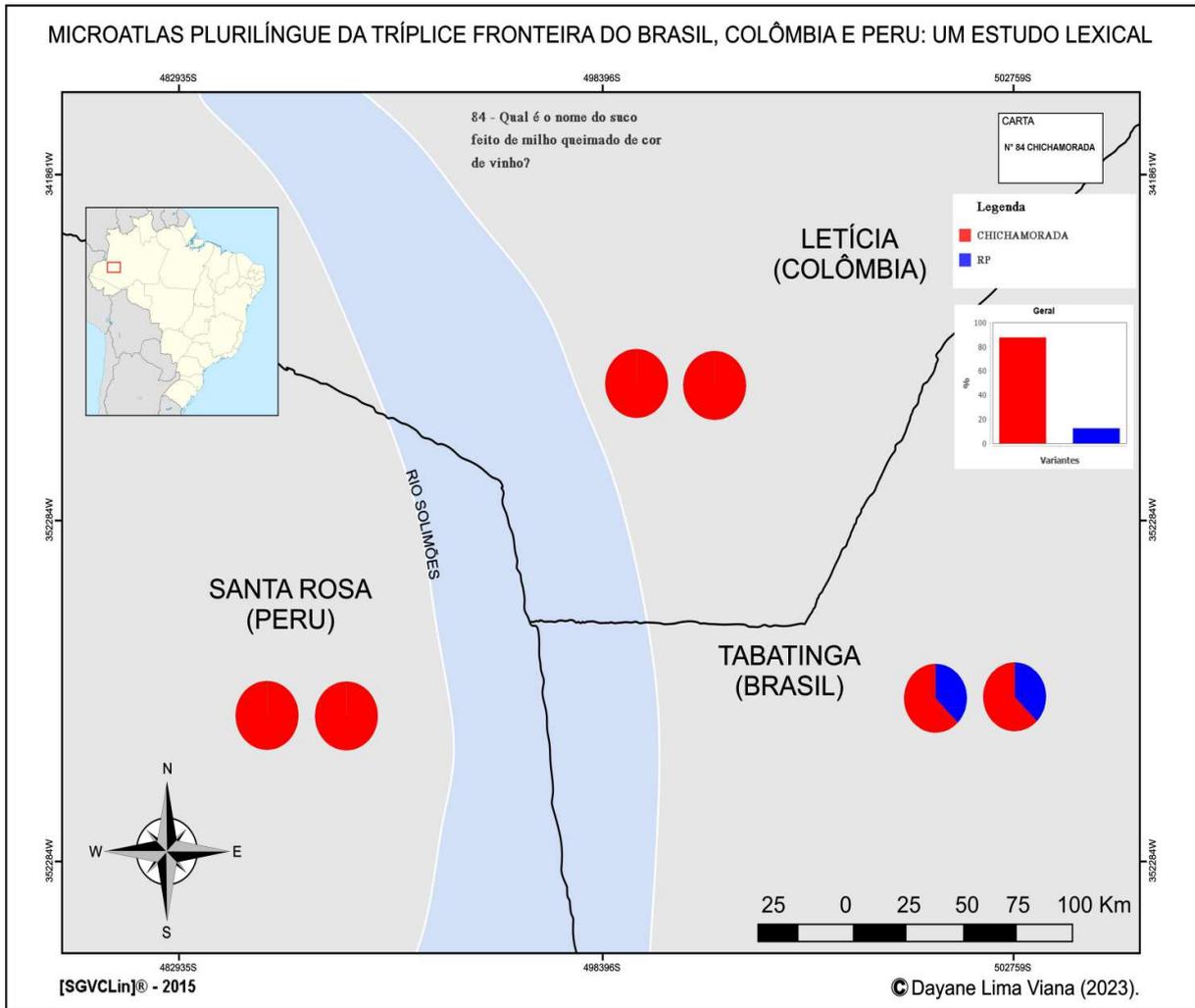
20. Carta 78



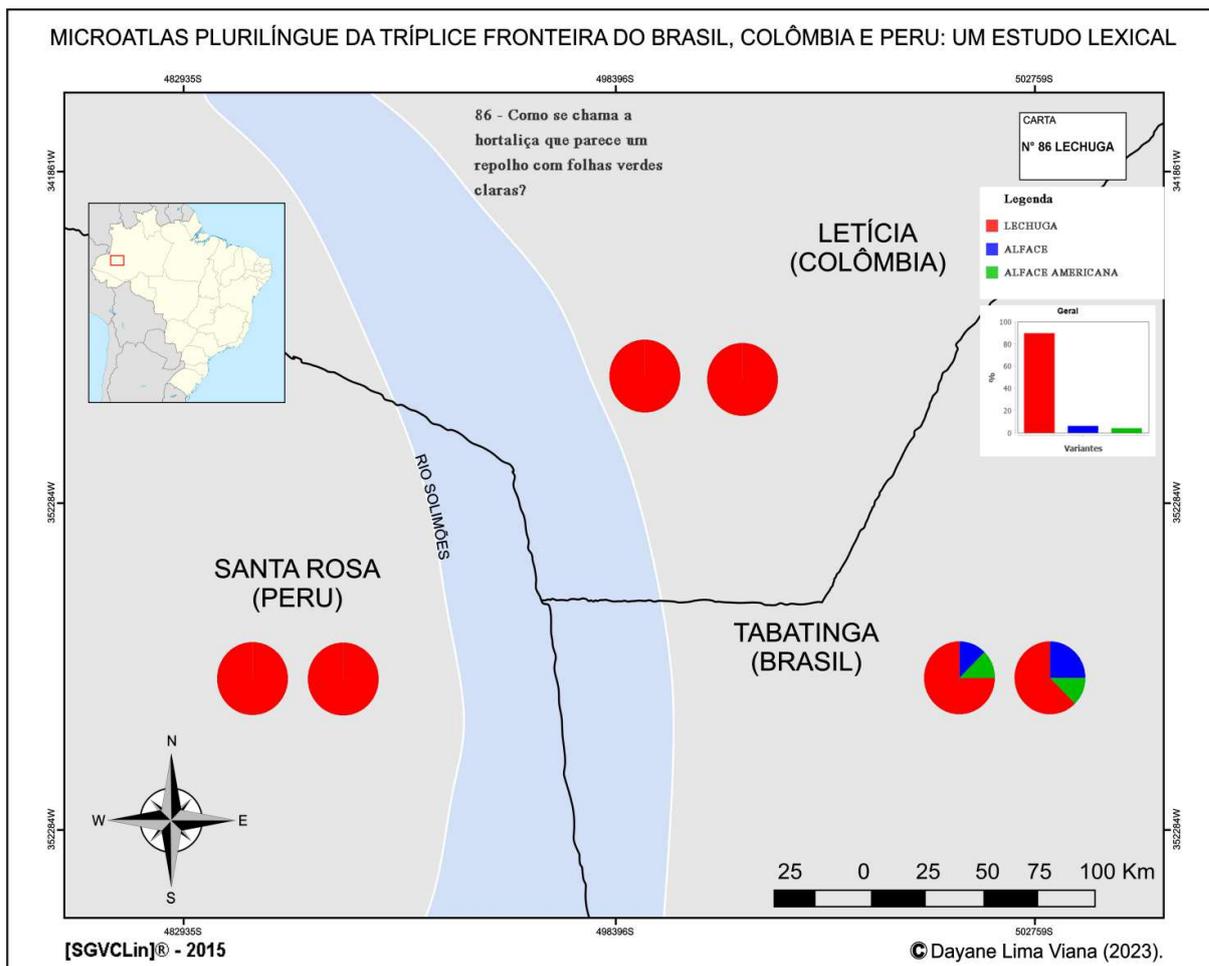
## 21. Carta 83



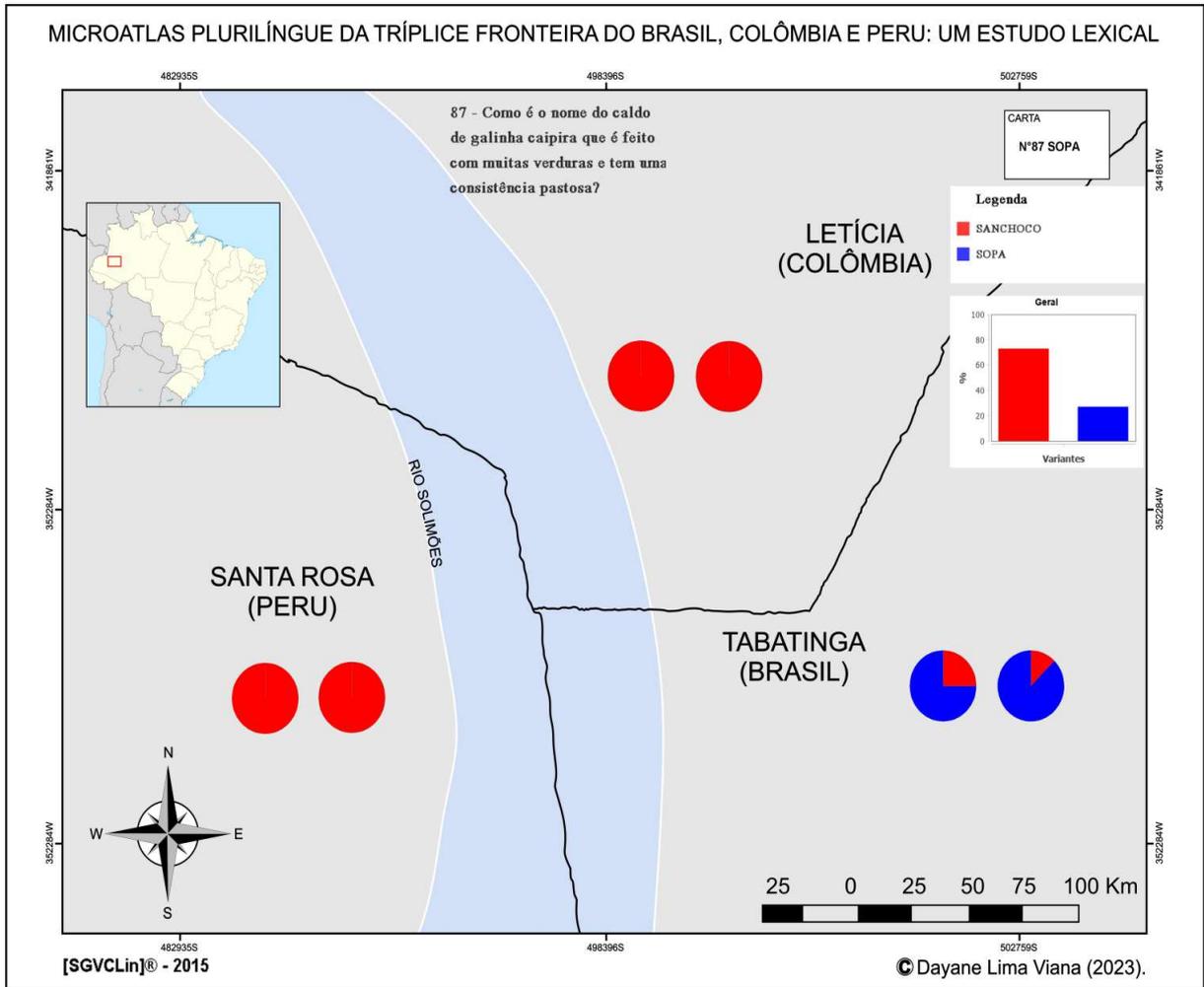
22. Carta 85



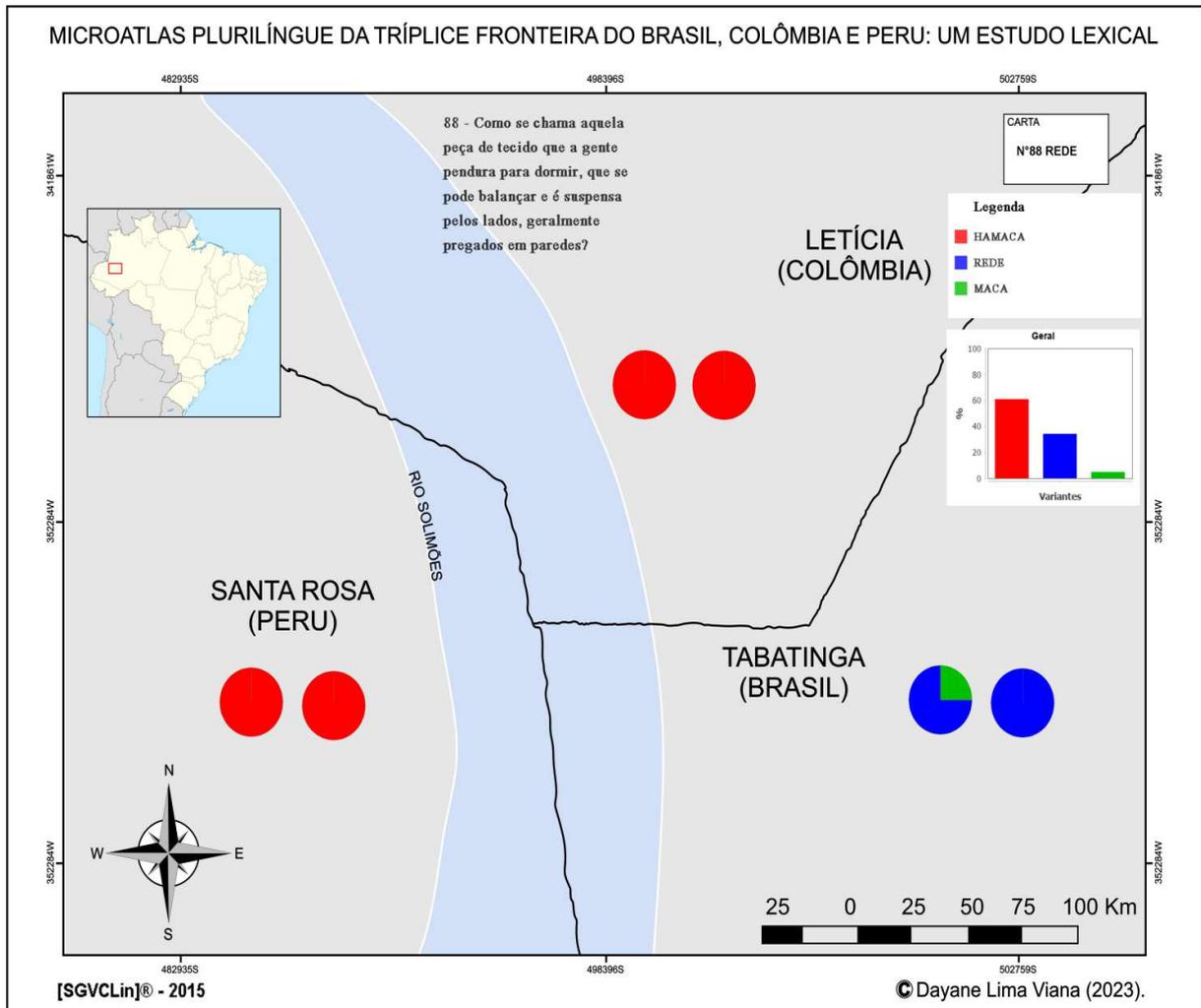
23. Carta 86



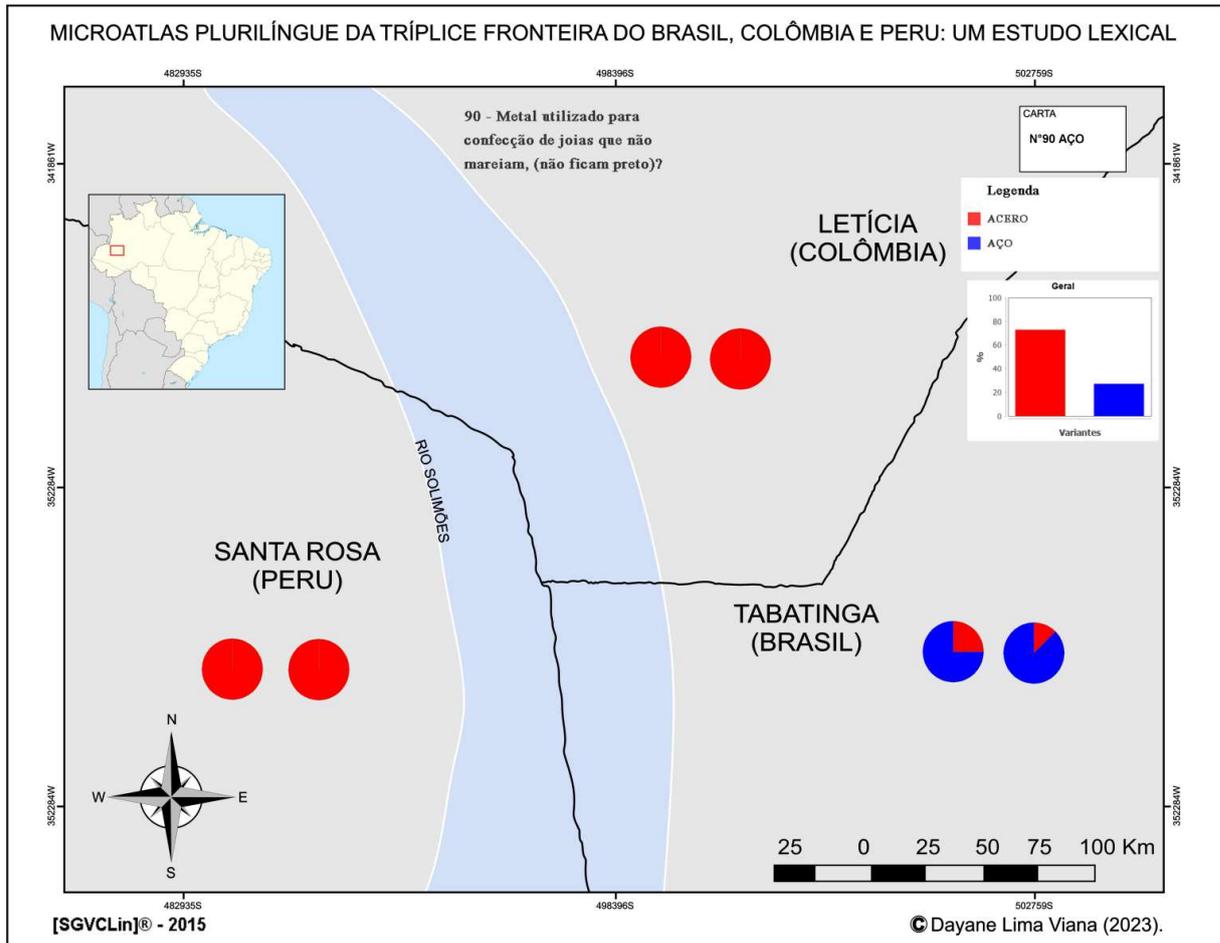
24. Carta 87



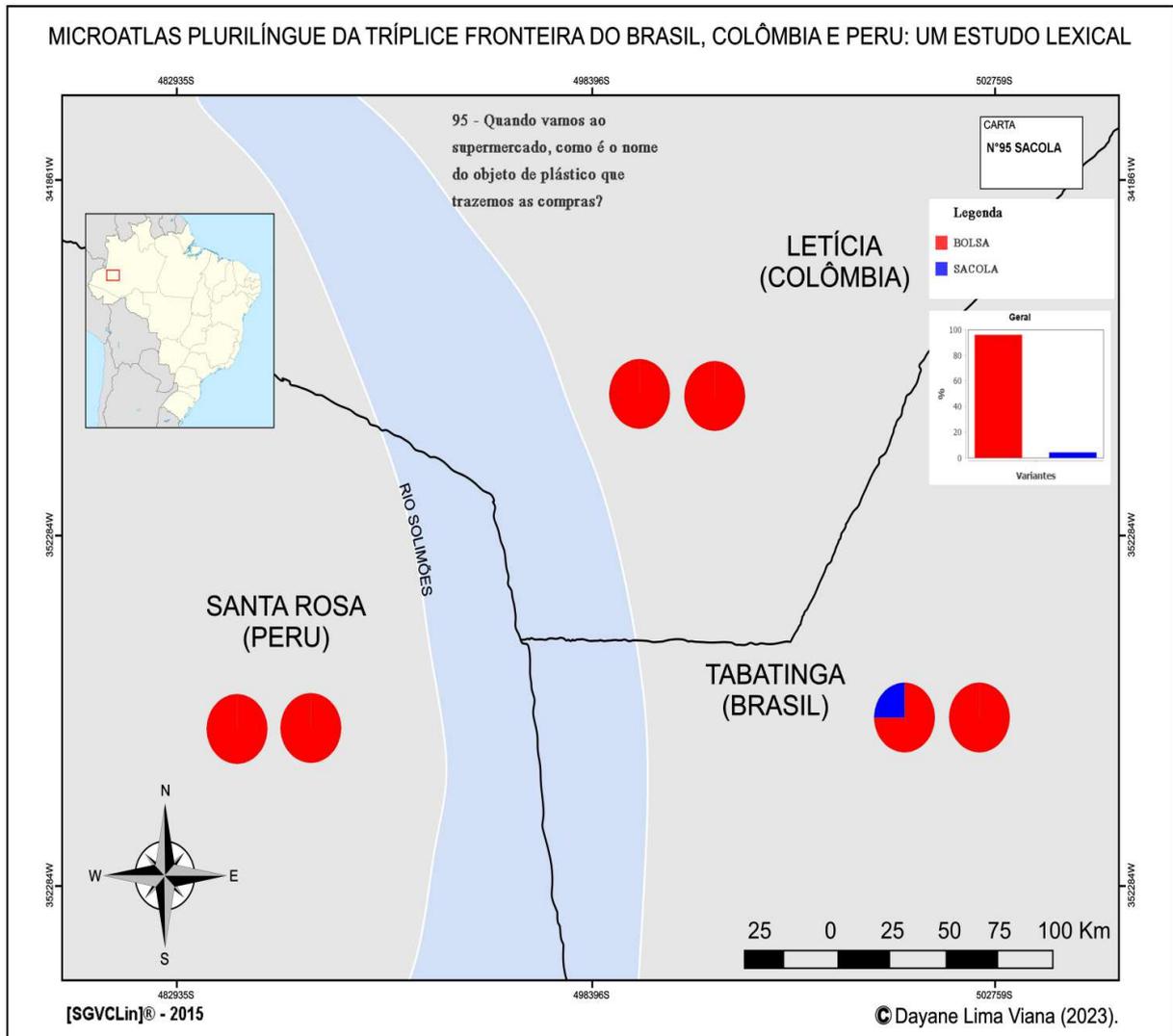
## 25. Carta 88



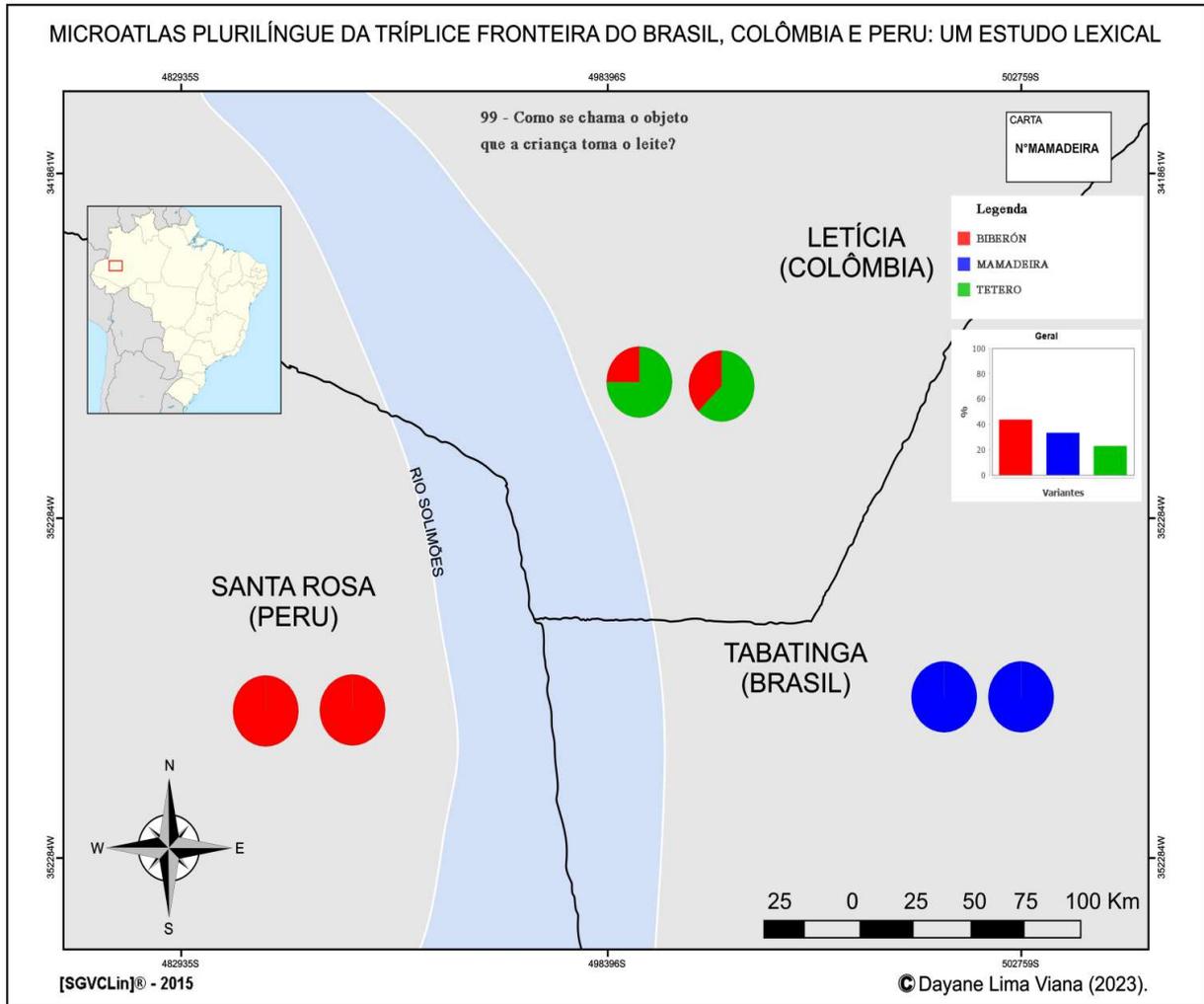
26. Carta 90



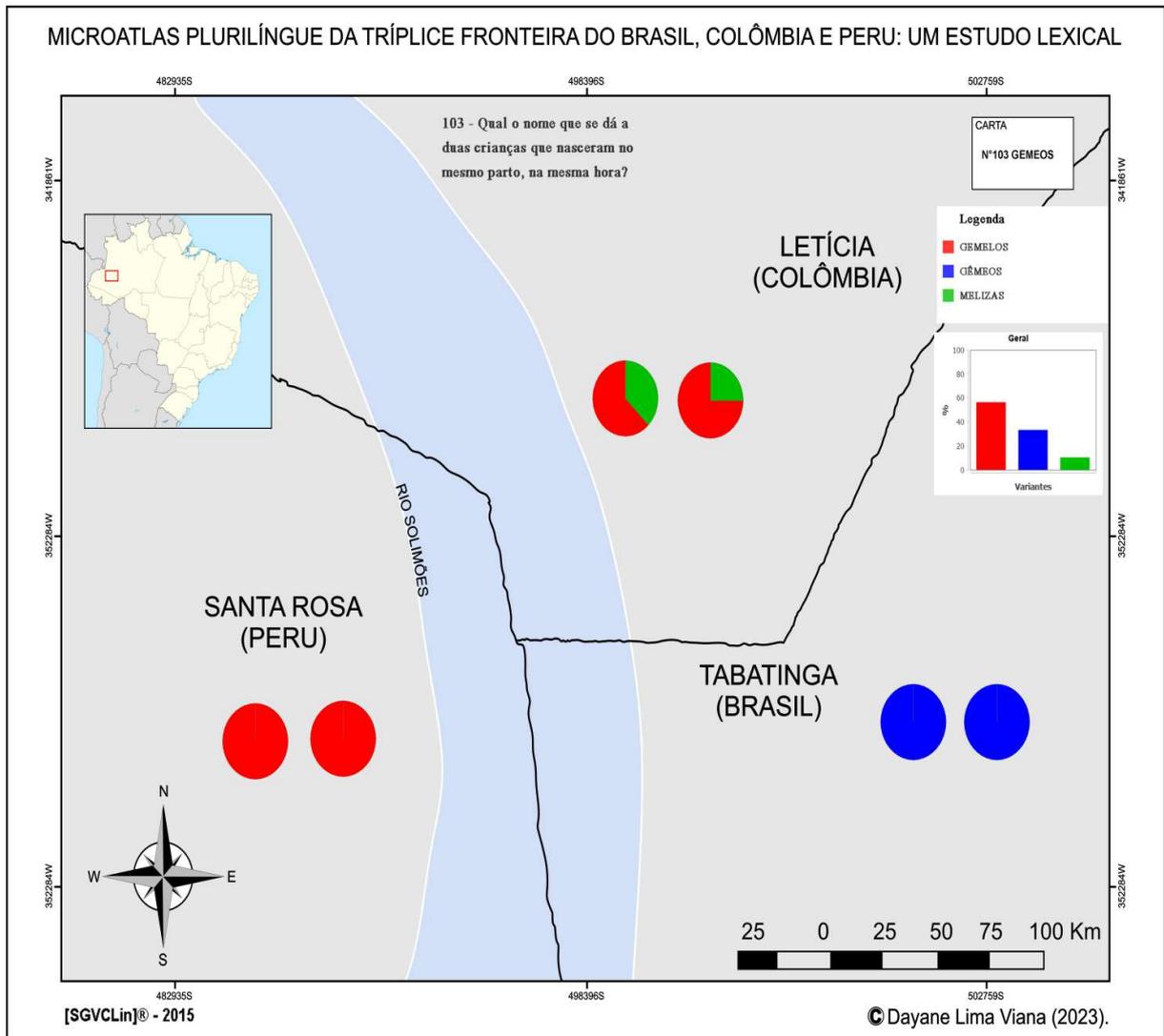
27. Carta 91



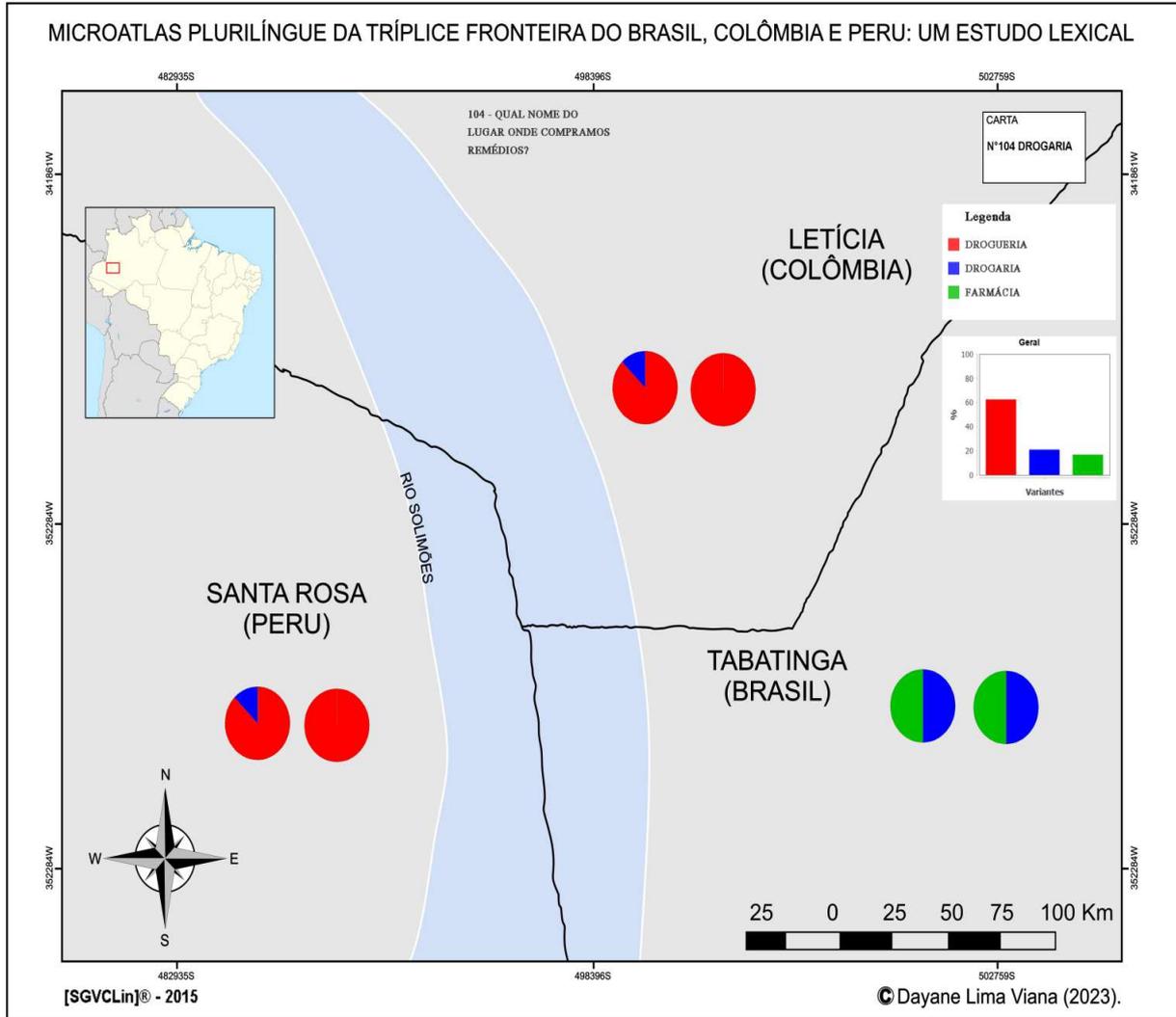
28. Carta 99



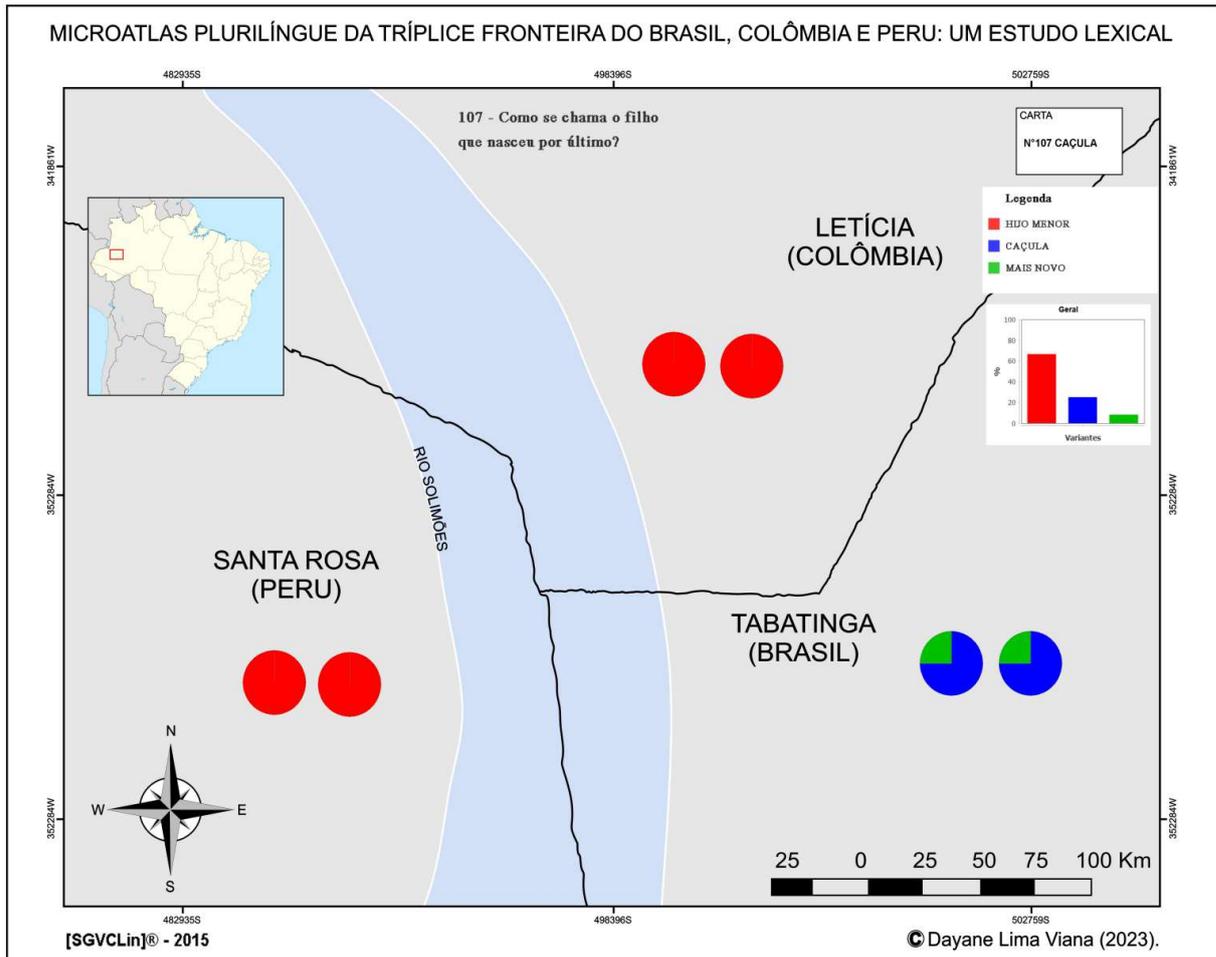
29. Carta 103



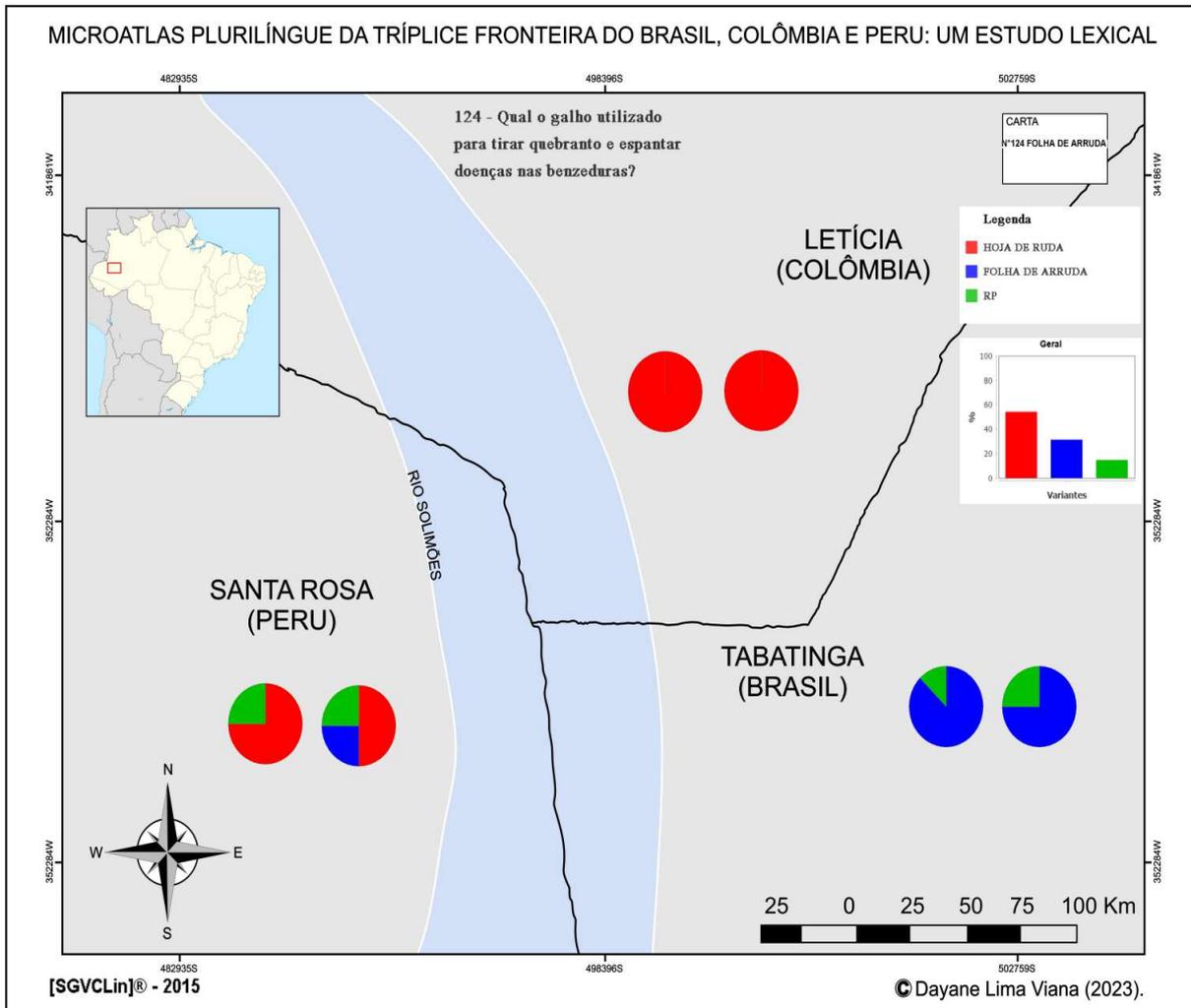
30. Carta 104



31. Carta 107



32. Carta 124



## Apêndice 2

### QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL EM PORTUGUÊS APLICADO EM TABATINGA - AM

#### 1.1 Fenômenos Atmosféricos (astros, climas, etc)

##### 01. REDEMOINHO (DO VENTO)

Que nome se dá ao vento que vai virando em roda levantando poeira, folhas e outras coisas leves?



##### 02. RELÂMPAGO

Qual o nome daquela luz que risca o céu em dias de chuva?



##### 03. GAROA

E uma chuva bem fininha?

##### 04. NEVOEIRO

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar a rua por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como se chama isso?



#### 05. ARCO-ÍRIS

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?



#### 06. ORVALHO

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como se chama aquilo que molha a grama?

#### 07. LUA

Durante o dia nós somos iluminados pelo sol. E à noite, o que temos?

#### 08. ONTEM

O dia que passou foi \_\_\_\_\_.

(quando foi que almoçou (ou jantou) pela última vez?

#### 09. ANTEONTEM

O dia que foi antes desse dia? Um dia para trás?

## 10. TRASANTEONTEM

O dia que foi antes de “anteontem” ? Mais um dia para trás?

## II. MEIO BIÓTICO

### 2.Fauna

#### 2.1Aves

## 11. URUBU

Como se chama a ave preta que come animal morto, podre?

## 12. ARARA

E aquela outra ave, grande, bonita, que se parece com o papagaio, também é colorida, com mais cores vermelha e azul?



### 13. GALINHA

E aquela ave que põe ovos e que é muito gostosa para se comer. Aquela que nos dá pintinhos? Quais os tipos de galinha que existem aqui?



### 14. FRANGO

Ave de carne branca comprada congelada em supermercados.



### 15. TUCANO

E aquela outra, que também é muito bonita, tem um bico bem grande e curvo e também é colorida?



### 16. COLIBRI

E o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e voa de flor em flor?



### 17. BOTO-VERMELHO

E do tipo de boto que é inimigo do homem



### 18. PAPAGAIO

A ave do mato, de bico curvo, pequeno e penas coloridas, com mais cores verdes, quando presa, pode aprender a falar?



### 19. MACACO

Qual o nome daquele bicho que se parece com o homem? que vive trepado nas árvores. Tem pernas, braços e rabo meio comprido?



### 20. PORCO-MARRANO-CHANCHO

Como se chama o animal em que as orelhas e pernas são usadas para fazer feijoada?



## 21. JACARÉ

E como se chama aquele bicho grande, que rasteja, vive na água, que tem uma boca bem grande e uma cauda também muito grande e é capaz de matar uma pessoa?



## 2.2 Peixes

## 22. PIRARUCU

Como se chama o maior peixe de escama de água doce, considerado o bacalhau brasileiro?



## 23. CANDIRU

E o peixinho que vive na beira dos rios e dos lagos. Pode causar morte, se penetrar numa pessoa?



#### 24. TUCUNARÉ

Peixe muito bonito por causa de suas escamas coloridas, tendo parte da cabeça pintada de vermelho, preto e amarelo.



#### 26. SURUBIM

Aquele peixe que é todo pintado e é considerado um peixe de primeira? Um dos poucos peixes de couro.



#### 27. PACU

Peixe de cor prateada, que mede até 40 cm.



### 28. PIRARARA

E o peixe com uma linha amarela ao longo da linha do lado? Peixe liso da região.



### 29. PIRANHA

Qual aquele peixe que morde, que tem dentes e, geralmente, só gosta de acabar com suas vítimas, com as pessoas, se já estiverem sangrando.



### 30. TAMBAQUI

Qual o peixe de escamas dos maiores e que é muito saboroso?

### 31. PIRAPITINGA

E do peixe que é parecido com o tambaqui, especial também para assados?



### 32. PORQUÊ

Qual o nome do peixe liso que dá choque quando a gente pega?



### 3. Flora

### 33. VITÓRIA-RÉGIA

Como se chama aquela planta d'água, que tem as folhas do tamanho das rodas de uma carreta, que são reviradas na ponta e que ficam boiando em cima das águas como enormes pratos entremeados de flores brancas?



### 34. CUPUAÇU

Qual o nome do fruto saboroso, de cor marrom, de que se pode fazer cremes e doces?



## 35. TUCUMÃ

E da árvore que dá uma fruta pequena, aqui no Amazonas, que tem um caroço preto, e é de cor amarela. Pode ser comida crua, com café ou feito sanduíche.



## 36. PUPUNHA

E da árvore que dá uma fruta amarela no Amazonas, com caroço pequeno, verde por fora. É bem gostosa também e deve ser comida cozida.



## 37. JAMBO

E o nome daquela fruta bem gostoso também. É uma fruta que é pequena, branquinha por dentro, com um carocinho preto e vermelha por fora?



## 38. SAPOTILHA

E aquela outra que dá uma fruta bem gostosa também. Que é pequena e marrom, tem um carocinho preto dentro.



### 39. MORANGO

Qual nome da pequena fruta de cor avermelhada, com minúsculos pontinhos verdes?



### 40. AMORA

É uma pequena fruta ácida, de cor vinho, muito usada para fazer sucos em lanchonetes.



### 41. LIMÃO

É um tipo de fruta ácida usado em saladas. Quais tipos você conhece?



### 42. SALSÃO

É uma hortaliça de longo caule de cor verde clara, na ponta possui folhas muito usado em sopas e ensopados.



#### 43. PIMENTA CALABRESA

Qual tipo de pimenta seca utilizada para temperar churrasco?



#### 44. CENOURA

Qual nome do legume de cor laranja utilizado em sopas e saladas?



#### 45. BETERRRABA

Qual nome do legume cor de vinho que se come em saladas, mas também é utilizado para combater anemia?



#### 46. BURITI

Qual nome da fruta cheia de pequenas escamas por fora, mas dentro tem uma camada amarela que se costuma fazer suco.



#### 47. GRAVIOLA

Qual nome da fruta muito usada para fazer sucos que tem a casca verde como pequenos pontinhos parecido com espinhos que serve para fazer sucos?



### III. MEIO ANTRÓPICO

#### 3.1 O Homem

#### 50. DESDENTADO

Como se chama a pessoa que não tem dentes?

#### 51. FANHOSO

A pessoa que parece falar pelo nariz? (Imitar)

52. CAOLHO

A pessoa que só enxerga com um olho?

53. VESGO

A pessoa que tem os olhos olhando em direções diferentes? (Imitar)

54. TERÇOL

Uma bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha?

55. SOLUÇO

Este barulhinho que se faz? (Soluçar)

56. CANHOTO

A pessoa que come com a mão esquerda e faz tudo com essa mão? (Mímica)

57. MANCO

A pessoa que puxa de uma perna?

58. CAMBOTA

A pessoa que tem as pernas arqueadas, curvas para os lados? (Mímica)

59. AXILA

Como se chama esta parte aqui? (Apontar)

60. CECÊ

O mau cheiro debaixo dos braços?

61. CURUMIN

Mesmo que menino, garoto.

62. BÊBADO

Que nomes são dados a uma pessoa que bebeu demais?

63. MASSAGEM

Quando alguém trabalhou demais e está com dores nas costas, o que se pode fazer nas costas para que a pessoa melhore?

3.2 Alimentação e Saúde (medicina caseira)

61. MINGAU DE CARIDADE

Qual o nome que se dá ao alimento feito de farinha seca e geralmente dado a pessoas que se encontram doentes, enfraquecidas?



62. MOJICA

Você conhece uma comida feita de peixe assado, que depois de desfiado, é posto para cozinhar num refogado? Como ela se chama?



### 63. MOQUEAR

Qual o nome do tratamento que se dá ao peixe quando é assado só pelo lado de fora, quase cru no interior?

### 64. ANDIROBA

Como se chama aquele óleo de cor amarelada, muito usado na saúde. Usado em fricções para aliviar dores nos ossos e para fazer embrocações na garganta, para curar inflamação nas amígdalas.

### 65. COPAÍBA

E aquele óleo que se tira de uma árvore que é oca em toda a altura do tronco e parece que a casca não deixa passar água, fazendo com que seja conservado, em seu interior, esse óleo que ela fabrica de três em três anos?

### 66. PÉ-DE-MOLEQUE

E o beiju feito da mandioca ralada, enrolado na casca da banana?



### 67. SARAPATEL

Qual a comida daqui que é feita com o sangue da tartaruga?



68. CACHAÇA

Quais os nomes que vocês dão aqui para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?

69. CURITE

Qual nome do suco congelado de frutas que é vendido nas casas dentro de saquinhos plásticos?



70. CHITO

Salgadinho crocante feito de milho vendidos em saquinhos nos supermercados?



71. EMPANADA

Qual nome do Salgadinho frito feito de massa de milho?



## 72. MOCILLA

Que nome recebe a linguiça feita de arroz e sangue bovino?



## 73. GASEOSA

Qual nome da bebida gaseificada, vendida em garrafas de vidros?



## 74. Picada

Qual nome do prato que é feito com carne, frango, calabresas e são cortados em pequenos pedaços?



## 75. LECHONA

Qual nome da comida em que o porco é assado por inteiro recheado com arroz e legumes?



#### 77. PIRÃO

Qual a alimentação que é feita com a farinha d'água? é boa para se comer com caldeirada?



#### 78. AJINOMOTO

Qual nome do tempero de cor branca em forma de pequenos cristais, utilizado para condimentar frangos e carnes?

#### 79. ARROZ CHAUFFA

Como se chama a comida que tem arroz de cor marrom acompanhado com carnes e frango e ovos?



## 80. PATACÃO

Como se chama a banana verde frita amassada de forma arredondada?



## 81. MICHELADA

Como se chama a bebida alcóolica feita com limão e servido no copo com borda de sal?



## 82. AREPA

Como se chama a torta feita de massa de milho branco com queijo dentro?



## 83. TAPIOCA

E da goma feita de mandioca já seca e torrada no forno?



#### 84. OVOS MEXIDOS

Como é chamado a comida feita com ovos fritos misturado com verduras?



#### 85. SALCHIPAPA

Como se chama a comida que é feita com batata e salsichas fritas?



#### 86. REFRESCO

Como é o nome do suco de pouca espessura é geralmente feito sem leite?

#### 87. CHICHAMORADA

Qual é o nome do suco feito de milho queimado de cor de vinho?



### 88. TACACHO

É feito de banana verde cozida, depois amassada e fica parecendo farofa



### 89. LECHUGA

Como se chama a hortaliça que parece um repolho com folhas verdes claras?



### 90. SANCOCHO

Como é o nome do caldo de galinha caipira que é feito com muitas verduras e tem uma consistência pastosa?



## 3.3 Habitação (estrutura, mobília, utensílios domésticos)

### 91. REDE

Como se chama aquela peça de tecido que a gente pendura para dormir, que se pode balançar e é suspensa pelos lados, geralmente pregados em paredes?

92. FACA

Como é chamado o objeto que serve para cortar carnes, legumes e verduras?

93. AÇO

Metal utilizado para confecção de joias que não mareiam, (não ficam preto)?

94. ÁGUA SANITÁRIA

Solvente utilizado para branquear roupas.

95. SUTIÃ

Que peça do vestuário serve para segurar os seios?

96. CUECA

Que roupa o homem usa debaixo da calça?

97. CALCINHA

Que roupa a mulher usa debaixo da saia?

98. SACOLA

Quando vamos ao supermercado, como é o nome do objeto de plástico que trazemos as compras?

99. BOATE

Como é o nome do lugar onde se costuma ir dançar?

100. CANETA

Como se chama a objeto para escrever que tem várias cores, azul, preto e vermelho?

101. FLORICULTURA

Qual é o nome do lugar onde se vende flores?

102. ABSORVENTE

No período de menstruação, o que a mulher usa para que o sangramento não seja visível?

103. MAMADEIRA

Como se chama o objeto que a criança toma o leite?

104. GUARDANAPO

Como é o nome do papel que se usa para limpar a boca após a alimentação?

105. LIQUIDIFICADOR

Como se chama o eletrodoméstico usada para bater sucos?



106. BANDEDE

Quando cortamos o dedo, o que se costuma colocar para proteger o ferimento?

### 3.4 Ciclos de Vida

#### 107. MENSTRUAÇÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? Existe outro termo que vocês usam?

#### 108. GÊMEOS

Qual o nome que se dá a duas crianças que nasceram no mesmo parto, na mesma hora?

#### 109. ABORTAR

Quando a mulher fica grávida, mas não quer ter a criança, ela toma remédio para quê? Existe uma outra palavra que vocês usam para uma mulher que aborta?

#### 110. FILHO MAIS MOÇO

Como se chama o filho que nasceu por último?

#### 111. CORNO

O nome que se dá ao marido quando uma mulher passa ele para trás?

#### 112. PROSTITUTA

Como se chama a mulher que vende seu corpo para qualquer homem, em troca de dinheiro?

#### 113. MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

## 114. GAY

Como se chama um homem que possui características afeminadas?

## 3.4 Vida Social

## (a) Brinquedos e Jogos Infantis

## 114. CARAMBOLA

Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e se acaba sentado? (Mímica)

## 115. BOLINHA DE GUDE

E essas coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

## 116. BALADEIRA

Qual o nome do brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (Mímica), que os meninos usam para matar passarinho?

## 117. PIRA

Qual o nome da brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras se escondem em algum lugar, e depois vai procurá-las?

## 118. CABRA-CEGA

E da brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

## 119. PEGA-PEGA

E de uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?

## 120. AMARELINHA

Qual aquela brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só.

## 121. A CRIANÇA FICAR DE CABEÇA PARA BAIXO/ CHAMAR SECUIARA

Qual o gesto que uma criança pode fazer e que significa que ela está chamando um irmãozinho?

## 122. AGOURO

O que pode indicar mau presságio, doença ou morte?

## 123. COCEIRA NA MÃO

Qual o sinal que indica que a pessoa vai receber dinheiro ou ganhar algum presente?

## 124. REZA

Qual o meio usado para aliviar uma pessoa engasgada com espinha?

## 125. COLOCAR PAPEL MOLHADO NA TESTA

E qual o meio usado para aliviar o soluço das crianças?

## 126. GALHO DE ARRUDA

Qual o galho utilizado para tirar quebranto e espantar doenças nas benzeduras?

#### 127. MATIM

Qual o nome que se dá ao pássaro, que se transforma em gente e pinta o sete, brincando, ralhando e castigando os meninos vadios e malcriados.

#### 128. MAU-OLHADO

Como se chama o olhar de uma pessoa que parece que tem inveja da outra, ódio contra os bons negócios, felicidade. Quando alguém olha assim para outra pessoa se diz que essa pessoa está botando o que na outra?

#### 129. PÕE-MESA

Nome que se dá ao gafanhoto verde que indica boa sorte e esperança de boas notícias?

#### 130. SAL NO FOGO

O que se deve fazer quando se quer que uma pessoa se retire de um local?

#### 131. SONHAR COM PIOLHO

Existe algum sonho que se pode ter que indique morte de um parente ou amigo?

#### 132. VARRER O PÉ

E o que pode causar má sorte para uma mulher não se casar?

#### 133. BENZEDEIRA

Como se chama a mulher que cura, tira o mau olhado através de rezas e simpatias?

### 3.5 Expressões Populares

#### 134. ACESA

Como se chama uma menina que é danada, travessa.

#### 135. AVEXADO

Qual o termo usado para se dizer que uma pessoa está apressada?

#### 136. CHOU!

Qual o termo que se usa para espantar as galinhas?

#### 137. DESMENTIDURA

Qual a palavra usada para indicar que um osso do corpo humano está fora do lugar?

#### 138. EMPACHADO

Qual a palavra que vocês usam para indicar que uma pessoa não está conseguindo ir ao banheiro para fazer cocô. Que tem problemas para conseguir ir ao banheiro todos os dias?

#### 139. FUXIQUEIRO

Como se chama aquela pessoa que gosta de fazer intrigas, falar mal da vida dos outros?

140.LESA

Como se chama uma pessoa que é boba?

141. MAÑANA

Quando um amigo diz que você vai fazer algo que você não quer fazer, o que você responde para dizer que não vai?

Tg5142. MEDONHO

## Apêndice 3

CUESTIONARIO SEMÁNTICO-LÉXICO EN PORTUGUÉS APLICADO EN LETÍCIA  
E SANTA ROSA

## 1.1 Fenómenos atmosféricos (estrellas, clima, etc.)

## 01. REMOLINO (VIENTO)

¿Qué nombre se le da al viento que gira en círculo levantando polvo, hojas y otras cosas ligeras?

## 02. RAYO

¿Cómo se llama esa luz que cruza el cielo en los días de lluvia?

## 03. llovizna

¿Y una lluvia muy fina?

## 04. NIEBLA

A menudo, sobre todo a primera hora de la mañana, apenas se ve la calle por culpa de algo parecido al humo, que lo cubre todo. ¿Como se llama eso?

## 05. ARCO IRIS

Casi siempre, después de una lluvia, aparece en el cielo una banda con rayas de colores y curvas (mimetismo). ¿Qué nombres le das a esta pista?

## 06. ROCÍO

Temprano en la mañana, la hierba suele estar mojada. ¿Cómo se llama lo que moja la hierba?

## 07. LUNA

Durante el día estamos iluminados por el sol. Y por la noche, ¿qué tenemos?

## 08. AYER

El día que pasó fue \_\_\_\_\_.

(¿Cuándo almorzaste (o cenaste) por última vez?

## 09. ANTES DE AYER

¿El día que fue antes de ese día? ¿Volviste un día?

## 10. ANTES DE AYER

¿El día antes de “anteayer”? ¿Un día más atrasado?

## II. MEDIO BIÓTICO

### 2. Fauna

#### 2.1 Aves de corral

## 11. URUBU

¿Cómo se llama el pájaro negro que come un animal muerto y podrido?

## 12. Guacamayo

Y ese otro pájaro, grande, hermoso, que parece un loro, ¿también es colorido, con más colores rojos y azules?

## 13. POLLO

Y ese pájaro que pone huevos y es muy sabroso para comer. ¿El que nos da pollitos? ¿Qué tipos de pollo hay aquí?

## 14. POLLO

Aves de carne blanca compradas congeladas en supermercados.

## 15. TOQUE

¿Y ese otro, que también es muy bonito, tiene un pico curvo muy grande y también es colorido?

## 16. COLIBRÍ

¿Y el pájaro muy pequeño, que bate sus alas muy rápido, tiene un pico largo y vuela de flor en flor?

#### 17. BOTO-ROJO

Y el tipo de delfín que es enemigo del hombre.

#### 18. LORO

¿Puede el pájaro arbustivo, con un pico pequeño y curvo y plumas coloridas, con colores más verdes, aprender a hablar cuando es presa?

#### 19. MONO

¿Cómo se llama ese animal que parece un hombre? que vive en los arboles ¿Tiene piernas, brazos y una cola bastante larga?

#### 20. PORCO-MARRANO-CHANCHO

¿Cómo se llama el animal cuyas orejas y patas se usan para hacer la feijoada?

#### 21. COCODRILO

¿Y cómo se llama ese animal grande, que se arrastra, vive en el agua, que tiene una boca muy grande y una cola muy grande y es capaz de matar a una persona?

#### 2.2 Piscis

#### 22. PIRARUCU

¿Cuál es el nombre del pez escama de agua dulce más grande, considerado el bacalao brasileño?

#### 23. CANDIRU

Y el pecito que vive en las orillas de los ríos y lagos. ¿Puede causar la muerte si penetra a una persona?

#### 24. TUCUNARE

Pez muy bonito por sus coloridas escamas, con parte de la cabeza pintada de rojo, negro y amarillo.

#### 25. BOTO-ROJO

Y el tipo de boto que es enemigo del hombre

#### 26. SURUBIMOS

¿Ese pez que está todo pintado y es considerado un pez top? Uno de los pocos peces coriáceos.

#### 27. UCPA

Pez de color plateado, de hasta 40 cm.

#### 28. PIRARARA

¿Qué pasa con el pez con una línea amarilla a lo largo de la línea lateral? Pescado sencillo de la región.

## 29. piraña

Qué es ese pez que muerde, que tiene dientes y, por lo general, solo le gusta acabar con sus víctimas, con personas, si ya están sangrando.

## 30. TAMBAQUI

¿Qué pescado tiene las escamas más grandes y es muy sabroso?

## 31. PIRAPITINGA

¿Y el pescado que es parecido al tambaqui, también especial para asados?

## 32. POR QUÉ

¿Cómo se llama el pez plano que da un susto cuando lo pescamos?

## 3. Flora

## 33. VICTORIA RURAL

¿Cómo se llama esa planta acuática, que tiene hojas del tamaño de las ruedas de un carro, que al final están invertidas y que flotan sobre el agua como enormes platos intercalados con flores blancas?

## 34. CUPUAÇU

¿Cómo se llama la sabrosa fruta de color marrón con la que se pueden hacer cremas y dulces?

## 35. TUCUMÁ

Y del árbol que da un fruto pequeño, aquí en el Amazonas, que tiene el corazón negro, y es de color amarillo. Se puede comer crudo, con café o en sándwich.

## 36. PUPINHA

Y del árbol que da un fruto amarillo en el Amazonas, con una semilla pequeña, verde por fuera. También es muy sabroso y debe comerse cocido.

## 37. JAMBO

Y el nombre de esa fruta tan sabrosa también. ¿Es un fruto pequeño, blanco por dentro, con el hueso negro y rojo por fuera?

## 38. SAPOTILLA

Y ese otro que da un fruto muy sabroso también. Que es pequeño y de color marrón, tiene un pequeño bulto negro por dentro.

## 39. FRESA

¿Cuál es el nombre de la pequeña fruta rojiza con pequeños puntos verdes?

## 40. MORA

Es una fruta pequeña, ácida, de color vino, que a menudo se usa para hacer jugos en las cafeterías.

## 41. LIMÓN

Es un tipo de fruta ácida utilizada en ensaladas. ¿Qué tipos conoces?

## 42. SALSIÓN

Es una hortaliza de tallo largo y color verde claro, en la punta tiene hojas que se usan mucho en sopas y guisos.

## 43. PIMIENTA DE CALABRIA

¿Qué tipo de pimiento seco se utiliza para sazonar la barbacoa?

## 44. ZANAHORIA

¿Cuál es el nombre de la verdura naranja que se usa en sopas y ensaladas?

## 45. REMOLACHA

¿Cómo se llama la verdura color vino que se come en ensaladas, pero que también se usa para combatir la anemia?

## 46. BURITÍ

Como se llama el fruto lleno de pequeñas escamas por fuera, pero por dentro tiene una capa amarilla que se usa para hacer jugo.

## 47. GRAVIOLA

¿Cómo se llama la fruta que se suele usar para hacer jugos y tiene una piel verde con pequeños puntos parecidos a espinas que se usan para hacer jugos?

## 48. TUCUMÁ

Y del árbol que da un fruto pequeño, aquí en el Amazonas, que tiene el corazón negro, y es de color amarillo. Se puede comer crudo, con café o en sándwich.

## 49. SAPOTILHA

Y ese otro que da un fruto muy sabroso también. Que es pequeño y de color marrón, tiene un pequeño bulto negro por dentro.

## 3. MEDIO AMBIENTE ANTRÓPICO

## 3.1 El hombre

## 50. SIN DIENTE

¿Cómo se llama una persona que no tiene dientes?

## 51. GOLPE

¿La persona que parece hablar por la nariz? (Imitar)

## 52. OJO

¿La persona que solo ve con un ojo?

## 53. Bizco

¿La persona que tiene ojos mirando en diferentes direcciones? (Imitar)

## 54. TERY

¿Una bolita que nace en el párpado, se pone roja y se hincha?

## 55. SOLUCIÓN

¿Este ruidito que haces? (Sollozando)

## 56. ZURDO

¿La persona que come con la mano izquierda y hace todo con esa mano?  
(Mimetismo)

## 57. COJO

¿La persona que tira de una pierna?

## 58. CIGÜEÑAL

¿La persona que tiene las piernas arqueadas, curvadas hacia los lados?  
(Mimetismo)

## 59. AXILA

¿Cómo se llama esta parte aquí? (Apuntar)

## 60. CECE

¿El mal olor debajo de los brazos?

## 61. CURUMINA

Incluso si chico, chico.

## 62. BORRACHO

¿Qué nombres se le dan a una persona que ha bebido demasiado?

## 63. MASAJE

Cuando alguien ha trabajado demasiado y tiene dolor de espalda, ¿qué puedes hacer para mejorar la espalda?

## 3.2 Alimentación y Salud (medicina casera)

## 61. PUERTA DE CARIDAD

¿Cuál es el nombre que se le da a la comida hecha de harina seca y que generalmente se le da a las personas que están enfermas, debilitadas?

## 62. MOJICA

¿Conoces algún alimento elaborado a base de pescado asado, que después de ser desmenuzado, se pone a cocer en un guiso? cómo se llama ella?

## 63. MOQUER

¿Cómo se llama el tratamiento que se le da al pescado cuando se asa solo por fuera, casi crudo por dentro?

## 64. ANDIRÓBA

Cuál es el nombre de ese aceite amarillento, muy utilizado en salud. Se usa en fricciones para aliviar el dolor en los huesos y para hacer embrocaciones en la garganta, para curar la inflamación de las amígdalas.

## 65. COPAIBA

¿Y ese aceite que se saca de un árbol que está hueco en toda la altura del tronco y parece que la corteza no deja pasar el agua, haciendo que se conserve en su interior el aceite que fabrica cada tres años?

66.

¿Y el beiju de yuca rallada envuelta en cáscara de plátano?

## 67. SARAPATEL

¿Qué comida aquí se hace con sangre de tortuga?

## 68. AGUARDIENTE

¿Qué nombres le das aquí a la bebida alcohólica hecha a base de caña de azúcar?

## 69. PURICHI

¿Cómo se llama el jugo de frutas congelado que se vende en los hogares en bolsas plásticas?

## 70. CHEETOS

¿Bocadillos crujientes hechos con maíz que se venden en bolsas en los supermercados?

## 71. EMPANADAS

¿Cómo se llama la botana frita hecha a base de masa de maíz?

## 72. MOCHILA

¿Cómo se llama la salchicha hecha de arroz con sangre?

## 73. GASEOSO

¿Cuál es el nombre de la bebida carbonatada que se vende en botellas de vidrio?

## 74. PICADA

¿Cómo se llama el plato que se hace con carne, pollo, chorizos y se cortan en trozos pequeños?

## 75. LECHONA

¿Cómo se llama la comida en la que se asa el cerdo entero relleno de arroz y verduras?

76.

¿Y el beiju de yuca rallada envuelta en cáscara de plátano?

## 77. PIRON

¿Qué comida se hace con harina de agua? ¿Es bueno comer con guiso?

## 78. AJINOMOTO

¿Cómo se llama el condimento blanco en forma de pequeños cristales, que se usa para sazonar pollos y carnes?

## 9. ARROZ CHAUFA

¿Cómo se llama la comida que lleva arroz integral acompañado de carne y pollo y huevos?

80. PATACIÓN

¿Cómo se llama el puré de plátano verde frito en forma redonda?

81. MICHAELADA

¿Cómo se llama la bebida alcohólica hecha con limón y servida en un vaso con borde de sal?

82. AREPA

¿Cómo se llama la empanada de masa de maíz blanco con queso adentro?

83. TAPIOCA

¿Qué pasa con la goma de yuca que ya ha sido secada y tostada en el horno?

84. PERICO

¿Cómo se llama la comida hecha con huevos fritos mezclados con verduras?

85. SALCHIPAPA

¿Cómo se llama la comida hecha con patatas fritas y salchichas?

86. REFRIGERIO

¿Cómo se llama el jugo sin leche?

87. CHICHAMORADA

¿Cómo se llama el jugo que se hace con maíz burdeos quemado?

88. TACATE

Está hecho de plátano verde hervido, luego se tritura y parece farofa.

89. LECHUGA

¿Cómo se llama la verdura que parece un repollo con hojas de color verde claro?

90. SANCOCHO

¿Cómo se llama el caldo de gallina campera que se hace con mucha verdura y tiene una consistencia pastosa?

3.3 Vivienda (estructura, mobiliario, menaje)

91. HAMACA

¿Cómo se llama ese trozo de tela que colgamos para dormir, que puede balancearse y está suspendida por los lados, generalmente clavada a las paredes?

92. CUCHILLO

¿Cuál es el nombre del objeto utilizado para cortar carne, verduras y verduras?

93. ACERO

¿Metal utilizado para hacer joyas que no se manchan (no se vuelven negras)?

94. AGUA SANITARIA

Disolvente utilizado para blanquear la ropa.

95.

¿Qué pieza de ropa se usa para sostener los senos?

96. ROPA INTERIOR

¿Qué ropa lleva el hombre debajo de los pantalones?

97. BRAGAS

¿Qué ropa lleva la mujer debajo de la falda?

98. BOLSA

Cuando vamos al supermercado, ¿cómo se llama el objeto de plástico que llevamos?

99. Discoteca

¿Cómo se llama el lugar donde sueles ir a bailar?

100. BOLIGRAFO

¿Cómo se llama un objeto para escribir que tiene varios colores, azul, negro y rojo?

101. FLORICULTURA

¿Cómo se llama el lugar donde se venden flores?

102. TOALLAS INTIMAS

Durante la menstruación, ¿qué usa la mujer para que no se vea el sangrado?

103. BIBERÓN

¿Cómo se llama el objeto del que el niño bebe leche?

104. SERVILLETA

¿Cómo se llama el papel que se usa para limpiar el bos después de la alimentación?

105. LICUADORA

¿Cómo se llama el aparato que se usa para batir los jugos?

106. BANDEJA

Cuando te cortas el dedo, ¿qué sueles ponerte para proteger la herida?

3.4 Ciclos de vida

107. MENSTRUACIÓN

Las mujeres pierden sangre todos los meses. ¿Como se llama eso? ¿Hay otro término que ustedes usan?

108. GEMELOS

¿Cómo se llama a dos niños que nacieron en el mismo nacimiento al mismo tiempo?

109. ABORTAR

Cuando una mujer queda embarazada, pero no quiere tener el hijo, ¿para qué toma medicamentos? ¿Hay alguna otra palabra que uses para una mujer que sufre un aborto espontáneo?

110. HIJO PEQUEÑO

¿Cómo se llama el último hijo nacido?

111. CUERNO

¿Cuál es el nombre que se le da a un esposo cuando una mujer lo engaña?

112. PROSTITUTA

¿Cómo se llama la mujer que vende su cuerpo a cualquier hombre a cambio de dinero?

113. Madrastra

Cuando un hombre enviuda y se casa de nuevo, ¿cuál es la segunda esposa de los hijos que ya tenía?

114. GAY

¿Cómo llamas a un hombre que tiene rasgos afeminados?

### 3.4 Vida social

(a) Juegos y juguetes para niños

114. salto mortal

¿Cómo se llama el juego en el que volteas tu cuerpo sobre tu cabeza y terminas sentándote? (Mimetismo)

115. BOLICHES

¿Qué pasa con esas pequeñas cosas redondas de vidrio con las que a los niños les gusta jugar?

116. TIRACHINAS

¿Cómo se llama el juguete hecho con una horca y dos gomas elásticas (Mime) que usan los niños para matar un pájaro?

117. LA TIENES

¿Cómo se llama el juego en el que un niño cierra los ojos mientras los demás se esconden en algún lugar y luego va a buscarlos?

118. CABRA-CEGA

¿Qué pasa con el juego en el que un niño, con los ojos vendados, intenta atrapar a los demás?

119. ATRAPAR

¿Qué tal un juego en el que un niño corre detrás de los demás para tocar a uno de ellos antes de llegar a un punto acordado?

120. AMARILLO AMARILLO

Qué es ese juego en el que los niños dibujan una figura en el suelo, formada por cuadrados numerados, tiran una piedrecita (mimo) y saltan sobre una pierna.

121. EL NIÑO SE QUEDA CABEZA ABAJO

¿Qué gesto puede hacer un niño y qué significa que está llamando a un hermanito?

122. ZAPATILLA VOLTEADA

¿Qué puede indicar mal augurio, enfermedad o muerte?

23. PICO EN LA MANO

¿Qué signo indica que la persona recibirá dinero o recibirá un regalo?

124. COLOCAR HARINA BAJO EL PLATO

¿Qué medios se utilizan para aliviar a una persona que se atraganta con las espinillas?

125. COLOCACIÓN DE PAPEL HÚMEDO EN LA FRENTE

¿Y qué medios se utilizan para aliviar el hipo en los niños?

126.

¿Qué rama se utiliza para quitar roturas y ahuyentar enfermedades en las benceduras?

127. MATIM

Cuál es el nombre que recibe el pájaro, que se convierte en personas y pinta el número siete, jugando, regañando y castigando a los niños callejeros y traviesos.

128. MAL DE OJO

Como se llama la mirada de una persona que parece envidiar a la otra, odio a los buenos negocios, felicidad. Cuando alguien mira a otra persona así, dice que esta persona está poniendo ¿qué en la otra?

129. MONTAJE DE LA MESA

¿Nombre dado al verde que indica buena suerte y esperanza de buenas noticias?

130. SAL AL FUEGO

¿Qué debes hacer cuando quieres que una persona abandone un lugar?

131. SOÑAR CON PIOJOS

¿Hay algún sueño que uno pueda tener que indique la muerte de un familiar o amigo?

132. BARRER EL PIE

¿Y qué puede causarle mala suerte a una mujer no casarse?

133. BENZEDEIRA

¿Cómo se llama la mujer que cura, quita el mal de ojo a través de oraciones y simpatías?

### 3.5 Expresiones Populares

134. ENCENDIDA

¿Cómo llamas a una chica que es traviesa, traviesa?

135. ADJUNTO

¿Qué término se usa para decir que una persona tiene prisa?

136. CHOU!

¿Qué término usas para ahuyentar a las gallinas?

137.

¿Qué palabra se usa para indicar que un hueso del cuerpo humano está fuera de lugar?

138. ENVASADO

¿Qué palabra usas para indicar que una persona no puede ir al baño a hacer caca?

¿Quién tiene problemas para ir al baño todos los días?

139.

¿Cómo se llama esa persona que le gusta chismear, hablar mal de la vida de los demás?

140. LESA

¿Cómo llamas a una persona que es tonta?

141. MANANA

Cuando un amigo dice que vas a hacer algo que no quieres hacer, ¿cómo respondes para decir que no lo harás?

142. FEO

## APÊNDICE 4

Nº DA QUESTÃO	DESCRIÇÃO DAS QUESTÕES INSERIDAS
10. URUBU	Como se chama a ave preta que come animal morto?
12. FRANGO	Como se chama a ave de carne branca congelada, comprada em supermercados.
22. PORCO	Como se chama o animal de que se usam as orelhas e pernas para fazer feijoadas?
29. MORANGO	Qual nome da uma pequena fruta de cor avermelhada, com pontinhos verdes?
30. AMORA	Qual o nome de uma pequena fruta ácida, de cor vinho, muito usada para fazer sucos?
31. LIMÃO	Qual o nome da fruta ácida usada em saladas. Quais tipos você conhece?
32. SALSÃO	Qual o nome de uma hortaliça de longo caule de cor verde clara e que na ponta possui folhas muito usadas em sopas e ensopados.
34. GRAVIOLA	Qual nome da fruta muito usada para fazer sucos, que tem a casca verde com pequenos pontinhos parecido com espinhos?

48. MASSAGEM	Quando alguém trabalhou demais e está com dores nas costas, o que se pode fazer nas costas para que a pessoa melhore?
54. CURITE	Qual nome do suco congelado de frutas que é vendido nas casas dentro de saquinhos plásticos.
55. CHEETOS	Qual o nome de um salgadinho crocante feito de milho e é vendido em supermercados?

56. EMPANADAS	Qual nome do Salgadinho frito feito de massa de milho?
57. MOCILLA	Que nome recebe a linguiça feita de arroz com sangue?
58. GASEOSA	Qual nome da bebida gaseificada, vendida em garrafas de vidros?
59. ISCAS	Qual nome do prato que é feito com carne, frango, calabresas e são cortados em pequenos pedaços?
60. LECHONA	Qual nome da comida em que o porco é assado por inteiro, recheado com arroz e legumes?
61. ARROZ CHAUFFA	Como se chama a comida que tem arroz de cor marrom, acompanhado com carne de frango e ovos?
62. PATAÇÃO	Como se chama a banana verde frita amassada de forma arredondada?
63. MICHELADA	Como se chama a bebida alcóolica feita com limão e servido no copo com borda de sal?
62. AREPA	Como se chama a torta feita de massa de milho branco com queijo dentro?
64. TAPIOCA	Qual o nome da goma feita de mandioca já seca e torrada no forno?
65. PERICO	Como é chamado a comida feita com ovos fritos misturados com verduras?
66. SALCHIPAPA	Como se chama a comida que é feita com batata e salsichas fritas?

67. REFRESCO	Como é o nome do suco de pouca espessura, geralmente feito sem leite?
68. CHICHAMORADA	Qual é o nome do suco feito de milho queimado de cor de vinho?

